

GRACIETE NOGUEIRA BATALHA

Licenciada em Filologia Clássica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

GLOSSÁRIO DO DIALECTO MACAENSE

Notas linguísticas, etnográficas e folclóricas



Instituto Cultural de Macau

1988

O conteúdo desta publicação, que se considera indispensável ao conhecimento da herança linguística e cultural dos portugueses naturais de Macau, é reprodução facsimilada do Glossário do Dialecto Macaense – Notas linguísticas, etnográficas e folclóricas, Separata da Revista Portuguesa de Filologia (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), vols. XV (1971), XVI (1974) e XVII (1977).

Coimbra, 1977, 338 pp. e 13 grav.

Com a devida autorização do Director da R.P.F., Prof. Doutor Manuel de Paiva Boléo, em vista de se encontrar esgotada a referida Separata.

Aditamentos e correcções, assim como mais larga documentação fotográfica, reuniram-se no volume da mesma Autora Suplemento ao Glossário do Dialecto Macaense – Novas notas linguísticas, etnográficas e folclóricas, em edição do Instituto Cultural de Macau.

Macau, 1988, 85 pp. e 37 grav.

EDIÇÃO — Instituto Cultural de Macau (1988)
CAPA — Mio Pang Fei
IMPRESSÃO — Compográfica

REEDIÇÃO FAC-SIMILADA DA OBRA COM O MESMO TÍTULO
EDITADA EM SEPARATA DA REVISTA PORTUGUESA
DE FILOGIA (FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA - INSTITUTO DE ESTUDOS ROMÂNICOS),
VOLS. XV (1971), XVI (1974) E XVII (1977), COIMBRA, 1977

GRACIETE NOGUEIRA BATALHA

Licenciada em Filologia Clássica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

GLOSSÁRIO DO DIALECTO MACAENSE

Notas linguísticas, etnográficas e folclóricas



Instituto Cultural de Macau
1988

OUTROS TRABALHOS LINGUÍSTICOS PUBLICADOS PELA AUTORA

Aspectos do vocabulário macaense, na revista *Mosaico* (Macau), vol. VII, Janeiro e Fevereiro, 1953, p. 195-199.

Aspectos da sintaxe macaense, *ibidem*, Novembro e Dezembro, 1953, p. 125-131.

Para uma interpretação do topónimo "Macau". Separata do *Boletim de Filologia* (Lisboa), t. XVI, 1956-1957, [publicado em 1958], p. 353-363.

"*Língua de Macau*" — *o que foi e o que é*. Série de 11 artigos de divulgação publicados no jornal *Notícias de Macau*, de 25 de Maio a 24 de Agosto de 1958.

Língua de Macau. O que foi e o que é. Reedição actualizada da série de artigos de divulgação publicada com o mesmo título no jornal *Notícias de Macau* de 25 de Maio a 24 de Agosto de 1958. Macau (Centro de Informação e Turismo), 1974, 62 p. e 3 grav.

Estado actual do dialecto macaense, separ. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. IX, 1958. Coimbra, 1959, 37 p.

Coincidências com o dialecto de Macau em dialectos espanhóis das Ilhas Filipinas. Separ. das *Actas* do IX Congresso Internacional de Linguística Românica, Lisboa, 31 de Março—4 de Abril de 1959. Lisboa (Centro de Estudos Filológicos), 1961, p. 295-303 (= *Boletim de Filologia*, t. XIX, 1960).

A contribuição malaia para o dialecto macaense, em *Boletim do Instituto Luís de Camões* (Macau), vol. I, n.ºs 1 e 2. Dezembro de 1965 e Março de 1966, p. 7-19 e 99-108.

Aspectos do folclore de Macau, separ. do *Boletim do Instituto Luís de Camões* (Macau), vol. II, n.º 2, 1968, p. 5-12.

Recensões críticas às obras de:

R. W. THOMPSON — *Two synchronic cross-sections in the Portuguese dialect of Macao*, recensão na *R.P.F.*, vol. X, 1960, p. 302-309.

JORGE DE MORAIS BARBOSA — *A língua portuguesa de Macau*, recensão na *R.P.F.*, vol. XVI, 1972-1974, p. 412-417.

P R E F Á C I O

Este estudo pretendia ser, em princípio, o complemento de um artigo publicado há dez anos nesta mesma Revista (1), no qual tratámos da fonética, morfologia, sintaxe e formas de tratamento do falar actual, deixando para posterior altura o estudo, que já antevíamos demorado, do vocabulário macaense.

Pesquisávamos então o vocabulário do falar actual e a ele pensávamos limitar-nos, mas as pesquisas levavam-nos frequentemente a investigações no dialecto antigo, o crioulo pròpriamente dito, uma vez que certos termos exóticos de hoje são reminiscências duma linguagem corrente em Macau até há cerca de um século e hoje em vias de total desaparecimento.

Assim, das conversas com pessoas muito idosas e da leitura interessada de textos em dialecto — paródias de penas cultas, alguns, mas assim mesmo bastante reveladoras e escritas em geral com autêntica “verve” — nasceu o desejo de compreender, e esclarecer para outros leitores, o sentido de palavras e expressões estranhas, mesmo quando completamente caídas em desuso. A lista de vocábulos do falar actual foi assim engrossando com os do falar antigo; o estudo dos mesmos, tantas vezes de origem obscura, apesar de demorado pelos afazeres profissionais e pelas dificuldades inerentes ao meio, foi lentamente sendo feito e, para não nos arriscarmos a estabelecer divisórias, sempre passíveis de correcção,

(1) Cf. GRACIETE N. BATALHA, *Estado actual do dialecto macaense*, Sep. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. IX, 1958. Coimbra, 1959.

entre palavras em uso e em desuso, decidimos incluir num mesmo glossário as palavras de criação ou importação recente, as palavras antigas mas ainda hoje usuais, as que se ouvem apenas a determinada geração, a mais idosa, e finalmente as que nem mesmo os mais velhos já empregam, que por vezes inteiramente desconhecem, ou de que só se recordam, nem sempre com exactidão, por as terem ouvido a seus avós. Diante de cada palavra daremos uma indicação sumária respeitante à sua actualidade ou desuso.

Muitos dos vocábulos actuais que registamos são, como dissemos, termos de criação ou importação relativamente recente, digamos dos últimos 50 ou 70 anos. Trata-se, por um lado, de adopções de termos ingleses, como é o caso de cash e adape (ingl. hard up) devidos ao constante contacto com o inglês de Hong-Kong, e por outro lado de designações chinesas de certos objectos, frutas, hortaliças e outros artigos próprios da região, cujo nome português não existe ou é pouco conhecido. É certo que para alguns destes artigos ou objectos o crioulo adoptou um nome não chinês, muitas vezes de origem malaia, e esse nome deve ter corrido aqui por alguns séculos. Mas a reacção contra o patoá, “língua das velhas”, levou a abolir muitos desses vocábulos, considerados ridículos — e usados apenas quando a pessoa pretende jocosamente imitar a linguagem antiga — substituindo-os quer pelo termo metropolitano correspondente, quando conhecido, quer pelas importações mencionadas.

A recolha dos termos antigos foi feita, em primeiro lugar, na leitura de todos os textos em crioulo que nos foi possível consultar em Macau, mormente os publicados e anotados por um ilustre macaense, João Feliciano Marques Pereira, na revista Ta-Ssi-Yang-Kuo (Lisboa, 1889-1904) e os reunidos pelo Sr. Dr. Danilo Barreiros na revista Renascimento (Macau, 1943-1945), os quais, infelizmente, não chegaram a ser anotados pelo mesmo distinto compilador, como era sua intenção. Assim mesmo, a reprodução escrupulosa dos textos já foi grande serviço prestado ao estudo do dialecto e um grande auxílio para o nosso trabalho. Além disso, respigámos tudo o que nos pareceu de interesse, quer em textos recentes que parodiam o dialecto, textos que se publicam por vezes nos jornais locais, quer em conversas ocasionais com pessoas idosas e em informações avulsas de pessoas amigas

(sempre que possível confirmadas por outrem), quer finalmente em inquéritos sistemáticos feitos a duas senhoras macaenses, uma de perto de oitenta anos e outra de sessenta e cinco, para os quais nos orientámos, com as necessárias adaptações, pelo Inquérito linguístico organizado pelo Senhor Professor Doutor Manuel de Paiva Boléo (2.ª edição, policopiada, Coimbra, 1962).

Quanto aos termos actuais, todos os que achámos dignos de nota foram sendo recolhidos ao longo de mais de quinze anos de residência em Macau, procurando contactar com todas as camadas da população. Evidentemente, os inquéritos realizados serviram também à recolha de alguns desses termos.

* * *

No decorrer das investigações e a propósito de algumas palavras, surgiram-nos informações de carácter etnográfico e folclórico que não estavam propriamente no plano deste estudo, mas que nos dareceram curiosas e muitas vezes necessárias para a boa compreensão dum termo ou duma expressão. Assim, fomos levada a escavar um pouco mais este campo, procurando alargar ou confirmar informações ocasionalmente dadas e buscando outras em conversas com pessoas da terra, de preferência idosas, ou nos textos mencionados e ainda em velhos cadernos manuscritos onde senhoras macaenses compilaram, para uso caseiro, receitas de mezinhas, de práticas supersticiosas, de culinária macaense e até de culinária chinesa, com a tradução dos ingredientes em português. Aí se encontram, por exemplo, as indicações dos pesos em termos hoje completamente desusados, como condorins, mazes, chupas e sapecas. Esses cadernos, que abrangem um período de 1883 a cerca de 1920, foram-nos gentilmente facultados pela Sr.ª D. Maria de Lurdes Pacheco Borges, que para isso os pediu a senhoras idosas de sua família. A estas e à nossa Amiga, os nossos agradecimentos.

Recolhido o material — que certamente está longe do esgotamento, mas de que novas achegas poderão ser dadas em apêndice — buscámos, e creio que esgotámos, todos os meios ao nosso alcance para o estudo do mesmo. As notas de Marques Pereira foram verificadas uma por uma com vista a possíveis correcções e algumas sofreram, pois que Marques Pereira não vivia em Macau desde

a infância e foi frequentemente informado por cartas de pessoas sem preparação adequada.

A Biblioteca Nacional do Leal Senado foi vasculhada em busca de tudo o que pudesse servir ao mesmo estudo, mas a sua pobreza no campo linguístico obrigou-nos a não poucas viagens à vizinha cidade de Hong-Kong a fim de consultar, na biblioteca da sua Universidade, obras aqui inexistentes e de difícil aquisição, especialmente o Glossário luso-asiático de Sebastião Rodolfo Dalgado, que só muito recentemente conseguimos adquirir, e o de Yule e Burnell (Hobson-Jobson), ambos já grandemente necessitados de revisão, mas ainda assim de consulta indispensável.

Devemos testemunhar o nosso reconhecimento ao Centro de Estudos Políticos e Sociais da Junta de Investigações do Ultramar, do Ministério do Ultramar, que tornou possível a realização deste trabalho, pois que, para as despesas inerentes às referidas deslocações a Hong-Kong e outras inevitáveis em trabalhos desta natureza, se dignou conceder-nos um subsídio.

Ao ilustre linguista Prof. Edgar C. Knowlton J.^{or}, da Universidade de Havai, nosso Amigo e grande apaixonado de Macau, conhecedor do malaio e professor durante dois anos na Universidade de Kuala-Lumpur, desejamos agradecer o seu sempre pronto e valioso auxílio na investigação de alguns termos de origem malaia, suposta ou determinada. Muito úteis conselhos devemos também ao distinto historiador e amigo Rev.^{do} Padre Manuel Teixeira, que durante anos se dedicou ao estudo do malaio. Igualmente, no que respeita à língua chinesa, necessitámos do amável concurso de peritos, nomeadamente os Srs. António Ferreira Batalha, nosso estimado Sogro, e José Joas Lopes, nosso prezado Amigo. A todos expressamos os nossos agradecimentos, sem esquecer as numerosas pessoas de Macau que tão gentilmente se prestaram a responder às nossas constantes perguntas ou inquéritos por vezes demorados, com infinita paciência e verdadeiro desejo de bem informar.

Finalmente, mas de modo muito especial, a nossa gratidão mais veemente ao nosso antigo Professor, Senhor Doutor Manuel de Paiva Boléo, sem cuja orientação e estímulo, ao longo de tantos anos, este estudo não teria sido levado a cabo.

Macau, Setembro de 1967.

INTRODUÇÃO

Pela sua própria natureza e pela do público a que especialmente se destina — os estudantes de Linguística Portuguesa das nossas Universidades — este glossário terá de ser apenas uma lista de palavras dispostas e estudadas por ordem alfabética. Gostaríamos de as ordenar lógicamente em torno de pontos de interesse, como alimentação, habitação, vestuário, etc., mas isso dificultaria a consulta, complicaria a adição de novos termos que porventura venhamos a recolher, e não daria de qualquer modo uma ideia global do vocabulário referente a esses pontos de interesse, visto tratarmos aqui sòmente os termos ou formas que não ocorrem no português normal — e esses serem relativamente poucos.

É este um facto que desejamos salientar, revelador como é da psicologia deste pequeno povo, durante séculos bastante isolado da mãe pátria. Apesar disso e de tão cercado pela influência absorvente da China e de tão desconhecido no seu próprio país de origem (que nem suspeita o como está sempre aqui presente), tem-se conservado obstinadamente português nos costumes, na educação, na mentalidade e, conseqüentemente, na língua. O que não quer dizer que se tenha mantido completamente impermeável à influência chinesa, o que seria pouco natural e até indício dum isolamento, que não existe, em relação ao imenso povo que dentro e fora da cidade nos circunda.

Esse isolamento, contudo, deve ter existido no princípio. Além de ser a península de Macau escassamente habitada à data do nosso estabelecimento, sabe-se que no pequeno pedaço de terra que nos foi concedido pela China, pedaço ainda menor do que é hoje, pois o seu limite não chegava ao Istmo, não era permitida a residência aos chineses. Os que aqui entravam durante o dia, como comerciantes ou trabalhadores, tinham de retirar-se ao pôr do sol para lá da muralha divisória. Se esta disposição partia das nossas autoridades ou das autoridades chinesas, não conseguimos apurar com precisão; mas inclinamo-nos a que não fosse das nossas, pois não estão na nossa

índole estas reservas. Fosse como fosse, é evidente, pelo estudo do dialecto, que o mesmo não deve a sua forma aos indígenas chineses. A contribuição que recebeu do chinês, sobretudo no vocabulário e na estrutura sintáctica, é muito mais recente do que poderia supor-se e provém duma curiosa inversão de processos: não deriva do modo como os chineses aprenderam a falar o português, mas sim do facto de os portugueses de Macau, a par com a nossa própria língua, falarem também habitualmente o chinês.

Ao estabelecerem-se em Macau, já os nossos homens tinham largos anos de labuta pelas costas dos países orientais, e mais dum século pelas costas da África. O português que deixaram por essas terras, incluindo Malaca, já tinha ultrapassado a fase de “língua franca”. E os indígenas de várias origens que aqui se fixaram, trazidos pelos portugueses (1), já falavam com estes e mesmo entre si — o português teria de ser certamente, entre gente tão diversa, o meio de comunicação — uma linguagem de certo modo amadurecida, ampliada por contingentes vocabulares vários e tendo atingido já um certo estado de fixação fonética, morfológica e sintáctica que aqui veio a manter-se por trezentos anos, até começar no século passado a desarticular-se. Referências ao *falar portuguesado* (à maneira metropolitana) e *inglesado* são frequentes em textos dos fins do século passado e princípios deste, havendo também num deles uma alusão velada à influência do chinês, ou ao hábito de falar chinês, que devia por essa altura estar a expandir-se:

Estung-a linguazi [o crioulo] si Sium nom pode intendê, eu logo falá môdo di agora, mêo portuguesado, mêo ingresado [inglesado]; ô intão pode falá môde de Vochom [chinês] qui fazê avano, si Sium querê». — Carta de Ung-a Nhonha (1901), in Ta-Ssi-Yang-Kuo, III, p. 781.

(1) Em 1563, segundo Montalto de Jesus, havia aqui novecentos portugueses, não contando as crianças, e «alguns milhares de malaios, indianos e africanos, a maior parte escravos domésticos» — in *Historic Macao*. Macau, 1926, p. 51.

Isto mostra que já nessa data se reconhecia a existência de influências várias a provocar o repúdio do crioulo, que tinha sido durante tanto tempo a linguagem corrente, quer das camadas populares quer das socialmente elevadas (1). Pela ironia do texto se depreende que esse repúdio era considerado pedantismo, como aliás ainda hoje se considera, em certos meios da terra, a preocupação de imitar a pronúncia metropolitana.

Falámos numa certa riqueza vocabular que já devia trazer o português ultramarino que se estabeleceu em Macau. É claro que a base dessa riqueza vocabular foi sempre o português metropolitano, o português da época, que ao tempo já ganhara raízes na África, na Índia e mesmo em Malaca, donde passou a Macau. É assim que muitos vocábulos e formas gramaticais do dialecto macaísta não são mais que sobrevivências do velho português de quinhentos e até do português medieval. Não esqueçamos que não eram os doutores da Renascença quem formava o grosso dos nossos colonizadores, mas os rudes homens do povo cuja linguagem, como em todos os tempos, conservava muitos ressaibos de arcaísmo.

Alguns desses termos arcaicos ainda hoje se ouvem a pessoas idosas, como *azinha*, *ade*, *bredos*, *pateca*, vocábulos que a juventude macaense já não conhece, e também certas formas verbais como *sam* ou *sã*, usada no português arcaico por *sou* e empregada em Macau para qualquer pessoa gramatical, como na expressão antiga *nunca sam* (não é).

Quanto aos vocábulos exóticos, naturalmente que uma parte seria de origem indiana, como *alua* ou *alúa* (um doce), *jambo* e *jambolão* (frutos), *baniane* (camisola ou casaco de homem, de trazer por casa), *chale* (edifício estreito e comprido habitado por certos artífices; beco, ruela), *daia* (parteira) e outros, alguns ainda usados em Macau.

Por esse motivo e por causa duma estrutura gramatical em certos pontos semelhante, poderia supor-se o crioulo macaísta uma simples extensão do indo-português. Todavia já Rodolfo

(1) Conhecemos aqui descendentes de famílias distintas de Macau, que se recordam de ouvir o crioulo falado por seus pais e avós, pelo menos como linguagem familiar.

Dalgado distinguiu os dois dialectos: «O crioulo macaísta, *posto que não pertença ao grupo dos indo-portugueses*, tem muitos traços comuns, assim na gramática como no vocabulário; e isto por três razões: a identidade donde procedem, pois todos representam o português popular, especialmente do Sul, dos séculos XVI e XVII; as leis gerais que presidem à formação e regulam a evolução de semelhantes dialectos; e a mútua influência, sobretudo léxica, pelas relações, outrora tão frequentes, entre a Índia e o Extremo Oriente» (1).

O crioulo de Macau não pertence, de facto, ao grupo indo-português. Com o crioulo de Malaca, o *papiá cristão* ainda hoje falado como língua materna por um punhado de “malaqueiros” descendentes de portugueses, o de Macau parece-nos formar um grupo à parte no qual se poderá incluir, cremos, o português de Timor, mas sobre este não possuímos informação suficiente.

Nos textos em macaísta do século XIX — os mais antigos que se escreveram ou que se conservam — e na linguagem das pessoas idosas, são muito mais frequentes os termos de origem malaia do que indiana. *Bagi, balechão, boncô, cançom, cate, catupá, chupa, condorim, copo-copo, cudum, curum, cutão, dachim, daiom, dodol, gossô, jangom, lacassá, lapes, lichim, onde-onde, sambal*, são alguns dos vocábulos que supomos de origem malaia, em número aproximadamente de cem, e que incluiremos neste glossário (2).

Não apenas, contudo, pelo vocabulário, mas pela estrutura gramatical e pela pronúncia, estão os dois dialectos mais estreitamente ligados entre si do que com os indo-portugueses. O plural por reduplicação, por exemplo, comum ao malaquês e ao macaísta (plural actualmente aqui em desuso mas ainda há cerca de dez anos ouvido a pessoas velhas, hoje falecidas, como em *quiança-quiança*, ‘as crianças’, *tchina-tchina*, ‘os chinas’), não existe nos indo-portugueses; e por outro lado a queda da

(1) O *Indo-português de Damão*, in *Ta-Ssi-Yang-Kuo*, vol. III, p. 360 (o sublinhado é nosso).

(2) Cf. GRACIETE N. BATALHA, *A contribuição malaia para o dialecto macaense*, in *Boletim do Instituto Luís de Camões*, n.ºs 1 e 2, Macau, 1966.

vogal final como em *minh' filh'*, tão característica destes, não se verifica nos dois primeiros.

Esta semelhança dos dois dialectos não é de estranhar, dada a proximidade geográfica e as relações constantes que mantiveram as duas cidades enquanto Malaca foi nossa. O que é curioso é que a influência de Malaca se tivesse antecipado e sobreposto à da China, muito mais próxima, mas que, no entanto, só nos últimos cem anos levou a melhor. É que, se em grande parte das famílias macaenses de hoje a mãe é chinesa, não o foi, contra o que poderia supor-se, nas primeiras famílias aqui constituídas. O testemunho da língua é categórico e confirma-o o que acima dissemos sobre as primitivas relações com o povo chinês. Mesmo depois de aberta ou removida a muralha divisória, e estabelecida a confiança entre os dois povos, muito tempo deverá ter-se passado antes que uma mulher chinesa consentisse em ligar-se a um “diabo estrangeiro”. Mesmo no século XVIII, ainda o minucioso relator do *Ou-Mun-Kei-Lèok* (1) ou *Monografia de Macau* se não referia à existência de mulheres chinesas entre os portugueses: «Quanto às mulheres [de Macau] há-as também de duas espécies, brancas e negras, distinguindo-se em senhoras e escravas». Não fala o A. também em mulheres malaias, é verdade, mas é evidente que nessa época já o sangue malaio há muito se confundira com o português.

O certo é que grande parte dos vocábulos malaios do velho macaísta denunciam indubitavelmente a mulher e indicam que deviam ter sido malaias ou malaio-portuguesas as companheiras e esposas de muitos dos mais antigos “moradores” de Macau. São artigos de alimentação como o *arroz pulu*, o *cancom*, o *jangom*; utensílios de cozinha como o *buião*, o *gargu*, o *chilicate*, o *daiom*; peças do antigo vestuário feminino como a *saraça*, o *sarom*, o *bajú*; nomes de pratos e doces da rica culinária macaense, como a *sopa de lacassá*, a *chàcha*, a *chinha* (recheio) de pastéis, o *bagi*; e até superstições normalmente transmitidas por mulheres, como poderá ter sido a da misteriosa doença *savan*, provocada por “mau ar”...

(1) Ou, em mandarim, *Ao-men-Chi-Lüeh*, trad. do Sr. Luís Gomes. Macau, 1950, p. 170.

Quanto à contribuição africana, se não deixou vestígios que perdurassem nem no aspecto físico nem nos costumes dos macaenses, é ela certamente que poderá explicar algumas das semelhanças entre o velho crioulo macaísta e os dialectos afro-portugueses, sobretudo os de Cabo Verde. É o caso de coincidências folclóricas como adivinhas e provérbios semelhantes, e de particularidades fonéticas e sintácticas de Cabo Verde que se encontram com frequência no macaísta, como:

- a redução do ditongo *ou* a *u* e de *ei* a *i*, cf. [kûzǎ], ‘cousa’, [ũbî] ‘ouvir’, mac. [kúza], [uví]; [kǎdiǎ], ‘candeia’, mac. [kǎdía] (1);
- a redução do ditongo nasal *em* [ǣ̃] a vogal nasal fechada, cf. [bễ], ‘bem’ (2);
- a redução do ditongo crescente *ua* a *u* na palavra [ágũ], ‘água’ (3); mac. também [tǎbu], ‘tábua’;
- a abertura de certas vogais como em [bǎxézǎ], ‘baixeza’, [kǎbésǎ], ‘cabeça’ (4);
- a alternância e confusão do *r* vibrante simples com o *r* vibrante múltiplo como em [térǎ], ‘terra’, [kq̃ré], ‘correr’, e [ǎřaňǎ], ‘aranha’ (5);
- construções sintácticas como [î mēdũ] (6), mac. [ẹ̃u mēđũ], eu medo, ‘tenho medo’; o emprego do verbo *cair* em frases como [põntě tâ tâ kêĩ tábũǎ] (7), no mac. ainda actualmente *eu caí lápis, árvore cai flor*.

Com o correr do tempo, outras influências se foram fazendo sentir na “língua de Macau”. À variedade lexical do

(1) Cf. BALTASAR LOPES DA SILVA, *O dialecto crioulo de Cabo Verde*, Lisboa, 1957, pp. 113 e 73. Nas transcrições desta obra mantenho os símbolos fonéticos usados pelo A.

(2) Idem, *ib.*, p. 75.

(3) Id., *ib.*, p. 200.

(4) Id., *ib.*, p. 70.

(5) Id., *ib.*, p. 104. Cf. GRACIETE N. BATALHA, *Estado actual do dialecto macaense*, cap. Fonética (consonantismo).

(6) Id., *ib.*, p. 189.

(7) Id., *ib.*, p. 185

macaísta foi-se juntando um ou outro termo de diferentes origens europeias, sobretudo do inglês, após a ocupação inglesa de Hong-Kong. Muitos, de introdução antiga, persistem até hoje apor-tuguesados em formas curiosas como *dangeroso* (perigoso, de *dangerous*), *espitune* (escarrador, de *spittoon*), *fluquice* (acaso feliz, de *fluke*), etc.; outros têm sido introduzidos modernamente na própria forma inglesa mais ou menos pura.

Um termo francês corrente na linguagem da terra é a designação dessa mesma linguagem, a que as pessoas mais idosas chamam *língua macaísta* [mākísta], ou *língua de Macau*, mas que é normalmente designada por *patoá* [pātuá], do francês *patois*.

A influência chinesa, como dissemos, é relativamente recente mas considerável e, como aconteceu com o malaio, é a mulher — mãe de família ou serviçal doméstica — o veículo principal dessa influência. Conhecendo pouco ou nada da nossa língua e falando, portanto, chinês com a família, sobretudo com as crianças, introduz termos que passam infalivelmente à linguagem corrente, tanto mais que são mais fáceis e rápidos de pronunciar do que o termo português correspondente. Até mesmo quem não é de cá mas tem contacto com criadas chinesas, se surpreende frequentemente, adoptando a lei do menor esforço, a dizer *kâm* em vez de tangerina, *ié ch'ói* por couve branca, *pó ch'ói* por espinafres e assim por diante. Destes e doutros termos, os mais correntes, daremos notícia neste glossário.

Uma faceta interessante a estudar no vocabulário macaense é o que ele revela quanto às actividades deste povo, muito particular neste aspecto. Notar-se-á uma ausência quase total de termos próprios da agricultura, ou mesmo horticultura (visto não haver campos de lavoura, mas apenas hortas), da pesca como profissão, de indústrias de qualquer espécie, enfim de trabalho por qualquer modo braçal, trabalho esse relegado aos chineses. O macaense é funcionário público ou pequeno comerciante, polícia ou bombeiro, ou licenciado em profissões liberais se teve possibilidade de se deslocar à metrópole para estudar. Assim, o seu vocabulário profissional é de influência culta, não oferecendo interesse

ao estudo que fazemos. Em contrapartida, há um assunto que só por si daria um opúsculo — o vocabulário respeitante à culinária, tema em que todo o macaense é versado, quanto mais não seja em nomear e apreciar os succulentos pratos que ao longo de séculos as donas de casa têm apurado duma sábia combinação de receitas portuguesas, chinesas, malaias, indianas, etc. Neste capítulo, os termos mais antigos e mais populares correm na boca das pessoas mais cultas. Ainda recentemente um eminente advogado da terra nos dizia, durante um jantar: «Caranguejo, só gosto *chau-chau parida*». Isto é, cozinhado por processo semelhante ao duma galinha fortificante, com açafrão e gengibre, que se costuma dar às parturientes e que se chama *galinha chau-chau parida*.

Outro assunto em que abundam os termos característicos é o das *mezinhas* ou remédios caseiros, muitas vezes duma medicina supersticiosa. Durante séculos, poucos ou nenhuns médicos licenciados haveria em Macau, e o povo tinha de recorrer à sabedoria de comadres, curandeiros e hervanários, para alívio dos seus males. Ainda hoje, que a medicina ocidental é aqui largamente praticada por médicos cursados, não falta quem vá de preferência ao “mestre-china”, pelo menos para certos achaques como entorses, dores várias, diarreias, e há até quem faça ainda velhas defumações e rezas para curar misteriosos definhamentos devido a susto, mau olhado ou vento sujo...

Os nomes próprios e apelidos dos macaenses são fundamentalmente os mesmos que em Portugal, embora alguns apelidos de feição estrangeira como *Ritchie, Guterres* ou *Gutierrez, Meyer, Hyndman, Gracias*, etc., atestem a fixação em Macau de elementos de diferentes origens europeias. Os apelidos chineses são raros, pois os chineses baptizados na religião católica e naturalizados portugueses adoptam geralmente um nome completo em português. Assim costumavam fazer as raparigas chinesas que se casavam com portugueses, as quais são sempre previamente baptizadas, a menos que façam apenas um casamento civil, o que é raro. Mas recentemente vem-se verificando o uso de conservar a esposa chinesa o seu apelido chinês antes do do marido, transmitindo-se aquele aos filhos. Temos assim actualmente, com certa frequên-

cia, jovens de nomes como Joana Lai Gonçalves, João Leong Pereira ou semelhantes.

Terra pequena, onde todos se conhecem, os hipocorísticos, ditos “nomes de casa”, e as alcunhas, são frequentes. Nomes carinhosos como *Josico* (José), *Chico* [čiko], *Nano* (Fernando ou Aureliano), *Nené* [nɛnɛ], *Bebé* [bɛbɛ], *Chai-chai* [čáj], *Anita*, *Beba* [bɛba] (Genoveva) e muitos inglesados como *Biching* [bíçɪŋ] (Armando), *Darling*, *Mily* (Emília), *Ricky* (Henrique), *Toning* (António), *Netty* (Natércia), *Betty* (Beatriz), etc., ficam por toda a vida e são usados por toda a família, amigos e conhecidos da pessoa em questão (1).

Algumas alcunhas: Padre *Tá-vai-já* (já vai, já vou); *Afet* [afɛt] Pereira (Pereira gordo); António *Gordo*; *Olimpopot* [olĩpopót] (Olimpio Popot) (2); Chico *Iong Kô* (Parvo); Maria *Toc-toc* (tarada, apatetada); Almeida *Maneta* (sendo as filhas as *Manetinhas*): F. *Quinze por Cento* (alusão aos subornos recebidos por determinado funcionário público), etc., etc.

Uns e outras atestam uma afectividade que se manifesta ora num tratamento íntimo e afectuoso, ora numa veia satírica que umas vezes é simplesmente risonha, outras contundente e mordaz.

Para terminar, uma observação que deveria talvez ter sido feita de início.

Falando de linguagem, culinária, mezinhas, costumes macaenses, cremos ser necessário repetir aqui, mais uma vez,

(1) Acrescentaremos uma lista dos hipocorísticos mais frequentes nos textos em crioulo:

<i>Achinha</i> — ?	<i>Chinho</i> — ?
<i>Angelito</i> — Ângelo	<i>Kakita</i> — ?
<i>Bica</i> — ?	<i>Janjan</i> — João
<i>Bêbe</i> — ?	<i>Joanarinho</i> — Januário
<i>Chana</i> — Alexandra?	<i>Marequinha</i> — Mariquinhas, Maria
<i>Chanoco</i> — ?	<i>Métrio</i> — Demétrio
<i>Chencha</i> — Florência	<i>Pancha</i> — Inácia
<i>Chencho</i> — Lourenço, Florêncio	<i>Titipa</i> — ?
<i>Chente</i> — Vicente	<i>Tone</i> — António

(2) Indivíduo com uma deformação numa das faces, muito volumosa, e que fala como quem tem a boca cheia.

a distinção que temos feito noutros trabalhos, e que fora de Macau nem sempre se compreende, entre macaenses e chineses e entre as respectivas culturas. Macaense ou “filho de Macau”, ou “filho da terra” (1), é o natural de Macau descendente de portugueses, com cruzamento ou não de sangue chinês, mas nunca, no seu meio ou entre os chineses, tido por chinês. Macaense é ainda o chinês de sangue, nascido em Macau, que tenha adoptado a nacionalidade portuguesa, use um nome português, tenha frequentado as escolas portuguesas e portanto fale e escreva português. O chinês residente em Macau, mesmo nascido na terra e tendo adoptado a nossa nacionalidade, caso não tenha recebido educação portuguesa não é considerado, nem se considera de facto, macaense.

As civilizações portuguesa e chinesa, influenciando-se mutuamente sem jamais se confundirem, criaram um produto com elementos de ambas e de ambas distinto — a cultura macaense.

(1) Esta designação é antiga. Já no séc. XVIII Fr. José de Jesus Maria a emprega para distinguir entre macaenses e “reinóis”: «...que os Portugueses e os filhos da terra assim o querem...» — *Azia Sinica e Japónica*, ed. de C. R. Boxer, 1950, vol. II, p. 238.

a) TERMOS REGISTRADOS

Como regra geral, apenas trataremos desenvolvidamente os termos não registados nos nossos dicionários, mormente no *Grande dicionário da língua portuguesa* de Morais e Silva, 10.^a ed., e no *Glossário luso-asiático* de Monsenhor Rodolfo Dalgado. Palavras nestas condições *vão precedidas de um asterisco*.

Certos termos próprios desta região, como *aitau* ou *aitão*, *suntó* e outros, usados pelos escritores orientalistas dos séculos XVI e XVII e nos documentos oficiais dessas épocas, como romanizações mais ou menos fiéis do chinês, não são incluídos no presente glossário. Supomos que nunca foram correntes na linguagem vulgar e verificámos serem hoje completamente desusados e até desconhecidos, a não ser por pessoas com alguma educação histórica ou literária.

Dos vocábulos já registados nos citados dicionários, sòmente nos referiremos àqueles cujo emprego local dê ocasião a algum comentário fonético, morfológico ou etnográfico, sem nos determos em etimologias, a menos que possamos chegar qualquer sugestão de interesse.

Deve entender-se, repetimos, que o grosso do vocabulário macaense é o do português, moderno e arcaico, e que os verdadeiros exotismos contidos neste glossário não chegarão talvez ao número de quatrocentos. Todavia, quem deseje fazer uma ideia global do vocabulário actual da terra, poderá consultar o *Inquérito linguístico* por nós realizado em 1965 e enviado ao Instituto de Estudos Românicos da Faculdade de Letras de Coimbra, inquérito de que já fizemos menção no Prefácio deste trabalho.

b) TRANSCRIÇÃO FONÉTICA

Os símbolos que empregámos são os do alfabeto fonético das aulas de Linguística Portuguesa da Faculdade de Letras

de Coimbra e empregados na *Revista Portuguesa de Filologia*. No entanto, o modo como usámos alguns símbolos requer explicação:

1) [a], [e], [o] são usados para representar sons que não têm um timbre definido, mas que se apresentam tão oscilantes, até na fala duma mesma pessoa, que é impossível fixar-lhes numa rubrica um símbolo exacto. A palavra *botica*, por ex., soa ora com o *o* quase fechado, ora ligeiramente aberto, ora quase mudo. Estes símbolos, portanto, [a], [e], [o], sem qualquer sinal adicional, representam vogais de timbre impreciso e muito variável entre o *não* completamente aberto, o *não* completamente fechado e o *não* completamente reduzido (1) (as vogais reduzidas são, aliás, raras na linguagem popular da terra; denunciam uma pronúncia mais educada).

2) [ŋ] Este símbolo foi usado para indicar uma terminação nasal muito característica, semelhante ao *-ng* do inglês (v.g. *going*), mas que aqui se desenvolveu por influência talvez do malaio e também do chinês. Ocorre, por via de regra, na pronúncia de pessoas idosas, em palavras de origem malaia como *balichã* [bəlɨçãŋ] (balchão) ou chinesa como *amechom* [əm^əçõŋ] (q.v.), mas transmitiu-se, supomos, a palavras absolutamente portuguesas como pão [pãŋ]. Na escrita corrente, substituímos por uma vogal com sinal de nasalação (*til* ou *m*) a grafia tradicional desta pronúncia, que tem sido representada por *ng* como em *balichang*, o que poderia levar leitores portugueses a ler o *-g* que de facto mal se ouve. É o que acontece com palavras chinesas como Hong-Kong que em Portugal se pronuncia [õgə kõgə] enquanto aqui soa [hõŋ kõŋ].

3) [r̥] Este símbolo não corresponde exactamente à pronúncia por ele indicada no português da Metrópole. Usámo-lo para representar um *r* muito semelhante ao do *r* inicial ou medial inglês, como em *Mary*. Ouvimo-lo frequentemente, sem que

(1) Creio serem estes sons semelhantes aos valores médios de abertura do *e* e do *o* que ocorrem no crioulo de Cabo Verde. Cf. BALTASAR LOPES DA SILVA, *O dialecto crioulo de Cabo Verde*, p. 44.

possamos explicar a sua origem, a pessoas idosas em palavras como *altura* [ãltúra], e esporadicamente a pessoas de qualquer idade, como na frase *andorinha rói, rói, rói...* [rõj] que se diz às crianças muito pequenas, ensinando-as a tocar com o indicador da mão direita na palma da mão esquerda (v. *andorinho, -a*).

4) Ao darmos a rubrica de vocábulos com mais de uma pronúncia, o que é tão frequente nas linguagens de transição como é a de Macau actualmente, damos a forma mais moderna ou a forma culta. Na transcrição fonética dos mesmos seguimos a seguinte ordem: a pronúncia mais antiga (documentada ou reconstituída), seguidamente a forma intermédia, se a houve, por fim a mais recente. Cf. *aluar* [ãlua], [ãluã], [ãluár]. Note-se que em muitos casos, como no exemplo dado, as três formas são ainda coexistentes.

c) PALAVRAS DE ORIGEM CHINESA

Verificar-se-á pela consulta deste glossário que o número das palavras chinesas assimiladas pelo crioulo antigo é relativamente pequeno em relação ao das usadas actualmente. É certo que muitas vezes não existe ou não é vulgar o termo português correspondente, mas é sintomático que, mesmo que este exista, certos vocábulos chineses ocorram mais espontâneamente, sobretudo na linguagem das pessoas jovens e mesmo de meia idade. Como acima dissemos, o crioulo adoptou certos termos não chineses ainda hoje conhecidos, mas que a geração actual já não usa. Uma velhinha de Macau dirá *cancom* [kãkõŋ] para designar uma certa couve chinesa desconhecida em Portugal, mas esse nome provocará o riso de qualquer jovem, que por seu lado usará muito naturalmente, referindo-se à mesma couve, o termo chinês *ong ch'ói* [õŋ čõj]. Deve notar-se, no entanto, que a pronúncia macaense dos termos chineses é uma pronúncia popular, nem sempre fiel na reprodução dos tons, do chinês cantonense. Como já dissemos algures (1),

(1) Cf. GRACIETE N. BATALHA, *O português falado pelos chineses de Macau*. Comunicação enviada ao VI Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (Boston, 1966), p. 2 do original dactilografado (inédito).

raro é o “filho de Macau” que estuda a língua chinesa, e o que dela sabe é aprendido na rua ou com familiares de pouca instrução, estando a sua pronúncia, em geral, muito longe da do cantonense culto. Sendo assim, ao tratarmos dos termos chineses, daremos a romanização oficial seguida da transcrição fonética da pronúncia ouvida aos nossos informadores, e finalmente os caracteres chineses respectivos, a fim de que os linguistas conhecedores do chinês possam identificar a palavra em questão. Quer na romanização quer na transcrição fonética, não indicaremos o acento de altura, o que seria inútil para quem não conheça a língua chinesa e desnecessário para quem leia os seus caracteres.

d) PALAVRAS DE ORIGEM MALAIA

Os étimos malaios que propomos serão dados na romanização seguida em R. J. Wilkinson, *An abridged Malay-English Dictionary (Romanised)*, 8th ed., London, 1961, o único que nos foi possível consultar.

Chamamos a atenção para o modo de distinguir *e breve* de *e longo* neste dicionário. Marca-se apenas com acento agudo o *e longo* e só quando possa haver confusão entre duas palavras, v.g.: *bela* e *béla* (= *bēla*).

ABREVIATURAS E CONVENÇÕES

act. = actual — vocábulo em uso corrente no falar actual.

ant. = antigo — vocábulo usado sòmente por pessoas idosas (70-80 anos).

des. = desusado — vocábulo completamente em desuso e só recordado por pessoas idosas, quando não totalmente desconhecido.

ch. = chinês

mal. = malaio

inf. 50, inf.^a. 60 = informador de 50 anos, informadora de 60 anos, etc. (1)

q. v. = queira ver

* — um asterisco precede os termos não registados no *Glossário luso-asiático*, no *Grande dicionário da língua portuguesa*, abaixo mencionado, e de modo geral nos dicionários portugueses.

Dalgado, *Gloss I* ou *II* = S. R. Dalgado, *Glossário luso-asiático*, vols. I e II, Coimbra, 1919

Dic. Morais = *Grande dicionário da língua portuguesa*, 10.^a ed. (V. Obras consultadas)

Hobson-Jobson = Yule and Burnell, *Hobson-Jobson, being a glossary...* (V. Obras consultadas)

Renasc. = *Revista Renascimento*. Macau, 1943-1945

T.S.Y.K = *Revista Ta-Ssi-Yang-Kuo*, vols. I-IV, Lisboa, 1889-1904

Wilkinson = *An abridged Malay-English Dictionary (Romanised)...* (V. Obras consultadas)

(1) Indicamos normalmente a idade, exacta ou aproximada, da pessoa a quem ouvimos determinada informação, nem sempre dada expressamente, mas por vezes ouvida em conversa ocasional. A data dos textos que servem de abonação, porém, só a damos no caso de o texto ser datado, o que nem sempre acontece, acrescentando que alguns já eram considerados “antigos” à data da primeira publicação.

OBRAS CONSULTADAS (*)

- Asia Sinica e Japonica* — Obra póstuma do Rev. Fr. José de Jesus Maria, Arrabino, Missionário nos Estados da Índia, publicada por J. F. Marques Pereira em *Ta-Ssi-Yang-Kuo*, vol. I, 1889?, pp. 203 segs.
- AMARO, Ana Maria — *Catálogo provisório das espécies mais comuns da flora de Macau*. Separ. do *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*. Macau, 1961-1962.
- BATALHA, Graciete Nogueira — *Estado actual do dialecto macaense*. Separ. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. IX, 1958. Coimbra, 1959.
- — *Para uma interpretação do topónimo Macau*. Separ. do *Boletim de Filologia*, tomo XVI, 1956-57. Lisboa, 1958.
- — Recensão crítica a: R. W. THOMPSON, *Two synchronic cross-sections in the Portuguese dialect of Macao*. Separ. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. X, 1960. Coimbra, 1961.
- BAWDEN, C. R. — *An eighteenth century Chinese source for the Portuguese dialect of Macao*, in *Silver Jubilee Volume of the Zinbun-Kagaku Kenkyusho*, Kyoto University. Kyoto, 1954, pp. 12-33.
- BRUNO, Emílio de San — *O caso da Rua do Volong*. Lisboa, 1928.
- BOXER, C. R. — *Macau na época da Restauração*. Macau, 1942.
- — *Fidalgos in the Far East (Bibliographical Note, pp. 283-288, em fotocópia, por gentileza do Dr. R. W. Thompson)*.
- CARMONA, Contra-Almirante A. L. Barbosa — *Lorchas, juncos e outros barcos usados no Sul da China*. Macau, 1954.
- CHAVES, Luís — *O papiá cristão de Malaca*, in *A Língua Portuguesa*, vol. III, 1932, pp. 209-216.
- COELHO, Adolfo — *Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América*, in *Boletim da Soc. de Geografia de Lisboa*, 1880.
- CRUZ, Fr. Gaspar da — *Tratado das cousas da China e de Ormuz*, Barcelos (Portucalense Editora), 1937.
- DALGADO, Mons. Sebastião Rodolfo — *Glossário luso-asiático*. Coimbra, 1919.
- — *Dialecto indo-português do Norte*, in *Revista Lusitana*, vol. IX, pp. 142 segs. (fotocópia, por gentileza do Dr. R. W. Thompson).
- — *Dialecto indo-português de Damão*, in *Ta-Ssi-Yang-Kuo*, vols. III e IV.
- DUYVENDAK, J.J.L. — Review of Boxer "*Fidalgos*" in the Far East, 1550-1770) in *T'oung Pao*, 39, Leiden, 1950.
- EGEROD, Søren — *Note on the origin of the name of Macao*, Separ. do *T'oung Pao*, vol. XLVII, 1-2, Leiden, 1959.

(*) Actualizámos a ortografia dos títulos das obras.

- GOMES, Luís Gonzaga — *Chinesices*. Colecção “Notícias de Macau”, vol. VII. Macau 1952.
- — *Ou Mun Kei Lèok (Monografia de Macau)*. Macau, 1950. — Trad. do chinês *Ao Men Chi Lüeh* ou *Ou Mun kei Lèok* por Yin Kuang Jen e Chang Iu Ling (1751?) (1).
- Grande dicionário da língua portuguesa* por A. de Morais Silva, 10.^a ed. (revista, corrigida, etc. por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado). Lisboa, 1949-1959.
- JESUS, Montalto de — *Historic Macao*, 2.^a ed.. Macau, 1926.
- LACERDA, D. José Maria de A. A. Corrêa — *Dicionário enciclopédico ou Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa, 1874.
- LOW, Harriet — *My mother's journal*. London, 1900.
- MILNER, J. L. Hart — *Gramática prática da língua portuguesa*. Macau, 1883.
- MORAIS SILVA — Ver *Grande dicionário*.
- NOGUEIRA, A. C. de Sá — *Catálogo descritivo de 380 espécies botânicas da Colónia de Macau*. Macau, 1933.
- PELLIOT, Paul — *Un ouvrage sur les premiers temps de Macao*, in *T'oung Pao*, 31. Leiden, 1935.
- PEREIRA, J. F. Marques — *A festa do bolo “Bate-pau” ou das lanternas*, in *Ta-Ssi-Yang-Kuo*, vol. III, pp. 392 segs.
- — *Plantas e frutos da China e de Macau*, *ibidem*, vol. III, pp. 153 segs.
- REGO, P.^e António da Silva — *Apontamentos para o estudo do dialecto português de Malaca*, in *Boletim Geral das Colónias*, ano XVII, Dezembro 1941, n.º 198.
- — *Dez dias em Malaca*, in *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Junho-Julho de 1932, pp. 785 segs.
- Renascimento* (revista). Macau, 1943-1945.
- SILVA, Gomes — *Noções de Higiene e Medicina prática para uso dos alunos do Seminário diocesano de Macau*, in *Ta-Ssi-Yang-Kuo*, vol. III.
- SILVA, Baltasar Lopes da Silva — *O dialecto crioulo de Cabo Verde*. Lisboa, 1957.
- Ta-Ssi-Yang-Kuo* (revista dirigida por J. F. Marques Pereira), vols. I-IV. Lisboa, 1889-1904.
- TEIXEIRA, P.^e Manuel — *A diocese portuguesa de Malaca*, in *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Julho-Outubro de 1956.
- — *Galeria de macaenses ilustres do século XIX*. Macau, 1942.
- THOMPSON, Robert Wallace — *Two synchronic cross-sections in the portuguese dialect of Macao*, in *Orbis* (Bulletin International de Documentation Linguistique), t. VIII, n.º 1, Louvain, 1959.
- — *O dialecto português de Hong Kong*. Separ. das *Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica*, t. II (= *Boletim de Filologia*, t. XIX, 1960).

(1) Sobre esta obra, v. Bawden e Thompson, *obs. cit.* e Boxer, “Fidalgos” in *the Far East*.

- VASCONCELOS, J. Leite de — *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Paris, 1901.
- VIANA, A. R. Gonçalves — *Apostilas aos dicionários portugueses*. Lisboa, 1906.
- VITERBO, Fr. J. de Santa Rosa de — *Elucidário das palavras, termos e frases, etc.*, 2.^a ed. Lisboa, 1865.
- WILKINSON, H. J. — *An abridged Malay-English dictionary (Romanised), revised and enlarged by A. E. Cope and Mohd. Ali Bin Mohamed*, London e New York, 1961.
- YULE and BURNELL — *Hobson-Jobson, being a glossary of Anglo-Indian colloquial words and phrases*. London, 1903.

GLOSSÁRIO DO DIALECTO MACAENSE

A

abacate [ãbəkati], subst. act.

Fruto da *Persea gratissima*, Gaernt. Segundo o *Dic. Moraes*, o termo designa a árvore e também o fruto. Em Macau, porém, *abacati* é apenas o fruto, sendo a árvore designada por *árvore de abacati*, aliás muito rara, existindo apenas em alguns jardins particulares. A polpa do fruto, temperada com sal, azeite, vinagre e umas gotas de *sós* (molho inglês), come-se a acompanhar certos pratos como se fosse um molho de “mayonnaise”, a cujo sabor se assemelha. Pode também comer-se em salada, de mistura com outros vegetais. As folhas, segundo as pessoas de idade, têm propriedades medicinais, servindo para fazer um chá diurético e anti-reumatismal. Segundo inf.^a 65, o abacate foi introduzido de Manila há cerca de 40 anos por uma sua parente, com o fim de obter folhas para o dito chá. De facto, uma das poucas árvores existentes em Macau encontra-se no jardim da casa paterna da referida informadora, ao Beco do Lilau.

abano [ãvano?], [ãvano], subst. ant.

Leque. C. R. Boxer, *Macau na época da Restauração* (glossário), regista: «Abano, Fan of the open type, as distinct from the folding fan or *leque*». Todavia pessoas idosas informam que todo o tipo de leque — «palavra moderna» — era chamado antigamente (isto é, no tempo de suas mães e avós e portanto em época mais recente que a referida por Boxer) *abano*, quer fosse de abrir e fechar, quer tivesse forma semelhante ao vulgar abano de cozinha, forma essa ainda hoje vulgar.

O abano propriamente dito, para a cozinha, não é usado em Macau. Qualquer pedaço de papel, dobrado *ad hoc*, serve para o efeito. Inf.^a 76 diz que na sua mocidade se avivava o lume soprando por um pedaço de bambu grosso e oco, chamado *bambu*

soprá fogo, hoje desusado. De resto, o uso de carvão e lenha nas cozinhas, ainda bastante vulgar quando chegámos a Macau, pode dizer-se hoje raro, estando muito generalizados o petróleo e o gás.

Já não se ouve a pronúncia *avano* também dada por Boxer, mas deve ter sido usada em Macau: «... ô intão pôde falá môde de Vochom qui fazê *avano*.» — *T.S.Y.K.*, III, p. 781. Cf. *avan'* em Dalgado, *Indo-Port. do Norte*, Vocabulário.

**abulô*, *ablô* [ãbulô], [ãblô], subst. ant.

Cesto de forma circular, com tampa semelhante à duma caixa e com uma asa de lado a lado. Muito usado ainda há poucos anos pelas *tancareiras* chinesas quando vinham a terra fazer compras ou visitas, e era também utilizado pelos macaenses para vários fins, como por exemplo para piqueniques: «— O quê, de que precisas? — Uma Maria Bicha para tomar conta no *abuloi*...» — Emílio San Bruno, *O caso da Rua do Volong*, p. 344. (Não é conhecida a forma *abuloi*, que suponho estar por *abulô*.) O *abulô* era importado de Cantão. Hoje, porém, parece estar em desuso na própria China, pois já não é exportado para Macau. As *tancareiras* usam agora, para o mesmo efeito, especialmente em dias de festa, caixas de madeira fina ou de laca, ornadas de pinturas coloridas, mas sensivelmente do mesmo formato. A estas caixas também as pessoas idosas chamam *abulô*.

Étimo — Ch. *Hâp ló* 盒籬, literalmente 'cestos reunidos', porque o *abulô* tinha dois ou mais *andares*, como se fossem cestos sobrepostos.

abusador [ãbzãdô], fem. *abusadeira* [ãbzãdêra], [ãbzãdêjra],
adj. ant. e act.

Indivíduo que não é respeitador, que fala com modos descorteses ou demasiado familiares a pessoas a quem deve respeitar. Nas pessoas interrogadas não encontrei a pronúncia [ãbzãdêra] ou [ãbuzãdêra], mas ocorre em *Paródia à Bastiana*, *T.S.Y.K.*, I, p. 241:

Branca sã inocente, Cathrina,
Morena capaz fingí,
Preta *abusadêra*, Cathrina,
Vingança sempre pidí.

abuta [abuta], subst. ant.

Planta da família das menispermáceas. A abuta era antigamente utilizada em Macau, juntamente com águila e pucho, na preparação da *mezinha três pau* (q.v.). Hoje só as pessoas idosas conhecem a planta, por se recordarem da *mezinha*. Não conheço aplicação actual da abuta entre os macaenses, embora seja ainda usada na farmacopeia chinesa.

achar [ačá?], [ašár], subst. ant. e act.

Conserva de vegetais, em vinagre e sal, de fabrico chinês local. Os achares, que correspondem aos *pickles* europeus, fazem-se de cebolinhas, pedaços de couve branca, gengibre, carambola, pera, ananás, coco, etc. Vendem-se nas *lojas de achares* ou *tendas de achares* (ambulantes). Os chineses não comem os achares como um acompanhamento, mas como aperitivo antes duma refeição, ou simplesmente como um petisco a qualquer hora do dia. Os macaenses apreciam-nos também como aperitivo antes duma refeição à chinesa e as crianças compram-nos, geralmente às escondidas das mães, nas tendas ambulantes, comendo-os na rua, com a ajuda dum palito.

Segundo a fonética do dialecto (1), a pronúncia antiga devia ser a primeira; contudo não a encontrei nem mesmo em pessoas muito idosas. Mas *Hobson-Jobson*, a propósito desta palavra, cita passos de vários autores em que ocorrem as grafias *atchaar* e *atchar*. Embora não sejam autores portugueses, confirmam uma pronúncia com a africada [č] que devia ser também a de Macau.

Étimo — Persa *achar*, provavelmente entrado no português através do malaio. Cf. Dalgado, *Gloss.* 1, idem *Dialecto indo-port. do Norte* (vocabulário), *Hobson-Jobson*, e Gonçalves Viana, *Apostilas*.

(1) Não conheço nenhum estudo completo sobre a fonética do crioulo macaísta, mas podem ler-se algumas notas de interesse em LEITE DE VASCONCELOS, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Sobre o macaísta actual de Hong-Kong, cuja fonética continua a antiga, vide R. W. THOMPSON, *O dialecto português de Hong Kong*, in *Boletim de Filologia*, tomo XIX, Lisboa, 1960.

achém, subst. ant.? des.

Dalgado, *Gloss.* I, s.v. *achêm* e ' *Dic.* Morais, s.v. *achém*, citam a palavra como sendo o mesmo que *dachém*. Não encontrei a forma em Macau, nem no dialecto nem na linguagem actual.
V. *dachim*.

* *acung-a*, *acúnga*, *a-cúnga*, *acun-ha* [akungá], pronome e adj. ant. e des.

Aquele, aquela: «*acungha* monstro dá três grito...» — *Ungha Sônho*, em *Renascimento*, III, n.º 1. A palavra aparece em textos antigos com as várias grafias acima indicadas, devido à real dificuldade em representar a sua pronúncia na escrita corrente. Actualmente em desuso, mas a pronúncia pode inferir-se de formas como *estung-a* [estungá] e *ung-a* [ungá] (q.v.) ainda ouvidas a pessoas muito idosas.

Étimo — Provavelmente contracção de *aquele* + *uma*.

* *adape* [adáp], adj. act.

Sem dinheiro, ou com pouco (t. de gíria). *Estou adape*, estou sem dinheiro (geralmente ao fim do mês, depois de se ter gasto todo o vencimento). Pessoas ilustradas usam também o termo, mas com a pronúncia [há : d áp].

Étimo — Ingl. *hard up*. A palavra deve ter entrado em Macau através do inglês de Hong-Kong.

ade [ádi], [ádə], subst. ant. e act.

Pato: «Eu lôgo matá dôs *ade*, / gente de gudão lôgo dá unga piru». — *Ajuste de casamento de Nhi Pancha cô Nhum Vicente*, em *T.S.Y.K* I, p. 57 segs. Também na quadra, ainda hoje conhecida, do antigo folclore macaense:

Ade pidí chúa (chuva)

Sapu pidí vento:

Nhonhonha bunita

Pidí casamento — *T.S.Y.K*, II, p. 703 (1).

(1) Cf. no *papiá cristão* de Malaca: «Andá nona sa porta / Oubí tá matá *adi* / Sa sangue fazê tinta, / Sa pena di saudadi» — apud P.º MANUEL

A palavra ocorre ainda na linguagem de pessoas idosas e de meia idade, sobretudo nas expressões *ade salgado* (q.v.) e *ade cabidela* (pato de cabidela). Em Macau faz-se também a distinção, antiga em Portugal e comum no ázio-português, entre *ade* 'pato' e *pato*, mais vulgarmente *pata* 'ganso'. Veja-se a versão da quadra acima, ouvida à inf.^a 76:

<i>Ade</i> pidi chua (chuva)	[ãdi pidí čua]
<i>Pata</i> pidi vento;	[pãta pidi vĕto]
Nhonhonha di Macau	[ñõñõña di makãu]
Pidí casamento.	[pidí kazamĕto]

Cf. Frei Gaspar da Cruz, *Tratado das cousas da China*, cap. IX: «... as suas embarcações tem hũas asas largas feitas de caniçada (...) nas quais agasalham dous ou tres mil *adens* (...) e porque sempre pelo tempo acertam de ficar algũas que se nam recolhem, ha por todas as partes muitos bandos de *adens* brabas, e ho mesmo ha de *patos*.»

A forma *adem*, hoje desusada, foi forma da linguagem culta de Macau, pois que havia antigamente na cidade um *Páteo do Adem* (T.S.Y.K, III, p. 191).

ade salgado [ãd sałgado]. ant. e act.

Pato depenado, espalmado e seco, tratado com sal e um pouco de açúcar. O pato salgado constitui uma indústria chinesa e tem largo consumo no inverno, sobretudo entre os chineses. As donas de casa macaenses empregam-no especialmente no succulento prato chamado *chau-chau pele* (q.v.). Antigamente usava-se muito cozer um pouco de pato salgado na papinha de arroz para as crianças. Dizia-se que "dava força" (inf.^a 65). (V. figura 1).

adufa [ãdúfa], subst. ant.

«Resguardo de janelas, em indo-português, feito ordinariamente de conchas semi-transparentes» — Dalgado, *Gloss.* I.

TEIXEIRA, *A diocese portuguesa de Malaca*, in *Bol. Eclesiástico da Diocese de Macau*, Outubro 1956, p. 764. Dalgado regista também a palavra no indo-port. do Norte e no indo-port. de Damão.

Adufas semelhantes, até meia altura da janela, feitas de lâminas de conchas, com caixilhos de madeira, usaram-se em Macau como na Índia. Pessoas de meia idade ainda se recordam desse uso, mas actualmente não existe aqui nenhuma casa com adufas desse género, as quais foram substituídas por persianas de vários tipos.

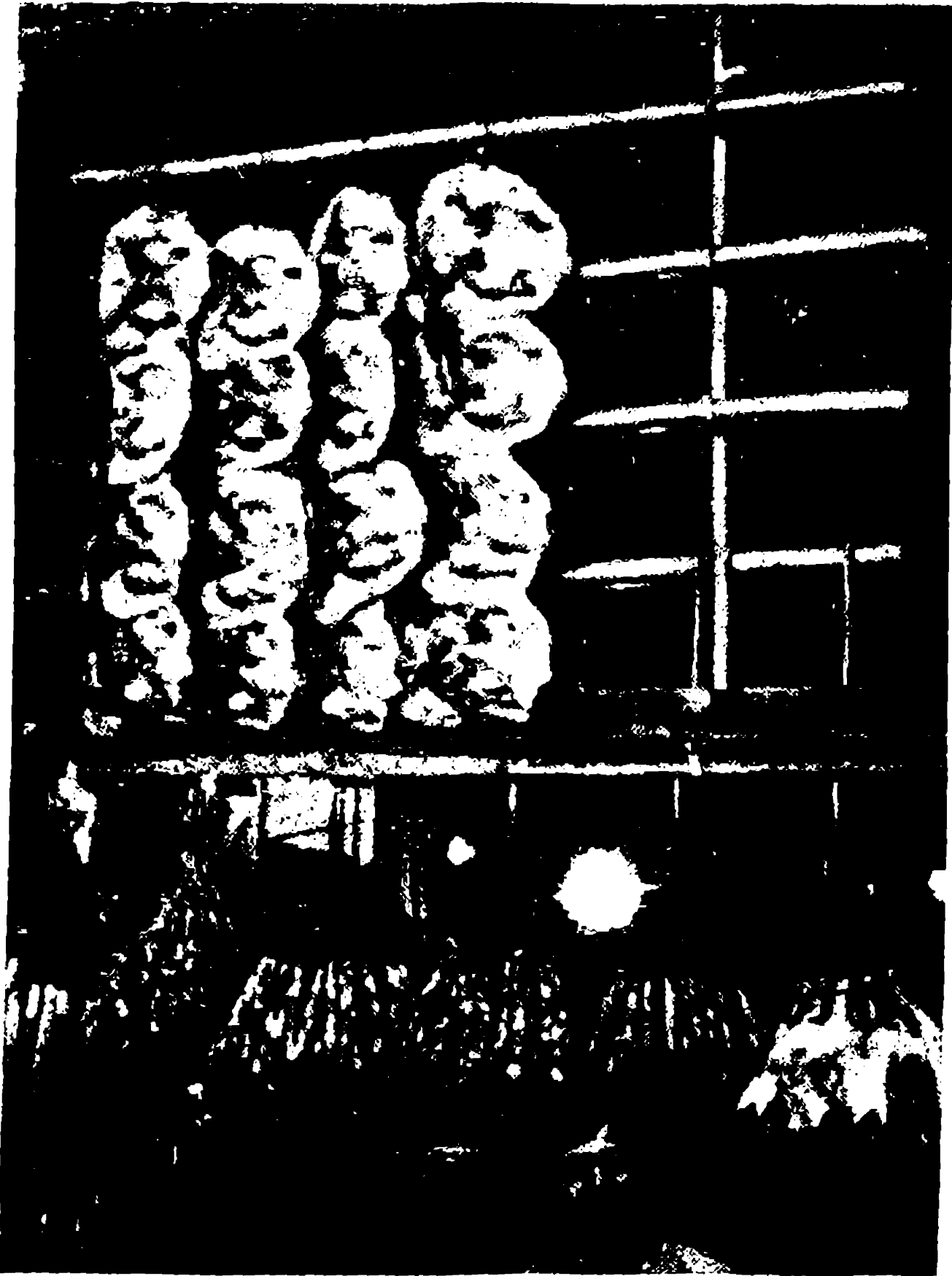


FIG. 1 — Uma loja de chouriços chineses expõe, na parte superior, *ade salgado*.

* *afete* [afét], adj. ant.? act.

Gordo, nutrido. Usado como alcunha antes do nome da pessoa: «*Afete* Sousa», o Sousa Gordo.

Étimo — Ingl. *fat* [fét] 'gordo', com o *a* protético que antecede geralmente os nomes próprios chineses. Esta é uma curiosa contaminação da influência inglesa e chinesa no falar macaense actual.

* *afião* [aʃiãŋ], subst. ant.

O mesmo que *anfião*, 'ópio'. A forma *anfião* não é usada. «Em português antigo *anfião*, corruptela de *afium*, nome árabe do ópio extraído da papoula preta. Não se emprega em Macau o nome de ópio para esta droga quando destinada aos fumadores. *China fumá afian* — china fumador de ópio». — Marques Pereira, *T.S.Y.K*, I, p. 782.

Fumá aʃiãŋ ouve-se ainda a pessoas muito idosas, mas no falar actual usa-se o termo *ópio*. Contudo a palavra tende a cair em desuso, não só pela proibição legal dos fumatórios, como porque o ópio tem sido substituído grandemente, entre os adictos de drogas, por heroína, cocaína e semelhantes, ouvindo-se hoje falar muito mais em fumadores de *pó branco* ou, usando a expressão chinesa, fumadores de *pák fân*, ou ainda, *pakfanistas* (q.v.) do que em fumadores de ópio.

Étimo — Do árabe *afium*, através do português da Índia. Cf. Dalgado, *Gloss.* I, s.v. *anfião*.

* *afogoso* [afugoʒo], fem. *afogosa* [afugoʒa], adj. act.

Frenético, que tem de fazer tudo ou ver tudo feito com urgência, que não pode esperar por nada; que chega a toda a parte antes da hora marcada: «— Tão cedo para quê? Qui *afogoso!*» (linguagem corrente).

Étimo — Provavelmente *afogo* (urgência) + *oso* ou *fogoso* com *a* protético. Suponho que a primeira hipótese é a mais provável.

agar-agar [aʒár aʒár], subst. act.

V. *cabelo de bonzo*. O termo *agar-agar* é conhecido, mas não popular.

Não encontrei a acentuação *ágar-ágar*, dada por Dalgado, *Gloss.* I e seguida por *Dic.* Morais.

Étimo — Malaio *agar-agar*, cf. Dalgado, *ob. cit.*

* *agradado* [agradaço], adj. ant. e act.

Simpático, agradável: «Ela bonita, mas tem muito gente falá você mais *agradada*». (inf.^a 70).

Étimo — De *agradar*, por *ser agradável*.

* *agrom* (αγρόη), subst. ant. e des.

Certa doença própria de crianças pequenas, mas não consegui apurar de que doença se trata: «— E a criança como está?/— Nenê falá sai *agrong*. / Já ruçá suzo barata, / Agora já tá más bom.» — *Diálogo entre Augusta (...) e seu primo João Fernandes* (1895), em *Renasc.* vol. III, n.º 1, p. 88.

Vários informadores idosos desconhecem o termo. Mas a inf.^a 76, interrogada sobre esta doença, disse espontaneamente: «Ah, *agrom*, *sai agrom*, é nos bebés». Contudo, talvez porque nunca teve filhos, não se recorda do aspecto da doença, apenas tem uma vaga ideia de ser na garganta. Seria *papeira*? A mesma informadora confirmou o uso de *suzo barata* ou seja, excremento de barata (!) para tratamento da referida doença. O facto de *ruçá*, isto é, friccionar com excremento de barata, e a expressão *sai agrom* (cf. actual *saiu sarampo*) parecem sugerir uma doença com inchaço ou qualquer outra manifestação na pele.

Étimo — Origem malaia? Não consegui qualquer elemento de informação.

águ [agu], subst. ant. e des.

O mesmo que *água*, a forma actual.

«Cêo riva

cêo basso

águ na mêo»

— Sã coco». — Adivinha, v. *coco*.

Cf. [ágũ] em Cabo Verde, Sotavento, *apud* Baltasar Lopes da Silva, *O dialecto crioulo de Cabo Verde* (Léxico); *ag* no *Dial. dam.*, *apud* Dalgado, *Dialecto indo-português do Norte* (Vocabulário).

água de arroz [águã daõf]. ant. e act.

Caldo de arroz, água em que se cozem arroz (sem qualquer tempero). É considerada de efeitos benéficos em indisposições de estômago e intestinos e, em qualquer doença, um alimento inofensivo que se pode sempre tomar sem receio. Na medicina caseira a *água de arroz* tinha ainda, antigamente, aplicações várias: «Depois de febre quando suar muito, lava-se rosto com *água de arroz* torrado.» — De um caderno manuscrito de receitas antigas (1883).

* *aguchão* [agučãŋ], [agušãu]; *aguachão* [aguašãu], subst. ant.

Rede de abater. A palavra é conhecida e pronunciada nas três formas referida por diferentes pessoas idosas e de meia idade, que a dão como designação antiga da rede de pesca chinesa



FIG. 2 — Rede de abater, vulgarmente chamada *aguchão*, no momento de ser erguida.

da beira-mar. Esta rede, usada por pescadores sedentários que edificam junto aos paredões as suas cabanas, é quadrada, com 15 a 20 metros de lado, e é suspensa, pelos vértices, de quatro

bambus assentes no leito das águas, os quais, por meio duma roldana colocada dentro da própria cabana, são erguidos ou descidos de maneira a que a rede possa mergulhar ou emergir. (Uma descrição pormenorizada desta “rede de abater”, com o respectivo desenho, encontra-se em Almirante A. L. Barbosa



FIG. 3 — Verdadeiro *aguchão* ou camaroeiro, lançado de um *tancá*.

Carmona, *Lorchas, juncos e outros barcos usados no Sul da China*, Macau, Imprensa Nacional, 1954, p. 42.)

Contudo, apesar da noção corrente do significado de *aguchão*, Marques Pereira transcreve em *T.S.Y.K*, II, p. 781, uma carta de 1901 duma senhora macaense que explica “*aguchan*” como sendo uma rede de apanhar peixe que um homem sòzinho pode levantar e mudar de um lugar para outro — o que não acontece com a rede acima descrita. O mesmo diz o citado Contra-

-Almirante Carmona, *ibidem*, p. 43: «*Ha-chang* 蝦籠 (*Aguachão*): Esta rede é largada pelo mesmo processo do sarambau [outro aparelho de pesca sensivelmente semelhante à rede de abater];

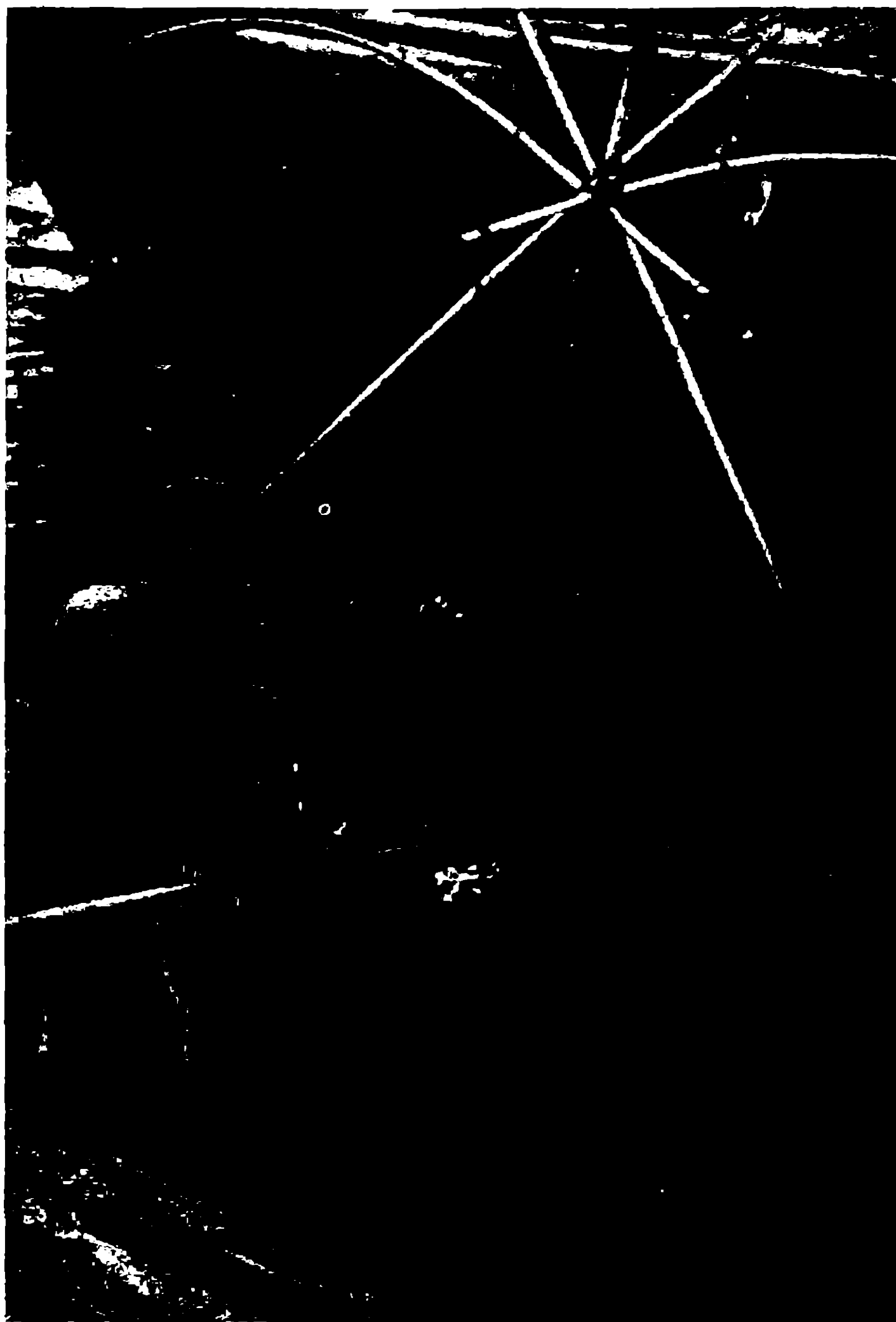


FIG. 4 — Pescador com a sua rede portátil, o verdadeiro *aguchão* ou camaroeiro.

como é, porém, muito mais pequena, cerca de 4 m² (...) é, pois, esta rede facilmente transportável...» É também o que se depreende da seguinte quadra: «Chente tem riva de pedra / discarço cõ *aguchan*; / minha tabu (táboa) cai na mar, / eu gritá: Ah, qui saião!» — *Ajuste de casamento...*, in *T.S.Y.K*, I, p. 59. Trata-se duma família macaense que foi fazer um piquenique à

beira-mar, divertindo-se a pescar. *Chente*, ou Vicente, está em cima das pedras, descalço, com o seu *aguchan*, que devia ser uma rede portátil levada para o efeito. Actualmente vêem-se com frequência pescadores chineses no paredão da Praia Grande com estas redes, mudando-as de local conforme a afluência de peixe. Mas vários informadores que interroguei não designam estas redes portáteis por *aguchão* nem lhes conhecem nome específico — apenas “rede de pesca”. Note-se que, como dissemos na Introdução, os macaenses não são em geral versados nos nomes dos instrumentos de qualquer indústria.

Étimo — Talvez etimologia popular do ch. *Há-châng* 蝦繪, ‘camaroeiro’, por influência de *águ chã* (v. *águ*) ou água chã (por ultra-correcção *aguchão*), água lisa, plana, como é a da “beira-mar” aliás beira-rio, de Macau.

* *aguar* [aguá], verbo ant. e des.

Voar: «À riba de lapa unga anjo/ *Aguando* descê do céu/ Co’ unga letreiro escrevido/ — Gloria in excelsis deo» — Poesia de Natal, *T.S.Y.K*, I, p. 190. Marques Pereira, *ibidem*, anota: «*Aguando*, *avoando*, *voando*».

Inf. 50 confirma a palavra e cita um jogo infantil da sua meninice. Reunia-se um grupo de crianças, atribuindo-se a cada uma o nome dum animal. Uma das crianças dizia: *elefante tá aguá, burro tá aguá, borboleta tá aguá*. Se o “animal” respectivo se mexesse, é porque estava a *aguá*, a voar, e, caso não fosse animal que voa, recebia um castigo.

Étimo — Desconheço. De *avovar*, com substituição de *v* por *g*?

águila [ágila], subst. ant.

«Árvore das regiões tropicais da Ásia e Malásia, pertencente à família das dicotiledóneas...» — *Dic. Morais*, s.v.

A raiz, ou o tronco, de *águila* foi usada em Macau, juntamente com *abuta* e *pucho*, na preparação da *mezinha três pau* (q.v.). O emprego da *águila* na farmacopeia é, aliás, antigo em Portugal: «Um tronco de pau de *águila* ou calambuco vale

mais que um bosque de outros.» — Fr. António das Chagas, *Obras espirituais*, I, 29, 113, ed. 1701 (cit. em *Dic. Moraes*).

* *aiá!* [ajã:], interjeição ant. e act.

Exclamação muito usada na fala de Macau, assim como na dos chineses, para exprimir espanto, medo, dor, impaciência: «*Aiá!* nã chateia, mé!», «*Aiá!* qui medonho!», «*Aiá!* qui bonito!» (linguagem corrente). «Pode traduzir-se por *ora!*», diz Marques Pereira, mas creio que essa “tradução” poucas vezes convém, a não ser em casos como o do texto que o mesmo A. anota, em *T.S.Y.K*, I, p. 64: «— *Aiá!* eu nunca sã cusa, / bafado, nom pôde andá; / palanquim sã gente sua; / si pidi, travalo achá.»
Étimo — Suponho ser interjeição chinesa.

alcanzias, subst. ant.? des.

Espécie de jogo ou certame com bolos de barro?

Alcanzia é uma «bola oca de barro seco ao sol, do tamanho duma laranja, que se enche de cinza ou de flores, e que se usa no jogo das cavalhadas para atirar aos cavaleiros.» — *Dicionario Enciclopédico* por D. José M. de Almeida e Araújo Corrêa de Lacerda. Lisboa, 1874.

Segundo Peter Mundy, que esteve em Macau em 1637, esse jogo foi aqui praticado e com certa pompa: «Nesta ocasião havia corrida na arena [a cavalo] e *alcanzias* em Macau. (...) Os cavaleiros estavam bravamente aparelhados com uma adaga que é uma grande pá ou escudo de coiro no seu braço (*sic*); metade deles como moiros da Barbaria e a outra metade como Cristãos, tendo cada um os seus negros ou cafres, envoltos em damasco, traje ordinário aqui dos criados ou escravos. Estes levavam lanças com pendões onde estavam pintadas as armas dos seus senhores, mas quando começava o *jogo de alcanzias* cada negro servia ao seu patrão as bolas referidas...» — *apud* C. R. Boxer, *Macau na época da Restauração*, Macau, Imprensa Nacional, 1942, p. 65. Actualmente, porém, nem mesmo entre as pessoas mais idosas de Macau há qualquer reminiscência desse jogo ou da sua designação.

alecrim [alíkrí], [alekrí], subst. ant. e act.

Alecrim (*Rosmarinus officinalis*, Lin.).

Ao alecrim atribuem-se em Macau, certamente por influência metropolitana, propriedades terapêuticas não só em mazelas vulgares, como também em certas maleitas de origem misteriosa, como o *savan* (q.v.). Aparece em curiosas combinações com plantas ou ingredientes chineses, como uma das muitas manifestações da interpenetração de culturas aqui realizada. Veja-se esta *fumação de alicrim* indicada por inf.^a 65, que a usava pelo nascimento dos seus filhos: «*Alicrim* corta corta em pedacinhos e molha muito tempo no vinho china. Depois de parto, depois de terceiro dia, ferve aquele vinho e põe no bacio. Então senta, tapa tudo à volta e apanha o fumo por baixo, como inalação.» (Note-se que o uso dos verbos no presente não significa que a “mezinha” ainda hoje seja usada em Macau, nem creio que o seja; o emprego do presente pelo pretérito é vulgar na fala da terra.)

* *alfureca*, subst. ant.? Des.

O mesmo que *alforreca*?: «...tomá nosso familia pra elôtro sua divertimento, tratá como *alfureca* ô assafata de baraca-baraca.» — *Carta de Tia Pascoela*, in *Renasc.* I, n.º 3, p. 137. É este o único exemplo que conheço do emprego do termo e não é claro o seu significado. Talvez ‘coisa desprezível’ (cf. *Dic. Morais*, «*alforreca*: (...) Fig. coisa condenável»). O termo é hoje desconhecido. Note-se que o trecho citado é pseudo-popular, não correspondendo necessariamente ao uso da terra.

algodão [algudáŋ], [algudãu], subst. ant.? act.

O mesmo que *panha* (q.v.). Tem também o sentido normal.

algodoeiro [alguduejro], subst. ant.? act.

Nome que se dá por vezes, na linguagem actual, à *panheira*, mais vulgarmente chamada *árvore de panha* (v. *panha*).

Suponho ser o mesmo que *algodoeiro do mato*, registado por Dalgado, *Gloss I*.

almis [almíf], adj. act.

O mesmo que *almiscarado*: «F. nã gosta peixe, porque muito *almis*» (linguagem corrente).

Étimo — Julgo ser redução de *almíscar*, empregado este como adjectivo.

alo macho [alu maço], *alho macho* [álo maço], ant.

É o *alho-porro* ou alho-bravo (*allium porrium*), e não o alho vulgar como supôs Marques Pereira em *T.S.Y.K*, I, p. 261. O *alho-macho* era considerado antigamente como um bom antídoto contra dores de barriga, «assado e colocado sobre o umbigo» (Marques Pereira, *ibid.*). Segundo inf.^a 65, também se trazia no bolso para livrar as pessoas dum possível “vento sujo”. Hoje já poucos conhecem os preciosos efeitos do *alho-macho*, aliás pouco vulgar em Macau. Uma referência equívoca a esta espécie de alho encontra-se numa das quadras duma cantiga dos tempos idos (inf.^a 76):

Riva de vosso porta, Catarina,	[riva də vɔsu pɔrta kətərɪna]
Três pau lô vou botá,	[trɛʃ pəu lɔ vɔ bɔtá]
<i>Alo macho</i> , tingili, Catarina	[alu maço tĩgɨlɨ kətərɪna]
Sabsana cô ocá. (1)	[səbsənə kɔ ɔká]

O alho, desta vez o alho vulgar, que tem actualmente e parece ter tido sempre larga aplicação na culinária macaense,

(1) Esta mesma quadra encontra-se, com ligeiras variantes, publicada por Marques Pereira em *T.S.Y.K*, I, p. 239. A variante mais significativa é a do verso *três pau lô vou botá*, dito pela nossa inf.^a, em vez de *três pau lôgo botá*. O emprego da forma perifrástica *vou botá* mostra que a informadora já perdeu a noção de que *lôgo botá* ou *lô' botá* era a perífrase do futuro no crioulo. Sobre o sistema verbal do crioulo macaense, v. MARQUES PEREIRA, *ob. cit.*, I.

deu também origem a uma antiga (1) *divinhaça* (adivinha) que a mesma inf.^a recitou:

Tem corroa nã é padri;	[tẽ koṛoã nã ẽ paḍri]
Tem barba nã é homem;	[tẽ baṛba nã ẽ omẽ]
Tem denti nã morde genti;	[tẽ dẽti nã moṛdo žẽti]
Tem rabo nã é macaco:	[tẽ raḅu nã ẽ maḁaku]
— É <i>alho</i>	[ẽ aļu] (2)

* *alosma* [alɔfma], subst. ant.

O mesmo que *alosna* ou *losna*?

Citado por inf.^a 76 como sendo uma das sete folhas da *mezinha savan* (q.v.). Cf. A. C. de Sá Nogueira, *Catálogo descritivo de 380 espécies botânicas da colónia de Macau*, Macau, 1933, p. 60: «ARTEMISIA *vulgaris*, Linn. *Artemisa-Losna* (...) Em Macau cultivado em vasos, creio que para remédios caseiros».

aluar [aļu], [aļuá], [aļuár], subst. ant. e act.

Doce tradicional do Natal. Feito, somente nessa época, por umas poucas senhoras especializadas, idosas ou de meia idade. Vende-se em forma de pequenos tijolos quadrangulares chamados *pães de aluar* (v. *pão*). Os ingredientes básicos do doce são farinha, manteiga, jagra, coco, amêndoa e pinhão. Mas cada doceira tem o seu pequeno segredo que guarda consigo e talvez dentro de algumas décadas já não se vejam nas mesas da consoada os tradicionais pratinhos com fatias de *aluar*. (Sobre outros doces do Natal, ver *coscurão empada* e *farte*).

As três variantes fonéticas *alua*, *alua* e *aluar* ainda hoje

(1) Quando dizemos *adivinha antiga* ou *quadra antiga*, trata-se de vestígios do folclore macaense, hoje quase completamente esquecido pela geração média actual e inteiramente desconhecido pelos jovens.

(2) A mesma inf.^a pronunciou, ao recitar a quadra anterior, [aļu]. Cf. a versão da mesma adivinha dada por Marques Pereira, *ob. cit.* p. 319, em que à expressão actual *nã é* corresponde a antiga *nunca sã*.

usadas, representam perfeitamente as três camadas linguísticas coexistentes na terra e correspondentes a três gerações de fala distinta. As pessoas mais idosas dizem normalmente *alua* mas, falando com a inquiridora metropolitana, corrigem para *alúa* que consideram pronúncia mais correcta (temos ouvido velhotas, ao serem interrogadas em conjunto sobre este doce, dizerem entre si *alua*, mas no mesmo instante pronunciarem *alúa* ao dirigirem-se-nos). Pessoas de meia idade dizem espontaneamente *alúa*, mas por sua vez corrigem para *aluar*, que é a pronúncia das pessoas mais jovens ou mais ilustradas.

Não é claro o motivo por que a pronúncia *alúa* do indo-português (cf. Dalgado, *Gloss I*, *alúa* ou *alvá* e M. Pereira, ob. cit. I, p. 194) mudou para [a]lua] no macaense. A reconstituição mais moderna, *alúa* deve ser uma correcção em vista do indo-português. A actual pronúncia *aluar* é evidentemente um fenómeno de ultra-correcção, para evitar o defeito corrente da supressão do *r* final.

O *alúa*, de origem indiana ao que parece, é em Macau um doce tradicional do Natal, como dissemos acima, mas não sabemos se na Índia também alguma vez o foi. Pessoas idosas de Macau esclarecem o seu uso nesta época, dizendo que o “*alua* é colchão (kəłčəŋ] do Minino Jesus, *farte* é almofada e coscurão [kə / kurəŋ] é lençol.”

De um caderno manuscrito de receitas antigas (1883) transcrevemos a seguinte receita de *alua*:

Farinha de trigo lavada	1 cate
Coco	N.º 3
Mantiguilha [manteiga]	4 taeis
Assucar em pó	3 cates
Farinha de arroz pulu	4 taeis
Amendoas	4 T. [taeis?]
Pinhão	8 T.

«O amido da farinha lavada misture-se com os 4 taeis de farinha pulu. O assucar coze-se com a agua de coco depois de tirado o santão. Depois de se engrossar um pouco o assucar tire-se do lume para se esfriar, e depois ponha o pinhão moido

e depois a tal farinha, e ponha ao lume, quando se secar um pouco, ponha o santão pouco a pouco, e depois de secar algum tanto ponha a mantiguilha, antes de pôr santão de coco pode pôr amendoas.»

ama [ama], subst. ant. e des.

Criada, serviçal doméstica.

A palavra é praticamente desusada hoje. Só a ouvimos a antigos residentes de Xangai, portugueses cuja língua corrente é o inglês, mas que falam também uma linguagem próxima do antigo crioulo macaísta.

Sendo originariamente o português *ama* e tendo talvez significado aqui “ama de leite” como em Portugal, passou a significar ‘criada’ de modo geral, como no Brasil. É curioso que o termo, hoje substituído por *criada* em Macau, mantém grande vitalidade no inglês de Hong-Kong, sendo usada também no malaio (cf. Wilkinson s.v. *amah*) e possivelmente noutras línguas orientais. Cf. R. W. Thompson, *Pidgin Languages*, no jornal *The China-Mail*, Hong-Kong, 31-5-1958: «AMAH-maid-servant (...) It is the portuguese *ama* (also used in Spain). Both Portuguese and English gave this name to a wet-nurse in the south of India and in other parts of the East (I have heard American residents in Japan use it). It is now the Hong Kong word for non-European maid-servants...».

* *ambá* [ãbã], *ambaque* [ãbãk], verbo ant.

Enganar, intrujar, abusar, em proveito próprio, da fraqueza ou ignorância de outrem: «*ambá garoto*», servir-se do trabalho dum criança sem pagar o devido (linguagem corrente).

A pronúncia [ãbãk] com a consoante final muito ténue e facilmente confundível com [g], é rara. *Ambá* só se usa nesta forma, aparentemente de infinitivo (por *ambar*), para qualquer pessoa ou tempo.

Étimo — O inglês *humbug* ‘fraude, engano; enganar, mistificar’ poderia dar o mac. [ãbã] ou [ãbãk]. Sendo a pronúncia das consoantes finais muito fraca no macaense, é muito difícil distin-

guir um [g] dum [k] finais, podendo qualquer desses sons ser suprimido na forma [ãbã]. Por outro lado o malaio *ambek* “taking over, taking and retaining” (Wilkinson, s.v.) parece também um étimo possível.

* *amechom* [ãm^oçõŋ], subst. ant. e act.

O mesmo que os dicionários portugueses, assim como Dalgado, *Gloss*, I, registam sob a forma *anchão*; contudo esta pronúncia não se verifica actualmente nem parece ter sido usada pelos fins do século passado: «Eu já mandá dôs *amchôm* di achar di gamen, un-ha balsa di sucrida pedra...» (*Carta de Siara Pancha* (1865) em *T.S.Y.K*, I, p. 322.

O *amechom* é um boião ou pote de barro grosseiro, vidrado apenas no interior. Usa-se na cozinha, serve para guardar compotas caseiras e era antigamente recipiente para a preparação de várias mezinhas. Também é chamado *boião*, *buião* ou *buiã* (q.v.), mas o termo que damos é o mais vulgar. Usa-se também o mesmo termo para um pote do mesmo barro e formato mas com a capacidade de uns 20 litros, no qual se guarda a água das fontes ou poços, usada para beber e cozinhar.

Étimo — Ch. *Am chông* 掩盅 ; ‘recipiente com tampa’.

* *amestê* [ãmesté?], verbo, ant. e des.

O mesmo que *há mister*, é preciso: «...*amestê* agora cumpri minha palavra» — in *Renasc.*, vol. I, n.º 2, p. 134.

Cf. *nomestê*

Étimo — De *há mister*.

amoque [ãmòk], adj. ant? act.

O mesmo que *amouco*, forma des. em Macau. «... na Índia Portuguesa por *amouco* se entende o homem obcecado por uma paixão, o qual pratica desatinos» — Dalgado, *Gloss*, I, s.v. *amouco*.

Étimo — Suponho que a palavra, malaia de origem, entrou no macaense por via do inglês de Hong-Kong, o chamado *pidgin*; os jornais dessa cidade relatam frequentemente casos de indi-

víduos que “*have run amok*” matando ou ferindo indiscriminadamente pessoas de sua família ou mesmo desconhecidos. *To run amok* é traduzido em Macau por *ficar amoque*. A palavra poderia também vir directamente do mal. *amoq* ou *amuk* (cf. Dalgado, *ibid.*), mas creio que é em Macau posterior à influência malaia, pois não se encontra nos textos antigos nem é conhecida pelas pessoas mais velhas.

amor [ãmó], [ãmór], adj. act.

Emprega-se a palavra *amor*, como adj. uniforme, e os diminutivos *amorzinho*, *amorzinha*, *amochai* (q.v.), para qualificar uma pessoa, mais geralmente uma criança, que é boazinha, sossegada, obediente ou bonita: «o rapazinho é muito *amô*»; «é uma criança muito *amorzinha*» (linguagem corrente). Ouve-se frequentemente a expressão *ai qui amô!* quando uma criança se porta bem, faz ou diz uma coisa engraçada, etc. A mesma expressão pode aplicar-se também a um objecto bonito ou gracioso. Dalgado regista também o termo *amorzinha*, “talvez por se referir à mulher”, no vocábulo do Indo-português de Damão (*T.S.Y.K*, IV). Esta acepção de *amor* e seus diminutivos não exclui em Macau os significados do português normal.

* *amochai* [ãmocháj], [ãmucháj], adj. ant. e act.

Amorzinho.

Usado, como adjectivo uniforme, com o mesmo sentido de *amor*, *amorzinho*, *-a*, em frases semelhantes: *Ela muito amochai!*

O termo é frequente na linguagem actual e ocorre em paródias ao antigo crioulo: «Vôs sám divera *amuchai* assi buniteza, aquelóra istampá iou-sa carta na fólia» — *Carta di Ongcông*, em *Gazeta Macaense*, 21-12-63. Contudo não se verifica nos textos antigos que consultámos.

Étimo — Do composto híbrido *amor* + *châi* 仔, sufixo diminutivo do chinês cantonense.

* *ampaz* [ãpáz], subst. ant. e act.

Resíduo, parte não aproveitável ou sem valor nutritivo em qualquer alimento, principalmente frutos e hortaliças: «*chupá laranja, cuspi ampaz*» (linguagem corrente). «Certo sã que tem bastante triguera que sã ben chistosa, tanto que (...) dá capote pra quanto branco-branco, que masquí tem feção [apesar de ter boas feições], sã *ampaz* sem sumo» — *Carta de Maria Varê-Rua*, em *T.S.Y.K*, I, p. 125.

Étimo — Provavelmente do mal. *hampas* «the dregs of sugar, tea, etc.», segundo *A practical modern Malay-English dictionary* by Sir R. Winstead (por amável informação do Rev. P.^e Manuel Teixeira).

* *amui* [ãmúj], subst. ant. e act.

Rapariga chinesa de pouca idade, adolescente. O termo aplica-se somente a raparigas de condição humilde, operárias ou criaditas. Uma estudante, por exemplo, não é designada pelo termo *amui*. Usa-se também o diminutivo *amuizita*.

O termo tomou sentido de certo modo depreciativo e tende a desaparecer, como tende a desaparecer a profissão de serviçal doméstica sobretudo entre as raparigas novas. Contudo, na sua acepção genuína de 'rapariga chinesa' é muito antigo em Macau: «Vieram expedidos de Cantão dous Mandarins queixarse não so de que os moradores de Macao compravam *Atais* e *Amuis* que são rapazes e raparigas chinas...» — Fr. José de Jesus Maria, *Asia Sinica e Japonica* (séc. XVIII), ed. Boxer, 1950, II, p. 110. V. *Atai*.

Étimo — Ch. *A mui* 亞妹. *Mui*, rapariga, irmã, com o *a* protético usual em chinês antes dos substantivos, próprios ou comuns, que indicam pessoa.

* *amui baleu* [ãmúi bələu]. Ant.

Figura alegórica chinesa que, levada num estrado ou andor, costuma fazer parte de certos cortejos festivos, entre os chineses.

Cada cortejo leva várias dessas figuras, representando entidades mitológicas ou históricas, as quais são incarnadas por rapariguinhas de sete ou oito anos, vestidas *ad hoc* e com as faces e os lábios muito pintados de vermelho. Daí a frase, ainda conhecida, pintar a cara como *amui baleu*. «Tudo dia pintà cara, rabicá como *amui baleu*» — *Farsa Nora moderna*, in *Renasc.*, vol. II, 2.

Étimo — V. *amui e baleu*.

* *amuirona* [amũirona], subst. ant. e act.

Amui grande e forte, raparigaça.

O termo foi-nos citado por pessoa de meia idade, como forma paralela de *aporona* (q.v.)

Étimo — Ch. *A Mui* + *rona*, sufixo português aumentativo, certamente criado por analogia com *mulherona*. V. *amui*.

* *ancusa* [aŋkuza], subst. ant.

Coisa, alguma coisa.

Ouve-se ainda a pessoas muito idosas com o mesmo sentido de *cusa*, coisa: «Vê ãa *ancusa* assim roxado...» — inf.^a 80 (veja uma coisa assim arroxada...). Porém em textos antigos em dialecto ocorrem *cusa* e *ancusa*, não parecendo o significado das duas formas ser exactamente o mesmo: «eu num sa' qui *cusa* têm (eu não sei que coisa tenho); «Desde idade de doze ano / ganhá pà unsong vestí; / lavá ropa de sua pai, / judá cô *ancusa* pà mi». — *Ajuste de casamento...*, em *T.S.Y.K*, I, p. 56. Marques Pereira anota: «*Ancusa*, alguma coisa». Creio também que o último verso da quadra se deve entender 'ajuda com alguma coisa para mim'.

Étimo — Provavelmente contracção de *alguma* + *coisa* [aļguņa kuza] > [a' uņa kuza] > [aŋkuza].

andorinho, andorinha, subst. ant.

V. *corê andorinho*, ou *corê andorinha*, jogo de crianças.

A palavra *andorinha* é corrente na linguagem actual com

o sentido normal. Uma frase de sentido pouco claro, *andorinha rói, rói, rói!*, diz-se aos bebés pelos seis meses de idade, ensinando-lhes a tocar com o indicador da mãozita direita na palma da esquerda (imitando o picar dum bico de andorinha?)

* *anidiu* [anidiu], subst. act.

Variedade de melão, também chamado *melão da América*, se bem que seja geralmente importado de Manila. A casca é esbranquiçada e a polpa verde, muito aromática.

Étimo — Inglês *honey-dew*, variedade de melão. Os chineses chamam a este melão *mât kuá*, 'abóbora de mel', o que corresponde literalmente ao inglês *honey-dew*.

anona [anona], subst. ant. e act.

Fruto da anoneira (*Anona reticulata* ou *anona muricata*).

Faz-se também, em Macau, a confusão frequente entre a *anona* pròpriamente dita e a *ata*, fruto da ateira (*Anona squamosa*, Linn.). Isto é, a ambos os frutos se chama *anona* e também *fán lái chi* (lichia estrangeira), nome que no chinês vulgar de Macau se usa para os dois frutos.

Sobre *anona* e *ata*, cf. Dalgado, *Gloss*, I: «é muito intrincada a questão da pátria e etimologia de *ata* e *anona*, cujos nomes se trocam e se confundem por vezes». Cf. ainda Marques Pereira, *ob. cit.* I, p. 324 e Ana Maria Amaro, *Catálogo provisório*, p. 67.

Nomes regionais como *fruta de conde* e *fruta pinha* parece não terem sido usados em Macau, onde o termo *anona* é antigo:

«Telado verde
 Parede branco
 Padri cafre
 Chapado na canto.

Sã: *anona*». — adivinha antiga publicada em *T.S.Y.K*, I, p. 319 (*telado*, i. e., *telhado verde* é a

casca, *parede branco* a polpa, *padri café*, as numerosas sementes pretas).

Segundo um velho caderno de receitas caseiras, as sementes da anona têm propriedades insecticidas: «Os caroços de anonas os chineses costumam torrar e depois de pisados e misturados em água são utilizados na lavagem da cabeça dos piolhosos».

apa [apa], subst. ant. e act.

Segundo Dalgado, *Gloss. I*, a *apa indiana* é um «bolo circular e chato de várias espécies de farinha, como de arroz, trigo, nachinim, milho, etc. O que na Índia Portuguesa se chama *apa* é assado num caco de barro». Esta *apa*, folha muito fina de massa de farinha, assada numa sertã especial de barro, ainda hoje é usada na Índia como um substituto do pão ou como acompanhamento ao caril. O caril coloca-se sobre a *apa*, na ocasião de comer, sendo envolvido nela como se fosse um recheio.

A *apa* de Macau é diferente, embora tivesse tido certamente a *apa* indiana por origem. *Apa*, aqui, é uma espécie de pastelinho mais ou menos esférico, feito de farinha de arroz gomoso e com um recheio doce ou salgado. Os pastelinhos são cozidos ao vapor, tendo o aspecto de pequenas bolas brancas. Daí a expressão *cara de apa*, q.v.

Étimo — Indo-português *apa*, do dravídico *appam* (Dalgado, *ib.*). Cf. também mal. *apam*, Tamil, «a thin cake» (*Wilkinson*, s. v.).

apa-bico [apa biko], ant. e act.

Apa ou pastelinho recheado de carne de porco e cogumelos picados, e ao qual se deu, com um aperto dos dedos polegar e indicador, forma semelhante à dum grão de bico. Daí o nome. São muito apreciados estes pastelinhos nos *chás gordos* (q.v.) de Macau. Para lhes dar mais sabor, tocam-se levemente numa pasta picante de chile, o *chili missó* (q.v.).

apa-muchi [apa muči], ant.

O mesmo que *apa-muchi-coco* [apa muči kɔko]. *Apa* com recheio de amendoim torrado e pisado, coco ralado e açúcar.

Folclore — A *apa-muchi* está actualmente pouco em uso, mas nos tempos antigos deve ter sido muito apreciada, como se vê pela quadra ainda conhecida pela gente idosa:

Quim querê pra mim (quem me quer, quem gosta
Tant' ancusa lôgo dá: de mim)
Apa-muchi-coco,
Pipis, catupá.

Quadra esta que uma outra versão, possivelmente mais moderna, parodia da seguinte forma:

Quim querê pra mim
Tant' ancusa logo dá:
Soco, bufatada,
Sã ancusa qui n'há-di faltá.

Étimo — Para o primeiro elemento, v. *apa*. Não pude apurar a origem nem o significado preciso de *muchi*. Esta palavra parece não ocorrer no dialecto separadamente da expressão estudada.

* *apó* [apó], [apó], subst. ant. e act.

Mulher chinesa velha; mulher chinesa de condição humilde; mulher chinesa em geral, desde que não seja jovem. “E pobre de *apô apô* que chegá de faltá amor santo para com sua marido, que de caçada que nadi levá...” Carta de *Maria Varê-Rua*, em *T.S.Y.K*, I, p. 124. «Cheirar a *apó*, cheirar a amui» — frase citada por pessoa de meia idade, com o sentido de ‘cheirar a perfume barato, como as mulheres e jovens chinesas do povo’.

Étimo — Ch. *a p'ó* 亞婆. *P'ó* — avó, mulher de idade, mulher do povo. Sobre o *a* protético v. *amui*.

* *aporona* [aporona], subst. ant.

Apó grande e gorda (cf. *amuirona*); mulher de baixa condição (sentido pejorativo?): «...montão de doce pinhão que tem que

fazê pra partí (...) com *aporona* de quase tudo bazar, chali-chali, lorcha de pescador que trezê pêce, trezê fazenda» — *Renascimento*, I, n.º 1, p. 136.

Étimo — ch. *a p'ó* + sufixo português-*rona*. Cf. *amuirona*.

* *arão* [arón?], [arán?], [aráu]. Ant.? Des.

Esparvoado? Que anda dum lado para o outro atarantadamente?

Inf.^{or} 50 informou-nos desta palavra, tendo-a ouvido a pessoa idosa de Macau, a qual não conseguimos identificar para informação mais precisa. O inf.^{or} pronunciou [aráu], que não deve ser a pronúncia autêntica, na frase que diz ter ouvido «ficá *arão-arão*» e cujo sentido lhe pareceu 'ficar esparvoado'. Inf.^a 70 julga ter ouvido a expressão há muitos anos, mas não se recorda do sentido. Vários outros inf.^{ores} idosos e de meia idade desconhecem inteiramente o termo. V. *aronça-aronça*.

areca [aręka], subst. ant.

Fruto da *Areca catechu*, Linn. A palavra e o fruto são ainda bem lembrados por pessoas idosas e mesmo de meia idade, mas a geração jovem já não sabe o que é *areca*. O costume de mascar a noz de areca juntamente com folhas de bétel desapareceu por completo há mais de 20 anos. Tal costume deve ter sido introduzido da Índia ou de Malaca (há cerca de 30 anos ainda se viam nas ruas de Macau *mouros* ou indianos mascando areca e cuspiendo saliva vermelha) e parece ter-se transmitido aos próprios chineses de Macau. Contudo, em 20 anos de residência na Província, nunca vimos ninguém mascar areca. Entre os macaenses, parece terem sido sobretudo as mulheres as adeptas desse hábito, talvez porque substituissem pela areca o tabaco que as convenções sociais só aos homens permitiam. Pessoas de meia idade recordam-se de ver suas mães e avós mascar areca e senhoras idosas, de 60 ou mais anos, dizem-nos que a mascavam na sua mocidade. A noz de areca, extremamente dura, cortava-se com uma tesoura ou alicate especial chamado *chilicati* (q.v.), mastigando-se os pedacinhos quer simples quer acompa-

nhados de bétel e duma “cal vermelha”, feita de conchas marinhas. «*Areca* tem forma redonda, esmaltado. Amargo, faz azedia no estômago. Antigamente tchina-tchina (os chinas) vendê um tchupa-tchupa, betle enrolado, dentro põe *areca* e um pouco de cal vermelha, é pra mascá». — Inf.^a 87. «Minha mamã dobrá folha de betle, em cima põe um pedacinho de *areca* e ata com um fio de seda. Depois põe num prato de cristal. Tudo casamento sai essa coisa» — Inf.^a 90. «At wedding and christening parties, amidst the sweets tendered to guests were the *betles* — betel leaves folded up with slices of *areca*, daintly tied to artistic sprays of artificial flowers, the *areca* being a favorite morceau to many a macaense lady.» — Montalto de Jesus, *Historic Macao*, p. 51.

Hobson-Jobson, s.v. *areca*, cita o português *ariqueira* (sic) para a espécie de palmeira que produz a *areca*, e aduz uma abonação em que para esta última, isto é, para a *areca*, se cita o nome português de *foufel* ou *fofel*. Não é conhecido em Macau nenhum destes termos. Cf. ainda Dalgado, *Gloss.* I s.v.

A *areca* foi também usada em Macau para mezinhas caseiras.
V. *mezinha de faifum de flato*.

* *aronça-aronça*, adj.? advérbio? Des.

Que anda dum lado para o outro? Que anda numa roda viva?
«...deçá aquelle pobre molêr na Eropa *aronça-aronça* pra caza de ung-a ministro otro ministro pra fazê vontade de marido só pra nunca levantá sua mezada» — *Carta de Tia Paschoela* (1859) em *Renascimento*, I, n.º 3, p. 245.

Não encontrei quem conhecesse hoje a forma *aronça* mas sim *ronça* [rõsa] na reduplicação *ronça-ronça* que poderá ter sido formada de *aronça* ou vice-versa, e que se emprega pejorativamente referida a um indivíduo que vagueia por entre grupos de pessoas para, disfarçadamente, ouvir conversas e espalhar intrigas: «ele andá por aí *ronça-ronça*...» Usa-se também a expressão *ronça vai, ronça vem* com o sentido de andar dum lado para outro sornateiramente com qualquer fim oculto, ou caminhando pachorrentamente. Nenhum dos sentidos parece ser o mesmo de *aronça-aronça*.

Étimo — Não sei se o termo terá relação com o português (gíria) *ronça* ‘preguiça, moleza’. Mais provavelmente tê-la-á com o mal. *arong* ‘wading, fording’ (a palavra entra em compostos com a ideia de viajar, atravessar dum lado para o outro — Cf. *Wilkinson*, s.v.). *Arong* pode talvez ser também o étimo de *arão* (q.v.). Esta palavra, na forma suposta *arom* [arõŋ] podia ter sofrido em Macau contaminação de *ronça* dando *aronça* — se é que esta forma realmente existiu e não é fantasia de pessoa culta que parodiou o dialecto no texto acima citado.

**arroz branco* [ařóʃ brãko], [ařóʃ brãko], ant. e act.

Arroz cozido à maneira chinesa e, de modo geral, à maneira de todo o oriente, i.e., cozido apenas em água sem sal. É a base da alimentação macaense, quase tanto como da chinesa. Nas casas mais modestas o *arroz branco*, acompanhado de uma ou duas espécies de “comida” é o forte das duas refeições principais. Nas casas mais abastadas, o sistema é geralmente o seguinte: ao almoço come-se arroz branco com um prato de carne, outro de peixe e outro de vegetais, tudo servido simultaneamente; ao jantar come-se sopa e um ou dois pratos sucessivos e acompanhados de pão. Jamais se come pão e arroz ao mesmo tempo.

* *arroz carregado* [ařóʃ, ařóʃ kařegãdo], ant. e act.

Arroz cozinhado com banha de porco e “cebola china”. É depois colocado numa travessa e *carregado* com uma espátula de modo a formar uma espécie de pudim bem compacto. Corta-se o pudim às fatias e come-se a acompanhar *porco balichã tamarinho*. (v. *balechão* e *tamarinho*).

* *arroz chau-chau* [čáũ čáũ], [šáũ sáũ], ant? act.

Prato da culinária chinesa, muito apreciado e também cozinhado nas casas macaenses. Depois de cozido, o arroz é frito e misturado com camarões, carne de porco assada, chouriço chinês, etc. V. *chau-chau*.

* *arroz de força* [aṙóʃ de foṙsa], ant.

Gramínea um tanto semelhante à cevadinha, mas de grãos maiores e mais arredondados. Cevadinha da China? O mesmo que o ch. *Chi-sat* 池實. Não pude apurar o nome científico.

O *arroz de força* era usado antigamente para mezinhas caseiras, nomeadamente a disenteria, como aliás é ainda hoje a cevadinha. «*Chi-sat* é aroz (sic) de força para dysenteria» — De um antigo caderno manuscrito de receitas (1883). No mesmo caderno há uma outra receita completa para a mesma doença. «Oito sapecas de raspa de veado, 8 sapecas de trate e 4 sapecas de (imai) arroz de força torrado, faça cozimento para desenteria». *Imai* é o nome chinês da cevadinha, contudo o *chi-sat* não é, como dissemos, a mesma gramínea. Quem escreveu a receita ou confundiu *imai* com *chi-sat* ou, reparando que não tinha escrito a palavra devida, colocou-a entre parênteses.

Note-se a grafia diferente da mesma mão: *aroz* e *arroz*.

* *arroz gordo* [aṙóʃ goṙdo] [aṙóʃ goṙdo], ant. e act.

Prato da culinária macaense. Consta de arroz refogado com uma mistura de carnes como galinha, porco, vitela, chispe (pé de porco) e chouriço português, e enfeitado com rodas de ovo cozido, cubos de pão frito e passas de uva branca. É um prato muito rico (daí o nome de *gordo*), sendo geralmente destinado a dias de festa.

* *arroz grosso*. Ant. e des.

Arroz grosseiro, de má qualidade? «Pobre como Jo, com minha saia vélo de pano Manila, baju grande, vivo de beliz maroto, *arroz grosso...*». V. *beliz maroto*.

arroz pulu [aṙóʃ pulú], [aṙóʃ pulú], ant. e act.

Arroz gomoso. Usado, em grão ou reduzido a farinha, para fazer *bagi* (g.v.) e outros doces macaenses que parecem ser de proveniência malaia ou indiana. Ao *arroz pulu* ou à *farinha*

de arroz *pulu* atribuíam-se também antigamente propriedades medicinais, como na seguinte mezinha para *febre motiam* ou *motião* (febre tifóide): «*Farinha de arroz pulu* com uma clara d'ovo fazendo pasta esfrega no peito e na costa quando é febre motian». — De um antigo caderno manuscrito de receitas (1883). A mesma espécie de arroz é citada por Dalgado, *Gloss. I*, como *arroz pulot. V. pulu*.

arruda [aãruda], [aãruða], subst. ant. e act.

Ruta graveolens, Linn. A *arruda* é usada em Macau na medicina caseira e em práticas supersticiosas. Pode fazer parte da *mezinha savan* (q.v.), cuja composição comporta certas variações. Também em Portugal, sobretudo nas aldeias, a *arruda* «serve para remédios caseiros e entra em cerimónias de bruxaria» — Sá Nogueira, *Catálogo descritivo*, p. 20. Dizem pessoas idosas que, quando Macau foi acometido pela peste bubónica, muita gente trazia no bolso umas bolas de naftalina e um raminho de *arruda* ou de mangericão — como imunizante contra a peste, segundo uns; para afastar o mau cheiro, segundo outros. Cf. Garcia da Orta, *Colóquios XXVI*, 116: «...e mais entonces usarião da *arruda* medicinalmente por ser contra a peste», *apud Dic. Morais*, s.v. *arruda*.

* *arviru* [arviro], [araviro], adj. e subst. ant. e act.

1 — (adj.) Traquinas, irrequieto: «criança muito *arviro*» (linguagem corrente);

2 — (subst.) Traquinice, maroteira: «garotada fazê *arviro*» (ling. corrente);

«...quando tá assim discreditado já na gazeta, unde vem tudo sua *araviro* que já fazê na otro tempo» — *Carta de Tia Paschoela, Renasc.*, I, n.º 3, p. 245.

Étimo — Provavelmente o mal. *haru-biru*, étimo sugerido amavelmente pelo distinto historiador P.º Manuel Teixeira, conhecedor do malaio. De facto, cf. *Wilkinson*: «*haru*, uproar, disturbance; *h. hara*, a noisy disturbance; *h. biru*, id.» *Haru-biru*, portanto, o mesmo que *haru-hara*, corresponde à acepção macaense

de traquinice, desassossego próprio das crianças, e daí maroteira, brincadeira.

Há uma palavra timorense, *arbíru* ou *arabíru*, conhecida em Macau por ser *Arbíru* o nome dum navio de carreira entre Timor e Macau. A palavra é do tétum e significa, como advérbio, «à vontade, sem atender a nada, a seu belprazer, sem dar satisfações»; como adj., «destemido, herói» (cf. *Dicionário Tétum-Português*. Macau, Dezembro de 1935 (1), por gentil informação do nosso ilustre Amigo Prof. E. C. Knowlton J.^{or}, da Universidade de Havai). Suponho que tenha relação com o mac. *arviro* ou *araviro*, mas que este tenha directa origem malaia, como terá também a forma do tétum, pois não conheço qualquer influência do tétum em Macau.

árvore de panha [arv^o de paña], ant. e act.

Também chamada, menos vulgarmente, *algodoeiro* (q.v.). É a lindíssima panheira, *Bomba malabaricum*, D.C., cujas flores desabrocham, vermelhas, nos troncos nus.

Estas flores, além de produzirem uma espécie de sumaúma, a *panha* (q.v.), são utilizadas na medicina caseira sob a forma duma infusão ou “chá”. (Cfr. A. M. Amaro, *Catálogo provisório*, p. 107).

Diz-se em Macau que, quando as flores da panheira aparecem, na primavera, acabou o frio do inverno: «quando *árvore de panha* sai flor, acaba frio» (Inf.^a 65).

árvore de S. José [arv^o sã žuzé], ant. e act.

Árvore frondosa, muito comum nos arruamentos e jardins da cidade. Também chamada *folha de S. José* e *árvore de gon-*

(1) Este dicionário, que não se encontra na Biblioteca Nacional de Macau, tem, segundo informação posterior, mais detalhada, do mesmo Prof. Knowlton, os seguintes dizeres na primeira página: *Dicionário Tétum-Português* / Impresso em Macau / sob a direcção do / Cónego Manuel Patrício Mendes / (Segundo os trabalhos do Rev. Manuel Mendes Laranjeira / e do mesmo Rev. Manuel Patrício Mendes, / ex-missionário de Timor) / Macau, Dezembro de 1935 / Tipografia Mercantil de M. T. Fernandes e Filhos L.da.

dão. (v. *gondão*). É a *Ficus Wightiana*, Wall., segundo A. M. Amaro, *Catálogo Provisório*, p. 53. A mesma Autora averiguou que o exemplar mais antigo desta espécie é o do jardim do Seminário de S. José. Seria daí que veio o nome popular da árvore?

árvore de pagode [arv^o pagode], ant. e act.

É a *Ficus retusa*, Linn., e não a *Ficus religiosa* também chamada na Índia Portuguesa “árvore do pagode”. (Cf. Dalgado, *Gloss. I*, Suplemento, p. 456 e A. M. Amaro, *Catálogo provisório*, p. 52). Esta designação é idêntica na Índia e em Macau para árvores diferentes, se bem que pertencendo ambas à espécie *Ficus*. Da semelhança das duas árvores deve ter vindo a identidade do nome, certamente introduzido do indo-português, pois que, se a *árvore do pagode* indiana tem carácter sagrado para os hindus «que a plantam ao pé dos pagodes», segundo Dalgado, em Macau não tem, pelo menos actualmente, esse carácter e é tão frequente junto dos pagodes chineses como por toda a cidade. Contudo, Dalgado, *ibid.* aduz uma citação segundo a qual os chineses dariam também a esta árvore qualquer atributo sagrado: «Os chinas veneram as árvores frondosas e antigas e costumam erigir pequenos altares ao abrigo d’ellas, em honra dos espíritos tutelares. Eis a razão de ser ella chamada árvore do pagode» — João Maria da Silva, *Repositório*, p. 222.

asa [aza], subst. ant. e act.

Barbatana de peixe. V. *asa de peixe* e *asa amarelo*.

Note-se que a palavra *asa* tem também o sentido normal de ‘membro anterior de ave’.

asa de peixe [aza də pɛse], [aza də pɛše], [aza də pɛiše], ant. e act.

Barbatana de tubarão. *Sopa de asa de peixe* é a sopa de barbatanas de tubarão, iguaria cara e muito apreciada pelos chineses e pelos portugueses de Macau.

asa amarelo [aʒamarelo], ant.? act.

Peixe muito vulgar nas águas de Macau, sendo frequentemente pescado à linha ou nas redes de abater dos paredões marginais. É o *Sparus Berda*, segundo Dr. José da Silva Vidigal, *Catálogo de peixes comestíveis de Macau*, Lisboa 1959, p. 45.

As barbatanas do peixe são amareladas, daí o nome.

assafata, subst. ant.? Des.

Sentido duvidoso. «...tratá como alfureca ô *assafata* de baraca-baraca». (v. *alfureca*).

Tal como acontece com *alfureca*, não encontrei quem conhecesse o termo *assafata* em Macau, nem pude apurar qual o seu significado nesta frase. Parece referir-se a criada de ínfima condição ou talvez mesmo a mulher de má vida. O texto, como já dissemos ao tratar *alfureca*, é de proveniência culta, pelo que não oferece inteira confiança.

* *assilai*. Adj. ant. e des.

Tal, de tal espécie, dessa laia. «*Assilai cusa* — d'uma tal cousa. *Assilai* pode decompor-se em *assim* e *laia*» — M. Pereira, *T.S.Y.K*, II, p. 47.

Étimo — *assim* + *laia* (v. *laia*).

assim [aʃi], adv. ant. e act.

Cerca de, aproximadamente, mais ou menos. “Cinco hora, *assim...*» — pelas cinco horas, pouco mais ou menos. “Um cate de farinha, *assim*” — aproximadamente um cate de farinha.

Cf. Dalgado, *Indo-Port. do Norte* (Vocabulário): *Assim* às “oit hor”.

A palavra *assim* tem também em Macau o sentido normal.

* *atachamento* [ataçamêto], subst. ant.

Afeição, amor.

Citado em carta transcrita por M. Pereira (*T.S.Y.K*, II, p. 522) em que pessoa amiga lhe refere expressões e palavras

antigas de Macau. O termo não é corrente na linguagem actual de Macau e, ao que parece, no tempo de Marques Pereira já era antigo. Contudo, pessoas idosas da terra ainda o conhecem e sabem o que significa, embora já não o usem.

Étimo — Ingl. *attachement* — apego, affecto, amizade.

**atai* [atáj], subst. ant. e act.

Rapaz chinês de pouca idade e de condição humilde. Criadito chinês usado antigamente em casa para pequenos serviços domésticos: «nôssô *atai* cartâ chaton.» — *Ajuste de casamento...*, *T.S.Y.K*, I, p. 62. O termo é empregado por vezes em sentido pejorativo: «um *atai* daqueles armado em doutor!».

Folclore:

«Ung-a lorcha
tem cinco *atai* tâ remá».

Sã: Pê cô sapato.»

(Adivinha antiga em *T.S.Y.K*, II, p. 515. A lorcha é o sapato, os cinco *atais* são os cinco dedos do pé.

Étimo — Ch. *a tai* 亞弟, irmão, rapaz novo (com *a* pro-tético). Cf. *amui*.

* *auto china* [aũto čina], [aũto šina]. ant. e act.

Chama-se em Macau *auto china* ao tradicional teatro chinês em que se representam cenas da história antiga e da mitologia do país. Consta de canto e palavras rítmicas, com acompanhamento de instrumentos e tantãs típicos. É um espectáculo muito popular entre os chineses, sendo por vezes representado ao ar livre em palcos armados *ad hoc* que atraem grande audiência, mas entre os macaenses não é apreciado nem compreendido.

A expressão *auto china* deve ser muito antiga em Macau. Os primeiros portugueses que conheceram a China teriam naturalmente dado aos espectáculos teatrais chineses o nome de *auto* que se usava em Portugal para o teatro popular do século XVI.

Actualmente o *auto-china* é muitas vezes designado pejorativamente pela expressão onomatopaica *tchapom-tchapom!* [čapõ

čapõ] devido ao barulho ensurdecador dos tantãs e tambores que acompanham os cantos e palavras rítmicas dos actores: «Hoje tem *tchapom-tchapom!*» (linguagem corrente). V. *chapom-chapom*.

* *auto de pau*, ant. e des.

Teatrinho de fantoches, no género do que costuma aparecer nas nossas feiras, mas feito por chineses e com figuras chinesas. O *auto de pau*, frequente até há cerca de trinta anos, geralmente em barraquinhas ambulantes que iam de rua em rua, deixou de aparecer em Macau e os jovens de hoje já não sabem o que é.

O nome *auto de pau* é devido ao facto de serem de madeira as figuras ou fantoches.

* *auabi* [aũabi], subst. ant. e act.

Crustáceo (*genus Haliotis*) usado em pratos da culinária chinesa.

É também, modernamente, designado pelo ingl. *abalone*. O termo aparece com a grafia *awabi* num caderno manuscrito de receitas antigas (1883) onde se regista o prato chinês “*awabi com galinha preta*”, e é essa ainda hoje a grafia mais corrente.

Étimo — A palavra parece ser de origem japonesa. Cf. *Kenkyusha's New Japanese-English Dictionary* (American edition, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1942): 66b1-AWABI, “an ear-shell; a sea-ear, an abalone”. Também *Vocabulario da lingua do Iapam*, Iwanami Bookstore, Tokyo 1960 (reprodução do dicionário publicado em Nagasaki em 1603 por alguns Padres e Irmãos da Companhia de Iesv), p. 29: AUABI, [vel] vobi. *Lapas*. # Cuxi auabi. *Lapas secas espetadas*. Xiuo auabi. *Lapas salgadas*. (Por amável informação do distinto linguista Prof. Edgar C. Knowlton J.^{or}, da Universidade de Havai).

* *azabicha*, adj. ant.? des.

Azeviche? Cor de azeviche? «...falá que môlêr-môlêr azul, triguera, *azabicha* tamên tem chiste!» — *Carta de Maria Varê-Rua, Renasc.*, vol. I, n.º 4, p. 351. Na mesma carta se diz que

gostar de «*môlêr azabicha* são cusa de olo suzo» (olho sujo, olhar porco, desonesto). Mulher *azabicha* será talvez mulher preta, cor de azeviche.

Note-se que o texto é de proveniência culta e a palavra pode não ser genuína. Entre as pessoas interrogadas, não encontrei quem conhecesse o termo.

* *azedo* [ažedo], adj. ant. e act.

Cansado, fraco, trémulo. Diz-se das pernas, quando a pessoa está muito cansada ou debilitada por qualquer motivo. «Andá qui andá, minha Siára, / perna *azedo*, ben cansado!» — *Ajuste de casamento*, T.S.Y.K, I, p. 63. «Dansá até ficá perna *azedo*!» — comum na linguagem das pessoas idosas. Os novos já não usam o termo.

* *azeite de pau*, ant.

Óleo extraído das sementes de aleurite (*Aleurites fordii*, Heml.). É usado pelos chineses para variados fins: «Todos os juncos e embarcações são untados com este óleo que impermeabiliza a madeira; serve para fazer vernizes, para impermeabilizar seda e outros tecidos e falsificar laca; é empregado na preparação de cabedais e no fabrico de sabões; é usado como iluminante e no fabrico de tintas» — Sá Nogueira, *Catálogo descritivo*, p. 97. «... e aos 17 do mesmo Junho chegarão também a Macau sete barcas grandes carregadas de fato; a principal carga he arroz (...) o demais era m.^{ta} farinha, açúcar, *azeite de pao*...» — *Páginas inéditas dum visitador dos Jesuítas*, T.S.Y.K, II, p. 693.

Não encontrei a expressão na linguagem popular, mas é possível que tenha sido popular em tempos, quando os macaenses se dedicavam também à vida e comércio marítimos e possivelmente faziam uso desse óleo nos seus barcos, ou nele comerciavam. Hoje a expressão é ainda conhecida por pessoas ilustradas de meia idade, mas a designação vulgar deste óleo é a chinesa *môk iau* 木油, literalmente *óleo de madeira*. Comercialmente, é conhecido pela designação inglesa *wood oil*.

Note-se que vários informadores populares conhecem a expressão chinesa *môk iau*, mas não sabem a que espécie de óleo se refere nem qual a sua utilidade.

Sobre *azeite de pau*, cf. Dalgado, *Gloss.* II, p. 458.

B

babá [bãbã] subst. ant. e des.

Rapaz; rapazinho de pouca idade, menino.

A palavra deve ter existido em época recuada do crioulo macaísta, mas é actualmente desusada e mesmo desconhecida até de pessoas idosas, tendo apenas deixado vestígios nos termos *babachai*, *babanino* e *babalua* (q.v.), os quais por sua vez são considerados antigos.

Étimo — a palavra veio certamente do indo-português *babá*, quer directamente quer por intermédio de Malaca, onde um dos sentidos do termo é também o de ‘menino’.

«Curiosos os diferentes sentidos desta palavra. Dá-se o nome de *babá* [em Malaca] a um homem de distinta posição. Em Malaca *babá* é também o nome que dão aos rapazes novos, aos mancebos. E já tenho ouvido mães desoladas na sua dor chorar a morte de seus filhinhos (de 2 a 10 anos) gritando adeus aos seus queridos *babás*» — P.^e A. Silva Rego, *Dez dias em Malaca*, in *Boletim Ecles. da Diocese de Macau*, Junho, 1932.

Em muitas cantigas do “papiá cristão” de Malaca, *babá* é o jovem namorado:

«Nona fila di Goa
Babá filo di Portugal;
 Si nona querê casá com *babá*
 Querê sabê sua natural.»

— Idem, *Apontamentos para o estudo do dialecto português de Malaca*, in *Bol. Geral das Colónias*, Ano XVII, n.º 198.

«No indo-português *gáurio* (...) é o tratamento de carinho a um rapaz, como também em concani entre os cristãos de Goa. É intrincada a relação semântica de *babá* usado também no indo-ínglês no sentido de ‘criança’, ‘bebé’ (Hobson-Jobson supõe

influência do ingl. *baby*) com o sentido primário de 'pai' em persa e turco. — Dalgado, *Gloss.*, I, s.v. *babá*. *Hobson-Jobson* propõe para a origem do termo o turco *bā bā*.

Encontra-se frequentemente em traduções de romances russos, mormente de Tolstoi, o tratamento de *paizinho* dado por criados e camponeses a mancebos de elevada condição social. Suponho que é um tratamento de cortesia carinhosa, como quem atribuisse ao jovem a dignidade inerente a um pai, a um chefe de família. Forma de tratamento semelhante, talvez vulgar nas línguas orientais, poderia explicar, pensamos, o facto de *babá*, primariamente 'pai', ser aplicado aos rapazes novos, como fórmula de carinho, na Índia e em Malaca, e por extensão aos meninos, como aliás, segundo Dalgado, acontece ocasionalmente nas línguas neo-áricas.

* *babachai* [bãbãčáj], subst. ant.

Criança pequena, bebé.

«Também se chama em Macau às crianças muito pequenas *babachai*, composto do termo indiano *babá* e do chinês *chai* (criança)» — Marques Pereira, *T.S.Y.K.*, II, p. 262. Vide *babanino*.

Étimo — Babá (q.v.) + ch. *châi* 仔 filho, criança, sufixo diminutivo. Cf. *amochai*.

* *babalua* [bãbãlua], subst. ant.

Lua cheia.

«*Babalua* é lua alta, quinze de lua». — inf.^o 76 (*quinze de lua* é o dia de lua cheia, influência do calendário lunar chinês).

A palavra é usada ainda na expressão *cara de babalua*, cara de lua, cara redonda.

Folclore — «Quando uma nuvem impertinente vem velar por momentos o rosto de Diana, entoam as crianças a plangente cantilena:

Babalua, babalua,

Vem fora comê arroz crua»

— Marques Pereira, *T.S.Y.K.*, I. p. 262.

Esta cantilena ainda é recordada, embora tenha caído em desuso, por pessoas idosas e de meia idade.

Étimo — *babá* (q.v.) + *lua*

Babá deve ter aqui o sentido de ‘menino, criança’, por comparação da lua cheia com o rosto redondinho das crianças.

* *babanino* [bãbãino], subst. ant. e act.

Menino demasiadamente amimado: «Os pais trata ele como *babanino...*» — inf.^a 50, falando de um rapaz a quem os pais tratam com demasiada complacência. Cf. indo-port. *babazinho* «termo de mimo, usado às vezes pejorativamente» — Dalgado, *Gloss.* I, s.v. *babasinho*.

Étimo — *babá* (q.v.) + *nino*, sufixo diminutivo ou talvez redução de *menino*.

babau [bãbãu], adj. ant? act.

A palavra usa-se na expressão *ficar babau*, ficar desapontado, ficar sem qualquer coisa que se esperava. Uma pessoa sai de casa para ir a um cinema e, chegada lá, verifica que já não há bilhetes: fica *babau*.

Cf., no crioulo de Cabo Verde, «Babau, forma interjectiva de resposta, usada quando se chama um indivíduo a quem se não tem nada para dizer» — Baltasar Lopes da Silva, *O dialecto crioulo de Cabo Verde*, p. 218.

* *bacarado* [bãkarãdo], adj. ant? act.

Empoadado, com manchas de pó. Diz-se de um rosto feminino empoadado em demasia ou com pó de arroz mal espalhado: «Eu-sa cara *bacarado?*» (linguagem corrente; inf. 50 diz ouvir frequentemente esta pergunta à esposa quando acaba de se arranjar para sair).

Étimo — Nenhuma indicação consegui obter sobre a origem desta palavra.

bacia [basia], subst. ant. e des. no sentido 1; act. no sentido 2.

1 — Gongo ou *gom-gom*, instrumento chinês de percussão: «O nome chinês do gomgom ou bátega é *lo*. Em macaísta

chama-se à bâtega *bacia* e ao tocar bâtega *bater-bacia*» — Marques Pereira, *T.S.Y.K.*, II, p. 700. Vide Dalgado *Gloss.* I, s. v.

2 — O mesmo sentido que em português normal.

bafado [bafaço], adj. ant.

«Cansado, sem poder tomar respiração, com falta de ar» — Marques Pereira, *T.S.Y.K.*, I, p. 64, em nota aos versos «Aiá! Eu nunca sã cusa, / *bafado*, non pode andá» de *Ajuste de casamento...*, *ibidem*.

Étino — *abafado* (como quem está coberto por algo, sem poder respirar?). Cf. *pussá bafado*.

bafassá [bafaçá], expressão verbal adjectivada, ant. e act.

Termo de culinária. Diz-se de carne estufada, geralmente carne de porco: *Porco bafassá* (linguagem corrente), lombo de porco cozinhado num recipiente coberto. Cf. Dalgado, *Indo-português do Norte* (vocab.): «*Bafada* (subst.) carne abafada, estufada».

Étino — *abafar* + *assar* > *bafá-assá* > *bafassá*.

bafo comprido [bafo kūprido], ant.? act.

A expressão usa-se adjectivamente, referida a alguém que fale muito, que mace os outros com a sua conversa interminável: «Ui! ele *bafo comprido*, começa falá, nã acaba!» (linguagem corrente).

Ter *bafo comprido* será ter muito fôlego, falar muito sem se cansar. A expressão é tradução literal do ch. *ch'eong hei*.

bagate [bagati], subst. ant. e act.

Feitiço geralmente destinado a provocar o amor de alguém: *largar bagate* a uma pessoa é dar-lhe uma beberagem ou deitar-lhe disfarçadamente numa bebida um remédio misterioso que a faz apaixonar-se sem remissão. Tenho ouvido referências jocosas a esta superstição quando um europeu se apaixona por uma rapariga chinesa de duvidosos méritos: «Esta já *largou bagate* pra ele!»

A superstição, como a palavra, parece ser de origem indiana e antiga, embora não a encontre nos textos em crioulo. Cf. Dalgado, *Gloss.* I, s.v. *bagata*.

* *bagi* [baǰĩ], subst. ant. e act.

Espécie de arroz doce, feito com arroz pulu ou gomoso, leite de coco e açúcar. Deve ser um doce de proveniência malaia.

Étimo — *Wilkinson* regista o mal. *wajek* «a sweetmeat made from pulut rice with sugar and coconut cream», que será talvez o étimo de *bagi*.

baião [bajãŋ], [bajãu], subst. ant.

Planta comestível da família das *Amarantaceas*, um tanto semelhante no paladar e no aspecto à nabiça. Os chineses cultivam nas hortas seis variedades desta hortaliça, mas são todas designadas pelo termo genérico de *baiã* ou *baião* entre as pessoas idosas. O termo é considerado antigo e é substituído na linguagem corrente pelo cantonense *in ch'ói* [in č'oi] 莧菜.

Étimo — Não possuo elementos para o determinar. A palavra é muito antiga em Macau, pois figura já no vocabulário do *Ou Mun Kei Lèok* (séc. XVIII). A única referência de que disponho é uma palavra semelhante, em português, dada por *Dic. Mor.*, s.v. *baiano*: «De sumagre e de *bayano* quatro dinheiros» (*Floral de Beja, Inéditos de Hist. Portuguesa*, V, 534). Ignoro se a planta *baiano* é idêntica ou semelhante ao *baião* de Macau.

Facto curioso é que a palavra já não se encontre no macaísta de Hong Kong (cf. R. W. Thompson, *Two synchronic Cross-Sections in the Portuguese Dialect of Macao*, *Separ. de Orbis*, t. VIII, n.º 1, 1959, p. 46), onde se conservam tantos termos antigos de Macau.

baju [baǰú], subst. ant. e des.

Mais frequentemente lembrado por pessoas idosas na composição *cabaia-baju*. Conforme informação das mesmas pessoas (inf.^a 72 recorda-se de ouvir o termo na sua mocidade) o *baju* era uma espécie de casaquinho largo, de pano branco muito

fino, sem gola e com meia manga, que antigamente as mulheres macaenses usavam por casa como uma blusa fresca e confortável. Esta informação condiz com a aduzida por *Hobson-Jobson* s.v. *badjoe, bajoo*, do escritor Pyrard de Laval (1610): «The women (portuguese) take their ease in their smocks or *Bajus*, wich are more transparent and fine than the most delicate crape of those parts».

Étimo — Segundo o mesmo *Hobson-Jobson*, que define a palavra como «Malay jacket», o étimo é o mal. *baju*. Contudo, cf. Dalgado, *Gloss. I*, onde a palavra é largamente tratada. Existente no português continental, no Brasil e nos Açores, significando geralmente ‘corpete interior’, ‘roupinha de mulher’, a sua origem tem sido discutida. No caso particular de Macau, onde não significa peça de roupa interior, mas um casaquinho semelhante ao das mulheres malaias, suponho que o termo veio do malaio. Cf. *Wilkinson*, s.v. *baju*: «Pers. Outer garment, a coat, a jacket, a tunic...»

O Prof. E. C. Knowlton J.^{or}, da Universidade de Havai, comunica-nos que tratará o termo em trabalho a publicar brevemente.

* *balancaz*, subst. ant. e des.

Certa variedade de caranguejo. O mesmo que *balancá?* (cf. *Dic. Mor.*).

«Convém notar entre os crustáceos o grande *Limulus* designado pelos macaístas com o nome de *balancaz* (do crioulo malaio-português *blancas* e do malaio *blangkas*). É o caranguejo das Molucas — *Limulus moluccanus*, segundo o nosso amigo Monsenhor Sébastião Dalgado» — Marques Pereira, *T.S.Y.K*, III, p. 167.

Não encontrei vestígios deste termo em Macau.

balchão, balichã [bɔliçãŋ] ou [bɔlišãŋ], *balachão* [bɔlašãu]; act. *balechão* [bɔləšãu], subst. ant. e act.

Balchão é a forma registada por Dalgado, *Gloss. I*, e *balachão* persiste no nome duma rua, *Rua do Balachão*. Contudo não encontrei estas formas nas pessoas interrogadas, mas sim *balichã*

[baličãŋ] ou [bališãŋ] nas pessoas mais idosas, e *balechão* nas de meia idade ou jovens.

O *balechão* é um tempero ou um acompanhamento para certos pratos. É feito de camarões pequenos, sal, e ingredientes picantes. Guarda-se como uma conserva e vai-se utilizando em pequenas porções que se juntam aos refogados para tempero ou se passam na frigideira para acompanhamento. Os chineses também utilizam *balechão* na sua culinária, mas os macaenses consideram-no «coisa de Macau». No entanto deve ser de proveniência malaia e aprendido pelos chineses através da culinária macaense. As donas de casa macaenses, que o preparam para consumo da família, dizem que «*balechão china* é muito ordinário».

Folclore — O uso do *balechão* deu origem a uma adivinha antiga, que documenta a pronúncia [baličãŋ] e me foi recitada por inf.^a 75:

«B-a-bá, primêra letra,
L-i-li, adivinhaçã;
Quim possa adivinhá
Põe os olhos no chã.

— É *balichã* (ba-li-chã).»

[bɛ ɔ bɔ primɛra lɛtra / ɛl i li ɔdiviɲasãŋ / kɨ pɔsa ɔdiviɲá / pɔɛ uzɔlu / nu šãŋ / ɛ baličãŋ]

Compare-se com a mesma adivinha publicada por Marques Pereira em *T.S.Y.K*, I, p. 321:

«B-A-ba, primêro letra,
L-I-li divinhaçan;
Quim querê sabe minha nome
Botá ôlo na chan.

Sã *Balichan*.»

Étimo — mal. *balachan* ou *balachang*, cf. Dalgado, *Gloss.* I e *Hobson-Jobson*, s.v.

baleu [baleu], subst. ant.

«O vocábulo, que é privativo da língua portuguesa, não consta que fosse conhecido antes do século xv (...); os nossos

indianistas reputam peregrina a dicção, empregam-na mais com referência à Malásia, e interpretam-na por «tribuna, alpendre, varanda, eirado de vista, sala de banquetes públicos, castelo raso ou estrado alto de navio» — Dalgado, *Gloss.* II, Suplemento.

Em Macau, o termo *baleu*, hoje só conhecido por pessoas idosas, designa o pequeno estrado ou espécie de andor em que são transportadas certas figuras alegóricas que acompanham funerais chineses ou procissões festivas chinesas (verifiquei este costume em Macau até há cerca de dez anos, mas actualmente é muito raro). Vide *amui-baleu*.

Étimo — mal. *balai*, segundo Dalgado, *Gloss.* I.

balsa [bãlsa], subst. ant.

1 — Balde; bacia, antiga tina para banho?

«...un-ha *balsa* di sucri pedra...» — *Carta de Siára Pancha*, T.S.Y.K, I, p. 323. Marques Pereira, *ibid.*, II, p. 458, anota: «*balsa*-balde em que se vende o açúcar pedra, que é o açúcar cristalizado da província de Kuang Tong».

A palavra é geralmente conhecida, posto que pouco usada, neste sentido. Mas inf.^a 75 nomeou *balsa*, ao descrever os artigos das antigas casas de banho, como sendo uma tina: «sentá *balsa* tomá banho».

2 — Fogo de artifício chinês, antigamente comum em Macau e hoje completamente desusado: «*Balsa* à nôte qui bonito!» — *Carta de Siára Pancha*, T.S.Y.K, I, p. 323.

Pessoas idosas dizem-nos que este fogo de artifício era assim chamado porque os foguetes eram colocados em *balsas* ou baldes. Construía-se uma armação de bambu, espécie de torre de dois ou três andares, e em cada andar punha-se uma *balsa* de foguetes. Acendia-se a primeira, esta ao explodir pegava fogo à segunda e assim sucessivamente.

bambu [bãbú], subst. ant. e act.

É, como se sabe, o nome de várias espécies de *Bambusa*, todas de larga aplicação no Oriente. Em Macau ocorrem as seguintes espécies: *bambu fino pequeno*, vulgarmente chamado

cana de pesca (*Bambusa multiplex*); *bambu de Kun Iâm*, cultivado em vasos e frequente nos templos (*Bambusa multiplex*, var. *disticha*); *bambu espinhoso*, que Dalgado identifica com *bambu macho*, isto é, “maciço, sem furo no meio” (*Bambusa stenostachya*); e ainda outras espécies apenas conhecidas pelas designações chinesas. Cf. Ana M. Amaro, *Catálogo provisório*, pp. 12-13. V. *ôlo bambu*.

bambueira [bãbuejra], subst. ant. e act.

Tufo de bambus saídos da mesma raíz. A palavra ouve-se frequentemente na expressão *chivit de bambueira*, pequena ave que vive nos bambus. Cf. Dalgado, *Gloss.* I, s.v.: «Lê-se a palavra em vários dicionários com diversos significados: ‘o mesmo que bambu’, ‘planta que produz bambus’, ‘cada um dos rebentos que nascem da mesma raiz de bambu’. Não consta que algum escritor a tenha empregado; na Índia é desconhecida (...). Somente se pode admitir e ter aplicação plausível como correspondente ao *concani bét*, isto é, «um grupo ou pequeno viveiro de bambus.» Curiosamente, parece ser este o sentido em Macau.

baniane [baniãni], [baniãne], subst. ant.

1 — Camisola interior usada antigamente pelos homens: «*Baniani* com çaroula cumprido faz jogo, usa por dentro». — inf.^a 75.

2 — Casaco de pano, para dormir ou trazer por casa, correspondente ao actual casaco de pijama masculino: «Antigamente não se dizia pijama, era *baniane* com calça-moura» — inf.^a 60.

Étimo — Indo-português *baniana*, que Dalgado, *Gloss.* I, s.v. *baniana* indica como designação moderna de ‘camisola’, citando uma referência à palavra no jornal *Heraldo* (de Goa) de 9 de Junho de 1915. Segundo ainda Dalgado, *ibid.*, o termo designava originariamente o justilho (o mesmo que *cutão*, casaco justo ao corpo?) dos *banianes*. Contudo *Hobson-Jobson*, s.v. *banyan*, cita vários autores que se referem ao termo como uma espécie de casaco comprido, solto, de trazer por casa, semelhante ao

usado pelos mercadores hindus ou *banianes*, e que os ingleses na Índia usavam para estar em casa à vontade. Daí certamente a segunda acepção no macaense.

**bantu* [bãtú], adj. ant. e des.

Baixo, atarracado: «pessoa baixa é *cudum*, *cudum bantu*».
— Inf.^a 80.

Bantu parece, portanto, ser um reforço do vocábulo *cudum*, que tem o mesmo significado (v. *cudum*). Não encontrei quem confirmasse o termo, mas Montalto de Jesus, *Historic Macao*, Macau 1926, p. 51, cita *bantu*, sem lhe dar o significado, como palavra de origem malaia.

Étimo — Não possuo elementos que confirmem a origem malaia nem qualquer outra informação sobre a palavra. *Wilkinson* regista *bangkut*, «stunted in growth, stumpy», que se aproxima pelo sentido e que, foneticamente, não seria impossível como étimo de *bantu*.

barba [bãrba], subst. ant. e act.

Doce típico de Macau, feito na época do Carnaval. Consta de fios finíssimos de açúcar, levado a ponto de cabelo, enrolados em forma de coroa e envolvidos em farinha ligeiramente torrada, o que lhes dá um aspecto de barba branca e daí o nome.

A palavra tem também o mesmo sentido que no português normal.

* *batê-cu* [batê kú], subst. ant.? act.

Pássaro muito comum em Macau, de costas e asas negras, peito branco e cauda preta e branca. Esta, bastante longa, bate no chão quando o pássaro saltita, daí o nome.

Não consegui apurar a designação científica, mas não creio que esta ave seja a mesma que no Brasil se chama *bate-cu*, «nome vulgar do periquito tuim» (*Dic. Mor.*).

* *bater bacia*, ant. e des.

Tocar gongo ou bátega: «... Em macaísta chama-se à bátega *bacia* e ao tocar bátega *bater-bacia*». Marques Pereira, *T.S.Y.K.*, II, p. 700. V. *bacia*.

* *bater cabeça* [bãtê kãbêsa], [bãtê kãbêsa], ant. e act.

Modo chinês de orar aos deuses, reverenciar as almas dos antepassados ou prestar as últimas homenagens a um morto: três vénias rápidas, com as mãos unidas à altura do peito. A expressão é muito antiga: «...capacitando-se certa e loucamente que nellas se introduzem aquelas Almas a que fazem (*batendo cabeça*) profundíssimas referências...» — Frei José de Jesus Maria, *Ásia sínica e japónica*, Macau 1744-1745.

bática [bãtika?], subst. ant. e des.

O mesmo que *bátega*, *bacia* ou *tijela* de metal; recipiente com forma semelhante: «Ponha [uma massa de amêndoa e açúcar] na tábua e estenda, e corta-se com copo de água (...) e ponha na *batica* burrufando a *batica* com pó de açúcar-pedra ou farinha de trigo e assa-se em forno leve.» — De um caderno manuscrito de receitas antigas (1883). «... Ponha esta massa [bolo de requeijão] n'uma *batica* ou casca feita de rolão e mande assar.» — *Ibidem*. *Batica* deve estar por *bática*.

Dalgado, *Gloss.* I, regista as formas *bática* e *bátega*, mas desta última não encontrámos vestígio na linguagem da terra. Étimo — Incerto. Cf. Dalgado, *ibid*.

bazar [bãzã], [bãzãr], subst. ant. e act.

Bairro comercial, constituído pela Rua dos Mercadores e adjacentes, onde se encontram lojas chinesas de toda a espécie. São em geral lojas modestas (as de maior categoria não se encontram nesta zona) e a expressão *pano de bazar* significa 'pano barato', 'pano de loja barata'. O termo deve ter significado em Macau 'mercado' como no indo-port. e mesmo 'mercado de

comestíveis', como ainda hoje em Moçambique e possivelmente noutras regiões africanas onde tenha havido influência indiana. Cf. Frei José de Jesus Maria, *Ásia sínica e japónica*, ed. Boxer, II, 164: «...vazar (sitio em que o maior número de chineses assiste e vende em boticas suas ou alheias tudo o comestível)». Esta acepção, porém, não ocorre actualmente.

Étimo — persa *bazar* «mercado permanente ou rua de lojas». Cf. Dalgado, *Gloss.* I.

bebinca [bibīka], [bebīka]; *bebinga* [bebīga], subst. ant. e act.

Nome genérico de uma espécie de pudins, doces ou salgados, cujos ingredientes são ligados com farinha de arroz ou creme de arroz (arroz cru moído e misturado com água, de modo a obter-se um creme leitoso).

Em Macau faz-se *bebinca de leite*, *bebinca de rábano*, *bebinca de batata*, *bebinca de arroz pulu*, etc. Não parece ser conhecida a *bebinca de sete folhas* de Goa nem a designada em concani por *māṇḍas* (Cf. Dalgado, *Gloss.* II, Suplemento).

Étimo — Não cremos que tenha qualquer relação com o verbo *beber*, como alguns dos nossos dicionaristas aventam. Dalgado, *ibid.* regista o termo sem lhe determinar a origem, mas supõe ser palavra de importação na Índia Portuguesa. *Wilkinson* regista o mal. *bingka* «a Malay cake made of rice flour, coconut cream, eggs and sugar», doce que parece assemelhar-se bastante à *bebinca de leite* de Macau. Terá o termo passado do mal. ao indo-port. e ao mac. com reduplicação da primeira sílaba?

beço — V. *virá beço*

* *beliz* (ou *belis?*), [bəlíf], subst. ant. e act.

Pequeno peixe muito usado na alimentação dos chineses. É o *Stolephorus Commersonii*, Lacépède, segundo Dr. José S. Vidi-gal, *Catálogo dos peixes comestíveis de Macau*. Lisboa 1959, p. 33. V. *beliz maroto*.

Étimo — *Wilkinson* regista mal. *bilis* na expressão *ikan bilis* como significando 'anchova', peixe que pelo tamanho e

* *bater bacia*, ant. e des.

Tocar gongo ou bátega: «... Em macaísta chama-se à bátega *bacia* e ao tocar bátega *bater-bacia*». Marques Pereira, *T.S.Y.K.*, II, p. 700. V. *bacia*.

* *bater cabeça* [báté kãbẽsa], [báté kãbẽsa], ant. e act.

Modo chinês de orar aos deuses, reverenciar as almas dos antepassados ou prestar as últimas homenagens a um morto: três vénias rápidas, com as mãos unidas à altura do peito. A expressão é muito antiga: «...capacitando-se certa e loucamente que nellas se introduzem aquelas Almas a que fazem (*batendo cabeça*) profundíssimas referências...» — Frei José de Jesus Maria, *Ásia sínica e japónica*, Macau 1744-1745.

bática [bátika?], subst. ant. e des.

O mesmo que *bátega*, *bacia* ou *tijela* de metal; recipiente com forma semelhante: «Ponha [uma massa de amêndoa e açúcar] na tábua e estenda, e corta-se com copo de água (...) e ponha na *batica* burrufando a *batica* com pó de açúcar-pedra ou farinha de trigo e assa-se em forno leve.» — De um caderno manuscrito de receitas antigas (1883). «... Ponha esta massa [bolo de requeijão] n'uma *batica* ou casca feita de rolão e mande assar.» — *Ibidem*. *Batica* deve estar por *bática*.

Dalgado, *Gloss.* I, regista as formas *bática* e *bátega*, mas desta última não encontrámos vestígio na linguagem da terra. Étimo — Incerto. Cf. Dalgado, *ibid*.

bazar [bãzã], [bãzãr], subst. ant. e act.

Bairro comercial, constituído pela Rua dos Mercadores e adjacentes, onde se encontram lojas chinesas de toda a espécie. São em geral lojas modestas (as de maior categoria não se encontram nesta zona) e a expressão *pano de bazar* significa 'pano barato', 'pano de loja barata'. O termo deve ter significado em Macau 'mercado' como no indo-port. e mesmo 'mercado de

comestíveis', como ainda hoje em Moçambique e possivelmente noutras regiões africanas onde tenha havido influência indiana. Cf. Frei José de Jesus Maria, *Ásia sínica e japónica*, ed. Boxer, II, 164: «...vazar (sitio em que o maior número de chineses assiste e vende em boticas suas ou alheias tudo o comestível)». Esta acepção, porém, não ocorre actualmente.

Étimo — persa *bazar* «mercado permanente ou rua de lojas». Cf. Dalgado, *Gloss.* I.

bebinca [bibīka], [bebīka]; *bebinga* [bebīga], subst. ant. e act.

Nome genérico de uma espécie de pudins, doces ou salgados, cujos ingredientes são ligados com farinha de arroz ou creme de arroz (arroz cru moído e misturado com água, de modo a obter-se um creme leitoso).

Em Macau faz-se *bebinca de leite*, *bebinca de rábano*, *bebinca de batata*, *bebinca de arroz pulu*, etc. Não parece ser conhecida a *bebinca de sete folhas* de Goa nem a designada em concani por *māṇḍas* (Cf. Dalgado, *Gloss.* II, Suplemento).

Étimo — Não cremos que tenha qualquer relação com o verbo *beber*, como alguns dos nossos dicionaristas aventam. Dalgado, *ibid.* regista o termo sem lhe determinar a origem, mas supõe ser palavra de importação na Índia Portuguesa. *Wilkinson* regista o mal. *bingka* «a Malay cake made of rice flour, coconut cream, eggs and sugar», doce que parece assemelhar-se bastante à *bebinca de leite* de Macau. Terá o termo passado do mal. ao indo-port. e ao mac. com reduplicação da primeira sílaba?

beço — V. *virá beço*

* *beliz* (ou *belis?*), [bəlíf], subst. ant. e act.

Pequeno peixe muito usado na alimentação dos chineses. É o *Stolephorus Commersonii*, Lacépède, segundo Dr. José S. Vidiagal, *Catálogo dos peixes comestíveis de Macau*. Lisboa 1959, p. 33. V. *beliz maroto*.

Étimo — *Wilkinson* regista mal. *bilis* na expressão *ikan bilis* como significando 'anchova', peixe que pelo tamanho e

formato se assemelha um tanto ao *beliz* de Macau. A aceitar-mos a hipótese de haver relação entre os dois termos, a grafia *beliz*, encontrada nos textos, não tem razão de ser.

Ocorre-nos ainda a possibilidade de o português *beliz*, 'esperto, ladino, endiabrado' (*Dic. Mor.*) ter sido aplicado em Macau a este peixinho, devido à sua viveza e agilidade. Contudo, seria necessário que o termo fosse bastante vulgar para ser adoptado como designação de um peixe local e de consumo popular.

* *beliz maroto*, ant. e des.

Espécie de peixe, aparentemente o mesmo que *beliz*, mas a expressão não é actualmente conhecida em Macau. «...pobre como Jo, com minha saia vêlo de pano Manila, bajú grande, vivo de *beliz maroto*, arroz grosso...» — *Carta de Maria Varê-Rua*, em *T.S.Y.K*, I, p. 193. Marques Pereira, na mesma Revista, transcreve uma informação sobre esta expressão, de «uma assinante de Hong-Kong», segundo a qual «*beliz maroto* é o nome dum peixinho muito conhecido e muitíssimo barato que se encontra no sul da China. Viver de *beliz maroto* e arroz grosso é o *non plus ultra* da economia doméstica macaense».

V. *maroto*.

bem feito [bẽ fêto], [bẽi feito], ant. e act.

Usado adjectiva e adverbialmente em expressões como: «*gente be fêto*», gente ou pessoa decente, de bem, bem educada (linguagem corrente); «*trocê de bem feto*» (ant.), torcer bem, apertar, espremer (sentido figurado): «*Trocê de bemfeto pra nós com mufinazi de decima*». — *Carta de Tia Paschoela*, em *Renasc.*, I, n.º 2 (espremer-nos com as malditas dízi-mas); «*dáli de bem feito*», bater-lhe com força, dar-lhe uma boa sova (linguagem corrente); «*palavras bem feito*», palavras correctas, em bom português (por oposição ao dialecto): «Cantigas com palavras *bem feito*, letra de Portugal» — inf.^a 65.

bétele [bɛtɫe], subst. ant. e des.

«É o nome da folha de *Piper betle*, Linn. Por *betle* também se entende o afamado masticatório da Índia e Indochina, por constituir o seu envólucro em forma de canudo e o seu ingrediente principal, sendo os outros a areca, o cato, a cal de ostra, e, às vezes, substâncias aromáticas...» — Cf. Dalgado, *Gloss.* I. O costume de mascar *bétele* e areca, introduzido da Índia ou de Malaca e vulgar antigamente entre os portugueses de Macau, parece ter-se transmitido também aos chineses: «os cules (...) mascando *bétele*, esguichando de vez em quando um jacto de saliva vermelha...» — Emílio de San Bruno, *O caso da rua do Volong*, p. 59. Tal costume desapareceu por completo em Macau. Em 20 anos de residência na terra nunca o presenciei. — Informadoras de 80-90 anos dizem que se mascava *bétele* com areca no tempo da sua mocidade. V. *areca*.

Sobre *bétele* cf. ainda Gonçalves Viana, *Apostilas*, I, p. 143. Sobre uma possível origem tamúlica, V. Edgar C. Knowlton J.^{or}, *Portuguese-Tamil Linguistic Contacts* (Proceedings of the first international Conference of Tamil studies) Kuala Lumpur, 1966 — vol. II.

* *bétele vestido de casamento*, ant. e des.

A expressão deve entender-se: *bétele vestido — de casamento*, ou *para casamentos*. *Betle vestido*, ou enfeitado (cf. *doce vestido*) era um mimo oferecido antigamente aos convidados em festas de casamento e também em outras festas. Consistia em folhas de *bétele*, artisticamente dobradas, a envolver pedacinhos de areca (v. *areca*).

biba [biβa], subst. ant. e act.

Nêspera, fruto da nespereira-do-Japão (*Eriobotrya Japonica*, Lindl.): «...ung-a amchông de sambal de *viva* que eu unsông já prepará» — *Carta de Tia Paschoela*, *Renasc.* I, n.º 3.

Não encontro actualmente a pronúncia *viva* que pode, aliás, não ser genuína. O fruto, importado da China, é pouco fre-

quente no mercado, mas existem algumas nespereiras em quintais particulares. O termo *biba* é corrente entre pessoas idosas e de meia idade, se bem que estas últimas conheçam geralmente também o termo *nêspera*. A mocidade, contudo, conhece melhor, quando não conhece apenas, as designações cantonenses *p'êi-p'á-kuó* 琵琶果 ou *lou-kuât* 盧橘.

Étimo — O termo não é indo-português, como julga o *Dic. Mor.* Dalgado, *Gloss. I* dá-o como termo de Macau, citando Marques Pereira, que indica como étimo o chinês *Pi-po*. Esta forma, contudo, deve ser uma romanização pouco exacta por *p'êi p'a*. Cf. Luís Gomes, *Chinesices*, p. 90: «Nas tendas de frutas, em Macau, aparecem também nêsperas, conhecidas pelos nativos pelo nome de *lou-kuât*; mas as suas folhas, por se assemelharem com o alaúde chinês, que se chama *p'êi-p'a*, passaram a ser conhecidas por *p'êi-p'á-ip*, isto é, «folhas em forma de alaúde». Deste termo *p'êi-p'a* veio o vocábulo *biba* que é como é designada esta fruta em Macau».

Como em cantonense o ditongo *ei* alterna constantemente com *i*, como em *nei/ni* (tu), é natural que a palavra, no ch. dos macaenses, passasse a pronunciar-se *pipa* > *biba*.

bicho [biço], subst. Des. na acepção que damos, corrente no sentido normal de 'animal'.

Rapaz de pouca idade (ou rapariga, *bicha*), geralmente órfão ou abandonado, criado numa casa de família e aí trabalhando apenas a troco de alimentação e vestuário: «... indo um *bicho* creado do Çuntô...» — *Ásia sínica e japónica, in T.S.Y.K.*, II, p. 748. «É designado no dialecto macaísta pelo nome de *bicho*, os creados (*sic*) de pouca idade ou as creadas raparigas. Assim, ainda hoje se diz *Anna-bicha*, para significar a moça ou a creada Anna». — Marques Pereira, *ob. cit.*, II, p. 758. «— O quê, de que precisas? — Uma *Maria Bicha* para tomar conta no abuloi...» — E. de San Bruno, *O caso da Rua do Volong*, p. 344.

A palavra, tratada por Dalgado, *Gloss. I* como termo da literatura luso-indiana e certamente passada do indo-port. ao macaísta, caiu completamente em desuso com este sentido, uma

vez que desapareceu o costume de ter em casa esses criaditos, que na verdade eram escravos. Hoje difficilmente se consegue um rapaz ou rapariga para serviços domésticos e, se os há, são devidamente pagos. Cf. *amui* e *atai*.

* *bicho-bicho* [bičo bičo], [bišo bišo], subst. ant. e act.

Espécie de biscoito, frito e envolvido em calda grossa de açúcar: «... já recebê na más muto cõtente, umchinho de sopa de imbigo de frade (...) quanto óva de aranha, *bicho-bicho*, bolo reva...» — *Carta de Maria Varê-Rua, T.S.Y.K, I, p. 193.*

Étimo — Português *bicho*. O biscoito assemelha-se a um verme — um rolinho de massa ao qual se deu, agarrando nas pontas, uma torcedura. Suponho que deste formato lhe terá vindo o nome.

* *bicho-dachim* [bišo daší], subst. ant? Act.

Variedade de libélula. Quando se lhe pega pelas asas, a cauda agita-se para cima e para baixo, fazendo lembrar o braço da balança dos ourives, ou *dachim* (q.v.), semelhante à balança romana.

bicho-mar [bičo mâr], subst. ant.

O mesmo que *bicho do mar*, espécie de holotúria com formato de enguia.

O termo é antigo em Macau, pois já aparece no vocabulário do *Ou-Mun-Kei-Lèok* (século xviii). Contudo actualmente não é corrente, sendo conhecido principalmente por comerciantes, como matéria de importação.

Sobre *bicho do mar*, cf. Dalgado, *Gloss. I, s.v.*

* *bicho-mel* [bišo mēl], subst. ant.? Act.

O mesmo que abelha. Não encontrei o termo no dialecto antigo, mas no falar actual é corrente, embora seja também conhecida a palavra *abelha*.

Étimo — Abreviatura de *bicho de mel*, por ser o mel fabricado pelas abelhas.

* *bicho-nune* [bičo nune], subst. ant.

O mesmo que libélula ou libelinha. O termo é ainda conhecido pelas pessoas idosas, mas é já pouco usado. O insecto, muito frequente no verão, formando autênticos bandos nas vésperas dos tufões, é vulgarmente designado pelo cantonense *ch'ông mei-mei* [čõŋ meï meï] 蟲尾尾.

Folclore: O *bicho-nune* aparece na série de quadras, de tipo popular, encimadas pelo título *Paródia à Bastiana* e publicadas por Marques Pereira em *T.S.Y.K*, I, p. 240:

«Poço já secá águ, Catrina,
Chatom já nom tem chá;
Bicho-nune já cai asa, Catrina,
Gato furtá levá.»

Étimo — Marques Pereira, *ob. cit.* I, p. 261 anota: «Não sei o motivo por que em Macau se dá este nome [*bicho-nune*] aos conhecidos insectos da família dos *Libellulídeos* da ordem dos *Orthopteros* — as elegantes *Libelinhas* (*Libellula depressa*) e *Donzelinhas* (*Agiron Virgo*)».

Mas em Macau é designado pela palavra *nune*, *nuno* ou *nono* [nõno], aparentemente de origem japonesa (cf. Dalgado, *Gloss*, II, s.v. *Nuno*) um tecido transparente, de fios pouco unidos, formando como que uma rede muito fina, e antigamente usado para mosquiteiros.

Suponho que o nome de *bicho-nune* é devido à semelhança de contextura das asas da libelinha com a desse pano.

* *bico-chumbo* [biko šũbo], subst. ant. e act.

Nome dum pequeno pássaro semelhante ao pintassilgo, a que a credice popular chinesa atribui a faculdade de indicar o futuro ou a “sina” das pessoas. Ainda hoje, nos locais mais populosos, se vêem homenzinhos com as suas aves, “estabelecidos” para o negócio das consultas: uma ou duas gaiolas com as minús-

culas avezinhas e uma caixa com papéis dobrados, cada um dos quais contém uma *sina*. Quando chega um freguês, o pássaro, devidamente ensinado, sai da gaiola para a mão do dono e retira, com o bico, um dos papelinhos da caixa. As palavras nele contidas são a *sina* do freguês.

Étimo — Suponho que o nome do pássaro, cuja designação científica não consegui apurar, provém da cor de chumbo que tem o bico.

**bife pó-bolacha* [bife pò bulaša], act. Também *bife pó-bolacho*.

Bife (costeleta de porco) panado, isto é, envolvido em ovo e bolacha de água e sal ralada, antes de ser frito. É também chamado *lombo pó-bolacha*. *Pó-bolacha* ou 'pó de bolacha', é a bolacha ralada.

Há quem chame *bife pó-bolacha* à própria bolacha ralada, o que vem a dar combinações como: *peixe bife-pó-bolacha*, ou seja, peixe panado com *pó de bolacha*. V. *bolacha* ou *bolacho*.

bilimbi [bilĩbí], subst. ant. e act.

Fruto do bilimbeiro, árvore da família das Oxalidáceas, *Averroha bilimbi*, Linn. Existente em quintais particulares, mas pouco frequente. Usado em caril e achares. Cf. Ana Maria Amaro, *Catálogo provisório*, p. 96. Gomes da Silva, em *Noções de Hygiene e Medicina Pratica ...* (apud Marques Pereira, *T.S.Y.K*, III, p. 96), citou o *bilimbim* como uma das *frutas ácidas* do Sul da China. O fruto é ou foi também usado na Índia «para caril, achar, balchão e compota», segundo Dalgado, *Gloss.* I, s.v. *bilimbim*.

Étimo — Mal. *balimbing* (Dalgado, *ibid.*).

* *bisbim* [biʃbĩ?], subst. ant. e des.

O mesmo que benjoim?: «Fumo de *bisbim* é bom para tirar savan, isto é ensinado pela Umbelina Gonsalves — 22-3-15». — Receita manuscrita, datada, como se vê, de 1915. Tanto a senhora que registou a receita como a citada Umbelina Gonçalves são já falecidas e não encontrei quem confirmasse o termo. V. *savan*.

bobo [bõbo], subst. ant. e act.

1 — Indivíduo mascarado, no Carnaval. 2 — Pessoa ou coisa ridícula: «Tudo laia tem de ruindade / Est'ung-a *bobo* quarenta óra / Si vós vai na minha casa, / Pinchá de jinela fora» — *Uma descompostura*, in *T.S.Y.K*, II, p. 518. *Bobo de quarenta óra* (hora) ou *quarentora* (q.v.) é um mascarado no Carnaval, mas nesta «descompostura» tem sentido pejorativo e corresponde à segunda acepção dada. Inf.^a 75, descrevendo-nos o vestuário que usava na sua mocidade, teve este comentário: «muito *bobo*, o fato nesse tempo, é uma caricatura!»

Folclore: *Aqui bobo* [ãki bõbo] — estribilho usado nas marchas cantadas e tocadas pelas tunas de rapazes macaenses que antigamente percorriam as ruas da cidade nos dias de Carnaval. Este pitoresco costume desapareceu por completo, mas pessoas de 40 anos ainda se lembram de ver essas tunas na sua infância. As próprias tunas, compostas de mascarados tocando bandolim e outros instrumentos de corda, eram designadas por *àqui bobo*. Cf. *Renasc.* I, n.º 6, p. 575: «Vem cá nôs cantá nosso cantiga de *aqui bobo*.» Não consegui obter, apesar de todos os esforços nesse sentido, qualquer informação sobre os versos que esses mascarados cantavam. As pessoas interrogadas ou os ignoram ou se escusam, dizendo que eram obscenidades para fazer rir.

Comédia de bobo — Chamavam-se antigamente assim representações teatrais, humorísticas, criadas e desempenhadas por amadores, no Carnaval. Eram geralmente em forma de opereta, aproveitando músicas em voga e adaptando-lhes versos *ad hoc*. Encontram-se publicadas na revista *Renascimento*, coligidas pelo Dr. Danilo Barreiros, algumas dessas comédias em que o principal elemento de cómico é o *patoá*, ou crioulo macaísta, no qual são invariavelmente escritas, inclusive programas e convites. Ultimamente tem-se feito reviver esse costume com grande êxito entre as pessoas de meia idade para cima (pois que os jovens já não compreendem totalmente o dialecto) tanto em Macau como em Hong-Kong, onde a “companhia” se desloca para uma ou duas representações dedicadas à comunidade por-

tuguesa que fala ainda, em grande parte, o macaísta. Estão publicadas duas dessas “operetas”, da autoria do macaense Sr. José dos Santos Ferreira, no livrinho *Macau sã assi*, Macau 1968, do mesmo Autor.

Vestí bobo — vestir-se de bobo, mascarar-se pelo Carnaval.

* *boboriça* [buburisa], subst. ant. e act.

«Asneira, falta de tino, acção de bobo, de gente que não tem juízo». — Marques Pereira, *T.S.Y.K*, II, p. 785.

«Sam divéra sinti unga ancusa pesado no coração quando uvi inglesada fazê chacota di nosso *boboriça*» — *Carta de Ung-a Nhonha*, *ib.* II, p. 780. «F. quando escreve um pouco de *boboriça* no jornal...» — inf.^a 50. «Criança faz *boboriça*» — linguagem corrente.

Étimo — Bobo + sufixo *-riça* (por *-rice*?)

bobra [bɔbra], subst. ant. e act.

Abóbora. Cf. “*bóbra*” no indo-port. do Norte, segundo Rodolfo Dalgado e [bóbra] em Cabo Verde, segundo Baltasar Lopes da Silva, *O dial. cr. de C. Verde*, Léxico, s.v. A pronúncia *bobra*, aliás regional na Metrópole, é muito antiga em Macau. V. *bobra-guiné*.

bobra-guiné [bɔbra giné], subst. ant.

Abóbora da Guiné, o mesmo que abóbora-menina (*cucurbita maxima*). A expressão é conhecida por pessoas idosas, mas pouco usada actualmente, sendo substituída pelo simples termo *bobra*, por *bobra-minina* ou *bobra-encarnada*, ou ainda pelo ch. *fán kuá* 番瓜, abóbora estrangeira.

No século XVIII, já a expressão *bobra-guiné* teria sido citada como expressão macaense no *Vocabulário do Ou-Mun-Kei-Lèok* (Monografia de Macau), na transcrição *mó-pá-la kini*, incompreensível para os primeiros comentadores e assim interpretada por R. W. Thompson em *Two synchronic cross-sections...*, p. 45.

boceta [bosęta], [bosęta], subst. ant. e act.

Caixa pequena de laca, madeira ou louça. O termo ouve-se acidentalmente a pessoas idosas ou de meia idade, as quais conhecem também o vocábulo *caixa*. A juventude apenas conhece e usa este último.

bola venenosa [bõla venenõza], act.

Jogo de bola geralmente praticado por meninas. O mesmo que em Portugal, pelo menos em Coimbra, se costuma chamar “mata”. Um risco divide um terreno em dois campos e por sua vez cada campo tem ao fundo, paralelamente ao primeiro, um outro risco para lá do qual ficam as jogadoras “mortas”. Cada grupo procura atingir as jogadoras do outro com a bola e quem for atingido sem conseguir agarrar a bola, “morre”, passando para o fundo do campo contrário. As jogadoras “mortas”, por seu lado, se conseguem apanhar a bola, “matam” com ela as adversárias que estão no campo próximo. O jogo deve ser de origem metropolitana, pois do facto de a bola “matar” proveio certamente o adjectivo *venenosa*.

bolacho [bolaço], [bolašu], subst. ant. e act.

1 — Bolacha, pequeno biscoito, doce ou salgado, em forma circular ou quadrangular: «Comê um pouco *bolacho* com chá» — linguagem corrente.

2 — Bofetada, palmada:

«Num são poco *bulacho*

Que nós tudo leva d'elle

E cada cute Santana

Que rancá cabello com pêle» — *Diálogo entre Augusta (...) e João Fernandes* (1895), em *Renascimento*, II, 1, p. 48.

Fala-se dum professor que dava *bulacho*, palmadas, aos alunos.

* *bolacho-soda* [bulašu sõda], subst. act.

Bolacha de soda, ou seja, bolacha de água e sal.

Étimo — Suponho que o nome é devido a ser a massa fermentada com bicarbonato de sódio.

* *bolo amante* [bolo amãte], ant. e atc.

Bolo tradicional de Macau, a cuja massa, de farinha e ovos, se acrescenta coco ralado e casca de laranja.

Étimo — Desconheço a origem da designação *amante*. *Amante* é apelido de família, vulgar em Macau. Seria o bolo invenção de alguma pessoa com este apelido?

* *bolo bate-pau* [bolo bate páu], ant. e act.

Também chamado, na linguagem culta, *bolo lunar*, é o bolo típico da festividade chinesa da oitava lua, ou seja, Setembro. É um bolinho chinês que os macaenses apreciam, mas não sabem confeccionar. Fundamentalmente, é uma espécie de empada, circular como a lua cheia, formada por uma caixa de massa de farinha, e um recheio pesado e bastante indigesto, o qual admite certas variações. O bolo mais barato, mas o único que pode agradar ao paladar europeu, é de uma massa doce de semente de lótus, tendo geralmente no centro uma gema salgada de ovo de pata. O bolo mais rico inclui no recheio pinhões, pevides de melancia, fruta cristalizada, pedaços de toucinho (!), sem esquecer a indispensável gema de ovo salgado, para desenjoar.

Estes bolos, que se vendem em todas as pastelarias e padarias chinesas por ocasião da referida festividade, são oferecidos pelos chineses às pessoas amigas, em típicas caixas de papelão ou lata, que têm sempre pintada uma paisagem com a lua cheia no seu máximo esplendor, geralmente iluminando um par de namorados, trajados à antiga chinesa.

Sobre esta e outras festividades chinesas, v. Luís G. Gomes, *Festividades chinesas*, Colecção “Notícias de Macau”, Macau 1953.

Étimo — «O bolo bate-pau é o símbolo da lua, os chins chamam-no em dialecto mandarim *yué-ping* e em cantonense *yut-peang* (...). Os macaístas conhecem-no pelo nome de *bate-pau* por ser preparado com um pau em forma de férula, com um orifício no centro onde se metem a massa de farinha e os recheios, carregando com a palma da mão para comprimi-lo bem; e em seguida batem o pau com força, por duas ou três

vezes sobre a mesa, para fazer expelir o bolo que é levado acto contínuo a assar». — Marques Pereira, *T.S.Y.K*, III, p. 393.

* *bolo entena-podre* [bɔlo ẽtɛna pɔdrɐ], ant.

Bolo macaense, de massa muito quebradiça.

Não se faz actualmente, ao que parece. Inf.^a 50 recorda-se de o comer em criança, feito pelo “china merendeiro”, chineses que antigamente vendiam bolos pelas portas, à hora da merenda. A noção geral, porém, entre quem se recorda deste bolo, é que era de origem metropolitana.

Étimo — *Entena*, o mesmo que *antena*, é o nome dado em Macau às vigas que sustentam o telhado das casas. Estas vigas, antigamente de madeira, chamada *madeira de entena* (hoje são de cimento) eram facilmente atacadas pelo caruncho e pela formiga branca, ficando *podres*, isto é, quebradiças e esfareladas. Daí, por comparação, o nome do bolo, segundo suponho.

* *bolo reva* [bɔlo rɛva], ant. e act.

Bolinho seco, redondo, tendo no centro ~~um~~ um pinhão espetado. Em Portugal há também uns bolinhos secos chamados *raivas* ou *raivinhas*, e essa designação deve ser antiga (Cf. Alexandre Herculano, *Lendas e narrativas*, II, 237, *apud Dic. Moraes*, s.v. *raiva*: Bartolomeu... obrigou a sobrinha a levar atados no avental obra de dois arráteis de farinha para fazer umas *raivas*...). A designação do bolo deve ser, portanto, a metropolitana, com a pronuncia local *reva*.

* *bolo sarã-surabe* [bɔlo sɔrɔ́ surɔbe], ant.

Espécie de pão-de-ló cozido em “banho-maria”, coberto de coco ralado e polvilhado com pó de feijão torrado. É um bolo tradicional, que já há pouco quem saiba confeccionar.
Étimo — V. *sarã-surabe*

* *bolo supião* [supiãŋ], [supiãũ], ant. e act.

Bolo seco, semelhante a uma bolacha grossa. É um bolo chinês e é da praxe, se um chinês dá uma festa de casamento ou

“baptizado” (celebração dum mês depois do nascimento duma criança) enviar às pessoas amigas alguns desses bolos: «Logo mandá tamem quanto *bolo supião* que vosso Tio já mandá fazê pra partí pra tudo china-china, apô-apô sua conhecido» — *Carta de Tia Paschoela* (1869), em *Renasc.* I, n.º 3. (O “Tio”, macaense, ia casar-se, mas tratando-se dum texto jocoso de paródia ao dialecto, creio que a alusão ao costume chinês de *partí* (repartir) bolos pelos chineses conhecidos se destinava a efeitos cómicos).

Étimo — O nome do bolo em chinês é *kóng su péang* 江蘇餅. Das palavras *su péang* virá talvez a designação macaense de *supião*.

* *bolontrão*, *bolontrom* [bulõtrõŋ], subst. e adj., ant. e act.

Pessoa gorda, grande e desajeitada: «Vai ná, minha *bolontrão*!/ Sevandija discarado!» — *Uma descompostura*, em *T.S.Y.K*, II, p. 518. (Marques Pereira, *ib.* anota: «estafermo»). «Fulano é um *bolontrom*» — linguagem corrente.

(A forma *bolontrão* ocorre no texto acima citado, anónimo, mas em que a terminação *-ão* acusa a proveniência culta, pois essa pronúncia não devia ser a genuína. Pessoalmente, só ouvimos a forma *bolontrom* e o feminino *bolontrona*).

Étimo — Não encontrámos qualquer indicação consistente, embora suponhamos seja de origem malaia. *Wilkinson* regista o mal. *terong* “beringela” (*Solanum*) e *terong-masam* “tomate”. O termo *terong* é também usado no *papiá cristão* de Malaca, com o mesmo sentido:

«Alá banda esti banda
Cozê bredo *terong*;
Fila, fila di agora (1)
Num sabe cosê sarong.»

(Cf. Prof. P.^e Silva Rego, *Dez dias em Malaca*, in *Bol. Eclesiástico da Diocese de Macau*, Junho de 1932. O ilustre investigador anota: «*Terong* — palavra malaia equivalente à nossa beringela»).

(1) Grafia preferível, cremos, será: *fila-fila di agora*, ‘as raparigas de agora’, com reduplicação do substantivo para indicar o plural.

Tanto a beringela como o tomate são frutos que, pela sua forma, podem sugerir a figura duma pessoa gorda e deselegante. Contudo, é muito incerto que possam ter qualquer relação com o termo macaense *bolontrão* ou *bolontrom*. O mal. *bulan-terang* significa 'lua brilhante'. Poderá haver conexão entre o sentido da palavra mac. e a forma da lua?

bomboli [bõbulí], subst. ant. e act.

Bomboli, ou mais vulgarmente *peixe bomboli*, é o mesmo que *bombilim*, *bombolim* ou ainda *bambolim*. Segundo Dalgado, *Gloss.* I, s.v., o nome científico é *Harpodon nehereus*.

Étimo — O étimo imediato do termo, em Macau, foi sem dúvida o indo-português, que do concani *bombil* o tomou (Cf. Dalgado, *ib.*). As formas *bombilim*, *bombolim*, etc., seriam talvez diminutivos.

* *boncô* [bõkó], subst. e adj. ant. e act.

Corcunda, marreco.

Marques Pereira, *T.S.Y.K*, I, p. 64, anota a expressão "Bica de Chico *Boncô* — corcunda". O termo é ainda corrente.

Étimo — O mal. *bongkok*, "hump-backed" (cf. *Wilkinson* s.v.) parece aceitável como étimo.

* *boniteza* [bonitéza], subst. ant.

Beleza, lindeza.

Usado ainda frequentemente, mas só por pessoas idosas, elogiando, por exemplo uma rapariga bonita: «Qui *boniteza!*»

bonzo [bõzo], fem. *bonza* [bõza], subst. ant. e act.

Religioso ou religiosa dos templos e conventos budistas. «...como *bonzo bonza* comê tafu-mui com bredo...», *Carta de Maria Varê-Rua* (1888) em *T.S.Y.K*, I, p. 124. A frase significa 'comer *tafu-mui* ou *taufu-mui* (q.v.) com hortaliça (*breda*) como os bonzos e as bonzas', isto é, comida vegetariana e frugal como a dos monges budistas.

Étimo — Segundo *Hobson-Jobson*, s.v. *bonze*, o termo é aplicado há muito pelos europeus para designar os sacerdotes budistas, mas começou a ser usado pelos primeiros visitantes portugueses do Japão; a sua origem não é muito clara, mas um religioso é em japonês *bonzi* ou *bonzô* ou ainda *bo-zi*. Ainda segundo o mesmo dicionário, a palavra foi usada pela primeira vez por Jorge Álvares (um dos primeiros portugueses que visitaram o Japão) e um pouco mais tarde por S. Francisco Xavier. (V. também Dalgado, *Gloss.* I, s.v.).

botar [botá] verbo ant.

Pôr.

Muito frequente nos textos em crioulo e ainda hoje usado por pessoas idosas.

botica [botika], subst. ant.

«Nome com que são designadas, como antigamente no reino, as lojas de Macau» — Marques Pereira, *T.S.Y.K.*, II, p. 45.

«Entrei em muitas *boticas* como ali [em Macau] se chamam as lojas e as casas de comércio, para fazer aquisição de diversos objectos» — Adolfo Loureiro, *No Oriente* (1883), I, p. 313 (*apud* Dalgado, *Gloss.* I, s.v.).

Actualmente a palavra só se ouve a pessoas muito idosas, mas aparece frequentemente nos textos em crioulo: «...Mandá fazê torada, comprá manteguilha na *botica* de barbero...» — *Carta de Siára Pancha a Nhim Miquela* (1865), em *Renasc.* I, n.º 1, p. 30. Gonçalves Viana em *Apostilas*, I, p. 21, tratando desta palavra, acrescenta: «ainda hoje chamamos *botica do chèche* a uma loja de miudezas diversas, expressão que provavelmente nos veio de Macau e aí quererá dizer o mesmo, e na qual o epíteto deve corresponder ao chinês *chau-chau* “conservas” ou a outro vocábulo análogo». Não creio que *chau-chau* tivesse aqui o sentido de *conservas*, mas precisamente o de «miudezas diversas», *mistura* de vários artigos, que é ainda o sentido corrente do termo. (V. *chau-chau*).

Não encontrei quem conhecesse a expressão *botica do chèche* ou *botica do chau-chau*, mas R. W. Thompson refere-se à expressão

chow-chow shop, exactamente correspondente, usada no Oriente pelos fins do século passado, significando uma loja onde se podia comprar tudo. (Cf. R. W. Thompson, *Pidgin Languages*, no jornal *The China Mail*, Hong-Kong, 10-5-1958).

boy [bõj], subst. ant.?, act.

O termo é usado correntemente entre os portugueses de Macau para designar os criados dos cafés, restaurantes e hotéis (a quem também se chama, em chinês, *fóquei*) e certos empregados domésticos de maior categoria que sabem servir à mesa, enfeitar as travessas, arranjar flores, etc. Muitas donas de casa contratam por algumas horas um *boy* para servir um jantar ou um chá.

Um indício das transformações sociais que se estão processando nos nossos dias é que a palavra parece ter caído em desagrado e tem tendência a desaparecer. Nalguns cafés e restaurantes, os empregados de mesa usam já ao peito uma pequena placa com o seu número e o seu nome próprio, pelo qual, certamente, desejam ser chamados e não por *boy*.

Em 1958 ainda R. W. Thompson dizia: «All over East Asia this word is used by Europeans in the sense of “servant”. According to *Hobson Jobson* it was once used in this way in Jamaica and other West Indian islands. I have not heard it so used in the West Indies, although “house-boy” as in general English does exist.» (Cf. R. W. Thompson, *Pidgin Languages*, no jornal *The China Mail*, Hong-Kong, 24-5-58).

Não encontrei o termo no crioulo de Macau. O criado doméstico era o *moço* e da designação dos criados de restaurantes ou “casas de chá”, únicos estabelecimentos do género que devia haver nos tempos mais antigos, não conheço notícia. No entanto, é possível que a palavra seja antiga em Macau, uma vez que foi usada largamente no indo-português, sendo, segundo Dalgado, *Gloss. I*, a primeira referência de 1511, numa *Carta* de Afonso de Albuquerque.

Étimo — Segundo ainda Dalgado, *ibidem*, não é o inglês *boy* (rapaz), mas o concani *bhôi*, que se encontra em outras línguas neo-árnicas, como marata, guzarate, hindustani, oria.

«... os ingleses começaram a empregar o vocábulo, no sentido indiano, no Malabar e no Concão, onde se exerceu mais a influência portuguesa, e depois o generalizaram, pela analogia que tinha com a palavra da sua língua.»

V. também Edgar C. Knowlton, J.^{or}, *Antão de Proença's Vocabulário tamúlico lusitano: Indo-portuguese elements*, p. 5, in *Tamil Culture*, vol. XI, n.º 2, Abril-Junho 1964, pp. 135-164.

brajero [bražero], adj. ant.

Brejeiro, maroto. Aparece com frequência nos textos em crioulo e ouve-se ainda a pessoas idosas. Inf.^a 76, cantando-nos uma canção da sua mocidade, usou a pronúncia acima indicada:

«Estudantes
Tudo sã *brajéro*, [bražero]
Todos a gozar
Quando há dinheiro.»

Na linguagem actual foi substituído por *malandro*.

* *brasel* [bražêl], subst. ant?

O mesmo que *brasiê* (q.v.), e deturpação desta forma.

Só ouvi o termo uma vez à inf.^a 76, descrevendo o vestuário que usava na mocidade: «Eu nunca usá *brasel*.»

Outras informadoras usaram o termo *cutão* (q.v.).

* *brasiê* [brazié], subst. act.

Peça do vestuário feminino, o mesmo que o francês “soutient gorge”, designado geralmente no português da Metrópole por *soutient*.

O termo não existia no crioulo, uma vez que não existia também a peça de roupa correspondente. As mulheres de há 50 ou mais anos usavam o *cutão* (q.v.), corpete bem justo que descia até à cintura.

Étimo — Do francês *brassière*.

*bre*do [brɛdo], subst. ant.

«Hortaliça, couves. É termo português e bastante usado pelos nossos clássicos» — Marques Pereira, *T.S.Y.K*, I, p. 66. A palavra ocorre frequentemente nos textos em crioulo, mas actualmente só pessoas muito idosas a empregam.

A palavra *bre*do designa propriamente uma erva comestível (Cf. *Dic. Moraes* e Ana Maria Amaro, *Catálogo provisório*, p. 56: «*Amarantus Blitum*, Linn. Nos lugares vagos e ao longo dos caminhos»). No entanto em Macau generalizou-se com o sentido de ‘hortaliça, verdura’, o mesmo acontecendo no *papiá cristão* de Malaca:

«Ala banda, esti banda
Cozê *bre*do terong,
Fila-fila di agora
Num sabe cosê sarong» (1)

* *bre*do *raba-raba* ou *rava-rava*, ant.

Mistura de hortaliças baratas, de fraca qualidade.

Hoje usa-se a expressão, com sentido jocoso, significando coisa insignificante, sem valor: «Isso é *bre*do *raba-raba*», ‘isso não vale nada’. V. *Raba-raba*.

brinco [brĩko], subst. ant. e act. Geralmente no diminutivo *brinquinho*.

Em Macau, *brincos*, *brinquinhos*, não são apenas os ornamentos usados nas orelhas, mas também os *brinquedos das crianças* e ainda *pequenos objectos que servem de adorno* quer das casas quer das pessoas, como bibelôs de pequenas dimensões, berloques de pendurar nas pulseiras ou nos fios do pescoço, etc.

O termo é corrente na linguagem actual. Embora o tenha ouvido a pessoas velhas, não o encontrei nos textos em dialecto. Contudo este sentido de ‘objecto de adorno’ é antigo em Por-

(1) Cf. neste *Glossário* a rubrica *bolontrão*.

tugal e foi usado pelos nossos escritores orientalistas, como Fernão Mendes Pinto, Frei Gaspar da Cruz e outros. (Cf. Gonçalves Viana, *Apostilas*, I, p. 169).

brulhar [bruʎá], verbo, ant. e act.

O mesmo que *embrulhar*, com aférese muito comum em Macau, como em *cerar* (encerar), *gomar* (engomar) e outros. O mesmo fenómeno é vulgar noutros crioulos, como o de Cabo Verde (cf. Baltazar Lopes da Silva, *O dialecto crioulo de Cabo Verde*, p. 127).

bucho de peixe [bušo de pejše], ant. e act.

«É o estômago de tubarão, estendido e seco ao sol, adquirindo por isso uma cor amarelada. É importado dos mares da Oceânia e do Golfo Pérsico. Tem um aspecto cartilaginoso. Consume-se grande quantidade desta iguaria em Macau e na província de Cantão, apesar de ser considerado um artigo de luxo nas mesas chinesas» — Marques Pereira, *T. S. Y. K.*, II, p. 459.

O *bucho de peixe* usa-se também em pratos macaenses.

bufra, subst. ant. e des.

É possível que ocorresse também o masculino *bufro*. É o búfalo doméstico da China, mais vulgar nestas paragens do que o boi. A própria “carne de vaca” que se vende no mercado é frequentemente carne de búfalo. Distingue-se pela cor, mais escura do que a da carne de vaca e pelo sabor, que tem um certo bodum.

Búfaro e *búfara* (mais usado) foram também usados no indo-português e pelos nossos escritores indianistas (cf. Dalgado, *Gloss.* I, s.v. *búfara*). Também *bufrinh* no indo-português de Damão, segundo Dalgado, *Indo-português de Damão*, em *T.S.Y.K.*, III, p. 364.

bugio [bugíu], subst. ant. e act.

1 — O mesmo que macaco; 2 — pessoa magra, enfezada.

Em Macau fazem-se certas mezinhas (geralmente supersticiosas) para tratar “*criança bugio*”, criança que ficou magra e enfezada devido a *mau olhado* ou *mau ar*.

O termo *macaco* é também usado no mesmo sentido por pessoas de vocabulário mais moderno: «*Fulano* qui magro! *Macaco, macaco!*»

buião [buiãŋ], [buiãu], subst. ant. e act.

O mesmo que *boião*, designando geralmente um pequeno pote de barro não vidrado, com tampa.

A pronúncia [buiãŋ] é a antiga, ouvida à inf.^a 90, já falecida. Pessoas de meia idade pronunciam [buiãu], mas actualmente o termo é frequentemente substituído pelo ch. *âm chông* 掩盅 que, aliás, também já era usado pelos fins do século passado (V. *amechon*).

buiã-bico [buiãŋ biko], subst. ant.

Espécie de bilha para água, de barro vidrado, com um bico dum lado e uma pega do outro.

Citado por pessoas idosas.

Étimo — boião de bico.

bule-bule [buli buli], [bul^ə bul^ə], subst. ant? act.

Nome dado a várias espécies de pássaros da família *Pycnotidae*. Há uma descrição pormenorizada das várias espécies existentes em Hong-Kong (as quais devem ser as mesmas de Macau) em G. A. C. Kerklots, *Hong Kong birds*, H. Kong, 1957. Estas aves são aí chamadas *bulbul*. Suponho que o *bule-bule* de Macau é o mesmo que o *bulbul* de Hong Kong e que se passou a pronunciar aqui *búli-búli* ou *bule-bule* por etimologia popular de *bulir*.

Étimo — A palavra não deve provir do *pidgin* de Hong-Kong, mas directamente do indo-português. Cf. Dalgado, *Gloss.* I s.v. *bulbulo*: «*bulbulo, burbulo* (em indo-inglês *bulbul*). Pássaro canoro da Índia — *Lanius bouboul*, Lath., *Ixos jocosus*. Há muitas variedades. Do persa *bul-bul*, rouxinol».

* *bule-bulebatê-cu*, subst. act.

Pássaro semelhante ao *bule-bule*, mas que caminha com grande rapidez, batendo com a cauda no chão, donde o nome. Não deve ser um verdadeiro *bulbul* da família *Pycnotidae*, mas sim da família *Motacillidae*. Cf. G. A. C. Kerklots, *Hong Kong birds*, p. 95: On the ground they run rapidly. *Wagtails* have the habit of bobbing the head and wagging the tail up and down.»

* *bur-bur* [burbúr], subst. ant. e act.

Mais vulgarmente dito *peixe bur-bur*. «Peixe do mar, sem espinha»? É esta a explicação dada por vários informadores, mas não consegui identificar o peixe nem apurar o seu nome científico. «*Peixe burbur* vem assim uma folha, uma folha (em folhas), molha para tirar o sal e passa tacho com pepino. Fica torado» (torrado) — inf.^a 65. Suponho que é um molusco e não um peixe.

Étimo — Não possuo elementos de informação.

Folclore:

Este “peixe” foi objecto duma adivinha antiga, publicada por Marques Pereira em *T.S.Y.K*, I, p. 319 e reproduzida por Danilo Barreiros em *Renasc.*, vol. III, n.º 6, p. 612:

«Divinhá,

divinhá:

Pece de mar

nom tem espinha.

Sã: *Pece bur-bur*» (peixe bur-bur).

burra [buña], [buña], *burro* [buño], [buño], subst. act.

Espécie de cama de campanha, de lona esticada sobre uma armação de madeira com pés móveis, à maneira de cadeira de praia.

É muito usada para dormir no verão, por ser uma cama fresca e facilmente transportável para o lugar mais ventilado da casa.

Burra e *burro* têm também o sentido normal de 'animal de carga' e 'pessoa estúpida'.

C

cabaia [kabaja], subst. ant. e act.

1 — Casaco chinês, curto, de manga quimono, tanto de homem como de mulher; 2 — túnica chinesa de homem, comprida até aos pés, com longas mangas que se dobram nos punhos (usada actualmente só como traje de cerimónia); 3 — vestido chinês de mulher, liso e cingido ao corpo, de gola alta e aberturas aos lados, à altura das coxas; 4 — blusão de pano fino, usado antigamente como traje caseiro das mulheres macaenses (V. *baju*); 5 — casaco de pijama, de homem ou de mulher.

A cabaia curta, acolchoada, é muito usada no inverno pelos macaenses, tanto homens como mulheres, distinguindo-se a masculina da feminina pelo corte e pela cor. O vestido chinês, mais vulgarmente chamado *cheong sám*, era também bastante usado pelas raparigas e senhoras macaenses há uns vinte anos, quer no inverno, finamente acolchoado, por ser quente e confortável, quer no verão, em sedas leves e garridas, por ser um vestido mais económico que o europeu. Actualmente, porém, a cabaia de verão tende a desaparecer, não só entre as macaenses como entre as próprias chinesas, uma vez que deixou de ser económica e que, com sua rígida gola alta, nunca foi confortável para o calor.

Étimo — V. Dalgado, *Gloss.* I s.v. *cabaia* e *Hobson-Jobson* s.v. *cabaya*.

Folclore: O termo, com o sentido de blusa, blusão ou casaco curto, entra numa adivinha antiga:

«Ung-a véla (velha)
cabelo branco,
visti *cabaia* branco,
saia verde.

Sã: çabola» (cebola). *Apud* Marques Pereira, *T.S.Y.K*, II, p. 515.

cabeça [kãbɛsa], [kãbɛsa], subst. ant. e act.

1 — Sentido normal.

2 — Chefe, dirigente: *cabeça de culi*, carregador, geralmente dos cais, que tem sob a sua direcção um certo número de homens, também carregadores (linguagem actual); *cabeça de lorcha*, chefe da tripulação (“*Carta*” de 1870, em *Renasc.*, vol. I, n.º 3, p. 241). No *Vocabulário do Ou-Mun-Kei-Lèok* ou *Monografia de Macau*, p. 229, dá-se a transcrição *Ka-pei-sá nou-a*, que Luís Gomes interpreta *cabeça de rua* e C. R. Bawden *cabeça rua*. A expressão, registada nesse vocabulário do séc. XVIII e hoje completamente desusada e até desconhecida, devia significar um indivíduo chinês encarregado de vigilância policial em determinada rua, possivelmente a mesma onde morava. (Cf. R. W. Thompson, *Two synchronic cross-sections...*, p. 42, nota 3).

A palavra usa-se também, correntemente, na expressão plebeia *teu cabeça!* ou *tua cabeça!* (mais raro), usada quando se discorda do interlocutor:

— «Sopa salgado, é n'é?

— Salgado, *teu cabeça!* Assim bom.»

A expressão parece ser tradução literal do ch. popular *nei ké t'âu!* que tem o mesmo sentido.

Também a palavra *t'âu*, ‘cabeça’, é usada em chinês com o sentido de ‘chefe’, mas esta acepção não é desconhecida no português normal, pelo que não se pode atribuir, em Macau, a influência chinesa.

* *cabeça-de-bonzo*, subst., ant.? act.

Espécie de sopa, cozinhada em *banho-maria* na casca duma abóbora cambalenga cuja polpa faz parte da própria sopa.

Étimo — Escolhe-se geralmente, para esta sopa, uma cambalenga pequena e redonda. Com a sua casca muito lisa, faz lembrar a cabeça rapada dos bonzos chineses.

* *cabelo de bonzo* [kabelo d^o bõzo], subst. ant.? act.

Alga marinha, filamentosa e de cor quase preta. Variedade de *agar-agar* (q.v.). Entra em pratos da culinária chinesa e dela se faz também uma gelatina castanha-escura, nutritiva e fresca, apreciada no verão pelos chineses e pelos macaenses. Esta gelatina ou geleia é designada pelo nome chinês *leóng-fân* 凉粉.

Não encontrei a palavra em textos antigos, mas tenho-a ouvido frequentemente na linguagem actual e na das pessoas idosas.

Étimo — A alga é filamentosa e escura, assemelhando-se, depois de cozinhada, a cabelos pretos. É usada especialmente no cozinhado vegetariano *cháí* 齋 característico da alimentação dos *bonzos* chineses. Daí, suponho, lhe veio o nome.

Os chineses chamam-lhe *fat-ch'ói*, 'hortaliça-cabelo', sendo o nome chinês muitas vezes usado pelos macaenses, sobretudo os mais jovens.

* *cabuz* [kabúf], subst. ant.? act.

Mais vulgarmente *peixe cabuz*. Peixinho muito comum à beira-rio e geralmente aí pescado à linha.

Linguagem corrente.

Étimo — Não pude apurar o étimo nem o nome científico, mas existe em Portugal a designação *caboz* ou *cabós*, «nome de várias espécies de peixes marítimos, da família dos gobióides» (*Lello Universal*, vol. I, s.v. *cabós*).

É possível que seja esse termo a origem de *cabuz*.

cacada [kakada], subst. ant.

Gargalhada. «Largá ung-a cacada» — dar uma gargalhada.

«Olá gente cai na mar / vós largá ung-a *cacada*?! / — Aiá! mar nunca sã fundo, / qui foi meó, non tén nada!» — em «*Ajuste de casamento...*», *T.S.Y.K*, I, p. 57 sg. Marques Pereira, *ib.* p. 64, anota: «gargalhada. No dialecto norteiro da Índia (...) também se diz *cacada* com essa mesma significação».

Étimo — Dalgado, *Indo-Português do Norte* (Vocabulário), regista *cacad*, gargalhada, como proveniente do *concani*. Con-

tudo a palavra com esta acepção também é usada em Portugal (Cf. *Dic. Morais*, s.v.). Não será a palavra onomatopaica?

* *caçada*, subst. ant.? des.

Tareia, tosa? «E pobre de apô apô que chegá de faltá amor santo para com sua marido, que de *caçada* nadi levá...». (e pobre da mulher que faltar com amor santo a seu marido, que de pancada (?) não há-de levar...) — *Carta de Maria Varê Rua*, T.S.Y.K, I, p. 124.

Marques Pereira, *ib.*, p. 125, anota: «Pancada, tosa», como parece de facto depreender-se do contexto.

Não encontrei outro texto nem qualquer pessoa que pudesse confirmar a palavra, pelo que é duvidoso que fosse alguma vez de uso corrente.

* *cacai* [kəkaj], subst. e adj. ant.? act.

Vesgo, zanolho, com qualquer defeito num dos olhos. Tenho ouvido na linguagem actual “o *Cacai*” para designar um homem nestas condições, ou, como apelido (alcunha), por exemplo: Afonso *Cacai*. Também se diz “fulano é *cacai*”.

Étimo — A palavra não provém do chinês nem parece provir de qualquer língua oriental relacionada com o macaense.

É opinião corrente em Macau que a sua origem é o inglês *cock-eyed*, estrábico. Este étimo parece plausível, sendo a palavra certamente importada através de Hong-Kong.

* *cachir* [kəçĩ], verbo, ani.

Morder, trincar, cortar com os dentes: «*cachí* pão» (Inf.^a 60, fazendo o gesto de dar uma dentada no pão para comer um pedaço). Cf. também José dos Santos Ferreira, *Macau sã assi*, Macau, 1967, p. 106: «*Cachí* — Morder; mastigar. Cortar com os dentes» (*mastigar*, certamente por *trincar*).

Étimo — Não possuo elementos seguros para o determinar, mas os macaenses, assim como os chineses, apreciam muito as pevides de melancia chamadas *kuá chi* [kua čĩ] 瓜子 (q.v.) e,

para as comer, trincam a casca com os dentes incisivos de tal modo que esta abre em duas, deixando a polpa a descoberto. No Ano Novo Chinês, principalmente, só se ouve por toda a parte o *troc, troc* do *kuá chi* a estalar entre os dentes.

Poderia esta palavra ter sido usada para indicar o acto de *morder, trincar*? Note-se que a forma corrente é *cachí* [kaçí] e não *cachir*, que apenas foi dada para uniformizar a grafia dos verbos.

* *cachipe* [kaçipe], adj. ant.

Avarento. Citado por inf.^a 55 como palavra antiga: «F. muito *cachipe*». Conhecido apenas por pessoas idosas.

Étimo — O mal. *Kachip* designa uma espécie de alicate para cortar a noz de areca, semelhante, creio, ao *chilicati* (q.v.), (Cf. *Wilkinson* e Sir Richard Winstedt, *A Practical Malay-English Dictionary*, Kuala Lumpur, Singapore 1964: *Kachip*, «betel-nut scissors»).

A palavra *cachipe* não parece ser já conhecida em Macau com esse sentido, mas é possível que o tenha tido primitivamente. Do movimento de fechar o punho para apertar o alicate, ou do próprio acto de apertar, poderá ter vindo o sentido de ‘que fecha a mão, que não larga o seu dinheiro, avarento’? Em Macau também se usa, para designar uma pessoa avarenta, a expressão *mão fechado*. Cf. ainda *cachipiado*.

Note-se que a palavra *kachip* não é exclusiva do malaio, mas tem larga expansão no Sul da Ásia, havendo quem a considere de provável origem tamúlica, segundo informações do ilustre linguista Prof. Edgar C. Knowlton J.^{or}, da Universidade de Havai, em carta de 17-4-1966. Contudo, se entrou em Macau, foi certamente por via do malaio.

* *cachipiado* [kaçipiado], adj. ant.

Apertado, entalado: «...eu já ficá *cachipiado* traz (1) de porta pra repará bem fêto sua cara». — *Carta de Tia Paschoela*,

(1) Leia-se *trás* de porta.

em *Renasc.*, vol. 1, n.º 1, p. 36. Inf.^a 55 cita o exemplo: *cachipiado*, apertado, como num banco entre duas pessoas.

Étimo — É evidente a relação com *cachipe*, o que parece corroborar a hipótese de *cachipe* ter sido primitivamente ‘alicate’, ‘tesoura’ para cortar areca e só depois ‘avarento’.

Cachipiado seria ‘apertado, entalado’, como a areca no alicate, para ser cortada.

* *cachivachi* [kačivači], adj. ant.

Medíocre, reles, grosseiro: gente *cachivachi*. Inf.^a 70, interrogada sobre o sentido de *gente raba-raba* (v. *raba-raba*) explicou: «é gente ordinária, gente *cachivachi*».

Étimo — Desconheço. Não é certamente chinês. O mal. *kechik* ou *kechil* «small, inferior», ou *keji* «discreditable, disgraceful» (cf. Wilkinson) poderia talvez ter relação com o elemento *cachi-*, mas o valor adjectivo que teria esse elemento não está de acordo com a posição do adjectivo em malaio, onde geralmente o adjectivo vem *depois* do substantivo.

cachorro [kačoro?], [kašõõ], subst. ant.

O mesmo que *cão*. Marques Pereira, *T.S.Y.K*, I, p. 326: «Em macaísta não se usa o nome de cão, mas unicamente o de *cachorro*». *Cachoro fêmea* era usado em vez de *cadela*, assim como *rato fêmea*, *lobo fêmea*, etc. (*Id. ib.*, p. 126).

Actualmente, porém, tenho sempre ouvido os termos *cão* e *cadela*. *Cachorro* tem o sentido normal.

Folclore — Adivinha antiga:

«Ung-a cadéra

Tem quatro pé,

Dos avano cô ung-a bandéra (*dois abanos com uma*
Batê, batê. *bandeira*)

Sã: *cachorro*».

(Publicada por Marques Pereira, *ib.*, p. 320.

cacoeta [kakueta], adj. ant? act.

Indivíduo que tem tiques nervosos, como piscar os olhos, torcer o rosto, etc.: «Fulano é *cacoeta*» — linguagem corrente.

Étimo — De *cacoete*, «mau hábito corporal, como torcer o rosto, fazer gestos feios ou ridículos, repetir palavras que não vêm a propósito, etc.» (*Dic. Morais*).

* *cacus* [kakúf], subst. ant. e act.

Sentina. «Nhum Lulú tomá paciência / Agóra já sou vosso nora, / Escondê cara na *cacuz*, (sic) / Nemestê más sái pra fóra» — *O casamento de Joanarinho*, em *Renasc.*, vol. II, n.º 4, p. 339. Inf.^a 55 cita como frase corrente «Ora vai pra *cacus!*», expressão plebeia, indicando impaciência ou ira.

Étimo — O mal. *kakus* ou *karkus* 'retrete, latrina', de origem holandesa, passou ao mal.-port. *cacus*, com o mesmo sentido e daí terá vindo para o macaense.

Cf. *A Malay-English Dictionary*, Part I (London, 1955, Macmillan and Co. Ltd.), p. 496: «*kakus* (N. I. from Dutch *Kakhuis*), «privy, W. C. Also *karkus*». Também o Prof. P.^e António da Silva Rego, *Dialecto português de Malaca. Apontamentos para o seu estudo* (Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1942, p. 119): «*cacus*, Retrete. Do holandês *Kakhuis*». Segundo o Prof. E. C. Knowlton, da Universidade de Havai, a cuja gentileza devemos a bibliografia e referências sobre esta palavra, a mesma é bem conhecida em Malaca como uma das poucas palavras holandesas empregadas no mal.-port. Creio que essa aceitação no dialecto terá sido devida ao facto de a palavra holandesa (1) ser de origem latina e relacionada, como várias afins em português, com o lat. *cacare*.

A palavra é usada também no tamil com ligeira variante de sentido. *kakus* é 'secreção' e *kakus kāmara* é 'sentina' (Cf. G. B. Wells, *Dictionary of Colloquial Tamil*, Colombo 1932).

(1) Cf. J. M. CALISCH, *New Complete Dictionary of the English and Dutch Languages*, 2.^a ed., Tiel, c. 1892, Pt. 2, p. 332: «*kakhuis* — privy, house of office».

É curioso a este respeito que um informador de meia idade se recorda de, em Macau, *cacus* ser especialmente um cubículo fora de casa, usado como sentina no tempo da sua infância, quando não havia casas de banho como as actuais. O mesmo sentido de cubículo, quartinho, é sem dúvida o do tam. *kāmara*.

É evidente que a palavra entrou no malaio e no mal.-port. durante a ocupação holandesa de Malaca e não antes, mas como a comunidade malaio-portuguesa não desapareceu depois de perdermos Malaca e o seu contacto com Macau se manteve através dos séculos, facilmente a palavra se teria introduzido posteriormente no macaísta.

* *cadacê* [kadasé], pronome ant.

«Cada um, cada qual» — José dos Santos Ferreira, *Macau sã assim*, Macau 1967, p. 106. *Id. ib.*, p. 54: «Bôbo-bôbo de agora / Nuncassá cubrí su rosto; / máscra têm, cada unga ora, / *Cadacê* co unga gosto.» Nos textos em crioulo, dos fins do século passado e princípios deste, não encontrei o termo.

Étimo — De *cada* + *você*?

cadera [kadeɾa], subst. ant.

Anca ou nádega; as costas na altura dos rins. *Dói cadéra, dor de cadéra* — expressões ouvidas frequentemente a pessoas muito idosas significando dores nas nádegas (quando uma pessoa está de cama muito tempo) ou dores nos rins.

Actualmente *cadeira* [kadejɾa] tem o sentido normal.

cafelar [kafəlá], *cafular* [kafulá], verbo ant.

Rebocar uma parede, cobrir com estuque; remendar as paredes, i.e., consertar o reboco: «Casa velha, sempre precisa *cafulá*» — inf. 55.

Étimo — de *cafelo* (q.v.).

cafelo [kafelo], subst. ant.

Dic. Moraes aponta *cafelo* como provincianismo, significando «primeiro reboco ou argamassa das paredes». Em Macau sobreviveu este provincianismo, mas no sentido de qualquer reboco ou remendo de paredes e não no de ‘primeiro reboco’.

cafre [kafre], subst. ant. e des.

Negro africano. A palavra foi muito usada nos tempos antigos, porque muitos portugueses de Macau, ou aqui residentes, tinham em casa escravos africanos.

Até ao século XVIII, pelo menos, fazia-se, como na Índia Portuguesa, distinção entre os *cafres* e os restantes africanos: «Mandou botar bando, que, se algum *preto*, *cafre*, timor, tiver pendência com china, nenhum outro timor, *cafre* ou *preto* lhe acuda...» — Frei José de Jesus Maria, *Ásia Sílica e Japónica*, ed. Boxer, vol. II, p. 123. (Cf. Pyrard de Laval, 1615, *Viagem II*, p. 54: «Negro ou negra da Guiné são os da banda ocidental da África, os da banda oriental são na Índia conhecidos pelo nome de *cafres*» — *apud* Dalgado, *Gloss.*, s.v.).

A palavra é muito pouco usada no falar actual de Macau, sendo os soldados africanos, que até há cerca de 20 anos aqui faziam o serviço militar, designados pelo nome genérico de *landins*.

Folclore: *Cafre* ocorre com frequência em adivinhas antigas, como:

«Ung-a casa cô tanto canto
Telado verde, parede vermelo,
Padri *cafre* chapado na canto.

Sã: Pateca». — *In T.S.Y.K*, I, p. 319. *Pateca* é melancia. *Padri cafre* são as pevides pretas.

cafular [kafulá], Vide *cafelar*.

caia [kája], subst. ant.

Mosquiteiro: espécie de cortinado, antigamente de pano fino e transparente, hoje de tule de algodão ou “nylon”, com

que se cobrem as camas como protecção contra os mosquitos, formando uma espécie de tenda.

Actualmente *mosquiteiro* é o termo corrente, mas ainda ouvi acidentalmente a uma mulher dos seus quarenta anos a palavra *caia* com este sentido.

Étimo — O *Dic. Moraes* regista o uso da palavra em Macau, mas como sendo termo da Índia Portuguesa. Esta opinião tem sido repetida por outros autores, contudo é estranho que Dalgado não registasse o termo no seu *Glossário*. Mesmo que fosse usado no indo-português, não é necessário que entrasse em Macau por essa via. É conhecido o étimo japonês *kaia* ou *ka-ya* e a palavra deve ter tido larga expansão no Sul da Ásia. (Cf. L. Lanier, *Étude historique sur les relations de la France et du Royaume de Siam de 1662 à 1703*, Versailles 1883, p. 110: «une *caye* ou rideau de mousseline propre à le garantir des insupportables piqûres des maringouins». *Apud* R. W. Thompson. *Two synchronic cross-sections*, p. 47).

caixa [kajša], subst. ant. e des. na 1.^a e 2.^a acepções abaixo indicadas.

1 — Pequena moeda de cobre; 2 — medida de peso, décima parte do *condorim*, usada antigamente em Macau para pesar a prata utilizada como moeda nas transacções comerciais; 3 — arca de cânfora ou teca, lavrada com desenhos chineses e destinada a guardar roupas; 4 — o mesmo que no português normal.

A acepção 1 — é dada por autores de comprovada autoridade e foi corrente em Macau pelo menos até ao século XVIII. Hoje é completamente desusada, empregando-se em seu lugar, para designar ‘moeda à vista’, ‘dinheiro de contado’, o termo de Hon-Kong *cash* [kěš], o que é um curioso exemplo de palavra de torna-viagem, pois que o termo de Hong-Kong é anglo-indiano de origem e foi importado do indo-português *caixa*. (Cf. R. W. Thompson, *Pidgin Languages*, no jornal *The China Mail*, Hong-Kong 31-5-1958).

Étimo — V. Dalgado, *Gloss.* I, s.v. e Marques Pereira, *T.S.Y.K.* IV, p. 720. R. W. Thompson, *ib.*: «The Portuguese

form *caixa* is presumably contaminated by the traditional word meaning chest.»

caixão; caixão-terno — V. *caxão e caxão-terno*.

* *cajão* [kaʒãu] [kaʒãŋ?], subst. ant. e act.

Inf.^a 60, cuja pronúncia registamos, citou a palavra a propósito de *abano de cajão* (v. *abano*), leque feito de uma espécie de folha de palmeira, muito larga e dura. A inf.^a antigamente comprava esses leques de *cajão* para servirem de abano na cozinha.

Étimo — O *Dic. Moraes* regista *cajão* e *cajano*, plantas papilionáceas, e Cândido de Figueiredo acrescenta, para *cajano*, “ervilha de Angola”. Curiosamente, encontramos em mal. *kachang*, «a generic name for beans», e *kachang kayu*, «the Indian dall (*Cajanus indicus*)» (*Wilkinson*). O mal. *kachang* poderia mesmo, foneticamente, ser o étimo directo do mac. *cajão*, contudo não parece tratar-se da mesma espécie de plantas.

Por outro lado, *Wilkinson* regista ainda o mal. *kajang*, «waterproof matting of *pandan* or *mengkuang*, used on boats and carts.» Tanto *pandan* como *mengkuang* são árvores do género *Pandanus* «cujas folhas podem servir para fabricar ceiras e esteiras». A chamada folha de *cajão*, que observei em Macau, tem o aspecto de folha impermeável, como o pandano. É possível que se tenha dado a confusão entre a folha e a esteira feita da mesma, e que o étimo da palavra seja o mal. *kajang*.

* *calça-moura* [kaʎsa moʁa], subst. ant.

Calças de homem, de pano fino, para dormir ou trazer por casa com o *baniane* (q.v.), formando um conjunto correspondente ao actual pijama.

(Note-se que em Macau se usa sempre o singular *calça* a não ser que se fale de várias peças).

Étimo — *Calça-moura* dizia-se por semelhança com as calças usadas pelos indianos não portugueses, os quais são aqui designados pelo nome genérico de *mouros*.

camalenga [kamalẽga], *cambalenga* [kãbalẽga], subst. ant e act.

Variedade de abóbora, de casca verde e polpa branca. O mesmo que *camolenga* e *jerimu*, termo desconhecido em Macau.

Esta abóbora é muito usada em Macau, tanto por chineses como por macaenses. Dela se fazem caldos «que dão frescura», é acompanhamento vegetal para vários pratos, é apreciada como conserva ácida e como doce cristalizado. As senhoras macaenses fazem dela uma compota excelente, semelhante à de abóbora chila.

Actualmente é mais vulgar o termo ch. *tong kuá*.

cambrám [kãbrãŋ?], [kãmarãŋ], [kãmarãu], subst. ant. e act.

Camarão (crustáceo).

A primeira pronúncia já não é usada, mas encontra-se aproximadamente registada nos textos em dialecto: «Mosquito dá caçada (cacada?), Cathrina, / Manduco limpá *cambrám* / Grilho tocá guitarra, Cathrina, / Cobra sandê lampiám. / «— *Paródia à Bastiana*, T.S.Y.K, I, p. 240. Marques Pereira, *ib.*, p. 262, anota: «*Manduco limpá cambrám* — A rã descasca camarões».

Dalgado, *Indo-português do Norte* (Vocabulário) regista também «*cambrão*, camarão». [kãmarãŋ] é a pronúncia habitual das pessoas idosas de Macau (inf.^a 65), mas já alterna frequentemente com [kãmarãu].

**cambrám mizona*, ant.

Variedade de camarão: «...tudo gente andá inculido (encolhido) como *cambrám mizona*» — *Comédia Os viúvos*, in *Renasc.*, vol. I, n.º 6, p. 572.

Inf.^a 60 conhece a expressão, que pronuncia *camarão mijona*, como o nome duma espécie de camarão, que deita «muita água».

Étimo — De *camarão mijão*? A origem do epíteto deve ser o líquido que sai desse camarão.

* *camessé* [kəm^əsé], mais raramente *camessó* [kəm^əsó] e *camechó* [kam^əšq̄] subst. act.

Gorgeta, gratificação; esmola. Usa-se também, por vezes, para designar dinheiro dado em suborno.

Étimo — Do ch. *kam-sé* 金捨, gorgeta, gratificação.

camisa-meia [kəmiza mɛja], subst. ant. e act.

Camisola interior de algodão. O tecido é de malha semelhante à de meia, daí o nome. *Camisa-meia* está por *camisa-de-meia*.

canarim [kənarĩ], subst. ant. e act.

Indiano natural da Índia Portuguesa e geralmente cristão, por oposição a *mouro*, indiano de qualquer outra região da Índia e muçulmano. O termo é frequentemente usado com sentido pejorativo.

Cf. Dalgado, *Gloss.* I, s.v.: «*Canarim* (subst. e adj. uniforme). Em rigor, canarim é o «habitante de Canará». Mas os portugueses desde o princípio aplicaram erroneamente a denominação ao povo de Goa, que, geograficamente, é concani (...); amiúde, modernamente, se emprega o termo com sentido depreciativo».

Folclore:

Nhonha na jinela
Cô fula mogarim,
Sua mãe tancarera
Seu pai *canarim*.

(De uma série de quadras populares de Macau, recolhidas nos princípios deste século e publicadas por Marques Pereira em *T.S.Y.K.*, II, p. 703 sg.).

* *cancã* [kəŋ kəŋ], adj. ant. e des.

Indivíduo baixo, que anda com as pernas afastadas e um pouco curvadas: «*cancã* é cudum, pichote, andá perna aberta» — inf.^a 90. (V. *cudum* e *pichote*).

Étimo — A palavra, com a grafia *kang kang*, é dada por Montalto de Jesus, *Historic Macao*, p. 51, numa lista de palavras mac. de origem malaia. De facto *Wilkinson* regista o mal. *kang kang*, «wide apart (of the legs)», que tem todo o aspecto de ser o étimo de *cancã*.

cancom [kãkõŋ], subst. ant.

Espécie de couve, com talos ocos e esbranquiçados. É a *Ipomoea Aquatica*, Forsk. Dá pequenas flores brancas que se podem também comer. Não é exacta a descrição de Marques Pereira: «espécie de grelos com mais flores do que folhas» (*T.S.Y.K*, I, p. 261).

O vocábulo é muito antigo em Macau, vindo registado no vocabulário do *Ou-mun Kei Lèok* (Monografia de Macau), do séc. XVIII. Ainda subsiste no macaísta de Hong-Kong. Em Macau só pessoas idosas o empregam, sendo vulgarmente substituído pelo ch. *ong ch'oi* 蕹菜, à falta de vocábulo português que lhe corresponda.

Étimo — mal. *kangkong*, «a white or pink flowered convolvulus, commonly used as a spinach (*Ipomea aquatica*)» (cf. *Wilkinson*, s.v.).

candia [kãdia], subst. ant. Também *candêa* [kãdeã].

Candeia de azeite: «Já pagá *candía*, / Já nom te azête. / Panhá quiança-quiança / Fazê ramalhete.» — inf.³ 80 (Já se apagou a candeia / Já não tem azeite. / Apanhar crianças / P'ra fazer um ramalhete).

A candeia desapareceu completamente em Macau, sendo substituída por velas, petróleo e finalmente luz eléctrica, que aqui foi instalada há já muitos anos. Contudo, ainda ouvi uma pessoa idosa mandar uma filha acender a luz eléctrica, dizendo: — «F., *çandê candía!*»

candia cera [kãdia sɛra], *candêa cera* [kãdeã sɛra], ant.

Vela de cera; vela para iluminação ou para ornamento: «Natal já tem traz de porta / Logo cai na quartafêra; / Ven cá

nôs armá presépio / E aranjá *candêa cera.*» — *Poesia de Natal*, T.S.Y.K, I, p. 190. Inf.^a 76 pronunciou [kãdia sɛra].

candia esparmecete [kãndia əspəmɐsete], ant.

Vela de espermacete. Possivelmente ter-se-á confundido esta vela com a de estearina, porque inf.^a 76 explicou: «*espamecete* é vela estearina». A forma *esparmecete* ocorre num texto em dialecto: «Pascoela, Pascoela, este ancusa vos também querê botá sabão? — Ai (...) este são *candia esparmecete*, nunca são pra lavá.» — *Comédia “Cavá Tufang de 74”*, *Renasc.* I, n.º 5, p. 474.

canga-pêlo (kãga pɛlo], subst. ant.? act.

Flanela de algodão, na linguagem corrente actual.

A forma *canga* parece ter sido usada em Macau no sentido de tecido de algodão azul, muito usado no vestuário chinês, mas neste sentido tenho ouvido apenas *ganga*.

Étimo — *Canga* ou *ganga* é a discutida palavra que Dalgado, *Gloss.* I, trata s.v. *ganga*. O nome *canga-pêlo* (canga de pelo) provém do leve pêlo que tem a flanela.

canji [kãǰi], subst. ant. Act. [cãǰa], [kãǰa].

Canja, caldo de arroz muito cozido, formando quase uma papa fina. A *canja* pode ser simplesmente de arroz e água (*canja branca*), ou de galinha, de peixe, de mariscos ou até de feijão. O característico da canja é ser um caldo espesso, distinguindo-se assim da sopa. Diz-se *comer canja*, mas *beber sopa*. Também a «canja indiana (...) é arroz muito cozido em água e sal, e algumas vezes sem sal, e assim comido como des enjoativo, de manhã por almoço e às vezes à tarde por merenda. Dá-se ordinariamente aos doentes como alimento fraco e de fácil digestão». (Dalgado, *Gloss.* I, s.v.) Estas palavras poder-se-iam aplicar a Macau. Contudo o costume não é necessariamente indo-português de origem, pois que também é muito comum entre os chineses.

capa [kapa], subst. act.

Casacão de inverno, de senhora.

O nome é certamente devido ao antigo uso da capa sem mangas.

capaz [kapáʃ], adj. ant. e act.

Competente, hábil, que tem valor. Ocorre frequentemente em textos antigos e ouve-se correntemente na linguagem actual: «João muito *capaz*, primeiro aluno na aula».

* *cape* [kap?] subst. ant.? Des. Por *lape*?

A palavra aparece uma única vez nos textos que pude consultar, na já citada paródia ao dialecto *Ajuste de casamento de Nhi Pancha cô Nhum Vicente* que Marques Pereira publicou em *T.S.Y.K*, I, p. 57 sg. segundo cópia enviada de Macau por pessoas amigas:

«Minha vêlo pégâ *cap*
nôssô atai cartá cháton,
eu capí tábu de linha,
Pancha levá tomtom.»

Trata-se duma família que vai à pesca e «*minha vêlo*», 'o meu velhote' (fala a mulher) leva o *cap*. M. Pereira, *ib.* p. 64, anota: «cesto de transportar peixe». Contudo a palavra *cap* é hoje desconhecida, sendo que em cantonense um cesto para o mesmo efeito se chama *lâp* 籃. Marques Pereira era escrupuloso nas suas transcrições, mas não é impossível que tenha cometido um lapso, sendo no entanto mais provável que a pessoa que lhe enviou a cópia da poesia tenha copiado *cap* por *lap*.

* *capido* [kápido], adj. ant. e act.

Entalado, seguro por qualquer coisa que aperta. V. *capir*. «Eu-sa dedo já ficá *capido* na porta, agora tudo preto» (linguagem corrente).

Étimo — De *capir*.

* *capir* [kəpí], [kəpír], verbo ant. e act.

Prender, entalar (uma peça de roupa na tampa duma mala, uma mão ao fechar uma porta, um rato na ratoeira, qualquer objecto entre os dentes duma pinça, etc.): «*capí roupa pra sugá*» (prender roupa com molas para enxugar) — linguagem corrente.

Étimo — Não possuo informação segura, mas o mal. *kapis*, «a generic name for shells of the genus Pecten» (*Wilkinson*) parece-me um étimo provável. O rápido e hermético fechar da concha dum molusco poderia dar a acepção de ‘apertar, entalar’. Com a habitual perda do -s no mac., o mal. *kapis* produziria *capí*, talvez um subst. perdido, e daí o verbo *capí* sem o *r* do infinito que lhe teria sido acrescentado modernamente na pronúncia *capir*, aliás pouco usual, de influência culta.

captain [kəptan], subst. act.

Chefe de criados (num restaurante, num café, num navio, etc.).

O termo é usado correntemente por manifesta influência de Hong-Kong, onde a palavra é vulgar nesta acepção. R. W. Thompson atribuiu o actual uso em Hong-Kong a influência americana, contudo tinha observado em artigo prévio que a palavra, neste sentido, é antiga no *pidgin* e provavelmente foi «reforçada» no anglo-indiano pelo português *capitão*, «que tem aplicação mais lata do que o inglês *captain*» (in *Pidgin Languages*, jornal *China Mail*, Hong-Kong 24/4/958).

cáqui — V. *figo-cáqui*.

cará [kəɾá], subst. ant. e act.

Crosta; camada dura e seca que fica no fundo do tacho quando um cozinhado ou um doce se queima ligeiramente: *cará de arroz*, *cará de alua*, etc.; sujidade dum corpo muito tempo por lavar, formando manchas escuras na pele.

Étimo — *Cará* no Brasil é o mesmo que *inhame* e é o nome de várias plantas da família das dioscoreáceas (*Dic. Moraes*). Pessoa amiga informa-me de que ouviu em Angola a palavra

com o significado de *batata doce*. A casca destes tubérculos, escura e encortiçada, pode ter dado, por semelhança, o sentido mac. do termo.

Desconheço a origem última do termo brasileiro ou angolano *cará*, mas tenho a impressão de ser vocábulo africano. A ser assim, seria um dos não raros vestígios da influência em Macau dos dialectos afro-portugueses.

Curioso, no entanto, é o termo malaio *karat*, 'rust' (*Wilkinson*), ou seja, ferrugem, cascão, «crosta de porcaria na pele de alguém». Com a queda usual das consoantes finais no macaísta, este é talvez o étimo mais provável.

* *cara de apa* — V. *apa*.

carambola [kʰə̃bɔla], subst. ant. e act.

Fruto da caramboleira, muito apreciado por ser fresco e sumarento. A caramboleira é pouco frequente em Macau, mas o fruto, importado da China, é abundante no mês de Setembro.

Folclore: A forma curiosa da *carambola* deu origem a uma adivinha antiga, mas ainda conhecida:

«Tem unô-a cusa redondéla
Cortá, cortá, sai estrela.

Sã: *Carambola*» — *T.S.Y.K.*, I, p. 319.
Marques Pereira, *ib.* p. 324, anota: É o fruto da *Averrhoa Carambola* (Linn.) que, por ser esquinado pelas suturas longitudinais das carpelas, apresenta, quando cortado horizontalmente, secções em forma de estrela».

Na medicina caseira macaense, foi também a carambola utilizada para *açúcar de carambola* ou *sucrí de carambola*, espécie de xarope usado em gargarejos para dores de garganta: «*Sucrí de carambola* pra... fazê gargalezio quando repetí sua dor de garganta» — *Renasc.*, I, n.º 3, p. 245. Inf.ª 70 explicou-me a mezinha do seguinte modo: «Faz doce de *carambola*, ferve caram-

bola com açúcar, e aquele açúcar que tem restante (a calda), pode guardar para fazer *gargalejo*». Também o Sr. Luís Gomes em *Chinesices*, pp. 94-95, diz que o xarope da carambola, mas só da carambola ácida *sám-nim*, era utilizado outrora em Macau para incómodos de garganta. Suponho que não seria um xarope fervido, como a minha inf.^a deu a entender, mas simplesmente açúcar dissolvido no sumo, como ainda se faz em Portugal com sumo de limão.

Étimo — O fruto não é originário de China, como o indica o próprio nome cantonense *ièong-t'ôu*, 'pêssego do estrangeiro' (Luís Gomes, *ob. cit.*), aliás designação curiosa, pois nenhuma semelhança tem a carambola com um pêssego. De qualquer modo, o fruto, como a palavra, é de origem indiana e a sua etimologia, assim como as variantes da palavra, têm sido estudadas largamente, como em *Hobson-Jobson*, Webster, Dalgado, *Gloss. I*, etc. Cf. ainda Edgar C. Kwoolton J.^{or}, *Antão de Proença's vocabulário tamúlico lusitano (Indo-Portuguese elements)*, separata da rev. *Tamil Culture*, vol. XI, n.º 2, Abril-Junho de 1964, p. 8.

carreta [karɛta], subst. ant.

1 — Carruagem, carro: «P'ra tudo rua são *carreta*, são cavalo» — *Carta de Tia Paschoela* (1869) em *T.S.Y.K*, I, p. 324. «*Sentá caréta* (sentar em carreta) é ir de riquexó» — inf.^a 50.

2 — Carro de linhas: «*caréta* de fiado» — inf.^a 76.

Étimo — Port. *carreta*, usado já no século XVI com o sentido de «carro pequeno, espécie de carroça tirada por animais de tiro ou por gente» (*Dic. Moraes*) e, actualmente, em certas regiões, significando também 'carrinho de linhas'. Suponho que este é também o étimo do mal. *keréta*, carruagem, nome genérico para veículos com rodas' (cf. *Wilkinson*), sendo *keréta bechak* um riquexó. É possível que o termo fosse usado no malaio-português e daí passasse a Macau, pois no indo-português não parece ter sido corrente. Dalgado indica com sentido de 'machila, cadeirinha' (que em Macau deve ter também sido *carreta*, antes do uso do riquexó) apenas 'carruagem', na Índia Portuguesa (*Gloss. I*, s.v. *carruagem*).

* *cash* [kêš], subst. act. Popular e culto.

Dinheiro de contado, dinheiro à vista, pagamento pronto: «paga *cash*, tem desconto» (diz-se, numa transacção comercial).

Étimo — A palavra usa-se por influência directa de Hong-Kong, onde tem o mesmo sentido. Nas lojas inglesas de Hong-Kong perguntam-nos: «Credit or *cash*?» (Tem crédito, conta aberta, ou paga a pronto?). No entanto este vocábulo de Hong-Kong teve origem no indo-português *caixa*, também antigamente usado em Macau. V. *caixa*.

cate [kaṭi], [kaṭe], subst. ant. e act.

Medida de peso para sólidos e líquidos: um *cate* de arroz, um *cate* de petróleo, etc.

A palavra é actualmente aplicada em Macau, pelos macaenses e pelos metropolitanos residentes, à medida de peso chinesa *kan* 斤 que corresponde, em números redondos, a 610 gramas. Também no inglês de Hong-Kong se usa *catty* que deve ter entrado no *pidgin* através do português. Cem *cates* formam um pico e 16 taéis formam um *cate*.

O termo *cate* deve ser tão antigo em Macau como a própria cidade, pois teria sido trazido da Índia e de Malaca pelos primeiros ocupantes. Fernão Mendes Pinto usou-o e Frei José de Jesus Maria, no século XVIII, atribuiu-lhe um valor aproximadamente igual ao que tem hoje: «quazi todos os generos, principalmente comestiveis que vendem, hé a pezo por picos ou por cates como se estilla no Paiz [China]: cada *cate* tem pouco mais de hum arratel de Portugal, e cada pico tem cem *cates*...» — *Ásia Sínica e Japónica*, ed. Boxer, vol. II, p. 323. As expressões *cate chapa*, *cate seda* e *cate balança*, a que o mesmo A. se refere, caíram completamente em desuso, sendo hoje desconhecidas.

Étimo — Segundo Dalgado, *Gloss.* I, s.v., do mal.-javanês *kati*.

* *catiaca* [katiaka], subst. ant. e act.

Sovaco. «Cheiro de *catiaca*» ouve-se na linguagem actual como expressão jocosa para designar o mau cheiro do sovaco.

Nos textos antigos não encontrei o termo, mas o Sr. José dos Santos Ferreira, na engraçada paródia ao dialecto intitulada *Merenda Ai*, põe-o na boca dum chinês que fala o “patoá”: «Nôs tudo gostá de Ongcông. [...] Somente têm ora, nom têm (1) águ pa banhá... Pacência-ia... [...] Dessá *catiaca* xerá sôc-sôc, sã tudo qui logo sucedê.» (... deixar *catiaca* cheirar a suor, é o mais que pode suceder) — Id. *Macau sã assi*, Macau 1967, p. 86.

Étimo — mal. *ketiak*, «the armpit.» (Cf. *Wilkinson*, s.v.).

* *catravada* [katravada], subst. ant.

«Grupo de pessoas, ordinariamente todas da mesma família. *Cartá na tudo sua catravada vêm*: trazer toda a sua gente.» — José dos Santos Ferreira, *Macau sã assi*, Macau 1967, p. 107. Id., *Natal ta vêm* (2), em *Gazeta Macaense*, 21-12-63: «Tio tia levantá ánsia / Olá *catravada* vêm / Têm qui dá pa quiança-quiança / Ancusa qui más nom-têm.» (O tio e a tia ficam aflitos de ver a caterva de família que vem visitá-los no Natal, pois têm de dar presentes às crianças).

Étimo — Do provincianismo port. *catrefada*?

* *catupá* [katupá], subst. ant. e act.

Espécie de pequeno pudim de arroz gomoso, cozido em banho-maria dentro dum envólucro de folha de bananeira. A folha é enrolada e atada com uma espécie de fio de ráfia, de modo a ficar com a forma aproximada duma pirâmide triangular.

O *catupá* pode ser “doce” ou “salgado”. O “doce” não é na verdade doce, mas insípido e, ao comer, toca-se em açúcar. Consta apenas de arroz cozido. O “salgado” tem no centro uma gema de ovo salgado, bocadinhos de toucinho de porco, sementes de lotus, uns grãos de cevadinha, etc.

Esta espécie de pudim é geralmente preparado por chineses e oferecido aos amigos por altura da Festa do Dragão, no 5.º dia da 5.ª lua, isto é, pelo nosso mês de Junho.

(1) *Têm*, que o leitor desprevenido lerá *têm*, deve ler-se [tẽ].

(2) Sobre a grafia *vêm*, v. nota anterior.

Folclore — Há uma cantiga do antigo folclore, que muitas pessoas idosas e de meia idade ainda sabem, onde a palavra ocorre:

«Quim querê pra mim, (quem gosta de mim)
Tant' ancusa lôgo dá:
Apa, muchi coco,
Pipis, *catupá*».

Étimo — Apesar de o *catupá* ser considerado actualmente um petisco chinês, o termo não é usado pelos chineses, mas apenas pelos macaenses. O mal. *ketupat* «square or polygonal packet of cooked glutinous rice» (*Wilkinson*, s.v.) parece étimo aceitável pela forma e pelo sentido. Ou o *catupá* é petisco de origem malaia, introduzido aqui pelos portugueses e imitado pelos chineses, ou, o que é mais provável, o nome malaio teria sido aplicado ao petisco chinês, por ser mais ou menos semelhante.

* *cauri* [kəʊrĩ], adj. ant. e act.

Pedrês, pintalgado de preto e branco. Diz-se dos galináceos; galinha *cauri*, galo *cauri*.

Étimo — Desconheço. O vocábulo *cauri* ou *caurim* (pequena concha branca), tratado por Dalgado, *Gloss.* I, s.v. e Gonçalves Viana, *Apostilas*, I, p. 267, ou ainda *kauri*, árvore da Nova Zelândia (*Agathis australis*), não parecem ter qualquer relação com o termo *cauri* de Macau.

caxão [kəʃãŋ], subst. ant. O mesmo que *caixão*.

Caixa grande, caixote. Não se refere necessariamente ao esquife dos mortos, embora possa ter também esse sentido. «Ung-a *caxám* de pataca» é uma caixa grande cheia de dinheiro. Actualmente, só ouvi a palavra na expressão *caxão-terno*, q.v.

* *caxão-terno* [kəʃãŋ tɛrno], [kasãũ terno], subst. ant. e act.

Caixa de ternos, caixa rectangular com tabuleiros sobrepostos e uma asa como de cesta, colocada no sentido da largura.

Informador de meia idade lembra-se de ser usada, na sua mocidade, essa espécie de caixa pelos chineses ricos, que nela mandavam presentes, pelo Natal, a portugueses amigos ou influentes. Cada tabuleiro ou *terno* levava o presente destinado a uma casa.

Entre os macaenses, caixas dessas, geralmente de folha de zinco, são usadas pelas doceiras que nelas enviam às freguesas os doces encomendados. V. *terno*,

Étimo — De *caixão*, caixa grande + *terno*, prateleira.

cento [sêto], numeral, ant. e act.

Tem o sentido normal de 'centena', mas é usado em vez de *cem* em expressões como: «*cento* pataca fora», mais de cem patacas. Usa-se também o feminino plural *centas*: «umas *centas* patacas», uns centos de patacas.

cerar [será], verbo act.

Encerar (o chão, os móveis, etc.): «minha criada nã qué *cerá* chão» (linguagem corrente).

chá [čá], [šá], subst. ant. e act.

Planta da família das teáceas e infusão das folhas da mesma planta, como em port. normal; infusão de plantas ou ervas medicinais.

Para os macaenses, como para os chineses, *chá* não é apenas o chá seco ou a infusão. *Tomá chá* é comer o pequeno almoço, a merenda ou qualquer refeição ligeira, embora seja acompanhada de leite, café, ou outra qualquer bebida. *Chá gordo* é uma merenda festiva, pelas 7 h. da tarde, tão fartamente servida com um jantar.

Os macaenses pronunciam a palavra de duas maneiras, conforme falam português ou chinês. Em português dizem *tchá* [čá], as pessoas idosas, e *chá* [šá] as da geração média e jovem. Varia a consoante, mas a vogal tem o som normal de *a* aberto [a].

Falando chinês, dizem sempre [čá:], com o *a* longo e entoado da pronúncia cantonense.

Com os chineses de Macau, dá-se um caso curioso. Falando chinês, usam a pronúncia normal cantonense *ch'á* [čǎ:], como acima se disse. Falando português, consideram a palavra estrangeira e pronunciam [sá], uma vez que não têm no seu dialeto o som *ch* [š].

Da novidade que era o *chá* para os primeiros europeus que vieram à China, e do tradicional costume chinês de com ele se obsequiarem as visitas, dá testemunho Frei Gaspar da Cruz no século XVI: «Qualquer pessoa ou pessoas que chegam a qualquer casa de homem limpo tem por costume oferecerem-lhe em hua bandeja galante hũa porcelana [...] com hũa agoa morna a que chamam *Cha*, que he tamalaves vermelha e muy medicinal, que eles costumam a beber, feita de hu cozimento de ervas que amarga tamalaves: com isto agasalham comunmente todo genero de pessoas que tem algu respeito quer conhecidos quer nam e a mi ma ofereceram muitas vezes.» — *Tratado das cousas da China e de Ormuz*, cap. XIII.

Na medicina caseira macaense há uma grande variedade de *mezinhas*, como se verá na respectiva rubrica, algumas das quais são infusões ou *chás* de certas plantas. Citaremos alguns dos *chás* mais usuais nos tempos antigos:

— *chá de hortelã de sopa* — para dores reumáticas, cólicas intestinais e até como vermífugo: «Vôs já fazê efusão de *hortelão de sopa?*» — Comédia *Os Viúvos*, em *Renasc.* I, n.º 6, p. 572 (pergunta-se a uma senhora que se queixa de constipação e *dor de vanda trás*, ou dores nas costas). Inf.ª 70 cita chá de *hortelã de sopa de folha fina*, para distinguir de *hortelã malavar* (Malabar) de *folha grossa* (q.v.). *Hortelã de sopa* é a vulgar *hortelã-das-cozinhas*.

— *chá de doutor Pitter* [šǎ dōtō pite] — para variadíssimas indisposições, como indigestão, desinteria, princípio de cólera, constipação, até para curar embriaguês, provocando vômitos. É uma infusão de várias ervas, espécie de *chá seng cap*, antigamente preparado por um Dr. Pitter e ainda actualmente por sua neta, D. Maria Pitter, que evidentemente não revela a composição do *chá*, mas nos deu amavelmente as indicações que registamos. Cf. Comédia «*Cavá Tufang 74*» em *Renasc.* I, n.º 5, p. 481: «acunga buceta tem unga marado de papel vento, dentro tem meo cati de *chá de dotor Pite...*».

— *chá de pêlo-pe* [šá də pəlo pɛ] — contra sustos, isto é, estados doentios provocados por sustos. Os sustos, em Macau, consideram-se causa de graves doenças. Uma criança, por exemplo, pode ficar enfezada («*criança bugio*») em consequência dum susto e tem de ser tratada com mezinhas especiais. Na paródia ao dialecto *Ajuste de casamento de Nhi Pancha cô Nhum Vicente*, em *T.S.Y.K*, I, p. 57 seg. citam-se várias mezinhas apenas com fim jocoso, sem relação com as respectivas doenças, e entre elas o *chá de pêlo-pé*:

«Tudo laia de mizinha,
minha Siára, já fazê:
fumá, raspá mordicim,
bebê *chá de pêlo-pê*»;

Marques Pereira, *ib.* p. 261, anota: «contra sustos», o que é confirmado por informadores idosos, mas a origem do nome *pêlo-pé* ou *pêlo-pê* é desconhecida. A minha colega Ana Maria Amaro, que prepara um estudo sobre mezinhas sino-macaenses, sugere que *pêlo-pé* ou *pêlo-pê* seja deturpação macaense do ch. *po-louk pei*, casca de toranja, de que os chineses fazem um chá contra sustos.

— *chá de peso* — «contra cólicas e dor de estômago», segundo Marques Pereira, *ob. cit.*, I, p. 261. A referida poesia *Ajuste de casamento*, etc., continua:

«suador fresco, *chá de peso*,
mizinha saván e faifum;
minha Siára, té já fazê
mizinha de maquinfum!»

O nome *chá de peso* parece provir do facto de os seus ingredientes se comprarem a peso, como no «suador de peso» ou «suador que se compra a pesos», ao passo que em grande número de mezinhas a quantidade de cada ingrediente era calculada pelo preço, como: «Raspa de veado — 4 *sapecas*; Alcasus de mel — 8 *sapecas*», etc. (dados colhidos no caderno de receitas manuscritas de D. Hermínia de Figueiredo, começadas a coligir em 1883).

— *chá patricio* — semelhante, na composição e atributos, ao *chá de Dr. Pitter* e ao *chá seng cap* (q.v.). Para indisposições intestinais e vermes.

A origem do nome está actualmente esquecida, mas é provável que provenha do nome da pessoa que o fabricava e vendia.

— *chá seng kap* [sɛŋ káp] 性急 — chá da farmacopeia chinesa, mas ainda hoje usado por macaenses contra variadíssimas indisposições. É semelhante, e por vezes confundido, com o *chá de Dr. Pitter* e o *chá patrício*: «Vôs na casa tem *sem-cap*, chá di Dr. Pitter ou chá patrício ou mizinha suador?» — Comédia *Os viúvos ou Velho sevandizio*, in *Renasc.* I, n.º 6, p. 572.

* *chacar* [čəká?], verbo ant. e des.

Marques Pereira, in *T.S.Y.K.*, I, p. 61, tratando de *chiquí* ou *chiquir* (q.v.) cita *chacá*, 'esganar pela nuca'. Não encontrei a palavra em qualquer texto, nem é conhecida por vários informadores idosos. No entanto *Wilkinson*, p. 46 e 47, regista uma série de palavras malaias com as quais *chacá* parece relacionada: «*chekah*, split open; splitting under pressure (as a mangosteen); cf. *chekeh*.

«*chekak*, I. holding between the thumb and forefinger.

«*chekeh*, cracked by pressure, slightly split — cf. *chekah*.

«*chekek*, *menchekek léher*, to seize by the throat; to garotte; *mati terchekek*, death by choking.

«*chekok*, to seize by the throat; *ch.* (i.e. *chekok*) *chekek*, the struggle for breath by a choking man.»

Étimo — Parece mais do que evidente a relação fonética e semântica dos verbos mac. *chacá* e *chiquí* com estas palavras. Um aditamento curioso à história da palavra é o que nos foi dado casualmente, em 9 de Junho de 1972, pela Dr.^a Carol Molony, da Universidade de Stanford, U.S.A. Conversando connosco em Macau, a distinta linguista, que estuda o *ternateño* (crioulo espanhol) nas Filipinas, mostrou-nos uma lista de palavras do crioulo, entre as quais *chaká*, «squeese, choker». Esta será, portanto, mais uma das coincidências entre o ternateno e o crioulo macaense, parecendo confirmar a tese de Keith Whinnom de que o ternateno resultou, não do contacto entre o espanhol e um dialecto malaio, mas entre o espanhol e a 'língua franca' malaio-portuguesa. (V. o nosso artigo *Coincidências com o dialecto de Macau em dialectos espanhóis das Ilhas Filipinas*,

separata das *Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica*, tomo II (*Boletim de Filologia*, tomo XIX, 1960), Lisboa 1961.

* *chacarar* [čakará], verbo ant.

Abraçar.

Citado por inf.^a 60 como palavra ouvida na sua mocidade. Cf. ainda José dos Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 107 (Vocabulário) onde cita a palavra com o mesmo sentido. Muitos inf.^{es} idosos desconhecem a palavra.

Étimo — Verbo formado do anterior *chacá*, *chacar*?

Do sentido de apertar pela garganta, esganar (o sentido dado por Marques Pereira de ‘esganar pela nuca’ não é forçosamente exacto) poderia passar-se facilmente ao derivado ‘abraçar’, talvez até um derivado jocoso, pois que a derivação *chacarar*, de *chacar* + *ar*, supõe intervenção culta para a forma *chacar*.

chacha [čăča], subst. ant. e act.

Espécie de sopa doce feita com feijão mungo, tapioca, inhame, coco e jagra.

Costuma comer-se quente, à merenda, sobretudo no inverno. É possível que seja de origem malaia, mas um doce semelhante é também usado, ou foi, na Índia Portuguesa. Cf. Dalgado, *Gloss. II*, Suplemento: «*Chacha*. Em certas partes de Goa (Ilhas, Salsete), designa o que em outras se chama *jagrada*, em sentido restrito, isto é, «papas de arroz, trigo, sagu ou tapioca, feitas com leite de coco e jagra».

Étimo — Dalgado, *ib.*, não determinou o étimo da palavra, que lhe pareceu «com visos de cafreal ou de onomatopeia infantil». Mas o mal. *chachah*, «a malay soup», (cf. *Wilkinson*, s.v.) parece étimo provável.

* *chacha* [čăča], [šăša], subst. ant. e act. (o mesmo que *xáxá*)

Avó; mulher velha (actualmente a palavra é usada em sentido jocoso): «conversa de *chacha*», conversa de velhas, conversa sem interesse. Esta mesma expressão, é curioso, ouvi-a também

em Lourenço Marques; ignoro se é usada noutros pontos da África Portuguesa, ou mesmo da Metrópole. O *Dic. Moraes* não regista o termo.

A palavra ocorre no vocabulário do *Ou-Mun-Kei-Lèok*, ou Monografia de Macau, com a transcrição equivalente a *tchi-tch'á*, reconstituída como *xá-xa* por Luís Gomes e *chacha* por Bawden. R. W. Thompson dá a pronúncia do português de Hong-Kong [čãça] ainda hoje a usada em Macau, e observa que a forma se manteve para evitar a confusão entre *avô* e *avó*, cuja pronúncia não devia antigamente ser distinta (cf. R. W. Thompson, *Two synchronic cross-sections*, pp. 40-41).

Étimo — O mal. *chachat* significa «a flaw, a defect, a blemish» e *orang chachat* «disabled persons». Deste valor adjectivo poderia provir o mac. *chacha* 'pessoa velha, débil, incapacitada', talvez numa composição cujo primeiro elemento se teria perdido. Difícil é apurar o motivo por que a palavra seria aplicada a *mulher velha* e não a *homem velho*, pois que no mal. não parece ter havido tal distinção.

cha-chau — Vide *chau-chau*.

* *chachiní* [čãčini], *chatiní* [čãtini], subst. ant. e act.

Prato da culinária macaense, composto de peixe desfiado e cozinhado com leite de coco e chile. Não havendo o peixe próprio, também se faz *chachiní de bacalhau*.

Étimo — Dalgado, *Gloss.* I, regista «*cheteni* (ingl. *chutni*). Espécie de *achar* ou acepipe, ácido e picante, feito de vários frutos e especiarias, e usado na Índia e em Inglaterra. Do conc. *cheṭṇī* < hindust. *chaṭṇī*». Acrescenta que o termo é corrente em indo-português e é essa evidentemente a origem imediata do termo macaense, embora no sentido de 'achar' não seja conhecido em Macau. Provavelmente o referido prato macaense seria primitivamente condimentado com *cheteni* ou *chachiní* de certa espécie, o qual viria a ser substituído pelo picante do chile.

chado [čãdo], adj. ant.

Esperto, inteligente, hábil: «Ele são *chado* nunca gongong. / Ele são capaz pintá, tocá, / Iou cô ele querê casá.» — *Ópera*

Lolita, em *Renasc.*, II, n.º 1, p. 24. (*chado* é empregado por oposição a *gongong* ou *gongom*, ‘pateta, inútil’).

Étimo — Dalgado, *Gloss.* I, s.v. *chiado* regista o termo como usado em indo-português com o sentido de ‘astuto, ladino, malicioso’, e proveniente do concani *chyad* < sânscrito *chadmin*. Contudo o termo é usado em mal.-português com forma semelhante à do mac. e é do mal.-português que deve ter vindo para Macau, já em tempos antigos. O Prof. Edgar C. Knowlton J.^{or} em *The Malaysian Portuguese*, p. 3 (separata de *The Linguist's Club*, vol. 26, n.º 8, London, August 1964) cita a seguinte frase do português de Malaca: «Tunku Abdul Rahman bong bong *tchado*, bélu, *tchado* governá...» «(Tunku Abdul Rahman is very able, old, good at governing...)». O mesmo linguista, no já citado *Vocabulário tamúlico-lusitano*, trata a palavra, referindo-se a Dalgado e também ao Prof. Padre António da Silva Rego, *Dialecto português de Malaca*, Lisboa 1942, onde a forma *chado* é considerada proveniente do mal. *chadek* que tem sentido semelhante.

É natural que o mal. *chadek* esteja relacionado com o concani *chyad*, influenciando este no indo-português e o primeiro no malaio-português, donde terá passado a Macau.

* *chalá-chalá* [čǎlǎ čǎlǎ], adj. ant.

Usado na expressão *Maria chalá-chalá*, pessoa desmazelada no aspecto pessoal, suja, desarranjada: «...que sabe mesmo se já ficá incantado com aquele carinha de Maria *chalá-chalá*, anjo de Nilau...» — *Carta de Maria Varê Rua* (1888), em *Renasc.* I, n.º 4, p. 352.

Étimo — Duvidoso. Inf.^a 70 conhece a expressão e o seu significado e sugere que *chalá* seja derivado do ch. *la-cha* ou *cha-la*, ‘sujo’. De facto *cha-la fông* é, na superstição popular sino-macaense, um vento sujo que provoca doenças ou infelicidades.

Contudo, é curiosa certa semelhança com o mal. *chalang-chalang*, «mediocre, not of first quality» (*Wilkinson*).

chale [čəli], subst. ant.

Rua estreita, travessa; beco.

É esta a noção actual do sentido da palavra, recordada e mesmo usada ainda por pessoas idosas. No entanto Fr. José de Jesus Maria, no séc. XVIII, explica *chales* como «pátios grandes com várias casas térreas onde costuma viver gente ordinária» (*Ásia Sínica e Japónica*, ed. Boxer, Macau 1950, vol. II, p. 69) e Dalgado, *Gloss.* I, como «edifício estreito e comprido ocupado por lojas ou oficinas; quarteirão habitado por certos artífices».

Étimo — A palavra é indo-portuguesa. Cf. Dalgado, *ob. cit.*, s.v. *chale*: do marata-concani *tçāl*.

chamelote, subst. ant. e des.

O mesmo que *chamalote*, tecido de lã.

A palavra foi corrente em Macau pelo menos até ao século XVIII, pois que aparece documentada no vocabulário do *Ou-Mun-Kei-Lèok* ou *Monografia de Macau*. Actualmente, porém, é desconhecida não só em Macau, mas ainda no português, mais conservador, de Hong-Kong. (Cf. R. W. Thompson, *Two synchronic cross-sections...*), p. 48).

* *chaminica* [čəminika?], [šəminika], subst. ant.

1 — «Xícara pequena, sem asa» — José dos Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 107. *Id.*, p. 49: «China abri *chaminica* / mostrado qui já sai» (*abri chaminica*, neste passo, é destapar a tijela onde antigamente se chocalhavam os dados, nas casas de jogo).

2 — Tacinha de barro que servia antigamente de forma para assar bolinhos no forno — inf.^a 60. Esta pronuncia é [šəminika], mas provavelmente a pronúncia antiga seria [čəminika].

Étimo — Desconheço.

champaca [čəpəka], [šəpəka], subst. ant.? act.

Flor muito aromática que as mulheres do povo chinesas põem nos cabelos, para os perfumar. Em Macau são comuns

a *champaca amarela* (*Michelia champaca*) e a *champaca branca* (*Michelia alba*).

* *champorar* [čãporá], verbo, ant.

Misturar (p. ex. os ingredientes dum bolo, dum cozinhado).

Étimo — O mal. *champor*, «mixing, mingling» (cf. *Wilkinson*, s.v.) deve ter sido aportuguesado em Macau, ou talvez já no mal.-português, com o sufixo verbal *-ar* [á]. Daí *champorá*, *champorado*, etc.

chapa [čapa?], [šapa?], subst. ant e des.

Documento oficial emanado das autoridades chinesas. Marca, selo, carimbo. Nestas acepções, o termo é completamente desusado, mas usa-se no sentido normal de «lâmina metálica».

Esta palavra encontra-se frequentemente em antigos documentos oficiais da cidade, mormente em documentos camarários que pessoalmente consultámos, para designar os ofícios enviados pelas autoridades chinesas, em negociações oficiais com as nossas. Hoje desusada, dela persiste com grande vitalidade, sobretudo entre a população estudantil, uma sobrevivência que mais uma vez nos é “reenviada” de Hong-Kong — o “*chop*”, carimbo ao livro de ponto quando um professor falta, e o próprio *feriado* dado pelo professor. V. *chop*.

Étimo — «A palavra *chapa* é ainda hoje [1900] usada em todo o Oriente, quer para indicar as cartas ou ofícios das autoridades chinesas, indianas, etc., quer para designar os certificados de pagamentos de direitos e passaportes passados pelas mesmas autoridades. Nós os portugueses é que introduzimos no uso geral essa palavra, que é nossa e não indiana como querem os estrangeiros (...) Os portugueses deram esse nome de *chapa* aos documentos *chapados* com o selo das autoridades asiáticas ou gravados em *chapas* de madeira para serem impressos, como ainda hoje os chinas praticam (...) Pois, antes dos portugueses irem à Índia ou à China não tinham em uso a palavra *chapa* no sentido que sempre foi empregado depois?» — Marques

Pereira, *T.S.Y.K*, IV, p. 712. Dalgado, *Gloss.* I, s.v., porém, depois de discutir o sentido da palavra no continente e no Oriente, conclui que «*chapa* no sentido de carimbo ou cancela é genuinamente neo-árica».

Outros autores como Yule e Burnell no *Hobson-Jobson* partilham a opinião de Dalgado. Contudo, modernamente, o Dr. R. W. Thompson considerou o *pidgin* “*chop*” e várias formas dos dialectos indianos como provenientes do português *chapa* (cf. *Pidgin languages*, in *China Mail*, Hong-Kong 17-5-58).

* *chapéu de padre* [čapêu d^o pãdri], ant.

Pastelinho de camarão, servido nos restaurantes chineses à hora dos aperitivos, ou seja do *iam chá* (beber chá). Citado por inf.^a 70. Actualmente é designado pelo nome chinês *há-kau* 蝦絞.

O pastelinho, de forma mais ou menos elíptica, é alto no centro, como uma copa de chapéu, e achatado nos bordos, fazendo lembrar um chapéu como o que usam, ou usavam, os cardeais, fora das cerimónias religiosas. Daí, talvez, lhe veio o nome.

* *chá-pom chá-pom* [čapón čapón], act.

Som dos instrumentos de percussão usados nas bandas e orquestras chinesas. Por extensão, as representações teatrais ou filmes chamados de “Drama clássico” em que a música é executada por orquestras tipicamente chinesas: «música de *chá-pom chá-pom*», «filme de *chá-pom chá-pom*» (linguagem corrente, sentido depreciativo).

Étimo — A expressão é evidentemente onomatopaica, imitando o barulho estridente, só agradável para ouvidos chineses, dessas orquestras. Cf. mal. *chak-pong-pong*, «onom. for the sound of a band» (*Wilkinson*, s.v.).

* *chaqui-chaqui* [čaki čakı], adv. ant.

«A pretexto de» — José Santos Ferreira, *Macau sã assi*, Macau 1967, p. 108 (Vocabulário): *Cháqui-cháqui* Carnaval/

Nhum-nhum qui bom diverti: / Olá nhónha na quintal, / Sai mám, azinha chubí.» — *id. ib.*, p. 53.

Étimo — Desconheço.

chareta [šaręta], [šaręta], subst. ant. Também grafado *xareta* (cf. *Dic. Moraes*, s.v. *xareta* 1).

1 — Colher grande, espécie de concha de cozinha feita de meia casca de coco e uma pega ou cabo de madeira: «cholê água com *chareta*» — tirar uma concha de água dum recipiente (inf.^a 50).

2 — Nádegas, traseiro (t. de gíria): «Elotro já cortá / Saia até *chareta* / Se vosotro usá / velo-velo ficá pateta» — *Ópera Lolita*, in *Renasc.*, II, n.º 1, p. 22. (Os autores da «ópera», comédia carnavalesca, criticavam as saias curtas dos anos 20, ou mais provavelmente, o corte aos lados na cabaia chinesa).

Étimo — Dalgado, *Gloss.* I regista *charêta*, *cherêta* (mais usado) e *chirêta*: «Endocarpo ou casca dura do coco, a qual tem na Índia muitas serventias. Do tamul-malaiala *chiraṭṭa*.»

* *chatini* — V. *chachini*.

**chatom* [čatõŋ], subst. ant.

Marques Pereira, em *T.S.Y.K*, I, p. 64, definiu *chatom* como «bule de chá, devidamente acondicionado n'um envólucro de junco enchumado». Contudo o *chatom* não é o bule, mas apenas o referido envólucro, um cestinho com tampa, acolchoado interiormente, para acondicionar o bule do chá, a fim de não arrefecer. «*Chatom* é uma cestinho para pôr uma bule de chá» (sic) — inf.^a 65.

A palavra é hoje pouco usada, porque o *chatom*, antigamente indispensável em todas as casas, tanto chinesas como macaenses, caiu em desuso com a vulgarização da garrafa termos, onde se mantém sempre o chá quente e pronto a beber.

Étimo — ch. *ch'á tong* 茶桶, cesto acolchoado para o bule do chá.

* *chau* [čáu], subst. ant. e des.

Madeira muito dura, de cor avermelhada, usada antigamente para fazer móveis caros. Hoje em desuso devido ao seu elevado preço. Alguns informadores idosos desconhecem o termo, e outros que ainda se recordam dessa madeira, e respectivo nome, já não sabem de que árvore e região procedia.

A palavra ocorre com frequência em Emílio S. Bruno, *O caso da Rua do Volong* (1928): persianas de *chau*, armários de *chau*, malas de cânfora assentando em descansos de *chau*.

Étimo — ch. *cháu* 柚 ?.

Um único inf. muito idoso citou: «madeira de *chau*, madeira de Nara». Se a madeira vinha antigamente de Nara, no Japão, é possível que a palavra seja de origem japonesa e não chinesa.

chau-chau [čáu čáu], [šáu šáu], subst. ant. e act.

1 — Refogado à chinesa, geralmente constituído por uma mistura de carnes e vegetais variados; 2 — Mistura de coisas diferentes; 3 — Confusão, mixórdia, desordem. «Fazer um *chau-chau*» pode significar ‘fazer um estrugido de vários ingredientes’ ou ‘fazer uma misturada, uma confusão’. A expressão *chau-chau* entra na designação de vários pratos da cozinha macaense. Vide *chau-chau pele*.

Étimo — ch. *ch'áu* 炒, refogar, estrugir, frigir (em pequena porção de gordura).

Não é correcto o que afirma Dalgado, *Gloss. I*, s.v.: «...o qual [termo chinês *chau*] designa a conserva de frutas de várias espécies que aparece nos mercados orientais. *Chau* em chinês é ‘comida’; a reduplicação denota variedade de comida e este sentido voga em Macau».

Em Macau, pelo menos, não é conhecido o sentido de ‘conserva de frutas’. Entre os macaenses a reduplicação *chau-chau* designa de facto variedade de comidas, mas em chinês o sentido fundamental é o de *estrugir, frigir*. A evolução de sentido no mac. proveio de serem desse modo cozinhados certos pratos com grande variedade de ingredientes. Cf. *arroz chau-chau*.

Contudo é provável que, na Índia Portuguesa, o termo *chau* fosse usado com o sentido de 'comida'. Cf. R. W. Thompson, *Pidgin Languages*, in *The China Mail*, Hong-Kong, 10/5/58: «*Chow* (1) — Food. The *New English Dictionary* lists this word for both pidgin-English and Anglo-Indian usage. A writer in 1869 speaks of getting an invitation to a «first rate Chow-chow or Chinese dinners.» Segundo o mesmo distinto linguista, a origem da palavra é obscura e os variados sentidos com que é usada no Oriente estão relacionados com a ideia de mistura, de acordo com o *Hobson-Jobson*. Na Índia, *chow-chow* significa muitas vezes 'desarranjado, desordenado', sem que, contudo, se aplique à comida: *chow-chow shop* é uma loja onde se pode comprar de tudo. (Vide, neste mesmo *Glossário*, *botica do chèche* — *botica do chau-chau?* — s.v. *botica*).

* *chau-chau lau-lau* [čáṽ čáṽ laṽ laṽ], ant.

Mixórdia, balbúrdia, desordem. «É tudo um *chau-chau lau-lau*» (inf. 55)—está tudo fora dos eixos, em confusão, ninguém se entende.

Étimo — V. *chau-chau*.

Quanto a *lau-lau*, o mal. *lauk*, «materials cooked for consumption with rice» (*Wilkinson*) poderia talvez servir de reforço ao mac. *chau-chau*, para acentuar a ideia de mistura (cf. ainda mal. *lauk pauk* «all kinds of food, other than rice»).

* *chau-chau pele* [čáṽ čáṽ pēli], [šáṽ sáṽ pēle], ant. e act.

O mesmo que *tacho* (q.v.). Suculento prato macaense, espécie de cozido cujos ingredientes são previamente estrugidos em banha de porco. Consta de galinha, porco, pato salgado, vitela, vegetais variados, e a *pele* que lhe dá o nome, pele de porco (sem pelos, evidentemente) torrada e devidamente preparada.

Como acima disse (v. *chau-chau*), há variadíssimos pratos da culinária sino-macaense em que entra a designação de *chau-chau*. Citarei alguns:

Galinha chau-chau parida — galinha que se cozinhava antigamente para ser comida, como um fortificante, pelas mulheres

(1) Grafia inglesa correspondente ao port. *chau*.

que deram à luz. Daí o nome. Hoje é um prato que se aprecia nos jantares de festas familiares.

inhame chau-chau com lap-yôk — espécie de guisado com inhame, porco fresco, porco seco e salgado (*lap-yôk*), chouriço chinês, etc.

pimentos chau-chau — estrugido de carne de porco com pimentos.

porco chau-chau mamá — porco com cogumelos secos e uma espécie de “pickles” doces. Suponho que *mamá* [mamá] é pronúncia ant., que ainda se ouve, por *mamã*. Mas já não se sabe a origem desta designação.

* *chencau* [čɛŋkáu], subst. e adj. ant. e act.

Chinês baptizado na igreja católica com nome português, falando alguma coisa da nossa língua, mas mal e com a característica pronúncia chinesa. Também designado por *china cristam* (ant.) e “cristão novo”.

O nome foi sempre mais ou menos depreciativo. Ainda hoje, de um macaense que fala mal o português ou que tem hábitos e traços físicos acentuadamente chineses, os seus conterrâneos dizem: «É mesmo *chencau!*» ou: «Fulano é *chencau, chencau!*»

Étimo — Ch. *cheng káu* 正教, ‘verdadeira religião’; etimologia popular por *chôn káu* 進教 ‘chinês baptizado’.

* *cherindê* [šerīdê], adj. ant.

1 — Pedinchão, que pede qualquer coisa com insistência, repetindo sempre o mesmo pedido até o ver satisfeito, ou que constantemente faz pedidos. Também se diz *pedente*. Dá-se o epíteto de *Maria Cherindê* ou *Maria Pedente* a um indivíduo pedinchão, importuno.

2 — *Maria Cherindê*, pássaro cujos pios lamentosos e insistentes *pedem* ou anunciam chuva. Inf.^a 50 pensa que este pássaro é o mesmo a que se chama também *Maria Pedente*.

3 — Alcinha dada a três irmãs solteiras e idosas, recentemente falecidas: *Manas Cherindê*. O motivo da alcinha já ninguém mo soube explicar.

Étimo — Malaio? O mal. *cheridawn* «cries, shouts in unison; vocal music, chorus singing» (*Wilkinson*, s.v.) parece ter relação fonética e semântica com o mac. *cherindê*. Possivelmente este terá como étimo um termo cognato do acima indicado.

chicote — V. *feijão chicote*.

* *chicu* [čikú], subst. ant. e act.

O mesmo que *nhame chicu* (v. *inhame*). Tubérculo da *Sagittaria trifolia*, var. *sinensis* (Makino), segundo Ana Maria Amaro, *Catálogo provisório*, p. 10.

É usado principalmente na confecção do *chau-chau* pele (q.v.), tendo um aspecto e sabor um tanto semelhante à batata.

Étimo — ch. *ch'i kú* 池菇, variedade de inhame.

* *chile-miçó* [čili misq], subst. ant.

Molho espesso, feito de chile e vinagre, que se usa para condimentar, na mesa, certos pratos chineses.

Actualmente o nome mais usado é o ch. lát. *chiu-cheóng* 辣椒醬.

Étimo — V. *miçó*.

* *chile-mosquito* [čili mofkito], subst. ant.

Malagueta (*Capsicum frutescens*). Mais conhecido actualmente por *chili* ou pelo ch. lát-*chiu* 辣椒, pimento.

Étimo — Segundo Dalgado, *Gloss.* I, s.v., *chile* é usado em Macau e Timor. Na Índia era designado por *pimenta longa*.

O termo teria entrado «por via do malaio que o recebeu do nome geográfico americano».

Para a designação *mosquito* não encontro explicação, a não ser pelo pequeno tamanho que tem certa variedade deste pimento, por vezes não maior que a falangeta dum dedo mínimo.

* *chilicate* [čilikaṭi], subst. ant.

Espécie de alicate usado antigamente para cortar a “noz” de areca em pedacinhos para mascar. Cf. *areca* e *betle*. V. figura 4.

Étimo — mal. *chelekati*, «betel-nut scissors», por sua vez proveniente do tamil (cf. Sir Richard Winstedt, *A Practical Malay-English Dictionary*, 4.^a ed., Kuala Lumpur, Singapore, p. 39). *Wilkinson* regista a variante *chelakuti*, também do tamil. No português de Malaca ocorre a forma *chircate* «navalhinha ou tesoura para cortar as arecas», segundo Prof. P.^e Silva Rego, *Dialecto português de Malaca*, Lisboa 1942, p. 122. A forma *chircate*, porém, não é conhecida em Macau. Possivelmente no

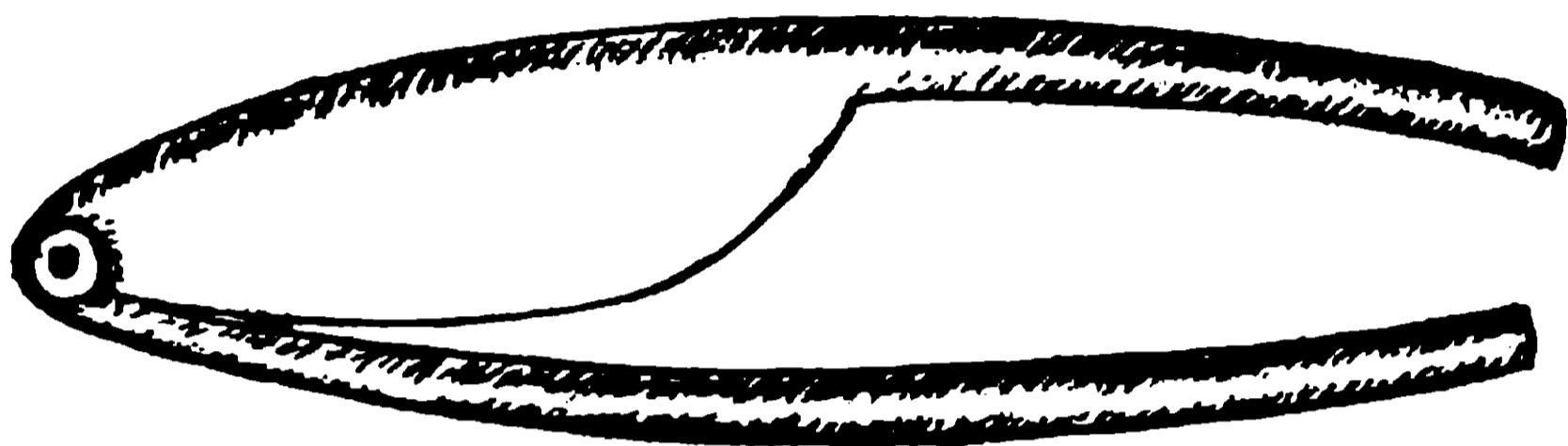


FIG. 4 — Chilicate

Malaio-português houve mais do que uma forma, correspondendo às variantes fonéticas do próprio malaio, todas elas aparentemente relacionadas com o tamil *siri-katti*, 'faca pequena' (1).

* *chilicote* [čilikɔti], [šelikɔte], subst. ant. e act.

Espécie de pastelinho de massa tenra, recheado com um picado de carne de porco e pedacinhos de batata.

Muito usado em *chás*, ou merendas de festa.

Étimo — A palavra afigura-se-me de origem malaia, talvez relacionada com o mal. *chelis*, «choping into small pieces» (cf. *Wilkinson*, s.v.).

chimpar [čipá]? verbo ant.

Dar, bater, pespegar: «...Já *chimpá* pra mim de vontade, falá que eu sabe escrevê mas nôn têm cabeça...» — *T.S.Y.K*, I, p. 192.

(1) Para a determinação deste étimo, as várias consultas feitas em obras de que não dispomos em Macau, são devidas à gentileza do Prof. Edgar C. Knowlton J.^{or}, da Universidade de Havai.

Étimo — Marques Pereira, *ob. cit.* I, p. 195 anota sobre esta palavra: «Outra palavra macaísta de origem asiática (malaia?). Está aqui no sentido de atirou-me à cara, tosou-me por meio de palavras.»

Não creio, porém, que a palavra seja de origem asiática, mas sim metropolitana, pois é termo de gíria na Metrópole e com idêntico sentido: «*chimpou-lhe* duas bofetadas valentes» — *Dic. Moraes*, s.v.

* *chinha* [čiča], subst. ant.

Geralmente usado na expressão *chinha de pastel*. Recheio de um pastel, pastelão, empada, etc.

Étimo — V. *chinchão*.

* *chinchão* [čičáŋ], [ččiáŋ], adj. ant.

Esborrachado, esmigalhado: «Caíu na chã, ficá *chinchão*» — inf.^a 80. «Bolo ficá *chinchão*», bolo que, ao ser desenformado, se quebrou em bocados — *idem*.

Étimo — o mal. *chinchang* significa, segundo *Wilkinson*, «to mince», isto é, cortar miudamente, picar (carne, etc.). Suponho que esta palavra seja o étimo de *chinchão*, perdida a noção do primitivo valor verbal, e também, ou outra da mesma raiz, o de *chinha*, visto que o recheio de um pastelão em geral é picado.

chin-chin [čin čín], subst. ant. e act.

Saudação à chinesa, pequenas vénias com as mãos entrelaçadas à altura do peito, as quais acompanham os movimentos da cabeça.

Os macaenses não usam esta saudação, mas costumam ensinar as crianças muito pequenas a *fazer chin-chin* como uma das primeiras gracinhas do bebé.

Étimo — Ch. *ch'eng-ch'eng* 請請, saudar, cumprimentar. (A reduplicação não é usada em chinês, mas apenas na linguagem de Macau, para indicar a repetição do movimento de cabeça e mãos).

V. também, sobre a palavra, Dalgado, *Gloss.* I, s.v.

* *chintói* [čītōj], subst. ant.

«Espécie de bolo chinês, frito à maneira dos nossos *sonhos*, recheado de camarão» — Marques Pereira, *T.S.Y.K*, II, p. 779. *Ibidem*, *Diálogo entre dois pacatos* (1824): «Cuidado com nosso testa / de *chintóe* de camarão». (O autor compara a testa saliente dos macaenses ao *chintói*).

Étimo — ch. *chin tui* 煎堆.

* *chipe-chipe* [čip číp], adj. ant. e act.

Usado apenas na expressão jocosa *olho chipe-chipe*, olho ou olhos a piscar com sono. Estar *olho chipe-chipe* é estar sonolento, mal podendo abrir os olhos com sono. A expressão na sua forma antiga genuína, *ôlo chipe-chipe* ocorre em textos antigos como *Carta de Nhy Roza para Nhy Chenchá* (1870), em *Renasc.* II, n.º 3, p. 241. «Ele já está *olho chipe-chipe!*» (linguagem corrente).

Étimo — *Chipe* ou *chipo*, usado pelos escritores indianistas do século XVI (do tamil *shippi*, segundo *Hobson-Jobson* e *Dalgado*) é uma ostra perlífera do Oriente. Do abrir e fechar da concha viria o abrir e fechar, o piscar dos olhos sonolentos?

Suponho que a palavra terá vindo para o mac. por via do mal., porque no mal.-português existe *chipê*, verbo, significando 'apertar', aparentemente com a mesma origem. V. *chipir* e *chipido*.

* *chipim* [čipí], adj. ant.

Usado na expressão *pé chipim*, o pé atado das chinesas antigas. Não encontrei o termo noutra acepção.

Étimo — Relacionado com *chipe* e *chipir* (q.v.)?

O pé minúsculo das chinesas antigas, como é sabido, era *apertado* com tiras de pano até ser reduzido às proporções desejadas. Isto induz à relação com *chipí* (*chipir*), mas não encontro explicação para a nasalação final.

A palavra não parece ser de origem chinesa.

* *chipir* [čipí], verbo ant. e act.

Apalpar, apertar com os dedos, apertar na mão, agarrar: «...co su mám (...) *chipí* na patinga...» (com sua mão agarrar na barriga da perna) — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 20

Étimo — V. *chipe-chipe*. [čipí] deve ser verbo formado — quer no malaio, quer no malaio-português — a partir do subst. *chipe*, ‘ostra’, e sob a sugestão do movimento de abrir e fechar da concha. Cf. o provérbio do português de Malaca: «Querê *chipê*, medo morrê; querê abrí, medo aboá» — não saber o que fazer, como a pessoa que tem um pássaro na mão: se aperta, tem medo que o pássaro morra; se abre a mão, tem medo que ele voe. (Cit. pelo Prof. P.^e Silva Rego, *Apontamentos para o estudo do dialecto português de Malaca*, in *Bol. Geral das Colónias*, ano XVII, n.º 198).

* *chiquia* [čikia], subst. ant. e act.

1 — Trança ou rolo de cabelo preso na nuca, como usavam antigamente as mulheres: «nôs tudo lôgo assisti este ung-a fonção:

Tio Grande lôgo visti conde; (...) eu são logo visti cafre (1), mas agora tá cismá unde lôgo metê este ung-a *chiquia*, quando tirá minha baritina pra dançá.» — *Carta de Tia Pascoela...* (1870), em *Renasc.* I, n.º 3, p. 243.

2 — Volante formado por uma base leve (pequeno cilindro constituído por círculos de cartão sobrepostos e colados) e por um tufo de penas de galinha (v. fig. 6).

3 — Jogo infantil que consiste em bater com o pé no dito volante de modo a mantê-lo no ar o maior tempo possível, contando as pancadas do pé até que o volante vá ao chão.

Étimo — A Dr.^a Ana Maria Amaro, que investiga os jogos infantis de Macau, indicou-me a existência de uma palavra coreana, *tjye-ki* ou *tcha-ki* significando 'dar pontapés'. Esta palavra, por sua vez, teria relação com o chinês *t'ék* 踢 de significado idêntico. Em cantonense *t'ék kin.chi* 踢鞦子 significa 'jogar o volante', segundo o *Dic. chinês-português*, ed. do Governo de Macau, Macau 1962, p. 694 b (contudo tenho ouvido *t'ék in chi*, talvez usado apenas em linguagem vulgar). O objecto em si tem na língua mais culta o nome de *mou in* 毛毬, mas informadores populares chineses, mostrando-se-lhes o objecto, disseram *in chi* [in či].

À primeira vista, o étimo coreano parece não oferecer dúvidas, mas uma influência coreana, a menos que o jogo tivesse

(1) *Visti conde, visti cafre* — mascarar-se de conde, mascarar-se de cafre.

origem na Coreia, o que não pude averiguar, seria um tanto inédita. Por outro lado, o elemento *chi* do mac. *chiquia* parece ligar o termo ao chinês.

Teremos de deixar o problema para quem possua melhores conhecimentos sobre as línguas orientais.



FIG. 6 — Chiquia

* *chiquir* [čikí], verbo ant.

Apertar o pescoço, esganar, estrangular.

Marques Pereira, *T.S.Y.K.*, I, p. 195 anota: «esganar pela garganta», em oposição a *chacá* «esganar pela nuca». Contudo, tenho ouvido o termo a pessoas idosas, sem discriminação da posição do estrangulador. «Agora nã tẽ medo, nã tẽ diabo chiquí

eu» — ouvido a uma mulher de 80 anos que tinha resolvido rezar o seu terço todos os dias.

J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 109 regista: «*Chiquí* — apertar, estrangular. *Chiquí tripa*: expressão que significa poupar a ponto de passar fome». *Id. ib.* p. 35: «*Chiquí tripa*, mám fichado qui fichado, pegá tudo sapeca chapá na Bánco.»

Étimo — *Wilkinson* regista o mal. *chekek* e a expressão *menchekek léher*, «to seize by the throat». Também *chekok*, idem, *chekak* e *chekah*.

Cf. mac. *chacá*, acima citado.

É evidente a relação com o malaio, sendo *chekek* a forma que foneticamente mais se aproxima. No mal.-port. a palavra poderia ter passado a soar [čeké] ou [čekī], dada a fraqueza das consoantes finais, donde [čikī].

O *-r* por mim acrescentado, neste como noutros casos semelhantes, é apenas uma modernização destinada a uniformizar a grafia das rubricas verbais.

* *chiribito* [čiribito], subst. ant. e des.

Criança pequena: «Coitado de *chiribito*, tá ali chorá» — ouvido por inf. 50 a antigos portugueses de Xangai, os quais conservam certas formas mais primitivas do crioulo macaense. Não encontrei o termo em Macau.

Étimo — Se é que a palavra existiu realmente no dialecto, o étimo será possivelmente malaio, embora bastante obscuro. *Winstead* (*An Unabridged Malay-English Dictionary*) dá *chirit-birit* com o sentido de «trailing (of walkers)» e «littered (of goods)». Dá também *chirit* como «small parcels (canied in addition to a large)», o que pode talvez aplicar-se a uma criança. (Por amável informação do Prof. E. C. Knowlton, da Universidade de Havai).

chiripo [čiripo], subst. ant.

Tamanco com sola de madeira e uma simples tira de couro passando pelo peito do pé.

Quando cheguei a Macau há 20 anos, ainda este tipo de calçado era muito usado pelos chineses, mas o termo *chiripo*

estava já muito pouco em uso, sendo substituído por *tamanco*. Hoje ambos os termos estão em desuso, uma vez que o *chiripo* foi substituído também por chinelos de borracha ou de plástico ou mesmo por sapatos.

Étimo — O termo foi corrente em Goa no tempo de Dalgado, que indica o étimo *cherippu*, do tamul-malaiala. (Cf. Dalgado, *Gloss.* I s. v.). Pode ter entrado em Macau por via do indo-português ou talvez do malaio. Não possuo informação a este respeito.

* *chirir* [čirí], verbo ant.

Ouvido apenas na expressão jocosa: *rí qui chirí*, rir até urinar, rir a não poder mais, rebentar de rir (em paródias ao dialecto).

Étimo — O mal. *chirit* ou *chirik* 'diarreia' (Cf. Wilkinson, s. v.) parece ser um étimo aceitável, tanto mais que a palavra entra em composições que significam 'qualquer coisa que corre'. É possível que em Macau ou mesmo no mal.-port. se aplicasse o termo à incontinência, mais vulgar, da urina provocada pelo riso.

* *chisco* [čisko?] subst. ant. e des.

Diabo, demónio: «algun-a tola coitado desesperado de vida, tomá remédio pra tapá maldade de vosôtro [os homens], incubrí obra de *chisco*, obra de cavalo fogo...» — *Carta de Maria Varê-Rua* (1888) em *Renasc.* I, n.º 4, p. 351.

Idem em *T.S.Y.K.*, I, p. 126, com nota de Marques Pereira: «*chisco* — Diabo, demónio».

Também em Emílio de San Bruno, *O caso da Rua do Volong*, Macau 1928, p. 101: «— Oh! qui rêva de cachôro! Espera mé ... sã mimá? Aiá! recolê mé! *Chisco!*» (Nota do A.: Oh! que raiva de cão! Espera! É mimo? Vai à fava! *Demónio!*)

Não consegui confirmar o termo na linguagem oral.

Étimo — Desconheço. O *Dic. Morais* dá o termo como provincianismo português, mas com sentido totalmente diferente: «pequena porção, bocadinho».

* *chi-su* ou *chisu* [čisú?] subst. ant. e des.

Planta medicinal.

Ocorre com a grafia *chisu* nas expressões *pau de chisu*, *flor de chisu*, *folhas de chisu* num caderno manuscrito de receitas antigas (1883-1920), entrando na composição de várias mezinhas caseiras para tosse e “flato”.

A Dr.^a Ana Maria Amaro sugeriu-me tratar-se do chinês, *chi son*, uma escrofulária. O *Dic. Moraes* dá também a escrofulária como planta medicinal.

Étimo — Possivelmente o ch. *chi sou* 紫蘇 «escrofulária nodosa ou fétida (*Scrophularia nodosa*)». Cf. *Dicionário chinês-português*, ed. do Governo da Província, Macau 1962, p. 78 a.

chito [čito] subst. ant.

Escrito, carta, bilhete, comunicado; inf.^{es} 50-60 conhecem também como ‘cautela de penhor, recibo’.

No sentido de ‘carta, bilhete, comunicado’ ocorre em *Carta de Tia Pascoela...* (1869): «mandá chomá ung-a lingo [língua, intérprete] pra fazê asinha-asinha dos *chito*, ung-a pra tera china Nam-hói...»

Étimo — O termo é da Índia Portuguesa, onde foi usado com o sentido de «bilhete, aviso, atestado». Cf. Dalgado, *Gloss. I*, s. v. Foi também usado no indo-inglês: «a letter or note; also a certificate given to a servant or the like; a pass. (...) The Tamil people use *shit* for a ticket, or for a playing-card» — *Hobson-Jobson* s. v. *chit*, *chitty*.

Chito [čito], subst. ant.

Alcunha ou diminutivo que se dá a indivíduos de pequena estatura (linguagem corrente).

Étimo — Desconheço.

* *chivit* [čivít^a] subst. ant.? act.

Pássaro menor que o pardal, de cor verde acizentada. Os macaenses distinguem várias espécies: *chivit de bambueira* (pouco maior que um dedo polegar), *chivit sujo*, etc.

Suponho que se trata de algumas das espécies que G. A. C. Herklots agrupa na família das *Sylviidae* (*Warblers*), em *Hong-Kong birds* (Printed by *The South China Morning Post*), 4.^a ed., Hong-Kong 1957, p. 62.

Étimo — A palavra é onomatopaica, pois o canto do pássaro tem aproximadamente o mesmo som.

* *choa* [čõa?] subst. ant. e des.

Embarcação chinesa.

O termo é actualmente desconhecido e não sei se alguma vez foi popular em Macau. Ocorre numa descrição de Macau por Peter Mundy, viajante inglês, publicada e traduzida por C. R. Boxer, em *Macau na época da Restauração*, Macau 1942, p. 59: «nós fomos transportados no seu (deles) *choa* ou barco china». Também na descrição de Macau em 1638 por Marco d'Avalo (id., *ibidem*, p. 88): «Estas *choas* são barcos de 10 remos, com dois homens a cada um e ocupados por cerca de 20 soldados». Boxer anota: «*Cho*. Do cantonense *Ts'o* 艚, junco de alto bordo».

Étimo — Dalgado, *Gloss.* I p. 277 b regista «*chô* (anam. *cho*). Embarcação da Cochinchina».

Segundo Boxer, o étimo seria o cantonense *t'so*, aliás *ch'ou*, cujo carácter significa, porém, não 'junco de alto bordo', mas 'embarcação pequena'.

Esta deve ser realmente a origem do vocábulo.

* *chocorrir* [čokorí?], [šukurí], verbo ant. (A primeira pronúncia é a suposta pronúncia antiga; a segunda foi ouvida à inf.^a 50).

1 — Fazer garridices para atrair a atenção de alguém (falando de raparigas): «ela tá *chocorí* co ele» (inf.^a 50).

2 — Fazer namoro, cortejar uma mulher; namorar: «Vai passeá! Vai gozá! Vai *chocorrí!* Vai dançá!» — Farsa *Nora moderna* ou *Sogra e nora* (1938?), em *Renasc.* II, n.º 2, p. 156. — «Gente na rua olá logo falá / Qui nos aqui são lugar de *chocorí*» — *Opera Lolita* (1937), *ibidem* II, n.º 1, p. 23.

Étimo — Duvidoso. A palavra estará talvez relacionada com o mal. *shok*, «gay, pleasant, entrancing» (*Wilkinson*, s. v.). No entanto, no *papiá* de Malaca *chicorero* [čikorero] significa *femeeiro*, homem que «gosta bulí fémi» (bulir com fêmea). Possivelmente do português *chocarreiro*. Não seria impossível a derivação de *chicorero* para o verbo mac. *chocori* ou *chocorri*.

* *choler*¹ [čolé] verbo ant.

Tirar dum recipiente às colheradas (sopa, arroz, etc.). Ouvido na linguagem corrente, mas parodiando o dialecto: «Nã tem colher pra *cholê?*»

Étimo — mal. *cholek*? Cf. *Wilkinson*, s. v.: *cholek*, «digging out with a pin; *mencholek*, to scrape out with a pointed instrument.»

Foneticamente não é difícil aceitar o étimo *cholek* que, dada a fraqueza das consoantes finais no mal.-port. e no mac., passaria facilmente a [čolé]. Semanticamente este étimo creio poder também aceitar-se, pois que o movimento de escavar com um alfinete ou um pequeno instrumento ponteagudo poderia sugerir o movimento da mão e da colher ao tirar colheradas. No entanto, a hipótese pode ser talvez fantasiosa.

* *choler*² [čolé?] verbo ant.? des.

Tocar com os dedos? Dar uma pancadinha? Dar uma pequena cotovelada? «... más tarde já *cholê* na sua ombro» — *Carta de Tia Pascoela...* (1870), em *Renasc.* I, n.º 3, Março de 1943, p. 244. (O termo refere-se a um Governador de Macau que já *cholê* uma menina numa festa da alta sociedade).

Étimo — *Papiá cholê* [čolé], tocar com os dedos numa pessoa para a chamar. Do mal. *cholek* ou *cholet*, «a dig with the point of the finger» (*Wilkinson*).

* *cholido* [čolido] adj. ant.

Intrometido. *Ficá cholido*, intrometer-se ou ser acusado de se intrometer em assuntos que não lhe dizem respeito.

— «Eu nunca sam querê *ficá cholido*, mas tem di avisá...»
— *Mais um-a desgraça*, em *O Independente* (semanário de Macau), 19 de Fevereiro de 1887. *Apud T.S.Y.K.*, I p. 259 sg. Também em *Renasc.* I, n.º 3, pp. 252-254.

— «Io num quero *ficá cholida*, mas (...) io ten que falá»
— *Comédia Cavá Tufang de 74* (1925), *Renasc.* I, n.º 5, p. 471 segs. (Trata-se de avisar uma mãe do comportamento da filha).

— «Nhum ne-bom batê tití / Si senti fólia *cholido*» (os senhores não façam barulho se acharem o jornal intrometido)
— José dos Santos Ferreira em *Gazeta Macaense*, 7-10-63. Também *id. Macau sã assim*, Macau 1967, p. 68. Cf. *idem, ib.* p. 50 e Vocabulário, s. v.

Étimo — Relacionado com *choler*² (q.v.) no sentido de 'esgaravatar, meter o bedelho onde não se é chamado'?

* *choncar* [čõká] verbo ant.? act.

Chocar, embater (diz-se geralmente em referência a acidentes de viação): «o carro foi *choncá* noutro»; «cuidado, nã vai *choncá!*» (linguagem corrente).

Étimo — Ch. *chong* 撞, 'colidir, dar encontrão em', possivelmente com contaminação do port. *chocar*.

* *chope* [čóp^a], subst. act.

Usado na gíria escolar: falta de um professor a uma aula ou a um dia de aulas: «Hoje tivemos *chope* de matemática»; «O Dr. F. deu *chope*».

Étimo — No *pidgin* inglês de Hong-Kong a palavra *chop* significa um carimbo. Cf. R. W. Thompson, *Pidgin Languages* em *The China Mail*, Hong-Kong 17-5-1958: «*Chop*. A brand or seal. Often the rubber stamps, in Hong Kong.»

O sentido mac. vem do carimbo ou *chop* (antigo *chapa?*) que é apostado ao livro de ponto quando o professor falta a uma aula.

Não encontrei vestígios desta forma no antigo crioulo, por isso é provável que venha directamente do *pidgin* de Hong-Kong, cuja influência se tem feito sentir em muitos outros casos. No entanto, segundo R. W. Thompson, *ib.*, a palavra, usada por escritores indianistas ingleses desde 1614, vem do português *chapa* (q.v.), usado no Oriente com o sentido de selo, chancela, sinete, carimbo e também documento selado, chancelado.

* *chubidela* [čubidɛla] subst. act.

Beliscão: «dar uma *chubidela*» (ling. corrente).

Étimo — De *chubir*.

* *chubir* [čubí] verbo, ant. e act.

Beliscar; partir ou arrancar com os dedos (pedacinhos de pão, bolo, a pétala duma flor, etc.).

Frequente em textos antigos e na linguagem corrente.

— «Sora, ele sempre *chubi* eu!» — ouvido a crianças de escola (Professora, ele está sempre a beliscar-me).

— «Olha, nada de *chubi* bolo, hã?» — aviso às crianças, que têm sempre dois dedos lesto para um bolo acabado de fazer. Ouvido a pessoa de cerca de 30 anos.

— «*Chubí* pám: partir o pão» — J. S. Ferreira, *Macau sã assi*, p. 108.

Étimo — Mal. *chubit*, «pinching, pressing between finger and thumb» (*Wilkinson*, s.v.). V. também *chobek*, «a pinch».

* *chuchai* [čüčáj] ou *chichai* [číčáj], subst. ant. e des.

Trabalhador ou “cule” chinês antigamente embarcado, teoricamente sob contrato, de Macau, Hong-Kong e outros portos do Sul da China, para a América Central, mormente Cuba, e outras terras distantes: «Nhum Quimquim já vai viazi, imbarcá de piloto na navio que levá *chuchai*, ganhá tanto pataca» — *Carta de Siára Pancha a Nhim Miquela* (1865) em *T.S.Y.K.*, I, p. 323, II, p. 458.

Devido à natureza dos seus contratos e ao modo como eram arregimentados e embarcados, esses emigrantes eram também designados em Macau como *escravos*. O negócio de *chuchai* ou *chichai* foi proibido em Macau em 1873 (continuando embora nos portos vizinhos), pelo que a palavra caiu progressivamente em desuso.

Étimo — A palavra significa literalmente ‘porquinho, pequeno suíno’ e é o ch. *chü chai* 豬仔 que tem o mesmo sentido. A ideia veio provavelmente do facto de os emigrantes chineses serem ao tempo amalgamados e levados à força nos navios, como suínos para o matadouro.

* *chuchumeca* [čučumęka], subst. e adj. ant. e act.

«Intriguista, intrometido. Que se mete na vida alheia». Cf. J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 108. A palavra é muito usual na linguagem corrente, até mesmo da geração jovem, mas é considerada palavra antiga. Contudo não se encontra nos textos, do século passado e princípios deste, que consultei.

Étimo — Desconheço. Talvez relacionado com *chuchur* ou *chuchú* [čučú] (q.v.), sendo o *chuchumeca* aquele que perfura, que penetra nos assuntos alheios.

* *chuchundo* [čučũdo?] adj. ant.? des.

Que deve ser picado, espetado? Que está para ser picado, espetado?

A palavra é actualmente desconhecida e é apenas citada como termo de Macau, sem indicação de significado, por um Senhor J. António a Marques Pereira «dando conta de algumas palavras antigas de que se lembrava»: «Estavam dois em uma batida, para ver qual dos dois tinha mais forças para atirar em terra, mas um intruso que estava ao pé dos dois competidores, toca a rotinha (*badine*) no sovaco d’um dos dois. Um dos competidores disse: Não está na condição de *chuchundo*. — Logo portanto temos o verbo *chuchur*». (Cf. *T.S.Y.K.*, II, p. 703 segs.)

Étimo — De *chuchur*?

* *chuchur* [čučú], verbo ant.

Picar, espetar, perfurar, cravar: «Iou azinha corê (...) De azinha, qui já *chuchú* pê na unga demónio de buraco na rua...» — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 19 (cf. *id. ib.* Vocabulário).

Folclore:

1 — Cantilena macaísta

«Eu pra olá pra vôs
Passá vanda hórta;
Espinho *chuchú* pê,
Sangui góta góta»

— (*Cancioneiro musical crioulo*
em *T.S.Y.K.* II, p. 704).

2 — Adivinha antiga (recitada por inf.^a 70)

«Eu cô vôs
Vôs cô eu;
Buli, buli,
Chuchú na meo (no meio)

Sã: tranca da porta.»

Cf. também *Folclore macaísta* em *T.S.Y.K.*, I, p. 324.

Étimo — Mal. *chuchok*, «piercing; driving a point into anything, piercing with a needle, perforating» (cf. *Wilkinson*, s.v.)

* *chumbino* [čũbino?], subst. ant. e des.

Peixe ou marisco de pequenas dimensões.

Numa variante da cantilena antiga *Liu-liu lorcha* (V. *liu-liu* e *lorcha*) dizia-se:

«Roto-roto
Caçá marroto;
Fino-fino
Pescá *chumbino*».

Marques Pereira em *T.S.Y.K.*, II, p. 783, supõe que *chumbino* é um peixe, mas desconhece o nome científico. Actualmente não se encontra quem conheça o termo e possa identificar

o peixe ou marisco. No entanto, como a cantiga se refere à seda do quimono chinês, depreende-se que se trataria dum animal pequeno, para ser pescado com um tecido de malhas finas.

Sobre *marroto* ou *maroto*, v. *beliz*.

Étimo — Desconheço.

* *chunambeiro* [čunãbeiro?], [šunãbeiro], subst. ant.

Forno para fabricação de *chunambo* ou local onde se fabricava *chunambo*.

Em Macau, a palavra é actualmente desusada, mas persiste no nome dum local, *Largo do Chunambeiro*, onde havia antigamente fornos de cal de ostra ou *chunambo*. Este nome do largo já existia nos fins do século passado ou princípios deste: «É de *chunambo* que deriva a palavra *Chunambeiro*, empregada em Macau para designar o antigo local, próximo da fortaleza do Bom Parto, no extremo sul da Baía da Praia Grande. Nesse local havia antigamente fornos de cal de ostras» — *T.S.Y.K.*, III, p. 3. Esta nota é transcrita por Dalgado, *Gloss.* I, p. 282 e também por C. R. Boxer na sua ed. de *Asia sínica e japónica*, Macau 1950, II, p. 234, acrescentando: «É interessante notar o nome chinês do local, *Sio Fui Lu Cai* [...] que quer dizer a *rua do forno de cal*».

Em Macau não parece ter-se usado a palavra com outro sentido, mas há uma quadra do folclore malaqueiro onde o termo ocorre com sentido diferente. Cf. Prof. Padre Silva Rego, *Apontamentos para o estudo do dialecto de Malaca*, em *Bol. Geral das Colónias*, Dezembro de 1941, n.º 198 e id. *Dialecto português de Malaca*, Lisboa 1942, p. 112:

«Cuco, cuco, lebá nobas
Chunambeiro com labor;
 Camisa costura fino,
 Lembrança de mia amor.»

Em Malaca a palavra parece significar um vaso ou pucarinho onde se guarda ou guardava antigamente a cal ou *chunambo* empregada na preparação do bétel para mascar.

Étimo — Port. *chunambo* + *eiro*.

chunambo [čunãbo?] subst. ant. e des.

Cal obtida pela calcinação de conchas de ostras. (V. *chunambeiro*). Em Macau ainda há poucos anos os chineses usavam uma mistura de cal de ostras e de cal vulgar para caiar as casas; no entanto o termo em português é desusado, embora conhecido por pessoas idosas.

Marques Pereira, *T.S.Y.K.*, III, p. 157, diz que *em português* (que certamente entendia por português culto) a forma é *xinamo*, em Macau e Ceilão *chunambo*, e no indo-português de Goa *chuname*.

A forma *xinamo* não é registada no *Dic. Morais*, mas encontrámo-la em *Ásia sínica e japónica* de Fr. José de Jesus Maria e foi talvez usada por outros escritores orientalistas. No indo-inglês teve as formas *chunam* e *chinam*.

Étimo — Sobre o étimo e as diversas formas de palavra, v. Dalgado, *Gloss.*, I, p. 282.

chupa [čupa] subst. ant. e des.

Cilindro de madeira ou bambu, fechado numa das extremidades, usado para medir secos como arroz, feijão, etc. Actualmente desusado e substituído por balanças, mas a actual geração de meia idade ainda se recorda de a *chupa* ser usada na sua meninice. Segundo um caderno de receitas antigas (1883-1920), a *chupa* era também usada para medir líquidos: «Arroz leite: arroz 1/2 chupa, leite 5 *chupas*...» O termo está documentado no século XVIII, no vocabulário do *Ou-Mun Kei Lèok* (Monografia de Macau), trad. de Luís G. Gomes. Havia também antigamente uma *Travessa da Chupa*, cf. *T.S.Y.K.*, III, p. 191.

Étimo — Mal. *chupak*. Cf. *Wilkinson* e Dalgado, *Gloss.* I s.v.

* *cifar* [sifá], verbo ant.

Polir com *cifa*?

Usado apenas na expressão plebeia *cifá dente!* — ‘vai-te embora, não me maces, não me chateies!’ (informadores 50-60).

Ocorre também a forma *cifrá* com o sentido de ‘cerrar, arreganhar’ (os dentes): «*Cifrá dente*: mostrar os dentes, com expressão de cólera». Cf. José dos Santos Ferreira, *Macau sã assi*, Vocabulário p. 108. *Ibid.*, p. 72: «Ti Vicente bóca gránde, / / *Cifrá dente* preguntá...» Cf. no papiá: *cifá dente*, ‘mostrar os dentes’.

Étimo — De *cifa*?

Dalgado, *Gloss.* I s.v. regista: «*cifa* no sentido de ‘areia fina’ é do ár. *saifa*».

Penso que deste termo *cifa*, areia fina, se derivaria em Macau *cifar* [sifá] *dente*, no sentido de ‘arear, polir os dentes’. Informadores idosos recordam-se de polir ou escovar antigamente os dentes com uma espécie de cinza de casca de arroz, visto que não existia pasta dentífrica. Em vez dessa cinza, poderia ser usada, em época mais antiga, areia fina ou qualquer pó semelhante a areia.

* *cissir* [sisi], verbo ant.

Erguer. levantar, puxar para cima: «*Cissí calçám*: puxar as calças para cima» — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 108. Cf. *id.*, *ib.*, p. 73: «Tio Chencho erguí de chám / Vai dentro panhá vassóra. / Já esquecê *cissí calçám* / Ceróla já sai vêm fora!»

Étimo — O mal. *sisil* «turning up the ends of the sleeves or trousers» (*Wilkinson*) parece étimo provável. O sentido de ‘enrolar para cima as perneiras das calças’ pode ter mudado, entre o povo, para «puxar as calças para cima»; também é possível que o termo tenha sido usado nesse sentido, para efeitos cómicos, nas paródias ao dialecto, perdendo-se o sentido primitivo.

* *clu-clu* [klu klú] subst. ant.

Ruído dos dados ao serem agitados numa tigela, na campânula apropriada ou em qualquer recipiente, nos jogos de azar. Por extensão, jogo de dados, jogo de azar: «E cadunga mês corrê como fuzilada, já passá (...) Natal, nosso ano novo, ano novo china (...) *clú-clú*, e agora tem na quarentora». — Comédia *Os*

viúvos, em *Renascimento*, I, n.º 6, p. 572 (peça escrita em 1928, mas cuja acção decorre em 1849).

O termo *clu-clu* é conhecido, mas praticamente desusado. O jogo de dados mais comum é vulgarmente designado por *tai-siu* (q.v.) e muito apreciado pelos portugueses durante o ano novo chinês.

Étimo — A palavra é onomatopaica, imitando o ruído dos dados ao serem misturados e agitados.

cobertor [kobertó] subst. ant. e act.

Tampa de panela, tacho ou outro recipiente.

Ouvido correntemente a pessoas idosas e de meia idade. Também numa receita manuscrita de 1839: «Cabedella de pato: (...) tape o *cobertor*, deixe cozer por duas horas de tempo.» Esta acepção é antiga em Portugal: «... pote e tigela com seu *cobertor*», *Ordenações Afonsinas*, I, 67, 8. (Apud *Dic. Morais*, s.v.).

Ao *cobertor* de cama chama-se em Macau *colcha* (q.v.).

* *cobreiro* [kubrero?], [kubreiro], subst. ant. e act.

Artífice que faz objectos de cobre; dono duma oficina onde se fazem objectos de cobre.

O termo foi registado no século XVIII no vocabulário do *Ou-Mun Kei-Lèok* (Monografia de Macau), na transcrição chinesa correspondente aos sons *ko-pei-lei-lou*. Contudo não é dado neste sentido pelo *Dic. Morais* nem parece ter sido conhecido na Índia Portuguesa por Dalgado. Parece, portanto, termo criado no macaense ou talvez no mal.-português.

Étimo — Port. *cobre* + *eiro*.

coco [koko], subst. ant. e act.

Fruto do coqueiro. (V. *coquinho*)

O coco é usado em variadíssimos pratos e doces da culinária macaense. Antigamente era usado também, ou os seus derivados, em mezinhas caseiras para várias doenças:

Mezinha «para torcedura» — «Frige-se azeite de coco com mai (*sic*) de açafão, aruda e sal e fomenta-se a torcedura quando fica vermelha.» (1915) — Caderno de receitas manuscritas de D. Hermínia Figueiredo (1883-1920).

Folclore — Adivinha antiga:

«Cêo riva,
cêo basso,
agu na mêo.

Sã: *coco*». (Céu em cima, céu em baixo, água no meio. É: coco).

Cf. Dalgado, *Indo-Português do Norte*, em *Revista Lusitana*: «no mei mar e arredor terr.» — «Coco».

colau [kuláũ] subst. ant. e act.

1 — «Casa de pasto na China» (cf. Dalgado, *Gloss.* I s.v.); restaurante chinês.

2 — Jantar à chinesa: «Já ganhá qui tanto pataca (ao jogo), vai comê *colau* já, qui bom! (inf.^a 80).

Suponho que em tempos antigos o termo se applicava a qualquer restaurante chinês. Hoje applica-se apenas ao restaurante chinês de modesta categoria e por isso mais típico dos costumes chineses, uma vez que o restaurante luxuoso já está mais ou menos ocidentalizado na decoração e na própria culinária que oferece. *Colau* significa frequentemente a própria refeição à chinesa, geralmente o jantar típico, que pode ser comido num restaurante próprio ou encomendado para a casa da família, o que só acontece em dias de festa. Escolhida a ementa com alguns dias de antecedência, o restaurante envia para a casa onde se realiza a festa (normalmente um aniversário) tudo o que é necessário para a confecção e apresentação do jantar, incluindo fogões, cozinheiro e ajudantes, mesas, louças e criados de mesa. A comida vem já meio preparada, e os cozinheiros não têm mais que acabar e dar aqueles últimos retoques que fazem o requinte da culinária chinesa.

Étimo — Do ch. *kou lâu* 高樓, edifício alto. *Kou lâu kwun*, casa de pasto (literalmente: hospedaria em edifício alto).

colcha [kɔrča?] (1) [kɔlča], [kɔlśa], subst. ant. e act.

1 — Coberta de cama.

2 — Mais geralmente, cobertor de lã ou de algodão com que a pessoa se cobre de noite: «Esta noite fresco, tem que cobrí *colcha*» (linguagem corrente).

colcha-papa [kɔlča papa], ant.

Cobertor de papa (como o usado na Metrópole).
(Ouvido a pessoas idosas).

colcha-pena [kɔlča pena], ant.

Edredão acolchoado com penas.
(Ouvido a pessoas idosas).

* *columbrar* [kolũbrá?] verbo ant? Des.

Cobiçar (segundo Marques Pereira, *T.S.Y.K.*, I, p. 263): «... num cançá *columbrá* deste lugar» — *Uma crítica graciosa*, em *ob. cit.*, I, p. 259. Aparentemente a expressão significa: não se cansam de cobiçar este lugar.

Termo não confirmado, desconhecido das pessoas mais idosas.
Étimo — Desconheço.

* *comoa* [komɔa], subst. ant. e des.

Sentina; antigamente, pequeno compartimento situado fora de casa (no quintal, na horta, etc.), com a respectiva fossa, e servindo de sentina. «Antigamente sintina é *comôa*» — inf.^a 86.

O termo deve ter entrado em desuso quando se fez a rede de esgotos da cidade e a sentina começou a ser dentro de casa

(1) A forma *corcha* ocorre em *Carta de Tia Pascoela...* (1869): «... três bandera, pindurado na janela (...) moda de china sugá *corcha*...» — em *Renasc.* I, n.º 2, p. 134. Pronúncia não confirmada.

e no quarto de banho. Hoje a palavra é desusada e só conhecida por pessoas muito idosas.

Étimo — Talvez o provincialismo port. *comũa* (fem. de *comum*) usado nalgumas regiões para designar o cubículo construído sobre uma fossa, no quintal ou na horta, e servindo de sentina comum a toda a família.

comprador [kõpradór] subst. ant e act. Ant. *compradore*?

Na linguagem actual de Macau, significa o funcionário dum navio que trata das passagens e outros assuntos de contabilidade. Corresponde ao inglês *purser*, comissário de bordo. O termo foi usado em Hong-Kong, e parece ter sido usado antigamente em Macau, no sentido de um criado de confiança, espécie de mordomo, encarregado das compras domésticas, de contratar e vigiar os outros criados, etc. «The griffin housewife two days ashore talks familiarly of her *comprador* (When writing to her mother she may give it an Italianate flourish — *compradore*). The word has still a wider application in Hong Kong. It was formerly the name of a native servant employed by Europeans in India and further East. His job was to purchase necessaries and keep the household accounts. (...) *Comprador* is another borrowing from the Portuguese...» — Robert W. Thompson, *Let's take Hong Kong's word*, em *The China Mail*, Hong Kong 12-7-1958.

Austin Coates em *City of broken promises*, Londres 1967, recriando o ambiente de Macau nos fins do século XVIII, fala do *compradore* como o primeiro membro do pessoal doméstico duma casa abastada (1). Não encontrei confirmação do termo nesse sentido, nem da forma *compradore*, nos textos em dialecto ou na memória das pessoas idosas, sendo função semelhante desempenhada em tempos mais recentes pela chamada *mãe de casa* (q.v.). Contudo existe ainda uma mercearia chinesa em Macau que ostenta o seguinte letreiro: ON ON COMPRADORE.

(1) *Ob. cit.*, p. 14 e outras.

compridão [kũpridãu], subst. act.

O mesmo que comprimento: «a *cumpridão* do vestido...» — inf.^a idosa. Ouvido com certa frequência a pessoas idosas e de meia idade, com linguagem antiga, mas não encontrado no dialecto.

condorim [kõdrí], [kõdorí], subst. ant. e des.

Antiga medida de peso, correspondente à centésima parte do *tael* (q.v.). Este ainda está em pleno uso, mas o *condorim* é desusado e desconhecido dos jovens.

Pessoas idosas recordam-se dessa medida e doutras fracções do *tael* (v. *maz* e *caixa*) empregadas para pesar a prata usada nas transacções comerciais como moeda.

Étimo — Mal. *kanduri*, cf. Dalgado, *Gloss.* I e *Hobson-Jobson*, s.v.

* *conventona* [kõvõtõna] adj. ant.

Diz-se de rapariga, geralmente órfã, educada num convento. (Inf.^a 65) «Ela é *conventona*».

Étimo — Port. *convento* + *ona*, sufixo depreciativo.

* *copo-copo* [kõpo kõpo], subst. ant. e des.

Borboleta: «... alegre como *côpo-côpo* na primavera na dia de sol.» — Carta de *Maria Varê-Rua*, T.S.Y.K., I. Marques Pereira, *ibid.*, p. 195 anota: «Borboleta-branca. Não sei a origem dessa expressão». Contudo não é necessariamente borboleta branca, mas qualquer borboleta. Inf. 60 cita a frase usada num jogo da sua infância: *copo-copo tá agué* (borboleta está a voar — V. *aguar*).

Étimo — Mal. *kupu-kupu*, 'butterfly' (cf. *Wilkinson*, s.v.). O termo é também usado no papiá.

* *coqueira* [kõkẽjra], subst. act.

(Termo de doçaria). Pastel de coco, espécie de queijada com recheio de coco ralado, ovos e açúcar.

Étimo — Port. *coco* + *eira*.

coquinho [kokiño] subst. ant. e act.

Tubérculo comestível com a forma e o aspecto exterior dum pequeno coco de cerca de 3^{cm} de diâmetro.

«Emprega-se em Macau este termo para designar uma espécie de *caçara* chinesa, por ter a forma de coco pequeno. Planta que se encontra nos terrenos alagadiços em toda a China. É cultivada por causa das suas raízes redondas, tuberosas, suculentas e doces...» (Cf. Dalgado, *Gloss.* II, Suplemento, p. 478).

Na linguagem actual, o *coquinho* é mais vulgarmente designado pelo ch. cantonense *má t'âi* 馬蹄, castanha de água. *Scirpus tuberosus* é a designação científica (cf. *Dic. chinês-português*, edição do Governo da Província, Macau 1962, p. 421 a). É portanto da família das ciperáceas como a *caçara* indiana e a *coquinho* que Dalgado regista (*Gloss.* I s.v.) e que parece assemelhar-se ou talvez identificar-se com o *coquinho* de Macau. A *coquinho* indiana é ou era antigamente usada na Índia como remédio para «febres cálidas e diabetes». Em Macau, os caldos de *coquinho* ou *má t'âi* são considerados “frescos” e aconselhados para «intestinos cálidos» e tensão alta.

Étimo — Port. *coco* + *inho*.

corcha — V. *colcha*.

cordial [kurdiál], subst. ant.

Remédio confortativo e calmante, considerado antigamente de especial eficácia para pessoas que apanharam sustos (principalmente crianças). O *cordial* em Macau era um pó que se raspava do que aparenta ser uma pedra calcárea. É coisa que já não existe à venda, mas que pessoas idosas ainda têm e que me mostraram.

Vinha da Índia, em tempos, em pedaços mais ou menos cúbicos, cobertos dum pó dourado. Este pó, porém, já não se via no pedaço que examinei. Não pude identificar a substância. Inf.^a 65, mãe de numerosos filhos, diz que sua mãe lhe dava um pouco de *cordial* na ponta duma colher, o qual ela engolia

com água ou chá, antes dos partos. Destinava-se o pó a fortalecerê-la e acalmá-la.

Sobre *cordial*, v. Fr. José de Jesus Maria, *Ásia sínica e japónica*, ed. Boxer, vol. II, p. 170 (com uma nota explicativa de C. R. Boxer); Dalgado, *Gloss.* II s.v. *Pedra cordial, pedra de Goa, pedra de Gaspar António*.

corte [kɔrte], subst. ant. e des.

Tribunal.

Inf.^a 60 diz que ouvia antigamente o termo *a pessoas velhas* e que em Hong-Kong ainda se usa. É provável que o termo seja do português de Hong-Kong, referido aos tribunais ingleses, como aconteceu no indo-português (cf. Dalgado, *Gloss.* I, s.v. *côrte*).

Étimo — Ingl. *court*, tribunal.

* [kɔte], subst. ant.

Entorse; mau jeito (no corpo), de que resultam dores; estalido nos ossos: um *cote* nas costas, um *cote* no pé (inf.^{es} idosos e de meia idade). «Deu um *cote* na costa, agora sintí dor».

Étimo — Desconheço.

* *cotê* [kɔtê], [kotê], adj. e adv. ant.

1 — Trôpego, como um velho; andar tropegamente: «Coitado de vêlo (...) agora tá andá *cotê*» — *Carta de Tia Pascoela* (1869) em *Renasc.* I, n.º 1. 2 — coxo?: «Aquelle ung-a official *cotê*, que já escapá jugá sôco com vôsso tio, tamêm tá prepará caza...» — *id. ib.*, p. 35.

Informadores de meia idade citam *andá cotê-cotê*, 'coxear, andar como um velho'.

Étimo — Desconheço. *Dic. Mor.* regista *coteto* (pron. *cotêto*) como termo pop. designando «homem muito baixo, quase anão». Este sentido, passando por 'pessoa minguada e encurvada pela idade', poderia talvez dar o mac. *cotê*, trôpego como um velho.

couve coco [kõvi kõko], ant.

Couve repolho, *brassica oleracea*, var. *capitata*, Linn., segundo A. M. Amaro, *Catálogo provisório*, p. 72.

Também chamada *couve branca*, mas designada mais geralmente pelo nome chinês *ié ch'ói* 耶菜.

Étimo — A designação provém do formato da couve, mais ou menos esférica como o coco. O *Dic. Mor.* regista a expressão como sendo da Índia Portuguesa; todavia o próprio Dalgado, *Gloss.*, I, a dá como termo de Macau: «É o nome que se dá em Macau ao repolho, por sua analogia com o coco».

côvado [kõvedo], [kõvado], subst. ant.

Medida de comprimento chinesa, aproximadamente equivalente a 38 cm. Também chamada *pau* (q.v.). Cada *côvado* está dividido em 10 *pontos*. Tem geralmente o formato duma régua de madeira. O termo é já pouco usado, sendo frequentemente substituído por *pau* ou pelo ch. *ch'êk* 尺.

O termo, do port. *côvado*, aplicado pelos portugueses a medidas mais ou menos semelhantes da Ásia, é muito antigo em Macau, tendo sido registado no séc. XVIII no vocabulário sino-macaísta do *Ou-Mun Kei-Lèok* e em *Ásia sínica e japónica*, ed. Boxer, vol. II, p. 234: «Nas medidas também fazem o que podem [os chineses] uzando só a de *Covado* ou *pau china*, que cada três fazem uma vara nossa, e o falcificação uzando o maior quando comprão, e quando vendem o menor.»

* *cria-cria* ou * *creia-creia*, ant. e des.

Petisco da culinária macaense, aparentemente hoje desusado. Constava de umas rosquinhas fritas, feitas de farinha de arroz escaldada com manteiga e misturada com carne picada, presunto, ovos e cebola china.

Não encontrei quem conhecesse o termo nem mesmo o petisco. As duas formas acima, assim como a receita, encontram-se num antigo caderno de receitas manuscritas (1883-1920).

Étimo — Desconheço.

crioula [kriɔla], subst. ant. e act.

Rapariga órfã, ou abandonada pelos pais, criada numa casa de família onde ocupa um lugar intermédio entre criada e parente. Come à mesa da família, é por vezes a herdeira se o casal não tem filhos, mas compete-lhe executar certos serviços domésticos. Se fica solteira e permanece na casa, torna-se uma espécie de governante ou *mãe de casa*. É possível que o termo tenha sido usado no masculino, como foi na Índia Portuguesa, mas não conheço vestígios de tal uso em Macau. O facto explica-se pelas condições especiais do meio, porque as crianças abandonadas são geralmente chinesas e os chineses raramente abandonam rapazes. Para estes é fácil encontrar quem os adopte como filhos ou, mesmo ainda hoje, quem os compre.

Crioulo com o sentido de 'dialecto' ou de 'indivíduo natural da terra' não é usado em Macau.

* *cudum* [kudún], adj. ant.

Indivíduo baixo, atarracado: «cancã é *cudum*, pichote, andá perna aberto» — inf.^a 80, definindo *cancã*.

Étimo — Mal. *kudong*, «stumpy» (*Wilkinson*, s.v.). Cf. *ib. sampan kudong*, «a heavy beamy Chinese sampan».

cule [kuli], [kule], subst. ant. e act. Também *cunlin*?

Trabalhador chinês: carregador, estivador, puxador de riquexó, condutor de triciclo, etc.

Os próprios chineses usam o termo no mesmo sentido, mas dado o valor pejorativo que vem tomando, tende a cair em desuso, tanto entre os chineses como entre os portugueses.

Emílio de San Bruno, *O caso da Rua do Volong*, Macau 1928, p. 104, cita *cunlin*: «... ia um *cunlin* (cule de rua) (*sic*) buscar canja de cambalenga e bolos ao china di merenda...». Não parece, porém, que essa forma tenha existido em Macau.

Sobre a palavra, v. Dalgado *Gloss.* I s.v. e R. W. Thompson, *coolie*, em *The China Mail*, Hong-Kong 19-7-1958.

* *curum* [kurún], [kuñun], subst. ant. e act.

1 — Espécie de cesto que se coloca, invertido, sobre uma ou duas galinhas, mais geralmente sobre uma ninhada de pintos, para se não dispersarem.

2 — *P. ext.*, Capoeira, galinheiro.

Étimo — Mal. *kurong*, «an enclosure; the compartments of a large malay fish-trap; a room; a cabin». (Cf. *Wilkinson*, s.v.).

* *cusaçuso* [kuzasuzo], subst. ant. e des.

O mesmo que *cusa suzo*, coisa suja. Porcaria, coisa ordinária, coisa maldita: «Qui *cusaçuso* di vida...» — Emílio de S. Bruno, *O caso da Rua do Volong*, Macau 1928, p. 103: «Depôs de passá nôs tudo pra alma perdida, inda aquele *cusaçuso* quêrê que nôs vai mato matá tigre, matá leão...» — *Carta de Maria Varê-Rua*, em *T.S.Y.K.*, I, p. 123.

cuscus [kuskús], [ku/kúf], [kukúf], ant. e act.

Processo de cozinhar que consiste em cozer os alimentos em “banho-maria”, isto é, ao vapor de água: *caldo cucus*, *peixe cucus*, etc. (linguagem corrente).

É processo imensamente usado na culinária chinesa e também na macaense, principalmente em caldos de vaca fortificantes, peixe e certos bolos.

Étimo — A palavra foi usada na Metrópole, pelo menos no séc. XVI, para designar uma espécie de pão ou bolo cozido ao vapor de água (cf. Baltasar Lopes da Silva, *O dialecto crioulo de Cabo Verde*, p. 255). É actualmente usada em C. Verde e certamente noutras das nossas antigas províncias ultramarinas, assim como no Brasil. Parece ser originária do Norte de África. No entanto, é curioso notar o mal. *kukus*, «cooking by steaming» (*Wilkinson* s.v.) e a pronúncia também usada em Macau [kukúf].

cuspidor [kuʃpidór], subst. ant.? act.

Escarrador, recipiente onde se cospe. V. *espitune*.

O *cuspidor*, geralmente de esmalte colorido, é objecto indispensável em toda a casa chinesa, sendo colocado em lugar bem visível. Vi-o também ainda em muitas casas macaenses, mas vai desaparecendo com o largo uso dos lenços de papel.

É possível que a palavra seja antiga em Macau, uma vez que foi usada no português de quinhentos: «o *cuspidor* em que cuspia era de ouro» — Castanheda, *Hist. da Índia*, I, 39 (apud *Dic. Mor.* s.v.). Além disso passou ao *pidgin* inglês no mesmo século e certamente através do indo-português (cf. R. W. Thompson, em *The China Mail*, 14-7-1958). No entanto não encontrei o termo no dialecto.

custar [kuʃtá], [kuʃtár], verbo act.

O mesmo sentido do port. normal, mas com construção diferente: «eu *custei a comer* aquela sopa».

A mesma construção se usa no Brasil: «Os excursionistas *custam a acreditar* nos seus olhos.» — Em *Reader's Digest*, ed. brasileira, Dez. 1956.

cutão [kutãŋ], subst. ant. e des.

Corpete ou “corpinho” interior, cingindo o tronco até à cintura, usado antigamente pelas mulheres macaenses, aliás como as de Portugal, correspondendo ao actual *soutient*. Inf.^a 80 explica: «*cutã* é ãa corpete ou corpinho». Inf.^a meia idade cita, como ant., *saia cutão*, ‘combinação de senhora’ peça de roupa interior assim chamada certamente por ser formada de uma saia e um corpete mais ou menos justo. Em Macau não parece ter tido o sentido de «camisola, jaqueta» indicado por Dalgado, *Gloss.*, I, no indo-port.

Étimo — Mal. *kutang*, que *Wilkinson* cita como termo javanês: o mesmo que *choli*, «a tight-fitting native bodice worn next the skin by indian women». O termo pode ter entrado

através do malaio ou do indo-português, sendo aplicado ao corpete justo das mulheres portuguesas de Macau.

* *cute* [kute?], subst. ant. e des. O mesmo que *cuti* (q.v.)?

Pancada na cabeça, carolo.

Ocorre apenas num texto, na expressão, hoje desconhecida, *cute Santana*: «Num são pouco bulacho / Que nós tudo levá d'elle, / E cada *cute Santana* / Que rancá cabelo com pêle.» — *Diálogo entre Augusta (...) e seu primo João Fernandes* (1895), em *Renasc.*, III, n.º 1 (referência a um professor que dava carolos na cabeça dos alunos).

Étimo — V. *cuti*. Para o termo *Santana*, que faz parte da expressão citada, não conheço explicação.

* *cuti* [kutí], subst. e verbo ant. e des.

1 — Pancada: pequena pancada na cabeça, dada com a mão ou com uma cana; carolo. «Quando eu merecia castigo, minha mãe dizia que me dava *unga cuti* na cabeça» — inf. 60.

2 — Bater, «bater em alguém com qualquer objecto» — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 109. «Maria ficá sam-sám / *Cuti* ramatá na Chencho / » — *id.*, *ib.*, p. 73.

Cuti aparece também como verbo na expressão *cuti pião* (q.v.). E Marques Pereira em *T.S.Y.K.*, I, p. 64 anota a expressão *sã pussá, unga cuti dôs* como: «puxar num ápice dois peixes duma vez». Contudo, suponho que *cuti* pode corresponder aqui à expressão, também macaense, *numa pancada* (ou apenas *uma pancada*). 'num ápice, num instante': «ũa *pancada*, já morrê», morreu de repente.

Étimo — Mal. *kutil*, «to pick or break off a small piece of anything»? V. *cuti pião*.

* *cutiar* [kutiá], verbo ant.

Dar uma pancada, bater com o salto do sapato no chão (cit., por inf.^a 65).

Não encontrei confirmação do termo. Suponho que deve ser modernização de *cuti*.

* *cuti pião* [kutí pián], ant.

1 — Um jogo de pião: «... comê *cuti pião*» — *Carta de Tia Pascoela*, em *Renasc.*, I, n.º 3, p. 242. (Falando de brincadeiras de criança).

2 — O pião usado nesse jogo, também chamado *pião carrapeta*. Segundo inf. 60, que jogava o jogo na sua infância, um jogador deitava o seu pião a girar dentro duma circunferência riscada no chão e outro jogador procurava lançar o seu de modo a acertar com o bico no pião que estava a girar, pondo-o fora da circunferência e marcando-o com a picada. Este picar o outro pião é que era o *cuti*.

Étimo — V. *cuti*.

D

dachim [dačín], subst. ant.

O mesmo que *dachém* ou *dachêm*, formas desusadas em Macau. Balança; pequena balança, usada pelos ourives, semelhante à balança romana.

Tenho ouvido apenas a pronúncia [dačín] a várias pessoas de meia idade e a outras muito idosas (80-90 anos). No entanto, Luís G. Gomes dá *dacheng* para a respectiva palavra registada no século XVIII no *Ou-Mun Kei Lèok* (vocabulário), p. 234 da sua tradução; Bawden escreve *dachêm* e Thompson dá [da'cěŋ] para a pronúncia do mac. de Hong Kong. Deve portanto ter sido pronúncia usada em Macau.

É possível que a palavra tenha designado qualquer espécie de balança, mas a noção actual de *dachim* é de uma pequena balança semelhante à balança romana e usada apenas pelos ourives, pelas farmácias chinesas, ou outras lojas onde se pesem coisas muito leves. A mesma noção é dada por Fr. José de Jesus Maria em *Ásia sínica e japónica*, ed. Boxer, p. 208: «... a balança por que pezão hé a imitação das que em Portugal, donde as vi, chamão Romanas, mas cá na China tem diferente modo de pezar e chamão a tal balança *dachem*, diferenciando-o da balança

que se usa como as nossas, e estas só servem para pesar ouro, prata, coral, ou outro genero semelhante fino e de maior preço.»

Étimo — «Os autores do *Hobson-Jobson* sobre a origem da palavra *datching* ou *datcheng* (empregada na China e em quase todo o Extremo Oriente no sentido de balança) (...) opinam que é provável a procedência chinesa (...); do chinês é que os javeneses fizeram o *dachim* e os malaios o *daching*.» — Marques Pereira, em *T.S.Y.K.*, IV, p. 721. O mesmo A. cita ainda Wells Williams como afirmando que a palavra vem do ch. *toh-ching*, pesar.

Dalgado, *Gloss.* I, dá *dachêm* como palavra usada no indo-português para «grande balança de aço à romana» e proveniente do mal. *daching* < ch. *tá-ching*. *Wilkinson* regista o mal. *daching* sem indicação de proveniência estrangeira, mas com o sentido de «a steal-yard of Chinese type».

A origem última da palavra é certamente chinesa (em cantonense, *ch'eng* 秤 significa 'balança', 'pesar'), mas qual a forma donde derivou ou *daching* ou *dacheng* que se espalhou entre os mercadores do sul da Ásia, será difícil determinar. O vocabulário do *Ou-Mun Kei-Lèok* regista a palavra, transcrevendo-a do português de Macau, como se fosse palavra estrangeira.

De qualquer modo, deve ter-se dado o facto curioso de a palavra ter entrado no mac. não através do chinês, mas do mal. *daching*, assim como aconteceu no indo-português.

daia [dája?], subst. ant. e des.

Parteira: «já mandá chomá tudo *daya* Egitana e já fallá cô elôtro, qui, cândo ajudá Hebreá parí, si sam macho aquelle qui nacê, trocê biscosso di elle...» — J. L. Hart Milner, *Seramão di P.^e Viéra*, em *Gramática prática da língua portuguesa*, Macau 1883. (O *seramão* ou *sermão*, em *língua de Macau*, deve ter sido *traduzido* do P.^e António Vieira pelo próprio A. da Gramática, profundo conhecedor do dialecto). Não encontrei a palavra noutros textos, nem quem a conhecesse, mesmo entre os mais idosos, devendo ter caído em desuso há muitos anos e sendo substituída pelo actual *parteira*. Pessoas amigas de Goa e de Damão informam-me de que nas suas terras se chama *daia*

a uma mulher prática, não diplomada, que assiste às parturientes de condição modesta.

Étimo — A palavra deve ter vindo directamente do indo-port. Sobre o étimo. V. Dalgado, *Gloss.* I, s.v.

* *daiom* [dajón], [dajõ], subst. ant.

Grande espátula de madeira usada na cozinha. «Um pau com feitio de remo, com que se mexe a *alúa* quando é feita em muita porção...» — Marques Pereira, *T.S.Y.K.*, I, p. 196.

O termo ainda é conhecido e o objecto usado pelas poucas doceiras macaenses que ainda fazem *alua*, *goiabada*, *dodol*, etc. Mas objecto e palavra tendem a desaparecer, assim como os doces tradicionais de Macau, e os jovens já não sabem o que é um *dacim*. Curioso é que no *papiá*, o mal. *daiong* é usado apenas com o sentido de 'remo'. Não se conhece o termo nem o objecto como utensílio de cozinha.

Étimo — Mal. *dayong* «an oar». Cf. *Wilkinson*, s.v. e Marques Pereira acima citado.

dále [dælə], [dali], verbo ant. e act.

Bater, dar pancada em alguém: «Sora, ele *dáli* eu!» (professora, ele bate-me, está a bater-me) — cit. por pessoa idosa; «o pai devia *dáli* de bem feito!» (o pai devia dar-lhe a valer, dar-lhe uma boa sova) — ouvido a pessoa de 40 anos. Forma única para todos os tempos e pessoas gramaticais.

Étimo — Port. *dar-lhe* ou *dá-lhe*. Cf. o uso do termo em Damão, Ceilão, Cochim. Apud Dalgado, *Indo-português de Damão*, *T.S.Y.K.*, vol. IV.

Folclore — Adivinhas antigas:

«Filo *dale* mãe / mãe berá (berrar). / Sã: sino» (1) (*T.S.Y.K.*, I, 321).

«Mai *dale* filo / Filo *dale* mai. Sã: pilão». (*Ibidem*).

(1) Cf., no folclore port. de Damão, «*Filh bat mãe e mãe começô chorá — sino*». (*T.S.Y.K.* IV, p. 668). *Folclore Goanez*, em concani: «*Puto martá, mãe roltá* (o filho bate, a mãe chora). *Ib.* III, p. 229.

* *dangeroso* [dãḡerozo], adj. ant.

Perigoso: «Quando tufã (tufão) com luar alto, é *dangeroso* por causa de maré» — inf.^a 80, antiga residente de Xangai.

O termo parece ser usado especialmente entre a antiga comunidade portuguesa de Xangai e a actual de Hong-Kong. No entanto, pessoas idosas de Macau também o conhecem.

Étimo — Inglês *dangerous*.

Deusalembra [deuzalẽbrá?], *Deusa lembrá*, subst. ant. e des.

Falecido; de quem Deus se lembre, a quem Deus fale na alma: «... si io-ça *Deusa lembrá* tá vivo...» (se o meu falecido estivesse vivo...) — *Comédia Cavá Tufang* 74, em *Renasc.* I, n.º 5; «... quando minha *Deusalembra* Ado principiá namorá ku ieu...»; «parece que tá uvi inda, nosso mai di casa, com minh'aia Zabel, qui *Deus alembra*, cantá...» — Carta de uma senhora macaense a Marques Pereira, publicada em *T.S.Y.K.* e em *Renasc.* I, n.º 4 p. 359.

Étimo — Port. *Deus lembrar* (que Deus se lembre).

* *desentom* [dezẽtõ], adj. ant.

Desafinado, que canta fora de tom: «Padre F., qui *desentom!*»

Étimo — Derivado de *tom*, talvez com influência de *entoar*.

devinção (diviņasãḡ), subst. e des.

Adivinção, adivinha: «B-A-ba, primêro letra / L-I-li, *divi-nhaçam...*» (V. *balechão*). Há cerca de 10 anos ouvimos ainda o termo à inf.^a 76, já falecida. Só pessoas muito idosas o conhecem.

Étimo — Port. *adivinhar*.

devinhar [diviñá], verbo ant.

Adivinhar.

Podiam aplicar-se a Macau as palavras de Baltasar Lopes da Silva em *O dialecto crioulo de Cabo Verde*, p. 197: «A adivinha

é uma das manifestações mais abundantes e florescentes do folclore Cabo-Verdiano (...) [uma adivinha] começa sempre pela fórmula invariável: *d(e)vîñã, d(e)vîñã...*» Também o esquecido folclore macaense foi fértil em adivinhas ou *divinhações*, muitas das quais se encontram publicadas em *T.S.Y.K.* Aí está registada uma adivinha que começa pela mesma fórmula cabo-verdiana:

«*Divinhá*

Divinhá

Pece de mar

nom tem espinha» (V. *Bur-bur*)

diabo-cacinha [diãbo kãsiã?], adj. ant. e des.

«Maldoso, provocador»: «Nôs sua fólia sã cristam, / nunca sã *diabo-cacinha...*» — J. dos Santos Ferreira, *Macau sã assi*, Macau 1967, pp. 58 e 110.

Não encontrei quem confirmasse o termo.

Étimo — Desconheço o étimo do elemento *cacinha*.

diospiro-de-água [diõspi-ro dá-gua], subst. act.

Dióspiro com aspecto de um tomate de cor vermelha-amarelada e polpa dura. Come-se cortado em quartos e mergulhado em água.

O termo, não muito popular, é tradução directa do cantonense *sôi chi* 水柿, designação mais corrente. «Além deste tipo de dióspiro [*figo cáqui*, q.v.] vendem-se em Macau dois tipos de frutos a que os chineses chamam *Soi Chi* e *Cai Sam Chi*; o primeiro tem a polpa dura e leitosa, devendo mergulhar-se algum tempo em água para se poder comer...» — Sá Nogueira, *Catálogo descritivo*, Macau 1933, p. 67.

doce [dõse], [dõse], subst. ant. e act.

Rebuçado, caramelo, qualquer pastilha doce: «Vai loja comprá *doce*».

Actualmente tem também o sentido normal, como em *doce de ovos*.

doce vestido [dõse ve/stido], ant.

Conjunto de guloseimas variadas, como rebuçados e chocolates, colocadas artisticamente numa espécie de cestinhos de papel recortado e colocados estes em pequenas prateleiras circulares sobrepostas, e ligadas por um eixo central. As prate-



FIG. 7 — Senhora macaense, já falecida, com os seus *doce-vestidos* para o Ano Novo Chinês.

(Reprodução de foto gentilmente cedida por pessoa de sua família)

leiras, ou *ternos*, são também enfeitadas com papel colorido, flores e fitas. V. fig. 7.

Antigamente armava-se o *doce vestido* para oferecer aos amigos por ocasião de casamentos e baptizados (na família desses amigos): «*doce vestido*, doce com termo, dá no baptizado, no casamento; agora nã usa nada disso» — inf.^a 85, que acrescenta: «*véla-véla assim falá*» (i.e. *doce vestido* são as velhas que dizem, é da linguagem das velhas).

Hoje o costume só se mantém no Ano Novo chinês, para oferecer a amigos chineses, mas já poucas pessoas se dedicam a esse trabalho.

Étimo — A expressão vem do facto de os *doces* serem enfeitados, ornamentados, envolvidos em papéis e como que enroupados. Cf. *bétel vestido*.

dodol [dɔdól], subst. ant. e act.

Doce feito à base de *perada* (espécie de marmelada de pera), à qual se junta jagra, pinhão, coco, amêndoa, manteiga, banha e farinha de arroz gomoso (arroz *pulu*).

Tem o aspecto de uma marmelada um tanto gomosa e gordurenta, mas o sabor é agradável. O doce é de origem malaia, sendo importado quer directamente quer por via indiana, mas a noção da importação já se perdeu, considerando-se o *dodol* uma especialidade macaísta, e sendo certo que tomou aqui características próprias.

Étimo — «Doce feito com jagra ou açúcar de palmeira, coco, farinha, etc. (...) Usado em ázio-português. Provém do mal. *dodol* admitido em concani». — Dalgado, *Gloss.* I, s.v.

Cf. *Wilkinson: dodol, kueh d.*, «a cake made of rice-flour, molasses and fruit».

* *dom-dom* [dónj dónj?], [dõ dõ?], verbo? subst.? Ant. e des.

1 — Levar ao colo? Dobrar? Colocar?

2 — Certa espécie de pano?

Marques Pereira interpretou *dom-dom* como expressão verbal significando «levar ao colo com todo o cuidado», na quadra: «Na mez de Agosto unga tarde, / *dom-dom* pano vai pescá, / minha Sancha vai juntado / Nhum Lorenzo acompanhá.» — *Ajuste de Casamento...* (1886) em *T.S.Y.K.*, I, p. 57 sgs. Cf., no papiá cristão, *dom-dom* 'levar ao colo'.

No entanto, *levar um pano ao colo* não parece muito lógico.

Inf. 80 diz ter ouvido o termo, na sua mocidade, a pessoa culta que citava a frase *dom-dom pano vai passéá* como frase

antiga, e lhe explicou *dom-dom pano* como «dobrar e colocar na cabeça um pano branco que as senhoras macaenses usavam por baixo do *dó*» (manto preto). Esta explicação, contudo, não é também muito satisfatória, visto que o *dó* era um traje de certa cerimónia, usado apenas por senhoras, e a pessoa que fala na quadra citada era mulher de condição humilde que vem visitar a antiga patroa usando *chali*, ou *xaile*, não usando certamente o *dó* para ir à pesca com a família.

Por outro lado *Wilkinson* regista *dondon*, «a pattern or colour in clothing; *sa-d. (sa-dondon)* of similar pattern (of a sarong and baju)». Ora nos fins do século passado ainda as mulheres macaenses, sobretudo de classe inferior, usavam *saraça* (q.v.), um manto colorido de pano de *sarong* ou de Singapura.

Parece, pois, mais provável que a expressão equivalha a *pano dom-dom* (a inversão do determinativo não é inédita em Macau), isto é, a mulher que fala diz que foi pescar e fazer piquenique com a família usando um *pano* ou *saraça* de tipo *dom-dom*, talvez um pano barato ou próprio para tal ocasião. A frase também citada «*dom-dom* pano vai passeá» pode ser apenas deturpação do verso semelhante da quadra acima.

Étimo — Mal. *dondon* acima citado? Papiá de Malaca *dom-dom*, levar ao colo (um bebé)?

* *dozelado* [dozelado?], adj. ant. e des.

Um de cada lado? Ajoelhado?: «Nossiora e Sam José / Ali perto *dozelado* / Cobri corpo de sua filo / de frio quase gelado.» — Filipe de M. Lima, *Quadras de Natal* (1895), em *T.S.Y.K.*, I, p. 190 segs. Marques Pereira, *ib.*, p. 194, anota: *Dozelado* — um de cada lado». Mas, posteriormente, o mesmo M. Pereira cita uma carta que recebeu de um português de Hong-Kong, explicando-lhe certas expressões antigas, entre elas *dozelado*: «*Dozelado* não quer dizer *um de cada lado*; mas vem de *dozelo*, de joelho; portando significa *ajoeelhado*».

Étimo — Duvidoso. Contudo, a pal. parece ser de origem portuguesa. Cf. no papiá: *zelo* [zelo] — joelho.

drento [drêto], adv. ant. e act.

O mesmo que *dentro*.

É forma muito vulgar, tanto entre pessoas idosas como entre jovens.

Não encontrei abonações nos textos, mas devia ser forma do crioulo antigo, uma vez que ocorre também no mal.-port. Cf. P.^e Manuel Teixeira, *A Diocese portuguesa de Malaca*, em *Bol. Eclesiástico da Diocese de Macau*, Out. 1956, p. 764: «Passá nona sua porta / Pedi águ quê bêbê; / Rascundê nona di *drento*: / O mancebo qui querê?».

A mesma pronúncia é usada no português popular do Brasil. Será talvez um vestígio afro-português em Malaca e Macau.

E

* *elar* [ɛlã], verbo ant.

«Puxar, arrastar» — J. S. Ferreira, *Macau sã assi*, Macau 1967, p. 111. — «Unga *elá* iou sua cachaço, otrunga (...), chipi na patinga» (um puxou o meu pescoço, outro agarrou-me na perna); «Iou tá dói, vosotro nom mestê pegá iou *elá*, entendê?» — *id. ib.*, p. 20.

Étimo — O mal. *héla*, var. *éla*, «drawing over the ground, dragging» parece étimo provável. Cf. *Wilkinson*, s.v. (note-se que o acento indica apenas vogal longa, não necessariamente tónica).

* *emado* [ɛmãdo], adj. ant.

Comilão, glutão: «comê muito tanto é *emado*» — inf.^a 85.

Étimo — Marques Pereira em *T.S.Y.K.*, I, p. 127, anota: «*Emada* — esfomeada, glutona. Provém esta palavra de *Ema* ou *cazuar* (*struthio casuarius*, Linn.) a que se atribui a mesma voracidade das abestruzes...». Cf. Dalgado, *Gloss.* I, s.v. «*Ema* (ingl. *emu*, *emeu*). É o nome que os portugueses deram ao *cazoar*

recebido do molucano *emeu* ou *eme*, e depois estenderam à avestruz. A origem arábica, sugerida por alguns etimologistas, não tem nenhum fundamento...». V. ainda o mesmo *Gloss.*, II *Suplemento*.

Provavelmente, segundo penso, de *ema* formou-se o verbo *emá* (ou *emar*, q.v.) e deste o adj. *emado*.

* *emar* [emá], verbo ant.

Comer demasiado, comer como um glutão.

A palavra ainda se usa em sentido jocoso com referência à maneira como se come nos dias de festa. Neste sentido ocorre também numa lenga-lenga antiga, ainda conhecida por pessoas idosas e de meia idade, referente aos dias da Semana Santa:

«Quarta batê, (bater matracas)
 Quinta corrê, (correr igrejas)
 Sexta chorá, (chorar pela Paixão)
 Sábado alegrá, (alegrar pela Ressurreição)
 Domingo *emá*,
 Segunda... desfazê.»

Étimo — De *ema*. V. *emado*.

embarcação [ẽbarkasãŋ], [ẽbarkasãu], subst. ant. e act.

Nome genérico do barco chinês de pesca ou transporte, geralmente à vela e só muito modernamente a motor. O termo *barco* é usado apenas para navio a vapor.

empada [ẽpaða], subst. ant. e act.

Pastel de massa grossa, adocicada, com recheio de peixe muito temperado com açafrão, pinhão moído, azeitonas, queijo, etc. É assado no forno, tendo o aspecto dum bolo bastante seco.

É um prato típico do Natal, sendo comido na véspera, no almoço da consoada, por ser dia de abstinência de carnes.

* *empido*, em *pido* [ĩpido], [ẽpido], adv. ant.

Em pé, de pé.

Aparece também nos textos antigos a forma *empê* 'em pé'; e no vocabulário do *Ou-Mun Kei-Leok*, séc. XVIII, já se indica essa mesma forma com a rubrica *in-peí*. Mas a antigos residentes de Xangai, que falam o crioulo, ainda tenho ouvido *empido* e *impido*. Estas formas são também frequentemente usadas por pessoas cultas para parodiar o dialecto.

Étimo — De *em pé*. Desconheço a origem da terminação-*ido*.

encher [ẽčẽ], [ẽšẽ], [ẽšér], verbo ant. e act.

Sentido normal, mas o objecto directo do verbo não é o recipiente que se enche, mas o conteúdo com que se enche: «*encher vinho em garrafas*»; «*potes para encher os molhos*» — linguagem corrente, mesmo em pessoas cultas.

enchido [ẽčido], adj. ant. e act.

O mesmo que *cheio*, mas o termo usa-se com a pronúncia antiga *entchido* para significar que alguém comeu demais, está cheio de comida, empanturrado: «*ui de entchido!*»; «*nã qué mais, muito entchido já*» — linguagem corrente.

* *engajamento* [ẽgağamẽto], subst. ant. e act.

Promessa de casamento; pedido formal de casamento; compromisso dos noivos pelo pedido de casamento ao pai da noiva: Fulano e Fulana «*já fazê engajamento já*» — inf.^a 60. Para a pronúncia entre os jovens, q.v. *engajar*.

Étimo — Ingl. *engagement*, através dos residentes de Hong-Kong e Xangai.

engajar [ẽgağá], verbo ant. e act.

Fazer o pedido formal de casamento ao pai da noiva.

Diz-se que uma rapariga está *engajada* quando está pedida em casamento e prometida. Não ouvi os termos *engajamento*,

engajar e *engajada* noutras acepções, embora venham do inglês, onde o sentido é mais lato.

Estes termos são usados nas formas indicadas pelas pessoas idosas e de meia idade. Os mais jovens usam-nos também, mas com a pronúncia inglesa [ẽgaĩǵe], [ẽgaĩǵed].

Étimo — Ingl. *engage*, como *engajamento* (q.v.).

* *entafular* [ẽtafulá], verbo ant.

Atafular a boca ou o estômago com comida, comer muito e com sofreguidão; encher demasiado a boca das crianças quando se lhes dá de comer. «Nunca bom *entafulá* assim tanto!» — citado como antigo por inf.^a 50.

Étimo — Port. *atafulhar*?

entena [ẽtena], subst. ant. e act.

Viga de madeira.

Designam-se por *entenas* as grossas vigas de madeira que sustentam o telhado das casas antigas de Macau. *Madeira de entena* é uma madeira forte mas barata, própria para vigas de suporte. Usam-se também as expressões:

— «*Árvore de entena*» — «Falsa araucária, *Cunhinghamia lanceolata* (Lamb.), Hook, originária do Sul da China e existente em jardins de Macau» — Ana M. Amaro, *Catálogo provisório*, p. 9.

— «*Bolo entena podre*» — q.v.

Modernamente, porém, é corrente a forma culta *antena* [ãtena] para designar a antena de rádio ou de televisão.

* *entiçar* [ẽtisá], [ẽtisár], verbo ant. e act.

Tentar, incitar, provocar uma pessoa, induzi-la a fazer qualquer coisa: «Tu *entiça* eu comê!» (tu tentas-me, incitas-me a comer) — linguagem corrente.

A palavra é considerada antiga, mas é usada ainda hoje com frequência, mesmo por pessoas cultas.

Étimo — Ingl. *entice*, tentar, seduzir, engodar.

* *esgrabulhado* [eʃgrabuˈlado], [eʃgrabuˈlɔdo], adj. ant. e act.

Despenteado; revolto, em desordem: «cabelo *esgrabulhado*»; «cama *esgrabulhado*».

O termo é antigo. Não ocorre nos textos em crioulo, mas Marques Pereira, a propósito de *cabelo saram-murum*, anota: «Desgrenhado, esgrouviado (...) Também se diz em macaísta *esgrabulado*» — notas a *Ajuste de casamento...* (1886), em *T.S.Y.K.*, I, p. 57 segs.

Étimo — V. *esgrabulhar*

* *esgrabulhar* [eʃgrabuˈlɔdo?], [eʃgrabuˈlɔdo], verbo ant. e act.

Despentear, desarranjar o cabelo; revolver, desmanchar (p. ex. uma cama). «Dormi com uma rede na cabeça pra nã *esgrabulhá* cabelo» — linguagem corrente. V. *esgrabulhado*.

Étimo — *Dic. Mor.* dá o adj. *esgravulha*, provincialismo alentejano, com o sentido de «irrequieto, turbulento, desassossegado, fura-vidas», e os verbos *esgravulhar* e *esgarabulhar* «andar aos pulos, com desassossego».

Daqui penso que veio o mac. *esgrabulhar*, com evolução semântica bem compreensível, a partir de *esgravulha*.

* *espitune* [eʃpitun^o], subst. ant. e des.

Escarrador, o mesmo que *cuspidor* (q.v.)

Há perto de 20 anos ainda ouvi o termo a pessoas muito idosas, agora já falecidas, e ainda há actualmente quem conheça bem a palavra. Contudo é praticamente desusada.

Étimo — Ingl. *spittoon*.

esmargal — V. *peixe esmargal*.

* *estrica* [eʃtrika], subst. ant. e act.

Ferro de engomar.

Tenho ouvido a pal. na linguagem corrente: *um estrica*. Curiosamente, é considerada geralmente masculina, apesar de se

atribuir em Macau o género feminino às palavras terminadas em *-a*: *a* planeta, *a* dia.

Étimo — Mal. *istrika*, «a smoothing iron» (*Wilkinson*, s.v.). P.^o Manuel Teixeira, *Falando português com um Inglês que não sabe português*, em *Bol. Eclesiástico da Diocese de Macau*, Jan. 1958, p. 77 segs., cita a seguinte frase malaia, com a respectiva explicação: «— Choba bawa *sterika* (traz o ferro de engomar). — *Sterika* (ferro de engomar, do português “estericar”).»

No entanto, nenhum dos bons dicionários da nossa língua, que pude consultar, regista *estericar*. E uma vez que *Wilkinson* dá *istrika* sem qualquer indicação de origem estrangeira (que normalmente dá), creio que o étimo do mac. *estrica* é a forma mal. citada, adoptada no mal.-port., e daí passada ao macaísta.

* *estricar* [e/striká], verbo ant. e act.

Passar a ferro, engomar: *estricá* roupa. Também: roupa bem *estricado*.

Étimo — De *estrica* (q.v.)

F

faichi [fajčí], subst. aut. e act.

“Pauzinhos” para levar a comida à boca.

É o termo cantonense usado pelos chineses desta região e também pelos portugueses de Macau e Hong-Kong.

Nas casas macaenses onde a mãe é chinesa, os *faichis* são normalmente usados por toda a família. Nas outras, usa-se o talher à europeia, comendo-se com *faichis* somente as chamadas “petisqueiras” à chinesa.

Étimo — A forma actual *faichi* é inteiramente semelhante à cantonense usada em Macau e Hong-Kong. No entanto, é possível que os pioneiros portugueses destas paragens tivessem importado a palavra do japonês *hashi* ou *haxi*. O *h* japonês, fortemente aspirado, era transcrito por *f* e a forma *fachi* figura

numa carta do Japão de 1586 (cf. Dalgado, *Gloss.*, I, s.v.). Esta hipótese parece ser confirmada pela transcrição da palavra no vocabulário sino-macaísta do *Ou-Mun Kei-Lèok* (séc. XVIII) com a pronúncia *a-tch-i* e como sendo, portanto, palavra não chinesa, palavra de Macau.

* *faifum* [fajfũ], *faifom* [fajfõ], subst. ant.

Doença mais ou menos misteriosa. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 112, diz que é semelhante ao paludismo; uma receita antiga da mezinha respectiva associa-a com o *flato*: «*faifum de flato* — um maz de pao de ontalão, cinco condorins de casca de laranja, um maz de areca, seis condorins de foncho, nove tapus de figo caque.»

Étimo — Aparentemente origem chinesa, talvez o cantonense *fai fông* 快風, ‘vento rápido, vento cortante’, uma vez que os chineses atribuem aos ventos adversos ou “ventos sujos” grande quantidade de moléstias e azares.

fantane [fãtãñ^o], subst. ant. e act.

Jogo de azar tradicional entre os chineses e também muito apreciado antigamente pelos macaenses. V. também *latan* e *lantane*.

O banqueiro tem na sua frente um pequeno monte de botões brancos (antigamente usavam-se *sapecas*) e, com uma tigela ou uma campânula, separa um montinho mais pequeno, o qual fica debaixo da campânula até que os jogadores acabem as suas apostas. Ao grito de *hói!* (abre!), o banqueiro levanta a campânula e, com uma vareta, vai separando lentamente os botões em grupos de quatro, até ficar um resto de quatro ou menos. Os jogadores apostam no número de botões que resta da divisão. É um jogo lento e monótono, que vai sendo abandonado pelas gerações actuais em favor da roleta e outros jogos mais emocionantes.

Étimo — Ch. *fán t’án* 番灘, com o mesmo sentido.

farinha pau [fariña páu], ant. e des.

Farinha de sagu. Também farinha de mandioca?

Dalgado, *Gloss.*, I, s.v., diz ser o nome dado na Índia à farinha de mandioca. Contudo, nenhuma das abonações que dá se refere à Índia, ou ao Oriente, mas sim à África e ao Brasil. *Id.*, *ib.*, (Suplemento) acrescenta que alguns escritores dão o mesmo nome à farinha de *sagu*. Cf. P.^e Francisco de Sousa, *Oriente conquistado* (1697), I, i, 2: «*farinha de Sagum*, mantimento ordinário das Molucas, semelhante à farinha de mandioca brasílica».

Em Macau não sei se o termo alguma vez foi muito popular. «Agora tá mui *farinha pau*» — *Carta de Tia Pascoela* (1869), em *Renasc.* I, 2, p. 163. A frase significa: *agora está a moer farinha de pau*. Inf.^{es} 60 e 82 apenas recordam vagamente a expressão, não sabendo já o que é *farinha de pau*.

farte [farte], subst. ant. e act.

Bolinho do Natal, também chamado *almofada do Menino Jesus*. É um bolinho mais ou menos rectangular, recheado de coco, amêndoa, pinhão e especiarias. Certamente de origem “reinol”, foi aqui modificado e adaptado para as festas do Natal.

Sobre doces de Natal, ver *aluar* e *empada*.

* *fá-sã* ou *fá-sam* [fășãŋ], *fá-são*, *fação* [fășãu], subst. ant. e act.

Nome chinês do amendoim.

A pronúncia [fășãu] é a das pessoas mais jovens ou mais ilustradas, mas [fășãŋ] é a legítima, dada a origem da palavra. Aliás é sempre a usada se a pessoa está a falar chinês.

É possível que a palavra não seja de uso muito antigo no português de Macau, porque em 1904 João Maria da Silva, *Repositório*, 23, indica o nome macaense de *fructa manila*, «porque foi dali que se importaram as primeiras sementes para a China» (*apud* Dalgado, *Gloss.* II, 494 b). Ana Maria Amaro, *Catálogo provisório*, p. 84, dá os nomes macaenses *fação* e *fruta manila*.

Contudo não encontrei nos textos nem nos informadores confirmação desta última designação.

Étimo — Ch. *fá sang* 花生, amendoim.

* *fata-fata* [fãta fãta], adj. ant.? act.

O mesmo que *toc-toc* (q.v.); que «tem um parafuso a menos», que não é muito certo do juízo: «Nã pode fazê caso o que F. diz, ele *fata-fata*».

Étimo — Segundo o *Dic. Mor.*, *fatifate* é termo do crioulo de Brava, Cabo Verde, e significa «atamancador, que faz tudo depressa e mal». Pela semelhança de forma e aceitável evolução de sentido, *fatifate* parece étimo provável. Heranças de ou coincidências com o crioulo de C. Verde não são inéditas em Macau. A origem última do termo, se não é portuguesa, será talvez africana?

fatião [fãtiãŋ], [fãtiãu], subst. ant. e des.

O mesmo que *faitiã*, barco chinês de passageiros e carga: «... igual como lorcha-china, como nôsso *fatiáng* qui vai-vem Hong Kong assim». — *Jornal Único*, Macau 20-5-1898; «Honte atarde eu jã intregá pra *fatião* pra levá pra vós ung-a amchông de sambal de viva». — *Carta de Tia Pascoela* (1870) em *Renasc.* I, 3, p. 243.

A grafia *fatião* acusa influência culta. *Faitiã* foi a forma usada em Macau em textos oficiais e no nome duma rua: *Rua dos Faitiões*.

Étimo — Ch. *fai t'eang* ou *fai t'êng* 快艇, antiga embarcação chinesa, à vela, de passagem e carga. Hoje “vedeta”, a gasolina, segundo o *Dic. chinês-português*, ed. do Governo de Macau, 1964, p. 173.

* *febre motian*, *motiã* ou *motião*, ant. e des.

Febre tifoide? «Farinha de arroz pulu com uma clara d'ovo fazendo pasta esfrega no peito e na costa quando é *febre motian*». — Receita de 1916, de um caderno manuscrito de receitas antigas.

Desconheço o sentido exacto e o étimo da palavra *motian*. Informadores idosos identificam a expressão com febre tifoide, mas já não estão certos do significado.

fêde [fɛdɛ], verbo e adj. ant.

Cheirar mal. Que cheira mal, mal cheiroso.

Não se usa o infinito *feder* (ou *fedê*), mas apenas *fêde*. Contudo usa-se o substantivo *fedô* [fɛdɔ], fedor, mau cheiro.

Folclore:

1 — Cantilena antiga e já esquecida:

«Cherá qual, cherá qual?
Cherá rosa de Portugal,
Chêrôso ou *fêde*
Tudo chero san igual!»

Cf. *T.S.Y.K.*, II, pp. 705 e 702: «a quadra é coreográfica. Há uma dança de roda em que a cantam.»

2 — «*Boca fêde, fêde, ano*» (ânus) — dizer antigo e jocoso que ainda tenho ouvido.

ferrado [fɛɾɔdɔ], adj. ant.? act.

Exclamação macaense que corresponde a: *estou* (estás, está, etc.) *entalado*, *que entalanço*, *que sarilho!*: «*Ai ferado!*» ou somente: «*Ferado!*»

Tenho ouvido o termo a adultos, mas especialmente às crianças das escolas. Quando uma delas faz qualquer disparate que merece castigo, as outras cantarolam à roda dela: «*Ai ferado! Pão torado!*» (Pão *torado* ou torrado não tem qualquer significado, é apenas para rimar).

Étimo — V. *ferrar*.

ferrar [fɛɾɔ], [fɛɾɔr], verbo ant.

Frigir com pouca gordura, estrugir: «Corta-se uma adem em pedaços e *ferra* no tacho com meio cate de porco e depois tira a adem e o porco fora (...) e depois de frito isto *fera* (sic)

o sangue da adem e deve mexer para não pegar no tacho». — De um caderno de receitas manuscritas (1839).

O termo é já hoje pouco usado, mas *ferrado*, que parece o particípio deste verbo, é actual, como acima se disse. Do sentido de frigir ou fritar viria *ferrado* como em gíria portuguesa *frito* 'entalado, tramado'?

Étimo — Port. *ferrar*, mas desconheço a causa do sentido macaense de 'frigir'. Talvez por a operação ser feita num tacho de ferro, como antigamente se usava, ou por serem mexidos os ingredientes com uma pequena pá de ferro.

figo [figo], subst. ant. e act.

1 — Banana; 2 — nome de outros frutos, v. *figo caqui* e *figo capote*; 3 — fruto da figueira, geralmente chamado *figo de Portugal*.

«Os portugueses chamaram, por analogia, às bananas «figos da Índia» (...); e como *figos* são conhecidas em toda a área do ázio-português e na África Oriental, tendo o vocábulo penetrado até nos idiomas vernáculos, como *figu* na língua de Tete» — Dalgado, *Gloss.* I, s.v.

* *figo capote* [figo kapote], ant.

Espécie de zapota: «... o chicapote ou zapota menor, que é uma fruta do tamanho e formato idêntico aos de um figo, coberta com uma grossa e peluda casca cor do café e, como esta se parece com uma capa, ficou com o nome de *figo capote*. A sua polpa é amarelada, dum cheiro e gosto muito agradáveis. Não é fruta nativa da China, e só se encontra em algumas hortas particulares». — Luís G. Gomes, *Chinesices*, Col. *Notícias de Macau*, 1952, p. 101.

O fruto é muito raro, não o tendo eu jamais visto em Macau, ou sequer ouvido mencioná-lo.

figo caque [figo kake], *figo cáqui* [kaki], ant. e act.

Dióspiro (*Dyospirus Kaki*, Linn.).

O fruto é originário do Japão donde veio para a China e para o Ocidente, sendo bastante frequente em Portugal. Mas o

de Macau é mais doce e não tem a polpa adstringente, sendo um fruto muito agradável. Como diz Marques Pereira em *T.S.Y.K.*, III, p. 163, o *figo cáqui* come-se em Macau fresco ou seco, como os figos europeus. É também usado em mezinhas caseiras para várias doenças (v. *tapui de figo caque*).

Étimo — Jap. *kaki*. Cf. Luís G. Gomes, *Relação da Grande Monarquia da China*, Macau 1955, p. 26. «O diospiro conhecido no dialecto macaense por *figo kaki*. *Kaki* é o nome desta fruta em japonês».

* *figo cheiroso* [figo šeirozo], ant. e act.

Variedade de banana, de casca amarela pintalgada de castanho. É mais aromática do que as outras variedades; daí o nome.

* *figo da horta* [figo dorta], ant. e act.

Variedade de banana, mais curta e grossa do que a chamada *figo cheiroso*. Casca amarela, sem pintas e polpa um tanto adstringente. É a que mais se produz nas hortas e quintais de Macau, mas os chineses chamam-lhe *sai ong-chiu*, banana do Ocidente. Possivelmente foi introduzida da Índia, onde existe a mesma designação de *figo da horta* no indo-português.

* *figo vilão* [figo vilãŋ], [figo vilãu], ant. e act.

Variedade de banana de pequeno tamanho.

É considerada banana inferior e é mais barata do que as outras. Os ingleses de Hong-Kong chamam-lhe *coolie banana*.

Apesar do pouco apreço em que é tida, esta banana e a sua casca foram antigamente muito usadas em mezinhas: «Casca de *figo vilam* pisada com jagra... (Receita à respeito de tumores que valem nada)»; «Cozimento de *figo vilão* é bom para ar (1), lavando-se»; «Infusão de cinza de *casca de vilão* na água fervida é uma das bebidas para tirar savan». — De um caderno manuscrito de receitas antigas (1883).

(1) Mau ar, “vento sujo”.

figueira [figera], [figeira], ant. e act.

1 — Bananeira: «Qui bonito sua chali / Côr de ôlo de *figuera!*» — *Ajuste de Casamento, T.S.Y.K.*, I, p. 58. M. Pereira anota: «Cor de rebento de bananeira. Cor apreciada pela gente de Macau...»

2 — Figueira vulgar, chamada *figueira de Portugal* (existente nalguns jardins e hortas particulares).

Folclore — Adivinha antiga:

«Eu nacê
minha mai morê.
Se non quêro crê (crer)
preguntá cô minha tia.

Sã: *Figuêra*» (Bananeira)

(Cf. *T.S.Y.K.*, II, p. 515 segs.). Também no indo-português: «Filho já nasceu, mãe ji morreu; si quer saber vai perguntar par mãe-tia: *Figueira* (bananeira)» — Dalgado, *Indo-port. do Norte*, in *Rev. Lusitana* (1).

filo [filo], subst. ant. Act. filho [fi]o].

1 — Filho, sentido normal.

2 — Pequeno, usado como diminutivo: «chuva *filo-filo* / já molhá tudo curum» (cantilena antiga; repare-se na sugestão de chuvinha prolongada, dada pela repetição *filo-filo*).

Actualmente ainda tenho ouvido *chuva filho* (chuvisco), *canário filho* (canariozinho, canário não adulto).

* *filho trás de porta* [filo tráf də pɔrta], ant. e act.

Filho ilegítimo, filho adúltero.

Dic. Mor. não regista esta expressão, mas dá o brasileiro *casamento atrás da porta*, 'concubinato'.

(1) *Tia, mãe-tia*: Cf. GRACIETE BATALHA, *Aspectos do folclore de Macau*, Macau 1968. Separ. do *Bol. do Instituto Luís de Camões*, vol. II, n.º 2.

* *fio mezinha* [fiu meziña], ant.? act.

Fio de linha forte, especialmente preparado para o jogo de *cortar papagaio*.

O fio é passado por goma e pó de vidro esmagado, ficando resistente e cortante.

No jogo de *cortá papagaio*, dois contendores largam o seu papagaio de papel, geralmente dos terraços das casas ou de qualquer sítio alto, e tenta cada um cortar o fio do outro, por fricção entre os respectivos fios, para isso devidamente preparados.

Étimo — O nome *fio mezinha* vem de que o fio é tratado com uma *mezinha*, um “remédio”.

flor de S. João [flô də sãŋ žuãŋ], [flô də sãu žuãu], ant. e act.
Ant. também *fula de S. João*. V. *fula*.

Flor da *árvore de S. João*, árvore de razoável porte e muito copada. «Em português de Goa e em português de Timor são as Plumieras chamadas Flores de Santo António, em português de Macau *Fulas de S. João*». — Alberto de Castro, *Flores de coral* (1908), p. 137, *apud* Dalgado, *Gloss.*, II, Suplemento.

A árvore está coberta de flores em Junho, mês de S. João, daí o nome.

Esta flor, que cobre literalmente Macau no verão, era antigamente usada em mezinhas caseiras: «Uma mão de *flor de S. João* com dois taéis de lombo de porco feito caldo é bom para diarreia». — Caderno de receitas manuscritas (1883).

Os chineses ainda hoje secam esta flor para fazer chás medicinais.

* *florestia* [floreſtia], subst. ant.? Act.

Brincadeira, paródia; brincadeira ou qualquer prazer dispendioso: «Mete-se em *florestias*, depois queixa-se» — linguagem corrente.

Étimo — Provavelmente o port. popular *flostria* ‘brincadeira, folgança’, alterado por suposta derivação de *flor*.

* *florestiar* [floreʃtiãɾ], verbo ant.? Act.

Brincar, divertir-se, andar na paródia ou na ociosidade (ouvido na linguagem culta familiar).

Étimo — De *florestia*.

* *fluqueiro* [flukeɾo?], [flukeiɾo?], adj. ant. e des.

Indivíduo que dá cincoas, jogadas erradas no jogo do bilhar?

A palavra parece ter sido usada no port. de Hong-Kong pelos fins do século passado, segundo carta dum Sr. J. António a Marques Pereira (T.S.Y.K.) em que lhe indicava «palavras do *patoá*»: «No jogo de bilhar, uma cincoa tem o nome inglês de *fluke* e quando algum dá uma cincoa, o outro diz imediatamente: — Vossé (sic) não seja tão *fluqueiro*». Curiosamente, este sentido parece contrariar o de *fluquice* (q.v.)

Étimo — Ingl. *fluke* (golpe ou tiro dado por acaso ao jogo) + suf. port. *eiro*.

* *fluquice* [flukise], subst. ant. e act.

Boa sorte ao jogo; boa jogada feita por mero acaso; êxito casual em qualquer empreendimento: «Que *fluquice!*» (que sorte!) — linguagem corrente.

Étimo — Ingl. *fluke* + suf. port. *-ice*.

fókei, fóki — V. *fóquei*.

* *fola de olado* [føla dɔlãdo], ant. e des.

O mesmo que *folha de olhado*, folha de certa planta considerada eficaz no tratamento de várias doenças, especialmente as produzidas por *mau olhado*:

«Sete folhas para *mezinha savan*: arruda, mangicã, *fola de olado*, folha duas cor, folha de pescu, *savan china*, *alosma*» — inf.^a 70. Cf. ainda, de um caderno manuscrito de receitas

antigas: «*mezinha savan* para lavar: 1 — *Folha de olhado* (ou) *cat-chat-ip* (1); 2 — *mangericão* (...); 3 — *Aruda* (...)».

* *folha dois cores, folha duas cor, folha duas cores*, ant.

O mesmo que tomilho? Folha de uma erva aromática, usada como tempero e em mezinhas caseiras. Segundo amável informação de Ana Maria Amaro, autora do *Catálogo provisório* (v. Bibliogr.), trata-se da *Napeta japonica*, maxim., sendo o nome popular chinês (canton.) *tchi su* e os nomes de Macau *mangericão ordinária* e *folha dois cores*. A folha é verde de um lado e avermelhada de outro.

A *folha dois cores* é citada em mezinhas várias, como na *mezinha savan* (q.v.) e na seguinte: «Receita à respeito de tumores que valem nada — Pisa-se *folha de dois cores* com jagra e uma pitada de sal. Casca de figo vilam pisada com jagra. Maragoso pisado e depois misturado com um pó amarelo chamado *Sam-vong-sang*». — Caderno manuscrito de receitas antigas (1883).

* *fontão* [fõtãŋ], [fõtãu], subst. ant.

Pequeno armário com portas de rede, usado geralmente nas cozinhas, para guardar comida e temperos: «... vôs (...) pendurá tacho na cuzinha, *fontám* vazio, abolô tamêm vazio, comê arôz co chili-missó...» — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, Macau 1967, p. 90.

Antigamente este armário pendurava-se do tecto para evitar formigas e outra bicharada e também para que a comida, ficando mais ventilada e fresca, não se estragasse.

Étimo — Ch. *fông tâng* 風燈, literalmente *vento lâmpada*, ou seja lâmpada ao vento. O pequeno armário, balouçando na aragem, faria lembrar um lampião pendurado, donde o nome.

(1) *Cát-chát-ip* — designação chinesa da mesma folha.

* *fóquei* [fɔkaj], *foqui* [fóki], subst. ant.? Act.

Empregado de mesa em cafés ou restaurantes chineses.
Empregado de menor categoria em barbearias, lojas, etc.

Étimo — Ch. *fó kei* 伙記, camarada, companheiro, criado.

É muito curioso como, já em chinês, o primitivo sentido de 'companheiro, camarada', se aplicou democraticamente como fórmula de tratamento para um criado. Esse primitivo sentido passou também ao *pidgin* ingl. das costas da China, segundo R. W. Thompson, em *The China Mail*, 1958: «It was apparently used as a pass during the early part of the nineteenth century by British sentries at Canton: Q. Who Goes there? A. *Fukey* (a friend)».

fora [fɔra], adv. ant. e act.

Mais de, mais do que: «Três mil pataca *fora*» (mais de três mil patacas) — *Carta de Tia Pascoela* (1865); «cinquenta pataca *fora*» — ling. corrente.

fula [fula], subst. ant. e des.

1 — O mesmo que *flor*. Frequente nos espécimes do antigo folclore mac.: «Nhonha na jinela / Côm *fula* mogarim / Sua mãe tancaréra / Seu pai canarim» — *T.S.Y.K.*, II, p. 703.

2 — Vagina. Segundo inf.^{as} idosas, a pal. era usada antigamente como obscenidade, referida aos órgãos genitais femininos. Cf. no papiá cristão de Malaca *fula*, vagina, seg. Ian F. Hancock, *Papiá Kristang basic lexicon* incluído em *Malacca Creole Portuguese: a brief transformational outline* (*Te Reo*, XVI, 1973).

Étimo — «Nome ázio-português da flor em geral. Do neo-árabe *phūl* (sanscr. *phull*, 'desabrochar') — Dalgado, *Gloss.*, I, s.v.

fula coco [fula kɔko], ant. e des.

«Flor branca muito perfumada (*Magnolia pumila*, Andr.) (...) *Liriodendron coco* (Loureiro)» — Sá Nogueira, *Catálogo descritivo*, p. 7.

fula figo [fula figo], ant. e des.

Flor branco-creme, muito aromática, com cheiro a banana (*figo* em Macau e na Índia). Parece ter várias designações científicas: *Michelia frescata*, *Liriodendron figo*, etc. Cf. Sá Nogueira, *Catálogo descritivo*, p. 7.

fula freira ou *fula fresca*, ant.

Variedade de orquídea, cujo estame se parece com o rosto duma freira, seg. João Maria da Silva, *Repositório*, p. 140, *apud* Dalgado, *Gloss.* II, Suplemento.

fula merenda [fula merêda], ant. e des.

Flor de merenda, flor que desabrocha à hora da merenda. Sá Nogueira, *Catálogo descritivo*, p. 48, dá a designação de *Lagerstroemia indica*, Linn. à variedade vermelha, e *Lagerstroemia alba* à variedade branca.

A *fula merenda* era antigamente usada na medicina caseira: «Cozimento de *fula merenda* é bom para lavar (*lavar?*) podridão» — Caderno manuscrito de receitas antigas (1883).

Étimo — Segundo Dalgado, *Gloss.*, I, s.v., *flor de merenda* é o nome que se dava na Índia à *mirabilis jalapa*, Linn, por desabrochar à hora da merenda. O nome deve ter vindo para Macau, portanto, da Índia Portuguesa.

fula mogarim [fula mogarí], ant. e des. V. *fula* e *mogarim*.

fula mutre [fula mutrə], ant. e des.

Flor da *Aglaia odorata*, Lour., ou *Aglaia-mutre*, Linguam. Em cantonense tem o nome de *Mai chai lan*. Cf. Sá Nogueira, *Catálogo descrit.*, p. 24. É muito aromática e bastante ornamental para sebes. V. *mutre*.

fula papaia [fula papaja], ant. e des.

Flor da papaieira, actualmente designada por *flor de papaia*.

A flor de papaia era antigamente usada em mezinhas caseiras. Cf. T.S.Y.K., I, p. 241: «*Cangi de fula papaia, Catrina, / Ciúme lôgo curá / ...*» Esta virtude da canja de flor de papaia deve ter apenas valor humorístico, mas M. Pereira, *ib.*, p. 262, anota: «*Fula papaia* é flor de papaia (...) que possui, além da propriedade que a quadra lhe dá, para *curar ciúme*, grandes virtudes verminosas contra lombrigas e outros bicharocos intestinais». Inf. 45 lembra-se ainda de ter bebido na infância «infuso de folhas de papaia» (infusão de flores de papaia) para matar lombrigas e para combater a febre. A infusão tinha sabor muito amargo.

fula pavão [fula pavãŋ?] ant. e des.

Flor de pavão, hoje *flor de acácia*, a linda acácia rubra que cobre Macau de vermelho pelo mês de Junho. O mesmo que *flor-do-paráiso*. (A árvore em ingl. *fire tree*, franc. *flamboyant*).

fula pedo [fula pẽdo], ant. e des.

Também chamada *fula mal cheroso*. Flor semelhante a um pequeno jarro roxo-negro, de cheiro muito desagradável. O nome é já muito pouco conhecido e as descrições muito vagas. Provavelmente é a *Paederia foetida*, Linn.

fula sapateiro [sapațero], [sapatero], ant. e des.

Flor de sapateiro, o mesmo que *cardeal*, *rosa da China* ou *hibisco vermelho*. Cf. Dalgado, *Gloss.*, I, s.v. «*Flor de sapato* ou *rosa da China*. *Hibiscus rosa sinensis*, Linn. O nome provém do seu uso em lugar de graxa». «As pétalas são usadas para tingir de preto o couro...».

Também em Macau se usava antigamente, segundo pessoas muito idosas, o suco destas flores para tingir de preto o calçado, o que certamente era feito pelo sapateiro, donde o nome.

Também eram utilizadas as flores na medicina caseira: «Remédio para dor de vista quando tem pique vermelho: Pise-se *flor de sapateiro* com tanti (?) e jagra e aplica-se por fora.» — De um caderno de receitas chinesas (1914).

fula unha, ant. e des.

«*Artaborys odoratissimus*, R. Br. (família das anonáceas). *Fula-unha*. Falso ylang-ylang (...) flores branco-creme muito aromáticas que, pelo aspecto de garra, lhes fizeram dar o nome local (...) Os frutos maduros parecem nêspersas, mas suponho-os venenosos.» — Sá Nogueira, *Catálogo descrit.*, p. 8.

G

* *gafinhar* [gafiñá], verbo ant.

Esgravatar; fazer comichão ou cócegas com as unhas: «... lembrá que são algum animal que tá *gafinhá* com pê na sua mão...». — *Carta de Tia Pascoela* (1869) em *Renasc.*, I, 2, p. 135.

Étimo — A pal. aparenta origem portuguesa, mas não disponho de elementos para a determinar. Relacionado com *gavinha*, sendo as gavinhas comparadas a patas de insectos?

* *galado* [galádo], adj. ant.

Enfeitiçado? «*Ólo galado*: que tem a vista sob a influência do feitiço». — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, Macau 1967, p. 113. *Id.* p. 28: «Vôs sua ôlo tá *galado*. Iou sentí saván de Sicundino já entrá na vós sua corpo...».

É possível que o sentido de 'enfeitiçado' tenha sido corrente, mas em todos os exemplos que colhemos está implícito um olho lascivo, ou homem lascivo, mulherengo: «Cuza? Achai tá *galado* / Pa bulí co lavadera?» — *Id.*, *ib.*, p. 72. Cf. o possível étimo malaio.

Étimo — A pal. é idêntica ao port. *galado* (fecundado pelo galo), mas não parece ter relação de sentido. Por outro lado o

mal. *galak*, que se aproxima mais pelo significado, poderia ter sido aportuguesado em *galado* por etimologia popular de *galo*, *galado*. Cf. *Wilkinson*: *galak*, «uxorious, lascivious».

* *gambel* [gãbêl?], subst. ant. e des.

Substância (fruto?) masticatória, usada antigamente para mascar com betel e areca: «Na bufete tem areca cum bettli. Si querê *gambel*, eu logo pidi com ama.» — Comédia *Os viúvos* (1928, simulando acção passada em 1849), em *Renasc.*, I, n.º 6.

O costume caiu completamente em desuso e mesmo as pessoas mais velhas, que se lembram de mascar areca e betel, não mencionam nem conhecem *gambel*. Mas no papiá conhece-se *gamber*, que deve ser o mesmo: «areca, bétal, *gamber* e chunambo, quatro cusa junto mastigá» — inf.^a 53 de Malaca, onde o costume também já desapareceu. A inf.^a descreveu *gamber* [gãbêr] como fruto seco e picante, mas *Wilkinson* dá o mal. *gambir* como substância corante, e *Dic. Mor.* como goma-resina que se extrai das folhas do gambieiro e que substitui o cauchu. A qualidade gomosa e elástica tornaria talvez o *gamber* apreciado como masticatório, tal como a actual goma de mascar tão usada pelos jovens e pelas crianças.

Étimo — Mal. *gambir*.

* *gamên* [gamén^ə], *gamem* [gamém^ə], subst. ant. e act.

O mesmo que *ganime*? Fruto usado em conserva ácida, ou *achar*, e em *sambal*, acompanhamento de certos pratos. «Eu já mandá dos amchôm di achar di *gamen*...». — Carta de Tia Pascoela (1869), em *Renasc.*, I, n.º 1.

Parece ser o mesmo que Sá Nogueira cita como *ganime* (Fam. *Anacardiaceas*), *Dracontomelum sinense*, Stapf.: «grande árvore que pode atingir até 20^m de altura (...) Nativa da Ásia Oriental Tropical. (...) Os frutos são apreciados pelos chineses: geralmente conservados em vinagre». — *Catálogo descrit.* p. 24.

Étimo — Ch. *ngan nim* 銀念, um fruto, pronunciado vulgarmente pelos macaenses como *ngan min*.

* *gandola* [gãdɔla], subst. ant.

Fruto da *Luffa acutangula* (Fam. *Cucurbitacea*), Roxby. É o *si quá* dos chineses, fruto verde, alongado, com arestas longitudinais. Inf.^a 80, citando ocasionalmente a palavra, explicou: «um *quá* esquinado, esquinado». (Em cantonense toda a cucurbitacea é *quá*, antepondo-se a este elemento diversos determinativos: *pak quá* (pepino), *sai quá* (melancia) etc.).

O fruto é comestível, cozinhado em *chau-chaus* quando não muito maduro. Quando amadurece torna-se amarelo e a polpa fica fibrosa, pelo que depois de seco é usado como esponja para lavar loiça.

Étimo — A única informação de que disponho é o uso do termo no papiá, onde pessoalmente o verifiquei. Contudo não parece corresponder ao mesmo fruto. Inf.^a 53 de Malaca descreve *gandola* como *brede*, hortaliça, com pequenos frutos não comestíveis.

ganeiro, *ganero* [ganéro], subst. ant. e des.

Antigo lugar, abaixo de mestre, nos barcos da praça de Macau? É o que se depreende da quadra: «Sartá de *ganêro* pa mestre / travalo, mestê primeiro / fazê três, quatro viazi, / comê paga de *ganêro*.» — *Ajuste de casamento...*, T.S.Y.K., I. Contudo M. Pereira, *ibid.*, p. 65 anota: «informam-me que era um lugar abaixo de despenseiro nos barcos da praça de Macau».

Dalgado, *Gloss.*, I s.v. *ganeiro*, criticando a definição da palavra por Cândido de Figueiredo, afirma que o termo é exclusivo de Macau. No entanto, o próprio Dalgado registou a seguinte quadra do indo-port. do Norte (*Rev. Lusitana*, p. 214): «Eu vós agradece, Raminha / De vossa chegada, Raminha / Eu vis de *ganeiro*, Raminha / Fogo na bomborda, Raminha /».

Étimo — «Despenseiro ou subdespenseiro, o étimo da palavra é o chinês *kwan* [sz'ti] = *gan* (...) com o sufixo português *-eiro*». — Dalgado, *Gloss.*, I, 419 b.

Contudo, a admitir-se este étimo e partindo do princípio de que seria o ch. cantonense, a única palavra provável parece ser *kwân* que significa «tropa, exército, militar» (Cf. *Dic. ch.-port.*,

ed. do Governo da Província, 1964, p. 359 a). A ser assim, e considerando ainda as palavras *kwân hei* ou *kwân hái*, 'armamento', teríamos de aceitar como correcta a definição de Cândido de Figueiredo, aliás repetida em *Dic. Mor.*: «aquele que na marinha asiática tem a seu cargo os petrechos de guerra, massame, poleame, etc.».

ganime — V. *gamên*.

ganta [gãta], [gãtã?], subst. ant. e des.

Medida de capacidade malaia, hoje completamente desusada em Macau. Inf.^a 80 ainda se recorda de ver essa medida, em forma de caixa de madeira, na sua mocidade.

Étimo — Mal. *gantang*, medida de capacidade. (Ainda em uso na Malásia e o termo *idem*, no papiá).

gargu [gãrgú], subst. ant.

1 — Recipiente para água. 2 — Chaleira de barro grosseiro: «... vêlo já como *gargú de chá* de Rafiel Boncó, inda tá matá morê pra corê trás dêste um pôco de locóna...». — *Carta de Tia Pascoela* (1869), em *Renasc.* I, 3, p. 245.

Étimo — Indo-port. *gargó*, do conc. *gãḍgó*, mar. *gãḍgá*, bilha de barro pequena, usada no Sul da Índia para líquidos. (Cf. Dalgado, *Gloss.* I, s.v. *gargó*).

* *gato som-som*, ant. e des.

«Nome de certo doce ou bolo que se fazia nos conventos de freiras da cidade», segundo M. Pereira, *T.S.Y.K.*, I, p. 66, anotando a quadra: «Eu logo matá dos ade / gente de gudão lôgo dâ unga pirú, / fréra-fréra conhecido / lôgo mandá *gato som-som*.»

Trata-se de uma festa de casamento, e freiras conhecidas deviam mandar um doce de presente. Que doce seria não pude apurar, pois a expressão é desconhecida mesmo das pessoas mais idosas.

Étimo — Desconheço. O primeiro termo, *gato*, parece português e o segundo, *som-som*, poderia ser chinês pelo aspecto fonético. Mas semanticamente não parece haver relação nem com o port. nem com o ch. Em mal. *geti-geti* (com -g gutural) é o nome dum bolo. Dada a indeterminação das vogais no mal., e por etimologia pop. de Macau, facilmente a palavra passaria a *gato*, simplificada a reduplicação. Por outro lado, sendo as freiras, tradicionalmente, boas doceiras e havendo desde há muito freiras francesas em Macau, o termo *gato* poderia ser aportuguesamento, até talvez jocoso, do fr. *gateau*, bolo. Quanto a *som-som*, poderia também ser derivado de algum termo francês.

* *gingli* [gĩgli], [gĩkli], adj.? ant. e des.

Cingalês ou cingalesa, natural de Ceilão?

A pal., que eu saiba, ocorre apenas numa antiga quadra, conhecida ainda por pessoas idosas:

Gingli mana, *Gingli* mana, (por vezes *Gingli* nona,
Iou querê casá. *Gingli* nona)
Casa nom tem porta,
Qui laia lôgo passá?

Quadra muito semelhante, e certamente origem da de Macau, é ainda hoje muito popular no papiá de Malaca, onde a ouvi cantar a crianças, velhos e adultos em Agosto de 1974:

Gingli nona, *Gingli* nona,
Iou querê casá.
Casa nom tẽ porta,
Nona *kai* logo passá? (1)

Étimo — A opinião de algumas pessoas em Macau, e é curioso que ouvimos a mesma opinião em Malaca, é que *gingli* seria adulteração do ingl. *gingle* 'tinido, som de sinos' e que a expressão

(1) *Kai*, mal., 'como'. *Qui laia logo passá*, na versão registada por P.^o Manuel Teixeira, no *Bol. Eclesiástico da Diocese de Macau*, Julho-Agosto 1956, p. 502.

gingli mana ou *gingli nona* se referiria a uma rapariga indiana com sininhos nos artelhos, possivelmente dançando com sinos nos artelhos. Nesse caso teríamos de remontar a quadra ao indo-port., com influência do anglo-indiano.

Por outro lado, o nosso Amigo e ilustre linguista Prof. E. C. Knowlton sugeriu-nos que *gingli* seja o *chingalá* ou *chinglá* do port. de Ceilão, significando *cingalês* ou *cingalesa*. Como nota curiosa, o mesmo Prof. soube em Ceilão que a música da cantiga de Malaca, acima citada, é aí conhecida. Nesse caso, *gingli nona* significaria *rapariga cingalesa*. Será Ceilão a origem mais remota da cantiga?

Cf. Dalgado, *Gloss.*, I, s.v. *chingala*: «O que dizemos actualmente “singalês”, os nossos indianistas expressavam *chingala*. O indo-port. de Ceilão não reconhece outra forma senão *chinglá*.»

godão [gudãŋ], [gudãu], subst. ant. e act.

Armazém; por vezes cave por baixo duma habitação, servindo de armazém ou mesmo de moradia a famílias pobres.

O termo ocorre em Macau pelo menos desde o séc. XVII e ouve-se às vezes com a pronúncia do ingl. de Hong-Kong, *godown*, forma criada por etimologia popular de *go down*. A forma *godão* em textos do crioulo antigo deve ser alteração culta da genuína pronúncia [gudãŋ]; cf. *gato som-som*.

Étimo — Mal. *gudang*, «a storehouse, a godown» (*Wilkinson*). Também *godong* e *gědong*, apud Dalgado, *Gloss.*, I, s.v.

* *gom-gom* [gõŋ gõŋ], [gõ gõ], subst. e adj. ant.? Act.

1 — Besouro. 2 — (referido a pessoas) Pateta, molengão: «esse é *gom-gom!*» (tenho ouvido a expressão referida, pejorativamente, aos portugueses de Hong-Kong).

Étimo — O termo deve ser onomatopaico, do zumbido duma espécie de besouro que entra nas casas, de noite, atraído pela luz, e depois voa desorientado, batendo pelas paredes sem conseguir sair pelas janelas. Daí, talvez, o significado de ‘pateta’.

* *gonchom* [gõčõŋ], [gõčõ], verbo ant.

1 — Abanar, sacudir, chocalhar: «*gonchom* vai, *gonchom* vem» — abanar para cá e para lá. 2 — Jogar dados, chocalhar os dados: «Então vai *gonchom* dado?» (ling. actual, jocosa).

Étimo — Mal. *gonchang*, «to cause anything to rock or sway, to shake, e.g. a bottle or a branch» (*Wilkinson*). Curioso é que o termo, conhecido pelos portugueses de Malaca como malaio, já não é usado no papiá: «cristang-sa papiá dizê *clochô* dado; falá malai sã *gonchang* [gõčãŋ] (Agosto de 1974, inf.^a 36).

gondon [gõdõŋ], [gõdõ], *gondão*? Subst. ant. e act. *Gondão* é a forma aportuguesada e culta, dada por Dalgado, mas em Macau só ouvi a primeira, se é que se trata da mesma palavra.

1 — Borbulha, bolha de água, furúnculo: «Sai *gondom*, levantá *gondon* (inf.^a idosa) — apareceu uma borbulha, um furúnculo na pele.

2 — Fruto da *árvore de gondom*, muito comum em Macau, cujos frutos são umas bolinhas com aspecto de pequenas uvas pretas. É a *Ficus indica* ou *Ficus Benjamina* (Dalgado, *Gloss.*, I, s.v. *gondão*).

A pal. é também usada em Timor.

Étimo — O mal. *gondong* significa 'goitre', papeira. Porém *gondang* ou *siput gondang* é também o nome mal. de certas conchas marinhas (cf. *Wilkinson*, s.v.). Parece mais provável o étimo *gondang*, pela semelhança que poderá ter um furúnculo ou o fruto da *Ficus* com certas conchas marinhas pequenas. Foneticamente, a terminação *-ang* não oferece dificuldade, uma vez que frequentemente esta terminação alterna e se confunde com *-ong* na passagem para o mac. Cf. *gonchom* < mal. *gonchang*.

* *gorogotar* [gõrõgõtã], verbo ant.

Estar no estertor da morte; morrer: «Já *gorogotou* já» — já morreu (inf.^a 65, citando a expressão como antiga).

Étimo — Suponho que a pal. é onomatopaica, imitando o som produzido pelo estertor dos moribundos.

guinde [gĩde], subst. ant.

Jarro para água (inf.^a idosa).

Étimo — Indo-port. *guinde* «jarro para água, gomil» e «bacia para lavar a cara». Do conc. e marata *giṇdí*, seg. Dalgado, *Gloss.* I, s.v.

* *gunde* [gũde], adj. ant.

O mesmo que *gúni*. Usado na expressão *saco gunde* ou *saco gúni*, saco grosseiro para arroz (inf.^a 65).

Étimo — O mal. *guntil* «a small sack», pequeno saco, parece étimo provável de *gunde*. V. *gúni*.

gúni [gúni], subst. ant.

O mesmo que *gunde*.

Étimo — A noção corrente em Macau é que *gúni* vem do *pidgin* ingl. *gunny sack*, com o mesmo sentido, o que é possível mas não necessário, pois pode ter vindo directamente do indo-port. Dalgado, *Gloss.* I, regista *goni*, *gune* e indo-ingl. *gunny* como derivados do marata-concani *gon*, saco grande, feito ordinariamente de juta».

* *gurunhar* [guruñá], verbo ant. e act.

Resmungar, rabujar: «gurunhá vai, gurunhá vem» — resmungar constantemente (inf.^a 45); «Pancha vem-cá basso / Ne bom gurunhá / Nhum tá dôr cachaço / Azinha vem pilá» (vem depressa fazer massagens). — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, Macau 1967, p. 124. *Ibid.*, p. 113: «Gurunhá: Resmungar, queixar-se em voz baixa, murmurar entre dentes».

Étimo — A palavra pode ser onomatopaica toda ela. Mas o mal. *guru*, professor, com o sufixo port.-*nhá* (*nhar*) onomatopaico, poderá talvez ser étimo. *Gurunhá* seria ralhar, rabujar como um professor dos tempos antigos.

H

* *helar* [ɛláj], verbo ant. V. *elar*.

Puxar: «vosso irmão *helá* na minha saia que fazê rebentá fita». — *Carta de Tia Pascoela*, em *Renasc.* I, n.º 2.

hortelão [ɔrtelãu], [ɔrtalãu], subst. ant.

O mesmo que *hortelã*, também usado.

* *hortelão de sopa*

Hortelã chamada de folha fina. Suponho que é a mesma que *hortelã-das-cozinhas* (*Mentha viridis*), *Dic. Mor.*

Usada como tempero, sobretudo em sopas, e também, antigamente, em mezinhas caseiras para dores reumáticas, cólicas, flato, vermes, constipações: — «ieu já sinti um poco doente (...) custipado ku esti mofino di tempo... — Vós já fazê efusão de *hortelão de sopa*?» — *Comédia “Os Viúvos”*, em *Renasc.* I, n.º 6, p. 572.

— Mezinha para “*flor nos olhos*”: «Toma-se semente de *hortelão de soupa*, redusida em pó impalpavel e d’este pó introduzido n’um canudo de penna numa pequena porção, e assopra-se no olho.» — Cad. manuscrito de receitas antigas (1883).

* *hortelão de figo de Portugal*, ant. e des.

Variedade de hortelã? Folhinha nova de figueira?

Figo de Portugal é, em Macau, o fruto da figueira, para distinguir de *figo*, ‘banana’. Contudo, muitas vezes as árvores são designadas apenas pelo nome do fruto ou da flor, daí que a expressão possa referir-se a ‘olho de folha nova de figueira’.

A expressão ocorre numa receita antiga para “*flato ou dor de estômago*”: «*olho de ortalão de figo de Portugal*, casca de toranja de Sekin, folhas de evado (?), sebola, pavio china, poncho, flor de chisu, casca de laranja, pao de veado, raiz de veado e *ortalão de vento*».

* *hortelão de vento*, ant. V. *hortelão de figo de Portugal*

O mesmo que *hortelão de sopa*? A expressão ocorre na receita acima transcrita para tratamento de *flato*, ou dor de estômago produzida por ventos (gases). É possível que *ortalão de vento* seja apenas uma outra designação, daí derivada, para a *hortelã de sopa*.

* *hortelão malavar*, ant.

Hortelã do Malabar? Creio ser o mesmo que *hortelã-de-folhas-grossas*, «designação indiana do *Anisachilus carnosus*, Wall. (*Dic. Mor.*). «Hortelã de sopa é de folha fina; *hortelã malavar*, folha grossa, é para esfregar queda» (contusão provocada por queda) — inf.^a 65.

Como as outras variedades de hortelã, a *hortelão malavar* era antigamente usada para variadas mezinhas, como a indicada acima (*esfregar queda*). Em decoção, servia para tratamento da tosse.

I

inhame chicu — V. *chicu*.

io, *iou* [ió], [ǰó], pron. ant.

O mesmo que *eu*.

A forma aparece normalmente com as grafias acima nos textos em crioulo e ainda se ouve essa pronúncia na linguagem das pessoas mais idosas. É difícil representá-la foneticamente, porque o *i-* é intermédio entre o *i* semi-vogal e o *j* africado [ǰ]. É semelhante ao espanhol *yo*, mas a africada é menos forte: «*Io* num quero ficá cholido (...) mas *io* tem que falá». — Cf. *cholido*. «*Iou* sua fila: minha filha». — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, Macau 1967, p. 116.

Suponho que esta pronúncia macaense documenta uma pronúncia popular portuguesa do século XVI, talvez ainda muito semelhante à do espanhol.

J

jaca [g̃aka], [jaka], subst. ant. e act.

Fruto de jaqueira (*Artocarpus integrifolia*, Linn.). «Jaca é a mais volumosa fruta da Índia e talvez do mundo, mas por ser demasiado doce e de cheiro muito forte não agrada ao paladar europeu». — Dalgado, *Gloss.* I, s.v. V. fig. 8.

Esta fruta é importada em Macau, na estação quente. A casca é grossa e escamosa. Partida esta casca com uma

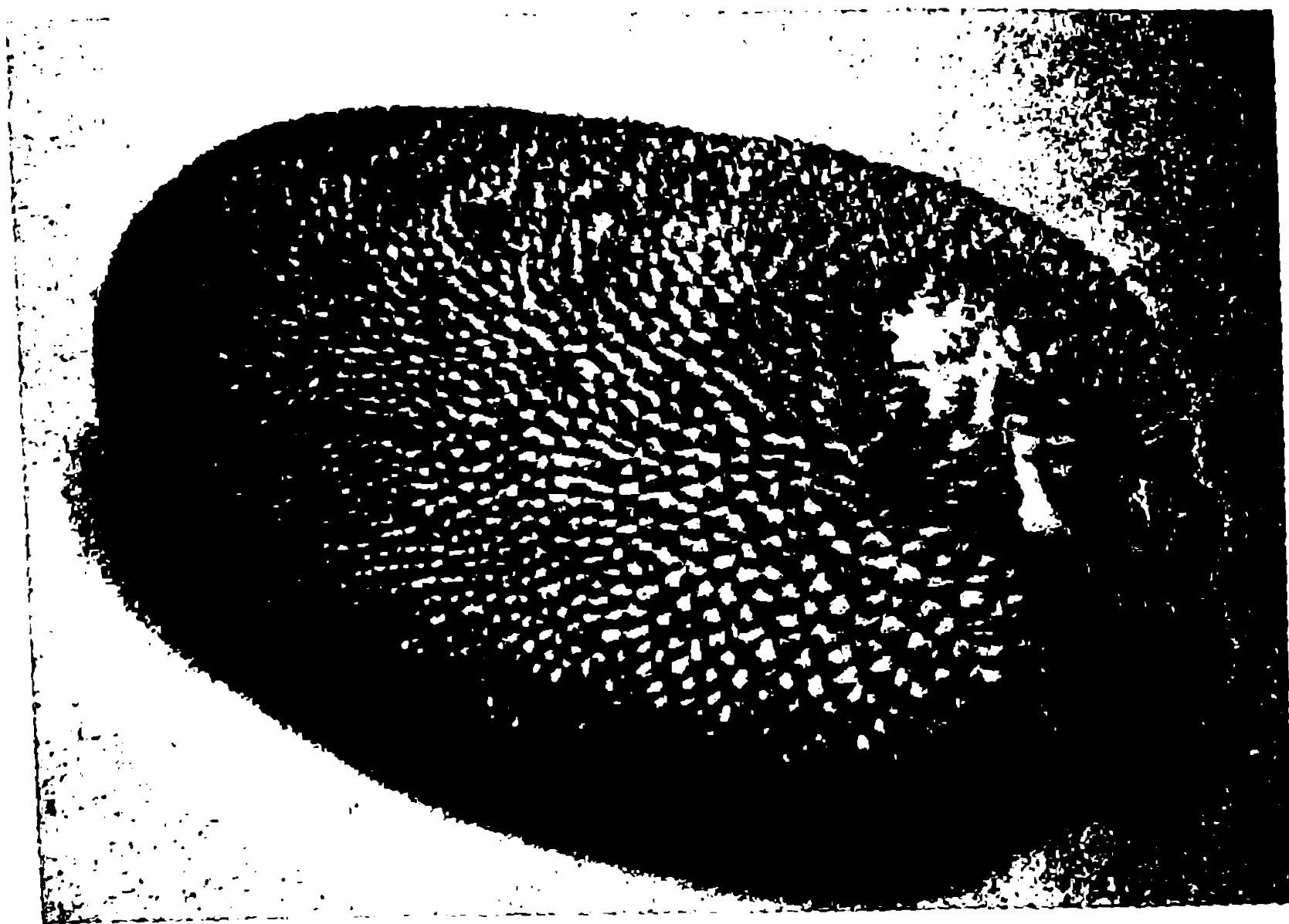


FIG. 8 — Jaca

pancada, tem uma polpa de aroma violento e enjoativo, que no entanto é bastante apreciada, e na qual estão incrustadas as sementes, espécie de castanhas amarelas, envoltas numa película escura. Retirada esta película, as “castanhas” são também comestíveis. Segundo Luís G. Gomes, *Chinesices*, p. 100, conhece-se em Macau a *jaca bárica*, de polpa consistente, e a *jaca pulu*, de polpa mole e glutinosa.

A jaca confunde-se, pela semelhança de cheiro e sabor, com o *durião*, termo culto e pouco usado em Macau. Encontrámos em Malaca esta mesma identificação, porém Dalgado, *Gloss.* I, Prefácio, XXXV, afirma que são frutos diferentes.

Os primeiros historiadores orientalistas descrevem o *durião* como semelhante à alcachofra, mas com aroma muito forte.

Étimo — Malaiala *chakka*, segundo Dalgado, ob. cit.

jambo [gãbo], [jãbo], subst. ant. e act.

O mesmo que fruta-rosa.

Fruto tropical, amarelado, mais ou menos do tamanho duma tangerina. Tem uma polpa de cerca de meio centímetro de espessura, limitando um espaço oco onde se encontra o caroço. V. fig. 9.

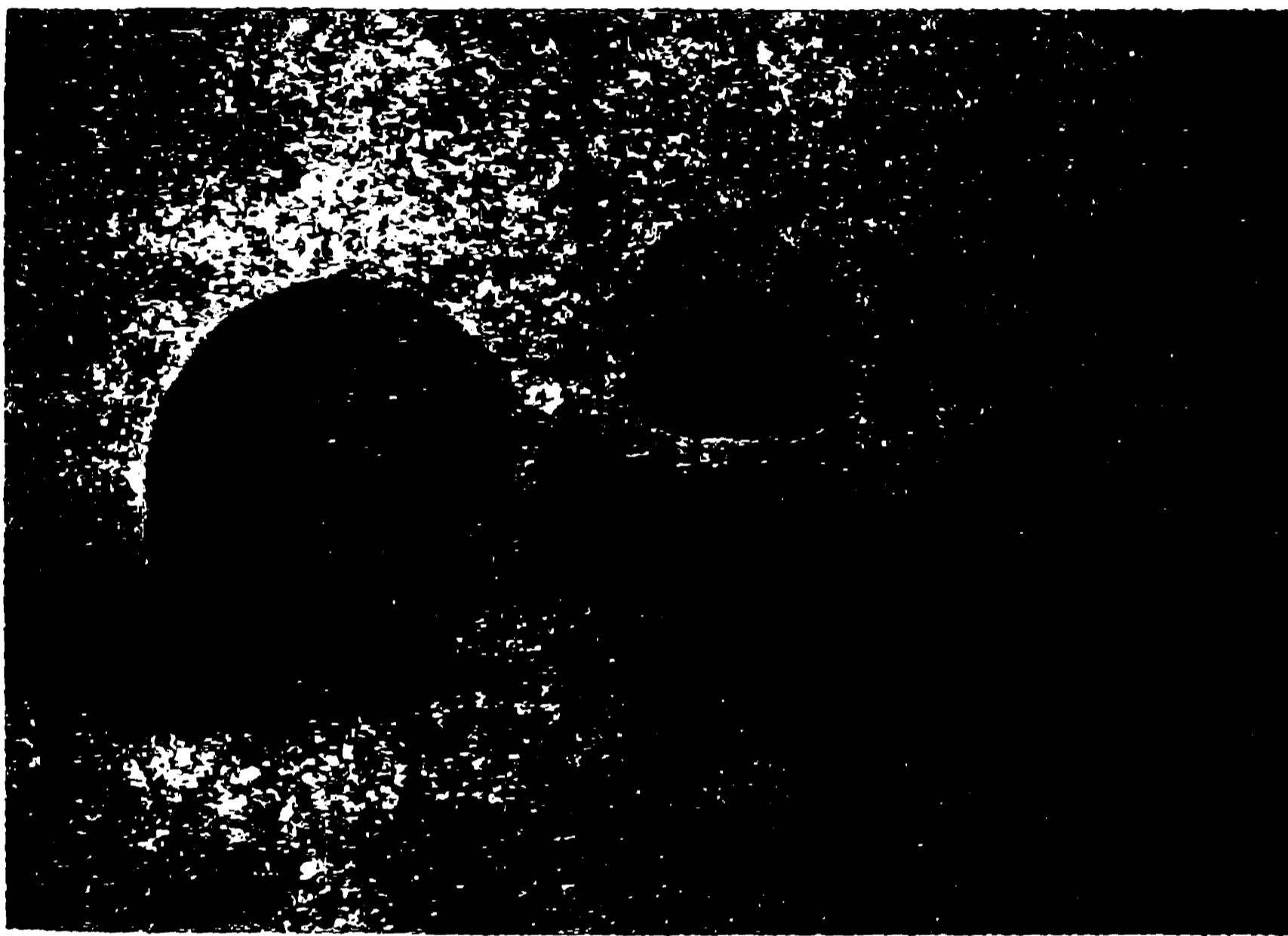


FIG. 9 — Jamba

A polpa é pouco sumarenta e bastante insípida, como de resto já notou Dalgado em Goa, embora, segundo Sá Nogueira, o sabor lembre o perfume da rosa e daí os nomes de *fruta-rosa* e ingl. *rose-apple*.

É muito conhecido ainda o provérbio antigo *Nunca bom buli co jambo, logo levantá fedô* ou simplesmente *Buli co jambo levantá fedô* (inf. 45). Cf. *Ópera Lolita*, em *Renasc.* II, n.º 1: «nonquero metê cô *jambo* pa levantá fedor».

O provérbio cita-se geralmente quando se aconselha alguém a não tocar em determinado assunto, pois podem vir à baila coisas desagradáveis. É estranho, contudo, que se «levante fedor» quando se mexe com *jambo*, que tem aroma de rosa.

Provavelmente o provérbio veio do português da Índia, onde se dava, em certas regiões, o nome de *jambo* à goiaba, que realmente é fruto de cheiro desagradável.

Étimo — A pal. pode ter vindo do indo-port., sendo a origem, segundo Dalgado, o sanscr. *jambu*, ou do mal., onde a palavra é ainda corrente. Dalgado afirma que o termo passou da Índia ao Arquipélago Malaio; contudo parece que Garcia da Orta citou o fruto em 1563 como introduzido de Malaca em Goa (Cf. *Hobson-Jobson*, s.v. *jambo*, *jumbo*).

jambo [gãboja], subst. ant.

O mesmo que toranja (*Citrus decumana*, Linn.). Grande fruto cítrico de casca muito grossa.

O nome foi usado no crioulo: «Quem mandá você arancá? Deixá acunga *jambo* em paz» (fala-se para uma personagem que entra com uma toranja). — *Comédia Cavá Tufang de 74*, em *Renasc.* I, n.º 5, p. 475. Actualmente, porém, é pouco usado, sendo toranja o termo culto e o ch. *pó lôk* 波碌 o termo mais vulgar.

Étimo — Mal. *jambua*, com o mesmo sentido (*Wilkinson*).

jambolão [gãbolãŋ], [gãbolãu], subst. ant.

Fruto semelhante a um grande bago de uva preta e «doce como a uva ferral», segundo Dalgado, *Gloss.* I, s.v. Há, porém, quem o descreva como uma azeitona preta, com caroço semelhante, mas muito doce.

O fruto é actualmente muito raro em Macau e nunca me foi possível vê-lo. O próprio nome é desconhecido da geração jovem. No entanto deve ter sido bastante vulgar nos tempos idos, pois que é citado no folclore de Macau.

Quadra antiga:

«Masqui seza preto
Sam nossa naçam.
Panhá vento suzo,
Ficá cor de *jambolam*».

Inf.^a 80, cf. G. Batalha, *Estado actual do dialecto macaense*, Coimbra 1959, p. 33.

jangom [gãgón], [gãgõ], subst. ant.

Milho, maçaroca de milho. O mesmo que *jangão* (Dalgado, *Gloss*, I, s.v.), forma aportuguesada e culta que talvez não tenha sido nunca da linguagem vulgar.

A forma dada ocorre numa maliciosa adivinha do antigo folclore de Macau e na fala de pessoas idosas.

Adivinha antiga:

«Fazê favô dê vosso clareza:

Levantá saia olá cabelo,

Levantá cabelo olá caroço,

Levantá caroço olá buraco.

Nhonha se divinhã

Logo levá unã-a pedaço.

Sã: *jangôm.*»

(Cf. *T.S.Y.K.* I, p. 319 — *Folk-lore macaísta*). A solução é *milho*, mas a adivinha refere-se à espiga do milho: a *saia* são as folhas, o *cabelo* são as barbas da espiga, etc.

Étimo — Mal. *jagong*, «maize, Indian corn» (*Wilkinson*), aliás já indicado por Dalgado. Curiosa é a nasalação da 1.^a sílaba, que também se deu no *papiá* e daí terá passado ao *mac*.

L

* *labitar* [labitá], verbo ant. e des.

O mesmo que *lapitar*?

Falar (uma língua); papaguear: «Uví... Vôs assi capaz *labitá* inglê, qui foi nádi vai Oncông estudá?» — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, Macau 1957, p. 26.

Étimo — Desconheço. A pal. parece portuguesa na origem, mas não conheço nada de semelhante na nossa língua.

* *lacassá* [lakasá], subst. ant. e act.

Espécie de aletria feita de farinha de arroz; modernamente mais conhecida pelo termo chinês *mâi-fan* 米粉 .

Sopa de *lacassá* é a sopa tradicional do almoço da consoada, ou seja, da véspera do Natal. Consta fundamentalmente desta aletria cozida em caldo de camarão. É usada nesse dia pelos macaenses católicos por ser dia de jejum e abstinência e a sopa ser feita sem carne.

A sopa, como a designação, é originária de Malaca, onde ainda em Agosto de 1974 uma malaio-portuguesa me descreveu uma sopa semelhante com o nome de [laksá].

Étimo — Mal. *laksa*, que *Wilkinson* regista com a acepção de «*ten thousand*», mas também de *vermicelli*, aletria. É possível que entre os dois sentidos haja relação, devido ao grande número de fios da aletria. Dalgado, *Gloss. I*, s.v. *laque*, dá também *lacassá* ou *laquessá*, mas indica apenas a acepção numérica: «Quantia de 100 mil, particularmente rupias...».

* *ladrão-pinto* [ladrãu], subst. ant. e act.

Ave de rapina, espécie de milhafre.

Chama-se indistintamente *ladrão-pinto* (ladrão de pinto) ao milhafre que rouba pintos, donde o nome, e às aves marinhas, semelhantes ao milhafre, que pairam sobre as águas do rio e dos portos em busca de peixe e detritos.

«*Ladrão-pinto* é bom para fazer *ade cabidela*» (para cozinhar com pato de cabidela). Também é utilizado para o tratamento da asma. Faz-se um caldo que fica muito branco, «mas é preciso queimar primeiro o bico para tirar o almís» (o sabor almiscarado) — inf.^a 65.

ladu [ladú], subst. ant. e act.

Doce feito de farinha de *arroz pulu* ou gomoso, jagra, coco ralado e especiarias. Depois de frio é cortado em quadrados e estes envolvidos em pó de feijão branco torrado. É muito agradável, se bem que indigesto.

Na Índia, *ladu* é, ou era seg. Dalgado, *Gloss. II*, Suplemento, «um doce seco de qualquer substância — gergelim, arroz torrado, castanhas de caju — feito em forma de bola grande ou pequena». Na Malásia, seg. *Wilkinson*, é um bolinho de farinha de arroz,

coberto de açúcar. É possível que o doce macaense tenha sido importado da Índia e sofrido influência das variantes malaias, além das introduzidas pelas excelentes doceiras de Macau.

O *ladu* é um doce próprio do Carnaval e só se faz por essa altura.

Chama-se *cara de ladu* a uma pessoa de pele muito escura, especialmente uma mulher, empoada de pó de talco ou pó de arroz, por comparação com o doce, que é quase preto, envolvido no pó de feijão. Pessoa de meia idade lembra-se de cantar na infância a seguinte quadra:

Ó preto, ó preto,
Ladu que é,
 Jogando carta
 C'o chimpanzé.»

Étimo — Concani *lādū*, cf. Dalgado, *ib.*.

* *laissi* [lajsi], subst. ant. e act.

Dinheiro que dá sorte; pequena quantia, dentro dum envelope vermelho com letras douradas, que os chineses oferecem a amigos e conhecidos por ocasião de certas festas, sobretudo pelo Ano Novo Chinês. É considerado um presente que traduz votos de felicidade.

Os portugueses de Macau levam os filhos a casa dos amigos chineses, pelo Ano Novo Chinês, a receber *laissi*. Por seu lado, dão também *laissi* aos filhos menores dos amigos chineses e aos trabalhadores chineses que lhes prestam serviços durante o ano, como criados, jardineiros, distribuidores de jornais, etc. Neste caso é uma gratificação que, se o serviçal é permanente, é igual ao salário mensal.

As crianças macaenses sabem todas cantar uma lenga-lenga chinesa que começa com os versos:

Kong hei fat chói!
Lei-si tau lói!
 (Feliz Ano Novo!
 Venha o *laissi*!)

Étimo — Ch. *lei si* 利事, com o mesmo sentido.

* *lampita* [lãpita?], subs ant. e des.

Curiosa? Coscuvilheira? «Mas vosso prima que são ung-a *lampita* que nunca passá nada sem esquadrinhá...» — *Carta de Tia Pascoela* (1869) em *Renasc.* I, 3, p. 242.

Étimo — Desconheço.

* *lanchai* [lãnəçáij], subst. ant. e act.

Garoto da rua: jovem vadio; p. ext. rufião, desordeiro. Creio ser o mesmo que Dalgado, *Gloss.* I, regista como *lanchal*, forma que não deve ter nunca existido e que Dalgado deduziria do plural *lanchâes*: «Desembarcou d'elles (barcos) grande número de *lanchâes*, armados todos...» (1870). — *T.S.Y.K.*, I, p. 25, apud Dalgado, *ib.*

Étimo — Ch. *lân chái* 爛仔 garoto estragado, garoto da rua, vadio.

lape [lãpi], *lapes* [lãpif], subst. ant.

1 — Betume de cal e óleo que se mete entre o costado velho e o novo de um navio, no Oriente» (Dalgado, *Gloss.* I e *Dic. Mor.*).

2 — Camada, estrato, cobertura: «Eu já corê assim mesmo com ung-a *lapi* de saia pra terado». — *Carta de Tia Pascoela* (1869), em *Renasc.* I, n.º 2.

O primeiro sentido deve ter corrido em Macau, mas o mais conhecido hoje é o sentido malaio de 'camada, folha': «Cobrí com dois *lapis* de colcha» (cobrir com duas camadas de cobertor, na cama). Este é também o sentido corrente no papiá de malaca, como pessoalmente verifiquei em Agosto de 1974.

Étimo — Mal. *lapis* «fold. wrapping, stratum» (Cf. *Wilkinson*, s.v.).

lapitar [lapitá], verb. ant. e des.

Parece ser o mesmo que *labitar* (q.v.).

laranja pagode, ant.

Variedade de tangerineira anã e o seu fruto (*Citrus margarita*). O mesmo que *kât* [kát] e *kât chái* 桔仔 (pequeno *kât*, pequena tangerina), nomes chineses hoje mais usados.

Étimo — «Também se oferecem dessas tangerininhas às divindades nos templos: daí o serem conhecidas em Macau pelo nome de *laranjas de pagode* ou de *casca fina pequena*». — Luís G. Gomes. *Chinesices*, p. 85.

* *lau-lau* — V. *chau-chau lau-lau*.

leia [lɛ̃a], [laj̃a], subst. ant.

Laiá, maneira, modo: «É assim sa *leia!*» — é assim, é assim mesmo, não há que discutir. Também *seléa* ('se léa) — esse laia (essa laia, essa maneira). Estas expressões usam-se actualmente apenas em paródia ao dialecto. Cf. *assilai*.

lencó [lɛ̃kó], [lɛ̃kó], subst. ant. e act.

Fruto, espécie de *castanha de água* (*Trepa bicornis*) muito dura e com o curioso feitio de um par de chifres. V. fig. 10.

Étimo — Ch. *leng kók* 稜角, palavra composta de *ângulo* e *chifre*.

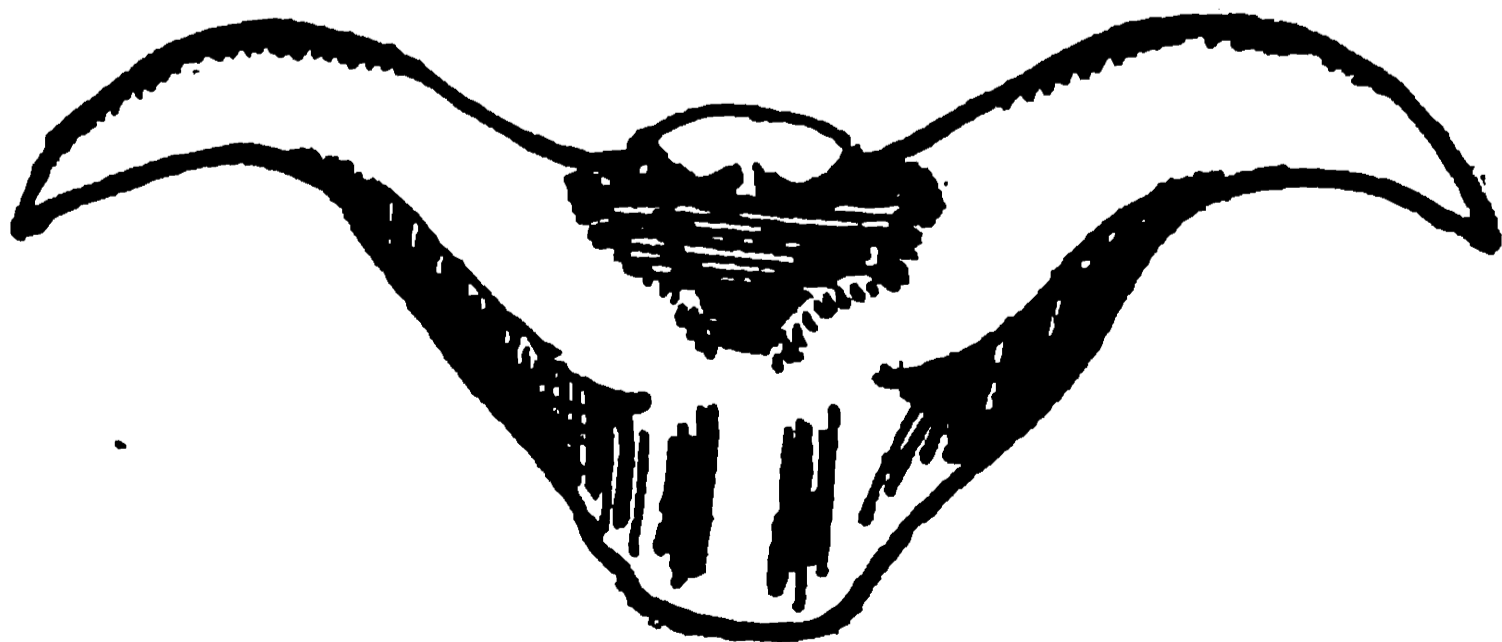


FIG. 10 — Lencó (tamanho natural)

* *leonfane* [liõfãᵑ], subst. ant? Act.

Geleia de *agar-agar* preto. V. *Cabelo de bonzo*.

Étimo — Ch. *leóng fân* 凉粉, com o mesmo sentido.

* *leonfaneiro* [liõfãᵑeiro], subst. ant? Act.

Mergulhador chinês que mergulha nas águas lodosas que circundam Macau e quebra, com um martelo próprio, as conchas das ostras agarradas às rochas submersas. É um auxiliar dos amadores da pesca. Certos peixes, como os *asa-amarela*, são atraídos pelo ruído e pelas ostras que ficam a descoberto, partida a concha, e o pescador não tem mais que largar a linha no local conveniente.

Étimo — A palavra parece relacionada com o ch. *leóng fân* (V. *leonfane*) sendo um derivado híbrido, com o sufixo port.-eiro. Contudo a relação semântica não é clara. Talvez, como nos sugeriu pessoa amiga, o primitivo ofício do *leonfaneiro* fosse mergulhar para trazer à superfície certas algas, como *leóng fân*, presas às rochas. Ou seria *bater* o peixe escondido nas algas? Inf. 60 conhece a expressão *bater leonfane* aplicada ao *leonfaneiro*, mas já não sabe o seu sentido exacto.

lichia [liçia], *lechia* [leçia], *laichia* [laiçia], subst. ant. e act.

Fruto da *sapindacea* conhecida por *Euphoria lischi*, segundo M. Pereira, *T.S.Y.K.*, I, p. 324, ou *Nephelium litchi* segundo Sá Nogueira, *Catálogo*, p. 25.

O fruto é já bastante conhecido no Ocidente, encontrando-se por vezes à venda em Lisboa. A casca é vermelha, a polpa branca, sumarenta e de sabor muito agradável, e tem um caroço preto semelhante a uma pequena bolota. É uma fruta bastante cara, e tanto mais cara quanto menor for o caroço.

Lichia ou *lechia* é a pronúncia antiga. Modernamente usa-se mais a forma chinesa *lai chi* [lai çĩ] ou a aportuguesada *laichia*.

Folclore — Adivinha antiga:

«Telado vermelo,
Parede branco,
Ung-a padri cafre
Chapado no canto.

Sã: *lichia*» (T.S.Y.K.)

Telado é a casca, *parede* a polpa, *padri cafre* o caroço preto.

Étimo — Ch. *lâi chi* 荔枝, *lichia*.

* *lichim* [liçín], adj. ant.

Escorregadio (geralmente falando de chão, pavimento, sobrado): «Chã limpo, qui *lichim*» (chão tão limpo que ficou escorregadio) — inf.^a 90.

Étimo — A pronúncia da palavra, ainda hoje exactamente a mesma no papiá de Malaca, sugeriu a grafia antiga *liching*. Contudo o étimo é o mal. *lichin* «smooth, slippery, bare» (cf. *Wilkinson*, s.v.)

liu-liu [liu²liu²], subst. e verbo. Ant. e des. como subst.

1 — Remo chinês. P. ext. embarcação a remos: «E usam de outras embarcações menores chamadas lorchas e *lyolyos* e não usam mais que dois remos em cada lado...». — Eredia, *Declaraçam de Malaca*, fl. 26, apud Dalgado, *Gloss*, I, s.v. *lio-lio*.

M. Pereira atribuiu ao termo valor verbal na expressão *liu-liu lorcha* «remando a lorcha, ou, mais rigorosamente, remando com um só remo e à ré, dando ao barco uma oscilação especial que vai embalando o tripulante ou passageiro» — em *T.S.Y.K.*, I, p. 65. Contudo, a expressão pode significar apenas *lorcha a remos*, sendo *liu-liu* um determinativo.

2 — O valor verbal é corrente hoje na linguagem popular com outro sentido: manejar um pau ou um instrumento agudo para tirar qualquer coisa dum espaço apertado, p. ex., lixo duma greta do sobrado, um objecto debaixo dum móvel, etc.

Folclore — V. *lorcha e maroto*.

Étimo — Ch. *liu* 撩, levantar, alçar.

* *logomente* [lɔgomẽte], adv. ant. e des.

Logo, imediatamente: «Elle qui uví puchum pum!.../Pulá na águ *lôgomente*; Pancha panhá subiçalto / gritá: «Coitado de Chente!» — *Ajuste de casamento*, T.S.Y.K., I, p. 62.

longane [lõgãṇ^o], subst. ant. e act.

Fruto da *Nephelium longana*, semelhante à *lichia* na polpa e na semente ou caroço, mas não na casca, que é acastanhada e lisa, enquanto a da *lichia* é vermelha e ligeiramente espinhosa.

A forma corrente é *longane* e não *longana*, como dá Dalgado, *Gloss.* I e outros dicionários após ele. A mesma pronúncia é indicada pela grafia *long-hane*, dada pelo Dr. Gomes da Silva, *Noções de Higiene e Medicina prática*, apud T. S. Y. K., III, p. 158.

O fruto é muito apreciado pelo sabor e pelas virtudes medicinais. Era antigamente utilizado pelos macaenses em mezinhas caseiras, como para tosse, usando-se seco num cozimento com *maçã nanquim*, *figo cáqui*, *laranja doce*, *trate*, *arroz de força*, etc. (De um caderno manuscrito de receitas antigas, 1883). Cf. ainda M. Pereira, citado por Dalgado, *Gloss.* I, s.v. *longana*).

Étimo — Ch. *lông ngán* 龍眼, usado em ch. com o mesmo sentido, mas significando literalmente *olho de dragão*.

lorcha [lɔrča], [lɔ:ča], [lɔrša], subst. ant. e act.

Barco de pesca de grandes dimensões, semelhantes ao junco e muitas vezes confundido com ele. Cf. Almirante Barbosa Carmona, *Lorchas, juncos e outros barcos...* p. 7, nota: «Os ingleses chamam indistintamente *junks*. Em Macau reserva-se a designação de *lorcha* para os barcos de pesca de apreciável tamanho, enquanto se aplica a de *juncos* ou *tous* para os de tráfego».

Folclore — Além da adivinha citada s.v. *atai* (q.v.), a palavra ocorre numa cantilena ainda hoje conhecida por pessoas idosas:

«Liu-liu *lorcha* vai Cantão
 Buscá seda fazê quiman:
 Novo-novo nhonha vestí,
 Vêlo-vêlo limpá chan.»

(Sobre *liu-liu lorcha*, cf. Dalgado, *Gloss. I*, s.v. *lio-lio*; Marques Pereira, *T.S.Y.K.*, I, p. 56 e 65; G. Batalha, *Aspectos do folclore de Macau*, separ. do *Bol. do Instituto Luís de Camões*, vol. II, n.º 2 (Macau, 1968), p. 9).

Étimo — Actualmente a palavra parece ser usada somente no port. de Macau. No entanto é muito antiga na nossa língua, figurando já com a mesma forma na *Peregrinação*. Apesar de ter sido objecto de vários estudos, o seu étimo não foi até hoje, que eu saiba, determinado. Luís G. Gomes, distinto sinólogo de Macau, examinou os étimos propostos em *Páginas da história de Macau*, Macau 1966, p. 234, chegando à conclusão de que a palavra não é de origem chinesa.

Será talvez uma antiga palavra malaia ou javanesa que, na língua franca corrente nestas paragens ao tempo de Fernão Mendes Pinto, tomasse o som aproximado de *locha* ou *lorcha* e assim passasse ao português.

* *lorcha-poton* (ou *poton*) [potô?], ant. e des.

1 — Certo tipo de barco chinês: batelão? barcaça?

2 — P. ext. Pessoa pesada e pachorrenta; «Tio Paulo falou vos *lorcha-poton*» (referido a uma rapariga «gorda como porca»). — *Opereta Cavá Tufang de 74* (1925). em *Renasc.* I. n.º 5.

Étimo — Incerto. Dalgado, *Gloss. I*, s.v. *potão* ou *puntão* cita o mal. *puntoq*, que não tenho elementos para confirmar. Pessoa amiga sugeriu-nos o ch. *pun teang* 'batelão', e ainda o ingl. *pontoon*, barco de fundo chato usado para apoiar pontes flutuantes. V. *lorcha*.

* *loupacou* [lɔpəkóu], subst. ant? Act.

O mesmo e mais vulgar que *bebinga de rábano*, espécie de pudim de rábano, farinha de arroz, carne de porco assada e camarões.

Étimo — Ch. *ló pak kou* 羅白糕, bolo de rábano.

M

maçã nanquim, mação nanquim, ant.

Maçã de Nanquim, jujuba, espécie de tâmara de cor avermelhada (*Ziziphus Jujuba*).

Esta designação é hoje conhecida apenas por pessoas idosas, sendo substituída na linguagem corrente pelo ch. *mat chou* 密棗 (棗). O fruto vem da China e é muito popular entre chineses e macaenses, usando-se geralmente seco, em caldos e pratos de culinária chinesa.

M. Pereira, *T.S.Y.K.*, III, p. 162, cita a forma popular *mação-nanquim*, acrescentando que às verdadeiras maçãs (*malus communis*) se chamava em Macau *pomos*. Este termo, porém, é hoje desusado, sendo *maçã* o termo actual. Daí que a expressão *maçã-nanquim* tenha sido facilmente preterida pelo termo chinês, que evita a confusão com maçã vulgar.

maçã vermelha, mação vermelho, ant.

Varietade de jujuba, semelhante e muitas vezes confundida com a anterior,

Na medicina caseira macaense ocorre com frequência a *maçã vermelha*, como em *mezinha para tosse*: — «Cozimento de bofe cortado em pedacitos e bem ferrados com *maçã vermelha*, casca de laranja e com os dois remédios chinas que vão aqui em baixo...». *Para sarampo*: — «Casca de laranja, *mação vermelha* (sic), açúcar-pedra. — Para se queimar no quarto

daquele que tem sarampo para evitar comichão.» (Cad. manuscrito de receitas antigas, 1883).

macaio [makájo], adj. e subst. ant? Act.

O mesmo que macaense, natural de Macau (sentido pejorativo).

O termo é geralmente usado pelos portugueses metropolitanos quando se referem depreciativamente aos luso-chineses, naturais da terra.

Curioso é que os próprios macaenses usam o termo entre si como um insulto, significando 'macaense de baixa condição' ou 'de baixo estofo moral'.

Étimo — Topónimo *macau*.

macaísta [makísta], [makáísta], adj. e subst. ant. e act.

1 — Próprio de Macau, geralmente em referência à língua e aos costumes antigos: «iou-sa mamá falá *makista*» (minha mamã falava macaísta) — inf.^a 9?

2 — Natural de Macau. o mesmo que macaense (pouco usado e considerado depreciativo).

* *macazote* [makazote], *marcazote* [markazote], subst. ant. e act.

Espécie de queque semelhante a pão-de-ló, assado em pequenas formas de papel.

Étimo — Desconheço. *Marquesote* ou *marquesota*, «inhame, espécie de túbara da Índia» (Dalgado, *Gloss e Dic. Mor.*) tem grande semelhança fonética, mas não parece ter qualquer relação semântica.

macupa [makupa], subst. ant. e act.

Variedade de jambo: «... o jambo, que os chineses chamam de *p'ôu t'ôu* e que possui uma variedade conhecida em Macau por *macupa*». — Luís Gomes, *Chinesices*, p. 101. V. fig. 11.

Étimo — O termo parece ser filipino. Cf. Edith Aultman Doty, *A glossary of "Filipinismos" in the Spanish Language found in Philippine Publications of the period 1890-1920* (University of Michigan, 1958), p. 186.

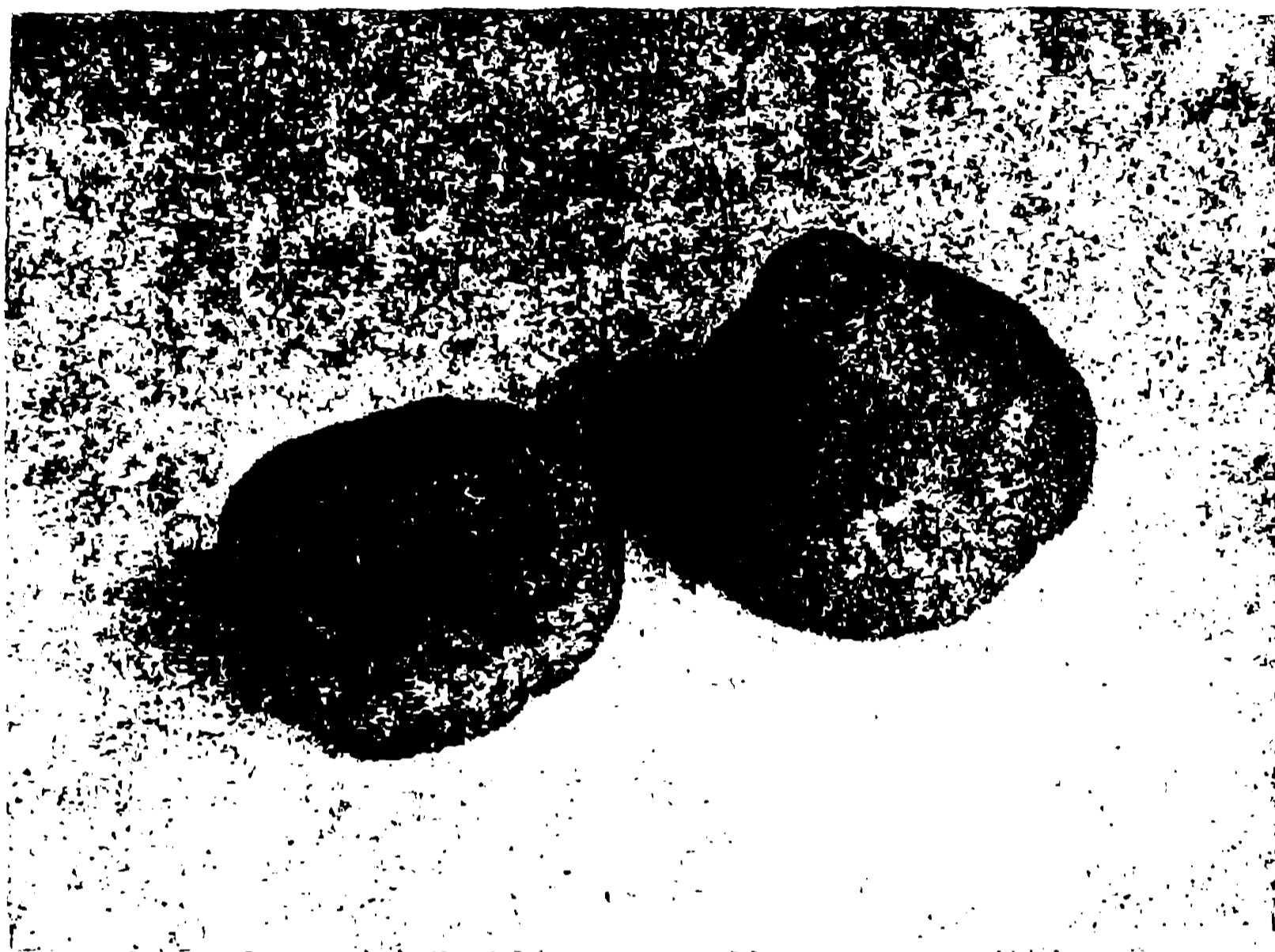


FIG. 11 — Macupa

mai [máj], [máj], subst. ant. e act.

Mãe: «Honrá pai *mai*» — *Mandamentos da Lei de Deus*, em *Renasc.* I, n.º 3, p. 250.

A forma sem nasalação é antiga, mas ainda se ouve frequentemente, até a crianças das escolas. Não é exclusiva de Macau. Cf. Dalgado, *Indo-Português do Norte*, Vocab.: «*Mai*, mãe. Por analogia com *pai*, se não por influência indígena (*máy*, sanscr. *má*. Dial. ceil., de Mahé, Cabo Verd. Também em mirandês)».

A influência indígena pode ter contribuído, mesmo em Macau, onde a pal. *mãe* em chinês local soa *má*. Contudo, no próprio português antigo a pronúncia *mai* deve ter sido comum. Cf. Bernardim Ribeiro, *Menina e Moça*: «Menina e moça me leuaram de casa de minha *may* pera muyto longe...» — Reprod. da ed. de Colónia, 1559.

* *mai de casa*, ant.

Governante, empregada que tem a seu cargo o governo doméstico: [a esposa de homem rico] «... logo tem sua *mai de casa* pra andá com gasto...» — *Carta de Maria Varê-Rua*, em *T.S.Y.K.*, I, p. 124.

O termo ainda é hoje aplicado a uma espécie de chefe de criadas de quarto, de hotel ou pensão, mas vai caindo em desuso, uma vez que a verdadeira *mãe de casa*, ou governante doméstica, era um luxo dos tempos idos que em Macau já ninguém tem.

mainato [majnato], subst. ant. e act.

Lavadeiro chinês que lava roupa para fora. O termo aplica-se também, por vezes, às lavandarias.

Largamente difundido no português da Ásia e da África Oriental, foi usado na Índia também na forma fem. *mainata* quando a profissão era desempenhada por mulheres. Em Macau, porém, o feminino não parece ser conhecido.

* *mamá* [mamá], subst. ant.

O mesmo que *mamã*, mãe.

mámi [mami], subst. act.

O mesmo que *mamã* ou *mãezinha*. V. *pápi*.

Segundo pessoas idosas, o termo não se usava antigamente, mas sim *mamá*.

Hoje usa-se muito por influência do inglês.

Étimo — Ingl. *mammy*.

manduco [mãduko], subst. ant. e act.

Rã comestível e muito saborosa que vive nos arrozais.

É um prato delicado e caro da culinária chinesa, sendo a sua carne semelhante à de franga. Como é sabido, só se comem as coxas.

Os chineses dão-lhe o nome de *t'in kái* 田鷄 (galinha das várzeas), nome que também é muito usado pelos macaenses.

Étimo — Duvidoso. Aparentemente relacionado com o port. *manducar* ou o latim *manducus*, mas a relação semântica que poderíamos estabelecer é talvez fantasiosa. Por outro lado, o termo não parece ser oriental (Dalgado e *Wilkinson* não o registam) nem africano. Ocorre em Cabo Verde a palavra *manduco*, mas com o sentido de 'varapau, cacete', que nenhuma relação tem com o significado macaísta.

* *mangerrial* [mãžeñiá?], subst. ant. e des.

Doce antigo de Macau. Constava de açúcar, amêndoas moídas e peito de uma galinha ou capão cozido e bem moído, para substituir em parte o peso das amêndoas.

Étimo — De *manjar real*? No já cit. caderno manuscrito de receitas antigas, este doce faz parte duma lista de doces chamados *manjares*.

mangicã [mãgikã], *margicã* [mãrgikã], *margiricão* [mãrgirikã], subst. ant. A forma culta *mangericão* foi também usada. Hoje nenhuma delas é corrente.

Mangericão (*Ocimum basilicum*), alfavaca. Creio ser o mesmo que Dalgado, *Gloss.* II, s.v., regista como *mangericão do Pagode*.

Muito usado antigamente em xaropes e mezinhas várias, como na *mezinha savan*: «Infusão de *mangericão* na água fervida 10 sapecas é bom para savan» (1916). — De um caderno manuscrito de receitas antigas.

mangostão [mãgustã], [mãgu/stã], subst. ant. e act.

Fruto da *Garcinia mangostana*. É um fruto originário da Malásia e comum nas terras do Oriente. Tem um grosso envólucro ou "casca" cor de vinho tinto carregado, do qual se destaca a polpa, muito branca e saborosa. V. fig. 12.

Étimo — Dalgado, *Gloss.* II, dá o mal, *mangistan*. *Wilkinson* regista *manggustan*.



FIG. 12 — Mangostão

mano [mãno], subst. ant. e act. Também fem. *mana* [mãna].

O irmão mais velho, o filho primogénito.

Se se pergunta a uma pessoa quantos irmãos tem, é vulgar a resposta: «Nã tem irmão, só tem *máno*», o que significa que a pessoa interrogada só tem um irmão mais velho e não tem outros irmãos.

O termo é usado como forma de tratamento e de referência ao irmão mais velho, e frequentemente toda a família chama *mano* ou *mana* ao primogénito dum casal.

* *manquenfum* [mãkêfún], *maquinfum* [mãkífún], subst. ant.

Usado na expressão *mezinha manquenfum* ou *maquinfum*, *mezinha* chinesa para crianças enfezadas «devido a susto»: «*mezinha manquenfum* é para *criança bugio*» (criança magra como um macaquinho, devido a susto que apanhou) — inf.^a 50.

Esta crença nas doenças devidas a susto é ainda bastante viva, e a expressão *criança bugio* ainda se aplica a uma criança enfezada por tal motivo.

Étimo — Ch. *mán keng fông* 慢惊風, que não designa o remédio ou mezinha, mas um *mau vento* ou *mau ar* que causa certas doenças.

* *mão comprido* [mãŋ kũprido], ant. e act.

Mão ligeira, mão que rouba. Diz-se, por exemplo, dos criados que furtam pequenas coisas aos patrões: «*Ela mám cumprido*» (linguagem corrente).

* *mão-cuti* [mãŋ kutí?], subst. ant. e des.

Maçaneta do fecho de uma porta?: «quebrá porta de despensa puçá (*puxar*) na *mão-cuti*...». — *Carta de Tia Pascoela*, em *Renasc.* I, n.º 2, p. 137. Não encontrei quem conhecesse o termo.

Étimo — Mal. *kutil* significa, como subst., *wart* (*Wilkinson*), uma verruga, uma excrescência. Poderia a maçaneta redonda da porta ser assim designada por comparação? Por outro lado, o mac. *cuti* (q. v.) significa 'pancada'. *Mão-cuti* poderia ser a *mãozinha* que se usava antigamente para bater à porta da casa, junto ao fecho. Na paródia ao dialecto que é o texto acima citado, o termo pode ter sido aplicado jocosamente ao fecho da porta da despensa.

* *mão-de-buda*, subst. ant.

Espécie de cidra: «... as lichias, que aumentam a inteligência, as *mãos de Buda*, que tranquilizam o espírito, e a raíz de trate, estimulante afrodisíaco...». — Emílio de San Bruno, *O caso da Rua do Valong*, p. 10, nota. Não é termo popular.

«... A cidra, ou tangerinas *mãos de buda*, que é o que significa o seu nome chinês de *fát-sân-kâm*. Esta última é considerada fruta sagrada, sendo frequente representar-se o Buda com uma cidra na mão. Porém, ela só é comível depois de

preparada em doce, sendo o seu suco empregado na lavagem de tecidos delicados e valiosos.» — Luís G. Gomes, *Chinesices*, p. 101.

* *mão-fechado* [mãŋ fiʃado], adj. ant.

Avarento, que não abre a mão para dar ou gastar dinheiro: «Ah, minha Siára num sabe, / *man fichado* qui fichado! / ôvo de sua galinha / guardá muto ben guardado». — *Ajuste de casamento*, em *T.S.Y.K.*, I.

* *mão p'ra trás* [mãŋ pa tráʃ], [mãũ pra tráʃ], ant. e act.

Mãos ociosas, atrás das costas. P. ext., indivíduo ocioso, preguiçoso.

* *mão-tanto* [mãŋ tãto], adj. ant.

Que mexe em tudo: «aquele ou aquela que mexe em coisas que não lhe competem». — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 120. «Ele *mám tanto*» — inf.^a 60. Cf. *boca tanto*, pessoa que fala muito.

* *mapeça* [mapɛsa], subst. ant.

«Brincadeira de mau gosto: partida. *Fazê mapeça*: pregar uma partida». — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 120.

Étimo — Do port. *má peça*.

* *mapeçoso* [mapesozo], adj. ant.

Indivíduo malicioso, que prega partidas para aborrecer os outros: «*mapeçoso* aquele que já vai tirá de sua lugar ung-a botle de enxarope, botá ung-a botle de verniz...». — *Carta de Tia Pascoela* (1869), em *Renasc.* I, n.º 1.

marado [marado], subst. e adj. ant.

Amarrado, atado. Um atado, embrulho ou molho, amarrado com um fio: «tem unga *marado* de papel vento, dentro tem meio cáti de chá...» — V. *papel vento*.

Étimo — De *mapeça*, q.v.

marcazote — V. *macazote*.

* *mardigota*, ant. e des.

Epilepsia? «Eu na princípio lembrá que são já atacá *mardigota*, mas como nunca olá escuma, lembrá que são já panhá estupor». — *Carta de Tia Pascoela* (1869), em *Renasc.* I, n.º 3, p. 248 (falava-se de uma pessoa caída no chão com uma espécie de ataque).

Étimo — Desconheço. A palavra não parece oriental, mas não possuo sobre ela qualquer elemento de informação.

margoso [margozo], subst. ant. e act.

Espécie de pepino de casca rugosa e sabor amargo (*Momordica balsanina* ou *Momordica charantia*. Mais usual, actualmente, a designação chinesa *fu kuá* 苦瓜, ‘abóbora amarga’.

Muito usado em pratos da culinária chinesa e, antigamente, na medicina caseira, V. *folha duas cores*.

Étimo — Port. *amargoso*.

margoseira, subst. ant.?

Árvore existente em Macau, mas que não tem relação com *margoso* ou *fu kuá*. «Sicómoro bastardo (*Melia Azedarach*, Linn.) (...), 10 a 15^m de altura, Abril, flores cor de lilaz claro muito perfumadas». — Sá Nogueira, *Catálogo*, p. 23. Cf. Dalgado, *Gloss.* I, s.v. *amargoseira*.

Desconheço se o termo foi popular antigamente. Hoje é muito pouco conhecido.

maroto [maṛoto], [maroto]. V. *belis maroto*.

Folclore — A palavra *maroto* com o sentido de ‘peixinho’ ocorre nas seguintes variantes da cantilena «*liu-liu lorcha vai Cantão*» (V. *liu-liu* e *lorcha*):

- 1) — «Lio-lio lorcha vai Cantão
buscá seda fazê quimão:
novo-novo sã pra eu vistí,

vê-lo-vêlo limpá chã:

Roto-roto

caçá *marroto*;

Fino-fino

pescá chumbino» — em *Renasc.* II, n.º 1.

2) — Iu-Iu lorcha vai Cantão

buscá seda fazê quimão:

novo-novo siára vesti,

roto-roto caçá *maroto*. — Inf. 68.

masqui, mas qui [maʃki], conj. e adv. ant.

1 — Ainda que, embora. 2 — Seja, concedo, está bem.

Na acepção 1, os exemplos são numerosíssimos no crioulo: «*masqui seza preto*». V. *jambolão*. Na acepção 2, inf.^a 50 recorda-se de ouvir seu pai responder *masquí* quando, na infância, lhe pedia autorização para sair ou para qualquer coisa que requeresse autorização paterna. É também conhecida a expressão, em paródia ao dialecto, «bom, vá lá, *masquí, mascá*», quando alguém acede a um pedido depois de muita instância.

Étimo — Port. *mas que*, ainda que, embora.

Marques Pereira, em *T.S.Y.K.*, I (notas a *Ajuste de casamento*) atribui à palavra origem malaia, o mesmo fazendo J. Santos Ferreira em *Macau sã assi*, p. 120, certamente porque a forma, usada no malaio-português, foi adoptada pelo próprio malaio. No entanto a expressão *mas que* foi usada no port. antigo com o mesmo sentido: «... pello que attendendo o Senado ser aquela nau ou fragata de El-Rey (...) mandou se lhe dessem as seis peças de ferro: porém o capitão mal satisfeito e querendo as de bronze, *mas que* se tirasse das Fortalezas...». — *Asia Sínica e Japónica*, ed. Boxer, vol. II p. 169. Cf. R. W. Thompson, *Pidgin words*, em *The China Mail*, Hong Kong 13-9-58: «*Maskee*: Never mind, notwithstanding, all right, correct, nevertheless, however, but, anyhow, (...) It is recorded for Anglo-Chinese by Partridge, as far back as 1864, and is written *maskee, mashkee, ma-se-ke* in Pidgin texts. The expression is of Portuguese origin: *mas que*, 'but that'. R.W.T. acrescenta ainda que a forma foi usada em todos os dialectos portugueses do Oriente, tendo sido

adoptada pelo malaio e pelo javanês. Ocorre ainda em dois dialectos espanhois das Filipinas, tendo provavelmente ido da ilha de Ternate, onde se falou parcialmente o português. Conclui afirmando que não há razão para relacionar a palavra com o ch. *m shai* «it doesn't matter», como se tem aventado.

* *mata-moça* [mãta mõsa], subst. ant.

Espinafre (*Spinacea oleracea*).

A designação *espinafre* é também conhecida, mas só usada na linguagem culta. *Mata-moça* é termo só conhecido por pessoas idosas, sendo actualmente a designação mais vulgar o ch. *pó ch'ói* 波菜 .

Étimo — Conta-se em Macau a seguinte história para explicar o nome *mata-moça*: Como esta hortaliça mingua extraordinariamente depois de cozida, uma dona de casa, vendo a grande porção de espinafre que tinha comprado e o pouco que ficou depois da cozedura, julgou que a criada ou *moça* o tinha roubado, matando-a (!) por causa disso...

matar-morrer [matã mõré], v. ant.

Trabalhar arduamente, matar-se a trabalhar: «ela *matá-morê* pra ganhá algum dinheiro» — inf.^a 60.

mate [mãti], subst. ant. e des.

Terra, barro, argila, argamassa: «Elle pedí *mati* eu içá tizolo». — *Carta de Maria Varê-Rua* (1888) em *T.S.Y.K.*, I, p. 192 segs. (a frase, em sentido metafórico, equivale a: ele a falar em alhos e eu em bugalhos).

Étimo — Indo-port. *mate*, «do conc.-mar. *māti* < sânscr. *mṛttikā*». — Dalgado, *Gloss.* II, s.v.

maz [mãz^o], subst. ant. e des.

Antiga medida de peso. Determinado peso de prata que corria antigamente como moeda no Oriente.

Segundo inf. 80, o *maz* em Macau era a décima parte do *tael* e por sua vez dividia-se em 10 *condorins* (q.v.).

O termo, hoje completamente desusado e só conhecido por pessoas idosas, era ainda vulgar nos fins do século passado e princípios deste, ocorrendo frequentemente em receitas de mezinhas caseiras escritas à mão entre 1883 e 1916: *Mezinha de faifum* — «chá seco — 2 *mazes*; casca de laranja — 1 *maz* 5 *condrins*; pau de chiçu — 1 *maz* 5 *condrins*...» V. *faifum*.

Étimo — Mal. — jav. *mas*.; sânscr *māṣa*, peso de 1.166 gr. — Dalgado, *Gloss.* II, s.v. *maz*.

* *mechar* [mešá], v. ant.

Gratificar, dar uma quantia em dinheiro como gratificação: «Ela faz coisa pra eu, mas eu *mechá* pra ela» (ela presta-me serviços, mas eu gratifico-a) — inf.^a 65. citando o termo como antigo.

Étimo — Do port. *mecha*? *Dic. Mor.*, s.v. *mecha*: «aguentar a *mecha*, sofrer contrariedade, incómodo, trabalho, maçada: ser forçado a despesas, etc.» No port. pop. é vulgar a expressão *estar-se a incomodar*, *incomodar-se*, quando uma pessoa dá a outra uma gratificação ou uma prenda. Poderá, portanto, haver uma relação semelhante em *mecha* / *mechar*? Cf. no crioulo de C. Verde. *mechar* e *mechado*, respectivamente «pôr o chapéu na cabeça» e «de chapéu na cabeça» (*Dic. Mor.*). Não são inéditas as coincidências do mac. com o crioulo de C. Verde, mas neste caso a relação semântica parece-me obscura.

melua [melua?], [melua], subst. ant. e des.

Usado na expressão *rosca melua*, pão doce em forma de meia-lua: «non quêro vai meza armuçá, mas nunca deçá (deixar) de comê escondido minha *rosca melua*.» — *Carta de Tia Pascoela* (1870), em *Renasc.* I, n.º 3, p. 241.

Étimo — Port. *meia-lua*.

mestê [mesté?], [mesté], subst. ant.

Mister, necessidade. É preciso, há necessidade: «... *mestê* primeiro / fazê três quatro viazi» — V. *ganero*.

Cf. M. Pereira, *T.S.Y.K.*, I, p. 66: «*Mestê* — é mister, é preciso. *Non mestê* — Não é bom, não é preciso. Quando se recomenda com empenho que se não faça qualquer coisa, diz-se: *Non mestê fazê*». Ainda ouvimos há anos, a pessoas idosas, *n'há mestê* (não há necessidade, não é preciso), o que é uma forma mais moderna de *non mestê*.

Étimo — Port. *mister*.

* *mestre china* [mɛʃtre ʃina], ant. e act.

Curandeiro chinês que pratica a medicina tradicional chinesa.

Nos séculos passados, os portugueses de Macau recorriam ao *mestre china*, quando não havia médicos europeus na colónia e eram apenas os missionários e seus ajudantes quem praticava, mal ou bem, a arte de curar. Contudo a fé no *mestre china* ainda não desapareceu completamente, hoje que há médicos encartados, sendo o curandeiro chinês preferido pelos macaenses em certos casos, como entorses e fracturas ou deslocamento de ossos.

miçó [misó], subst. ant.

Pasta de feijão de soja e sal, que serve de tempero para certos pratos. P. ext. Pasta para tempero feita de outros ingredientes, como *chili miçó* (q.v.).

O termo é muito antigo em Macau, tendo sido registado no séc. XVIII, no vocabulário sino-macaísta do *Ou-Mun Kei-Leòk*.

Étimo — Jap. *miso*, pasta de feijão. Ou, segundo o *Dic. de Nagasaki*, p. 322. fol. 161 v.: «Certa confeição de grãos, arroz e sal com que se tempera o xiru de Japão» (1). Outras fontes indicam *mixo* (cf. Dalgado. *Gloss.* II), mas trata-se de pasta ou molho semelhante, devendo haver variantes fonéticas para a própria palavra japonesa.

(1) Amável informação do Prof. Edgar C. Knowlton, da Universidade de Havai.

miçó cristão [misó kriʃtãŋ]. ant.

Prato da culinária macaense, constando de uma pasta de feijão soja cozido, carne de porco picada, açafrão e outros temperos — inf.^a 65.

Ignora-se o motivo do elemento *cristão*. Seria por ser um *miçó* diferente do japonês, considerando-se este como *pagão*?

* *minape* [mináp^a]. subst. ant.? Act.

Vestido ou casaco à chinesa, acolchoado com algodão ou com fios de seda natural.

O vestido ou *cabaia* acolchoada para mulheres, mais geralmente chamado *minape comprido*, era muito usado no inverno, até há uns vinte anos, pelas senhoras e raparigas macaenses, mas tem caído em desuso pelo seu elevado preço. O *minape curto*, espécie de casaco curto de homem ou de mulher, é ainda bastante usado nos dias frios, por ser muito quente e confortável.

Étimo — Ch. *min náp* 棉「納」, com o mesmo sentido.

* *minche* [mīči], subst. ant.? Act.

Picado de carne, prato da culinária macaense: *vaca minchi* (minche de vaca). A carne, vaca ou porco, é picada com o *parão* da cozinha e estrugida com cebola e outros temperos. Come-se acompanhada de *arroz branco*.

Étimo — Ingl. *mince*, ‘picado de carne’. Cf. *mince-pie*, pastel de carne. O termo deve ter vindo através de Hong-Kong, pois não parece ser muito antigo. Não ocorre nos textos em crioulo nem parece ter sido usado no indo-port., onde poderia ser proveniente do anglo-indiano.

* *mintói* [mītóij], subst. ant.? Act.

Cobertor de pano de algodão ou de seda, acolchoado com fios de algodão ou de seda natural. Modernamente está muito

em voga o *mintói* acolchoado com *nylon*, por ser também muito quente e menos despendioso.

Étimo — Ch. *min t'ói* 棉胎, com o mesmo sentido.

* *misco* [mi/ko], adj. ant. e act.

Mesquinho, avarento. *Misco* é um indivíduo que não gasta o seu dinheiro, um professor que não dá notas altas, etc.

Étimo — Abreviatura do port. *mesquinho*, também usado em Macau com o mesmo sentido?

moça [moʒa] (mais frequente do que o masc. *moço*), subst. ant.

Moça e *moço* eram criados ou escravos africanos (cafres) que antigamente serviam nas casas abastadas.

O termo *moça* ocorre também num texto com o sentido de prostituta, mas deve ser por influência reinol: «vai cazá co *moça-moça!*» — *Diálogo entre José Fagote e Pancha Cudum*, em *T.S.Y.K.* II. (Cf. gíria port. «ir às moças»). Actualmente o termo tem o sentido normal de *jovem*.

Folclore — Quadra popular antiga;

«Manga maduro

Moça já comê!

Siára dáli *môça*,

Moça já morê!»

(*Cancioneiro musical crioulo*, em *T.S.Y.K.*, II, p. 704).

mizar-coar [mizákuá], verb. ant.

Urinar e coar a urina (para aproveitar o líquido!). Diz-se das pessoas muito *miscas*, muito avarentas: «Ele tam cachipe, *mizá-coá!*» (inf.^a 65).

Étimo — Port. *mijar* + *coar*.

* *mocorô* [mɔkɔrɔ], subst. ant. e des.

Fruto usado antigamente para lavar roupa preta (inf.^a 65).

Sá Nogueira, *Catálogo*, p. 25, dá *mocorô* como o nome da árvore respectiva, *Sapindus mukorossi*, Gaertn., descrevendo o fruto: «uma drupa carnuda, oleosa, quase transparente (...) Os chineses empregam o fruto como sabão para a lavagem de seda preta, devido à grande percentagem de saponina contida na polpa oleosa».

Étimo — Cf. a designação científica *Sapindus Mukorossi*.

mogarim [mɔgarí], *mungarim* [mũgarí], subst. ant.

Espécie de jasmim muito aromático (*Jasminum Sambac*).

Folclore — Adivinha antiga:

«Prato quèbrado
mungarim solteado»

(meia lua com as estrelas à volta) — inf.^a 60.

Cf. a quadra popular «Nhonha na jinela / co *fula mogarim...*», s.v. *fula*. As mulheres de Macau, sobretudo de baixa condição e prostitutas, enfeitavam antigamente os cabelos com flores de mogarim, costume possivelmente importado da Índia (Cf. Dalgado, *Gloss.* II, s.v.)

Étimo — O termo é usado no Brasil e em Cabo Verde. No entanto Dalgado, *ob. cit.*, dá como étimo o conc.-mar. *mogrí* ‘planta’; *mogrém* ‘flor’.

* *mol-mol* [mɔlmɔl], subst. ant. e des.

Tecido branco, espécie de cambraia muito fina e macia, usada antigamente para fazer roupa interior de mulher.

Étimo — Suponho ser o indo-port. *moli* «vestidura leve com que as bailadeiras encobrem o seio» (Cândido Figueiredo, repetido em *Dic. Mor.*).

É obscura a origem do indo-port. *moli*, pois que Dalgado, *Gloss.*, II, s.v., diz não conhecer termo conc. ou marata com esse sentido. Parece-me possível a relação com *molios*, tecido refe-

rido por Fr. José de Jesus Maria, *Asia Sínica e Japónica*, ed. Boxer, II, 82: «sinco peças de setim azul lavradas, sinco peças de sítim chão azuis, sinco peças de *molios*...» Desconheço, porém, o sentido exacto e o étimo da palavra *molios*.

* *mongus* [mõgus?], [mõgu/], adj. ant.

Triste, de aspecto triste, abatido: «Ele qui *mongus!*» — inf.^a 65.

Étimo — Mal. *mungskus* «miserable in appearance, looking half dead» (*Wilkinson*, s.v.).

mordicim [mõrdisí], subst. ant.

Dor de cabeça de causa desconhecida; indisposição que dá fortes dores de cabeça. Mais frequentemente, o termo aplica-se ao tratamento caseiro ou mezinha para tal indisposição: «*mordicim*, *raspá mordicim*, é pra dores de cabeça» — inf.^a 80.

Raspar mordicim é roçar uma moeda na testa até fazer uma nódoa negra, *para chamar o mal à pele*.

Étimo — Indo-port. *mordexim*, *mordixi*, *morexim*. Dalgado, *Gloss.* II, s.v., trata extensamente a palavra: «nome que os nossos indianistas davam à cólera-morbus e que os franceses converteram em *mort-de-chien*». Pyrard de Laval referiu-se a uma doença que acomete subitamente, com grande dor de cabeça e vômitos. Em Macau o termo não é conhecido com relação a cólera, mas a dores de cabeça de causa desconhecida, provavelmente enxaqueca ou *migraine*, que é muitas vezes acompanhada de náusea e vômitos.

* *múchi* [muči], subst. ant.

Pastelinho de farinha de *arroz pulu*, recheado de coco ralado, pó de feijão torrado e gergelim.

Folclore — Uma quadra do folclore macaense refere-se a *muchi coco*, que suponho ser o mesmo pastelinho. V. *apa*.

Étimo — O termo parece ser oriental, embora não chinês, mas não possuo sobre o étimo qualquer elemento de informação.

*mui*¹ [muj], subst. ant. e act.

Espécie de ameixa. «*Mui* é o termo cantonense com que são designadas diversas espécies de ameixas e abrunhos, etc., pelos macaístas». — M. Pereira, *T.S.Y.K.*, III, p. 161.

O termo já ocorre no séc. XVII em *Ásia Sínica e Japónica*, ed. Boxer, vol. II, p. 171: «... *muis* e carambolas». É ainda muito vulgar, sobretudo para designar ameixas secas e preparadas pelos chineses com sal e especiarias.

Étimo — Ch. *mui* 梅, ameixa.

* *mui*² [muj], adj. e verbo, ant. e act.

Moído, desfeito (diz-se da carne ou peixe pouco fresco, a desfazer-se): «Peixe tá *mui*». Moer, desfazer, amolecer: «... tá *mui* farinha pau». V. *farinha pau*.

Étimo — Ch. *mui* 霉, podre, apodrecido. O mac. adoptou o termo chinês para qualquer coisa mole, moída, desfeita, mas não necessariamente podre.

* *mui cafre*, ant.

Ameixa preta, variedade de *mui*. V. *mui garganta*.

* *mui garganta*, ant.

Variedade de *mui*, também chamada *mui azedo*, usada no tratamento de dores de garganta. «Outras frutas de que se encontram semelhantes noutros climas são as ameixas, que os chineses chamam *lêi*, sendo no entanto mais conhecidas em Macau pelo nome de “*mui*” (...); a de película roxa, o *hák-mui*, é o «*mui cafre*»; a de membrana exterior verde clara, peluda, de drupa amarela e sabor ácido, a *sün-mui*, é o *mui azedo* ou *mui garganta* que, depois de salgada e seca, é usada pelos chineses, nas dores de garganta, como expectorante». — Luís G. Gomes, *Chinesices*, pp. 89-90.

mungo [mũgo], subst. ant. e act.

Feijão de grãos pequenos e verdes, com o aspecto de pequenas ervilhas secas.

O *mungo* é muito usado na culinária sino-macaense e no doce de origem malaia *chacha* (q.v.). Os rebentos deste feijão, chamados *ngá ch'ói* 芽菜, são também muito utilizados na culinária local.

Étimo — Do hindust. *mūng*, conc.-mar. *mūg* (Dalgado, *Gloss.*, II, s.v.).

* *murum* [murún], [muřũ], adj. ant. e act.

Triste, deprimido, abatido moral ou fisicamente: «*Murum* é sinti ai qui triste, nã tẽ gosto pra nada» — inf.^a 90.

O termo é ainda muito usado em sentido jocoso, como paródia ao dialecto.

Étimo — Mal. *murong* «dejected, downcast» (*Wilkinson*, s.v.). Curioso é que o termo deve ter vindo por via do mal.-port., mas no papiá actual de Malaca usa-se *triste* e conhece-se *murong* como malaio.

* *mutiã* [mutiãŋ], ant. e des.

O mesmo que *motian*, *motiã*, *motiã*. V. *febre motiam*.

mutre [mutre], subst. ant. e act.

Missanga. *Enfiar mutre*, bordar com missanga, enfiando as missangas na agulha e prendendo-as ao tecido com linha.

Étimo — Duvidoso. Dalgado, *Gloss.* II, regista *mutra*, do sânscr. *mudrā*, selo, sinete, firma, na Índia. «Alguns dos nossos indianistas lhe dão o significado de *saquinho de moedas ou pedras preciosas*», talvez, segundo o mesmo A., porque os saquinhos eram *mutrados*, ou seja, marcados com selo ou sinete. O mac. *mutre*, por ter a forma de pequena pérola, poderia ter relação com o conteúdo dos referidos saquinhos e provir do indo-port.

mutra. Por outro lado, o mal. *mutiara*, do sânscr. (cf. *Wilkinson*) significa *pérola* e está talvez relacionado com *mutra*. O mac. *mutre* pode, portanto, ter vindo directamente do mal. *mutiara*.

N

* *ná*¹ [ná], interj. ant.

Vai-te embora! Deixa-me! Não me aborreças!

Muito frequente em expressões hoje já pouco usadas, como *Vai rafundi, ná!* *Vai racolê, ná!* (vai passear, vai-te embora). «Títi querê jugá bola co iou? — Vai-ná, quiança...» — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 25.

Étimo — O mal. *nyah!* «be off! geh away!» (*Wilkinson*) corresponde exactamente ao sentido mac. e parece étimo provável, pois que a interjeição chinesa *ná* tem significado diverso. V. *ná*².

* *ná*² [ná:], [ná], interj, e adv. ant. atc.

1 — Partícula muito usada por chineses e macaenses: aqui está, eis, tome. Quando, p. ex., se mostra ou se dá qualquer coisa a uma pessoa, diz-se: *ná!*

2 — Partícula do crioulo, sem significado preciso: «Cudí *ná!*» (acudam).

Étimo — Ch. *ná* 拿, tome lá! veja! eis!

nádi [nãdi], expressão negativa, ant. e act.

O mesmo que *n'há-de* (não há-de), mas esta grafia nunca ocorre nos textos em crioulo. Cf. J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 122: «*Nádi*—não. Não hei-de ou não há-de. Serve para indicar o futuro na forma negativa. *Iou sã nádi vai*: Eu é que não hei-de ir. *Nôs nádi falá*: não havemos de dizer». Id. p. 123: «Nôs sua Mariquinha / Sã *nádi* vós querê» (não vos há-de querer, não gosta de você).

Folclore — Adivinha antiga:

«Quim fazê *nadi* lográ,
Quim lográ nom pôde olá,
Quim olá logo churá.

Sã: sepultura» (T.S.Y.K., I, p. 320).

na más [na más], adv. ant.

Não mais, somente, apenas: «... já recebê *na más*, muto contente, unchinho de sopa de imbigo de frade». — *Carta de Maria Varê-Rua* (1888), em T.S.Y.K., II. Ainda se ouve a pessoas idosas: «dois pataca *na más*...».

nascer [năsé], [na/sé], v. ant. e act.

Dar à luz. Pôr (ovos): «*Fulana nasceu* uma menina», «a galinha *nasce* ovos» (linguagem corrente).

nele [nele], [nẽli], subst. ant. e act.

Arroz com casca; por vezes também a própria casca do arroz. «Saltá de mão ung-a anchom de cinza casca *nêle*...» — *Renasc.* I, n.º 2, p. 134.

Folclore — Lenga-lenga antiga (hoje completamente esquecida):

«Madéra, madéra
Já vai cavá chan.
— Qui de chan?
Já vai simiá *nêle*.
Qui de *nêle*?
Galinha já picá.
— Qui de galinha?»

.....

(Cf. T.S.Y.K., II, p. 784; G. Batalha, *Aspectos do folclore de Macau*, Macau 1962, p. 6).

O *nele* é utilizado ainda hoje na alimentação de galinhas, na preparação do envólucro dos *ovos pretos*, para proteger da humidade certos artigos como presunto, etc.

Uma das utilidades antigas do *nele* era, queimado e reduzido a cinza, servir como pó para lavar e polir os dentes (v. *gossô*).

nhame [ñame], subst. ant. e act.

O mesmo que *inhame*.

Folclore — Adivinha antiga:

«Unḡ-a *nhame*
tem sete buraco.

Sã: cara» (Cf. *T.S.Y.K.*, II, p. 515).

nhame chicu — V. *chicu*.

nhi [ñi], *nhim* [ñĩ], subst. ant. e des.

Menina. Fórmula de tratamento para com raparigas novas, solteiras, e também para mulheres casadas, mesmo de certa idade (de condição modesta, ao que parece, porque em *Ajuste de casamento...* (*T.S.Y.K.*, I, p. 57 segs.), a *Siára* ou senhora de posição, chama a uma antiga criada *Nhi Taia* e, referindo-se à filha desta, pergunta: «*Nhi Pancha*, passá bem?» Cf. ainda *Carta de Siára Pancha a Nhim Miquela* (1865) em *Renasc.*, I, n.º 1, e *Nhim Chenchá, Nhi Mena* em “*Os Viúvos*”, *Renasc.* I, n.º 6.

Segundo M. Pereira, usava-se também o diminutivo *nhinina*.

Étimo — Diminutivo de *menina*?

nhom [ñõ]. subst. e adj. ant. e des.

1 — Senhor (mais vulgarmente *nhum* q.v.)

2 — Antiga designação do crioulo de Macau; «Às vezes aparecia-nos um verdadeiro bando de jovens macaístas (...) saltando, correndo, falando n'aquela linguagem *nhom* ininteligível para mim, mas que tinha uns acentos maviosos...» — Adolfo Loureiro, *No Oriente* (1883), p. 23, apud Dalgado, *Gloss.* II, s.v.

Étimo — Abreviatura de *senhor*. A forma parece ter origem nos dialectos afro-portugueses. Cf. em C. Verde, [*nior*],

[*nô*], [*nõnô*], apud B. Lopes da Silva, *O dialecto crioulo de C. Verde*, p. 367 a.

nhonha [ñõña], subst. e adj. ant. e des. — Plural *nhonhonha*.

1 — Rapariga; mulher nova, solteira ou casada; «... Eu tamen já ficá contente, / muto paraben pa *nhonha* / sá casá cô nhum Vicente» (se casar com o senhor Vicente).

2 — Na expressão *língua nhonha*, designava, assim como *nhom*, o antigo crioulo de Macau. Esta acepção é hoje desconhecida, mas Gonçalves Viana, *Apostilas* (1906) afirmava: «Este adjectivo feminino acrescenta-se ao substantivo língua, *língua nhonha*, para denotar o dialecto crioulo português falado em Macau» (apud Dalgado, *Gloss.* II, s.v. *nhon*).

Étimo — Parece ser abreviatura de *senhora* e corruptela afro-portuguesa com *nhom*. Cf. em C. Verde [*nãña*], segundo B. Lopes da Silva, *ob. cit.* (V. *nhom*). Já Marques Pereira notou as semelhanças de *nhom* e *nhonha* com as formas correspondentes de C. Verde. Contudo, *Wilkinson* dá o mal. *nyonya* ou *nonya*, designação dada a mulher casada, chinesa, e o jav. *nona*, filha solteira de um europeu ou chinês. Daí, possivelmente, o *nona* (rapariga, irmã mais velha) do papiá de Malaca e *nona* de Timor (manceba indígena de europeu, o que pode estar por 'rapariga'). Não tenho possibilidade de determinar se as formas de Malaca e de Timor são de origem malaio-javanesa, vindo a aiterar-se em Macau, ou se, pelo contrário, as formas malaio-javanesas são de influência portuguesa ou afro-portuguesa.

nhum [ñũ], subst. ant. e des.

O mesmo e mais frequente, nos textos, que *nhom*, senhor. Forma de tratamento para mancebo, homem novo, ou homem de condição modesta, por oposição a *sium*. Nos textos em crioulo encontra-se frequentemente *nhun Tone*, *nhum Lorenzo* na boca de mulheres de condição modesta, referindo-se a seus próprios maridos. Cf. *Ajuste de casamento de Nhi Pancha com nhum Vicente* (T.S.Y.K., I, 57 segs.), em que a *siára* se refere

ao marido da sua antiga criada como *nhum*, enquanto, referindo-se ao seu próprio marido, diz *sium*.

Étimo — V. *nhom*.

* *nome de casa* [nõmi di kaza], ant. e act.

Hipocorístico, diminutivo afectuoso dado pela família: *Pancha, Mena, Tone*, etc.

Podemos repetir para Macau as palavras de B. Lopes da Silva com respeito a C. Verde: «Pode-se dizer, como regra, que não há ninguém nas ilhas que não tenha o seu hipocorístico (*nominho*, como aqui se diz) com que é mais vulgarmente conhecido. O mesmo se dá no Brasil, e Gilberto Freire atribuiu a tendência à acção do negro, principalmente da ama negra» (*ob. cit.*, p. 13).

Também em Macau existiu a ama negra, mas o carácter afectivo do povo macaense poderia só por si criar o costume. Como em C. Verde e em todas as terras pequenas, o *nome de casa* torna-se mais conhecido que o verdadeiro, o qual muitas vezes só é usado em assuntos oficiais. Inclusivamente, o hipocorístico passa a ter foros de nome oficial, sendo vulgares nomes de baptismo como *Adelita, Teresinha, Mariazinha*, etc.

non tem nada [nõ tẽ nada], [nã tẽ nada], ant. e act.

Não tem importância, não faz mal; não tem que agradecer.

A expressão ocorre com frequência nos textos em dialecto: «Lôgo ri, *non tẽ nada*» (se se rir, não faz mal). Actualmente, é a resposta normal quando se agradece qualquer coisa; «*Nã tẽ nada!*». não tem que agradecer, não tem importância.

* *novileiro* [nuvilero], [nuvilero], adj. ant.

Novidadeiro, bisbilhoteiro, que gosta de saber e dar novidades: «*Nhum-nhum novilero / Corê vem Gudám / Azinha iscutá*» — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 13; «*Châi-Châi, Chicovovilero, já querê vai até Club pa olâ más bem fêto*». — *Carta*

di Óngcông, em *Gazeta Macaense*, 25-4-1964 (paródia ao antigo crioulo).

Étimo — Do port. *nova*, novidade, notícia.

ninho de pássaro, ninho de pastro [pastrô]

É o conhecido *ninho de andorinha*, de que os chineses fazem a famosa *sopa de ninhos de andorinha*.

* *nuncaçá, nuncassá, nuncamçá*, adv. ant. e des.

Não é preciso, é escusado: «*Nuncassá corê*»: não é preciso correr. — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 122: «Vôs *nuncaçá* medo» (não é preciso ter medo, não tenha medo). — *Nora Moderna*, em *Renasc.* II, n.º 1; «... marido quando sã rico já *nuncamçá* falá: família sã logo passá sempre cum grandeza». — *T.S.Y.K.*, I, p. 125.

Étimo — Marques Pereira, *ob. cit.*, p. 126, anota: «*Nuncamçá* ou *Nunca sã* — tem aqui o sentido de não é preciso, é escusado». A grafia *nuncassá* sugere de facto abreviatura de *nunca sã*, ‘não é’, expressão muito usual no crioulo. Porém a evolução semântica de *não é* para *não é preciso, é escusado*, não é clara. A forma mais antiga *nuncamçá* (por *nuncansá*?) e o sentido da palavra parecem antes ligar-se a *nunca cansar* ou *non cansar*, ‘não se canse’, ‘não é preciso’.

* *nono, nuno* [nuno], subst. ant.

Tecido de algodão, fino e transparente.

Há *nuno branco* e *nuno amarelô*, este da cor do pano cru. Segundo amável informação da Dr.^a Ana Maria Amaro, prepara-se com fibras de *ramé*, *urtiga-branca* (*Boehemeria nivea*), comum nos baldios de Macau, o chamado *nuno da China*.

Na *Descrição de Macau* de Manuel Bocarro, ed. Boxer p. 46, encontramos: «... *nonos* que são roupa branca de linho». Inf.^a 65 define *nuno* como pano muito fino e transparente, usado antigamente para mosquiteiros.

Étimo — Dalgado, *Gloss.*, I, s.v. *ganga*, mostra desconhecer que *nono* é o mesmo que *nuno*. Para este dá como étimo o jap. *nuno*, «tecido de linho, algodão ou palha, no Japão».

O

ocá [ɔká], subst. ant. e des.

Ingrediente da medicina caseira e supersticiosa: «Riva de vosso porta, Catrina / Três pau lôgo botá, / Alo macho, tingili, Catrina, / Sabsana cô *ocá*.» — Quadra humorística em *Paródia à Bastiana*, T.S.Y.K., I, p. 240 segs.

Informadores idosos recordam ainda a palavra, mas não estão certos quanto ao seu sentido. Marques Pereira, *ib.* p. 261, anota: «*ocá* é casca de ostra queimada, também com propriedades extraordinárias e de muita virtude contra qualquer doença ou feitiço tenebroso». Inf.^a idosa supõe que é uma planta medicinal que ainda se vende nas farmácias chinesas, mas ignora o nome chinês. *Dic. Mor.* cita *ocá* como «designação atribuída em S. Tomé à *Ceiba pentandra* (Lin.)» ou como «certo medicamento chinês, espécie de gelatina resultante da fervura de peles de burro em água do rio Lei».

Étimo — Duvidoso. Há três hipóteses a considerar:

1 — No sentido de *cal de ostra*, talvez o mal. *ukas* «a generic name for shells of the Genus Malleus» (Wilkinson).

2 — Sendo *ocá* uma planta, o termo seria possivelmente de origem africana.

3 — Sendo o extraordinário remédio chinês citado por *Dic. Mor.*, é provável que o termo seja chinês antigo, mas não tenho possibilidade de o determinar.

ola [ɔla], subst. ant. e act.

Folha de palmeira, da qual se fazem encanastrados para cobertura de cabanas, do *tudum* ou chapéu chinês, etc.

Étimo — Indo-port. *ola* (Cf. Dalgado, *Gloss.* II s.v. e *Hobson-Jobson*, s.v. *ollah*). Usado também no mal.-port., donde pode ter passado a Macau.

olhar [olá], v. ant.

Ver: «qui tempo nunca *olá* cara!» — ocorre frequentemente em textos antigos e ainda se ouve a pessoas idosas: *olá pintura* — ver cinema, ir ao cinema.

Nos nossos crioulos, *olhar* substituiu, de modo geral, *ver*, como nos indo-portugueses, no mal.-português e em Cabo Verde. Contudo, no mac. actual é comum a substituição inversa; «*vê* prá frente!» (olha para a frente).

olho [ɔlu] [ɔlo], subst. ant. e act.

Diz-se dos rebentos de certas plantas ou árvores. V. *olho bambu*, etc.

Tem também o sentido normal de órgão da visão.

olho bambu [ɔlu bãbú], ant.

Rebento de bambu, usado na culinária chinesa. V. *bambu*.

olho de figueira [ɔlu de figera], ant.

Rebento de bananeira. V. *figueira*.

olho-décu [ɔlu dɛku], [ɔlo dɛku], ant. e act.

Ânus: «Iou sua patinga co *ôlo-deco* ta dôi qui nom pôde más...» — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 17.

Étimo — Port. (gíria) *olho-de-cu*, ânus. A deslocação do acento (*décu*) é por razões de eufemismo.

* *onsom*, *onçom*, *omsong* [õsõŋ], *unsong*, *unsom* [ũsõŋ], pronome ant.

Só, sozinho, sem companhia; o próprio: «Sentado *omsong-onsomg* na minha tope...» (sentada sozinha no meu cantinho). — Carta «em macaísta cerrado», publicada e anotada por M. Pereira em *T.S.Y.K.*, II, p. 780 segs. «Ele *onçôm* vêm: veio sozinho.

Sã ele *onçôm* falá: é ele próprio que diz». — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 123.

Ainda se ouve a pessoas idosas: «Iou *unsom* fazê»: fui eu que fiz, eu sozinha, eu própria.

Étimo — Prof. A. da Silva Rego, em *Dialecto português de Malaca. Apontamentos para o seu estudo*, sugere que a origem do termo seja malaia. Contudo, o Prof. E. C. Knowlton, em *Malaysian Portuguese*, p. 3, supõe para étimo do papiá *unsong* o port. *um + só*, o que parece mais provável. A nasalação final, por influência do primeiro elemento *um*, não é inédita.

* *onde-onde* [õdiõde], subst. ant. e act.

Bolinho de farinha de arroz, recheado de jagra e coco.

Um bolinho semelhante tem a mesma designação no *papiá* de Malaca (Agosto de 1974).

Étimo — Mal. *ondeh, ondeh-ondeh* «sweetened dumplings of dough rolled in coconut scrapings» (*Wilkinson*, s.v.).

onzeletra [õzeletra], adj. ant. e des.

Bisbilhoteiro, intriguista, alcoviteiro: «Acunga Paulo nan passá de unga *onzeletra*. Ele que tá mará casamento de Lita co capitan...». — *Mais um-a desgraça (crítica graciosa)*, em *T.S.Y.K.*, I, p. 259.

Étimo — *Onze letras*. Inf.^a 45 recorda-se de ouvir sua mãe usar o termo, que é uma espécie de enfemismo pela palavra *a-l-c-o-v-i-t-e-i-r-o*, composta de onze letras.

* *orelha de rato*, ant. e act.

Alga (ou fungo) de cor quase preta, que, depois de molhada ou cozida, se assemelha a pequenas orelhas de rato.

Muito utilizada em pratos da culinária sino-macaense, é mais vulgarmente conhecida pela designação ch. *wân yi* 雲耳

* *oteu* [otéu?], subst. ant. e des.

«Ferro apropriado para despegar as ostras dos rochedos»
— M. Pereira em *T.S.Y.K.*, I, p. 65. É o que se depreende do emprego do termo na poesia *Ajuste de casamento...*, *ib.*: «Bica de Chico Bunito / também têm, ta marisca / (...) uvi grito... largá ostra / corê vên cô *oteu* na man».

Não encontrei quem conhecesse o termo, hoje completamente desusado.

Étimo — Desconheço.

* *ova de aranha* [ova daṛaṇa], ant. e act.

Bolinho de Macau, oco e muito leve, donde o nome.

* *ovo podre* [ovo pɔdre], ant. e act.

O mesmo que *ovo preto*. Ovo de galinha, preparado de modo que fica preto e gelatinoso.

Os *ovos podres* ou *ovos pretos*, preparados apenas pelos chineses, são envolvidos numa mistura especial de lodo e casca de arroz (*nele*), ficando assim certo tempo e adquirindo cor escura e consistência gelatinosa. Não necessitam de cozedura, basta retirar o envólucro e a casca do ovo e estão prontos para consumo, geralmente como aperitivo antes duma refeição à chinesa.

A designação mais corrente é actualmente a chinesa *p'ei tán* [pɛitán^ə] ou [pitán^ə] 皮蛋, ovo 'cristalizado', literalmente ovo com capa, com cobertura (o envólucro citado).

* *ovo preto* — V. *ovo podre*.

ovo salgado, ant. e act.

Ovo de pata, preparado pelos chineses de modo a ficar salgado em cru e na casca.

Mais vulgarmente designado pelo ch. *hám tán* [həm^ə tán^ə] 鹹蛋 .

O *ovo salgado* é envolvido numa espécie de lama preta e assim conservado durante certo tempo. Para se comer, retira-se esse envólucro de terra seca e coze-se na casca, ficando com o aspecto vulgar dum ovo cozido. É, porém, intensamente salgado. É um alimento barato e apreciado para acompanhar *arroz branco* (q.v.), tanto pelos chineses como pelos macaenses.

P

pacapiu [pəkəpiu], subst. ant. e act.

Lotaria chinesa, espécie de loto em que se aposta em letras chinesas e não em números.

Para uma descrição bastante completa do jogo, cf. Adolfo Loureiro, *No Oriente*, apud Dalgado, *Gloss.* II, s.v.

Étimo — Ch. *pak kap piu* 白鴿票, com o mesmo sentido.

* *pacfanista* — V. *pak-fanista*.

* *paço* [paʃu], subst. ant.

Recipiente de barro muito grosseiro: vaso, bacia, urinol, etc. «Um *paço* de flores», um vaso de flores (inf.^a 50).

Étimo — Mal. *pasu*, «a basin or boul, a flower-pot, a tub» (*Wilkinson*, s.v.). A palavra é também usada no papiá de Malaca, onde a ouvi: [paʃu], *tizela*.

* *paço-buião* [paʃu bujãŋ], ant.

Boião de barro grosseiro e frágil: «Amor d'oze em dia, Catrina / Sã pior que *paço-buiam*». — Em *T.S.Y.K.*, I, p. 241. Marques Pereira anota o termo: «certa qualidade de louça ou utensílios de barro, muito frágeis e quebradiços, que são geralmente vendidos por chins à porta dos fregueses...».

Étimo — Mal. *pasu* + mal. *buyong* ou port. *boião*. V. *buião*.

* *paço-dente*, ant.

Louça muito grosseira, rugosa e rachadinha; o mesmo que *pó de pedra?*: «... pôs o prato de *paço-dente* (pó de pedra) e começou a almoçar». — Emílio de S. Bruno, *O caso da Rua do Volong*, p. 101.

Pó de pedra é a explicação do romancista para *paço-dente*, mas informadores muito idosos já não se recordam bem do que significa o termo.

Étimo — V. *paço*. Ignoro o motivo do segundo elemento *dente*. Usar-se-ia antigamente um recipiente dessa louça para lavar os dentes?

pagode [pagodi], [pagode], subst. ant. e act.

Templo budista chinês.

Se a palavra se usou em Macau com o sentido de «ídolo indiano» ou «imagem de deuses ou santos asiáticos», como afirmou Dalgado, *Gloss.* II, ao tratar extensamente o termo, tal acepção não é hoje conhecida. Para o étimo, V. Dalgado, *ib.*

* *pai-avô*, ant. e des.

O mesmo que *avô*, também usado.

O termo é muito antigo, tendo sido registado no séc. XVIII, no vocabulário sino-macaísta do *Ou-Mun Kei-Lèok*. R. Wallace Thompson supõe que a forma era usada para evitar a confusão com o fem. *avó*, uma vez que antigamente não haveria distinção na pronúncia entre *avô* e *avó*, como ainda hoje acontece no port. de Hong Kong. Cf. *Two Synchronic Cross-Sections...* p. 41.

* *pak-fanista* ou *pacfanista* [pəkfaniʃta], subst. act.

Viciado de drogas como heroína ou cocaína, geralmente designadas por *pó branco*, ou, em ch., *pák fân*.

Étimo — Ch. *pák fân* 白粉 ‘pó branco’ + suf. port. *-ista*.

* *palã-palã*, *palang-palang* [pə́lɔ̃ŋ], pə́lɔ̃ŋ], adv. ant. e des.

Completamente, de todo, de par em par. Dizia-se duma janela ou porta: «abrir janela *palang-palang*» (inf.^a 90).

Étimo — Duvidoso. O mal. *palang* «position across or athwart; (...) used to mean a cross, usually not in the religious sense» (*Wilkinson*) parece étimo aceitável, se nos lembrarmos de que as antigas janelas ou persianas das casas de Macau abriam para fora, ficando encostadas às paredes exteriores quando completamente abertas, o que podia dar uma ideia de cruz. O mesmo para o movimento dos braços ao abri-las.

Também o mal. *pala-pala* «out and out» ou ‘completamente’ (cf. *sa pala-pala*, tão completamente quanto possível) parece satisfazer como étimo, mas não é claro o motivo para a nasação *palã*, embora não seja caso totalmente inédito.

pancá [pãkǎ], subst. ant.

Grande ventilador de pano, suspenso do tecto e movido à mão. Hoje desusado, pessoas de meia idade ainda se recordam do *pancá*: um grande rectângulo de pano preso a uma moldura de rota e tendo geralmente na parte inferior um folho do mesmo pano, para produzir mais vento. À moldura de rota estava ligado um fio resistente, o qual se puxava ritmicamente, produzindo o movimento pendular do *pancá*. Nas casas mais distintas, este fio passava através da parede para um compartimento anexo, onde um criado, especialmente destinado a esse serviço, puxava o fio para mover o *pancá*.

Segundo R. W. Thompson, no jornal *The China Mail*, Hong Kong 20-9-1958, o sistema do *pancá* foi introduzido na China pelos europeus.

Étimo — Indo-port. *pancá*, neo-árico *pankha*, do sânscr. *pakṣa*, seg. Dalgado, *Gloss.* II, s.v. R. W. Thompson, indica apenas o sânscr. *pankha*.

panchão [pãčɔ̃ŋ?], [pɔ̃çɛɔ̃ŋ], [pãšɔ̃ŋ], subst. ant. e act. (Não encontro documentada a primeira forma, que devia ser

a antiga; a terceira forma é a culta actual; a segunda, a mais vulgar tanto entre pessoas idosas como jovens, é a pronúncia à chinesa).

Foguete chinês, pequeno pacotinho de pólvora que rebenta sem subir no ar.

Os *panhões*, queimados em todas as festas chinesas, eram primitivamente usados para afastar, com o seu estralejar ensurdecedor, os maus espíritos. Actualmente são apenas sinal de alegria, pelo menos entre as camadas chinesas mais cultas. Costume essencialmente chinês, está presentemente a ser usado também pelos macaenses em certas alturas festivas, como no Natal, nosso Ano Novo, e mesmo no Ano Novo lunar, designado por Ano Novo Chinês.

Étimo — Ch. *p'au cheong* 炮仗, com o mesmo sentido.

panha [pañã], subst. ant. e act.

Espécie de sumaúma muito fina e sedosa, produzida nas sementes da *árvore de panha* (*Bombax malabaricum*, D.C.).

A *árvore de panha* ou *panheira* (bras. *paineira*) é comum em Macau e lindíssima. Antes de aparecerem as folhas, na primavera, os ramos desabrocham em lindas flores vermelhas. As flores desenvolvem uma cápsula castanha que abre quando madura, deixando cair as sementes.

A *panha* era antigamente aproveitada pelas donas de casa para encher almofadas.

As flores da *panheira* anunciam o verão: «quando *árvore de panha* sai flor, nã tẽ mais frio» (linguagem corrente).

* *pano-manila* [pañõ mañila], ant. e des.

«Pano de algodão estampado de riscas ou xadrês de cores vivas, muito estimado pelas mulheres antigas de Macau, pela sua longa duração. Estes panos eram fabricados em Manila...» — M. Pereira. *T.S.Y.K.*, I, p. 195: «... pobre como Jó, com minha saia vêlo de *pano manila*». — *Carta de Maria Varê-Rua*, *ibidem*, p. 192.

Como se depreende da nota de M. Pereira, já nos fins do séc. XIX o *pano-manila* era considerado coisa antiga. Hoje é desusado.

* *pão* [pãŋ], [pãu], subst. ant. e act.

Pedaço, em forma de pequeno tijolo, de qualquer substância macissa: um *pão* de sabão ou sabonete, um *pão de aluá*, etc.

O termo, embora não se encontre nos textos em crioulo, é antigo em Macau: «e lhe forão seis *paens* de ouro, que Macao mandou necessitado». — Fr. José de Jesus Maria, *Ásia Sínica e Japónica*, ed. Boxer, p. 107.

Pão é também usado com o sentido do português normal.

* *pão de casa*, ant. e act.

Pão muito leve e fofo, ligeiramente adocicado. É semelhante, na consistência, sabor e até no formato, à arrufada de Coimbra. No entanto, M. Pereira, *T.S.Y.K.*, I, p. 194, anota a expressão como «bolo parecido com o pão de ló europeu».

Étimo — Suponho que era antigamente um pão preparado pelas donas de casa macaenses, donde o nome, por oposição ao pão do padeiro. Hoje é feito pelos padeiros chineses e vende-se nalgumas padarias.

* *papel-pagode* [pəpəl pagodi], ant. e act.

Papel absorvente, muito barato, usado pela gente pobre como papel higiénico.

Étimo — Este papel é também usado para queimar nos ritos religiosos dos templos budistas, os *pagodes*. Daí o nome que lhe deram os macaenses. Os chineses designam este papel pela expressão *ch'ou chi*, 'papel grosseiro'.

* *papel-vento*, ant. e act.

Papel chinês fino mas resistente, usado ainda hoje pelas doceiras macaenses para sobre ele estender massas, e antigamente para vários usos caseiros: «acunga buceta tem unga marado de *papel-vento*, dentro tem meo cati de chá de dotor Pite...» — *Cavá Tufang* 74, em *Renasc.* I, n.º 5, p. 481.

Étimo — A designação actualmente mais usada é o ch. *sá chi* 紗紙 (1) e já se não conhece o motivo do elemento *vento*. No entanto, ao que parece, este papel era usado antigamente para proteger do vento a chama das lanternas. É possível que venha daí o nome. Cf. ch. *sá tâng*, 'lanterna coberta de gaze ou papel fino'.

* *pápi* [pãpi], subst. act.

Papá, paizinho (linguagem infantil).

Forma de influência inglesa, analógica de *daddy* (pronúncia [dɛ̃di] e [dɔ̃di]) ou, mais provavelmente, de *mámi* (ingl. *mammy*).

papiar [pãpiá] v. ant. e act.

1 — Ant. Falar, conversar: «Qui saião non tem ninguém pra *paipá* di nosso téra!» — *T.S.Y.K.*, II, p. 780; «*papiá boboriça* (dizer tolices)» — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 57.

2 — Act. Falar o *patoá*, o crioulo antigo.

Étimo — Port. *papear*, papaguear, falar como o papagaio.

* *parabiça* [pãɾabiça], subst. ant.

Tolice, disparate: «Clarim non sã pa bincá / Nim pa fazê *parabiça*». — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 57. Obscenidade: «Gritá *parabiça* grande-grande pra sium Lête». — Em *Renasc.*, I, n.º 2, p. 137.

Étimo — Duvidoso. Port. *parvoíce*?

* *parão* [pãɾãŋ], [pãɾãu], subst. ant. e act.

Facalhão de cozinha, de folha rectangular, larga e muito afiada. É também usada nos talhos e nos mercados, para cortar carne e peixe.

Étimo — Mal. *parang*, «a chopper» (*Wilkinson*, s.v.),

(1) Não se confunda esta composição com outra de pronúncia idêntica, *sá chi* 砂紙 'papel-areia', 'lixa'.

* *parcar* [pərká], [parkár], verbo act.

Arrumar o automóvel ou outro veículo: «Agora Macau nã tẽ lugá *parcá* carro» (linguagem corrente).

Étimo — Ingl. *to park*.

* *parcagem* [parkəžẽ], subst. act.

Acto de arrumar um automóvel ou outro veículo (num parque de automóveis ou noutro lugar).

Étimo — De *parcar* (q.v.).

pasquim [piskí], [pefki], [pafki], subst. ant.

Folha volante, geralmente anónima, envolvendo críticas jocosas ao governo, à sociedade ou a acontecimentos da terra: «Chamá minha carta de *pisquim*...» — *Carta de Nhi Roza* (1870), em *Renasc.* II, n.º 3.

Os *pasquins* usaram-se muito em Macau nos fins do século passado e princípios deste, sendo escritos em crioulo e imitando, já nesse tempo, a *língua antiga*.

pastro [pəstro?], [pəstro?], subst. ant. e des.

Pássaro. R. W. Thompson, *Two Synchronic Cross-Sections*, p. 44, dá *pastro* como forma actual do port. de Hong Kong e afirma que a forma está documentada no dialecto de Macau nos princípios do séc. XIX.

No papiá de Malaca encontrámos a mesma forma (Agosto de 1974). Contudo o vocábulo do *Ou-Mun Kei-Léok* (séc. XVIII) indica a pronúncia *pà-sou*.

Étimo — Port. *pássaro*.

pataca [pətaʔka], subst. ant. e act.

Moeda básica de Macau, equivalente aproximadamente a cinco escudos portugueses. A pataca divide-se em cem *avos*.

Primitivamente, Macau não tinha uma moeda privativa, circulando aqui grande variedade de moedas, como moedas

chinesas, a *pataca* mexicana, a *sapeca*, e ainda o *tael*, *condorim*, *maz*, etc., aliás pesos de prata usados como moeda.

O termo *pataca* está documentado em Macau, em textos dos séculos XVII e XVIII, e ainda nos princípios deste século aqui se usava referido à *pataca mexicana*, que corria no Sul da China e era cunhada em Cantão e Hong-Kong. Cf. M. Pereira, *T.S.Y.K.*, IV, p. 719). Actualmente a *pataca* (e suas subdivisões: 5 avos, 10 avos, 50 avos) é cunhada na Metrópole.

Étimo — Port. *pataca*.

pateca [patɛka], subst. ant.

Melancia.

Pessoas de meia idade ainda conhecem o termo, mas só é usado por pessoas muito idosas. A geração média e jovem usa o normal *melancia* ou o termo ch. *sâi kuá* 西瓜, literalmente ‘abóbora do Ocidente’.

Folclore — Adivinha antiga:

«Ung-a casa cô tanto canto
Telado verde, parede vermelho
Padri cafre chapado na canto.

Sã: *pateca*.» (Em *T.S.Y.K.*, I, p. 319).

Outra versão:

«Telado verde
casa branco,
parede brêmêlo;
tanto fradi-fradi
mitido na canto.»

(*Ib.*, II, p. 516).

Étimo — Port. ant. *pateca*, usado pelos escritores indianistas e comum na Índia portuguesa pelo menos até fins do século passado. (Cf. M. Pereira, *T.S.Y.K.*, I, p. 319 segs.).

* *patinga* [patĩga], subst. ant. e des.

Barriga da perna, a parte mais grossa da perna, entre o joelho e o pé.

«Unga elá iou sua cachaço, otrunga co su mán de pilám, chipi na *patinga*». — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 20.

Étimo — Indo-port. *patinga*, «toro, trave roliça», do conc.-marata *pāṭi* (Dalgado, *Gloss.* II, s.v.). O sentido indo-port. foi talvez usado também em Macau, mas não parece estar documentado. Deve ter passado a *barriga da perna* como termo de gíria, por comparação com um toro cilíndrico.

* *patoco* [patoko], subst. ant.

Uma bolha, um alto; um “galo” na cabeça. Quando um doce ou um creme começa a ferver e faz bolhas, diz-se *sai patoco*. «Já cai, sai *patoco* na cabeça» — inf.^a idosa.

Étimo — Duvidoso. Port. *batoque* (rolha larga que tapa o orifício duma pipa de vinho)? *Botoque* («pedrinhas que vários índios e outras nações bárbaras embebem e engastam à flor do corpo por enfeite» — *Dic. Mor.*)?

Existe o port. *patoco*, mas não parece ter qualquer relação semântica. *Botoque* poderia ser nome dado pelos portugueses, na Índia, à pedra colorida que as mulheres indianas ostentam na testa, e daí *um alto, uma bolha na pele, um “galo” na cabeça*. Contudo, é estranho que Dalgado não registasse o termo no indo-português.

patoá [pātuá], subst. ant. e act.

É o termo corrente para designar o antigo dialecto crioulo de Macau. Pessoas muito idosas usam o termo *macaísta* [makista] ou *língua macaísta*, que deve ter sido a designação culta para a linguagem da terra, também chamada antigamente *língua nhom* ou *nhonha* (q.v.). O termo *patoá*, contudo, está registado já nos fins do séc. passado. (Cf., p. ex., «O *patois* de Macau» em *Jornal Único*, 20 de Maio de 1898, pp. 44-45).

Étimo — Fr. *patois*. Seria a princípio designação culta, talvez até um pouco pedante, que veio a tornar-se corrente, mesmo na linguagem mais popular da terra.

* *pau* [paũ], subst. ant.

Côvado chinês, medida de comprimento equivalente a cerca de 36 cm.

O *pau* divide-se em *pontos*: «*Pau* é côvado; dois *pau* quatro *ponto* é uma jarda» — inf.^a 76.

Pau tem também o sentido normal.

Étimo — Port. *pau*. O côvado chinês tem a forma duma pequena régua de madeira, daí o nome.

* *pau sibocau*, ant. e des.

Sentido duvidoso. O mesmo que *pau sapão* ou *pau brasil*? Aparentemente, vara desta madeira, muito dura, para dar pancada: «ta tremê de medo com vósso ameaço de *pau sibocau*», «lambada de *pau sibocau*». — *Carta de Maria Varê-Rua, T.S.Y.K., I*, p. 192 segs. M. Pereira, em notas a esta carta, declara não saber de que *pau* se trata, mas posteriormente apresenta uma explicação que lhe foi dada por um assinante de *T.S.Y.K.*, «*Pau sibocau* equivale ao inglês *Sapan wood* cujo nome botânico é *Caesalpinia Sapan...*».

Actualmente, o termo é desconhecido.

Étimo — Desconheço.

pavio china, ant. e des.

«É a pita ou coração tirado de *Fio de peixe* (ou palha-de-água) — *Scirpus capsularis*. É muito usada para fazer esteiras, fio para atar pacotes, e até para peixes, por isso é conhecido como “Fio de peixe”. As folhas, quando chegam à altura duma braça, são cortadas, aquecidas ao vapor de água e, tirado o coração ou pita branca e leve, que põem a secar, este é o *pavio china* que eles usam para as luzes ordinárias». — João Maria da Silva, *Repositório*, p. 233, apud Dalgado, *Gloss. II*, Suplemento.

O *pavio china*, filamento vegetal como acima se viu, parece ter virtudes medicinais, sendo antigamente usado em mezinhas caseiras como *suador fresco* e para dores de garganta ou de estômago: «Dor d'estomago: Cozimento de casca de laranja e

um amarrado de *pavio china* tomado como bebida por algum tempo» (De um caderno manuscrito de receitas antigas, 1883).

pece, pêsse [pɛse], *pêxe* [pɛše], subst. ant.

Peixe. A pron. [pɛse] ainda é usada por pessoas muito idosas. Actualmente a pronúncia é [pɛše] ou [pɛjše].

Os nomes dos peixes de Macau são geralmente termos portugueses, ou por semelhança, ou porque o peixe é o mesmo, como *carapau, sardinha, peixe espada*, etc. Exceptuam-se alguns nomes da Índia, como *nairo, esmargal*, etc. A tendência geral, no entanto, é para designar os peixes pelo nome chinês.

* *pedente* [pedɛte], adj. ant.

Pedinção, maçador.

Chama-se *Maria pendente* a um pássaro cujo pio lamentoso e constantemente repetido, anuncia chuva (inf.^a 60). Este nome é actualmente pouco conhecido.

Étimo — Do port. *pedinte*.

pedrume [pedrume], subst. ant.

O mesmo que *pedra-ume*.

A *pedra-ume* era antigamente usada em mezinhas caseiras sobretudo para dores de cabeça: «Pa dores di cabeça, fazê ung-ha chiquia di *pedrume* ku dôs fizão [feijão] preto, vos fumá tudo testa ku parte trazeira...». *Comédia “Os Viúvos”*, em *Renasc.* I, n.º 6.

Esta receita, com evidentes intuitos humorísticos, não é genuína. Mas inf.^a 70 conhece *mezinha pedrume*: «Pedra-ume reduzida a pó, com alecrim, arruda e gengibre, tudo embrulhado num pano branco, faz-se um boneco e carega na testa. É pra dor de cabeça. Quando fica tudo água é que a pessoa apanhou mau ar. Então é que tem valor».

peixe esmargal — V. *esmargal*.

peixe qui-quit ou *quit-quit*, Ant. [pɛsɛ ki-kit, kit-kit], act. [pɛʃɛ kit-kit].

«Peixe pequeno, muito vulgar na China». — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 127; id., p. 80: «Laia-laia pêsse têm / mas non têm *pêsse qui-quit*».

Étimo — Ch. *kit kit*? A noção dos informadores é de que o termo é chirês, mas não consegui identificar a palavra, nem apurar o nome científico do peixe.

* *pê-mám*, *pê-mã* [pɛmãŋ], subst. ant.

Pé e mão. Usado na expressão «*cai pê-mám*», «perder a calma, desorientar-se». — Cf. J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 106; *ib.* p. 19: «Sorte qui iou nunca sã gente *cai pê-mám*.»

pero de Nanquim [pɛrɔ], ant.? Act.

Pera chinesa, redonda como uma maçã reineta e de polpa levemente arenosa mas muito sumarenta: «... tem a casca amarela sendo doce e saborosa quando for de boa qualidade, embora algo rija e tão fresca de sumo que o seu nome em chinês *süt lei* significa ‘pera de neve’. É geralmente importada de T’in-Tchãh (*Tientsen*)». — Luís G. Gomes, *Chinesices*, p. 89.

O nome *pero de Nanquim* é culto e pouco vulgar, sendo muito mais usado o citado nome ch. *süt lei* 雪梨

pensão [pɛsãŋ], subst. ant. e act.

1 — Ant. Cuidado, preocupação: «Eu já mandá dos amchôm di achar di gamên (...) mas nunca achá resposta, por isso eu ficá cô *pençám*» — *T.S.Y.K.*, II, p. 468.

2 — Act. Sentido normal: pequeno hotel; mensalidade, subsídio.

pescu [pɛsku?], [pɛʃku?], subst. ant. e des.

Pêssego (forma actual). «Arve de *pescu*» — pessegueiro.

Folclore — Cantiga popular antiga:

«*Pescu* já dá fula,
Çabola contente.
Nhonha bixigosa
Sab' inganá gente»

(*Cancioneiro musical crioulo*, em *T.S.Y.K.*, II, p. 703).

pé solto [pɛ solto], ant.

Pé de chinesa que não foi atado e comprimido, que cresceu à vontade, à solta: «criadinhas de *pé solto*». — Emílio de San Bruno, *O caso da Rua do Volong*, p. 58.

Os macaenses nunca adoptaram o costume chinês de atar os pés às meninas. Mesmo entre os chineses esse hábito já caíu em desuso, mas há cerca de 20 anos ainda se viam velhinhas de *pé chipim*, pé deformado e encolhido, metido em sapatinhos minúsculos, andando com dificuldade e sem poder dispensar o auxílio duma bengala.

* *pichote* [piʃɔte], subst. e adj. ant. e act.

Pequeno, de pouca idade; garoto. Indivíduo baixo, de pequena estatura. «Um *pichote* daqueles!» (linguagem corrente, referindo-se a um garoto atrevido). «Cancã é cudum, *pichote*» (*cancã* é baixo, pequeno) — inf.^a 80.

Étimo — Duvidoso. *Dic. Mor.* regista bras. *pichitinho* e *pichitito*, 'pequeninho'; *Dic. Cândido Figueiredo* dá o termo dos Açores *pichincho*, 'muito pequeno'. Por outro lado, B. Lopes da Silva, *Dialecto crioulo de C. Verde*, p. 338, põe em confronto o bras. *pichitinho* com a forma de S. Nicolau *p̃x̃ix̃ix̃ẽ* e a do Fogo *p̃x̃ix̃itĩ*.

A forma de Macau parece relacionada com as do Brasil, Açores e C. Verde.

pico [piko], subst. ant. e act.

Medida de peso, actualmente equivalente a 100 *cates* (q.v.). Geralmente usada para pesar arroz e outros cereais.

O valor do *pico*, medida muito espalhada pelo Oriente, tem variado com o tempo e com a região. Na descrição de Macau por Manuel Bocarro (ed. Boxer) diz-se: «cada *pico* como fica dito he hum quintal e quatro arráteis».

Étimo — Mal. *pikul*, «to carry a load on the shoulder; (...) a weight equal to 133 pounds» (*Wilkinson*, s.v.).

* *pilar* [pilá], v. ant. e act.

Dar massagens por meio de pequenas pancadas com os punhos fechados. *Pilá costa*. «Pilar ou pisar as costas por meio de massagem, muito empregada como remédio caseiro em Macau para certas doenças». — M. Pereira, *T.S.Y.K.*, II, p. 458.

Étimo — Port. *pilar*, bater com pilão (o punho fechado sugere a “mão” do pilão).

pilizar [pilizá], v. ant.

Questionar, discutir, zangar-se com: «... que tá *pilizá* com sium». — *Carta de Maria Varê-Rua* (1888), em *T.S.Y.K.*, I, p. 192 segs.

Étimo — Port. *pelejar*.

pinga [pīga], subst. ant. e act.

1 — Varal das antigas *cadeirinhas* ou palanquins, o qual se apoiava no ombro dos *cules* ou carregadores. Varal para transporte dos caixões, pelo mesmo processo, nos funerais mais pobres. Vara de bambu que os trabalhadores, e vendedores chineses apoiam no ombro e no qual suspendem cestos, baldes e outros objectos.

2 — Porção de água que os aguadeiros chineses transportam em duas latas suspensas da *pinga*: «Tanto (dinheiro) por cada *pinga* de água» (linguagem corrente).

Étimo — Provavelmente o mal. *punggah* «unload, discharge; remove goods from one place to another» (*Wilkinson*, s.v.).

No papiá de Malaca usa-se a mesma forma *pinga* com o mesmo sentido. No entanto os nossos primeiros escritores orientalistas usaram o termo com referência aos carregores de Ceilão. A forma deve ter sido, ou é, muito corrente em várias terras do Oriente, onde o sistema de transportar objectos suspensos de um varal é muito comum, e é difícil determinar-lhe a origem última.

pintura [pĩtura], subst. ant.

Fotografia; cinema: «tirá *pintura*», tirar uma fotografia, tirar fotografias; «olá *pintura*», ir ao cinema.

Neste sentido, o termo só é usado por pessoas idosas, sobretudo antigos refugiados de Xangai e antigos residentes de Hong-Kong. O sentido corrente é o normal, o qual foi provalmente usado sempre em Macau, mas com o advento da fotografia e do cinema, a palavra passou também a ter as acepções acima, certamente por influência do ingl. *picture*.

* *pipis* [pipís?], [pipí/], subst. ant. e des.

Certa espécie de bolinhos ou pastelinhos.

Devem ter sido introduzidos (ou o nome) pelas numerosas mulheres malaias que ajudaram a povoar a cidade nos seus primeiros séculos. Hoje já não se encontra quem saiba exactamente a que bolos ou pastéis corresponde o termo *pipis*, embora haja quem se recorde do nome por ocorrer numa quadra popular do antigo folclore, ainda conhecida (*V. catupá*).

Étimo — Mal. *pipis*, «a grind curry-stuff with a heavy poun-der or roller» (*Wilkinson*) parece étimo provável, admitindo que os *pipis* de Macau tivessem um recheio de ingredientes picados ou esmagados e temperados com caril, à maneira malaia.

* *piti-potoc* [pitipõtók], [petipõtók], [pitipõtó], adj. ant. e act.

1 — Tímido, medroso, assustadiço: «Vós qui brincalhão / / Fazê eu *peti-potoc*». — Ópera “*Lolita*”, em *Renasc.* II, n.º 2; «coração *peti-potó*». — *Paródia à Bastiana*. *V. quitiz*.

2 — Pessoa fraca, de saúde delicada, “flor de estufa”: «tu muito *piti-potoc*» (linguagem corrente, parodiando o dialecto; diz-se a uma pessoa que adoece facilmente).

Étimo — Termo onomatopaico, imitando o bater assustado do coração?

pó branco [pó brãko], act.

Heroína. O termo é tradução literal do ch. *pák fân* (V. *pac-fanista*).

Fumador de pó branco é o adicto de drogas, sobretudo heroína.

ponto [põto], subst. ant.? Act.

Décima parte da polegada chinesa ou da polegada inglesa; cada uma das partes em que se divide o côvado chinês ou *pau* (q.v.): «Dois polegada e três *ponto*» (linguagem corrente).

Étimo — A pal. é o port. *ponto*, que aliás tem também o sentido normal. O sentido mac. vem de que as divisões da polegada ou do *pau* são assinaladas com um ponto nas régua chinesas.

* *ponto sorte* [põto sorte], ant. e act.

Ginástica praticada pelos chineses e destinada a habilitar qualquer pessoa a defender-se de uma agressão. Diz-se que, com dois dedos apenas, atingindo o adversário no ponto devido (*ponto da sorte?*) se pode matar uma pessoa. *Jogar ponto sorte* — fazer essa ginástica, ou simular o ataque e a defesa por esse processo.

porcelana [porselãna], subst. ant. e act.

Tigela de louça, de porcelana: «Comê dois *porcelana* de aroz» (linguagem corrente).

porco chau-chau parida [porko ʃəu ʃəu parida], ant. e act.

Cozinhado especial de carne de porco que é servido, como fortificante, às mulheres que deram à luz (*paridas*). Cf. *galinha parida* (q.v.)

O mesmo processo de cozinhar aplica-se também a outras carnes e até a mariscos, sem que sejam usados para o mesmo fim: «Caranguejo *chau-chau parida* (ling. corrente). São pratos apreciados em qualquer altura, como pratos tradicionais de Macau.

portuguesado [portugezado], adj. e adv. ant.

Aportuguesado, à maneira de Portugal. Dizia-se *falar portuguesado*, falar à maneira de Portugal e não o dialecto: «... vai estudo, vên pã casa / são *falá portuguesado* / ... / tudo *r* caregado». — *Ajuste de casamento*, em *T.S.Y.K.*, I, p. 57 segs. Nestes versos se cita, com muita graça, a diferença entre o *r* *brando* do falar macaense e o *r* *carregado* [r̄] (que a interlocutora pronuncia *caregado*) dos portugueses. Cf. *torrá português*.

postar [poʃtá], v. ant.? Act.

Enviar uma carta, pôr no correio: «*postar* uma carta» (ling. corrente).

Étimo — *Dic. Mor.* registando o termo, com o mesmo sentido, como brasileirismo, deriva-o de *posto*. Mas em Macau é mais provável que derive do ingl. *to post*.

potão, potom, puntão — V. *lorcha-potom*.

* *prestada* [preʃtada], adj. ant.? Act.

Diz-se da rapariga ou mulher prendada, habilidosa para trabalhos caseiros: «É uma rapariga muito *prestada*» (linguagem corrente).

Étimo — Port. *prestar*, ter préstimo, valer, ser útil.

pulu [pulú], subst. ant. e act.

Variedade de arroz, chamado geralmente *arroz pulu*, muito glutinoso. Usado na culinária e doçaria macaense e ainda em remédios caseiros para certas doenças. V. *arroz pulu*.

Étimo — Mal. *pulut* «adhesive, sticky; glutinous varieties of rice» (*Wilkinson*).

pussá-bafado [pusá bafado], v. e adj. ant.

Ofegar, resfolegar; «cansado, sem poder tomar respiração». — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 126. V. *bafado*.

Étimo — Port. *puxar* + *abafado*, puxar (o ar) abafadamente.

* *putau* [putáu], subst. ant. e act.

Espécie de tigela redonda e baixa, de barro ou louça grosseira, usada na cozinha. O termo usa-se geralmente na expressão *cara de putau*, cara redonda, cara de lua: «Lela virá discom-pôr: / Atai, *cara de putau* / Papiá cristam, estapôr / Nôs sã gente de Macau!» — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 75.

Étimo — Ch. *put t'âu* 鉢頭, tigela para arroz, usada pelos bonzos.

Q

* *quachi* [kuáčí], subst. ant.? Act.

Pevide (ou pevides), geralmente de melancia. «Comer *quachi*», comer pevides de melancia, pequenas pevides pretas ou avermelhadas, conforme a qualidade de melancia. Há também *quachi* de melão e de abóbora.

Depois de torradas, as pevides de melancia e melão são muito apreciadas tanto por chineses como por macaenses, sendo comidas na época do Ano Novo Chinês, ou seja no início do ano lunar (Janeiro ou Fevereiro). Não há casa chinesa que não tenha na mesa, por essa altura, entre os bolos e doces

próprios, o seu pratinho de *quachi*, e não se vai a parte alguma que se não ouça o constante estalar das cascas das pevides.

Há uma técnica especial, difícil ao europeu, para abrir e comer as pevides com grande rapidez — dá-se um pequeno apertão com os dentes para estalar a casca e pela abertura retira-se a pevide, também com os dentes.

Étimo — Ch. *kuá chi* 瓜子, semente de *kuá* (qualquer cucurbitácea).

* *quarentora* [kʷarētɔra], subst. ant. e des.

Entrudo, Carnaval. «Em puro macaísta não se diz entrudo, mas *quarentóra*, que vem de *quarenta-horas*, que é como a Igreja designa a solenidade do tríduo que principia no *domingo gordo* e termina na terça de Carnaval. (...) *Bobo de quarentora* vem a ser, pois, *máscara* ou *mascarado de entrudo*...» — M. Pereira, *T.S.Y.K.*, II, p. 785.

Informadores idosos ainda conhecem a palavra, mas já não a usam.

queique [kɛjke], [kajke], subst. act.

Bolo grande e pesado, com frutas e passas de uva, *brandy* e especiarias. É próprio do Natal, festas de casamento, baptizados, aniversários, etc. Suponho que o costume é de influência inglesa.

Étimo — Ingl. *cake*. O aportuguesamento *queique* [kɛke], bolo pequeno, tão usado em Portugal, não é conhecido em Macau.

quimão [kimãŋ], *queimão?* [kɛimãŋ?], subst. ant.

Quimono, cabaia chinesa.

Seda queimã é a reconstrução mais provável da transcrição chinesa correspondente a *sié-tá-kei-na*, no vocabulário do *Ou-Mun Kei-Lèok* (séc. XVIII). No entanto a forma do dialecto é *quimã* [kimãŋ], embora ocorra também *quimão*, por influência culta.

Seda quimã, *queimã* ou *queimão* seria seda de quimono, seda própria para cabaias chinesas, isto é, seda natural.

Étimo — Jap. *quimono* que, como se sabe, é o vestido ou casaco japonês, mas em Macau o termo aplicou-se à *cabaia* chinesa (q.v.).

quinzena [kīzēna], subst. ant. e act.

Casaco de homem, de modelo europeu.

Étimo — Port. ant. *quinzena*, com o mesmo sentido. (Cf. *Dic. Mor.*).

* *quitiz* [kitíf], ant.

Termo onomatopaico, imitando o som do pingar de água ou lágrimas: «Lagri *quitiz, quitiz*».

Folclore — Quadra humorística, essencialmente onomatopaica, da série *Paródia à Bastiana* (T.S.Y.K., I):

«Lagri *quitiz, quitiz*, Catrina,
Ranho, fiti-fotó,
Babo criá escuma, Catrina,
Coração piti-potó.»

* *raba-raba* [r̃abaṛ̃aba], [r̃abaṛ̃aba], adj. e subst. ant. e act.

Ordinário, de má qualidade, sem valor: «gente *raba-raba*», o mesmo que gente *cachi-vachi* (q.v.); «bredo *raba-raba*» (q.v.); grosseria: «vosso tio ôtro vez já ficá assanhado, falá um pôco de *rabaraba* pra tudo aquele gente». — *Carta de Tia Pascoela*, em *Renasc.*, I, n.º 2, p. 137.

Étimo — Duvidoso. *Rabo* é a forma do dialecto correspondente a *rábano*, vegetal muito usado em pratos modestos, visto ser barato. E apesar de ser uma raiz, entrava certamente na categoria de *bredo*, ‘hortaliça’ (cf. no papiá de Malaca *bredo papaia, bredo terong* ‘beringela’), etc. Pode, portanto, admitir-se que *rabo* tenha tomado a forma *raba*, dada a confusão de géneros no crioulo, e a reduplicação *raba-raba* intensificaria a ideia de ‘barato, ordinário’. Daí *bredo raba-raba* e, por extensão *gente raba-raba, palavras raba-raba*.

* *rabão* [řabãŋ?], [rabãu], subst. ant. e des.

Chinês de rabicho (antiga trança, caída nas costas, usada pelos homens) — inf.^a 65. Também se dizia *rabo de porco* (q.v.).
Étimo — Port. *rabo*, cauda.

* *rabita* [řabita?], subst. ant. e des.

Rapariguita chinesa com rabicho, ou trança caída — inf.^a 65.
Étimo — Port. *rabo* ou *rabicho*.

* *rabichar* [řabishã], v. ant. e des.

Puxar ou trazer pelo rabicho. Convencer uma pessoa a ir a qualquer parte: «Ti Vicente acunga dia, / Pramicedo cavá missa, / Já *rabichá* Tia Maria, / Pa vêm papiá boboriça». — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 72.

Étimo — Port. *rabicho*:

rabo [řabo], subst. ant. e act.

Rábano. *Bebinga rabo*, bebinga de rábano. V. *bebinga*.

A forma culta, *rábano*, também é conhecida e ocorre numa mezinha antiga para *pedra* (cálculos?): «Banho de semicupio de cozimento de *rabano* com suas folhas e beber mel virgem». (De um caderno manuscrito de receitas, 1883).

* *rabo de porco*, ant. e des.

Chinês de rabicho, o mesmo que *rabão*. «Assim chamam os macaístas e os reinóis aos chins por causa do rabicho que estes usam». — M. Pereira, *T.S.Y.K.*, I, p. 126.

* *rabucenga*, *rabocenga* [řabusẽga], subst. ant.

Coisas baratas, coisas ordinárias; ninharias, bagatelas: «Tudo portuguez portuguez que tá curtido já com nosso lingu de Macau, lôgo entendê tudo este *rabucenga* que eu escrevê». — *Carta de Maria Varê-Rua* (1888), em *T.S.Y.K.*, I, p. 124 (M. Pereira anota “garatujas” para explicar *rabucenga*, mas creio

que o sentido é antes “tolices”, “bagatelas”). «Sã vida caro, mas tem tanto ancusa pa olá, tanto *rabucenga* pa comprá». — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 86.

Étimo — Desconheço. A palavra ocorre também com a grafia *rabocenga*, o que sugere talvez relação com *rabo* ‘rábano’ ou *raba-raba* (q.v.).

rafundir [řafũdí], v. ant.

Ir-se embora, desaparecer: «vai *rafundi*, ná!» — vai-te embora, desaparece, não me aborreças! (a expressão é ainda usada por pessoas idosas ou, em sentido jocoso, por pessoas mais novas, parodiando o dialecto).

Étimo — Port. *refundir-se* significa por vezes *sumir-se*, *desaparecer* (*Dic. Mor.*). Com supressão do pronome reflexo, raramente usado em Macau, creio ser este o étimo.

ramede [řamẽde], subst. ant.

Remédio (não no sentido médico). Usado ainda hoje na expressão jocosa «*Qui ramede!*» (que remédio, paciência!)

Não sei a razão pela qual Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 128, dá para a palavra o significado de ‘medo, susto’ e «*Qui ramede!* que susto». Nunca encontrei esta acepção e não é dada por M. Pereira que anota: «Ramede-remédio: Qual com cara de subio, / Porque já nom tem *ramede* / Qual com cara de fede, / Pensativo». — *T.S.Y.K.*, II, p. 779.

ramendá [řamẽdá], adv. ant.

De modo semelhante a, tal como: «... ele gastá *ramendá* filo de taipán» (ele gasta como um filho de rico). — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 86.

Étimo — Port. *arremedar*?

* *raspa de veado*, ant. e des.

Raspa de chifre de veado? Usado em mezinhas caseiras.

Os chifres de certos animais ainda hoje entram na farmacopeia chinesa. A raspa de chifre de rinoceronte, p. ex., é

considerada como poderoso afrodisíaco. Suponho que *raspa de veado*, componente de algumas receitas da antiga medicina caseira macaista era raspa de chifre de veado, como nesta de evidente influência chinesa: «*Suador de constipação: Raspa de veado* — 4 sapecas; Alcasus de mel — 8 sapecas; matom [ch., por *mel*] — 8 sapecas; trate — 20 sapecas; ninho de pássaro — 21 casca. Ponha três chicaras de agua, deixe ferver até que fique três quarto de chicara». (De um caderno de receitas antigas — 1883).

* *raspiate* [raʃpiãte], *respiate* [reʃpiãte], subst. e adj. ant. e act.

1 — Pelintra, pobretão; mal vestido. 2 — Malandro, patife?

Tenho ouvido o termo na linguag. corrente aplicado depreciativamente a um indivíduo mal vestido, sem apresentação, sem categoria social: «um *raspiate* daqueles!» No entanto, o termo ocorre no texto em crioulo *Uma descompostura* (T.S.Y.K., II, p. 518) com sentido que mais parece o da acepção 2: «*Raspiate* sem vergonha, sevandija discardo!»

Étimo — Duvidoso. M. Pereira, *ib.* p. 521, lembra tentativamente o fr. *rapiat*, cujo sentido de 'ávido, cúvido' não me parece fácil relacionar com o mac. *raspiate*.

No indo-port., de *rajaputro* formou-se *rajputo*, *rasbuto*, *resbuto*, casta militar do Guzarate, povo de guerreiros que antigamente senhoreava a terra, antes de serem dominados pelos mouros (Cf. Dalgado, *Gloss.* II). Aparentemente os *resbutos* degeneraram, vindo a dedicar-se ao banditismo, como se deduz de algumas abonações aduzidas por Dalgado: «depois foi este reino Guzarate senhoreado de *Resbutos*, homens muito dados às armas, mas grandes ladrões e tyrannos». — Diogo do Couto, *Déc.* IV, I, 17.

Suponho que do indo-port. *rajputo*, *rasbuto*, *resbuto* poderia provir o mac. *raspiate*, *respiate*, com o sentido de 'patife, malandro' e depois 'vadio, pelintra'. Mas reconheço que a hipótese pode ser fantasiosa.

* *restrate* [rɛ/strɔtɛ], [rɛi/strɔtɛ], subst. ant.

Rizoma de lótus. O termo é já muito pouco usado, sendo substituído pelo ch. *lin ngâu*, mac. *lingau* (q.v.).

O *restrate* é usado na culinária sino-mac. e também era antigamente ingrediente de mezinhas, como: «*Mezinha para torçor de barriga*: Nós de *restrate* salmourado coza-se a canja e bebe-se de vez em quando, quando sente-se torçor ou desenteria». — De um caderno manusc. de receitas antigas (1883).

Étimo — Port. *raíz* + mac. *trate* (raíz de *trate*). V. *trate*.

ronça-ronça [rõsaĩõsa], adv. ant.

V. *aronça-aronça*.

rota [rõta], [rõta], subst. ant. e act.

1 — Espécie de cana fina ou junco, de cuja parte exterior se cortam tiras flexíveis com que se tecem esteiras, velas de barco, etc. 2 — Bengalina de cana, com nós, usada antigamente. 3 — Chibata, chibatinha.

Folclore — Quadra antiga, ainda cantada por pessoas idosas:

«Dom, dom, dom, dom
Sinhô capitám,
Co espada na cinta,
Co *rota* na má» (mão)

Étimo — Mal. *rotang* ou *rotan*.

* *rotear* [rutiá], v. ant.

Bater com *rota*, castigo geralmente aplicado às crianças: «Iou agora mesmo pegá *rota rutiá...*» — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 26. Actualmente usa-se mais *dar rotada*: «eu dou uma *rotada* a você!», diz a mãe a um filho que se porte mal.

Étimo — De *rota*.

rustir (*rostir?*) [r̄usti?], [ru/ʃtí?], v. ant. e des.

Sentido duvidoso: Assar? Esfregar-se?

M. Pereira interpretou a palavra como 'queimar-se ou assar-se junto ao fogão, ou com o calor do fogão', certamente supondo influência do ingl. *roast*: «vai pará na cusinha, *rustí* na fugão». — *Carta de Maria Varê-Rua* (1888), T.S.Y.K., I, p. 193. Contudo a interpretação da frase será talvez 'vai para a cozinha, esfregar-te no fogão'.

Étimo — O port. *rostir* tem no Brasil o sentido de 'roçar, esfregar' (*Dic. Mor.*). O mac. *rusti*, cuja grafia com *u* não é indicativa (cf. *cusinha*), poderá ter o mesmo étimo e sentido do brasileiro. Considerando o sentido dado por M. Pereira, parece de aceitar o ingl. *to roast*.

S

*sa*¹ [sɔ], partícula possessiva, ant.? Act.

O mesmo que *sua*, mas usado encliticamente em substituição do complemento de posse: «Ela-*sa* casa», a casa dela; «eu-*sa* filha», a minha filha.

No dialecto antigo, a construção era a mesma, mas parece que o pronome não se abreviava como actualmente: «Hoje sã pramor de Pancha / qui eu já vêm Siára *sua* pé»; «palanquim sã gente *sua*» (é de gente, é de outra pessoa). — *Ajuste de casamento*, T.S.Y.K., I, p. 57 segs.

Étimo — Port. *sua*.

*sa*² [sɔ], partícula expletiva act.

Muito comum na linguagem corrente actual, não se encontra nos textos em crioulo. «Bom comê! É galinha *sa!*» (É saboroso! É galinha, olha que é galinha!)

Étimo — Abreviatura do port. *sabe?*

Em *Ajuste de casamento*, T.S.Y.K., I, p. 57, encontramos o verso: «mas eu nun *sa'* sã quim» (eu não *sabe* quem é). Também

na linguag. act. se ouve muito frequentemente *sabe* reduzido a *sa'*: «Ela hoje nã vem, *sa'?*» Parece possível que a forma verbal, assim apocopada, tenha vindo a perder o sentido real e a tornar-se uma simples forma de reforçar uma afirmação.

* *saião* [sajãŋ], [sajãu], subst. ant.

1 — Pena, desgosto, saudade: «Qui *saiã!*» — que pena; «eu *saiã* deixá casa» — eu tenho pena de deixar a casa (ouvido a pessoas idosas). Cf. M. Pereira, *T.S.Y.K.*, I, p. 64: «Na lista dos termos malaios e franceses a que já me referi, vem a palavra *sayang* com a significação de *regret* (pena). Também tem esse significado em macaísta (...) mas em certos casos exprime perfeitamente o sentido da nossa palavra *saudade*, como, por exemplo, na celebrada cantiga macaísta (...) que termina com o terno estribilho:

«Ai! *saião* sã qui *saião*.
Alma, vida, coração!»

Não encontrei já quem recordasse a cantiga, mas apenas uma quadra humorística e disparatada que deve ser paródia mais recente à mesma: «Ai qui *saião*, / Ai eu-sa coração! / Açúcar pedra / Ham chói, fa-são!» (hortaliça salgada, amendoim!).

2 — Cantiga de amor e saudade?: «Lembrá de *saião* que cantá nôtro tempo: masqui vai longe, nomestê esquecê pra mí». — *Carta de Nhí Roza*, em *Renasc.* II, n.º 3. O mesmo sentido de 'cantiga' se depreende de uma quadra da série *Paródia à Bastiana*, *T.S.Y.K.*, I: «Gom-gom *cantá saião*, Catrina, / Pardal jugá turum / ...».

Étimo — Mal. *sayang* «regret, pity, sorrow for; affectionate pining, love» (*Wilkinson*, s.v.). No papiá de Malaca o termo é usado apenas com o sentido de 'amor', mas em Macau conservou-se o primitivo sentido malaio.

* *saicó* [saikó], subst. ant.? Act.

Rapazinho, garoto; pequeno moço de recados em escritórios, oficinas, etc.; rapazito que ajuda os empregados domésticos

numa casa. Usam-se também os diminutivos *saicozinho*, *saicozito*.

Étimo — Ch. *sâi kó* 細個, com o mesmo sentido.

samatra [samãtra], subst. ant.

«Assim chamam os macaístas aos fortes aguaceiros acompanhados de procela, quando a chuva faz enormes regatos nos caminhos e nas ruas». — M. Pereira, *T.S.Y.K.*, II, p. 706.

A palavra é muito antiga, tendo sido usada com o mesmo sentido pelos nossos escritores orientalistas. Dalgado cita-a de António Bocarro em 1635. Inf.^{es} idosos e de meia idade recordam a palavra, usada na sua mocidade: «Daqui a pouco vem uma *samatra*» ou «vem uma *samatrada*» — dizia-se ao aproximar-se uma chuvada torrencial, muitas vezes acompanhada de trovoadas. Também se dizia *águ de Samatra*.

Étimo — *Samatra* (ilha). Cf. Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. 23: «nos deu hua trovoadas de Noroeste (que são os temporaes que commumente a mor parte do anno cursão nesta ilha *Çamatra*) que de todo nos teve çoçobrados» (*Apud* Dalgado, *Gloss.* II, s.v.).

* *samatrada* [samatrãda], subst. ant.

O mesmo que *samatra*.

* *sambal* [sãbãl], subst. ant. e act.

Acompanhamento para certos pratos da culinária macaense. Espécie de compota doce-salgada, feita de manga, ou nêspera, carambola, cebola, etc.: «... ung-a amchông de *sambal* de viva que eu unsông já prepará...». — *Carta de Tia Pascoela* (1870), em *Renasc.* I, n.º 3, p. 243 (*sambal de viva*: de *biba*, nêspera).

Étimo — Mal. *sambal* «a generic name for cold condiments served with curries» (*Wilkinson*, s.v.).

* *same-nam-ché* [səm^ə nã čé], *same-lan-ché* [səm^ə lan^ə čé],
subst. act.

Triciclo, riquechó de três rodas que o condutor movimentava com pedais: «careta co *sam-lan-ché* / corê vinte-catro hora». — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 78. (O A. parodia o dialecto, mas o termo é moderno, visto que antigamente não havia tal meio de transporte, só introduzido há cerca de 20 anos. Substituiu o riquechó de tracção, com duas rodas e varais).

Étimo — Ch. *sám lôn ch'é* 三輪車, triciclo, tricicleta.

sanco [sãku], subst. ant. e des.

Escarrador, recipiente de metal ou louça usado para cuspir e às vezes também para pôr lixo. «... rasgã, pinchá fora na *sanco*...» — *Carta de Ung-a Nhonha*, em *T.S.Y.K.*, II, p. 781.

Étimo — Mal. *sangku*, «a large metal bowl or basin» (*Wilkinson*, s.v.).

sandê [sãdê] *sendê* [sẽdê], v. ant.

Acender. *Sandê candia*, acender a candeia,

Ainda ouvimos há anos a expressão a pessoa idosa, mas referindo-se à luz eléctrica, uma vez que já não se usa a candeia: «— Carmi, *sandê candia!*» (Carmen, acende a luz).

santã [sãtãŋ], *santão* [sãtãu], subst. ant. e act.

Leite de coco, líquido leitoso resultante da espremedura da polpa do coco.

Rala-se e escalda-se previamente o coco, depois exprime-se num pano ou num passador para extrair o *santão*. Usa-se na culinária e doçaria macaense.

Distingue-se entre *água de cōco* e *leite de coco*. A *água de coco* é o líquido existente no interior do coco, líquido que não tem utilidade culinária. O *leite de coco* é o *santão*.

Étimo — Mal. *santan* «the milk or cream expressed from the flesh of the coconut» (*Wilkinson*, s.v.).

sapão [sapãŋ?], [sapãu?], subst. ant. e des.

Pau sapão, madeira avermelhada; o mesmo que *pau-brasil*. «Madeira do Japão», na definição de *Dic. Mor.*, deve ser influência da corruptela antiga de *pau sapão* para *pau Japão* (cf. Dalgado, *Gloss. II*, s.v.). O termo é hoje desconhecido, mesmo de informadores muito idosos, mas ocorre no vocab. do *Ou-Mun Kei-Lèok* (séc. XVIII) em transcrição chinesa correspondente a *sá-p'âng*.

Étimo — Mal. *sapang* «the 'sappan'tree (*Asalpinia sappan*)» (*Wilkinson*, s.v.).

sapeca [sapɛka], subst. ant.

Antiga moeda de cobre, em liga com estanho ou chumbo. Tinha um orifício quadrado no centro, pelo qual se passava um cordel, fazendo «um ramal de cem».

Esta moeda já não corre, mas é muito citada ainda nos textos e receitas de *mezinhas* dos fins do século passado e princípios deste. O termo é usado actualmente em frases jocosas imitando o dialecto, como *nã tẽ sapeca* (não tenho dinheiro) ou em observações depreciativas, como *não vale uma sapeca*, *não vale uma sapeca podre* (falando de pessoas ou coisas).

Étimo — M. Pereira (*T.S.Y.K.*, IV, p. 720) e Dalgado (*Gloss. II*, s.v.) são concordes no étimo mal. *sa* 'um' e *paku* 'enfiada de cem moedas *pichis*'. Contudo o termo pode não ter passado directamente de Malaca a Macau, pois que já em 1510, segundo Gaspar Correia em *Lendas da Índia*, se usava na Índia o termo *sepayqua*.

saraça [sarasa], subst. ant. e des.

Espécie de mantilha ou bioco de pano estampado e colorido, usado antigamente pelas mulheres de Macau.

A *saraça* era um manto de pano semelhante ao chamado *batik* malaio, segundo se depreende de uma gravura do séc. XVIII, inserta na obra *Ou-Mun Kei-Lèok*, e da descrição de inf.^a 90: «*Saraça* é dó de antigo, manto diferente cores, tudo essa fazenda é de Singapura». A *saraça* foi depois substituída por

um manto preto, o *dó* (q.v.), que seria a princípio apanágio das mulheres mais distintas, enquanto as mais modestas continuavam a usar a *saraça*. Marques Pereira, *T.S.Y.K.*, I, p. 63, diz que a *saraça* era usada «pelas macaístas de classe inferior» e em *Ajuste de casamento*, *ib.*, a antiga criada *Taia* apresenta-se, a visitar a *Siára*, de *saraça* e chaile (1).

Étimo — O termo malaio designava primitivamente o tecido e não propriamente o manto ou bioco. Cf. Dalgado, *Gloss.* II, s.v.: «Tecido de cor, geralmente de algodão, com que se enrolam da cintura para baixo as malaias e algumas indias cristãs. Do mal. *sarásah...*».

* *sarai-marai* [saráj maráj], *sarai-murai*, adj. ant.

Que repete muitas vezes a mesma coisa, que diz sempre o mesmo: «coitada, já está *sarai-marai*, *sarai-marai*» — inf.^a 70 (diz-se geralmente das pessoas velhas, mas também das que falam muito, que têm *bafo comprido*, segundo inf.^a 65, que pronunciou *s.-murai*).

Étimo — Aparentemente malaio, mas não possuo elementos para o determinar. *Wilkinson* regista *murai* em composição com outros termos, formando nomes de aves, v.g. *burong murai* «the magpie-robin». Possivelmente o termo macaense terá ligação com o nome malaio duma ave cujo canto é a repetição monótona das mesmas notas.

* *sarã-murum* [sarąŋ muřúŋ?] adj. ant. e des.

Desgrenhado, despenteado: «cabello *saram-murum* / pôde sai diante de gente? /.../ Vós qui foi nunca pintiá?» — *Ajuste de casamento*, em *T.S.Y.K.*, I, p. 57.

Étimo — O mal. *sarang* significa um ninho; *sarang burong*, um ninho de ave (*Wilkinson*, s.v.). Creio que *sarang-burong* > > *sarã-murum* poderia ser expressão aplicada ao cabelo desgrenhado e emaranhado, semelhantemente à expressão port., do mesmo sentido, *ninho de ratos*.

(1) Encontra-se uma reprodução da gravura citada em R. W. Thompson, *Two synchronic cross-sections...* (v. Obras citadas).

* *sarambau* [sarãbãu], subst. ant. e des.

Rede de abater, também impropriamente chamada *agu-chão* (q.v.), usada junto aos paredões da beira-mar. V. fig. 2.

Étimo — Aparentemente mal., mas não possuo elementos para o determinar. O mal. *serampang* é também um aparelho de pesca, mas designa um arpão, um tridente para arpoar peixe. A relação fonética e semântica parece possível, embora não como étimo directo.

* *sarangom* [sarãgõŋ], subst., ant.

Papagaio de papel: «de sorte que já fazê ri tudo aquele gente na Praia Grande com tal pescaria de pêce-pedra, que rematá, largá *sarangong*». — *Carta de Tia Pascoela*, em *Renasc.*, I, p. 33 (o pescador pescou um rato que fugiu com o anzol e a linha, parecendo esta a linha de um papagaio de papel).

Largá sarangom era expressão ainda usada por pessoas idosas e de meia idade há cerca de 20 anos, quando o costume de soltar papagaios de papel dos terraços das casas era muito vulgar. Os mais jovens diziam *brincá corta-corta* (V. *fio mezinha*). Hoje o jogo está em vias de desaparecimento, dificultado como é pelas antenas de televisão.

Étimo — Duvidoso. O mal. *seranggong* ‘acocorar-se com os joelhos muito afastados’ (Cf. *Wilkinson*) pode supor-se como étimo, uma vez que o contorno poligonal duma figura humana nessa posição faz lembrar a forma, geralmente em losango, do papagaio de papel. No entanto, no papiá de Malaca o objecto em questão tem o nome de *sangola* [sãgõla], completamente diferente, e cuja origem desconheço.

* *sarã-surabe* [sarãŋ suãabe], *s.-surave*, *s.-surabê*, *s.-saravo*, *s.-surável*, subst. ant. e act.

Nome dum bolo de Macau (V. *bolo sarã-surabe*).

Étimo — Duvidoso. O mal. *sarang*, ‘ninho’ e *serabai* «a cake made of flour and coconut milk» (*Wilkinson*) parecem foneticamente aceitáveis, mas não têm em mal. qualquer relação

um com o outro. Poderia ter-se criado em Macau a composição *sarang-serabai*, literalmente *ninho-bolo*? Sendo o bolo coberto de coco ralado em fios e escurecido por pó de feijão torrado, a composição sugerida não é absurda, tanto mais que a anteposição do determinativo não é inédita em Macau.

* *sará-saru* [sar̩s̩ar̩ú], adj. ant.

Pesado (um indivíduo), que anda pesadamente, arrastando os pés, arrastando os chinelos: «Qui *sará-saru!*» — inf.^a 60.

Étimo — Mal. *sarat* «heavily laden; of full burden» + mal. *sarut* «scraping up against anything» é provavelmente o étimo. Cf. no papiá de Malaca *será-seru* [se̩r̩se̩r̩ú], ‘o som de arrastar os pés’ (informação directa em Agosto 1974).

* *savan* [s̩av̩an̩], [s̩av̩an̩], subst. ant. e act.

Doença misteriosa produzida por *mau ar*, mau cheiro (de rato morto, cano sujo, cadáver, etc.), vista de qualquer coisa desagradável ou assustadora, etc.

Produz magreza e falta de apetite, faz estragar os bolos e cozinhados da pessoa que a apanhar. «Segundo a convicção dos chineses e da gente antiga de Macau, as mulheres grávidas e as que se encontram no período menstrual são as que mais depressa transmitem o *saván*». — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 131.

Há uma infinidade de mezinhas, chamadas *mezinha savan*, tanto chinesas (*savan china*) como macaenses, para tratamento desta estranha doença. De um caderno manuscrito de receitas antigas, transcrevemos as seguintes:

«*mezinha savan para lavar* (Jan. 1907):

1 — Folha de olhado; 2 — Mangericão; 3 — Aruda; 4 — *Savan-china*; 5 — Folha de duas cores; 6 — Folha de pecego; 7 — Pedra-hume».

«*mezinha savan para beber*:

Sete olhos de folha d’olhado e um olho de mangericão».

«*mezinha savan para se fumar* (defumar?):

Tres olhos de folha de pecego, três folhas de duas cores, cinco olhos d'arruda, cinco olhos de folha d'olhado, um olho de mangericão, 1 olho de hortelan, três olhinhos de *savan-china*, 4 sapecas de feijão preto, cinco ramos bentos, uma pitada de sal, três talhadinhas de gengibre, três dentes d'alho, pedra hume, incenso e pluma de S. Francisco».

«*mezinha savan para se queimar*:

Tanto quanto como para se fumar com a excepção d'alho e gengibre, ajuntando pois (dois?) mão d'assafrão, jagra e sabão. Deita agua d'arroz para sahir mais vapor — 2. 9. 07».

Étimo — Mal. *sawan* «convulsions» — *Wilkinson*, s. v. (O termo entra em composições que significam epilepsia e apoplexia). Os malaio-portugueses conhecem o termo como malaio, embora no papiá se não use, mas sim *pegá bento* (apanhar mau vento, mau ar).

* *sencap, sincap* — V. *chá sencap*.

siara [sɨ̃ara], subst. ant. e des.

Fem. de *sium* (q.v.).

Senhora idosa ou de condição distinta (por opposição a *nhi* ou *nhim*); mãe de família, dona de casa, patroa: «Hoze vên, nadi déssá / mercê recebê de *Siára*». — *Ajuste de casamento*, em *T.S.Y.K.*, I, p. 57 segs.; «Carta de *Siára* Pancha e *Nhim* Miquela» — *ib.* p. 323.

Étimo — Port. *senhora*. A forma parece ser de influência afro-portuguesa, embora seja também usada no papiá de Malaca. Cf. em C. Verde *s(e)ñárã*, apud B. Lopes da Silva, *O dialecto crioulo de Cabo Verde*, p. 367.

sibocau — V. *pau sibocau*.

* *sipute* [sipút³], subst. ant. e act.

Caracol das várzeas, caracol comestível.

O termo já era usado em Macau no séc. XVIII, segundo o vocabulário do *Ou-Mun Kei-Lèok* e ainda é corrente.

Étimo — Mal. *siput* «a generic name for many shells, specially snails's» (*Wilkinson*, s.v.).

* *sissica* [sisika], subst. ant. e act.

Urina (termo jocoso). *Fazê sissica*, urinar: non pôde *fazê sissica*, tudo ancuza non pôde...». — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 19.

Étimo — Port. *xi-xi*, urina (linguagem infantil), pronunciado no dialecto *si-si*, como *puxar* / *puçá*.

* *sium* [sjũ], subst. ant. e des.

Senhor. Homem idoso ou de condição distinta (por oposição a *nhum* ou *nhom*). Patrão, dono da casa: «Ah! sã *Sium*, vên de Cidade / logo querê trucá rópa...». — *Ajuste de casamento*, em *T.S.Y.K.*, I, p. 57 segs.; «Mana-Chai preguntá: «Como vendê?» — *Sium* de botica falá: «Como? Recebendo dinheiro...». — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 97 (*sium de botica* — dono da loja).

Étimo — Uma forma afro-portuguesa de *senhor*? Poderá ter passado por *siô* (cf. brasileiro pop.), sendo a nasalação devida a analogia com *nhum*?

sombrelo [sõbrẽlo], subst. ant. e act.

Sombreiro, guarda-sol ou guarda-chuva, sombrinha.

O termo *sombreiro* com este sentido foi corrente no ásioport., mas a forma mac. parece revelar influência espanhola, talvez através das Filipinas.

Étimo — Esp. *sombrero*?

* *som, song* [són], subst. ant. e act.

Comida, conduto para acompanhar o arroz: «Quim querê casá, Catrina, / Primeiro deve sabê / Lavá rópa, cuzinhá, Catrina, / / Puçá águ, comprá *som*, barê». — *Paródia à Bastiana*, em *T.S.Y.K.*, I.

Comprá som, 'comprar comida', é expressão ainda muito corrente em Macau.

Étimo — Ch. *sông* 餸, comida.

* *sós* [sóʃ], subst. ant. e act.

Molho. Geralmente o chamado *molho inglês*, mas também *sós de tomate*, molho de tomate.

Étimo — Ingl. *sauce*.

sucão, sucam [sukán?], [suká?], subst. ant. e des.

Sentido duvidoso. Marques Pereira interpretou o termo como «certo emprego que havia em navios mercantes de Macau», anotando a única abonação que do mesmo conheço: «Nun sã? quilaia já sabe? / Ung-a pedaço de *sucam*, / más certo nunca sã ele / Nhi Chana non têm quimão». — *Ajuste de casamento*, em *T.S.Y.K.*, I, p. 57 segs.

Não encontrei confirmação do termo noutros textos, nem é conhecido de inf.^{es} idosos. A definição de M. Pereira é vaga e o sentido da frase «*ung-a pedaço de sucam*» não é claro. Por outro lado, *sucão* é dado por Dalgado, *Gloss.* II, s.v., como *árvore da fruta do pão* (*Artocarpus incisa*) no Arquipélago Malaio.

Este sentido parece coadunar-se melhor com a palavra *pedaço*. Seria uma frase mal.-port. com o sentido de *uma coisa ou pessoa boa, com utilidade*, como a fruta-pão? O *pedaço de sucam* era Vicente, noivo de Pancha, rapaz cheio de virtudes.

Étimo — Duvidoso. Tratando-se de fruta-pão, seria o mal. *sukun* «the bread-fruit» (cf. *Wilkinson* e *Dalgado, Gloss.*). Como emprego num navio mercante, não consigo identificar a palavra.

Talvez relacionada com o ch. *sün* 船, embarcação, navio, em composição hoje desusada.

sugar [sugá], v. act.

Enxugar, secar (roupa ao sol); corar roupa ao sol, para branquear. «Pôr roupa *sugá* sol» é também pôr roupa ao sol para secar a humidade e o bolor ou tirar o cheiro o bafio.

Étimo — Port. *enxugar*.

supião, supião — V. *bolo supião*.

supo [supo], subst. ant. e act.

Cesto circular e muito pouco fundo usado pelos chineses para cozer alimentos ao vapor de água.

O termo é ou foi usado no ázio-port., desde a Índia a Timor, com o sentido de 'joeira' de bambú. Também os chineses de Macau usam joeiras do mesmo formato mas maiores dimensões geralmente, para joeirar areia.

Étimo — Indo-port. *supo*, do conc.-hindust. *sūp* < sanscr. *çūrpa*. Cf. Dalgado, *Gloss.* II, s.v.

sutate [sutate], subst. ant. e act.

Molho à base de feijão de soja, usado para temperar carnes ou peixes. O termo é frequentemente substituído pelo ch. *sí iâu* 豉油, com o mesmo sentido.

Étimo — Dalgado, *Gloss.* II, s.v., disse não poder conjecturar a origem do vocábulo, usado na Índia «como se fosse termo português». *Dic. Mor.* define o termo, aliás erradamente, como *bebida chinesa*, mas a palavra foi usada no Japão e daí deve ter sido importada, embora a origem última não seja clara. Cf. *Vocabulário de lingua de Iapan... feito por Alguns Padres e Irmãos da Companhia de Iesv* (Nangasaqui... MDCIII), p. 313 b: «Xoyu. Hum licor que corresponde a vinagre, mas he salgado,

e serve para temperar o comer que por outro nome se chama *Sutate.*» *Id.* p. 464 b: «*Sutate.* Hum liquor que se faz de trigo, e feijões, que serve muito em Japão para temperar o comer e lhe dar sabor.» (1)

suzo [suzo], subst. ant.

Matérias fecais, de pessoa ou animal: «Vaca de puçá careta de *suzo* — bois que puxam a carroça de lixo ou o carro das matérias fecais». — M. Pereira, *T.S.Y.K.*, I, p. 263. Quando não havia, antigamente, casas de banho nem canos de esgoto em Macau, vinham mulheres pela manhã recolher o *suzo* da noite.

Também *suzo barata*, excremento de barata, em *Renasc.*, I, n.º 1, p. 88. Esta mesma expressão ainda a ouvimos há alguns anos à inf.^a 76.

Étimo — Port. *sujo* (sujidade).

T

tacada [təkada], subst. ant.? Act.

1 — Pancada de taco (no jogo do bilhar).

2 — Esperteza, manha, boa ideia, boa descoberta: «Tem *tacada!*» — é esperto, tem boas ideias, tem habilidade (linguagem corrente).

Étimo — Port. *tacada*.

tacho [taço], [tašo], subst. ant. e act.

1 — Frigideira. *Passá tacho* é a expressão usada para ‘estrugir, refogar’. Também sentido normal de ‘vaso largo e pouco fundo, geralmente com asas, para usos culinários’.

(1) Amável informação do nosso Amigo Prof. E. C. Knowlton, da Universidade de Havai, o qual esclarece ainda que *xoyu* = *shōyu*, soja; e que não encontra a palavra *sutate* nos dicionários japoneses modernos.

2 — Prato da culinária macaense, o mesmo que *chau-chau pele* (q.v.). O nome provém de ser o cozinhado feito num *tacho*.
Étimo — Port. *tacho*.

tacó, tacós?, taucó, taucóc [təukók], subst. ant. e act.

Espécie de feijão verde chinês, de vagem cilíndrica e comprida, sendo por isso também chamado *feijão chicote*.

A forma actual é a chinesa *taucóc*, mas Dalgado e T.S.Y.K., registam *tacó, taucó* e *tacôs*: «Tem outra planta que arremeda a ervilhas e *tacôs* que arremeda a feijoens» (1870), em T.S.Y.K., II, p. 148. O pl. *tacózes*, que supõe o sing. *tacós* ou *tacoz*, ocorre em *Carta da sobrinha Florência à sua tia Pascoela* (1869), em *Renasc.* I, n.º 1, p. 37: «... aquela família de *tacózes* e papaiadas está mais intretido com loja de Picó...»

Étimo — Ch. *tâu kók* 荳角, com o mesmo sentido.

tael [tɛl], [təjɛl], subst. ant. e act.

Medida de peso, a 16.^a parte do *cate* (q.v.).

Em tempos antigos, e pelo menos até aos fins do séc. passado, o *tael* tinha também valor monetário, correspondendo a um certo peso de prata pura que valia como moeda nas transacções comerciais, e que variava conforme as regiões, pois que era usado em todo o Extremo-Oriente. Cf. Marques Pereira, T.S.Y.K., IV, p. 718; *Hobson-Jobson*, s.v.; R. W. Thompson em *The China Mail*, Hong-Kong, 4-10-1958.

Étimo — Mal. *tahil*, que deve ter corrido na *língua franca* do Oriente nos séculos XVI e seguintes. No entanto, parece que o mal. o tomou do indiano *tolá*. Cf. Dalgado, *Gloss.* II, s.v. *tael* e *Wilkinson* s.v. *tahil*.

tafu — V. *taufu*.

tafulá [təfulá], v. ant.

Comer demais, atafulhar-se de comida: «Nunca bom *tafulá!*»
— inf.^a 70.

Étimo — Port. *atafulhar?*

tagalhão, tagalhã [tagaǎ́], subst. ant. e des.

Antigo casaco de homem: «Sua *tagalhão* com calção são de lang». — *Carta de Tia Pascoela* (1869), em *Renasc.* I, n.º 2, p. 135 (o seu casaco e calção são de lã): «Homem veste *tagalhã* vai prá rua» — inf.^a 80 (falando do antigo vestuário masculino).

Étimo — A palavra deve ser um provincialismo port. antigo, hoje desusado. Não a encontro registada nos bons dicionários, mas apenas *tagalho*, «porção, certa quantidade», provincialismo trasmontano (*Dic.* Cândido de Figueiredo, 3.^a ed.).

* *taipane* [tajpán^o], subst. ant. e act.

Pessoa rica, pessoa importante, que ocupa posição de destaque na vida pública.

É palavra chinesa muito usada pelos portugueses de Macau e pelos ingleses de Hong-Kong.

Étimo — Ch. *tái pán* 大班, gerente principal (duma empresa).

* *taipanada* [tajpanada], subst. ant.? Act.

Conjunto de *taipanes*, o círculo das pessoas importantes da terra (a palavra é geralmente usada com sentido um tanto irónico): «F. convidou a *taipanada* toda para o casamento» (ling. corrente).

* *tai-siu* [taj síu], subst. ant. e act.

Grande-pequeno, jogo de dados. De nove pontos para cima considera-se *tai* ou grande; até nove pontos, *siu* ou pequeno.

O jogo realiza-se numa grande mesa dividida em espaços numerados, correspondentes aos pontos dos dados. De cada lado há um grande quadrado, destinado um ao *tai*, outro ao *siu*. Os dados são agitados numa campânula que se abre depois de feitas as apostas dos jogadores. Se a soma dos pontos for abaixo de 9, ganha o *siu*, independentemente dos pontos em que também se apostou. Se a soma dos pontos excede 9, ganha

o *tai*. Apesar de serem menos lucrativas estas apostas, pois apenas se ganha um por um, o sistema é mais popular do que o de apostar nos pontos, talvez por dar mais probabilidades de acerto.

Étimo — Ch. *tái siu* 大小, grande e pequeno.

* *tambar* [tãbã], [tãbãr], v. ant. e act.

Remendar, deitar um remendo, consertar: «*Tambá* calça: remendar as calças». — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 133.

Étimo — Mal. *tambal*? A palavra parece à primeira vista portuguesa, mas os bons dicionários não a registam. Por outro lado, o dic. Kadir, M. A. *Kamus Maktab*, Kuala Lumpur, 1947, regista *tambal* ou *tampal*, “patch” (remendar, embutir, deitar remendos). Em Macau soaria *tambá*. O *-r* final deve ser ultra-correcção moderna.

tambar tacho [tãbã tašo], ant. e act.

Servir de remendo, substituir alguém à última hora, ser convidado em vez de alguém que não compareceu, preencher um lugar ou ser tomado como companhia na falta de outro: «Não estou pra *tambá tacho!*» (linguagem corrente).

tambrinho [tãbriño], *tamarinho*, subst. ant. e act.

O mesmo que *tamarindo*, fruto do tamarindeiro.

Usado na culinária macaense, especialmente no *porco bali-chão tambrinho* (carne de porco temperada com balechão e tamarindo).

Étimo — Port. *tamarinho*.

* *tampipe* [tãpipe], [tãpípi], subst. ant.

1 — Maleta de verga ou rota, muito usada antigamente: «Maria azinha juntá na tudo sua rópa, enchi unga *mala-tampípi*, já fugi...». — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 90.

2 — Malinha de verga ou rota muito usada pelos estudantes chineses, para os seus livros, até há cerca de 20 anos (e substituída depois por maletas de material plástico, de lona, etc.).

Étimo — Suponho que a palavra é de origem malaia, mas não tenho elementos para confirmar a hipótese. Cf. no entanto, em *Dic. Kadir*, o mal. *tampi*, acto de joeirar, acompanhado do desenho de uma joeira de rota. *Tampipe* poderá talvez provir de palavra malaia caída em desuso.

tancá [tāká], *tancar* [tākár], subst. ant. e act.

1 — Pequeno barco chinês movido a um ou dois remos ou com uma vela. Actualmente já muitos são providos de motor. O *tancá* é barco de pesca ou de transporte a pequenas distâncias e serve também de habitação. É parcialmente coberto com um toldo em forma de túnel e daí lhe veio o nome (v. étimo).

2 — Habitante-tripulante do *tancá* e doutros barcos chineses. *Tancá* neste sentido é, de modo geral, 'homem do mar', em Macau e Hong-Kong, mas os marítimos consideram esse nome depreciativo e designam-se a si mesmos por *nam hói yan* ou *shui sheung yan* (Cf. R. W. Thompson, *Pidgin words*, em *The China Mail*, Hong-Kong, 4-10-1958). V. *tancareira*.

Para os ocidentais recém-chegados a estas paragens, viver nestes barquinhos como vivem os *tancás* e as *tancareiras* é um estigma de miséria. Contudo, todo o barquinho tem o seu aparelho de rádio e as mulheres usam jóias de jade e ouro, vestindo-se garridamente quando vêm à cidade. Já Fr. Gaspar da Cruz, que em *Tratado das cousas da China e de Ormuz* fez uma descrição deste barco e sua gente ainda perfeitamente actual, observou que a miséria não é tão grande como à primeira vista parece: «Há muitos barcos pequenos de gente pobre, nos quaes anda marido e molher e filhos e nam tem outro apousento se nam ha sua embarcaçam no meo cuberta, pera emparo do sol e da chuva...» Continua explicando como vivem, como aí criam «o seu porquinho e a sua galinha» e que o homem trabalha na cidade, enquanto a mulher apanha peixe e faz serviços de transporte. «E estes pobres (conclui) toda via nam vivem tam pobres e tam maltratados no trajo como os que

vivem pobremente em Portugal». (Cap. 9, ed. de Barcelos, 1937, p. 52).

Étimo — Ch. *tán ká* 蛋家, literalmente ‘ovo-casa’, isto é, casa em forma de ovo, talvez porque o pequeno barco, com seu toldo, faz lembrar um ovo boiando. A palavra *ká* significa também ‘família’, donde *tancá* aplicado à gente do mar.

A forma *tancar* é produto de ultra-correcção, por se supor que faltava o *-r* final, normalmente suprimido em Macau.

tancareira [tãkarera], [tãkareira], subst. ant. e act. Menos comum o masc. *tancareiro*.

Mulher que tripula e habita o *tancá* ou *tancar*: «...Sua mãe *tankarera* / seu pai canarim». — V. *mogarim*.

Étimo — *Tancar* + sufixo port. *eira*. V. *tancá*, étimo.

* *tapilu* [tapilú], subst. ant. e act.

Refeição em que os alimentos são cozinhados num fogão colocado numa mesa baixa, à volta da qual se sentam os comensais.

Cada pessoa, com o auxílio dos *pauzinhos* ou duma escumadeira, mergulha pedacinhos de carne, peixe, mariscos e hortaliças na água duma panela que ferve no fogão e vai-os comendo à medida que se cozem, acompanhando-os com vários molhos. No fim bebe-se o caldo. É um costume sino-macaense, mas tal refeição só se faz excepcionalmente, nos dias muito frios. Considera-se uma “petisqueira”.

Étimo — Ch. *tá pin lou* 打邊爐, «comer, cozendo coisas cruas ao fogão posto no meio da mesa» (*Dic. ch.-port.*, ed. do Governo da Província, Macau 1962, p. 656 b).

* *taufu* [taufú], *tafu* [tafú], subst. ant. e act.

Coágulo de feijão de soja.

O *taufu* não é uma bebida, como dizem alguns dicionários portugueses, mas tem o aspecto de uma espécie de queijo fresco em forma de pequenos tijolos. É depois cozinhado

de várias maneiras. Vende-se também sob forma de um creme fresco e gelatinoso, o *tâu fu fá*, e ainda em diferentes preparações. É um alimento muito rico em proteínas e muito barato, sendo por isso largamente consumido por chineses e macaenses, não sendo muito agradável ao paladar europeu. A bebida a que se referem os nossos dicionários é talvez o *leite de soja*, líquido leitoso extraído do feijão de soja.

Étimo — Ch. *tâu fu* 豆腐, coágulo de feijão.

taulu [tə̀lú], *talu* [tə̀lú], subst. ant. e act.

Jogo de rapazes, muito semelhante à bilharda. *Jugá talú*, em *Carta de tia Pascoela* (1869), em *Renasc.* I, n.º 3, p. 242.

É o jogo mais comum entre os chineses.

Étimo — A palavra tem aparência de chinesa, mas a pronúncia mac. altera por vezes de tal maneira o chinês, que não posso identificar o termo. De *tá ló* 打鑼, ‘tocar a batega ou tam-tam’, pela semelhança com a pancada do pau na bilharda?

Segundo amável informação da Dr.^a Ana Maria Amaro, pratica-se um jogo semelhante na Indonésia. Não tenho meio de saber se a palavra veio dessa região.

* *tchá tong* [čə̀ tɔŋ], ant. e act.

O mesmo que *chaton* (q.v.). «... um criado transportando o *tchá tong*...». — E. de San Bruno, *O caso da Rua do Volong* (nota do A.: «cestinho de vime que aconchega, dentro do algodão em rama, bule e chícara sem asa»).

* *tempra* [tẽpra], subst. ant. e act.

Tempero ou conjunto de temperos: *tempra de pastel*, temperos usados num pastelão, de carnes, muito apreciado em Macau. Cf. *tempra*, [tẽprã], com o mesmo sentido, em Santiago de C. Verde, *apud* B. Lopes da Silva, *O dialecto crioulo de C. Verde*, p. 375.

Étimo — Port. *têmpera*, acto ou efeito de temperar.

* *terno*¹ [tɛrno], subst. ant. e act.

Prateleira, tábua colocada horizontalmente no interior de um guarda-loiça, um armário, uma estante, etc.

Étimo — Suponho que o termo vem de facto de serem geralmente três as prateleiras nos armários, nas caixas para doces (V. *caixão-terno*), nos *doces vestidos* (q.v.), etc.

*terno*² [tɛrno], subst. ant.

Fato completo de homem, composto de três peças: calças, colete e casaco.

Étimo — Provincianismo port. e brasileirismo: *terno*, «andaina; vestuário completo masculino...» (*Dic. Mor.* s.v.).

tião [tiãŋ?] subst. ant. e des.

«Pequena embarcação chinesa», «barco a remos, muito ligeiro» — são as definições respectivamente de Dalgado, *Gloss.* II, s.v., e Marques Pereira, *T.S.Y.K.*, II, p. 700. A palavra é actualmente desconhecida. O plural *tiões* ocorre num texto de 1669, o qual M. Pereira, *ib.*, anota: «Há-de ser o mesmo que *sapatiões*, barcos a remos, muito ligeiros, ainda actualmente usados no rio de Macau quando há regatas e outras festas marítimas a que os chins são tão dados».

Hoje, porém, as regatas são realizadas apenas uma vez por ano nos chamados *barcos-dragão* (por terem à proa uma cabeça de dragão) e os termos *tião* e *sapatião* não são já conhecidos.

Étimo — Dalgado, *ob. cit.*, indica apenas o ch. *ting*, talvez forma do mandarim, que aliás dificilmente daria no mac. *tião* ou [tiãŋ]. Mais provável será o ch. cantonense *t'éang* 艇, também pronunciado *t'êng* e *t'éng*, que significa 'barco, pequeno barco comprido e estreito' (*Dic. chinês-português*, Macau 1962, p. 698 b).

Quanto a *sapatião* [sapatiãŋ?], para o qual Dalgado, *ob. cit.*, dá o étimo ch. *siau-ting*, que me parece duvidoso, suponho que o

elemento *-patiãõ* corresponde ao cantonense *p'á t'éang* (*p'á* 扒 'remar'), ou seja 'barco de remos'. Com o mesmo sentido se encontra *t'éang* e *p'á t'éang* em Contra-Almirante Barbosa Carmona, *Lorchas, juncos e outros barcos...* pp. 8 e 39. Para a forma *sapatiãõ* apenas posso alvitrar, como hipótese, o ch. *sâi* 'pequeno' + *p'á t'éang*, ou seja, pequeno barco a remos.

* *tifin* [tifín^o], subst. ant.

Almoço (pela uma hora da tarde).

O termo é já pouco usado em Macau, a não ser por antigos residentes de Xangai e Hong-Kong. Ocorre em textos do crioulo, como *Carta de Siára Pancha* (1865), em *T.S.Y.K.*, I.

Étimo — Anglo-indiano *tiffin*, 'lunch', 'luncheon', provavelmente relacionado com o ingl. *tiffing* que significava primitivamente uma refeição ligeira correspondente à nossa merenda. Cf. Dalgado, *Gloss.* II e R. W. Thompson, *Pidgin words*, em *The China Mail*, Hong-Kong. 11-10-1958: «This word was once common in Anglo-Indian society and from there spread all over the East. Hong Kong is probably one of its last strongholds».

* *tifinar* [tifiná], v. ant.

Almoçar: «Vosso tio já ficá convidado pra *tifiná* no palácio». — *Carta de Tia Pascoela* (1869), em *Renasc.* I, n.º 2.

Étimo — De *tifin* (q.v.). O termo *tifinar* foi também muito usado no indo-port., sendo possivelmente daí importado.

* *timbil* [tībíl], subst. ant.

Terçol: «E churá qui rasgá fundil (...) certo logo nacê *timbil*». — *Comédia Cavá Tufang de 74*, em *Renasc.* I, n.º 5.

Étimo — Mal. *tembel*, «a styne in the eye» (*Wilkinson*, s.v.).

tim-tim, *tin-tin* [tītí], subst. ant. e act.

I — Ferro velho, homem que anda pelas ruas comprando objectos usados e que se faz anunciar batendo com um pequeno ferro numa chapa metálica.

2 — Geralmente no plural *tim-tins*. — Lojas e tendas onde se vendem objectos usados: louças, móveis, antiguidades, etc. Ir aos *tim-tins* é percorrer as ruas onde se concentram essas lojas e tendas, as ruas dos *tim-tins*. Havia antigamente o *Largo dos Tim-tins* (cf. *T.S.Y.K.*, III, p. 190).

Étimo — Penso que o termo não se liga necessariamente a nenhuma palavra chinesa, como supôs Dalgado, *Gloss. II*, s.v. *tin-tin*, mas que é apenas onomatopaico. Na 1.^a acepção, o ch. popular tem também a expressão *teng-teng lou*, em que *lou* é o ch. 佬, 'homem', mas *teng-teng* não é verdadeiramente palavra chinesa, é apenas uma forma onomatopaica.

* *tingili* [tĩgilí], subst. ant.

O mesmo que *tindili* ou *tindilim*? (V. étimo).

O termo ocorre numa quadra humorística em que se referem várias mezinhas caseiras, entre elas *alo macho* e *tingili* (V. *sabsana* e *ocá*). Inf.^a 76, recordando a quadra, recusou-se a explicar o sentido de *alo macho* e *tingili*, afirmando que não estavam aí empregados como ingredientes de mezinhas, mas com duplo sentido obsceno, referindo-se ao facto de a *Catrina* da quadra ter um homem. Informadores idosos conhecem o termo como designando um fruto parecido exteriormente com piripiri ou malagueta e interiormente com um pepininho. Confirmam que é usado para *achar*, não para mezinhas. M. Pereira, *T.S.Y.K.*, p. 261, anota apenas: «é o fruto, em conserva, duma espécie de leguminosa».

Étimo — Não possuo informação alguma sobre a origem de *tingili*. Porém, a descrição feita em Macau corresponde perfeitamente ao *tendelim* da Índia (*tendli*, *tondali* em marata, *tendli* e *tenduli* em Bombaim), fruto da *Cephalandra indica*. «... a flor branca e o pipinosinho côr de granada das babassa, ou *tendelins* de Goa». — Alberto Osório de Castro, *Flores de Coral*, p. 216. (*apud* Dalgado, *Gloss. II*, s.v.).

Suponho, portanto, que o termo macaense será o mesmo que *tindilim* por *tendelim*.

* *titir*¹ [tití], *ti-tí*, subst. ant.

«Alarido, teimosia. *Fazê ti-tí*: teimar. *Batê ti-tí*: bater os pés e fazer alarido, com intuito de teimar». — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 134.

Étimo — V. *titir*².

* *titir*² [tití], v. ant.

Bater com um objecto noutro: *tití prato* — bater com os pratos na cozinha (uma criada, p. exemplo, quando está zangada). *Tití ostra* — bater na concha das ostras para as quebrar (inf.^a 60).

Étimo — Mal. *titir*, «a swift rapping movement; to beat certain drums and gongs» (*Wilkinson*, s.v.). Suponho que *titir* subst. e verbo são a mesma palavra, como em malaio, com perda do *-r* final no macaista.

* *tom-tom*, *tontom* [tõtõtõ], subst. ant. e act.

Rebuçado (linguag. infantil): *Títi querê tontôn?*. — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 27. Já M. Pereira anotou esta palavra em *T.S.Y.K.*, I, p. 64, e ainda é muito vulgar ouvir-se dirigida a uma criança a pergunta: *Qué tom-tom?* (quer um rebuçado?)

Étimo — Ch. *t'óng t'óng* 糖糖, linguag. infantil, por *t'óng nâp* 糖粒, 'rebuçado', literalmente 'grão ou bola de açúcar'.

* *tom-tom-mom-tom*, *tong-tong-mong-tong* [tõ tõj mõj tõj?], adj. ant. e des.

M. Pereira, *T.S.Y.K.*, II, p. 785, anota esta expressão como significando «trôpego, estropiado das pernas, que mal pode andar», na frase: «Mas gente andá *tong-tong-mong-tong* co este frio». — *Carta de Ung-a Nhonha*, ib., II, p. 781.

Contudo, parece-me mais exacto o sentido de 'tolhido, meio paralizado, embotado' (cf. étimo).

Étimo — Ch. *tôn* 鈍 + *mông tông* 懵懂 parece étimo provável. *Tôn*, talvez erradamente pronunciado ou escrito *tong*, significa ‘obtusos, vagaroso, embotado’. Reduplicado e reforçado com *mông tông*, ‘tonto, imbecil’, significaria ‘apatetado, palerma’, mas poderia ser aplicado em sentido jocoso a uma pessoa tolhida, embotada pelo frio.

torrar [tɔrã], [tɔrã], v. ant. e act.

Usado na expressão *torrá português* — falar português com afectação, imitando a pronúncia metropolitana (especialmente com os *rr* “carregados”, isto é, sem substituir o *r múltiplo* pelo *r brando*, como é costume em Macau).

Étimo — Port. *torrar*.

tratamento [trɐtãmẽto], subst. ant. e act.

Convivência, relações sociais: «F. tem pouco *tratamento*» — convive pouco, não faz vida de sociedade (linguag. corrente).

A palavra tem também o sentido normal.

Étimo — Port. *tratamento*.

tratar [trɐtã], [trɐtã], v. ant. e act.

Conviver, ter relações sociais. Se duas pessoas não se dão uma com a outra por simples casualidade, ou se estão de relações cortadas, diz-se *não tratam*. Esta acepção é antiga em português. Em *Ásia Sínica e Japónica*, ed. Boxer, p. 195, nota 4, transcreve-se um ofício do Vice-Rei da Índia, de 1735: «Veyo de Governar Macao o ano passado (...) e como ainda o não vi nem *tratey*, não posso informar a Vossa Magestade do caracter deste homem...»

Étimo — Port. *tratar*.

trate [trɐte], subst. ant.

1 — Lótus ou loto, nenúfar (*Nelumbium speciosum* ou *Nymphaea nelumbo*).

2 — Dava-se também este nome, antigamente, à semente de lótus, hoje vulgarmente designada pelo ch. *lin chí* ou *lin tsi* 蓮子 (Cf. M. Pereira, *T.S.Y.K.*, II, p. 520).

«Esta planta (...) é muito usada na medicina chinesa, que se aproveita não só das sementes e dos rizomas, mas também das folhas e flores. Como comestível é usado o rizoma que os chins designam por *Neou* (1) e os macaístas por *raiz-trate*, como já disse, e o *Lien-tzé* ou *Lin-tsi* (conforme os dialectos) ou *trate* que são as sementes extraídas das cápsulas...». — M. Pereira, *ibidem*.

A semente de lótus ainda é usada na culinária e doçaria chinesas. Os macaenses usam-na também na culinária, sobretudo em caldos, e apreciam-na cristalizada em açúcar, como os chineses, por altura do Ano Novo lunar.

Étimo — Mal. *teratai* «a kind of water-lily» (*Wilkinson*). Cf. também Dalgado, *Gloss.* II, s.v. *trate*.

tudum [tudún], [tudũ], subst. ant. e act.

Chapéu feito de ola e coberto de tiras de bambu entrançado, usado pelos pescadores e trabalhadores chineses (homens e mulheres) para se protegerem quer do sol, quer da chuva. (V. figuras 12 e 13) (2).

Dalgado, *Gloss.* II, seguindo Gonçalves Viana, *Apostilas*, identifica o *tudum* com o antigo *dó* preto, bioco usado pelas damas macaenses. A palavra já não é conhecida hoje nesta acepção, mas é possível que em tempos o fosse, dado o sentido do étimo malaio.

Étimo — Mal. *tudong*, «a veil; a hollow cover; covering up»

(1) *Neou* está talvez por *ngâu*. Cf. *lin ngâu*, s. v. *restrate* (q. v.).

(2) As fotos 12 e 13 já foram publicadas no meu artigo *A contribuição malaia para o dialecto macaense* em *Boletim do Instituto Luls de Camões*, vol. I, n.º 2, Macau, 1966.



FIGS. 12 e 13 — Dois tipos de *tudum*

(*Wilkinson*, s.v.); *Wilkinson* (1955) dá também, em Samatra e Batávia, o sentido de “*sun-hat*” (1).

tufão [tufáŋ], [tufãu], subst. ant. e act.

Ciclone tropical, geralmente durante a estação quente.

A palavra é bastante conhecida para dispensar comentário, excepto quanto à sua curiosa história:

Étimo — O ch. *tái fong* 大風 ‘vento grande, ventania’ e, mais frequente, *tá fong* 打風 ‘bater vento, tufão’, podem levar à suposição dum étimo chinês. Contudo Dalgado, *Gloss.* II, s.v., afirma que a palavra *não vem* de origem chinesa, mas sim do árabe *tufan*, «de que é transposição exacta». O mesmo é confirmado por linguistas modernos como R. W. Thompson (em *The China Mail*, Hong-Kong 18-10-1958) o qual cita Fernão Mendes Pinto como tendo usado as formas *tufan* e *tufão*, e diz (traduzo) que «os portugueses, que foram os primeiros europeus a estabelecer contacto com a China, nunca usaram formas que se assemelhem a *tai fung* ‘grande vento’ em cantonense». A forma inglesa *typhoon* sofreria talvez influência chinesa, mas o mesmo Autor supõe mais provável a influência da forma grega *tuphon* ou *typhon* em escritores modernos. As formas inglesas mais antigas, provavelmente aprendidas na Índia, onde por sua vez teriam sido difundidas por pilotos árabes, eram *tuffon*, *tuffoon*, *touffon*, *tiphon*, segundo o mesmo linguista.

turum [turúŋ?], subst. ant. e des.

«Parece-me ser um jogo de pau, ou coisa que o valha, muito usado pelos chineses». — M. Pereira, *T.S.Y.K.*, I, p. 240. O termo ocorre na frase «pardal jugá *turum*» numa quadra humorística de *Paródia à Bastiana*, *ob. cit.*, e é hoje desconhecido. O facto de o pardal jogar o jogo nada esclarece, pois as quadras são uma espécie de jogo de disparates, uma série de versos absurdos para fazer rir.

(1) Distingo pela data a ed. completa da abreviada, única a que tive acesso. As consultas à ed. de 1955 são devidas à gentileza do Prof. E. C. Knowlton. (V. Apêndice e obras consultadas).

Étimo — A definição de M. Pereira é vaga e duvidosa, pelo que não sei se de facto se trata dum jogo chinês, mas a palavra não tem aparência de chinesa.

O mal. *turun* «descent, coming down; dismount» (*Wilkinson*) poderia aplicar-se a qualquer outro jogo infantil. Mas é apenas uma hipótese.

* *tu-tum-piám* [tutũpiãŋ], subst. ant. Também grafado *ton-tong-piang*.

Estafermo, pessoa sem préstimo (geralmente um velho). Tal é a definição de M. Pereira e de J. Santos Ferreira, respectivamente em *T.S.Y.K.*, I, p. 63 e *Macau sã assi*, p. 134.

No entanto, creio que o sentido primitivo seria ‘pessoa adoentada’, portanto sem préstimo (velha ou não). Cf. *Ajuste de casamento*, em *T.S.Y.K.*, I, p. 57 segs.: «Nhum Lorenzo já tâ vêlo/eu fêto unga *tu-tum-piam!*» (Fala Taia, mulher de meia idade. Enquanto o marido está velho, ela está feita uma *tu-tum-piam*, está cheia de achaques, acaba de se queixar de várias doenças).

Étimo — Duvidoso. A expressão aparece com a forma *ton-tong-piang* em *Nora moderna*, em *Renasc.* II, n.º 2: «Iou assim *ton-tong-piang* também non tem descanso». É possível que a grafia seja uma aproximação artificial do chinês, mas pode ser também devida a consciência da origem chinesa da palavra.

Tu-tum-piam, forma mais vulgar e ainda usada por pessoas idosas, será talvez adulteração do ch. *t'ông* 痛, ‘dor, doer, dói’ com reduplicação enfática, e *pêng* ou *péng* 病, ‘doente’, que no ch. de Macau soa muitas vezes *péang*. Do sentido de ‘pessoa com dores, adoentada’, creio que poderia facilmente derivar o de ‘pessoa velha, inútil, sem préstimo’.

U

* *ucho* [uço], subst. ant.

Beijo. M. Pereira, *T.S.Y.K.*, I, p. 195, anota a palavra como «um abraço muito apertado e terno, rodeando com os braços a

cabeça do abraçado». No entanto, o sentido ainda actualmente conhecido é o de *beijo*. É também o que se depreende da quadra humorística: «Pra este velona, boca-chacha / Figura de cachoro assado. / Sae querê *ucho*, querê boca! / Num sã gosto di desvariado?» — *Carta de Maria Varê-Rua* (1888) em *T.S.Y.K.*, I, p. 192 segs.

Étimo — Ignoro. A palavra é talvez apenas onomatopaica.

* *unchinho* [ũčiño], subst. ant.

Um pouco, um pouquinho: «nove hora más *unchinho*», em *Renasc.* I, n.º 2, p. 134. Ainda se ouve a pessoas idosas: «— Está melhor?» — *Unchinho!*; «*unchinho-unchinho* hora», um bocadinho de hora, um pouco de tempo.

Étimo — Do port. *um* + (pouco)*chinho*?

unã, *ung-a*, *ungha* [unã], art. e pron. ant.

Uma, um, umas, uns: «*Ungh-a sonho*», em *Renasc.* III, n.º 1 (*Um sonho*, título duma poesia).

Embora o masc. sing. seja geralmente a forma que se usa no mac. para qualquer género e número gramatical, do artigo indefinido sobreviveu apenas o feminino, talvez por ser forma mais sonora. A pronúncia desta palavra, muito característica, ainda se ouve a pessoas idosas.

Étimo — Port. ant. *ũa*, 'uma'.

* *unsom*, *ungsong*, *onçom*, *onsong* [ũsón], [õsón], adj. ant.

O próprio, a própria pessoa, sozinho (sem ajuda de ninguém, ou sem companhia): *eu unsom fazê*, ouvido a pessoa idosa no sentido de que foi ela própria que fez, sem ajuda de ninguém, um trabalho, um cozinhado, etc. Modernamente diz-se, com o mesmo sentido: *eu sozinha fazê*, ou, mesmo na linguagem culta, *eu sozinha fiz*.

A palavra significa também 'sem companhia', como numa carta «em macaísta cerrado», em *T.S.Y.K.*, II, p. 780: «sentado *omsong-omsong* na minha tópe...»

Étimo — A pal. é usual no papiá de Malaca e o Prof. A. da Silva Rego, em *Dialecto português de Malaca*, sugere que poderá ser de origem malaia. Contudo, esta não é a noção corrente entre os malaio-portugueses, conforme pessoalmente verifiquei em Agosto de 1974, e o Prof. Edgar C. Knowlton, no seu artigo *Malaysian Portuguese*, p. 3, propõe como étimo o port. *um + só*, que me parece o mais provável.

* *upar* [upá], v. ant. e act.

Bater, dar pancada em alguém; dar palmadas no trazeiro das crianças. O termo ocorre em paródias ao dialecto e ainda o tenho ouvido na linguagem corrente: «*upá* di bem fêto!» — dar uma boa sova.

Étimo — Port. *zupar* ‘bater, sovar, dar uma tareia’? Ou será termo onomatopaico?

V

* *vangueado* [vãgiado], adj. ant. e act.

Estonteado, com tonturas, com vertigens: «Não gosto sentá barco, fica *vangueado*» (linguagem corrente).

Étimo — De *vanguear* (q.v.).

* *vanguear* [vãgiá], v. ant. e act.

Ter vertigens, sentir tonturas; vacilar (no sentido físico).

Étimo — *Bangue*, espécie de cânhamo cujo fumo embriaga, da palavra persa *bang*, de largo uso em terras do Oriente, entrou no indo-português, onde deu também o derivado *bangueiro* ‘bêbado’ (Cf. Dalgado. *Gloss.* I, s.v.). Facilmente daria no mac. *banguear* e *vanguear*, dado que *b* e *v* alternam frequentemente, como eu *banda* / *vanda*.

Por outro lado, o *Dic. Mor.* e o de Cândido de Figueiredo dão, sem indicação de étimo, *vanguejar* «vacilar, ir escorregando». A menos que *vanguejar* não seja, ele próprio, um derivado de

bangue, o mac. *vanguear* poderia provir daquela palavra portuguesa, talvez através da pronúncia [vãgžá] > [vãgjá].

Curioso é que também em chinês há a palavra *vân* 芝蔴 significando 'ter vertigens, ter tonturas', donde o mac. poderia ter derivado *vanguear*, pronunciando *vâng* por *vân*. Contudo, esta hipótese que nos ocorre parece a menos provável.

vantu [vãtú], adj. ant.

«Enguiçado, enfezado. Estado em que se fica (pessoa ou objecto) depois de afectado pela influência de mau olhado ou maus ares: Siára já entrá, iou sua bolo já ficá *vantú* — a senhora entrou, estragou-se o meu bolo». — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, p. 136. *Bolo vantú* é um bolo que não cresceu, ficou baixo, acachapado.

Étimo — Não sei se a palavra é a mesma que *bantu* (q.v.), forma hoje desconhecida. *Bantu* poderá ser variante de *vantu*, com a usual alternância *b/v*. A ser palavra diferente e com o sentido de 'enguiçado', que sofreu efeitos de 'mau olhado' ou 'mau ar', o étimo será talvez o mal. *hantu* «an evil spirit; a ghost or goblin» (*Wilkinson*, s.v.). O *h* aspirado poderia passar a *v* e a transposição do sentido de 'mau espírito' para a pessoa ou objecto por ele afectado também não parece impossível.

vento [vêto], subst. ant. e act.

Ar, gases no estômago; mau vento, mau ar?; bafo, respiração. Também sentido normal.

A palavra aparece frequentemente num caderno manuscrito de receitas antigas: *Mezinha vento* (cf. também *Carta de Tia Pascoela*, em *Renasc.* I, n.º 3, p. 245), *suador de vento*, *mordexim e vento*, etc. Não se dá explicação quanto à natureza do mal, hoje duvidosamente conhecido, que umas vezes parece ser gases no estômago (*vento na estamo*) outras um *mau vento*, ou um golpe de vento, como na receita seguinte: «Quando o dedo index da mão esquerda d'um rapaziño a veia é azul, é signal de *vento*, sendo vermelha é o de calor e se a veia passa

acima da ultima polegada do dedo, indica que que não ha cura (1) na criança...»

Na expressão *vento marado* significa 'bafo, respiração': «*vento marado* é respiração presa, difícil» (inf.^a 70). Cf. *vento marado com flema* em *Renasc.* I, n.º 2, p. 136 (*com flema, com fleugma, expectoração*).

Étimo — Port. *vento*.

ver [vê], v. ant. e act.

1 — Ter aparência, ter aspecto de: «este vestido *vê* muito chique»; «ela agora *vê* mais magra» (ling. corrente). 2 — Olhar: «*vê* para a frente!» (ling. corrente). Também sentido normal.

Étimo — Port. *ver*.

* *vinho ladrão*, ant. e des.

Medicamento chinês que consta de umas folhas embebidas num vinho chinês muito alcoólico.

Servia antigamente para tratar, segundo uns, paralisias devidas a «mau ar» (inf. 60); segundo outros, contusões devidas a queda ou pancada (inf.^a 70). Contusão de pancada é o que se depreende do texto em que ocorre: «investir com eu, fechado sôco (...) mas minha humildade já vencê tentação; já popá quanto sapeca de *vinho ladrão* ô fel de urso». — *Carta de Tia Pascoela* (1869), em *Renasc.* I, n.º 2.

Étimo — Não consegui informação sobre o motivo do elemento *ladrão*. Os informadores, mesmo muito idosos, já não estão certos quanto à mezinha em questão, muito menos quanto à razão do nome.

* *virar beço* [virá beço], ant. e des.

Falar, conversar, dar à língua (e aos beijos). «*Virá beço* equivale a bater língua», seg. M. Pereira, *T.S.Y.K.*, I, p. 195, anotando a frase «*virá beço com eu*» (*ibidem*, p. 182).

(1) *Cura? Cusa?* — grafia pouco clara nesta palavra.

«*Virá beço de Macau*, falar o dialecto de Macau», em E. de San Bruno, *O caso da Rua do Volong*, p. 107.

Étimo — Port. *virar beço* (mexer os lábios, falar?)

* *visaga* [vizaga], subst. ant.

Dobradiça, gonzos de porta ou janela.

Étimo — Port. *bisagra* (do esp. *bisagra*), dobradiça, gonzos sobre que se volvem a porta, a janela, etc. (*Dic. Mor.*). Uma forma mais culta, *visagra*, ocorre em Luís G. Gomes, *A arte europeia na corte de K'in Lông*, em *Renasc.* I, n.º 6, p. 592: «Quando os pesados portões se abriram, uivando nos seus gonzos e rangendo sinistramente nas suas *visagras*...».

X

xale [čali?] — V. *chale*.

xareta [čareta] — V. *chareta*.

Z

* *Zip* [zip^ə], subst. act.

Fecho metálico de correr, usado em vestidos de senhora, calças de homem, maletas, etc.

Étimo — Suponho que a palavra é onomatopaica, imitando o som do correr do fecho, mas deve ter vindo da América do Norte, através de artigos de vestuário daí importados. Cf. Funk and Wagnalls, *Standard Dictionary*, New York 1963, vol. II, s.v. *zip*: «A sharp, hissing sound. *zipped, zipping*, «to fasten with a sliding fastener».

* *zapi catape* [zapi katape?], ant. e des.

Maneira de falar? Gestos?: «A. — Sendo algum portuguez novo / não o pod'rá entender. / J. F. — Com minha *zapi catape* /

/ Logo fazê comprehendê». — *Diálogo entre Augusta de 15 anos e o seu primo João Fernandes de 18 anos* (1895), em *Renasc.* III, n.º 1 (Diálogo humorístico em que Augusta fala o português culto e J. Fernandes fala o crioulo).

Étimo — Desconheço, assim como o sentido exacto da expressão, hoje desusada e esquecida.

O port. *zape* é uma interjeição que se usa para indicar uma pancada ou um gesto de pancada. *Catape* não parece ser palavra portuguesa. O mal. *ketap* «to bite the lips» (*Wilkinson*), associado a *zape* poderia talvez significar ‘gestos de mãos e movimentos de lábios’. Mas reconheço que a minha hipótese é provavelmente fantasiosa.

CORRECÇÕES E ADITAMENTOS

Em Agosto de 1974, com a ajuda dum subsídio concedido pelo Governo de Macau, passei uma semana em Malaca, investigando no *papiá cristão*, e tanto quanto possível no malaio, as raízes de cerca de uma centena de termos obscuros de Macau.

Pude assim fazer correcções e aditamentos ao presente estudo, sendo alguns introduzidos no corpo deste Glossário a partir do vol. XVII da *R.P.F.* Quanto à parte já impressa por ocasião dessa visita, os erros e omissões que pessoalmente notei ou que a amabilidade de pessoas amigas me fez notar, são seguidamente apontados e, na medida do possível, corrigidos.

A todos aqueles que se interessaram por este trabalho e sobre ele apresentaram críticas e sugestões, os meus melhores agradecimentos.

adufa, p. 27 (numeração da separata)

Disse, ao tratar esta palavra, que não existiam já em Macau casas com *adufas*. Posteriormente, porém, fui informada da existência de *adufas* pelo menos em duas casas antigas, uma na Rua Central e outra perto da Rua de S. Lázaro. Verificando pessoalmente o facto, deparei com velhas persianas já um tanto esburacadas, formadas por ripas verticais de madeira colocadas a cerca de 5^{cm} umas das outras e com os intervalos preenchidos por lâminas de madrepérola dispostas à maneira de escamas de peixe encravadas dum lado e doutro num sulco das ripas de madeira.

Note-se que o termo não é próprio de Macau, mas português antigo de origem árabe. A gelosia mais moderna, de tabuinhas horizontais, é chamada *persiana*.

aluar, p. 38

Étimo — V. Dalgado, *Gloss.* I e II, Suplemento.

Cf. *Wilkinson*, 1955: «*halwa*. Ar. Sugared preserve, esp. (in Malaya) fruit preserve in sugar (...) But foreign *halwa* covers

sweets in general, e.g. *h. Belanda* (chocolate); *h. Maskat* (Indian or Arabian halwa made of milk, sugar, almond paste and ghee)...».

O termo mac. poderia ter entrado por via do mal., mas deve ter sido importação directa do indo-port., uma vez que a confecção do doce mac. é semelhante à do indiano. Curioso que a designação mal. de *halwa Maskat*, citada por Wilkinson, foi também conhecida em Macau, pois que Marques Pereira se refere em *T.S.Y.K.*, ao *aluá de Mascate* como muito afamado.

Sobre o étimo original árabe, cf. José Pedro Machado, *Influência arábica no vocabulário português*, I, 284. Lisboa 1958.

* *ampaz*, p. 43

Esta é a grafia corrente em Macau, mas em face do étimo mal., que não parece oferecer dúvidas, mais correcta será a grafia *ampás*. Cf. ainda *Wilkinson*, 1955: «*hampas* I. worthless residue; by product...»

babau, p. 62

A referência ao uso do termo em C. Verde não implica que o étimo seja caboverdiano. Também em Portugal se usa a interjeição *babau!* «foi-se, acabou-se, não há remédio» (*Dic. Morais*).

* *baião*, p. 64.

Étimo — O mal. *bayam* 'spinach' (*Wilkinson*, 1955) é certamente o étimo do mac. *baião* e talvez do port. *bayano*. Também no papiá se diz *brede baiã* [bajãŋ], 'espinafre'.

balancaz ou *balancás*, p. 65.

Étimo — Como disse M. Pereira, é o mal. *blangkás*, aliás *belangkás* 'king-crab', segundo *Wilkinson*.

* *bantu*, p. 69.

Étimo — Penso que *bantu* poderá talvez ser variante de *vantu* (q.v.).

bebinca, p. 71

Étimo — O étimo directo parece ser, não o mal. *bingka*, mas o tagalo *bibingka* (também *bebincam*) «a rice cake cooked or baked with fire above and below». Cf. José Villa Panganiban, *Diksyunaryo Pilipino-Inglés, Quezon City, 1973 (1)*. A *bebinca* de leite de Macau, depois de cozida, é também tostada por cima.

* *boquizar* [bokizá], verbo ant.

«Pronunciar, proferir qualquer palavra: Vós astrevê *boquizá* na diante de Avô Bitá (...)?» — J. Santos Ferreira, *Macau sã assi*, pp. 51 e 104.

buião, p. 90

Étimo — O mal. *buyong* parece o étimo mais provável, contudo Dalgado, *Gloss. I*, s.v. *boião*, considerou-o duvidoso, pois que o termo parece ter sido conhecido por escritores portugueses antes da nossa chegada ao Oriente.

* *cachir*, p. 95

Esta rubrica está deslocada, por lapso meu, devendo ter entrado depois de *cachipiado*. Quanto ao étimo, cf. ainda o mal. *kachit* 'to fasten' (*Dic. Kadir*). Poderia talvez ter dado origem ao mac. *cachí* no sentido de 'fechar os dentes para trincar'. Por outro lado o mal. *kachip*, papiá *cachê* 'alicate para cortar areca', poderia também dar em Macau um divergente de *cachipe* (q.v.) tomando a acepção de 'cortar com os dentes, trincar' (nome e verbo confundem-se frequentemente no mac.).

* *ēuchivachi*, p. 97

Étimo — No papiá de Malaca, um indivíduo grosseiro, de baixa extracção, é designado por *casta-basso* (casta-baixa), o que

(1) Segundo informação do Prof. E. C. Knowlton.

será talvez expressão de origem indo-portuguesa e reflexo da noção indiana de casta. No mac. facilmente adviria a corruptela *cachi-vachi* ou *cachivachi*, uma vez esquecidos a origem e o sentido primitivo do termo.

cará, p. 108

Étimo — O mal. *karat* parece não oferecer dúvidas. Cf. no papiá *kerá*, arroz ou comida queimada no fundo do tacho; camada de sujidade: «iou-sa rosto *kerá*, teng *kerá*», ‘o meu rosto tem *kerá*, tem manchas de sujidade’.

* *chacha*, p. 118

Étimo — No dialecto mal. de Perak ocorre *čaccaa* [čătšá], «mother’s mother», ou seja ‘avó, velha’. Cf. Rama Subiah, *A lexical study of Tamil dialects in lower Perak*, University of Malaya, 1966. (Informação do Prof. E. C. Knowlton).

No papiá não é conhecida a forma *chacha*, mas sim o adjetivo, talvez relacionado, *chucha* [čuča], velha: «ela já *chucha*», ‘ela já está velha’.

chá gordo [šá gordo], act. V. *chá*, p. 144. Diz-se *gordo* por ser um chá servido com pratos abundantes e substanciais.

* *chilicote*, p. 129

Étimo — Supus uma relação com o mal. *chelis*. Posteriormente, porém, tive conhecimento do mal. *chēlakuti*, «a cake or sweetmeat», dado por *Wilkinson* 1955, I, p. 199, que parece o étimo mais provável. O actual *chilicote* é salgado, mas é possível que o nome tenha sido usado primitivamente para um pastel ou bolinho doce.

correr andorinho, *corê andorinho* [koré ãduriño], c. *andorinha*, ant. e des. V. *andorinho*, p. 44.

Antigo jogo de crianças: «...brincá tu-rung, comê cuti pião, jugá talú, *corê andorinho*, largá sarangong». — *Carta de Tia Pascoela* (1869), em *Renasc.* I, n.º 3, p. 242.

Informadores idosos, que pronunciam *corê andorinha*, recordam a expressão como o nome de um jogo infantil semelhante ao que se chama em Portugal *jogo da cabra cega*, segundo uns, *jogo das escondidas*, segundo outros.

Étimo — Port. *correr* + *andorinha* ou *andorinho*. Mas se o termo *correr* se compreende num jogo infantil, a relação semântica com *andorinha* é obscura.

coscorão [koskorãŋ], [koʃkorãu], ant. e act.

Doce próprio do Natal.

Fundamentalmente é o *coscorão* português, fritura de farinha amassada com ovos e depois coberta com calda de açúcar. Mas em Macau a massa corta-se em quadrados muito finos, de cerca de 10 cm. de lado, e ao fritar dá-se-lhe ao centro um enrugado especial, usando para isso um par de *faichis*. Dizem as pessoas idosas que o *coscorão* representa o lençol do Menino Jesus. V. *aluar*.

dó [dô], subst. ant. e des.

Manto ou bioco preto usado antigamente pelas mulheres macaenses.

Em 1895 o Conde de Arnoso identificou o *dó* com «a velha e comprida mantilha portuguesa» (*Jornadas pelo mundo, apud Dalgado, Gloss. I, s.v.*). Em 1906 Gonçalves Viana, *Apostilas*, define-o como 'capucha preta'. É possível que tenha havido evolução no modelo do *dó*, pois informadoras idosas, que se lembram de suas mães o usarem, descrevem-no mais de acordo com G. Viana. O *dó* não era apenas uma faixa de tecido ou renda, como a mantilha, mas tinha uma parte em forma de touca para adaptar à cabeça. Era geralmente de seda preta. Por baixo do *dó* colocava-se ainda, na cabeça, uma outra espécie de touca de pano branco, cingida à testa, para evitar que se sujasse o *dó* nos cabelos e talvez também para alegrar o rosto. Cf. *saraça*. A gravura citada p. 266, nota, reproduz-se também em Graciete N. Batalha, *Língua de Macau*, p. 28a.

Étimo — Port. *dó*, tristeza, mágoa, luto. O nome deve ter vindo do facto de ser um manto preto, da cor do luto. Mas

esta cor, que parece ter substituído o colorido da *saraça* entre as mulheres de mais posição social, era apenas imitação do hábito *reinol* de vestir de preto como sinal de distinção ou de recato, verdadeiro estoicismo no clima de Macau...

gandola, p. 188

A definição dada em Malaca — *bre-do*, hortaliça, etc., — deveria talvez levar “hortaliça” entre vírgulas altas, que foi como a informadora me disse. A definição não está clara, mas eu não pude ver a planta. Em Malaca todo o vegetal comestível é *bre-do*: cenoura, beringela, nabo, couves, etc.

* *lingau*. V. *restrate*, p. 260.

Suprimiu-se o artigo respectivo, na redacção definitiva deste glossário, como se suprimiram muitos outros termos puramente chineses do vocabulário actual. Incluí-los todos alongaria demasiadamente este estudo. Aliás o termo está definido s. v. *restrate*. É o ch. 蓮藕.

mezinha três pau, ant. e des.

Beberagem feita com três raízes medicinais (abuta, águila pucho) para tratamento de certas doenças intestinais. Marques Pereira, *T.S.Y.K.*, I, p. 261, anota a *três pau*: «raízes que se reduzem a pó e se tomam como remédio contra os ataques de cólera, cólicas, etc.». Informadores idosos confirmam esta informação, mas dizem que se tomava o remédio sob a forma de um chá.

Esta mezinha é citada, ao que parece com duplo sentido malicioso, numa quadra do folclore antigo. V. *ocá*.

* *nomestê* ou *nom mestê* [nõmestê], verbo ant. e des.

Não é preciso. (Ouvido há anos à inf.^a 90, já falecida). Étimo — Port. antigo *não* (há) *mister*. Cf. *amestê*.

peixe-esmargal [pẽiʃeʃmargáɫ], subst. ant. e act.

Petisco da culinária macaense.

Prepara-se com um dos peixes de Macau, como o peixe-serra, e não com o verdadeiro *peixe-esmargal* da Índia, que aqui não existe. Mas a preparação é semelhante à que se faz na Índia com esse peixe — mergulha-se, por bastante tempo, numa espécie de salmoura ácida e picante. Frita-se depois em pequenas postas que se comem como acompanhamento de outros pratos servidos com arroz branco. Uma receita de *peixe-esmargal* foi recentemente publicada por um entendido em culinária tradicional macaense: «4 cates de salmão ou peixe serra / 2 taéis de coentro e 2 taéis de cominho, pisados / 1 tael de açafrão / 1½ tael de tamarino [*tamarinho*] / 4 taéis de vinho chinês “fán chau” / 2 a 3 garrafas de vinagre / 5 a 6 cabeças de alho (curtido) / 2 taéis de piri-piri seco. / Deve-se ferver o vinagre e deixar arrefecer. O tamarino deve ser dissolvido no vinagre. Antes de se pisar o cominho e o coentro, estes devem ser lavados em vinagre. Mistura-se tudo». — António Vicente Lopes, em *O Clarim*, 8-5-1977.

Étimo — *Esmargal* é termo do indo-port., mas Dalgado, *Gloss.* II, s.v. *peixe-esmargal*, diz ignorar a origem do nome. Não possuo também elementos de informação.

* *sabsana* [s̃abs̃ana], subst. ant. e des.

Remédio da medicina caseira macaense? Da farmacopeia tradicional chinesa?

As informações de algumas pessoas idosas que ainda recordam o termo são vagas e contraditórias. Umas dizem, sem grande certeza, que é o mesmo que *mezinha três pau* (q.v.), como disse também Marques Pereira em *T.S.Y.K.*, I, p. 261. Outras supõem que não se trata de verdadeira *mezinha*, mas de “brincadeira de pasquim” para fazer rir. A palavra ocorre numa quadra humorística e maliciosa do folclore antigo (v. *ocá*), onde se menciona também *três pau*, o que seria estranho se se tratasse do mesmo remédio.

Étimo — Desconheço. A Dr.^a Ana Maria Amaro sugeriu-me tentativamente o remédio ch. *sap sam* ‘treze’ (ingredientes), mas é hipótese que só a identificação da mezinha e seus ingredientes poderia confirmar.

* *tapus* [tapúʃ], subst. ant.

Qualquer coisa que tapa, que cobre (rolha, pequena tampa, etc.)

Étimo — Provavelmente o port. *tapo* ‘tampa’, provincialismo derivado de tapar (Dic. Mor.).

Mas a deslocação do acento e a junção do *s* final, contrário até à fonética do dialecto, põem interrogações.

tapus de figo caque, ant.

Conjunto de sépalas e pedúnculo que vem geralmente agarrado ao *figo caque* ou dióspiro, e que se retira, como uma pequena tampa, antes de comer o fruto.

Tem, ao que parece, propriedades medicinais, porque a expressão ocorre em mezinhas para “flato ou dor de estômago”.
V. *faifum*.

* *toc-toc* [tɔktɔk], adj. ant.? act.

O mesmo que em gíria portuguesa *chanfrado*, que não regula bem da cabeça, que faz ou diz de vez em quando coisas disparatadas: «F. é *toc-toc*» (linguagem corrente).

Étimo — Port. *toque*, ‘pancada’ (cf. gíria *ter pancada na bola*, na cabeça) ou talvez apenas termo onomatopaico, sugerindo as pancadinhas que se dão com os dedos na testa quando se quer indicar falta de juízo.

OBRAS CONSULTADAS

Aditamento à lista publicada no vol. XV, p. 138-140

- BARBOSA, Jorge de Moraes — *A língua portuguesa de Macau*. Separ. de *Províncias portuguesas do Oriente*, [vol. II]. Curso de Extensão Universitária, ano lectivo de 1966-1967. Lisboa (Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina), s.d. [1968] 13 p. (1).
- BATALHA, Graciete Nogueira — “*Língua de Macau*” — *O que foi e o que é*. Reedição actualizada da série de artigos de divulgação publicada com o mesmo título no jornal *Notícias de Macau* de 25 de Maio a 24 de Agosto de 1958. Macau (Centro de Informação e Turismo), 1974, 62 p. e 7 ilustr.
- BOLÉO, Manuel de Paiva — *O estudo das relações mútuas do português e do espanhol na Europa e na América, e influência destas línguas em territórios da África e da Ásia*, Coimbra 1965. Incluído, com numerosos aditamentos, na colectânea do autor *Estudos de linguística portuguesa e românica*, vol. I, t. I, p. 353-398. Coimbra [Biblioteca Geral da Universidade], 1974.
- Dicionário chinês-português*. Edição do Governo da Província. Macau (Imprensa Nacional), 1962.
- FERREIRA, José dos Santos — *Macau sã assi*. Macau 1967.
- FERREIRA, José dos Santos — *Qui nova, Chencho*. Macau 1973.
- HANCOCK, Ian — *Some Dutch-derived items in Papia Kristang*, in *Bijdragen tot de taal-, land- en Volkenkunde*, CXXVI, 1970, p. 325-356.
- HANCOCK, Ian — *Some Dutch-derived items in Java Creole Portuguese*, in *Orbis*, XXI fasc. 2, 1972.
- HANCOCK, Ian — *Malacca Creole Portuguese: a brief transformational outline*, in *Te Reo*, 16, 1973.
- HANCOCK, Ian — *Malacca Creole Portuguese: asian, african or european?* (1974). — *Paper presented at the 44th Annual Convention of the South Atlantic Modern Language Association, Washington, October 31st-November 2nd, 1974.*
- KADIR, M. A. (editor) — *Kamus maktab / Bahasa Malaysia-Inggeris-Bahasa-Malaysia*, Kuala Lumpur, 1974. (Dicionário escolar malaio-ingles-malaio).

(1) Para uma bibliografia específica sobre o dialecto e o falar actual de Macau, cf. este artigo e a recensão crítica que fiz ao mesmo, na *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVI, 1972-1974, p. 412-417.

- KNOWLTON, Edgar C. — *Malaysian Portuguese*, in *The Linguist* (London), vol. 26, 1964, p. 211-213 e 239-241.
- OLIVEIRA, Aldina de Araújo — *Algumas considerações sobre a língua chinesa e o dialecto de Macau*. Lisboa, 1974.
- ROMANO, Fernando — *Presenza portoghese in Malacca*. In: *Cultura nel Mondo* (Roma), ano XXV, n.º 5-6, Setembro-Outubro de 1971, p. 9-20.
- WILKINSON, R. J. — *A Malay-English dictionary*. London, 1955.

Reproduções directas da linguagem de macaenses idosos e de meia idade encontram-se numa gravação em fita magnética (e respectiva transcrição dactilografada) existente no Instituto de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Conteúdo: dias da semana e do mês, orações, adivinhas e canções antigas, informações sobre culinária e medicina caseira (*mezinhas*), conversa livre. Gravação que fiz em Macau em 1964.

OUTRAS OBRAS ACIDENTALMENTE CITADAS (1)

- BATALHA, Graciete Nogueira — *Aspectos do folclore de Macau*. Separ. do *Boletim do Instituto Luis de Camões*, vol. II, n.º 2. Macau, 1968.
- BACARRO, António — V. Boxer.
- BOXER, C. R. — Edição integral de *Ásia Sínica e Japónica* (V. obras consultadas). Macau, 1941 (vol. I) e 1950 (vol. II).
- BOXER, C. R. — *Macau na época da Restauração (Macao three hundred years ago)*. Macau (Imprensa Nacional), 1942. (Inclui a descrição de Macau por António Bocarro).
- Dicionário de Nagasaki* — V. *Vocabylario de lingoa de Iapam*.
- Dicionário tétum-português* — *Impresso em Macau sob a direcção do Cónego Manuel Patrício Mendes (Segundo os trabalhos do Rev. Manuel Mendes Laranjeira e do mesmo Rev. Manuel Patrício Mendes, ex-missionário de Timor)*. Macau, 1953.
- DOTY, Edith Aultman — *A glossary of "Filipinismos" in the Spanish Language found in Philippine Publications of the period 1890-1920*. University of Michigan, 1958.
- FIGUEIREDO, Cândido de — *Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa, 9.ª ed.

(1) Não se incluem as abonações colhidas em Dalgado, *Glossário luso-asiático*, Marques Pereira em *Ta-Ssi-Yang-Kuo*, ou nos dicionários da língua portuguesa.

- GOMES, Luís Gonzaga — *A arte europeia na corte de K'in Lông*, em *Renascimento*, I, n.º 6. Macau, 1943.
- GOMES, Luís Gonzaga — *Festividades chinesas*. Colecção “Notícias de Macau”. Macau, 1953.
- GOMES, Luís Gonzaga — *Relação da Grande Monarquia da China do Padre Alvaro Semedo* — Traduzida do italiano por Luís G. Gomes. Colecção “Notícias de Macau”. Macau, 1956.
- GOMES, Luís Gonzaga — *Páginas da historia de Macau*, Col. “Notícias de Macau”. Macau, 1966.
- HERKLOTS, G.A.C. — *Hong Kong birds* (Printed in *The South China Morning Post*). Hong Kong, 1957.
- Kenkyusha's New Japanese-English Dictionary*, American edition. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1942.
- KNOWLTON, Edgar C. — *Antão de Proença's Vocabulário tamúlico lusitano: Indo-Portuguese elements*, em *Tamil Culture*, vol. XI, n.º 2, Abril-Junho 1964.
- KNOWLTON, Edgar C. — *Portuguese-Tamil linguistic contacts* (Proceedings of the first International Conference of Tamil Studies, vol. II). Kuala Lumpur, 1966.
- Jornal Unico* — (*Celebração do 4.º centenário do descobrimento do caminho marítimo para a India por Vasco da Gama*). Macau, 20 de Maio de 1898. (Contém O “patois” de Macau e outros artigos).
- RIBEIRO, Bernardim — *Menina e Moça*. Reprodução da ed. de Colónia de 1559, apud Júlio Martins e Jaime da Mota, *Selecta literária*, vol. II, Lisboa, 3.ª ed.
- TEIXEIRA, P.º Manuel — *Falando português com um inglês que não sabe português*, em *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*. Macau, Janeiro de 1958.
- THOMPSON, Robert W. — *Pidgin words; Pidgin language; Let's take the Hong Kong word*. Série de artigos publicados no jornal *The China Mail* de Hong Kong, ao longo do ano de 1958.
- VIDIGAL, José da Silva — *Catálogo de peixes comestíveis de Macau*. Lisboa, 1959.
- Vocabulário de lingua de Iapam com a declaração em Portugues feito por alguns Padres e Irmãos da Companhia de Iesu*. Nangasaqui... MDCIII. Editado por Iwanami Bookstore. Tokyo, 1960.
- WELL, G. B. — *Dictionary of colloquial Tamil*. Colombo, 1932.
- WINSTEDT, Sir Richard — *A practical Malay-English Dictionary*. Kuala Lumpur, Singapore, 1964.

ÍNDICE DE VOCÁBULOS (1)

1) PALAVRAS DE ENTRADA DO GLOSSÁRIO

<i>abacate</i> , 23	* <i>acung-a</i> , 26
<i>abano</i> , 23	* <i>acúnga</i> , 26
* <i>ablô</i> , 24	* <i>acun-ha</i> , 26
* <i>abulô</i> , 24	* <i>adape</i> , 26
<i>abusadeira</i> , 24	<i>ade</i> , 26
<i>abusador</i> , 24	<i>ade salgado</i> , 27
<i>abuta</i> , 25	<i>adufa</i> , 27, 295
<i>achar</i> , 25	* <i>afete</i> , 28
<i>achém</i> , 26	<i>afião</i> , 29
* <i>a-cúnga</i> , 26	* <i>afogosa</i> , 29

(1) Não me sendo possível, devido a absorventes ocupações profissionais, e porque exigia grande dispêndio de tempo, elaborar um índice dos vocábulos, o Dr. João Paulo V. de Paiva Boléo teve a amabilidade de se encarregar dessa tarefa morosa, ingrata e difícil. Para ele vão os meus melhores agradecimentos, assim como para seu Pai, Senhor Doutor Manuel de Paiva Boléo, Director da *Revista Portuguesa de Filologia*, que além de toda a assistência que me tem prestado na orientação geral deste Glossário e até mesmo na revisão de provas, se deu ao incómodo de rever este índice antes de eu receber as respectivas provas tipográficas.

As palavras estudadas no Glossário, quer as que figuram na sua ordem alfabética, quer as que são mencionadas no interior de cada artigo, foram agrupadas nas seguintes rubricas:

- 1) palavras de entrada do *Glossário do dialecto macaense*;
- 2) palavras indo-portuguesas e malaio-portuguesas;
- 3) palavras inglesas e ásio-inglesas;
- 4) palavras malaias;
- 5) palavras de outras línguas.

É evidente que, mesmo para a autora, esse agrupamento se tornava por vezes incerto, devido aos problemas que põe o étimo e o uso de algumas palavras. No entanto, apesar das deficiências que um leitor mais exigente nele encontrará, creio que, juntamente com o índice de assuntos que elaborei, ele constitui um útil instrumento de trabalho para os estudiosos da expansão da língua portuguesa no Oriente.

Conforme já se escreveu na p. 19, o asterisco precede os termos que não são registados no *Glossário luso-asiático* de Rodolfo Dalgado e no *Grande dicionário da língua portuguesa* de Morais, 10.^a ed.. (Nota da autora).

- *afogoso*, 29
agar-agar, 29
**agradado*, 30
**agrom*, 30
águ, 30
água de arroz, 31
**aguar*, 34
**aguchão*, 31
águila, 34
**aiá!*, 35
alcauzias, 35
alecrim, 36
**alfureca*, 36
algodão, 36
algodoeiro, 36
alho macho, 37
almis, 37
alo macho, 37
**alosma*, 38
aluar, 38, 295
ama, 40
**ambá*, 40
**ambaque*, 40
**amechom*, 41
**amestê*, 41
**amochai*, 42
amoque, 41
amor, 42
**ampaz*, 43, 296
**amui*, 43
**amui baleu*, 43
**amuirona*, 44
**ancusa*, 44
andorinha, 44
andorinho, 44
**anidiu*, 45
anona, 45
apa, 47
**apa-bico*, 47
**apa-muchi*, 48
**apó*, 48
**aporona*, 48
**arão*, 49
areca, 49
**aronça-aronça*, 50
**arroz branco*, 51
**arroz carregado*, 51
**arroz chau-chau*, 51
**arroz de força*, 52
**arroz gordo*, 52
**arroz grosso*, 52
arroz pilu, 52
arruda, 53
**arviro*, 53
árvore de pagode, 55
árvore de panha, 54
árvore de S. José, 54
asa, 55
asa amarelo, 56
asa de peixe, 55
assafata, 56
**assilai*, 56
assim, 56
**atachamento*, 56
**atai*, 57
**auabi*, 58
**auto china*, 57
**auto de pau*, 58
**azabicha*, 58
**azedo*, 59
**azeite de pau*, 59
babá, 60
**babachai*, 61
**babalua*, 61
**babanino*, 62
babau, 62, 296
**bacarado*, 62
bacia, 62
bafado, 63
**bafassá*, 63
bafo comprido, 63
bagate, 63
**bagi*, 64
**baião*, 64, 296
baju, 64
bulachão, 65
balancaz, 65, 296
balchão, 65
balechão, 65
haleu, 66

- balichã*, 65
balsa, 67
bambu, 67
bambueira, 68
haniane, 68
**bantu*, 69, 296
barba, 69
**batê-cu*, 69
**bater bacia*, 70
**bater cabeça*, 70
bática, 70
hazar, 70
hebinca, 71, 297
bebinga, 71
beço, 71
**belis*, 71
**beliz*, 71
**beliz maroto*, 72
bem feito, 72
bétele, 73
**bétele vestido de casamento*, 73
biba, 73
bicho, 74
**bicho-bicho*, 75
**bicho-dachim*, 75
bicho-mar, 75
**bicho-mel*, 75
**bicho-nune*, 76
**bico-chumbo*, 76
**bife pó-bolacha*, 77
**bife pó-bolacho*, 77
bilimbi, 77
**bisbim*, 77
bobo, 78
**boboriça*, 79
hobra, 79
bobra-guiné, 79
boceta, 80
bola venenosa, 80
bolacho, 80
**bolacho-soda*, 80
**bolo amante*, 81
**bolo bate-pau*, 81
**bolo entena-podre*, 82
**bolontrão*, 83
**bolontom*, 83
**bolo reva*, 82
**bolo sarã-surabe*, 82
**bolo supião*, 82
homboli, 84
**honcô*, 84
boniteza, 84
honza, 84
honzo, 84
**boquizar*, 297
botar, 85
botica, 85
boy, 86
brajero, 87
**brasel*, 87
**brasiê*, 87
brede, 88
**brede raba-raba*, 88
**brede rava-rava*, 88
brinco, 88
brulhar, 89
bucho de peixe, 89
bufra, 89
bugio, 90
huiã-bico, 90
huião, 90, 297
bule-bule, 90
**bule-bule batê-cu*, 91
**bur-bur*, 91
burra, 91
burro, 91
cabaia, 92
cabeça, 93
**cabeça-de-bonzo*, 93
**cabelo de bonzo*, 94
**cabuz*, 94
cacada, 94
**caçada*, 95
**cacai*, 95
**cachipe*, 96
**cachipiado*, 96
**cachir*, 95, 297
**cachivachi*, 97, 297
cachorro, 97
cacoeta, 98

- *cacus*, 98
**cadacê*, 99
cadera, 99
cafelar, 99
cafelo, 100
cafre, 100
cafular, 99
caia, 100
caixa, 101
caixão, 102
caixão-terno, 102
**cajão*, 102
**calça-moura*, 102
camalenga, 103
cambalenga, 103
cambrám, 103
**cambrám mizona*, 103
**camechó*, 104
**camessé*, 104
**camessó*, 104
camisa-meia, 104
canarim, 104
**cancã*, 104
cancom, 105
candêa, 105
candêa cera, 105
candia, 105
candia cera, 105
candia esparmecete, 106
canga-pêlo, 106
canji, 106
capa, 107
capaz, 107
**cape*, 107
**capido*, 107
**capir*, 108
captain, 108
cáqui, 108
cará, 108, 298
**cara de apa*, 109
carambola, 109
carreta, 110
**cash*, 111
**cate*, 111
catiaca, 111
**catravada*, 112
**catupá*, 112
**cauri*, 113
caxão, 113
**caxão-terno*, 113
cento, 114
cerar, 114
chá, 114
chá gordo, 298
chacá, ver *chacar*
**chacar*, 117
**chacarar*, 118
chacha, 118
**chacha*, 118, 298
cha-chau, 119
**chachini*, 119
chado, 119
**chalá-chalá*, 120
chale, 121
chamelote, 121
**chaminica*, 121
champaca, 121
**champorar*, 122
chapa, 122
**chapéu de padre*, 123
**chá-pom chá-pom*, 123
**cháqui-cháqui*, 123
chareta, 124
**chatini*, 119
**chatom*, 124
**chau*, 125
chau-chau, 125
**chau-chau lau-lau*, 126
**chau-chau pele*, 126
**chencau*, 127
**cherindê*, 127
**chichai*, 141
chicote, 128
**chicu*, 128
**chile-miçó*, 128
**chile-mosquito*, 128
**chilicate*, 128
**chilicote*, 129, 298
chimpar, 129
**chinha*, 130

- *chinchão, 130
 chin-chin, 130
 *chintói, 131
 *chipe-chipe, 131
 *chipim, 131
 *chipir, 132
 chiquí, ver *chacar*
 *chiquia, 133
 *chiquir, 134
 *chiribito, 135
 chiripo, 135
 *chirir, 136
 *chisco, 136
 *chi-su, 137
 chito, 137
 Chito, 137
 *chivit, 138
 *choa, 138
 *chocorrir, 138
 *choler, 139
 *cholido, 140
 *choncar, 140
 *chope, 140
 *chubidela, 141
 *chubir, 141
 *chuchai, 141
 *chuchumeca, 142
 *chuchundo, 142
 *chuchur, 143
 *chumbino, 143
 chunambeiro, 144
 chunambo, 145
 chupa, 145
 *cifar, 145
 *cissir, 146
 *clu-clu, 146
 cobertor, 147
 *cobreiro, 147
 coco, 147
 colau, 148
 colcha, 149
 colcha-papa, 149
 colcha-pena, 149
 *columbar, 149
 *comoa, 149
 comprador, 150
 compradore, 150
 compridão, 151
 condorim, 151
 *conventona, 151
 *copo-copo, 151
 *coqueira, 151
 coquinho, 152
 corcha, 152
 cordial, 152
 corê andorinho, 298
 correr andorinho, 298
 corte, 153
 coscorão, 299
 *cote, 153
 *cotê, 153
 couve coco, 154
 côvado, 154
 *creia-creia, 154
 *cria-cria, 154
 crioula, 155
 cucus, ver *cuscus*
 *cudum, 155
 cule, 155
 cunlin, 155
 *curum, 156
 *cusaçuso, 156
 cuscus, 156
 cuspidor, 157
 custar, 157
 cutão, 157
 *cute, 158
 *cuti, 158
 *cutiar, 158
 *cuti pião, 159
 dachém, ver *dachim*
 dachim, 159
 daia, 160
 *daiom, 161
 dále, 161
 *dangeroso, 162
 Deusalembirá, 162
 Deusa lembirá, 162
 *desentom, 162

- devinhação*, 162
devinhar, 162
**diabo-cacinha*, 163
diospiro-de-água, 163
dó, 299
doce, 163
doce vestido, 164
dodol, 165
**dom-dom*, 165
**dozelado*, 166
drento, 167
**elar*, 167
**emado*, 167
**emar*, 168
embarcação, 168
empada, 168
**em pido*, 169
**empido*, 169
encher, 169
enchido, 169
engajamento, 169
engajar, 169
**entafular*, 170
entena, 170
**entiçar*, 170
**esgrabulhado*, 171
**esgrabulhar*, 171
esmargal, 171
**espitune*, 171
**estrica*, 171
**estricar*, 172
**fação*, 174
faichi, 172
**faifom*, 173
**faifum*, 173
fantane, 173
farinha pau, 174
farte, 174
**fá-sã*, 174
**fá-sam*, 174
**fá-são*, 174
**fata-fata*, 175
fatião, 175
**febre motian*, 175
fêde, 176
ferrado, 176
ferrar, 176
figo, 177
**figo capote*, 177
fico caque, 177
figo cáqui, 177
**figo cheiroso*, 178
**figo da horta*, 178
**figo vilão*, 178
figueira, 179
filo, 179
**filho trás de porta*, 179
**fio mezinha*, 180
flor, ver *fula*
flor de S. João, 180
**florestia*, 180
**florestiar*, 181
**fluqueiro*, 181
**fluquice*, 181
fókei, 181
fóki, 181
**fola de olado*, 181
**folha dois cores*, 182
**folha duas cor*, 182
**folha duas cores*, 182
**fontão*, 182
**fóquei*, 183
fóqui, 183
fora, 183
fula, 183
fula coco, 183
fula figo, 184
fula freira, 184
fula fresca, 184
fula merenda, 184
fula mogarim, 184
fula mutre, 184
fula de S. João, 180
fula papaia, 185
fula pavão, 185
fula pedo, 185
fula sapateiro, 185
fula unha, 186
**gafinhar*, 186
**galado*, 186

- *gambel*, 187
**gamem*
**gamên*, 187
**gandola*, 188, 300
ganeiro, 188
ganero, 188
ganga, ver *canga*
ganime, 189
ganta, 189
gargu, 189
**gato som-som*, 189
**gingli*, 190
godão, 191
**gom-gom*, 191
**gonchom*, 192
gondom, 192
**gorogotar*, 192
guinde, 193
**gunde*, 193
gúni, 193
**gurunhar*, 193
**helar*, 194
hortelão, 194
**hortelão de sopa*, 194
**hortelão de figo de Portugal*, 194
**hortelão de vento*, 195
**hortelão malavar*, 195
inhame chicu, 195
io, 195
iou, 195
jaca, 196
jambo, 197
jamboa, 198
jambolão, 198
jangom, 199
**labitar*, 199
**lacassá*, 199
**ladrão-pinto*, 200
ladu, 200
laichia, 204
**laissi*, 201
**lampita*, 202
**lanchai*, 202
lape, 107, 202
lapes, 202
lapitar, 202
laranja pagode, 203
**lau-lau*, 203
lechia, 204
leia, 203
**lencó*, 203
**leonfane*, 204
**leonfaneiro*, 204
lichia, 204
**lichim*, 205
**lingau*, 300
liu-liu, 205
**logomente*, 206
longane, 206
lorcha, 206
lorcha-poton, 207
**loupacou*, 208
maçã nanquim, 208
maçã vermelha, 208
macaio, 209
macaísta, 209
mação nanquim, 208
mação vermelho, 208
**macazote*, 209
macupa, 209
mai, 210
**mai de casa*, 211
mainato, 211
**mamá*, 211
mámi, 211
manduco, 211
**mangerial*, 212
mangicã, 212
mangostão, 212
mano, 213
**manquenfum*, 213
**mão comprido*, 214
**mão-cuti*, 214
**mão-de-buda*, 214
**mão-fechado*, 215
**mão p'ra trás*, 215
**mão-tanto*, 215
**mapeça*, 215
**mapeçoso*, 215
**maquinfum*, 213

- marado*, 215
**marcazote*, 209
**mardigota*, 216
margicã, 212
margiricão, 212
margoso, 216
margoseira, 216
maroto, 216
masqui, 217
mas qui, 217
**mata-moça*, 218
matar-morrer, 218
mate, 218
maz, 218
**mechar*, 219
melua, 219
mestê, 219
**mestre china*, 220
mezinha três pau, 300
miçó, 220
miçó cristão, 221
**minape*, 221
**minche*, 221
**mintói*, 221
**misco*, 222
moça, 222
mizar-coar, 222
**mocorô*, 223
mogarim, 223
**mol-mol*, 223
**mongus*, 224
mordicim, 224
**motiã*, 175
**motião*, 175
**múchi*, 224
mui, 225
**mui*, 225
**mui cafre*, 225
**mui garganta*, 225
mungarim, 223
mungo, 226
**murum*, 226
**mutião*, 226
mutre, 226
**ná*, 227
nádi, 227
na más, 228
nascer, 228
nele, 228
nhame, 229
nhame chicu, 229
nhi, 229
nhim, 229
nhom, 229
nhonha, 230
nhonhonha, 230
nhum, 230
ninho de pássaro, 232
ninho de pastro, 232
**nome de casa*, 231
**nomestê*, 300
non tem nada, 231
**nono*, 232
**novileiro*, 231
**nuncaçá*, 232
**nuncamçá*, 232
**nuncassá*, 232
**nuno*, 232
ocá, 233
ola, 233
olhar, 234
olho, 234
olho bambu, 234
olho de figueira, 234
olho-dêcu, 234
**omsong*, 234
**onçom*, 234, 289
**onde-onde*, 235
**onsom*, 234
**onsong*, 289
onzeletra, 235
**orelha de rato*, 235
**oteu*, 236
**ova de aranha*, 236
**ovo podre*, 236
**ovo preto*, 236
ovo salgado, 236
pacapiu, 237
**pacfanista*, 237
**paço*, 237

**paço-buião*, 237
**paço-dente*, 238
pagode, 238
**pai-avô*, 238
**pak-fanista*, 238
**palang-palang*, 239
**palā-palā*, 239
pancá, 239
panchão, 239
panha, 240
**pano-manila*, 240
**pão*, 241
**pão de casa*, 241
**papel-pagode*, 241
**pagode-vento*, 241
**pápi*, 242
papiar, 242
**parabiça*, 242
parão, 242
**parcagem*, 243
**parcar*, 243
pasquim, 243
pastro, 243
pataca, 243
pateca, 244
**patinga*, 244
**patoco*, 245
patoá, 245
**pau*, 246
**pau sibocau*, 246
pavio china, 246
pece, 247
**pedente*, 247
pedrume, 247
peixe esmargal, 247, 301
**peixe qui-quit*, 248
pê-mã, 248
**pê-mám*, 248
pensão, 248
pero de Nanquim, 248
pescu, 249
pé solto, 249
pêsse, 247
**pichote*, 249
pico, 250

**pilar*, 250
pilizar, 250
pinga, 250
pintura, 251
**pipis*, 251
**piti-potoc*, 251
pó branco, 252
ponto, 252
**ponto sorte*, 252
porcelana, 252
porco chau-chau parida, 253
portuguesado, 253
postar, 253
potão, 253
potom, 253
**prestada*, 253
pulu, 254
puntão, 253
pussá-bafado, 254
**putau*, 254
**quachi*, 254
**quarentora*, 255
queimão, 255
queique, 255
quimão, 255
quinzena, 256
**quitiz*, 256
quit-quit, 248
**raba-raba*, 256
**rabão*, 257
**rabichar*, 257
**rabita*, 257
rabo, 257
**rabocenga*, 257
**rabo de porco*, 257
**rabucenga*, 257
rafundir, 258
ramede, 258
ramendá, 258
**raspa de veado*, 258
**raspiate*, 259
**respiate*, 259
**restrate*, 260
ronça-ronça, 260
rostir, 261

- rota*, 260
**rotear*, 260
rustir, 261
sa, 261
**sabsana*, 301
**saião*, 262
**saicó*, 262
samatra, 263
**samatrada*, 263
**sambal*, 263
**same-lan-ché*, 264
**same-nam-ché*, 264
sanco, 264
sandé, 264
**santã*, 264
**santão*, 264
sapão, 265
sapeca, 265
saraça, 265
**sarai-marai*, 266
**sarai-murai*, 266
**sarambau*, 267
**sarã-murum*, 266
**sarangom*, 267
**sarã-saravo*, 267
**sará-saru*, 268
**sarã-surabe*, 267
**sarã-surabê*, 267
**sarã-surave*, 267
**sarã-surável*, 267
**savan*, 268
**sencap*, 269
sendê, 264
siara, 269
sibocau, 269
**sincap*, 269
**sipute*, 270
**sissica*, 270
**sium*, 270
sombrelo, 270
**som*, 271
**song*, 271
**sós*, 271
sucam, 271
sucão, 271
sugar, 272
supiã, 272
supiãõ, 272
supo, 272
sutate, 272
suzo, 273
tacada, 273
tacho, 273
tacó, 274
tacós, 274
tael, 274
tafu, 278
tafulá, 274
tagalhã, 275
tagalhãõ, 275
**taipane*, 275
**taipanada*, 275
**tai-siu*, 275
talú, 279
tamarinho, 276
**tambar*, 276
tambar tacho, 276
tambrinho, 276
**tampipe*, 276
tancá, 277
tancar, 277
tancareira, 278
tancareiro, 278
**tapilu*, 278
**tapus*, 302
tapus de figo caque, 302
taucó, 274
taucóc, 274
**taufú*, 278
**taulu*, 279
**tchá tong*, 279
**tempra*, 279
**terno*, 280
terno, 280
tião, 280
**tiffin*, 281
**tiffinar*, 281
**timbil*, 281
tim-tim, 281
**tingili*, 282

- tin-tim*, 281
**titir*, 283
toc-toc, 302
**tom-tom*, 283
**tom-tom-mom-tom*, 283
**tong-tong-mong-tong*, 283
**tontom*, 283
**ton-tong-piang*, 288
torrar, 284
tratamento, 284
tratar, 284
trate, 284
tudum, 285
tufão, 287
**turum*, 287
**tu-tum-piám*, 288
**ucho*, 288
**unchinho*, 289
unãa, 289
ung-a, 289
ungha, 289
**ungsong*, 289
**unsom*, 234, 289
**umsong*, 234
**upar*, 290
**vangugado*, 290
**vangugear*, 290
**vantu*, 291
vento, 291
ver, 292
**vinho ladrão*, 292
**virar beço*, 292
**visaga*, 293
xale, 293
xareta, 124
**xáxá*, 118
**Zip*, 293
**zapi catape*, 293

2) PALAVRAS INDO-PORTUGUESAS E MALAIO-PORTUGUESAS (1)

- achêm*, 26
adi, pap., 26
ag, 30
ágar-ágar, 27
alúa, 39
alvá, 39
amouco, 41
anfião, 29
apa, 47
avan', 24
babá, 60
babazinho, 62
dachêm, 26
bafada, 63
bagata, 64
bangue, 290
bangueiro, 290
baniana, 68
bilimbim, 77
bombilim, 84
bombolim, 84
búfara, 89
búfaro, 89
bufrinh', 89
bulbulo, 91
burbulo, 91
cacad, 94
caçara, 152
cacus, pap., 98
caixa, 101
cambrão, 103
canarim, 104
casta-basso, pap., 297
cauri, 113
caurim, 113
chacha, 118

(1) As palavras malaio-portuguesas, ou do papiá cristão, são assinaladas neste índice com a abreviatura pap.

- chado*, pap., 120
cherêta, 124
chirêta, 124
cheteni, 119
chiado, 120
chicorero, pap., 139
chingalá, 191
chinglá, 191
chipe, 131
chipo, 131
chipê, pap., 131
chircate, pap., 129
chiripo, 135
chito, 137
cholê, pap., 139
chucha, pap., 298
chunambeiro, pap., 144
chuname, 145
cifa, 146
coquinha, 152
ema, 167
esmargal, 301
gamber, pap., 187
gargó, 189
gondão, 192
goni, 193
gune, 193
kerá, pap., 298
jagrada, 118
laque, 200
laquessá, 200
marquesota, 209
mate, 218
moli, 223
mordexim, 224
ola, 233
pancá, 239
pastro, pap., 243
patinga, 245
rajaputro, 259
rajputo, 259
rasbuto, 259
resbuto, 259
sangola, pap., 267
sepayqua, 265
supo, 272
tendelim, 282
tizela, pap., 237
unsong, pap., 235
zelo, pap., 165

3) PALAVRAS INGLESAS E ÁSIO-INGLESAS

- attachment*, 57
boy, 86
cake, 255
cash, 111
chow, 126
chow-chow shop, 126
chop, 122-123, 140
chunam, 145
chutni, 119
cock-eyed, 95
coolie, 155
court, 153
daddy, 242
dangerous, 162
emu, 167
engage, 170
engagement, 169
entice, 170
fat, 28
fluke, 181
gingle, 190
godown, 191
gunny, 193
gunny sack, 193
hard up, 26
honey-dew, 45
house-boy, 86
humbug, 40
mammy, 211
maskee, 217
mashkee, 217
mince, 221

park, 243
picture, 251
pontoon, 207
post, 253
roast, 261

sauce, 271
spittoon, 171
tiffin, 281
tiffing, 281
typhoon, 287

4) PALAVRAS MALAIAS

agar-agar, 29
amah, 40
ambek, 41
amoq, 42
amuk, 42
apam, 47
arong, 51
baju, 65
balachan, 66
balachang, 66
balai, 67
balimbing, 77
bangut, 69
bayam, 296
belangkas, 296
bilis, 71
bingka, 71, 297
blangkas, 296
bongkok, 84
bulan-terang, 84
buyong, 237, 297
caccaa, 298
chachah, 118
chachat, 119
chadek, 120
chakka, 197
chak-pong-pong, 123
chalang-chalang, 120
chekah, 117
chekak, 117
chekeh, 117
chekek, 135
chekok, 117
chelekati, 129
chélakuti, 298
chelis, 129

cheridawn, 128
chinchang, 130
chirik, 136
chirit, 135, 136
chirit-birit, 135
cholek, 139
cholet, 139
Choli, 157
chubit, 141
chuchok, 143
chupak, 145
daching, 160
dayong, 161
dodol, 165
dondon, 166
éla, ver *héla*
galak, 187
gambir, 187
gantang, 189
geti-geti, 190
gonchang, 192
gondang, 192
gondong, 192
gudang, 191
guntil, 193
guru, 193
halwa, 295
hampas, 43
hantu, 291
hara-biru, 53
héla, 167
ikan bilis, 71
istrika, 172
jagong, 199
jambua, 198
kachang, 102

- kachip*, 96
kachit, 297
kajang, 102
kakus, 98
kanduri, 151
kang kang, 105
kangkong, 105
kapis, 108
karat, 109
karkus, 98
kechik, 97
kechil, 97
keji, 97
keréta, 110
keréta bechak, 110
ketap, 294
ketiak, 112
ketupat, 113
kudong, 155
kukus, 156
kupu-kupu, 151
kurong, 156
kutang, 157
kutil, 158, 214
laksa, 200
lapis, 202
lichin, 205
lauk, 126
lauk pauk, 126
mangistan, 213
manggustan, 213
murong, 226
nonya, 230
nyah!, 227
nyonya, 230
ondeh, 235
orang chachat, 119
paku, 265
palang, 239
pala-pala, 239
parang, 242
pasu, 237
pikul, 250
pipis, 251
punggah, 251
pulut, 254
puntoq, 207
rotang, 260
sa, 265
sambal, 263
sangku, 264
santan, 264
sapang, 265
sarang, 266, 267
sarásah, 266
sarat, 268
sarut, 268
sawan, 269
sayang, 262
serabai, 267
serampang, 267
seranggong, 267
serindit (1)
shok, 139
siput, 270
sisil, 146
sukun, 271
tahil, 274
tambal, 276
tampi, 277
tembel, 281
teratai, 285
terong, 83
terong-masam, 83
titir, 283
tudong, 285
turun, 288
ukas, 233
wajek, 64

(1) Esta palavra, não inserida no corpo do Glossário, ocorreu-me posteriormente como o étimo mais provável de *cherindê*, q.v. Cf. *Wilkinson*, *serindit*, “love-bird” e papiá *serindê* ou *serendê*, com o mesmo sentido, (Nota da autora).

5) PALAVRAS DE OUTRAS LÍNGUAS

- achar*, persa, 25
afium, ár., 29
appam, drav., 47
arabiru, tétum, 54
arbiru, tétum, 54
awabi, jap., 58
bā bā, turco, 61
bang, persa, 290
bazar, persa, 71
bebincam, tagalo, 297
bét, conc., 68
bibingka, tagalo, 297
bhôi, conc., 86
hisagra, esp., 293
bombil, conc., 84
bonzi, jap., 85
bonzô, jap., 85
bo-zi, jap., 85
brassière, fr., 87
bul-bul, persa, 91
chadmin, sânsc., 120
chaká, ternateño (crioulo espanhol),
 117
chakka, malaiala, 197
chaṣni, hindust., 119
chelakuti, tam., 129
cherippu, tam.-malaiala, 136
cheṣni, conc., 119
chiraṣṣa, tam.-malaiala, 124
chit, tam., 137
chitty, tam., 137
chyad, conc., 120
ṣūrpa, sânscr., 272
gāḍgá, mar., 189
gāḍgó, conc., 189
gateau, fr., 190
gindi, conc. e mar., 193
gon, conc.-mar., 193
hashi, jap., 172
haxi, jap., 172
jambu, sânscr., 198
kaia, jap., 101
kakhuis, hol., 98
kaki, jap., 178
kakus, tam., 98
kakus kāmara, tam., 98
kati, mal.-jav., 111
ka-ya, jap., 101
lādū, conc., 201
mas, mal.-jav., 219
māṣa, sânscr., 219
māti, conc.-mar., 218
miso, jap., 220
mogrém, conc.-mar., 223
mogrí conc.-mar., 223
mort-de-chien., fr, 224
mrttikā, sânscr., 218
mūg, conc.-mar., 226
mūng, hindust., 226
nona, jav., 230
nuno, jap., 232
pakṣa, sânscr., 239
pankha, neo-árico, 239
pāti, conc.-mar., 245
patois, fr., 245
phūl, neo-árico, 183
quimono, jap., 256
rapiat, fr., 259
saifa, ár., 146
shippi, tam., 131
siri-katti, tam., 129
sutate, jap., 273
sombrero, esp., 270
sūp, conc.-hindust., 272
tcha-ki, cor., 133
tendli, 282
tjye-ki, cor., 133
tufan, ár., 287
typhon, gr., 287
xoyu, jap., 272
zip, amer., 293
zipped, amer., 293
zipping, amer., 293

ÍNDICE DE ASSUNTOS

I — ALIMENTAÇÃO

a) CULINÁRIA

- achar*
açúcar pedra — v. *balsa*
ade cabidela — v. *ade*
ade salgado
água de arroz
almis
**ampaz*
apa
**apa bico*
**apa-muchi, apa-muchi-coco*
**arroz branco*
**arroz carregado*
**arroz chau-chau*
**arroz gordo*
asa de peixe; sopa de —
**bafassá*
balchão
bebinca; — de arroz pulu; — de batata; — de rábano
**bife pó-bolacha*
bolacho
**bolacho-soda*
**bredo raba-raba*
bucho de peixe
**cabeça de bonzo*
canji
**cará; — de arroz; — de alua*
**caranguejo chau-chau parida — v. porco —*
**catupá*
**chachini*
**chà gordo — v. chá*
**chapéu de padre*
chau-chau
**chau-chau pele (e outros ch.-ch.)*
**chile-miçó*
**chilicote*
**chinha*
**chintói*
colau
cuscus; caldo —; peixe —
farinha de arroz pulu
farinha pau
ferrar
**lacassá; sopa de —*
**loupacou*
miçó
miçó-cristão
**minche*
**muchi*
ninho de pássaro; sopa de —
**ovo podre, ovo preto*
ovo salgado
peixe esmargal — v. Corr. e Aditamentos
**pipis*
pó-bolacha — v. bife —
porco bafassá — v. bafassá
porco chau-chau parida
porco balichão tambrinho — v. tambrinho
rosca melua — v. melua
**sambal*
**santã*
**som*
**sós*
sutate
tacho
**tapilu*
**taufu*
**tempra*

6) PALAVRAS CHINESAS (1)

am chông, 41
a mui, 43, 44
a p'ó, 48, 49
a tai, 57
chái, 94
châi, 42, 61
cha-la, 120
cha-la fông, 120
ch'á tong, 124
ch'áu, 125
châu, 125
ch'eng, 160
ch'en-ch'eng, 130
cheng káu, 127
ch'eong hei, 63
cheong sám, 92
ch'i kú, 128
chin tui, 131
chi-sat, 52
chi sou, 137
chong, 140
ch'ông mei-mei, 76
chôn káu, 127
ch'ou, 138
ch'ou chi, 241
chü chai, 142
faichi, 172
fai fông, 173
fai t'eang, 175
fai t'êng, 175
fân kuá, 79
fân lái chi, 45
fân t'án, 173

fát-sân-kâm, 214
fá sang, 175
fat-ch'ói, 94
fó kei, 183
fông tâng, 182
fóquei, 86
há-châng, 34
há-kau, 123
hám tán, 236
hâp ló, 24
ié ch'ói, 154
ièong-t' ou, 110
imai (i mâi), 52
in chi, 133
in ch'ói, 64
kam-sé, 104
kan, 111
kât, 203
kat chái, 203
kóng su péang, 83
kou lâu, 148
kou lâu kwun, 148
kuá chi, 95, 255
kwan, 188
kwân, 188
kwân-hei, 189
la-cha, 120
lâi chi, 204, 205
lán chái, 202
lâp, 107
lap-yôk, 127
lát-chiu, 128
lát-chiu-cheóng, 128

(1) Romanização segundo a pronúncia do dialecto cantonense.

NOTA — Por lamentável extravio das respectivas provas tipográficas, natural nestas viagens de ida e volta das provas entre Coimbra e Macau, não foi este índice impresso na devida altura e incluído no ÍNDICE DE VOCÁBULOS. Junta-se agora em aditamento aos exemplares ainda não distribuídos pelas livrarias, com o pedido de relevação do lapso.

G. Batalha

lei si, 201
leng kók, 203
leóng fân, 94, 204
lin ngâu, 260, 300
lin chi, 285
lin-tsi, 285
liu, 205
lo, 62
lông ngán, 206
lò pak kou, 208
lou, 282
lou-kuât, 74
mái-fan, 199
mán keng fông, 214
má t'ái, 152
mat chou, 208
mat kuá, 45
min náp, 221
min t'ói, 222
môk iau, 59, 60
mông tông, 284
mou in, 133
mui, 'ameixa', 225
mui, 'podre', 225
ná, 227
nei, 74
nei ké t'âu, 93
ngá ch'ói, 226
ngan nim, 187
ni, 74
ong ch'ói, 105
pák fân, 29, 238
pak kap piu, 237
p'à t'éang, 281
p'au cheong, 240
p'êi-p'a, 74
p'êi-p'á-kuó, 74
p'êi-p'á-ip, 24
p'ei tán, 236
pêng, 288
pi-po, 74
pó lôk, 198

p'ôu t'ôu, 209
pun teang, 207
put t'âu, 254
sá chi, 242
sái, 281
sái kó, 263
sái kuá, 244
sám lôn ch'é, 264
sap sam, 302
sá tâng, 242
si iâu, 272
siau-ting, 280
sôi chi, 163
sông, 271
sün, 272
tá-ching, 160
tá fong, 287
tái fong, 287
tái fong, 287
tái pán, 275
tái siu, 276
tá ló, 279
tán ká, 278
tá pin lou, 278
tâu fu, 279
tâu kók, 274
t'éang, 280
t'ék, 133
t'ék kin chi, 133
ting, 280
toh-ching, 160
tôn, 284
t'óng, 288
tong kuá, 103
t'óng náp, 283
t'óng t'óng, 283
t'so, 138
vân, 291
wân yi, 235
yué-ping, 81
yut-peang, 81

b) DOÇARIA

<i>aluar</i>	<i>*cria-cria</i>
<i>*bagi</i>	<i>doce</i>
<i>barba</i>	<i>doce vestido</i>
<i>bebinca de leite — v. bebinca</i>	<i>dodol</i>
<i>*bicho-bicho</i>	<i>empada</i>
<i>*bolo amante</i>	<i>farte</i>
<i>*bolo bate-pau</i>	<i>*gato som-som</i>
<i>*bolo entena-podre</i>	<i>ladu</i>
<i>*bolo reva</i>	<i>*leonfane</i>
<i>*bolo sarã-surabe</i>	<i>*macazote</i>
<i>*bolo supião</i>	<i>*mangerrial</i>
<i>chacha</i>	<i>*onde-onde</i>
<i>*coqueira</i>	<i>*ova de aranha</i>
<i>coscorão — v. Corr. e Aditamentos</i>	<i>*pão de casa</i>
	<i>queique</i>
	<i>*tom-tom</i>

II — ANIMAIS DIVERSOS

<i>ade</i>	<i>cachorro</i>
<i>*batê-cu</i>	<i>*chivit</i>
<i>*bicho-dachim</i>	<i>*copo-copo</i>
<i>*bicho-mel</i>	<i>*galinha cauri — v. cauri</i>
<i>*bicho-nune</i>	<i>*gom-gom</i>
<i>*bico-chumbo</i>	<i>*ladrão-pinto</i>
<i>bugio</i>	<i>manduco</i>
<i>bufra, bufro</i>	<i>*Maria cherindê, Maria pedente —</i>
<i>bule-bule</i>	<i>v. cherindê</i>
<i>bule-bule hatê-cu</i>	<i>pastro</i>

III — EMBARCAÇÕES

<i>*choa</i>	<i>lorcha</i>
<i>barco — v. embarcação</i>	<i>*lorcha-potom</i>
<i>embarcação</i>	<i>sapatião</i>
<i>fatião</i>	<i>tancá</i>
<i>liu-liu</i>	<i>tião</i>

IV — FOLCLORE

Ver citações e referências em:

<i>abusador</i>	<i>águ</i>
<i>ade</i>	<i>*aguar</i>
	<i>alo macho</i>
	<i>aluar</i>

<i>andorinho</i>	<i>*gingli</i>
<i>anona</i>	<i>jambo</i>
<i>*apa-muchi</i>	<i>jambolão</i>
<i>*atai</i>	<i>jangom</i>
<i>*babalua</i>	<i>ladu</i>
<i>balchão</i>	<i>*laissi</i>
<i>*bicho-nune</i>	<i>lichia</i>
<i>bobo</i>	<i>liu-liu</i>
<i>brajero</i>	<i>lorcha</i>
<i>*bur-bur</i>	<i>maroto</i>
<i>cabaia</i>	<i>*mata-moça</i>
<i>cachorro</i>	<i>moça</i>
<i>cafre</i>	<i>mogarim</i>
<i>canarim</i>	<i>nádi</i>
<i>carambola</i>	<i>nele</i>
<i>*catupá</i>	<i>nhame</i>
<i>*chuchur</i>	<i>ocá</i>
<i>*chumbino</i>	<i>pateca</i>
<i>coco</i>	<i>pescu</i>
<i>dále</i>	<i>*pipis</i>
<i>devinhar</i>	<i>*quitiz</i>
<i>*emar</i>	<i>rota</i>
<i>fêde</i>	<i>*saião</i>
<i>figueira</i>	<i>*som</i>
<i>filo</i>	<i>tancareira</i>
<i>fula</i>	<i>*turum</i>

V — HABITAÇÃO E UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS

<i>*abulô</i>	<i>candia esparmecete</i>
<i>adufa</i>	<i>chale</i>
<i>*amechom</i>	<i>*chaminica</i>
<i>balsa</i>	<i>chareta</i>
<i>bambu soprá fogo — v. abano</i>	<i>*chatom</i>
<i>bática</i>	<i>*chilicate</i>
<i>boceta</i>	<i>cobertor</i>
<i>buião</i>	<i>colcha</i>
<i>buiã-bico</i>	<i>colcha-papa</i>
<i>burra, burro</i>	<i>colcha-pena</i>
<i>*cacus</i>	<i>*comoa</i>
<i>caia</i>	<i>*curum</i>
<i>caixão-terno</i>	<i>cuspidor</i>
<i>candia</i>	<i>*daiom</i>
<i>candia cera</i>	<i>entena</i>

* <i>espitune</i>	<i>parão</i>
* <i>estrica</i>	<i>porcelana</i>
* <i>estricar</i>	* <i>putau</i>
<i>faichi</i>	<i>sanco</i>
* <i>fontão</i>	<i>supo</i>
<i>gargu</i>	<i>tacho</i>
<i>godão</i>	* <i>tampipe</i>
<i>guinde</i>	* <i>tapus</i> — v. Corr. e Aditamentos
* <i>mintói</i>	* <i>tchá-tong</i>
* <i>paço</i>	* <i>terno</i>
* <i>paço-buião</i>	<i>visaga</i>
* <i>paço-dente</i>	<i>xale</i>
<i>pancá</i>	<i>xareta</i>

VI — JOGOS E DIVERTIMENTOS

<i>alcanzias</i>	<i>corta-corta</i> — v. <i>sarangom</i>
<i>andorinho</i>	<i>cortar papagaio</i> — v. <i>fio mezinha</i>
* <i>auto-china</i>	* <i>cuti-pião</i>
* <i>auto de pau</i>	<i>pacapiu</i>
<i>balsa</i>	<i>panchão</i>
<i>bobo; àqui</i> —; <i>comédia de</i> —; <i>vestir</i> —	<i>pintura</i>
<i>bola venenosa</i>	* <i>ponto-sorte</i>
* <i>chiquia</i>	* <i>sarangom; largar</i> —
* <i>chocorrir</i>	* <i>tai-siu</i>
* <i>clu-clu</i>	* <i>taulu</i>
<i>correr andorinho</i> — V. Corr. e Aditamentos	* <i>turum</i>

VII — MEDICINA CASEIRA E SUPERSTICIOSA

a) DOENÇAS

<i>ar, mau ar</i>	* <i>manquenfum</i>
* <i>agrom</i>	* <i>mardigota</i>
* <i>azedo</i>	<i>mordicim</i>
<i>bagate</i>	<i>olhado, mau olhado</i> — v. <i>bugio, fola de olado</i>
<i>criança bugio</i> — v. <i>bugio, manquenfum</i>	* <i>savan</i>
* <i>faifum</i>	* <i>timbil</i>
* <i>febre motian</i>	* <i>vantu</i>
* <i>gondom</i>	<i>vento, mau vento</i>
	<i>vento marado</i> — v. <i>vento</i>
	<i>vento suzo</i> — v. <i>faifum, jambolão</i>

b) MEZINHAS

chá; — de doutor *Pitter*; — de portelã de sopa; — de pêlo-pé; — de peso; — patricio; — *seng kap* fumação de alecrim — v. *alecrim*
mezinha faifum; *faifum de flato* — v. *faifum*

mezinha manquenfum — v. *manquenfum*

mezinha pedrume — v. *pedrume*

mezinha para torcedura — v. *coco*

mezinha para torçor de barriga — v. *restrate*

mezinha sabsana — v. *sabsana*

mezinha savan — v. *savan*

mezinha três pau — v. Corr. e Aditamentos

mezinha vento — v. *vento*

raspar mordicim — v. *mordicim*

suador fresco — v. *chá de peso*

suador de constipação — v. *raspa de veado*

suador de vento — v. *vento*

**vinho ladrão*

c) INGREDIENTES

abacate

abuta

águila

água de arroz

alecrim

alo macho

**alosma*

anona

areca

**arroz de força*

arroz pulu

arruda

**bisbim*

carambola

**chi-su*

coco

cordial

farinha de arroz pulu — v. *arroz pulu*

**figo vilão*

flor de S. João

flor de panha — v. *árvore de panha*

**folha de olado*

**folha dois cores*

fula merenda

fula papaia

fula sapateiro

**hortelão de sopa*

**hortelão de figo de Portugal*

**hortelão de vento*

**hortelão malavar*

**ladrão-pinto*

longane

maçã vermelha

mangicã

**mui garganta*

ocá

pavio china

pedrume

rabo

**raspa de veado*

**restrate*

**sabsana*

suzo barata — v. *agrom*

tapus de figo caque — v. Corr. e Aditamentos

VIII — NOMES PRÓPRIOS, APELIDOS, HIPOCORÍSTICOS, ALCUNHAS

v. p. 12-13 (1)

(1) Às alcunhas aí citadas, acrescente-se: *Boncô, Cacai, Cherindê, Chito*.

IX — PESCA, PEIXES, TERMOS RELACIONADOS

<i>*aguchão</i>	<i>*cabuz</i>
<i>asa</i>	<i>cambrám</i>
<i>asa de peixe</i>	<i>*cambrám mizona</i>
<i>asa amarelo</i>	<i>*chumbino</i>
<i>*auabi</i>	<i>maroto</i>
<i>balancaz</i>	<i>*oteu</i>
<i>*beliz</i>	<i>pêce</i>
<i>*beliz maroto</i>	<i>*qui-quit — v. peixe —</i>
<i>bicho-mar</i>	<i>*sarambau</i>
<i>bomboli</i>	<i>*sipute</i>
<i>*bur-bur</i>	<i>tancá</i>
<i>*cape</i>	<i>tancareira</i>

X — PESOS E MEDIDAS

<i>caixa</i>	<i>maz</i>
<i>cate</i>	<i>*pau</i>
<i>cento</i>	<i>pico</i>
<i>chupa</i>	<i>pinga</i>
<i>condorim</i>	<i>ponto</i>
<i>côvado</i>	<i>tael</i>
<i>ganta</i>	

XI — VEGETAIS

<i>abacate</i>	<i>árvore de abacate — v. abacate</i>
<i>abuta</i>	<i>árvore de entena — v. entena</i>
<i>agar-agar</i>	<i>árvore de gondom — v. gondom</i>
<i>águila</i>	<i>árvore de pagode</i>
<i>alecrim</i>	<i>árvore de panha — v. panha</i>
<i>algodão</i>	<i>árvore de S. João — v. flor de S. João</i>
<i>algodoeiro</i>	<i>árvore de S. José</i>
<i>alo macho</i>	<i>*azeite de pau</i>
<i>*alosma</i>	<i>*baião</i>
<i>*anidiu</i>	<i>bambu</i>
<i>anona</i>	<i>bambueira</i>
<i>areca</i>	<i>bétele</i>
<i>*arroz de força</i>	<i>biba</i>
<i>*arroz grosso</i>	<i>bilimbi</i>
<i>arroz pulu</i>	<i>*bisbim</i>
<i>arruda</i>	<i>bobra</i>

<i>hobra-guiné</i>	<i>*gandola</i>
<i>hredo</i>	<i>*ganime</i>
<i>*hredo raba-raba</i>	<i>gondom</i>
<i>*cabelo de bonzo</i>	<i>hortelão</i>
<i>*cajão</i>	<i>*hortelão de sopa</i>
<i>camalenga</i>	<i>*hortelão de figo de Portugal</i>
<i>*cancom</i>	<i>*hortelão de vento</i>
<i>cáqui</i>	<i>*hortelão malavar</i>
<i>carambola</i>	<i>jaca</i>
<i>chá</i>	<i>jambo</i>
<i>champaca</i>	<i>jamboa</i>
<i>*chicu, nhame —</i>	<i>jambolão</i>
<i>*chile-mosquito</i>	<i>jangom</i>
<i>*chi-su</i>	<i>laranja pagode</i>
<i>coco</i>	<i>*lencó</i>
<i>coquinho</i>	<i>lichia</i>
<i>couve-coco</i>	<i>*lingau — v. Corr. e Aditamentos</i>
<i>diospiro-de-água</i>	<i>longane</i>
<i>*fá-sã</i>	<i>maçã nanquim</i>
<i>feijão chicote — v. tacó</i>	<i>maçã vermelha</i>
<i>figo</i>	<i>macupa</i>
<i>*figo capote</i>	<i>mangicã</i>
<i>figo caque</i>	<i>mangostão</i>
<i>*figo cheiroso</i>	<i>*mão de buda</i>
<i>*figo da horta</i>	<i>margoso</i>
<i>*figo vilão</i>	<i>margoseira</i>
<i>figueira</i>	<i>*mata-moça</i>
<i>flor de S. João</i>	<i>*mocorô</i>
<i>*fola de olado</i>	<i>mogarim</i>
<i>*folha dois cores</i>	<i>mui</i>
<i>fruta manila — v. fá-sã</i>	<i>*mui cafre</i>
<i>jula</i>	<i>*miii garganta</i>
<i>fula coco</i>	<i>mungo</i>
<i>fula figo</i>	<i>nele</i>
<i>fula freira, fula fresca</i>	<i>nhame</i>
<i>fula merenda</i>	<i>ocá</i>
<i>fula mogarim</i>	<i>ola</i>
<i>fula mutre</i>	<i>olho</i>
<i>fula papaia</i>	<i>olho bambu</i>
<i>fula pavão</i>	<i>olho de figueira</i>
<i>fula pedo</i>	<i>*orelha de rato</i>
<i>fula sapateiro</i>	<i>panha</i>
<i>fula unha</i>	<i>pateca</i>
<i>*gambel</i>	<i>*pau sibocau</i>
<i>*gamên</i>	<i>pavio china</i>

pero de Nanquim
pescu
 **quachi*
rabo
 **restrate*
rota

sapão
tacó, taucóc
tambrinho
 **tingili*
trate

XII — VESTUÁRIO

baju; cubaia-baju
baniane
 **brasel*
 **brasiê*
cabaia
 **calça-moura*
camisa-meia
canga-pêlo
capa
chamelote
chiripo
cutão
dó — v. Corr. e Aditamentos

**minape*
 **mol-mol*
 **nono, nuno*
 **pano-manila*
quimão
quinzena
saraça (1)
sombrelo
tagalhão
terno
tudum
 **zip*

XIII — DIVERSOS

abano
abusador
achém
 **acung-a*
 **adape*
 **afete*
afião
 **afogoso*
 **agradado*
águ
 **aguar*
 **aiá!*
 **alfureca*
ama

**ambá, ambaque*
 **amestê*
amoque
 **amochai*
amor
 **amui*
 **amui baleu*
 **amuirona*
 **ancusa*
 **apó*
 **aporona*
 **arão*
 **aronça-aronça*
 **arviro*

(1) A gravura citada neste artigo foi também posteriormente reproduzida em GRACIETE N. BATALHA, *Língua de Macau — o que foi e o que é*. Macau, 1974.

<i>assafata</i>	<i>cacoeta</i>
* <i>assilai</i>	* <i>cadacê</i>
<i>assim</i>	<i>cadera</i>
* <i>atachamento</i>	<i>cafelar</i>
* <i>atai</i>	<i>cafelo</i>
* <i>azabicha</i>	<i>cafre</i>
<i>babá</i>	<i>cafular</i>
* <i>babachai</i>	* <i>camessé</i>
* <i>babalua</i>	<i>canarim</i>
* <i>babanino</i>	* <i>cancã</i>
<i>babau</i>	<i>capaz</i>
* <i>bacarado</i>	* <i>capido</i>
<i>bacia</i>	* <i>capir</i>
<i>bafado</i>	* <i>captain</i>
<i>baso comprido</i>	* <i>cará</i>
<i>baleu</i>	* <i>cara de apa</i> — v. <i>apa</i>
* <i>bantu</i>	* <i>cara de babalua</i> — v. <i>babalua</i>
* <i>bater bacia</i>	<i>carreta</i>
* <i>bater cabeça</i>	* <i>cash</i>
<i>bazar</i>	* <i>catiaca</i>
<i>bem feito</i>	* <i>catravada</i>
* <i>bétele vestido de casamento</i>	* <i>cauri</i>
<i>bicho</i>	<i>cerar</i>
* <i>boboriça</i>	* <i>chacar</i>
* <i>boca tanto</i> — v. <i>mão tanto</i>	* <i>chacarar</i>
<i>bolacho</i>	* <i>chacha</i>
* <i>bolontrão</i>	<i>chado</i>
* <i>boncô</i>	* <i>chalá-chulá</i>
<i>boniteza</i>	* <i>champorar</i>
* <i>boquizar</i> — v. Corr. e Aditamentos	<i>chapa</i>
<i>bonzo</i>	* <i>cha-pom cha-pom</i>
<i>botar</i>	* <i>chãqui-cháqui</i>
<i>botica</i>	<i>chareta</i>
<i>boy</i>	* <i>chau</i>
<i>brajero</i>	* <i>chau-chau lau-lau</i>
<i>brinco, brinquinho</i>	* <i>chencau</i>
<i>brulhar</i>	* <i>cherindê</i>
<i>cabeça</i>	<i>chimpár</i>
* <i>caçada</i>	* <i>chinchão</i>
<i>cacada</i>	<i>chin-chin</i>
* <i>cacai</i>	* <i>chipe-chipe</i>
* <i>cachipe</i>	* <i>chipim</i>
* <i>cachipiado</i>	* <i>chipir</i>
* <i>cachir</i>	* <i>chiquia</i>
* <i>cachivachi</i>	* <i>chiquir</i>

*chiribito	*dozelado
*chirir	drento
*chisco	*elar
chito	*emado
Chito	*emar
*choler	*empido
*cholido	encher
*choncar	enchido
*chope	engajamento
*chubidela	engajar
*chubir	*entafular
*chuchai	*entiçar
*chuchumeca	*esgrabulhado
*chuchundo	*esgrabulhar
*chuchur	*estung-a — v. acung-a
chunambeiro	*fata-fata
chunambo	fêde
*cifar	ferrado
*cissir	filo
*cobreiro	*filho trás de porta
*columbrar	*fio mezinha
comprador	*florestia
compridão	*florestiar
*conventona	*fluqueiro
corte	*fluquice
*cote	*fóquei
*cotê	fora
crioula	fula
*cudum	*gafinhar
cule	*galado
*cusaçuso	ganeiro
custar	*gingli
*cute	*gom-gom
*cuti	*gonchom
*cutiar	*gorogotar
dachim	*gunde
daia	gúni
dále	*gurunhar
*dangeroso	*helar
*Deusalembra	io, iou
*desentom	*labitar
devinhação	*laissi
devinhar	*lampita
*diabo-cacinha	*lanchai
*dom-dom	lape

- *lapitar*
leia
**lichim*
liu-liu
**logamente*
macaio
macaísta
mai
**mai de casa*
mainato
mamá
**mámi*
mano
**mão-comprido*
**mão-cuti*
**mão-de-buda*
**mão-fechado*
**mão p'ra trás*
**mão-tanto*
**mapeça*
**mapeçoso*
marado
masqui
matar-morrer
mate
**mechar*
mestê
**mestre china*
**misco*
moça
**mizar-coar*
**mongus*
**mui*
**murum*
mutre
**ná*
nádi
na más
nascer
nhi
nhinina — v. nhi
nhom
nhonha
nhum
nome de casa
- *nomestê*
non tem nada
**novileiro*
**nunçaçá*
olhar
**olho-décu*
**onsom*
**onzeletra*
**pacfanista*
pagode
**pai-avô*
**palã-palã*
**pão*
**papel-pagode*
**papel-vento*
**pápi*
papiar
**parabiça*
**parcar*
**parcagem*
pasquim
pataca
**patinga*
**patoco*
patoá
**pedente*
pedrume
**pê-mam*
pensão
pé solto
**pichote*
**pilar*
pilizar
pinga
**piti-potoc*
pó branco
portuguesado
postar
**prestada*
pussá-bafado
**quarentora*
**quitiz*
**raba-raba*
**rabão*
**rabichar*

*rabita	suzo
*rabo de porco	tacada
*rabucenga	*tafular
rafundir	*taipane
ramede	*taipanada
*ramendá	*tambar
*raspiate	tambar tacho
ronça-ronça	tim-tim
*rotear	*titir
rustir	*toc-toc — v. Corr. e Aditamentos
sa	*tom-tom-mom-tom
*saião	torrar
*saicó	tratamento
samatra	tratar
*samatrada	tufão
*same-nam-ché	*tu-tum-piám
sandê	*ucho
sapeca	*unchinho
*sarai-marai	ung-a
*sarã-murum	*unsom
*sará-saru	*vanguado
siara	*vanguear
*sissica	ver
*sium	*virar beço
sucão	*zapi-catape
sugar	

XIV — VISÃO GLOBAL

Breve história do dialecto (origens, contactos, influências vocabulares)
— v. p. 5-11

Aspectos mais marcantes do vocabulário macaense — v. p. 11-13
Macaenses e chineses — v. p. 5 e 13-14.

ÍNDICE DAS GRAVURAS

	Págs.
Fig. 1 — <i>Ade salgado</i>	28
Fig. 2 — Rede de abater (<i>aguchão</i>)	31
Fig. 3 — Verdadeiro <i>aguchão</i>	32
Fig. 4 — Pescador com <i>aguchão</i>	33
Fig. 5 — <i>Chilicate</i>	129
Fig. 6 — <i>Chiquia</i>	134
Fig. 7 — <i>Doce vestido</i>	164
Fig. 8 — <i>Jaca</i>	186
Fig. 9 — <i>Jambo</i>	197
Fig. 10 — <i>Lencó</i>	203
Fig. 11 — <i>Macupa</i>	210
Fig. 12 — <i>Mangostão</i>	213
Fig. 13 — Dois tipos de <i>tudum</i>	286

ADITAMENTO ÀS ABREVIATURAS (1)

- amer. = americano (inglês dos Estados Unidos)
anglo-ind. = anglo-indiano
ár. = árabe
conc. = concani
cor. = coreano
drav. = dravídico
esp. = espanhol
fr. = francês
gr. = grego
hindust. = hindustani
hol. = holandês
jap. = japonês
jav. = javanês
mal. = malaio
mar. = marata
pap. = papiá cristão
port. = português
sanscr. = sânscrito
tam. = tamul = tamil

(1) Ver p. 19.

ERRATA

<i>Pág. (1)</i>	<i>Linha</i>	<i>Onde está</i>	<i>Deve estar</i>
7	21	<i>azinha</i>	<i>asinha</i>
22	4	Wilkinson, H. J.	Wilkinson, R. J.
29	1	<i>*afião</i>	<i>afião</i>
31	2	<i>cozem</i>	<i>coze</i>
31	12	referida	referidas
35	14	bolos de barro	bolas de barro
38	25	coscurão	coscorão
39	23	coscurão	coscorão
47	18	<i>cara de apa</i> , q. v.	<i>cara de apa</i> , cara branca e redonda
47	22	<i>apa-bico</i>	<i>*apa-bico</i>
48	1	<i>apa-muchi</i>	<i>*apa-muchi</i>
53	22	<i>*arviru</i>	<i>*arviro</i>
57	5	<i>attachement</i>	<i>attachment</i>
63	11	<i>bafassá</i>	<i>*bafassá</i>
64	10	<i>baião</i>	<i>*baião</i>
65	20	<i>*balancaz</i>	<i>balancaz</i>
84	21	<i>*boniteza</i>	<i>boniteza</i>
91	6	<i>bule-bulebatê-cu</i>	<i>bule-bule batê-cu</i>
108	14	<i>captain</i>	<i>*captain</i>
122	22	<i>chop</i>	<i>chope</i>
123	30	<i>*chaqui-chaqui</i>	<i>*cháqui-cháqui</i>
124	18	<i>chatini, chacqini</i>	<i>chátini, chachini</i>
129	9	Fig. 4	Fig. 5
137	8	<i>chi son</i>	<i>chi sou</i>
144	6	<i>*chunambeiro</i>	<i>chunambeiro</i>
144	35	Port.	Indo-port.
153	15	<i>*[kqte]</i>	<i>*cote [kqte]</i>
163	11	<i>diabo-cacinha</i>	<i>*diabo-cacinha</i>
169	20	<i>*engajamento</i>	<i>engajamento</i>

(1) Numeração da separata.

<i>Pág.</i>	<i>Linha</i>	<i>Onde está</i>	<i>Deve estar</i>
173	10	ontalão	ortalão
178	5	<i>tapui</i>	<i>tapus</i>
183	1	<i>foqui</i>	<i>fóqui</i>
187	6 e 10	betel	bétel
192	10 e 14	<i>gondon</i>	<i>gondom</i>
197	—	Fig. 9 — Jamba	Fig. 9 — Jambo
203	15	<i>lencó</i>	* <i>lencó</i>
215	25		Étimo — De <i>mapeça</i> , q. v.
215	30	De <i>mapeça</i> , q. v.	Port. <i>amarrado</i>
232	20	<i>nono, nuno</i>	<i>nuno, nono</i>
232	27	Manuel Bocarro	António Bocarro
242	23	* <i>parão</i>	<i>parão</i>
247	13	<i>pendente</i>	<i>pedente</i>
248	1	<i>peixe qui-quit</i>	* <i>peixe qui-quit</i>
264	21	<i>santã</i>	* <i>santã</i>
274	29	<i>tafulá</i>	<i>tafular</i>
278	29	<i>taulu</i>	* <i>taulu</i>
278	12	É o jogo	É jogo
280	4	de facto	do facto
286		Figs. 12 e 13	Figs. 13 e 14
287	24	<i>turum</i>	* <i>turum</i>
287	nota	Apêndice e obras	Apêndice a obras
291	7	<i>vantu</i>	* <i>vantu</i>
291	31	<i>gazes</i>	<i>gases</i>
298	11	mal.	tam.

Tendo a publicação deste *Glossário*, devido à sua extensão, sido dividida por três volumes da *Revista Portuguesa de Filologia*, que saíram com anos de intervalo, o que deu lugar a sucessivas alterações e aditamentos, algumas incongruências gráficas escaparam, sobretudo em transcrições como *Paschoela* e *Pascolea*. Esperamos que esta e outras faltas sejam relevadas.

ÍNDICE GERAL

	Págs.
<i>Prefácio</i>	1-4
INTRODUÇÃO	5-14
Algumas observações	15-18
Abreviaturas e convenções	19
Obras consultadas	20-22
GLOSSÁRIO DO DIALECTO MACAENSE	23-294
Correcções e aditamentos	295-302
Apêndice às obras consultadas	303
Outras obras acidentalmente citadas	304-305
Índice de vocábulos: 1) palavras de entrada do <i>glossário</i> ; 2) palavras indo-portuguesas e malaio-portuguesas; 3) palavras inglesas e ázio-inglesas; 4) palavras malaias; 5) palavras de outras línguas.	306-320
Índice de assuntos: I — alimentação (culinária e doçaria); II — animais diversos; III — embarcações; IV — folclore; V — habitação e utensílios domésticos; VI — jogos e divertimentos; VII — medicina caseira e supersticiosa; VIII — nomes próprios, apelidos, hipocorísticos, alcunhas; IX — pesca, peixes, termos relacionados; X — pesos e medidas; XI — vegetais; XII — vestuário; XIII — diversos; XIV — visão global	321-332
Índice das gravuras	333
Aditamento às abreviaturas	334
Errata	335-336
Résumé	338

R É S U M É

Plus de sept cents mots du vocabulaire de Macao sont étudiés, embrassant le créole ancien — nommé ici (à Macao) le *patois* — et le parler actuel, bien plus proche du portugais normal.

L'Auteur a fait toutes ses recherches *in loco*, puisqu'elle vit à Macao depuis plusieurs années. Pour le dialecte ancien, en train de disparaître, l'A. a dû parcourir tous les textes publiés dans la presse locale au XIX^{ème} siècle, lesquels étaient déjà des façons de ridiculariser le "patois", et a confirmé, autant que possible par des enquêtes chez des personnes très âgées, l'usage des mots et de leurs formes. Ces recherches se sont même étendues au malais-portugais (le *papiá cristang*), quand l'A. a pu rechercher personnellement à Malacca l'origine et le sens d'une bonne centaine de mots obscurs de Macao.

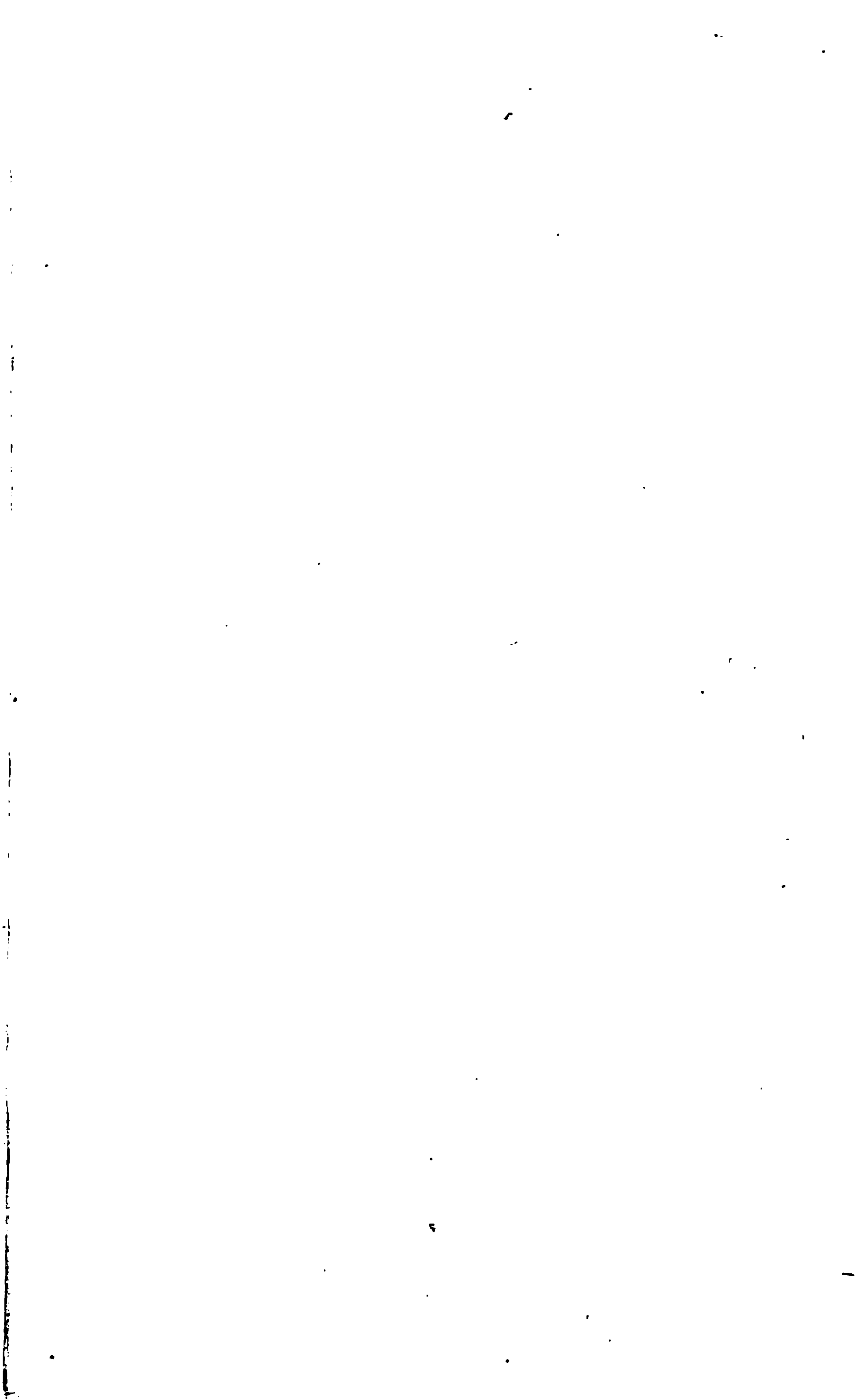
La finalité de ce glossaire n'était d'abord que l'enregistrement du sens et de la prononciation des mots ou expressions caractéristiques, ainsi qu'un essai d'investigation de leur étymologie. Mais, au cours des recherches effectuées, l'A. a recueilli des informations de caractère ethnographique et folklorique qui sont présentées à propos de la plupart des rubriques.

Ces rubriques concernent l'alimentation, l'habillement, l'habitation, la médecine domestique, la religion, ainsi que les superstitions, les divertissements, etc. Les mots n'ayant pas été groupés par sujets mais selon l'ordre alphabétique, un index par sujets se trouve à la fin du glossaire. Un astérisque marque les mots non enregistrés dans le *Glossário luso-asiático* de Sebastião Rodolfo Dalgado (1919 et 1921) ni dans les bons dictionnaires de la langue portugaise, ou y enregistrés avec un autre sens.

L'A. a fait précéder son étude d'une *Préface* explicative de ses intentions et procédés de travail, et d'une *Introduction*. Ici une brève histoire du dialecte est tracée, lequel, selon l'A., a été apporté à Macao, au XVI^{ème} siècle, avec une structure déjà bien définie. Les influences qu'il a subies jusqu'à nos jours, surtout dans le vocabulaire, sont aussi notées. Les mots de création vraiment locale ne sont pas nombreux. Ce sont des compositions hybrides d'éléments sino-portugais (v.g. *tancareira*) ou bien des mots dont l'origine chinoise n'est plus facilement reconnaissable (v.g. *biba*, *bolo supião*). Tandis qu'un grand nombre de mots d'origine malaise (v.g. *catiaca*) ou indo-portugaise (v.g. *baniane*) et en quelques cas japonaise (v.g. *caia*), afro-portugaise (v.g. *siara*), anglaise (v.g. *dangeroso*), etc., ayant subi à Macao des transformations phonétiques ou sémantiques, se sont *macaïzés*. L'A. remarque aussi que le gros du vocabulaire, l'ancien et le moderne, est portugais et que beaucoup de mots qui semblent exotiques ne sont plus que des survivances du portugais européen du XVI^{ème} et XVII^{ème} siècles (v.g. *afião*, *brede*).

Des photos et des dessins illustrent quelques articles du glossaire, comme *aguchão*, *chiquia*, *chilicate*, *tudum*, etc.

La bibliographie de ce travail, donnée au début de sa publication (1971), est actualisée à la fin du même travail. L'A. y signale encore la note bibliographique sur le dialecte ancien et le parler actuel de Macao, qu'elle a publiée dans la *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVI, p. 412-417.



GRACIETE NOGUEIRA BATALHA

Licenciada em Filologia Clássica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

SUPLEMENTO
AO
GLOSSÁRIO DO DIALECTO MACAENSE

Novas notas linguísticas, etnográficas e folclóricas



Instituto Cultural de Macau
1988

EDIÇÃO — Instituto Cultural de Macau (1988)

CAPA — Mio Pang Fei

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Imprensa Oficial de Ma

GRACIETE NOGUEIRA BATALHA

Licenciada em Filologia Clássica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

SUPLEMENTO

AO

GLOSSÁRIO DO DIALECTO MACAENSE

Novas notas linguísticas, etnográficas e folclóricas



Instituto Cultural de Macau
1988



**TRABALHOS DA AUTORA POSTERIORES AOS INDICADOS NO
GLOSSÁRIO DO DIALECTO MACAENSE**

- O Inquérito Linguístico Boléo em Malaca – O Chão de Padre e seus moradores «portugueses»*. Separ. de *Biblos* – Revista da Faculdade de Letras – vol. LVII. Coimbra, 1981, 48 p.
- Presença actual de Camões em Goa* – in *Boletim do Instituto Luís de Camões*, vol. XIV, n.º 1, 2, 3 e 4. Macau, 1980, p. 99-118 e 4 gravuras. Artigo reproduzido também em *Língua e cultura portuguesas em Goa – Estado actual*, p. 95-112.
- Língua e cultura portuguesas em Goa – Estado actual*. Ed. dos Serviços de Educação e Cultura de Macau. Macau, 1982, 113 p. e 60 grav.
- Situação e perspectivas do português e dos crioulos de origem portuguesa na Ásia Oriental (Macau, Hong Kong, Malaca, Singapura, Indonésia)* Separ. de CONGRESSO SOBRE A SITUAÇÃO ACTUAL DA LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO. Lisboa, 1983. ACTAS, vol. I. Lisboa, 1985, p. 287-303.
- MALACA** – *O Chão de Padre e seus moradores «portugueses»*. 2.ª ed. actualizada de *O Inquérito Linguístico Boléo em Malaca*. Ed. da Direcção dos Serviços de Turismo de Macau. Macau, 1986, 63 p. e 18 grav.
- O futuro da língua portuguesa no Extremo Oriente*, in *Presença portuguesa no Extremo Oriente – Conferências proferidas no âmbito da «XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura»* (Macau, 1983). Ed. do Instituto Cultural de Macau. Macau, 1986, p. 43-70.
- Este nome de Macau*, in *RC – Revista de Cultura*, n.º 1 – Abril/Maio/Junho 1987. Ed. do Instituto Cultural de Macau. Macau, 1987, p. 7-15. (Revisão e actualização do artigo *Para uma interpretação do topónimo «Macau»*, separ. esgotada do *Boletim de Filologia*, t. XVI. Lisboa, 1958, p. 353-363).
- Poesia Tradicional de Macau*, in *Macau* (Publicação mensal). Ed. do Gabinete de Comunicação Social do Governo de Macau, n.º 4, Agosto de 1987, p. 40-43 (Reprodução da comunicação apresentada nos 3.ºs Encontros de Poesia, iniciativa de «Património XXI», Vila Viçosa, 6 a 10 de Junho de 1987).
- Recensões críticas às obras de:**
- M. J. PINTADO – *A Stroll Through Ancient Malacca – A revision of the author's «A Stroll Through Ancient Malacca and a Glimpse at Her Historical Sites»*, by D. P. Pereira. Printed by Gan Seng Printing (M) Sdn. Bhd., Johor Baharu, [Malásia], s.d., V+64 p. Recensão na *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVIII, tomos I e II. Coimbra, 1979-1984, p. 759-760.
- RAFAEL ÁVILA DE AZEVEDO – *A influência da cultura portuguesa em Macau* – Biblioteca Breve – Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Lisboa, 1984. Recensão em *Biblos*, vol. LX. Coimbra, 1984, p. 546-547.

B
57

SUPLEMENTO AO GLOSSÁRIO DO DIALECTO MACAENSE

P R E F Á C I O

Um estudo linguístico, como é sabido, jamais é definitivo. E a consciência deste facto resulta, para mim, numa certa consolação.

Ainda o Glossário do Dialecto Macaense não estava completamente impresso, embora o original estivesse há bastante tempo fora das minhas mãos, já novas pesquisas ou novas achegas ocasionais tornavam obsoletas algumas afirmações nele contidas, ou abriam caminho a hipóteses bem diferentes das tentativamente postas à consideração dos leitores.

Não estavam também ainda publicadas algumas obras que depois vieram a lume, fornecendo vasto material para registo em glossário, nomeadamente as de Ana Maria Amaro sobre jogos populares de Macau, com um vocabulário específico nem sempre abrangido nas minhas investigações, e as de José dos Santos Ferreira que, continuando incansavelmente a recriar o velho dialecto crioulo, a «dóci papiaçám di Macau», ou patoá, sempre aduz algum termo que não veio a talhe de foice em seus livros anteriores ou que escapou à minha atenção.

Acresce ainda que a documentação fotográfica, sempre dispendiosa tanto para o autor como para a imprensa, teve de ser na altura muito limitada.

Assim, dez anos após a publicação da última parte do Glossário no vol. XVII da Revista Portuguesa de Filologia e sua edição integral em separata da mesma Revista, as correcções e aditamentos que fui registando e as ilustrações que fui reunindo saem agora a público neste Suplemento ao Glossário do Dialecto Macaense, que por sua vez estará longe não só da exactidão desejada, como da mera suposição de esgotamento do assunto.

Além das limitações pessoais, são muitas as dum trabalho executado em condições tão precárias como este, num meio tão alheio a estes estudos, tão escasso em obras de referência e outras fontes de informação adequadas, tão impeditivo do contacto com estudiosos do mesmo ramo com os quais muito poderia aprender.

Só o constante estímulo e orientação, ao longo de mais de trinta anos, por parte do Director da Revista Portuguesa de

Filologia, *Senhor Professor Manuel de Paiva Boléo, me tem levado a prosseguir estudos que, sem isso, teriam certamente sido abandonados. Mais uma vez, portanto, ao meu ilustre Mestre da Faculdade e de sempre, a minha mais sincera gratidão.*

Não esqueço também no meu reconhecimento os leitores do Glossário, portugueses e estrangeiros, que espontaneamente me ofereceram críticas e sugestões, muitas das quais aproveitadas neste Suplemento, assim como as pessoas de Macau que, não falando já o dialecto mas recordando-se de o ouvir falar na sua infância a pais ou familiares, se prestaram a informar-me sobre palavras e formas antigas, cantilenas, objectos de uso doméstico, etc., etc.

Impossível nomeá-los a todos.

Entre os primeiros, porém, é imprescindível citar a infatigável investigadora das coisas macaenses, Ana Maria Amaro, minha ex-colega no Liceu de Macau e actualmente Professora da Universidade Nova de Lisboa, a quem devo desde sempre um apoio inestimável, não só na generosa partilha dos seus vastos conhecimentos, em informações particulares nunca regateadas, mas ainda nos ensinamentos colhidos nas suas várias e valiosas obras sobre Macau.

Entre as segundas, desejo salientar as Senhoras D. Maria Teresa Pitter e D. Lília Sapage, a quem tanto importunei com perguntas, encontrando sempre a melhor compreensão e boa vontade, a ponto de inquirirem por sua vez junto de amigas mais idosas ou mais conhecedoras de determinado assunto, quando duvidosas da resposta a dar.

A estas Senhoras, assim como aos outros colaboradores citados, somos todos devedores, nós os interessados, actuais ou vindouros, no conhecimento da herança linguística e cultural dos «filhos de Macau».

Macau, Fevereiro de 1987.

Graciete Batalha

a) MÉTODO DE REGISTO, TRANSCRIÇÃO E ROMANIZAÇÃO

O método de registo de palavras, de transcrição fonética e de romanização das palavras chinesas e malaias é o que foi usado no GLOSSÁRIO DO DIALECTO MACAENSE.

Esclarece-se, no entanto, que a romanização de palavras chinesas (no dialecto cantonense usado em Macau) é a usada oficialmente em dicionários editados pelo Governo de Macau, a qual segue certas convenções ortográficas e nem sempre pode, como é óbvio, reproduzir com absoluto rigor a pronúncia chinesa. Notem-se em especial as palavras em que entra o som *tch* [č] que é romanizado em *ch*. Transcrevendo desses dicionários ou de outras obras que usem o mesmo sistema, ou por outro lado de obras diferentes que usem a grafia mais aproximada *tch*, não altero a forma da fonte da qual me sirvo. Daí uma certa incoerência na reprodução deste som em letra corrente, que umas vezes será *ch* e outras *tch*, mas que corresponde sempre à pronúncia [č]. O mesmo acontece nas palavras malaias em que a romanização deste som é habitualmente *ch* nos dicionários, mas deve entender-se também como [č]. Sobre as palavras malaias, v. ainda *GDM*, p.18.

b) ABREVIATURAS E CONVENÇÕES

As abreviaturas e convenções usadas neste SUPLEMENTO são também as mesmas do GLOSSÁRIO, p.19., com alguns acréscimos:

1) O título do referido GLOSSÁRIO, necessariamente muitas vezes citado, será abreviado na sigla *GDM*.

2) O título da obra de Ana Maria Amaro *Jogos, brinquedos e outras diversões populares de Macau* (ver BIBLIOGRAFIA), que é fonte de numerosas entradas neste estudo, será citado uma vez por extenso e depois abreviado em *Jogos, brinquedos...*

3) O *Dicionário da Língua Portuguesa*, 16ª.ed., de Cândido de Figueiredo será citado como *Dic. Cândido de Figueiredo*.

4) O título do Dicionário Malaio-Inglês-Malaio editado por Kadir, M.A., será abreviado em *Dic. Kadir*. (ver BIBLIOGRAFIA)

5) A idade dos informadores será indicada como no GLOSSÁRIO, mas regista-se agora, sempre que possível, a data em que a informação foi dada. Ex.: «inf.75 (1980)» ou «(inf.70, 1982)».

SUPLEMENTO AO GLOSSÁRIO DO DIALECTO MACAENSE

* *abulô* – GDM, p. 24. V. Figs. 1,2,3.

abuta – GDM, p. 25.

Onde se lê: «A *abuta* era antigamente utilizada em Macau, juntamente com águila e pucho, na preparação da *mezinha três pau*», leia-se: a raiz de *abuta*. Não só em Macau esta planta era utilizada na medicina caseira. Segundo *Dic. Mor.*, s.v., que cita ainda as formas brasileiras *abútua* ou *bútua*, «são notáveis as propriedades diuréticas e febrífugas das suas raízes».



Fig. 1 — Tacareira com *abulô* (cerca de 1960).



Figs. 2 e 3 — *Abulôs* ornamentais recentemente importados da China.

ade salgado – *GDM*, p. 27.

Para uma foto mais elucidativa, v. Fig. 4.

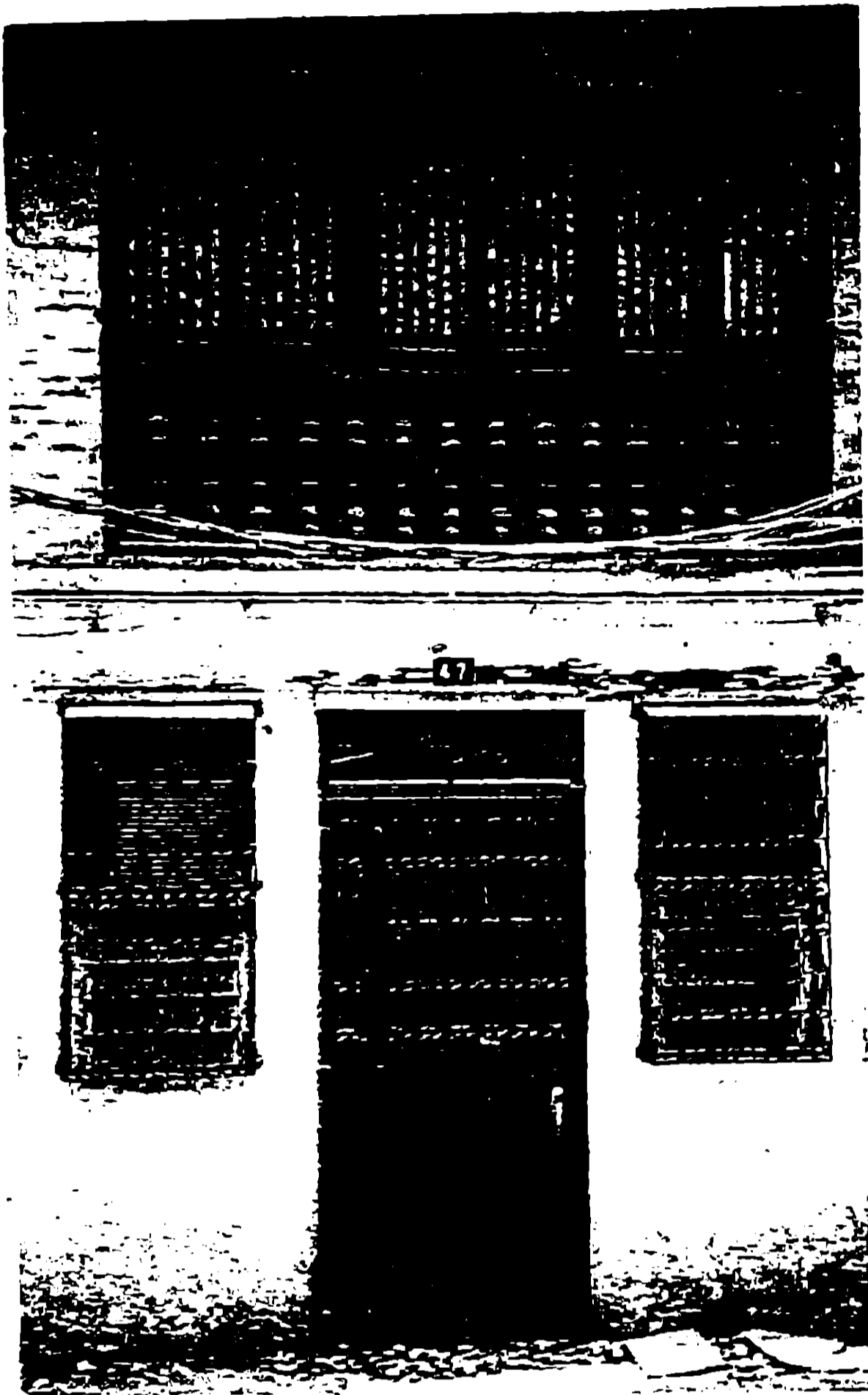


Fig. 4 — Pequena loja de chouriço chinês e *ade salgado* (em primeiro plano).

adufa – *GDM*, p. 27.

Afirmi, em *GDM*: «actualmente não existe aqui nenhuma casa com adufas». A afirmação foi precipitada, pois descobri posteriormente algumas velhas adufas em casas antigas e muito deterioradas. V. Figs. 5 e 6.

As adufas de conchas encaixilhadas em madeira, usadas antigamente em Macau, na Índia, nas Filipinas e possivelmente em muitos outros pontos do Oriente, eram feitas de lâminas translúcidas de concha de ostra, chamada esta em



Figs. 5 e 6 — *Adufas* em velhas casas de Macau (janelas superiores).

indo-português *carepo* ou *carepa* (do conc. *karap* 'concha', especialmente de ostra. Cf. Dalgado, *Gloss.* s.v. *carepo*, *adufa e olho de vidro*). Em Goa ainda observei (1980) adufas do mesmo género, algumas feitas modernamente com fins ornamentais.

* *afordar* [aʃordá], v. ant. e act.

Ter recursos económicos para; poder suportar uma despesa:
Eu nã pode afordá esse viagem.

Étimo – Ingl. *afford*, certamente por via de Hong Kong, onde a palavra é ainda muito usada na comunidade portuguesa aí radicada.

* *agarrada* [agařada], [agařada], subst. act.

Jogo de crianças: *brincá agarrada*.

«Neste grupo de jogos, tão do agrado das crianças dos 8 aos 12 anos, podemos incluir os jogos mais diversos, desde o vulgar *jogo das escondidas* até às competições de estafetas» – Ana Maria Amaro, *Jogos, brinquedos e outras diversões populares de Macau*, p. 222.

Étimo – Port. *agarrar*.

* *aguchão* – *GDM*, p. 31.

Em *GDM* apresenta-se uma foto pouco clara desta rede de abater, vulgarmente chamada *aguchão* ou *aguachão*. Melhora-se agora a imagem com a Fig. 7.

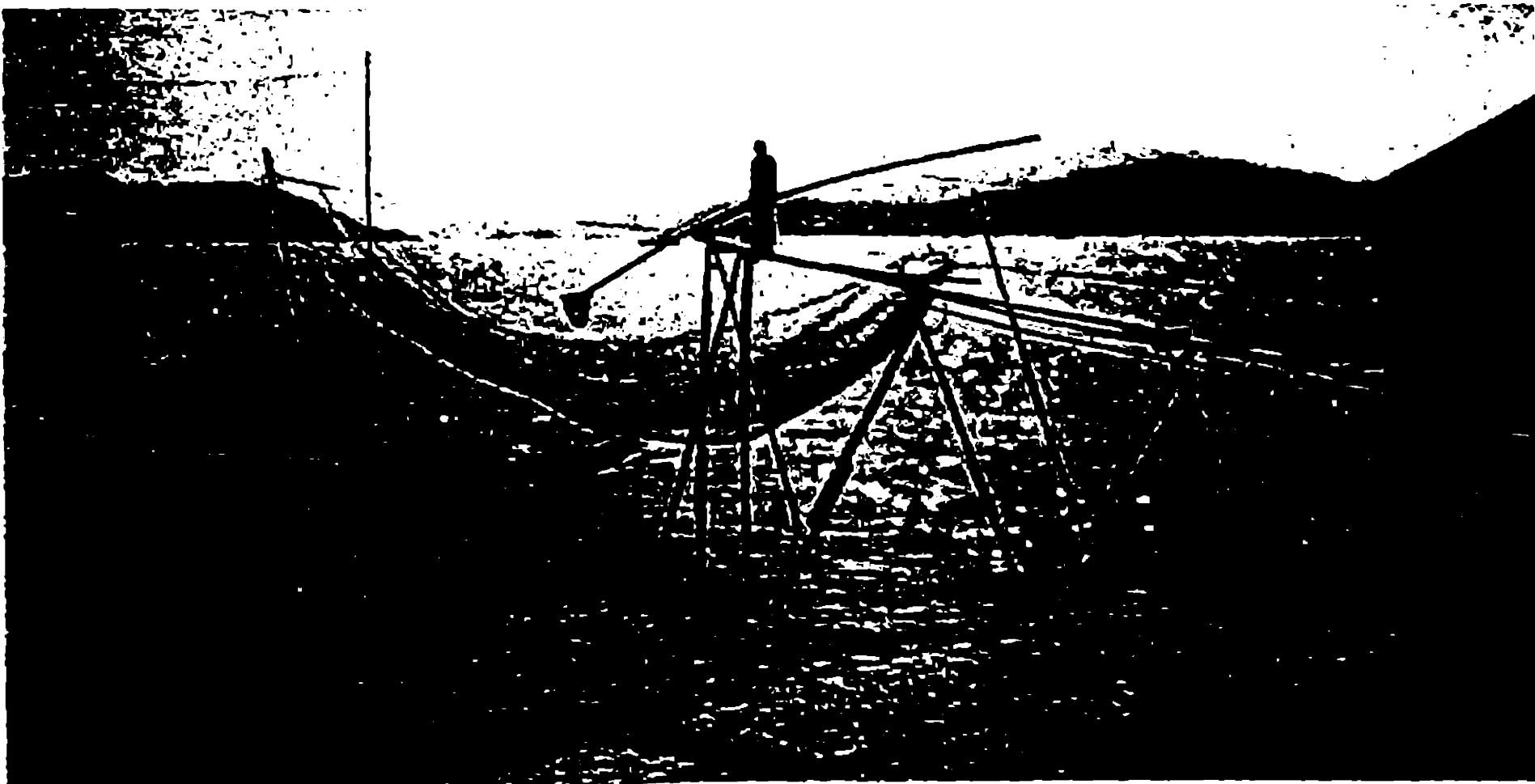


Fig. 7 — Rede de abater, vulgarmente chamada *aguchão*.
O pescador chinês prepara-se para retirar o peixe da rede com um ganapão.

* *aispois* – V. *aspois*.

ama – GDM, p. 40. V. Fig. 14.

* *amascar* [amaská], v. ant. e des.

Esforçar-se, trabalhar muito: «Iou *amascá*, ramendá cachô-ro, ele gastá...» – José dos Santos Ferreira, *Macau sã assi*, pp. 86 e 101.

Étimo – Segundo J. S. Ferreira, *Macau di tempo antigo*, p. 102, *amascá* «vem de *âma*; trabalhar como criada. Trabalhar muito». É possível, maś a aproximação fonética é difícil. O *Dicionário Geral Luso-Brasileiro da Língua Portuguesa*, editorial Enciclopédia, vol. I; regista s.v. *amassar*: «Prov. amassar com força» e *amassacado*: «Prov. Amassado com força. T. da Mad. [termo da Madeira]: Fatigado, aborrecido». Portanto, do provincianismo *amassar* poderá ter vindo o mac. *amascar*, *amascá*.

* *amui baleu* – GDM, p. 43. V. Figs. 8 e 9.



Fig. 8 — *Amui baleu*.



Fig. 9 — Rostozinho pintado de *amui baleu*.

As Figs. 8 e 9 são reproduzidas de *Chinese Festivals in Hong Kong*, ed. de *South China Morning Post*, Hong Kong, 1982, p. 45.

* *andorinha rô rô* [ãdoriña ɾò ɾò], *andorinha ró ró* [ĩó ãó], ant. e act.

Em *GDM*, p. 45, registei a expressão *andorinha rói rói*, tal como a ouvi no ambiente familiar onde ingressei ao chegar a Macau. Contudo a expressão genuína é *andorinha rô rô* ou *andorinha ró ró*.

É um jogo da primeira infância. A. Amaro, *Jogos, brinquedos...*, p. 32, descreve-o como se segue: «A mãe ou outra pessoa que pretenda brincar com a criança, pega-lhe na

mãozinha e vai fazendo com que ela lhe bata com o dedo indicador na palma da sua outra mão aberta, enquanto entoia a seguinte cantilena:

Andorinha rô rô
Sete galo no caminho
Quim já 'chá
Já pegá.

Finda a cantilena, tentar-se-á apanhar o dedo da criança, dedo que esta deverá retirar rapidamente». (Para variantes mais recentes da cantilena, v. *Id., ib.*, p. 388 segs).

Étimo – Socorremo-nos mais uma vez de A. Amaro, *ob. cit.*, p. 389, segundo a qual parece ter havido uma versão com *andorinha d'ouro* donde poderá ter vindo a deturpação *rô rô* ou *ró ró*. «Contudo em Malaca» – acrescenta – «os cristãos repetem uma cantilena muito semelhante à esta, que no entanto não utilizam como em Macau:

Andorinha rose rose
Sete galo no caminho
Quim pussi
Comi!

O *rose rose* de recente influência inglesa parece-nos ser substituição de qualquer outra palavra portuguesa antiga cujo sentido desconheciam».

A expressão *sete galo* parece nítida reminiscência portuguesa, pois que o número sete é um dos mais usados em práticas supersticiosas ou rituais europeias. A mesma A. cita ainda a expressão *rô rô* ou *rou rou* em cantilena dum jogo de escondidas de Vinhais (Portugal) a qual poderia ser origem remota do *rô rô* de Macau. No entanto parece-me de todas a mais plausível a sua hipótese de que *andorinha rô rô* terá sido primitivamente uma canção de embalar, «sendo *rou rou, rô rô* ou *ró ró* uma forma onomatopaica». Cf. a canção uruguaia, aduzida como achega pela citada A. e que começa:

«*Arroró* mia niña
Arroró mi sol
Duermase la prenda
de mi corazón».



Figs. 10 e 11 — Belos exemplares de *árvore de S. José*, no pátio do Seminário de S. José.

O exemplar da Fig. 11 é considerado um dos espécimes mais antigos de Macau.

árvore de pagode – GDM, p. 55. V. Fig. 12.



Fig. 12 — *Árvore de pagode* numa rua de Macau.

asinha [aziña], adv. ant.

Em *GDM* não introduzi a palavra, por ser tão obviamente o port. antigo *asinha* usado pelos escritores medievais e ainda por Camões e outros do seu tempo. No entanto, será talvez interessante registar que a palavra não só aparece nos textos em crioulo mac. (erradamente grafada *azinha*), mas que ainda hoje se ouve a pessoas idosas: *Asinha vê!* (depressa vem, vem depressa!).

* *aspóis* [aʃpóis], *aispois* [aiʃpóis], subst. ant.

Jogo de crianças.

Inf.^{as} 50 e 78 (1985) pronunciaram [aiʃpóis] na expressão *jogar aispois* e identificaram o jogo como jogo de escondidas, tapando um dos jogadores os olhos enquanto os

outros se escondem. Cf. A. Amaro, *Jogos, brinquedos...*, p. 231: «Antigamente era dado o nome genérico de *aspóis* a qualquer jogo que se baseasse em vendar os olhos a um dos participantes, incluindo, pois, as várias formas de jogos de *escondidas* e de *cabra-cega*.»

Étimo – Duvidoso. Inf.^a 78 sugere o ingl. *I spyie* ‘eu espio’, ‘eu espreito’, porque o jogador de olhos tapados tenta sempre espiar onde os outros se escondem. Opinião semelhante é a de A. Amaro, *ob. cit.*: «Talvez possa admitir-se que o termo *aspóis* (...) derive de *tapolhos* [ou *tapa olhos*, antigo nome da cabra cega em Macau e depois também usado para *escondidas*. *Id. ib.*, p. 50] que tivesse vindo a dar *tapois* e *tapóis*. Contudo supomos que seja, outrossim, corruptela do inglês *spyie*, já que em Malaca, os cristãos, no seu *patois*, chamam a todos estes jogos *aspai*, palavra que afirmam ser inglesa.»

Pessoas idosas de Macau e de Hong Kong informaram-me de que costumavam, na sua infância, cantarolar *aspóis! aspóis!* quando jogavam as *escondidas*. Uma delas afirma que a palavra era deturpação do inglês *spyie*, escrito *espy*, e que fazia parte duma das muitas *nursery rhymes* ou cantilenas infantis que se aprendiam nas escolas católicas de língua inglesa, mas que a inf.^a já não consegue repetir de memória. Isso explicaria, inclusivamente, a existência de *aspai* entre os cristãos de Malaca, os quais até recentemente só faziam estudos em inglês.

* *avô-com* [avõ kõ] subst. ant.

Avô (literalmente *avó macho*): «Juám tá começá papiá unchinho ancuza na língua maquista. Ele chomá avô «Avô-công» ...» – J. S. Ferreira, *Macau di tempo antigo*, p. 62.

Ainda ouvi o termo há cerca de 30 anos em Macau, mas está em vias de desuso.

O sufixo chinês – *công* indicador do masculino faz supor que não havia distinção, no crioulo, entre *avô* e *avó*, sendo usada apenas a forma com *o* aberto. No vocabulário sino-macaense do *Ou-Mun Kei-Lèok*, trad. de Luís Gomes, p. 270, a transcrição fonética chinesa para *avô* corresponde a *pá-á-p'ó*, o que parece representar *pai-avó* (com *o* aberto), ou seja, *avô*. Note-se que J. S. Ferreira dá também a forma *avô-pai* (e *avô-mai*), numa pronúncia já mais moderna, em *Macau sã assi*, p. 102.

Étimo – Port. *avô* + sufixo ch. *kông*, 公, indicador do masculino, geralmente o macho dos animais. Também «título de honra para pessoas idosas» (*Dic. ch.-port.*)

* *bafá* [baʃá], *vafá* [vaʃá], subst. ant.

Espécie de dominó, jogo de cartas chinesas ilustradas com flores: «... por isso e por não encontrarem outra distracção, a toda a hora joga-se *Vafá* ...» – Manuel da Silva Mendes, *O ensino da língua portuguesa em Macau* (1920), apud A. Amaro, *Três jogos populares de Macau*, p. 70. Cf. J. S. Ferreira, *Macau sã assi* p. 80: «Ali vanda dia intero / Têm ancusa pa olá / Sômente num têm parcêro / Si querê jugá *bafá*».

Parece ser jogo de origem chinesa, mas «deve ter sido adoptado pelos macaenses há muito tempo, pois, entre os chineses, veio a perder-se nos nossos dias, a lembrança de qualquer jogo similar. (...) É possível que as antigas *nhonhas* tivessem aprendido a jogar *bafá* com escravas ou crioulas chinesas, mas chinesas que falavam o seu português». – A. Amaro, *ob. cit.*

Étimo – Obscuro. Informadoras idosas dizem *bafá*, mas segundo M. da Silva Mendes, acima citado, o nome seria também *vafá*. Por outro lado, em antigo e curioso apontamento de senhora macaense de 92 anos, aduzido por A. Amaro, *ob. cit.* p. 74, o nome do jogo está grafado *wafá*, o que pode levar a supor origem chinesa da palavra, uma vez que *w* é a romanização mais exacta em vez do usual *v*, que em cantonense é pronunciado com som intermédio entre *u* e *v*.

Também A. Amaro se inclina para o étimo chinês que poderia ser, na forma mais remota, o nome *fá wó* 花和 (flores e harmonia) de um jogo também de cartas chinesas que vagamente se assemelha ao *bafá* de Macau. «*Bafá* poderia ser uma criação dos portugueses de Macau, por transformação de um jogo de *fá wó* (...) (1). Empregar o termo *wó fá* e daí *wá fá* em lugar de *fá wó* é uma alteração muito corrente entre os chineses, quando se trata dum nome que, realmente, não exprime algo de concreto». Ainda segundo a mesma A., o nome *bafá* ou *vafá* poderia

(1) Entenda-se a transformaçãoda expressão *fá wó* em *wó fá*.

também derivar directamente de *wai fá* 維花 'juntar, unir cartas (floridas)', «numa invenção puramente macaense», por ignorância do nome original do jogo.

Esta hipótese, foneticamente verosímil, parece-me, contudo, pouco provável. Seria estranho que senhoras macaenses (o jogo parece ter sido principalmente um passatempo feminino) dos tempos antigos, quando se fazia até gala em não falar chinês, inventassem um nome chinês para o jogo, o qual teria sido depois *macaizado* em *bafá* ou *vafá*.

O étimo permanece, portanto, bastante obscuro. Quem sabe se, num raciocínio mais simples, *bafá* não será afinal e nada mais que o port. *abafar*? Segundo a descrição da já tão citada A., uma vez baralhadas as cartas, os jogadores *apoiavam sobre elas as mãos* (abafavam-nas?) tendo sempre o cuidado de manter as faces das pedras voltadas para baixo.

* *balancás* – GDM, p. 65.

Grafei aí *balancaz*, seguindo Marques Pereira, T.S.Y.K., III, p. 167, mas a grafia com -s parece mais correcta, atendendo ao étimo.

Segundo J. S. Ferreira, *Macau di t. ant.*, p. 105, a palavra teve também o sentido de «pateta, pessoa inútil, estorvo», aliás, o único significado que este A. regista.

* *barbeiro-ansiado* [barbero ãsiado], ant.

Ansioso, impaciente, nervoso; cheio de curiosidade. «Eu, *barbeiro-ansiado*, cheguei ao barco uma hora antes» – ouvido a pessoa idosa de fala normal, mas usando, de brincadeira, a expressão antiga. Cf. também J. S. Ferreira, *Macau sã assi*, p. 89: Iou nunca *barbero-ansiado*, mas si têm novidade, sã lôgo querê uví...».

Também se usou *barbero-bafado*.

Étimo – Os componentes da expressão são evidentemente portugueses, mas o motivo do elemento *barbeiro* está já esquecido. Alusão à proverbial curiosidade dos barbeiros?

* *barco-flor*, ant. e des.

Nome dado em Macau, pelos princípios e meados deste século, a certo tipo de barcos chineses muito ornamentados que serviam antigamente como lugares mais ou menos requintados de prostituição. «Tens então medo que venham roubar a Li-ná, para os *barcos-flores*?» – Emílio de San Bruno, *O caso da rua do Volong* (1928), p. 182. *Id.* p. 225: «Vão V. Ex.^{as} uma noite até um *Barco-Flor* que tenha vindo por aí e podem ver as lindas chinas que ali aparecem». Cf. ainda o poema de Camilo Pessanha em *Clepsidra* (1920): «*Ao longe os barcos de flores*».

Étimo – A expressão é tradução do ingl. *flower boat* com o mesmo sentido. O termo «*flor*» poderia ser motivado pela ornamentação do barco, mas suponho antes que se referirá às «*lindas chinas*» que aí se encontravam.

Hoje a expressão está em desuso, embora seja conhecida por pessoas idosas e de meia idade, e é pouco provável que tenha sido usada no genuíno crioulo mac., onde a palavra *flor* tinha a forma *fula*.

**bater bacia* – *GDM*, p. 70.

Segundo J. S. Ferreira, *Macau sã assi*, pp. 91 e 103, teve também o sentido de «apregoar aos quatro ventos»: «Sã sua pai qui tá *batê bacia*, contá pa tudo vanda».

**bater saia* [batê saia], ant. e des.

Recortar papel, fazendo arrendados, geralmente para enfeites de doces e bolos (v. *doce vestido*, *GDM*, p. 164).

«Não só entre os chineses, recortar papel é um passatempo favorito. Com fins, quer utilitários quer recreativos, as crianças, tanto portuguesas como chinesas, de há muito se entregam, em Macau, a tão remota quão famosa arte. Entre as antigas senhoras macaenses, recortar papel, o conhecido *bater saia*, fazia parte integrante da sua própria educação. Coincidiram, assim, nesta Província, duas técnicas e duas fontes inspiradoras dos motivos dos papeis recortados, a chinesa e a europeia, trazida pelos antigos portugueses, possivelmente pelas antigas religiosas, que se ocupavam, noutros tempos exclusivamente, da educação das meninas macaenses.» A. Amaro, *Jogos, brinquedos...*, p. 96.

Étimo – Port. *bater e saia*, tendo a expressão o sentido local de ‘armar saia ou saias’. As *saia*s eram os folhos de papel recortado com que se enfeitavam os *ternos* ou *doces vestidos* para oferecer a amigos chineses pela festa do Ano Novo Lunar. Enfeites desses, mas mais simplificados, ainda se fazem para bolos de casamento ou de aniversário.

bobo – GDM, p. 78

Folclore – Não parece possível obter hoje a letra ou letras antigas da marcha carnavalesca *Àqui bobo*. Mas a actual «Tuna Macaense» toca e canta esta marcha com a música original do macaense Adalrico Viana e versos de J. S. Ferreira. Essa música é dos tempos da segunda guerra mundial, que para Macau, paradoxalmente, foi época de grande divertimento, apesar das privações que se passavam.

A referida marcha foi publicada (Jan. 1985) numa fita magnética de canções em *patoá* com letra de J. S. Ferreira, intitulada *Macau* e editada pela Direcção dos Serviços de Turismo de Macau. Os versos da marcha são os seguintes:

Estribilho:

*Àqui bobo, olá bobo
Tá passá na basso di janela.
Àqui bobo, olá bobo
Tirá máscara pa nós olá!
Nhonha jóvi, nhonha vêla,
Qui capaz vai junto pandegá.
Bobo tudo sã igual,
Qui muchacho qui donzela,
Vida sã 'nga carnaval!*

*Cara limpo, cara suzo,
Vesti bobo tud'iscondê,
Chacha vêla lôgo olá
Si pode jóvi parecê:*

*Dominó quelora suzo
Nina-nina sã nádi usá.
Máski seza carnaval
Nho-nhonha nunca sã igual*

Estribilho:

*Àqui bobo, olá bobo
.....
Vida sã 'nga carnaval!*

*Gente pobre, gente rico
Vesti bobo pa divertí.
Chacha certo sabe olá
Si vós sã vêm pa chicurí.*

*Tio Chai-Chai cô Tico-Tico
Olá saia mám tá cuçá.
Másqi seza carnaval
Home-home nunca sã igual*

Estribilho:

*Aqui bobo, olá bobo
etc.*

bocage [bɔkɔʒɛ], [bɔkɔʒe], subst. ant. e act..

Pessoa despreocupada no agir e no vestir, que não se rala com exactidões ou com preconceitos; pessoa desordenada.

Étimo – Port. *Bocage* (Manuel Maria Barbosa du Bocage). O poeta esteve em Macau por volta de 1789-1790. É possível que a memória da sua personalidade persistisse em Macau dando origem à frase ainda hoje frequentemente ouvida: «F. é um *bocage!*». É mais provável, porém, que como aconteceu em Cabo Verde, onde a palavra como substantivo comum significa «vadio, valdevinos», o termo mac. seja apenas «um eco da lenda *bocageana*» (cf. Baltasar Lopes da Silva, *O dialecto crioulo de Cabo Verde*, p. 324).

* *bola maluca* [bɔlɐˈ mɔlukɐ], act.

Jogo de bola praticado por meninas.

O jogo é uma variante simplificada da *bola venenosa* (GDM, p. 80)

* *bola ronda* [bɔlɐ ˈrɔ̃dɐ], ant.? act.

Jogo de bola praticado por crianças. «A *bola ronda* é um passatempo muito comum entre as crianças das escolas portuguesas». Cf. A. Amaro, *Jogos, brinquedos...* pp. 252-256, onde faz a descrição pormenorizada do jogo.

Étimo – Segundo a mesma A., a expressão *bola ronda* é talvez deturpação do fr. *balle ronde*, sendo portanto um jogo de importação europeia.

brinco do leão, ant. e des.

Além das acepções dadas em *GDM*. p. 88, para a palavra *brinco*, foi também corrente no crioulo a de 'brincadeira, diversão, dança', como em *brinco do leão*, modernamente *dança do leão*. ♦

Dança ainda muito frequente, executada por ginastas chineses em ocasião de festividades como a do Ano Novo Lunar ou de celebrações religiosas. Uma enorme e estilizada máscara de leão, e uma faixa de pano colorido a representar o corpo, cobrem dois acrobatas-dançarinos que fazem evoluções imitando os movimentos dum leão, ao som de tímboles e pratos. (V. fig. 13).



Fig. 13 — *Brinco do leão*.

A dança do leão tem a sua simbologia, mas para os portugueses de Macau, normalmente alheados da cultura chinesa, não é mais do que *brinco*, diversão, espectáculo.

Também em Goa a palavra tem ou teve sentido idêntico. Goês de meia idade informa-me de que aí significava 'teatro popular exibido na rua'. Cf. Dalgado, *Gloss*. I. s.v.: «Empregase o termo em Goa na acepção peculiar de 'cegada ou grupo de palhaços que cantam, tocam, bailam e esgrimem por ocasião do carnaval ou em cortejo cívico de grande regozijo' (...). É mera

tradução do conc. *khêl*. Gonçalves Viana, todavia, julga que *brinco*, nesta acepção, conserva o significado do verbo *brincar*, que, entre o povo no continente, era usado no sentido de 'bailar'.»

Sobre a dança do leão e suas origens, v. A. Amaro, *O brinco do leão*, pp. 9 segs.

Folclore – Quadra popular do século passado:

*Tarão, tão pião;
China mata leão;
Leão dale uma coça;
China cai na chão...*

Apud A. Amaro, *ob. cit.*, p. 35

cabaia – *GDM*, p. 92. V. Figs. 14 e 15.



Fig. 14 — *Cabaia* branca de empregada doméstica (1955).
A farda tradicional das «amas» ou «criadas», calça preta e cabaia branca, está hoje praticamente em desuso.



Fig. 15 — *Cabaia comprida (cheong sâm)*, hoje usada somente como traje de cerimónia.
(Gentileza do alfaiate chinês que a confeccionou).

* *cabelo de bonzo* — *GDM*, p. 94. V. Fig. 16.

* *caçada* — *GDM*, p. 95.

Não tendo conhecimento de que a palavra tivesse sido usada algures fora de Macau com o sentido de 'pancada, sova', duvidei de que fosse sequer de uso corrente aqui, visto aparecer apenas numa paródia ao dialecto, de proveniência culta. Posteriormente, porém, encontrei o termo documentado no indo-português de Goa: «*caçada* (dar, levar —), pancada, sova. Também em Macau» — Dalgado, *Dialecto Indo-Português de Goa*, p. 78. Cf. ainda Gip, *Jacob e Dulce — Cenas da vida indiana*, p. 74: «— A mim mano Francisco matou — disse (...) a pequena. — Matou não... deu *caçada*, emendou a mãe. — Bateu, emendou por sua vez o pai.»

Étimo – Do port. *caçar*, através do indo-port.? *Caçar*, no port. de Goa, significa também *matar* (galinhas, vacas, etc.) Seria *dar caçada*, ‘dar pancada’ sugerido pela pancada aplicada a certos animais para os matar?



Fig. 16 — *Cabelo de bonzo*.

* *cachivachi* – *GDM*, pp. 97 e 297.

O Prof. Heinz Kröll, da Universidade de Johannes Gutemberg, Mainz, Alemanha, na Rev. *Archiv*, vol. 216, ano 131, 1979, pp. 191-192, discorda da hipótese que propus de um étimo indo-port. (*casta baixa*) através do papiá de Malaca *casta basso*, ‘indivíduo grosseiro, de baixa extracção’.

O distinto Prof. sugere antes o esp. *cachivache*, «cosa inútil o de poco valor, chisme, traste». De facto, tanto fonética como semanticamente a hipótese é aceitável, tanto mais que algumas palavras de origem espanhola existem em Macau, sobretudo provenientes da América Latina através do contacto com as Filipinas.

* *cajão* – *GDM*, p. 102. V. Fig. 17.

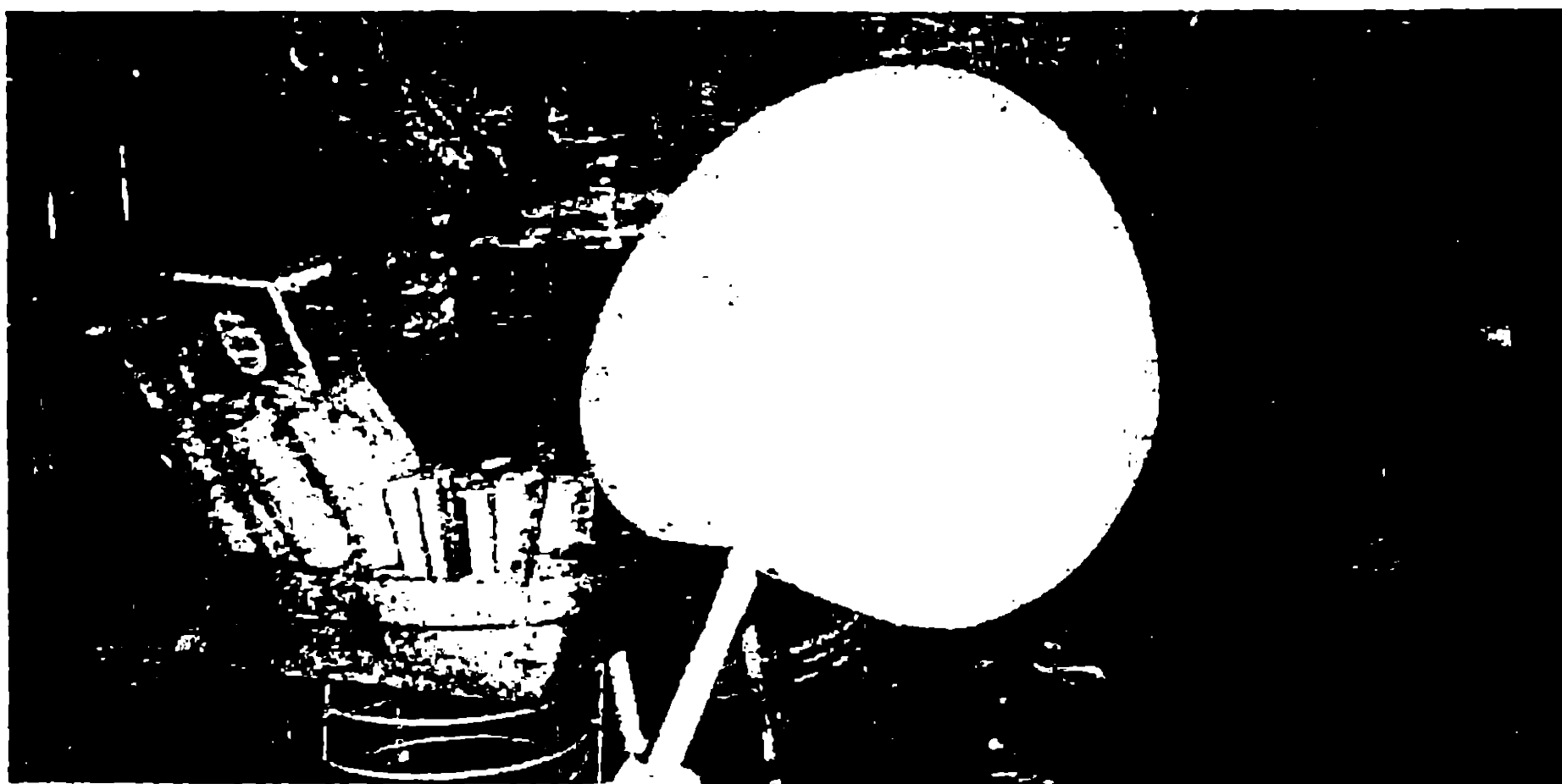


Fig. 17 — Leque de *cajão*.

canga-pêlo – GDM, p. 106.

A propósito do étimo de *canga* que Dalgado, *Gloss.* I, s.v. *ganga* deriva sem grande consistência do ch. mandarim *yang*, talvez do provincianismo *káng*, veja-se Edgar C. Knowlton, *A etimologia de duas palavras portuguesas exóticas, «ganga» e «pongé»* in *Boletim do Instituto Luís de Camões, II*, Macau Out. 1967, pp. 105-7.

Segundo este ilustre Prof. e linguista, a palavra tamúlica ᱥᱟᱱᱛᱟᱲ romaniza-se em *kāngu* e significa *gingam* correspondente a *guingão* que Dalgado, *Gloss.* I, p. 499, regista também com a forma *gingão*. A pronúncia em port. do tam. *kāngu* seria muito aproximada de *canga* e esta corresponde à forma exacta empregada pelos quinhentistas portugueses, segundo o *Gloss.* de Dalgado.

O étimo será, portanto, tamúlico e não chinês.

* *cape* – GDM, p. 107. V. Fig. 18.



Fig. 18 — Pescador chinês com *cape* (aliás *lape*?).

carambola – GDM, p. 109. V. Fig. 19.

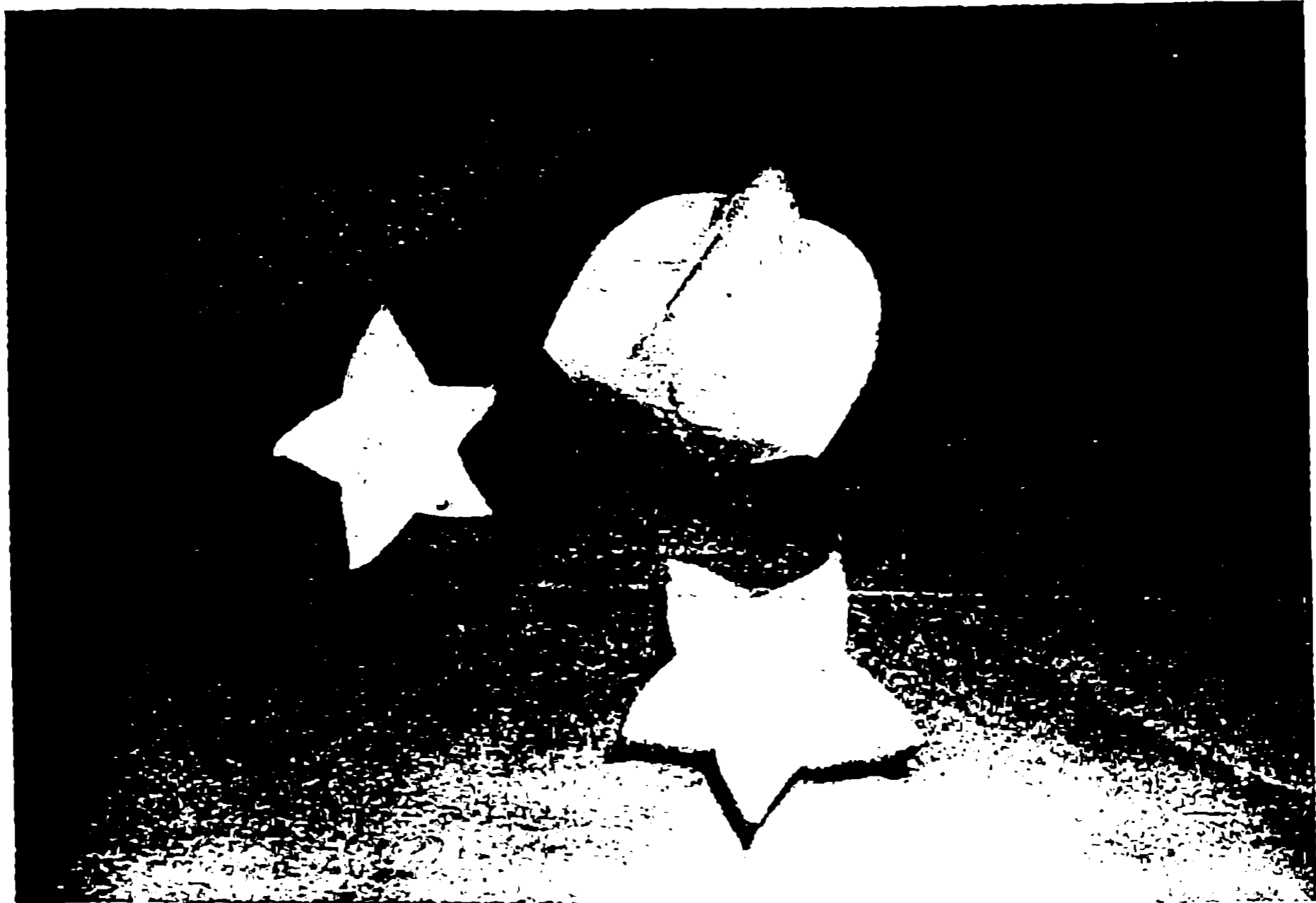


Fig. 19 — *Carambola* cortada («*cortá cortá sai estrela*»).

cartar [kãrtã], v. ant. e act.

Acarretar, transportar. Segundo J. S. Ferreira, significava também, antigamente, 'estar grávida': «Quim falá nóiva tá *cartá*? Iou nunca olá bariga...» – Id., *Macau di tempo antigo*, pp. 52 e 113.

Étimo – Port. pop. *acartar* por *acarretar*.

* *cartas de pau* [kãrta di páu?], ant. e des.

Peças do jogo de dominó chinês.

«Antigamente os jogos de cartas, na China, confundiam-se com os jogos de dominó. As primitivas cartas chinesas parecem ter sido feitas em bambu, marfim e madeira. *Cartas de pau* é o nome local atribuído às peças dos dominós chineses». – A. Amaro, *Jogos, brinquedos...*, p. 347.

* *catá-cutí* [katã kutí], ant. e des.

«Bugigangas, coisas sem valor»: «Ilôtro sua casa tá inchido de *catá-cutí*». – J. S. Ferreira, *Macau sã assi*, pp. 90 e 107.

Étimo – Para o elemento *cutí*, v. *GDM*, p. 158 (haverá talvez uma relação com coisas batidas, partidas). Quanto ao elemento *catá*, desconheço o étimo. É possível que seja apenas termo onomatopaico.

cauri – *GDM*, p. 113.

Em *GDM* não pude determinar o étimo do mac. *cauri*, ‘pedrês, pintalgado’ (galinha *cauri*). Suspeitei relação com a concha denominada no Oriente *cauri* ou *caurim*, mas esta, *Cypraea moneta*, que corria antigamente como moeda, é branca e não pintalgada. Contudo, A. Amaro comunicou-me amavelmente, em carta particular de 4/2/1979, que verificou em Malaca a concha *Cypraea cauroide*, L., branca e pintalgada de escuro, usada no jogo de *chong-kak* (mac. *chonca*). Conchas do género *Cypraea* serviam de moeda em vários pontos da Ásia, África e mesmo Oceânia e não seria de estranhar que se desse o nome genérico de *cauri* a todas elas. Daí, portanto, do aspecto da concha pintalgada, viria a designação mac. de *galinha cauri*.

cegonha [segõña], subst. ant. e act.

Actualmente tem o sentido normal de «ave pernalta». No crioulo teria certamente esse mesmo sentido, mas era também «a mulher que, nos tempos em que não havia autoclismo, ia às casas, muito cedo, despejar as retretes». E era também o termo de gíria para designar uma *amante*. Cf. J. S. Ferreira, *Macau di tempo antigo*, p. 114.

Étimo – Port. *cegonha*.

Qual o motivo de se dar esse nome à mulher que fazia tão humilde serviço, desconheço. O de *amante* poderia ter vindo por associação com a ideia de serviço sujo. Por outro lado, o *Dicionário da língua portuguesa* por Almeida Costa e A. Sampaio e Melo – Dicionários Editora – 6.^a ed., s.v. *cegonha* regista o «pop. velhaco, cínico». Daí poderia também ter surgido o último sentido dado por J. S. Ferreira.

* *centapis* [sētapís], subst. ant. e des.

As pessoas idosas que ainda hoje conhecem a palavra pronunciam *centapis*; no entanto, a pronúncia dental do s no

crioulo e a própria origem da palavra levam a crer que se diria antes *centapice*.

Centro de mesa, cesto ou jarra de flores para ornamentar o centro da mesa de jantar: «Um dos passatempos favoritos das meninas dos princípios do século era, segundo afirmam as nossas mais idosas informadoras, *enfiá mútri* e com *mútri* e *escarrachada* fazer objectos decorativos como *sentapis*, almofadas, paninhos, etc.» – A. Amaro, *Jogos, brinquedos...*, p. 349 (a grafia *sentapis* deve substituir-se por *centapis*, atendendo ao étimo).

Étimo – Ingl. *center-piece*.

* *chai feng* [čáj fɛŋ], act.

Sistema usado para *tirar sortes* entre dois ou mais jogadores, no início de certos jogos. «Embora seja usado pelas crianças, nos seus brinquedos, é entre os adultos que o *chai feng* (...) é mais empregado, frequentemente, para as mais variadas apostas» – A. Amaro, *Jogos, brinquedos...*, p. 16.

Os jogadores, de frente um para o outro, apresentam a mão direita ao mesmo tempo, num movimento rápido, e nas seguintes posições (cuja ordem é imprevisível): aberta, representando *pano*; com os dedos indicador e médio na posição de *tesoura*; e com o punho fechado, simulando *pedra* (ou *martelo*). O *pano* ganha à *pedra*, porque a embrulha, a *tesoura* ganha ao *pano*, porque o corta, e a *pedra* ganha à *tesoura*, porque a estraga.

As crianças e adultos portugueses de Macau usam hoje o termo chinês *chai feng*, mas há 50 ou 60 anos, quando o chinês era muito menos usado pelos macaenses, empregavam-se para estas sortes os termos ingleses *stone*, *paper*, *scissors*, deturpados em *estóne*, *pépa*, *siza*. q.v. (inf^o. 70 e 75, 1985).

Étimo – Ch. *chai feng*, 猜 que, segundo A. Amaro, *ob. cit.*, «parece ser deturpação da palavra *choi* 財 da frase *fat chói* 發財, ‘revele-se a riqueza’, seguida do som *feng*» (este som é apenas usado na linguagem oral, designando o movimento das mãos).



Fig. 20 — Um velho pátio de Macau, vestígio dos antigos *chales*.

chamara [čamařa?], *chamarra* [šamařa?], subst. ant. e des.

Inf.^o 78 (1985) pronuncia *chamarra*, mas é mais provável que soasse originalmente com *r brando*, pois que o *r duplo* não era usual no crioulo e a própria origem da palavra assim o indica.

Cabelo comprido, falso, que se juntava ao natural para engrossar uma trança. Atava-se na nuca com um fitilho e entrançava-se com os próprios cabelos.

Étimo – Dalgado, *Gloss.* I, p. 753, regista: «Chámara, V. *chouri*». *Id.*, p. 280: «CHOURI. Rabo de *Bos grumiens*, usado na Índia por enxota-moscas e insígnia de realeza. Do con.-mar. *chauri*, hindust. *chauhri*, sanscr. *chāmara*».

Das várias abonações apresentadas por Dalgado, note-se a seguinte: «1913 – Like a beeing divine, he sits on his regal throne; on either side fair damsels fan him with soft *chamara*».

O aspecto de cauda de boi dos cabelos falsos, antes de entrançados, poderia levar os portugueses vindos da Índia a dar-lhes o nome de *chámara* ou *chamara* por semelhança, ficando o termo no mac.

* *champorar* – GDM, p. 122.

Étimo – como supus, o papiá de Malaca criou *champorá* ‘misturar’, do mal. *ehampor*, e *champorado*, *champorrado* ‘misturado’: *Papiá champorrado* (pessoalmente verificado em Malaca, 1983) – falar misturado, não só com vocábulos ingleses e malaios, mas também com adulterações na pronúncia do primitivo crioulo, como em *potra* por *porta*, *patri* por *parti* (r).

chapadeca [čapadeka], adj. ant. e act.

Rapariga macaense com traços fisionómicos chineses (com nariz achatado, *chapado*, como o dos chineses).

Nesta acepção tenho ouvido frequentemente o termo a pessoas idosas e de meia idade. No entanto J. S. Ferreira, *Macau di tempo antigo*, p. 115, dá o significado de «rapariga branca que não é feia nem bonita». Para este significado, contudo, não encontrei confirmação.

Étimo – Port. *chapada*.

* *chatom* – GDM, p. 124. V. Fig. 21.

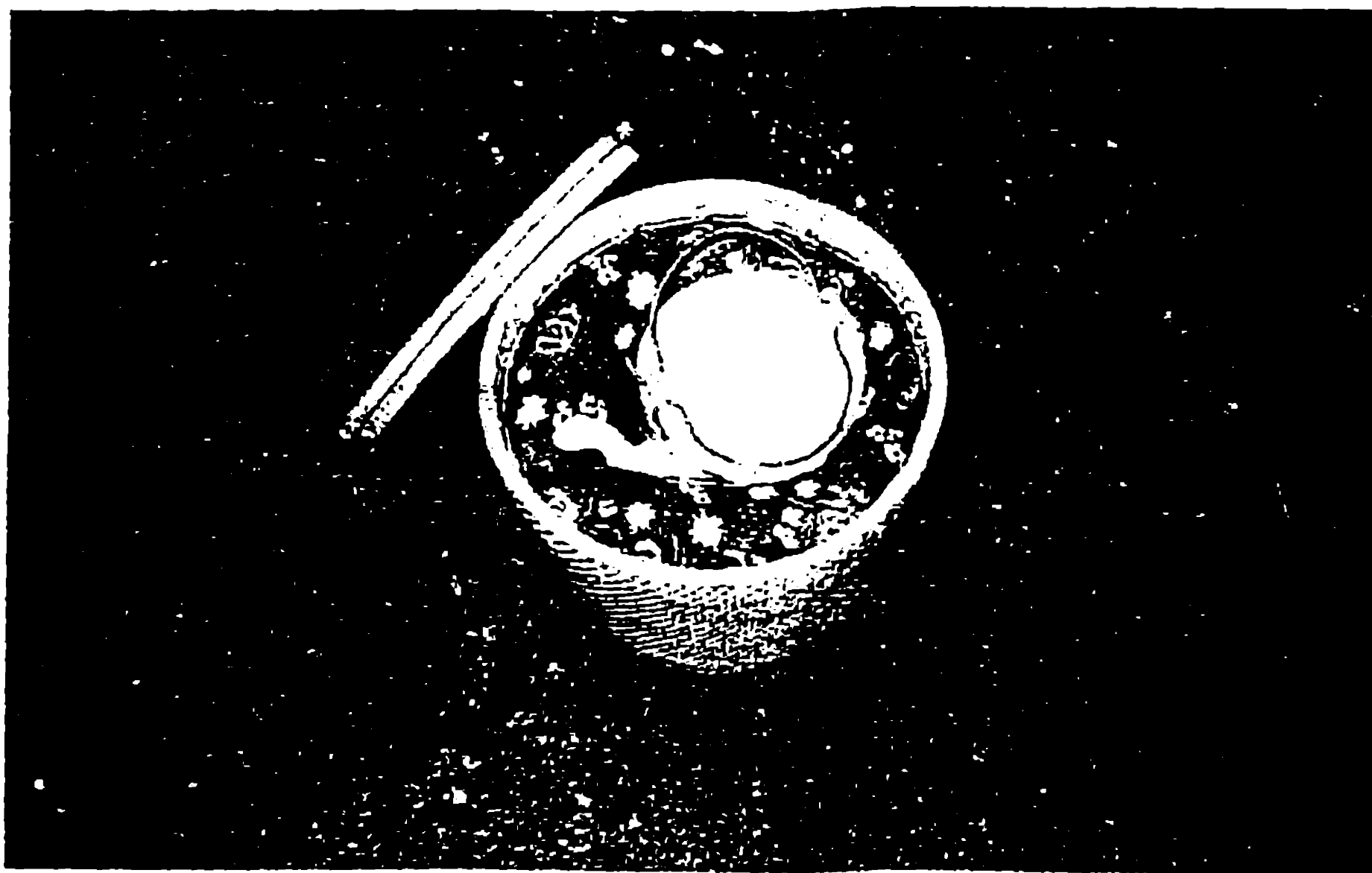


Fig. 21 — *Chutom*.

Escrevi então: «Não é correcto o que afirma Dalgado, *Gloss.* I s.v.: «...o qual [termo chinês *chau*] designa a conserva de fruta de várias espécies que aparece nos mercados orientais. *Chau em chinês é comida...*»

De facto não é correcto que o termo chinês *chau*, que neste contexto seria 葷 signifique ‘comida’, mas sim ‘fritar’ (geralmente uma mistura de ingredientes). Mas que na Índia o termo significasse «conserva de frutas» no sentido de «mistura de frutas» foi-me confirmado por goês (55) que se recorda de ver essas conservas em Goa, na sua infância, com o nome de *chau-chau*.

* *cherindê* – GDM, p. 127.

Étimo – V. a nota a GDM, p. 319. *Serendê* (ou *serindê*) ocorre numa quadra da canção *Passarinho berdi* dos cristãos de Malaca:

«Passarinho berdi
Más berdi di *serendê*
Já sai di sua gaiola
Que corrente logo corrê».

(Para a canção completa e outras, cf. G. Batalha, *Malaca – O Chão de Padre e seus moradores «portugueses»*. Macau, 1986, p. 59).

* *chipe-chipe* – GDM, p. 131.

Étimo – Em GDM não pude determiná-lo com exactidão, embora supondo origem malaia. Creio agora que o mal. *sépet*, «half closed (of the eyes)» será o étimo provável (Cf. *Wilkinson*, s.v.)

* *chiquia* – GDM, p. 133.

Étimo – Em GDM tentei estudar o étimo de *chiquia* ‘jogo infantil’ (jogo do volante), mas não me referi à origem do termo como «trança ou rolo de cabelo preso na nuca» usado antigamente pelas mulheres chinesas e também pelas macaenses.

Esta trança seria talvez, primitivamente, apenas um feixe de longos cabelos atados na nuca e soltos pelas costas, uma espécie de rabo de boi, a *chamara*, como se vê em pinturas chinesas antigas. Posteriormente teria sido dado o nome de *chiquia* a esses cabelos soltos e também ao rolo preso na nuca. De qualquer modo, o volante que se chama no mac. actual *chiquia* faz lembrar mais os pequenos rabichos usados pelas crianças chinesas, um de cada lado, sobre as orelhas, ou somente um no alto da cabeça. V. A. Amaro, *Jogos brinquedos...*, p. 137: «Estudada a difusão deste jogo e os nomes, por que, no Oriente, é conhecido, fica-nos a ideia de que o nome da *chiquia*, como brinquedo, é que teria dado o nome aos *penachos* de cabelos das crianças e não o contrário, como a maioria das pessoas supõe».

Aqui seria necessário averiguar, o que não é fácil, nem talvez possível, qual a antiguidade do termo como jogo, em Macau. Nos textos em crioulo dos finais do século passado, só aparece referido ao cabelo enrolado na nuca das mulheres macaenses.

Quanto à relação de *chiquia* «jogo do volante», executado com o pé, com uma palavra coreana *tcha ki* que A. Amaro cita sem indicação de fonte, o Prof. coreano Dr. Tai Whan Kim, da Simon Fraser University (Canadá) teve a amabilidade de me informar em carta de 20/12/79: «In Korean the usual form is *Kong tcha-ki*, literally ball-kicking, e.g. football kicking, etc.»

* *chocorrir* – *GDM*, p. 138.

Segundo informação espontânea de macaense residente em Portugal, que ouviu na infância os avós falar o crioulo como língua familiar, a palavra não tinha os sentidos por mim apontados em *GDM*, mas era termo obsceno significando «ter relações sexuais». O papiá de Malaca *chicorero*, «que gosta bulí fémi», ‘femeeiro’ parece confirmar esta acepção. No entanto a palavra ocorre actualmente em canções e diálogos jocosos em *patoá* com o sentido atenuado, embora malicioso: «... Chacha certo sabe olá/Si vôs sã vêm pa *chicuri*» (J. S. Ferreira, *Aqui bobo*, V. *bobo*).

* *chonca* [čõka] , subst. ant.

«Jogo de tabuleiro ainda popular há uma trintena de anos em Macau (...) recentemente abandonado». – A. Amaro, *Um*

jogo africano de Macau in *Revista da Universidade Nova de Lisboa*, n.º 1. Lisboa 1980, p. 215. Cf. ainda a mesma A. em *Três jogos populares de Macau – Chonca, talu, bafá*, p. 8: «A *chonca*, possivelmente um dos passatempos mais antigos levados com as velhas tradições malaias, era um jogo essencialmente feminino que logrou manter-se (...) até às primeiras décadas do século XX».

Fundamentalmente, o jogo consta de um tabuleiro com um certo número de cavidades nas quais se lançam sementes, pedrinhas ou conchas, pelo que era também conhecido em Macau por *jogo das conchinhas*. (V. Fig. 22)

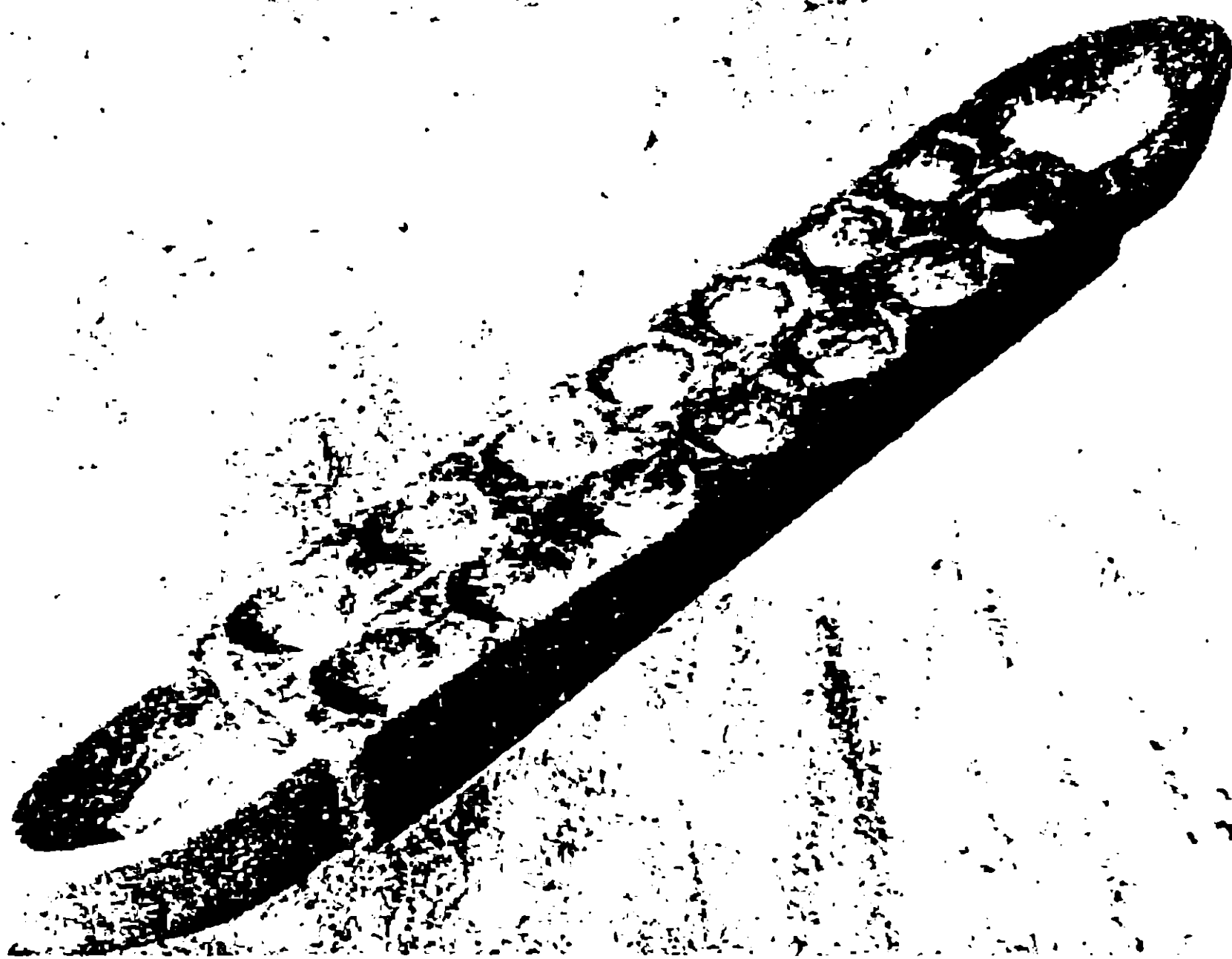


Fig. 22 — Tabuleiro de *chonca* de Malaca.

Fotografia de Ana M. Amaro, in *Três jogos populares de Macau*, p. 15.

Étimo – O jogo é conhecido e designado na Malásia por *tchong-kak* ou *conkkak*, segundo A. Amaro. *Wilkinson* regista o mal. *chongkak*, «a generic name for cowrie shells (*Cypraea*)». Nas expressões *main chongkak* e *papan chongkak* designa ainda, segundo o mesmo *Wilkinson*, respectivamente, o jogo feito com essas conchas e o tabuleiro usado nesse jogo.

A palavra, assim como o jogo, terá portanto sido introduzida da Malásia.

Curioso notar a sua vasta expansão no Extremo Oriente: *tchonkajon* (filipino), *tchanka* (cingalês), *çonca* (timorense), *chonca* (mac.). Cf. A. Amaro, *ob. cit.*, p. 19.

* *chonto* [čõto] , subst. ant.

«Chusma, grande quantidade. Coisas aglomeradas» – J. S. Ferreira, *Macau di tempo antigo*, p. 117. *Id.*, p. 51 «Cabêlo di nóiva (...) têm dôs *chonto* anelado tá cai pa unga lado co ôtro na riva di orélia» (orelha). Neste contexto, *chonto* será «um aglomerado de cabelos anelados».

Étimo – Segundo amável informação do A. citado, a palavra será talvez deturpação e abreviatura do port. *conjunto*.

* *chucho* [čučo] , subst. ant.

«Intrometido: homem que mete o nariz onde não é chamado» – J. S. Ferreira, *Macau di tempo antigo*, p. 117 (grafado *chúchu*)

Étimo – Suponho que seja abreviatura de *chuchumeca*, q.v.

* *chuchumeca* – *GDM*, p. 142.

Étimo – Supus relação com *chuchur*, *chuchu*, porém verifiquei posteriormente por sugestão de A. Amaro, que o termo não é exclusivo do mac. *Dic. Mor.* dá *chichimeco*, adj., «entremetido», o mesmo significado de Macau. Por outro lado, o *Dic. Cândido de Figueiredo* regista *chichimeca* como termo do Brasil: «bisbórria, bigorrilhas». E a *Enciclopédia Universal Ilustrada*, ed. Espasa-Calpe, vol. XVII, define o adj. *chichimeca* como termo de origem mexicana, relativo aos indivíduos duma antiga tribo de índios mexicanos.

Seja como for, a palavra entrou no vocabulário português, mas não é impossível que a influência de *chuchu(r)* «furar» (na vida alheia) tenha levado à pronúncia local.

* *cifrada* [sifrada], subst. ant. e des.

«Corrida; ir a correr» – J. S. Ferreira, *Macau di tempo antigo*, p.117. *Id.*: «unga *cifrada* corê vai cozinha».

Étimo – o port. *cifrar*, além de «escrever em cifra», significa também «reduzir, resumir». Daqui poderia vir o sentido de «fazer à pressa, de corrida»?

criação [kriasãŋ?], [kriasãu], subst. ant.

O mesmo que *crioula* (*GDM*, p. 155): «Dai-dai era a crioula ou *criação*» – informação de pessoa de idade cujos pais e avós usavam entre si o dialecto.

Étimo – O termo é muito antigo em Portugal. Cf. Viterbo, *Elucidário*, s.v.: «Nos antigos documentos se chamava *criação*, não só aos rebanhos, ou frutos de quaisquer animais, propriedades e fazendas, mas ainda aos mesmos escravos, que se reputavam como animais, e fazenda de seus senhores».

dachim [dãçĩŋ]; *tachim* [tãçĩŋ].

Registei em *GDM*, p. 159, apenas a forma *dachim*, mas posteriormente ouvi também *tachim*. Esta é a forma registada por J. S. Ferreira em *Macau sã assi*, p.133. Ambas as formas são ainda usadas por pessoas idosas e de meia idade, como algumas das boas doceiras macaenses que utilizam esta balança para pesar os ingredientes dos seus doces.

O termo não se aplica, portanto, somente à balança dos ourives ou das farmácias chinesas como *supus*, mas a qualquer balança deste tipo, isto é, de forma semelhante à balança romana. O peso é dado em *pico*, *cate* e *tael* (V. *GDM*, s.v.).

O mesmo *dachim* ou *tachim* pode servir para pesar artigos leves ou pesados, tendo para isso diferentes pontos de suspensão. V. Figs. 23 e 24.

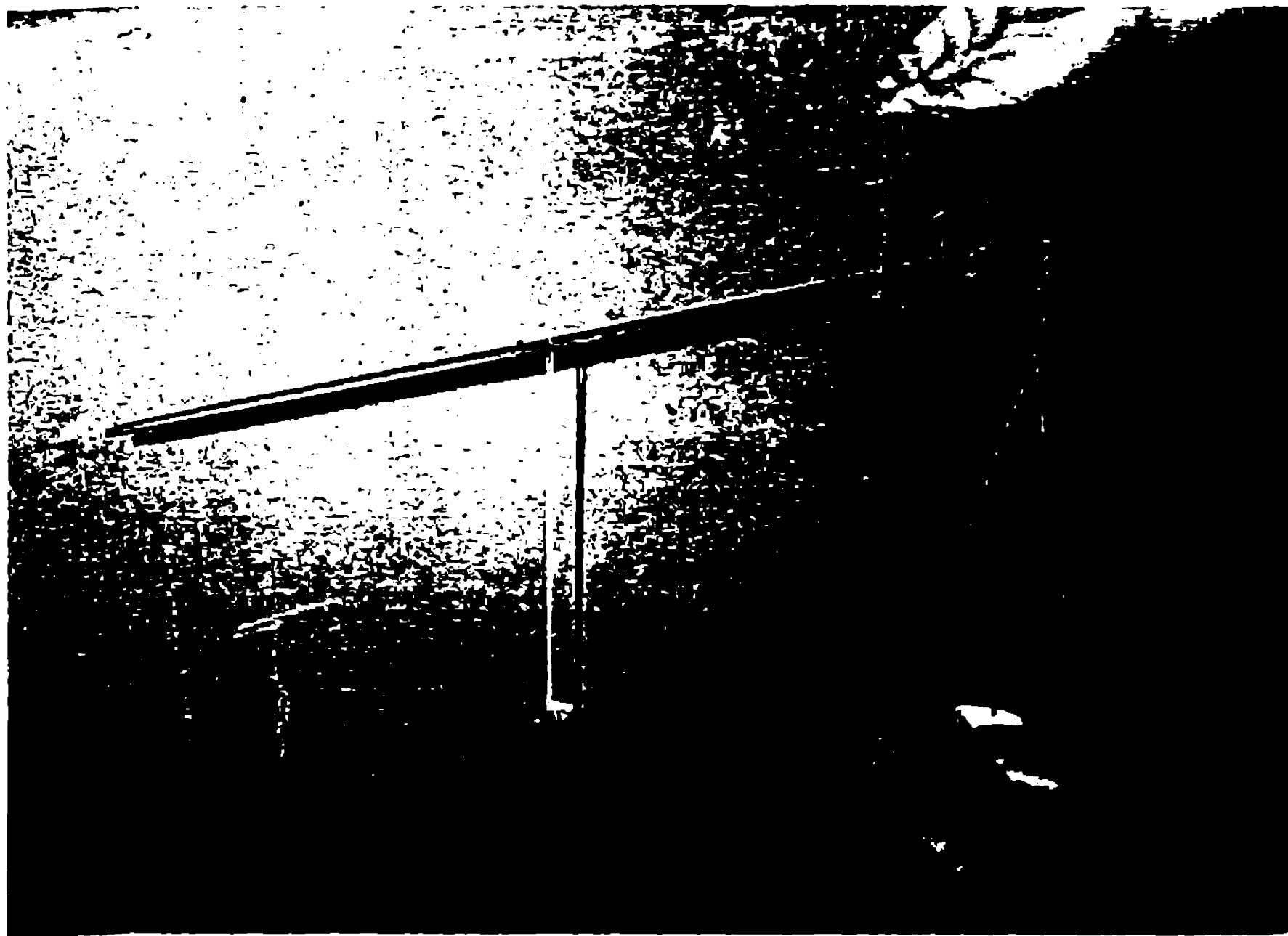


Fig. 23 — *Dachim* ou *tachim*.



Fig. 24 — Dona de casa macaense (D. Lília Sapage) com o seu *dachim*.

**daiom* - GDM, p.161. V. Figs. 25 e 26.



Fig. 25 — Antiga «criada» de doceira macaense, já falecida, com o *daiom* que herdou de sua patroa.



Fig. 26 — A mesma mulher mexendo *aluar* com o *daiom*.
(Fotografia gentilmente oferecida pela própria).

**dingo-dingo* [dīgo dīgo], adj. ant.

«Froixo; bambo; pouco seguro. *Porta dingo-dingo*: porta pouco segura». — J. S. Ferreira, *Macau di t. ant.*, p.121.

Étimo — *Wilkinson* regista o mal. *dinding*, «screening; a light partition; a party-wall; a wall, generally», enquanto *Sagalongos* dá o filipino *dingding* com o sentido geral de «parede, divisória». O mal. *dinding*, talvez com a pronúncia antiga ou regional *dingding* como no filipino, poderá ser o étimo do mac. *dingo-dingo*, atendendo ao primeiro sentido de «divisória frágil», que facilmente levaria à acepção de froixo, pouco seguro, como em *porta dingo-dingo*.

Diosaja [diozaga], subst. ant. e des.

Pessoa falecida: *Iou-sa Diosaja*, «o meu falecido» (geralmente marido ou mulher). Ainda pessoalmente ouvido a velhinhas de Macau há muito falecidas. Cf. J. S. Ferreira, *Macau sã assi*, p.100 e *Macau di t. ant.*, p.111, grafado *Diozaja*.

Também em Cabo Verde *Deusaja* tem o mesmo sentido. V. Manuel Lopes. *Chuva braba*, Edições 70, Lisboa 1982, p. 104.

Étimo – Port. *que Deus haja*, que Deus tenha consigo. Cf. *GDM*, p.162, *Deusclembrá*.

divinhar genti [diviñá ġēti], ant.

Nome genérico dos jogos de identificar (adivinhar) pessoas. «A própria cabra-cega (...) inclui-se, localmente, nos jogos de *divinhá genti*, tão do agrado da população chinesa». – A. Amaro, *Jogos, brinquedos...*, p.47.

Étimo – Port. *adivinhar gente*.

dó — *GDM*, p.299. V. Fig. 27.



Fig. 27 — Mulheres macaenses do século passado usando *dó*.
Fotografia de *Macau de Ontem/Yesterday Macau*, Macau 1978, p. 32.

* *dom-dom* — *GDM*, p. 165.

Penso que *dom-dom* em *dom-dom pano* e *dom-dom* 'levar ao colo' são formas homónimas de palavras diferentes. O papiá de Malaca, no último sentido, parece ter evoluído em Macau para o de *embalar nos braços* (uma criança), porque um antigo *naná* de Macau, cantado antigamente com uma interminável série de quadras, incluía a seguinte:

Dom, dom-dom, dom
Sium capitám
Co espada na cinta
Co rota na mám.

(Alusão aos oficiais portugueses — senhor capitão — que usavam espada à cinta e pingalim, ou *rota*, na mão).

**escarrachada* [eʃkaʀaʃaða?], *escarchada* [eʃkaʀʃaða],
escarchado [eʃkaʀʃaðo], subst. ant. e des.

A. Amaro define a palavra como 'lentejoula' em *Jogos, brinquedos...*, p. 349. Inf.^o 78 (1985) dá a mesma definição, pronunciando *escarchada*. Contudo, senhora da mesma idade recorda-se de, na sua meninice e no colégio de freiras onde foi interna, *bordar escarchado*, bordar com fio dourado e prateado formando relevos, por vezes enfeitados com lentejoulas. Daí acabaria por vir o significado de 'lentejoula' para *escarchado*, significado que não me parece exacto, atendendo ao étimo.

Étimo — Creio ser o derivado *escarchado* do port. *escarcha* (do esp.), «bordado áspero de fios de ouro ou prata» (*Dic. Mor.*, *Dic. Cândido de Figueiredo* e *Dic. etimológico de J. Pedro Machado*, s.v. *escarcha*).

* *estóne* [eʃtõne], subst. ant. e des.

Pedra.

Usado por crianças em jogos. V. *chai feng*.

Étimo — Ingl. *stone*.

fechar ano [fiçá ʔno], ant.

Fazer anos, fechar (acabar) mais um ano de vida: «Iou lembrá quelóra siára *fichá ano* — iou sã tē pam di ló co tom tom pa entafulá na goela...» — paródia ao *patoá* por pessoa de 40 anos, cuja mãe tem fala ainda muito próxima do mesmo. Cf. também J. S. Ferreira, *Macau di t. ant.*, p. 128.

Étimo — Port. *fechar* + *ano*.

ferrado — *GDM*, p. 176.

Étimo — Supus relação com o termo local *ferrar* 'fritar, estrugir'. No entanto, usou-se em português, no séc. XVI e

seguintes, o termo *ferrado* com referência aos presos que eram seguros ao *tronco* por ferros ou correntes nos pés. É sabido que esse desumano costume foi trazido para o Oriente, pelo menos para Goa, onde existiu em Velha Goa a prisão do Tronco. É possível que a exclamação *ferrado!* venha do antigo significado de 'preso com ferros', donde '*entalado*, em má situação'. Note-se que ouvi no Rio de Janeiro, em 1984, a mesma exclamação, exactamente com o sentido que se lhe dá em Macau.

* *figo macaco* [figo makako], ant. e act.

Variedade de banana com grainhas muito grandes. É importada da China e muito barata.

Étimo — sobre *figo*, v. *GDM*, p. 177. Ignoro o motivo do qualificativo *macaco*. Talvez, pelo seu baixo preço, esse tipo de banana fosse antigamente dado aos macacos que algumas pessoas tinham em casa como animais de estimação.

firaco [firaço], subst. ant. e des.

«Filho de pais desconhecidos» — J. S. Ferreira, *Macau di t. ant.*, p. 129.

Étimo — Duvidoso. Do termo de Timor *firaco*, «homem rude, montanhês»? (*Dic. Mor.*) A palavra teria talvez sentido depreciativo e ter-se-ia aplicado, como termo ofensivo, aos filhos de pais incógnitos.

* *gargu* — *GDM*, p. 189. V. Fig. 28.

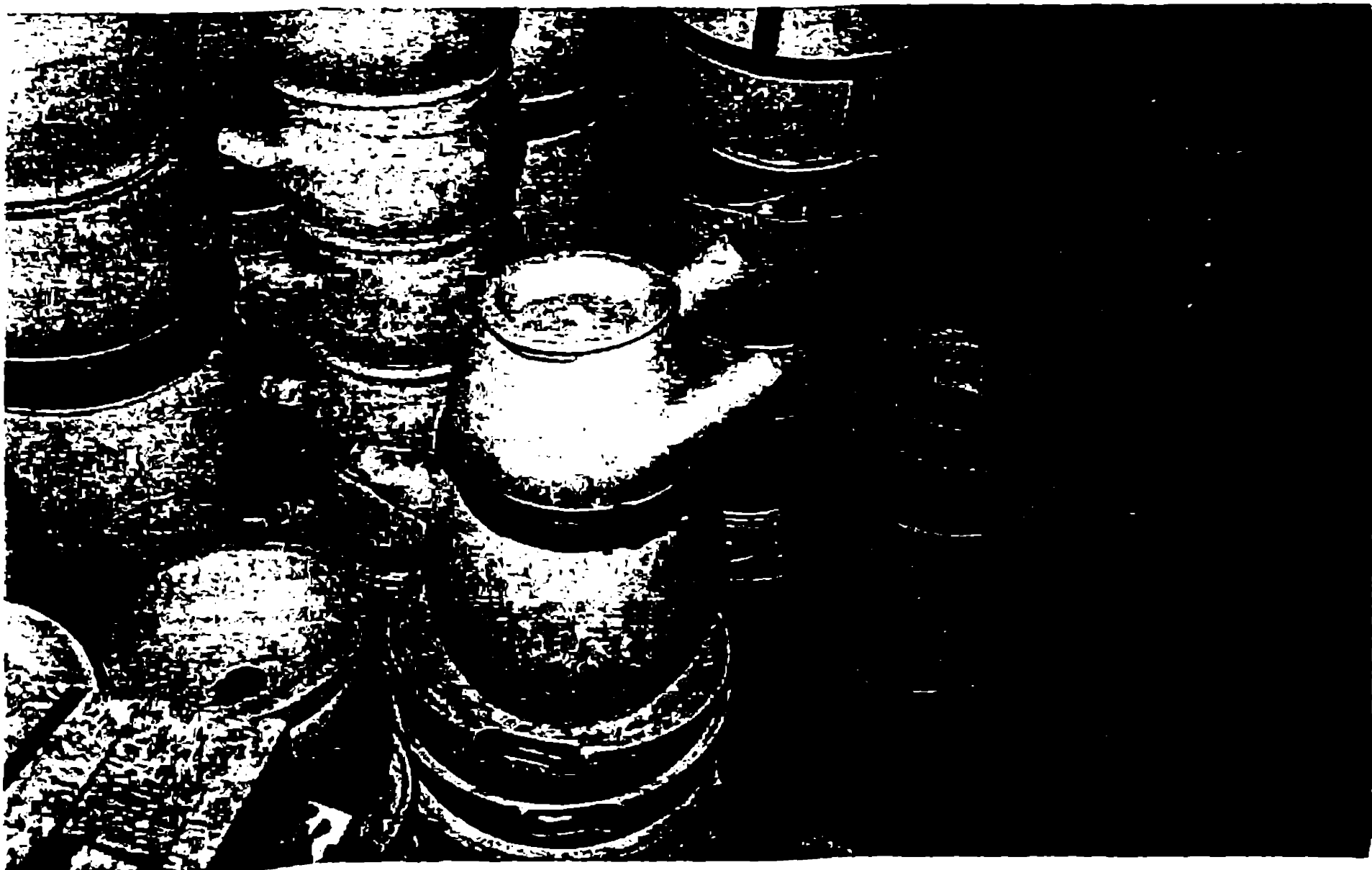


Fig. 28 — *Gargu* (ao centro, vasilha com pega e bico)

* *gossô* [gosó], v. ant. e des.

Esfregar, polir. O verbo foi especialmente usado para 'escovar os dentes': «...na hora que eu tá goçô dente apanhá ung-a susto que saltá de mão anchom de cinza casca nele...» — *Renascimento*, Fev. 1943, p. 131. (*Cinza casca nele*, ou cinza de casca de arroz, era antigamente usada para lavar os dentes, quando não havia a pasta dentífrica actual).

Também se usou o derivado *gossodela*, 'esfregação, lavagem ligeira', segundo J. S. Ferreira, *Macau di t. ant.*, p. 132.

Étimo — Mal. *gosok*, «to scrub, to rub» (*Wilkinson*).

impachar [ĩpačá], v. ant.

«Encher. *Impachá estômogo*: encher o estômago.» — J. S. Ferreira, *Macau di t. ant.*, p. 137.

Étimo — Port. *empachar*.

incacho [ĩkaço], subst. ant.

Fralda de criança, quadrado de pano branco, dobrado diagonalmente, com que se envolvem as crianças pequenas da cintura para baixo, passando por entre as pernas o vértice do triângulo formado. «Áma-vêla (...) já vêm perto falá: — Malia, quelola vós têm filo-filo, iou lôgo vêm ajudá vós lavá *incacho*» — J. S. Ferreira, *Macau di t. ant.*, p. 44. (*Áma-vêla* — velha criada chinesa falando o crioulo, como era de uso antigamente mas com pronúncia chinesa).

Étimo — Indo-port. *encacho*.

Dic. Mor. e *Dic. Cândido de Figueiredo* dão *encacho* (de *cacha*), o mesmo que *tanga*. Não indicam a origem indiana do termo, mas apenas: «*cacha*, pano da Índia». Cf. Dalgado, *Gloss.* I, s.v. CACHA «Pano cru. (...) panos de algodão ordinário que se fazem no Malabar». *Id.* ENCACHAR (de origem hindust.): «Cobrir com *cacha* que aqui tem o sentido de *dotim* ou *tanga* (...) que significa 'ponta inferior do pano de cintura, que se passa entre as pernas e se cinge por detrás'. Os dicionários também registam *encacho*, pano com que os homens se cobrem da cinta para baixo...».

insaguar [ĩsagwá], v. ant.

Enxaguar, lavar ligeiramente. Refrescar? Usa-se ainda hoje na expressão antiga e jocosa *insaguá olhos* ou *insaguá vista*: dar prazer aos olhos com qualquer coisa agradável, geralmente uma mulher bonita.

Étimo — Port. *enxaguar*.

* *intacar* [ĩtaká], v. ant.

«Forçar ingestão de comida; encher a boca com sólido ou líquido» — J. S. Ferreira, *Macau di t. ant.*, p. 138. *Ib.*, p. 58: «Ninguim sai bafo [ninguém fala], tudo sômente ocupado rufá, *intacá* comida na bóca».

Étimo — Duvidoso. Mal. *entak*, «ramming down, pounding down» (*Wilkinson*)?

jambolão — *GDM*, p. 198.

Étimo — Dalgado, *Gloss.* I. s.v., indica o conc. *zāmbal* (árvore), *zāmbūl* (fruto), sanscr. *jambūla*. O mesmo A., porém, em *Berço duma cantiga em indo-português*, in *Revista Lusitana*, XXII, 1 a 4, 1919, p. 111, cita apenas o conc. *jamlā* como étimo de *jambolão*.

* *jogo da mestra* [jogo da meŕtra], ant.? act.

Jogo de crianças, incluído nos jogos de *divinhá genti* (q.v.). Segundo A. Amaro, *Jogos, brinquedos...*, p. 52, o jogo consiste em uma criança ficar de cócoras diante de outra, a *mestra* (ou *mestre*), a qual lhe tapa os olhos. Por detrás daquela, as outras crianças vão passando uma a uma e fazendo momices, enquanto a *mestra* descreve o que cada uma está a fazer. No fim, a primeira criança, já com os olhos destapados, terá de adivinhar qual a criança que fez a momice que a mestra se lembrar de indagar. Se não descobrir, sofrerá um castigo previamente combinado.

* *ladrão-pinto* — *GDM*, p. 200. (2)

(2) Onde se lê em *GDM*, p. 200: «Ladrão-pinto é bom (...) para cozinhar *com* pato de cabidela», leia-se: para cozinhar *como* pato de cabidela.

Ladrão-pinto é também o nome local antigo dum jogo de crianças. A designação chinesa do jogo é *Ngái ieng tám kai chai*, cuja tradução livre é *a águia leva os pintainhos*. Cf. A. Amaro, *Jogos, brinquedos...*, p. 219 segs.

O *ladrão-pinto*, sendo ave de rapina, deve ser em Macau o correspondente a águia (*ngái ieng*) do nome do jogo em cantonense. Contudo, A. Amaro, *ib.*, supõe que o jogo, há muito introduzido em Macau, não tem origem chinesa, mas sim ibérica, correspondendo ao *rabo da baca* de Rio de Onor, ao *jogo das pitinhas, dos carneirinhos, das galinhas e raposa*, etc., de várias regiões de Portugal.

Curioso o paralelismo do jogo chinês e dos de Portugal, onde ao *ladrão-pinto* ou à águia corresponde o dos depreadores, aí mais vulgares, lobo ou raposa.

* *lailai-faifai* [lajláj fajfáj], ant.

«Modo apressado ou atabalhado de fazer as coisas» – J. S. Ferreira, *Macau di t. ant.*, p. 143.

Étimo – A expressão poderá ser uso local de qualquer expressão chinesa difícil de determinar. Mas poderá ser também um composto híbrido de mal. e ch.: mal. *lalai* «careless», «listless» (*Wilkinson*, s.v.) + ch. *fai fai* ‘muito depressa’, da expressão *fái ch’ôi* 快趣, depressa.

* *lapá* [lapá], subst. ant.

«Saboroso petisco parecido com catupá» – Luís G. Gomes, *Festividades chinesas*, p. 206. (V. *catupá* em *GDM*, p. 112).

Segundo inf.^a idosa (1986), *lapá* é uma mistura de arroz gomoso, carne de galinha e paio português, tudo envolvido em folhas de bambueira e cozido ao vapor. Parece, portanto, ser uma espécie de catupá com influência portuguesa. Ao contrário do catupá, é já muito pouco usado, e eu não consegui nunca ver o «petisco».

Étimo – Mal. *lepat*? *Wilkinson* regista *lepat* e *kueh lepat*, «a generic name for sweetmeats cooked in leaves».

* *maçombrado* [maşõbrado], adj. ant.

Assombrado. «Diz-se da casa ou lugar onde certas pessoas vêem, ou pressentem a presença de fantasmas ou almas do outro mundo». – J. S. Ferreira, *Macau di t. ant.*, p. 147.

Étimo – Port. *mal-assombrado*, ou talvez um derivado local de *má sombra*.

* *mamun* [mãmun], subst. ant.

Bolinho da doçaria macaense. «Bolinhos feitos com farinha de arroz e ovos batidos» – J. S. Ferreira, *Macau di t. ant.*, p. 148.

Étimo – Filipino *mamón*, «a kind of soft cake»? (*Dic. Sagalongos*).

É possível que o bolinho, como o nome do mesmo, seja de importação filipina.

* *margoso-lorcha* [margozo lɔrça], subst. ant. e act.

Prato da cozinha macaense: *margoso* cortado longitudinalmente em forma de barco, sendo a concavidade recheada com carne picada e camarão ou balechão.

(V. *GDM: margoso*, p. 216, *lorcha* p. 206 e *balchão* p. 65).

Étimo – Port. *amargoso* + *lorcha*.

* *melameco* [mɛlamɛko], *melameço* [mɛlamɛso], *melmeço* [mɛlmɛso], *melmeçó* [mɛlmesó]; *melmico?*, subst. ant.

Variedade de pepino, pepino branco (*Fam. cucurbitaceas*). O *Dic. chinês-português*, Macau 1970, p. 502, regista, sob a rubrica *pák kwá* (literalmente ‘pepino branco’): «Melameco branco (*cucumis albus*)». A. Amaro, em informação particular (1986) cita *melameço branco* ou *pák kwá*, (*cucumis albus*, NAK). Por sua vez A. Vicente Lopes, em *Receitas da cozinha macaense*, escreve repetidamente *melmiko* (sic).

Ocorrem ainda as formas *melmeço* e *melmeçó*, aparentemente com o mesmo significado, em várias receitas do *Cad. man. rec. 1883* (V. *mezinha*, p. 49), como seja: «Infusão de *melmeçó* salgada na água fervida» para rouquidão.

Étimo – Desconheço.

* *melmissó* [mɛlmisó?], subst. ant.

Sentido obscuro. A forma ocorre apenas, com esta grafia, numa cantilena antiga reproduzida por Danilo Barreiros em *Renascimento*, Jan. 1944, sem indicação de fonte:

«Chacha di Congo, de *melmissó*
vai botica comprá missó. .
China dá pôco
chacha querê tanto
china dá-le chacha
chacha berá: Aió!»

Penso que o principal interesse desta cantilena é a expressão *chacha di Congo* ‘velha do Congo’, mais um testemunho da presença africana em Macau. Quanto a *melmissó*, não consegui qualquer informação segura sobre o seu significado, que aparentemente poderia ser o mesmo de *melmeçó* ou *melameco* (q.v.). Porém, não parece haver qualquer relação de sentido, neste contexto.

Étimo – A palavra poderá ser um composto de *mel* ou *mela* (do verbo *melar*) e *missó*, também frequentemente grafado *miçó*, pasta de feijão de soja (*GDM*, p. 220)?

Inf.^o 55 (1985) definiu *mela missó* como um doce de feijão de soja branco, torrado e esmagado, misturado com açúcar em ponto na consistência de mel. Segundo a mesma, *melar* é ferver uma calda de açúcar até ficar como mel. *Melá coco* (melar coco), por exemplo, é cozer coco ralado com açúcar até ficar um melaço.

Também Maria Margarida Gomes, *A cozinha macaense*, p. 12, cita «*méla missô*», mas sem definir.

mezinha [miziña], [meziña] subst. ant. e act.

Medicamento caseiro; medicamentação caseira ou prescrita por herbanários e curandeiros. Prática supersticiosa destinada a curar certas doenças.

O termo *mezinha*, o mesmo do port. normal, é hoje usado em Macau geralmente com sentido jocoso, em referência a velhas beberagens, fumações e fricções, algumas já mal conhecidas. Mas foi usado tão seriamente, nos séculos passados, como seriamente se encaravam essas medicações, as únicas que se praticavam num tempo em que a medicina ocidental era aqui praticamente inexistente e os doentes tinham de recorrer à sabedoria do *mestre-china* ou das avós que, por sua vez, as tinham herdado de outras avós chinesas, indianas, malaias, africanas ou mesmo portuguesas – algumas mezinhas locais são de evidente influência europeia.

É curioso notar que o mais antigo registo da palavra, em Macau, é do séc. XVIII, embora devesse ter sido usada desde os princípios da povoação. Ocorre no entanto, ao que parece pela primeira vez, no vocabulário sino-macaense do *Ou-Mun Kei-Lèok*, trad. de Luís G. Gomes, p. 275.

O vocábulo, por ser obviamente o port. *mezinha* «medicamento caseiro», não foi introduzido em *GDM* a não ser em expressões típicas como *mezinha três pau* ou *mezinha maquenfum*, esta última registada em *maquenfum*, *maquinfum*, assim como outras em *febre motian*, *mordexim*, etc., conforme o nome da doença a que a *mezinha* se destinava ou do principal ingrediente do remédio respectivo.

Contudo, porque uma pequena colecção de *mezinhas* antigas que pude ir coligindo ficou esperando um estudo parcelar que até hoje não me foi possível realizar, e porque o interesse linguístico e etnográfico de tais receitas não deve ficar mais tempo no silêncio de apontamentos, decidi agora introduzi-las neste *Suplemento*, embora sem comentários que alongariam excessivamente este artigo (3).

Segue-se, portanto, uma pequena lista de *mezinhas* de Macau, recolhidas em grande parte dum caderno manuscrito de receitas compiladas por senhora macaense há muito falecida, D. Hermínia de Figueiredo, aliás já largamente citada em *GDM* como *Caderno manuscrito de receitas antigas (1883)*. Esta fonte será aqui abreviadamente referida como *Cad. man. rec. 1883*, embora algumas receitas tenham indicação de data mais recente (curioso o rigor da compiladora que, para seu uso próprio, registava a data da recolha).

Por serem muitas aparentemente copiadas de outros cadernos de pessoas de maior ou menor instrução e de idades diferentes, as receitas do referido caderno manuscrito apresentam grandes variações de redacção e ortografia, as quais serão aqui reproduzidas sem alteração.

Por uma questão de uniformidade, todas as entradas começarão pela palavra *mezinha*, entre parêntesis quando o

(3) O assunto será alargado e estudado em profundidade e competência, como é habitual, por Ana Maria Amaro, numa dissertação que prepara sobre medicina popular de Macau.

termo não foi usado na receita; e para dar uma ideia, ainda que muito incompleta, da variedade dessas medicações que aqui foram usadas durante séculos (e algumas ainda hoje, sobretudo por influência chinesa mais recente) registam-se também as já entradas em *GDM*, remetendo o leitor para a página respectiva.

mezinha alecrim para dor de estômago:

«Faz-se uma infusão de Alecrim n'aguardente unta-se o estômago e se for preciso dê-se-lhe de beber uma colher de arroz» (dê-se a beber ao doente uma colher do líquido, das usadas para comer arroz) – *Cad. man. rec. 1883*.

mezinha alo macho: V. *alo macho*, *GDM*, p. 37

(*mezinha*) *bergamota*:

Essência de bergamota para «picadas de agulha nos dedos» – Ópera «*Lolita*», in *Renascimento*, Julho 1943. (Intuitos jocosos?)

Cf. *Dic. Mor.*: «Bergamota, nome de certa planta aromática da família das labiadas (*Mentha arvensis*).

mezinha cânfora para enxaqueca:

«Em cada ouvido uma pitada de cânfora em pó, envolvida num bocado de cassa. É remédio experimentado e de bom efeito». – *Cad. man. rec. 1883*.

mezinha cera para vista:

Pílulas chinesas que se vendem envolvidas numa cápsula de cera, para se conservarem. Ao usar quebra-se a cápsula e retira-se a pílula. Usam-se para a vista e também para contusões de quedas. É *ti-ta-in*, isto é, remédio da medicina chinesa. (Inf. 80, 1979).

(V. *mezinha ti-ta-in*).

(*mezinha*) *chá dotô Pite* (doutor Pitter):

V. *GDM*, p. 115.

(*mezinha*) *chá de hortelão de sopa*:

V. *GDM*, p. 115.

(mezinha) chá de pêlo-pé:

V. *GDM*, p. 116

(mezinha) chá de peso:

V. *GDM*, p. 116

(mezinha) chá patrício:

V. *GDM*, p. 116.

mezinha (para) dor de dentes:

«Meia porção de pós de pedra tafu (siac cou fan) outra de cinza casca nele e goça-se os dentes». – *Cad. man.rec. 1883.*

V. *pedra tafu* neste *Suplemento* e nele em *GDM*, p. 228.

mezinha (para) estalecido nos dentes:

«Pedra tafu calcinada com Santy (?) e carne de longanes secas» – *Cad. man. rec. 1883.*

mezinha faifum ou faifom:

V. *GDM*, p. 173. E ainda:

«Chá seco	2 mazes
Casca de laranja	1 maz 5 condrens [<i>condorins</i>]
Pau de chiçu (4)	1 maz 5 condrens
Avea	1 maz 5 condrens
Hortelão secca de vento.....	4 condrens.»

– *Cad. man. rec. 1883.*

mezinha febre motian:

V. *GDM*, p. 175-176. E ainda:

«Para ver se uma pessoa tem ou não tifóide esfrega-se o peito do doente com pasta de farinha com um ovo, feito numa bola. Depois disto parte-se ao meio. Se sair em fios (*com cabelo*, como se diz) tem febre tifóide. Caso contrário, não tem».

(4) *chi-su*, V. *GDM*, p. 137 e 335.

Informação de Ana Maria Amaro, recolhida de pessoa idosa, 1970.

mezinha fel de cabrito:

«Fel de cabrito cucuz com mel e chicu [*chi-su?*] chiça (?) por 12 dias é bom para dar às crianças quando estas acham-se magras e doentias». – *Cad. man. rec. 1883.*

mezinha fel de urso:

Citada, juntamente com *vinho ladrão*, num texto em crioulo, possivelmente com intuitos humorísticos apenas. (V. *GDM*, p.292).

No entanto, inf.^a 55 (1985) conhece ainda o emprego de fel de cabrito, fel de cobra «e de outros animais» para tratamento de crianças raquíticas.

mezinha flato «ou dôr de estômago»:

«15 tapuzes de Figo caqui secco
15 grãos de massãs vermelhas
15 grãos de longans [*longanes*] seccos
9 mazes (peso) de feijão preto
2 mazes (peso) de chá velho
8 condorins de Arcassus [*alcaçus ?*]
1 condorim ou uma pitada de Herva-doce
3 olhos de Hortelão de soupa

2 pedaços de casca secca de laranja, em 1 1/2 libra de agoa até reduzir uma chicara» – *Cad. man. rec.1883.* (Trata-se de um cozimento em uma libra e meia, ou seja cerca de 3/4 de litro, de água até reduzir esta a uma chávena).

Outras receitas para a mesma moléstia:

– «Olho de ortalão de figo de Portugal, casca de laranja de Pequim, folhas de veado, sabola, pavio china, foncho, flor de chisu, casca de laranja, pao de veado, raiz de veado, ortalão de vento» – *Ibidem.* (5)

(5) .Esta receita foi também transcrita em *GDM*, p. 194, contendo porém gralhas que agora se corrigem, v.g. *toranja de Sekim e folhas de evado* por *toranja de Pekin e folhas de veado*. V. *ib.* *hortelão* ou *ortalão de figo de Portugal* e *hortelão de vento*, *pavio china*, *raspa de veado*. Não consegui qualquer informação sobre *folha de veado*, *pao de veado* (chifre de veado?) ou *raiz de veado*.

– «Cebolla da Índia açgado para tirar doris de flato na barriga. Embrulha uma cebolla de Índia inteiro na uma pedaço de papel pagode mulhado e por [pôr] no carvão, quando está açgado tirar do papel pagode e embrulhar com um pano e rusa [roça] na carne. Quanto más quente melhor». – Informação de Ana M. Amaro, receita dum caderno de senhora muito idosa de Macau.

mezinha flor nos olhos:

«Deita-se uma gota de sumo de flor da planta ouro e prata sobre olho». – *Cad. man. rec. 1883.*

Ainda no mesmo caderno: «Flores de ouro e prata coze-se e lava podres».

Planta ouro e prata, flor de ouro e prata parece ser tradução do ch. *Kam ngan fá* 金銀花 espécie de pequena margarida branca ou amarela.

Ainda actualmente se faz dessas flores um chá, adoçado com jagra, para «torçor de barriga» (dores provocadas por gases ou por diarreia). – Inf. 55 (1985).

mezinha flores de cravo amarelo: para «rheumatismo»:

«Trinta flores de cravo amarelo de infusão em uma garrafa de Aguardente exposta ao sol por três dias, faz-se fricção com esta infusão sobre a parte doente». – *Cad. man. rec. 1883.*

mezinha folha dois cores:

V. *folha dois cores*, GDM, p. 182

(mezinha) fomentação:

«Fomentação feita com uma massa de farinha pulu com clara de ovo aplica-se no corpo, nos engonços» – *Cad. man. rec. 1883.*

mezinha fula papaia:

V. *fula papaia*, GDM, p. 185.

mezinha fumação de alecrim (para parturientes):

V. *alecrim*, GDM, p.36.

mezinha maquenfun

V. *GDM*, p. 213-214.

mezinha pavio china

«Queima-se o pavio china, feito cinza mistura-se com sal grosso e assopra-se na garganta por meio dum tubo de papel varias vezes por dia». – *Cad. man. rec. 1883*.

V. *pavio china*, *GDM*, p. 246.

mezinha pedrume:

V. *GDM*, p. 247.

mezinha (para) rouquidão:

V. *melameco*.

mezinha sabsana:

V. *GDM*, p. 301 e este *Suplemento*, p. 62

mezinha sabugo ou sabugueiro:

A mezinha é referida como «*sabugo ku mel*» na comédia em crioulo «*Os Viúvos*», in *Renascimento*, Junho 43, p. 572, e também indicada para sarampo em *Cad. man. rec. 1883*.

«Flor de *sabuguêiro* fazê tchá pra tosse e costipação» – Inf.³ 76 (1975).

Cf. *Dic. Mor.:* «*Sabugueiro* (...) Nome da bem conhecida árvore cuja madeira está cheia de sabugo e cujas flores são aromáticas e empregadas na terapêutica pelas suas propriedades emolientes, calmantes e sudoríferas...».

mezinha savan:

V. *GDM*, p. 268.

(*mezinha*) *seng kap:*

V. *chá seng kap*, *GDM*, p. 117.

mezinha suador de constipação:

V. *raspa de veado*, GDM, p. 258.

mezinha suador pra frialdade:

Chá feito com casca de pera, ruibarbo, pele de cigarra, feijão preto, folha de lotus, alcaçuz, jasmim mogarim, etc. – Informação de Ana Maria Amaro (cerca de 1975).

mezinha sucri de carambola:

V. *carambola*, GDM, p. 109.

(mezinha) suzo barata:

V. *agrom*, GDM, p. 30.

(mezinha) t'am chū chai [tám čü čái] , ch. 燻豬仔

«Outra crença com certa graça é a do *T'am Chū Chai*» cuja tradução literal é: «*secar o leitãozinho*», chamando-se leitãozinho, afectivamente, à criança pequena. Esta crença (...) consiste em afugentar do espírito e do corpo da criança qualquer influência maligna de coisa, pessoa ou animal que a tenha assustado.

«Assim, manda-se vir um fogareiro onde se deita, além de carvão a arder, arruda, benjoim e folha seca de ramo bento [o ramo bento da Páscoa] a que se adiciona um pouco de pedra-ume (ou *pedrume*, como se diz em Macau) e baloiça-se a criança nos braços da mãe ou de outra pessoa repetidas vezes por cima do fogareiro. A pedra-ume acaba por se condensar e tomar a figura do objecto, pessoa ou animal que a assustou e uma vez descoberta a causa do susto, este desaparece». – Carlos H. da Silva, *Alguns aspectos antropológicos das influências portuguesa e chinesa em Macau*, p. 11. (O A. frisa a influência portuguesa do benjoim, arruda e ramo bento numa mezinha de nome e características chinesas).

(mezinha) ti-ta-in [ti tã ín] , ch. 跌打丸

Remédio da farmacopeia chinesa (*ti-ta-ün*) usado para contusões provocadas por quedas (V. *mezinha cera*) 跌打丸

«*Titain* é o nome da mezinha cera de queda que se dilue em vinho ou passar pelo banho maria com vinho» – *Cad. man. rec. 1883* (receita datada de 1930).

mezinha (para) *torçor de barriga*:

V. *restrate*, *GDM*, p. 260.

mezinha (para) *tosse*:

«Laranja doce1
Maçã vermelho7 grãos
Figo caqui de Pequim.....1
Tafu seco.....2 sapecas»
V. *maçã vermelho* em *GDM*, p. 208.

mezinha para tosse convulsa:

«Fervem-se duas libras de água pura até ficar em metade e dá-se a beber à pessoa que tiver a tosse, porém o mais quente possível. Este simples remédio toma-se ao recolher tantas vezes quantas sejam necessárias para ela desaparecer. Apesar da sua singeleza, dizem que produz muito bom efeito». – *Cad. man. rec. 1883* (esta receita não está datada, mas pela diferença de redacção e ortografia, deve ser de recolha muito mais recente ou de proveniência culta).

mezinha três pau:

V. *GDM*, p. 300.

mezinha vinho ladrão:

V. *vinho ladrão*, *GDM*, p. 292.

mofino [mofino] , subst. e adj. ant. e act.

Mesmo significado do port. *mofino*: desgraçado, infeliz, desditoso.

Folclore:

Mofino juntá, ditoso lográ.

(Referência às pessoas que vivem miseravelmente para juntar bens de que os herdeiros, os ditosos, se aproveitarão).

naná [nãná] , v. e subst. ant. e act.

Dormir (ling. infantil): bebé vai *naná*. Canção de embalar (V. *naná de Macau* s.v. *dom-dom*).

não tem nada, GDM, p. 231.

O mesmo no indo-port. de Goa e no indo-port. do Norte. Cf. Dalgado, *Dialecto indo-português de Goa* (Vocabulário) e *Dialecto indo-português do Norte*, id.

ocá — GDM, p. 233.

O Bispo de Pequim, D. Policarpo de Sousa, numa sua carta de 1742, define a droga, aparentemente eficaz para tuberculose, como «*Grude feito de pele de jumento preto dos que bebem da agoa de hum posso que ha na Provincia de Xa him...*», apud A. Amaro, *Três mezinhas populares de Macau — Um exemplo de convergência cultural*, in *Revista de Cultura*, ed. do Instituto Cultural de Macau, n.º 2, Macau 1987, p. 31.

Étimo — Ch *hó ká* 阿膠 , «*Gelatina negra (fortificante)*». Cf. A. Amaro, id., ib.,

* *óleo de pedra*, ant. e des.

Óleo de aleurite (ou castanha de pedra, fruto muito duro), planta do Sul da Ásia, cujas sementes são oleaginosas. A expressão ocorre em E. San Bruno, *O caso da Rua do Volong*, p. 72: «à luz mortiça de uma candeia de *óleo de pedra*». Contudo, é duvidoso que tenha sido usada no crioulo.

* *ova* [qva], ant. e des.

Jogo de rapazes: *jugá ova*.

Inf. 70 e 78 (1985) dizem que usavam a expressão na infância para o jogo que se chama em Portugal *jogar* ou *saltar o eixo* (saltar por cima das costas dum companheiro que se coloca a certa distância com a cabeça abaixada).

A expressão portuguesa usa-se hoje em Macau, mas é vulgarmente substituída pela chinesa *t'iu ma tchai*, «saltar o cavalinho». Cf. A. Amaro, *Jogos, brinquedos...*, p. 235.

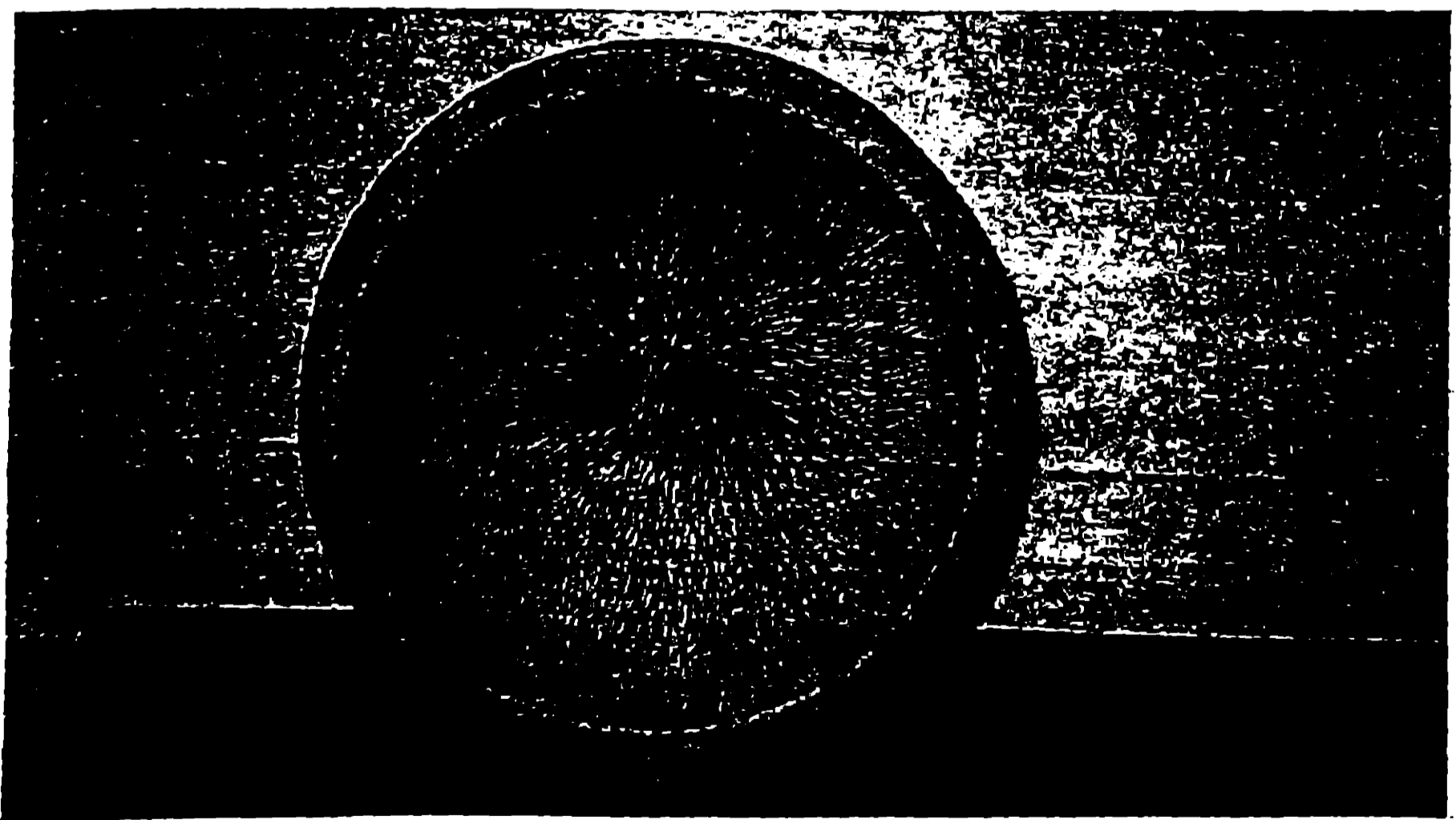
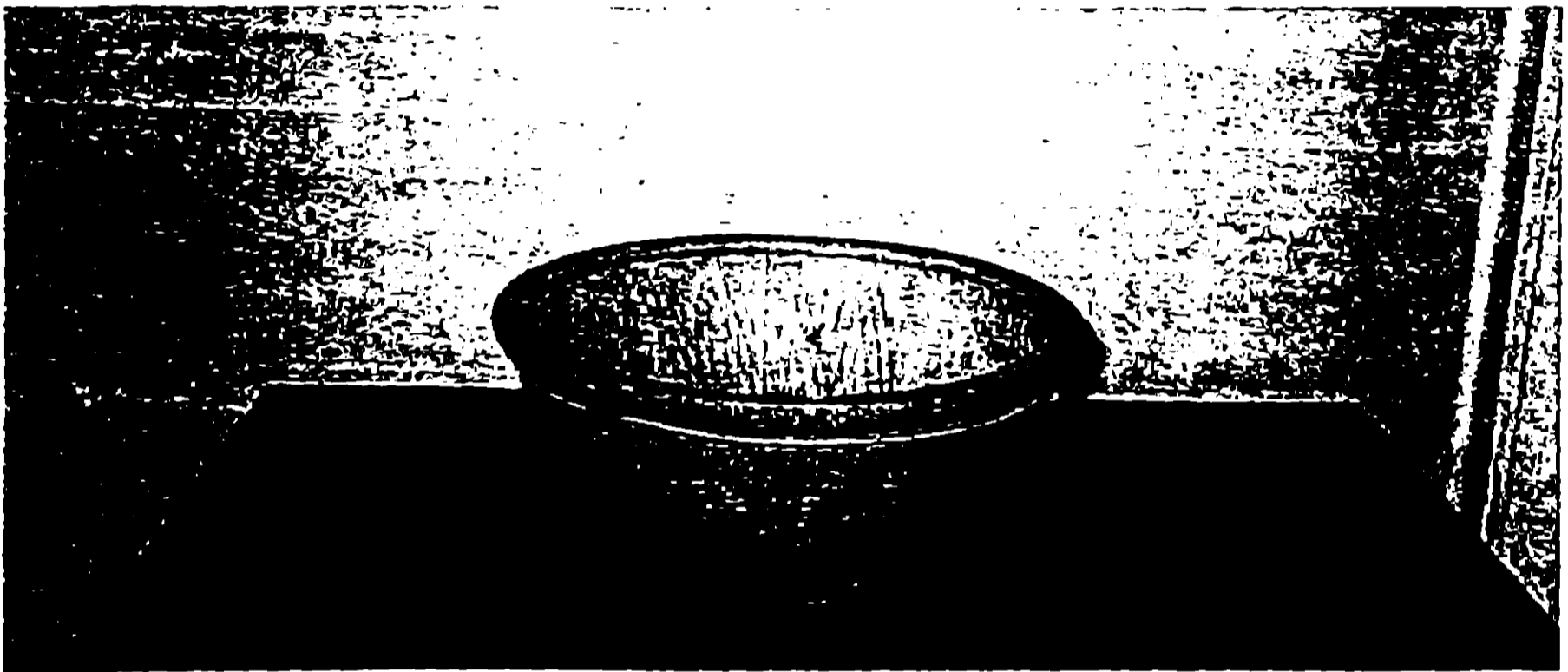
Étimo – Ingl. *over*.

É curioso notar como neste e noutros jogos de rapazes e raparigas se adoptavam frequentemente, em tempos idos, expressões inglesas, quase sempre deturpadas (v.g. *estone*, *pepa*, *siza*, q.v.) Possivelmente, pela ignorância do termo português, e havendo então certa relutância em falar chinês, usavam-se nomes ingleses para jogos mais ou menos universais.

* *paço dente* – *GDM*, p. 238.

Em *GDM* a definição não está correcta. Só posteriormente tive ocasião de observar o objecto.

É uma tigela grande, de barro não vidrado, no interior da qual, antes de endurecer, se traçaram linhas fundas, em quadriculado, de modo a formar saliências (os *dentos*) nos intervalos. O *paço dente* é ainda usado pelas donas de casa macaenses para moer camarões para o balechão, e também ralar coco, lavar arroz, etc.. V. Figs. 29 e 30.



Figs. 29 e 30 — *Paço-dente* (cerca de 40 cm de diâmetro no bordo superior) usado por dona de casa macaense.

Quando em *GDM* disse: «...informadores idosos já não se recordam do que significa o termo», referia-me a *pó de pedra*.

Étimo – Mal. *pasu* «a basin or bowl» (*Wilkinson*) + port. *dente*, portanto tigela ou bacia com dentes.

pala [p̄ala] , subst. ant.

«Empenho, cunha» – J. S. Ferreira, *Macau di t. ant.*, p. 155. *Ib.* p. 20: «...co *pala* di genti gránda di cidadi, Venâncio (...) panhá siviço na Palaço di Governo».

Étimo – Port. *pala*, prov. transmontano: empenho, protecção (*Dic. Mor.*).

* *palancha* [palãça], subst. ant. e des.

Andaime, armação de bambus sobre a qual trabalham os operários na construção de edifícios: *marrá palancha*, amarrar palancha, pôr andaimes, que nesta zona geográfica são armados por peritos, amarrando bambus uns aos outros com fitilhos ou vincilhos de fibra de bambu, sem usar um único prego.

Estes andaimes chegam a elevar-se a alturas de 30 ou mais andares, nos modernos arranha-céus de Macau, embora haja construtores que preferem já os andaimes metálicos.

Étimo – Inf. 75 (1982) que amavelmente me citou esta palavra, sugeriu o port. *palanque*, étimo que não é de rejeitar. Contudo parece-me mais provável a forma também port. *palanca* «obra de fortificação (...) constituída por uma série de troncos de árvore (...) enterrados por uma das pontas». (*Dic. Mor.*)

* *pano elefante* [p̄ano elefãte], ant.

Pano branco de algodão (assim conhecido tanto em Macau como em Goa. Cf. Dalgado, *Dial. Indo-port. de Goa in Rev. Lusitana*, V, p. 80).

Étimo – Diz J. S. Ferreira, *Macau sã assi*, p. 124: «*Elefante* é a designação da marca do tecido. Os macaenses, para simplificar, chamam-no de *pãno-elefante*». Segundo o mesmo A., este pano era usado para roupa de cama e roupas interiores.

* *pedra tafu* [p̄edra tafú], *pedra taufu* [taufú], ant. e act.

Espécie de gesso cujo pó é usado na preparação do *taufu* (q.v. *GDM*, p. 278). É sulfato de cálcio calcinado (gesso de

presa), segundo informação particular (1985) de Ana M. Amaro, a qual corrobora inf.^a de Macau que diz raspar-se o «*pó de pedra* (ch. *seak kou fan*)» e misturar-se ao líquido proveniente do feijão de soja de que se faz o *taufu*.

O mesmo pó é também usado na medicina tradicional chinesa. Inf.^a 55 (1985) cita um cozimento de azeitona chinesa, *lám china*, com pó de *pedra taufu* que se bebe para dores de garganta. (V. mezinhas para dor de dentes e «estalecido nos dentes», p. 51).

* *peixe qui-quit* ou *quit-quit* – GDM, p. 248.

Também conhecido por *peixe pót-pót* ou *peixe pó-pót*.

É uma variedade do que em Hong Kong se chama *puffer fish*, cuja espécie mais vulgar é *Lagocephalus lunaris* (Bloch e Schneider). Quando retirado da água, este peixe engole ar e incha como um balão. (6)

Usou-se em Macau, até há poucos anos, a alcunha de *Pó-pót* para um homem que tinha uma deformação numa das faces, a qual apresentava permanentemente um grande inchaço.

Étimo – Os nomes *qui-quit*, *quit-quit* e *pótpót* ou *pó-pót* devem ser onomatopaicos, porque o peixe, ao inchar, faz um ruído semelhante a *qui-quit* e, se atirado contra as rochas, rebenta com um som de *pót*.

* *pepa* [pɛpa], subst, ant. e des.

Papel. Usado em jogos de crianças. V. *chai feng*.

Étimo – Ingl. *paper*.

(6) Amável informação particular, em carta de 13/5/78, do Sr. António Vicente Lopes, macaense residente em Hong Kong e autor de *Receitas da cozinha macaense*, Macau, 1977. A sua informação baseia-se em W. L. Chan, *Marine Fishes of Hong Kong*, HK Gov't Press, 1968, segundo o qual estes *puffer fishes* são venenosos. No entanto, acrescenta o mesmo Sr. A. V. Lopes que sua esposa coreana o informa de que o mesmo peixe é muito apreciado como delicado petisco na Coreia do Sul. Recentemente vi a informação confirmada a respeito do Japão onde, apesar dos requintados processos de retirar as entranhas venenosas ao *fugu*, como é chamado o peixe em japonês, em cada ano esta causa de 70 a 100 mortes por envenenamento, segundo o artigo *The Puffer — World's Deadliest Delicacy*, condensado de *National Geographic* e publicado em *Seleções do Reader's Digest* (ed. inglesa), Julho de 1985.

pichote – GDM, p. 249.

Em *GDM* defini o termo como referido a pessoas: ‘pequeno, de pouca idade’; ‘indivíduo de pequena estatura’. Designando também um garoto pequeno, ouvi a mesma palavra no Rio de Janeiro (1984).

Contudo inf.³ 91 (1981) usou repetidamente a palavra como adj., referido a coisas: casa *pichote*, quarto *pichote*.

É curiosa, se bem que suscite dúvidas, a interpretação que deu ao termo Gonçalves Viana em *Apostilas II*, p. 266: «*pexote* – É termo de jogo e significa indivíduo que joga mal, por inexperiência ou azar constante. A verdadeira escrita portuguesa deve considerar-se esta, a ser, como parece, a locução *pe xot* ‘não sei’, como termo também de jogo, usada em Macau».

Nunca conheci ou pude confirmar a expressão citada ou semelhante em Macau, nem no crioulo nem no chinês local, com o sentido de ‘não sei’. Mas inf. 65 confirma recentemente que na sua mocidade se chamava também *pichote* a um jogador fraco, inferior.

* *pipis* – GDM, p. 251.

Na Índia é ou era «espécie de merenda feita de jagra e coco em forma de recheio numas papas de arroz cozido e coberto de folhas de figueira ou outra», segundo J. A. Ismael Gracias, *Dialecto indo-português – Na véspera de S. João Baptista*, in *Oriente Português*, ano 15, n.º 5 e 6, 1918, p. 144.

O que não significa necessariamente que o nome *pipis* seja de origem indiana; mesmo aí pode ter sido importação do malaio.

* *pramicedo* [pramisêdo], adv. e subst. ant. e des.

De manhã cedo; madrugada: «Na acunga *pramicedo* frio di Dezembro...» – J. S. Ferreira, *Macau di t. ant.*, p. 21.

Étimo – Port. *pela manhã cedo*.

* *puxar corda* [puşá kɔrda], ant.

Jogo de crianças e jovens. «Nome local da luta de tracção» – A. Amaro, *Jogos, brinquedos...*, p. 365.

Étimo – Port. *puxar (a) corda*.

* *quelê* [kelê], pron. ant. e des.

«Qual, qualquer, que» – J. S. Ferreira, *Macau di t. ant.*, p. 161. O A. cita também *quelê-modo* «como; de que modo; de qualquer modo» e *quelê-tanto* «qualquer que seja a quantidade; grande quantidade; muito».

Étimo – Suponho que seja port. *que laia*, pron. mac. *leia*. Cf. *GDM*, p. 203.

* *rabo-barata* [řabo bařata], subst. ant. e des.

Casaca: «Sium Teódorico d'Eça já vêm co su tagalám *rabo-barata*, co cartola arto cubrido na cabeça» – J. S. Ferreira, *Macau di t. ant.*, p. 49.

Étimo – Port. *rabo* (de) *barata*, sendo esta expressão usada localmente por comparação das abas da casaca com as asas de barata, insecto aqui muito comum.

* *reportar* [řepořtá], v. ant.

Apresentar queixa, relatar, dar parte.

Étimo — Ingl. *report*.

respôndencia [řeřpōdēsja], subst. ant. e des. no sentido 1.

1 — Rendimento, juros: «Eu num sa' quilaia pôde;/mas elle sabe pôpâ,/tudo ano tēn *respondência*,/virá man pôde ganhâ». — *Ajuste de casamento de Nhi Pancha cô Nhum Vicente*, in *T.S.Y.K.*, I, p. 58 (poesia humorística de cerca de 1886). J. S. Ferreira regista o termo na frase: «*Su sapeca têm respondência*: o seu dinheiro rende juros» (*Macau di t. ant.*, p. 164).

2 — Corrente de ar: *eu nã gosto respondência* (inf.^a 76, 1965).

Étimo — 1 — Port. ant. *respondência*, lucro mercantil (*Dic. Mor.*).

2 — Port. *correspondência*.

**sabsana* — *GDM*, p. 301.

Segundo informação particular de Ana M. Amaro (3/4/85), «é um alexifármaco muito antigo, usado em Macau, com esse nome, pelo menos desde o séc. XVIII. É um dos componentes da *mezinha três pau*».

Com respeito a esta mezinha, citei também em *GDM* a sua possível identificação com *sabsana*. No entanto a noção mais corrente entre pessoas idosas é que a *mezinha três pau* é composta apenas das três raízes de abuta, águila e pucho.

Étimo — Como há dez anos, continuo sem qualquer elemento de informação sobre a origem desta palavra. (7)

**saco carvão* [sako karvãŋ?], ant. e des.

Nome depreciativo dado antigamente aos seminaristas (inf.^a 68, 1979).

Étimo — Port. *saco* de *carvão*, certamente por andarem os seminaristas vestidos de preto.

**saia franja* [saja frãġa?], ant. e des.

Saia franzida, quase até aos pés, usada antigamente pelas mulheres macaenses. (Cf. A. Amaro, *Três jogos populares de Macau*, pp. 10 e 50).

Étimo — Port. *saia*+*franja*, sendo talvez *franja* a abreviatura popular de *franzida*.

Mas informadores idosos recordam-se de que as saias das mulheres macaenses tinham muitas vezes, aliás como em Portugal, um folho por sobre a bainha, ou do mesmo pano da saia ou de renda. Daí talvez, por ser o folho na ponta da saia como uma franja, o nome de *saia franja*.

(7) Estando já o presente estudo na imprensa, publicou a *Revista de Cultura*, Ed. do Instituto Cultural de Macau n.º 2 — Julho/Agosto/Setembro 1987, pp. 23-34, o valioso artigo de Ana Maria Amaro intitulado *Três mezinhas populares de Macau — Um exemplo de convergência cultural*. Finalmente aí encontrei alguma luz sobre o «mistério» da origem desta palavra. Segundo a A., *sabsana*, *sapsana* ou *sapassana*, é aparentemente o mesmo que o concani *sãpūs*, indo-port. *sapuche*, em Moçambique *raiz de cobra* e em Timor *aumata* ou *sapassana*. Trata-se de uma raiz considerada como infalível antídoto contra mordeduras de cobra ou de outro animal venenoso.

Parece, portanto, que o étimo de *sabsana* é o timorense (tétum?) *sapassana*.



Uma estrangeira

Fig. 31 — Mulher macaense do séc. XVIII usando *saraça*
Desenho reproduzido de *Ou-Mun Kei-Lèok*, trad. de Luís G. Gomes, p. 149.

* *sarambau* — GDM, p. 267.

Étimo — O filipino *salambáw* «big fishing net» parece ser o étimo (pessoalmente recolhida a palavra em Manila, 1978). Cf. ainda *Dic. de Sagalongos*, s.v.

**sarangom* — GDM, p. 267.

Étimo — No *Museum of Philippine Costumes* de Manila (1978) duas figurinhas de criança lançam um papagaio de papel, sob a seguinte legenda: «SARANGGOLA (Kite)». Comparando

com esta forma o papiá *sangola* e o mac. *sarangom*, poderátalvez concluir-se que as três formas têm raiz comum. Qual seja essa raiz, não tenho elementos para determinar.

A. Amaro em *Jogos, brinquedos...*, p. 285, cita várias palavras do indonésio (sem indicação de fontes) foneticamente próximas de *sarangom*, grafado pela A. *sarangun*, entre as quais *sarang-an*, 'ataque', e *sarangun*, 'castanha de água'. «Parece-nos» — diz a A. — «que esta palavra *ataque*, que se lê *serangan*, se coaduna com a acção de *brincá sarangun* de Macau, cuja principal faceta consiste em atacar os papagaios adversários». [Tentando cada jogador, com o fio do seu papagaio, cortar os fios dos outros]. «Contudo, a palavra *sarangun*, castanha de água, também pode admitir-se como palavra original de *sarangun*, atendendo à semelhança dos papagaios tradicionais malaios, com uma castanha de água, com as pontas reviradas» (Sobre *castanha de água*, v. *GDM*, p. 203).

Estas hipóteses são interessantes, mas, com perdão da A., suscitam dúvidas. Quanto à primeira palavra, *serang-an*, Ana Amaro não afirma que na Indonésia o jogo do papagaio de papel seja ou fosse uma forma de ataque como em Macau, de modo que o termo se aplicasse ao objecto do jogo. Quanto à segunda, *sarangun*, 'castanha de água', parece difícil admitir que essa palavra viesse a dar o nome ao papagaio de papel em Macau e não na Malásia, onde o papagaio tradicional tem realmente essa forma semelhante à da castanha de água, mas o nome do mesmo, pelo menos na actualidade, é *lelayang* ou *layang-layang*, o que não se aproxima de *sarangun* ou de qualquer das formas atrás registadas. (Cf. *Wilkinson e Dic. Kadir*, s.v.).

* *seléa* [seleã], adj. ant. e des.

«Semelhante. *Seléa asnéra*: semelhante tolice» — J. S. Ferreira, *Macau di t. ant.*, p. 168.

Étimo — Port. *essa laia* (mac. *esse leia*) ou talvez abreviatura do próprio mac. *assi leia*, 'desse modo, de tal modo'.

* *sentapis* — V. *centapis*

* *shotiz* [šqtí?], subst. ant. e des.

Dança antiga: «Capam de minha horta, Cathrina, / já sabe dançá *shotiz*» — *Paródia à Bastiana*, in *T.S.Y.K.*, I, p. 240.

Marques Pereira anota, *ib*, p. 261: «É a célebre dança *Scottish* ou *Schottisch*».

Folclore – Os versos acima fazem parte duma longa série de quadras humorísticas intituladas *Paródia à Bastiana*, da qual pessoas idosas ainda recordam algumas, cantadas com a música da autêntica *Bastiana*. Citarei duas:

«Cathrina, minha Cathrina,
Cathrina meo de travessa, (*no meio da travessa*)
Nunca bom ficá tristi, Cathrina,
Vôs lôgo ficá condessa.

.....
Capam de minha horta, Cathrina,
Já sabe dançá *shotiz*,
Branquinha cô minha Nito, Cathrina,
Já sabe caçá perdiz.» (8)

Étimo – Funk and Wagnalls, *Standard Dictionary of the English Language*, International Edition, New York, 1963, regista: «*Schottische* (shot'ish) – A dance in 2/4 time similar to the polka, but somewhat slower; (...) [*<G (der) schottische (...)* (the) *Scottish* (dance)]», isto é, uma dança de origem escocesa, cujo nome, no vocabulário inglês, tomou forma e pronúncia germânicas.

Em Macau, a dança e a palavra devem ter entrado por via de Hong Kong ou de Xangai.

* *simpita* [sīpita], subst. ant.

Jogo de rapazes; nome do objecto utilizado no jogo (que tende a desaparecer). *Simpita* é um tubo de papel, bambu ou lata com o qual os rapazes sopram uns sobre os outros pequenos feijões ou outras sementes duras, principalmente no Carnaval para aborrecer os companheiros. Cf. A. Amaro, *Jogos, brinquedos....*, p. 195-96.

(8) Trata-se de uma «cantilena macaísta» de carácter popular, uma das poucas que Marques Pereira pôde publicar com notação musical em *T.S.Y.K.*, I e II. Como o nome indica, é uma paródia à cantiga *Bastiana*, muito espalhada no antigo folclore português do Oriente e de que existe uma versão recente, em *patoá* de Macau, por J. S. Ferreira, publicada em *Qui – nova Chencho* do mesmo A., p. 102, e cantada com a música original na «cassete» *Macau*, Macau 1985, V. *bobo*.

Também com *simpita* lançavam os rapazes pequenas setas de metal para matar pássaros (inf. 65, 1986).

Étimo – Mal. *sumpit* ou *sumpitan*, «a blowpipe» (*Wilkinson*).

* *simpitar* [sīpitá], v. ant.

«Lançar feijão por meio de sopro, com a *simpita*» – J.S. Ferreira, *Macau di. t. ant.*, p. 169.

Étimo – De *simpita*.

* *siza* [siza], subst. ant. e des.

Tesoura. Usado em jogos de crianças. *V.chai feng*.

Étimo – Ingl. *scissors*.

* *tagalhão* – *GDM*, p. 275.

A pronúncia [tagalãŋ], dada por J. S. Ferreira na grafia *tagalãng* em *Macau di t. ant.*, p. 171, deve ser a genuína do crioulo. *Tagalhão* e *tagalhã* são formas de influência culta.

* *talu* – *GDM*, p. 279.

Étimo – A. Amaro transcreve em *Três jogos populares de Macau – Chonca, talu, bafá*, p. 56 segs., um manuscrito do séc. XVIII, da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, em que se menciona e descreve um jogo de rapazes muito semelhante ao *talu* ou *taulu* de Macau e que é aí designado por *tallo*. Nesse documento o jogo é considerado já tradicional: «(...) *He o jogo do Tallo dos mais antigos...*» *Tallo* era propriamente o nome do pequeno pau de dois bicos no qual se batia com um bastão para o levantar ao ar e fazer cair numa cova previamente cavada junto a uma parede. Cf. a palavra *taloca* dada por *Dic. Mor.*: «*taloca* (prov. alent. e beirão) pequena cova feita no chão para alguns jogos de rapazes».

Portanto o *talu* de Macau deve ser palavra e jogo de origem portuguesa e de introdução muito antiga aqui.

* *tamália* [tamãlja], subst. ant.

Espécie de pudim de arroz semelhante ao *catupá* (*GDM*, p. 112), mas feito com arroz esmagado e não em grão – inf.^o 78,

ouvido a amigas mais idosas (1985). O mesmo que *tamalho*? (*Cad. man. rec. 1883* cita *tamalho* numa lista de salgados para *chás-gordos*).

Étimo – Mexicano *tamale*?

Maria Margarida Gomes em *A cozinha macaense*, p. 18, refere-se a *tamálias* como adaptação dos *tamales* do México, descrevendo a confecção com massa de farinha de arroz (não arroz esmagado) recheada de pedaços de *galinha embriagada* (uma galinha cozinhada com vinho).

O Dic. Funk and Wagnalls (v. *shotiz*) regista *tamale* (do esp. – amer. *tamales*) definindo-o como um prato mexicano feito de milho indiano esmagado e carne, envolvido em folhelho de milho e cozido a vapor.

* *tampipe* – GDM, p. 276. V. Fig. 32.



Fig. 32 — *Tampipes* de vários tamanhos numa loja de Hong Kong.

Étimo – Supus a palavra de origem malaia e talvez seja, mas foi no filipino que a encontrei. Em Manila (Dez. 1977), deparei com o termo *tampipi* num boletim distribuido pelo *Museum of Philippine Art AAP*, vol. II, 2 Dec. 1977, onde designava um cestinho com tampa: «The *ngangaan*, which contains the *bunga* (betel-nut) (...) resembles a small *tampipi* – a pull-over keeps its contents inside. The *ngangaan* (...) is a small case made of buri woven like a mat or *baning*». O *Dic. de Sagalongos* confirma o significado de *tampipi*: «small trunk or chest made of palm leaves, split, bamboo or ratan, etc».

tancá – *GDM*, p. 277. V. Fig. 33.



Fig. 33 — *Tancareiras* e *tancá* (homem do mar).



Fig. 34 — *Tancareirinha*.

As fotos 33 e 34 são dos anos 50. Notar os trajes tradicionais, hoje substituídos por calças e blusas de estilo europeu.

* *tapa* [tapa], subst. ant. e act.

1 – Jogo de meninas, praticado nos fins do século passado. Cf. A. Amaro, *Jogos, brinquedos...*, p. 122: «Consistia em colocar três pedrinhas, quer na horizontal, quer na vertical, em duas paralelas riscadas no chão e atravessadas por uma perpendicular, resumindo-se toda a acção em procurar impedir o adversário de colocar as suas pedras, por interposição de outra, *tapando-lhe o jogo*».

2 – «Nome hoje atribuído, pelos portugueses de Macau, a todos os jogos que se baseiam no arremesso e deslocação duma malha, geralmente uma pedra achatada, sobre um desenho traçado no chão...» – *Id. ib.*

Étimo – A. Amaro propõe várias hipóteses para a origem da palavra *tapa*, não usada com este sentido na Europa, onde o jogo (na acepção 2, suponho) é ou foi muito popular: o fr. *tape*, que significaria *malha* ou *taco*(9); o port. *tapa*, círculo de madeira que servia antigamente para tapar as bocas das peças de artilharia (como o fr. *tape*) e que poderia servir como malha em jogos de soldados; um derivado do port. *tapar*, que teria sido usado para o primitivo jogo de meninas e depois para os actuais; e ainda o mal. *tepak* «que corresponde a um tabuleiro riscado para qualquer xadrez ou jogo gráfico» e donde viria também o papiá *tapá* que a mesma A. ouviu a informadora de Malaca, referindo-se aos riscos traçados no chão para o jogo do *avião*.

É possível que o papiá *tapá* esteja na origem mais remota do nome do antigo jogo de meninas e que, assim como este evoluiu sob influência europeia, a palavra viesse a fundir-se com o port. *tapa*. Segundo julgo, a explicação mais simples e mais provável será a forma do verbo *tapar* para o primitivo jogo de meninas.

Quanto ao mal. *tepak*, é pena que A. Amaro mais uma vez não indique a sua fonte, porquanto nos dicionários malaios de que disponho a palavra é dada como significando «palma da mão», «sola do pé», o que parece afastar-se completamente do campo semântico em questão. (Cf. *Wilkinson e Dic. Kamus*, s.v.)

* *teladó* [teladó] , [tiladó?] , ant. e des.

Sentido obscuro.

Folclore – *Teladó, teladó*

Chacha comprá chili

China dá pôco

Chacha querê tanto

.....

A transcrição é de A. Amaro em *Jogos, brinquedos...*, p. 390. É uma cantilena para embalar ou divertir crianças, ouvida a um seu aluno do Liceu de Macau, que por sua vez a ouviria a alguma avó que já não recordava a continuação da mesma.

(9) A A. não indica fonte. O *Petit Larousse* dá para *tape* «coup doné avec la main; bouchon servant a fermer un écubier, une bitte creuse, la bouche d'un canon». Segundo o mesmo Dic., o jogo praticado com a *malha* tem em França o nome de *marelle*.

Cantilena semelhante (q.v. *melmissó*) dizia *chacha comprá miçó*. Atendendo à rima usual nestas cantilenas, deverá ser aqui também *comprá miçó* ou *chili miçó*, e não apenas *chili*.

Étimo – A mesma A., *ob. cit.*, supõe *teladó* deturpação de *tilá dó* ou *tirar dó*, provavelmente na pronúncia das amas chinesas que cantavam às crianças a cantilena, sendo o *dó* o manto com que se cobriam as mulheres macaenses.

* *teli* – *teloc* [telí telók], ant. e act.

Jogo de crianças. «Também conhecido em Macau por *mestra* ou *mestre*, conforme se desenrola entre meninas ou rapazes». – A. Amaro, *Jogos, brinquedos...*, p. 71. V. também *divinhá genti*.

Étimo – «Este nome, dado pelas crianças de Macau, ao jogo chinês designado por *pók pók chai* (...) parece ser uma onomatopeia do parão das cozinhas, a cortar comida sobre (...) a *tábua de cortá song*» – *Id. Ib.* (V. *som* ou *song* em *GDM*, p. 271). Uma das crianças que jogam faz, sobre a cabeça de outra, com as mãos abertas colocadas paralelamente, o movimento que simula duas facas a picar carne, peixe, etc., segundo o costume dos cozinheiros chineses. Note-se que esta criança que bate com as mãos é o *chefe* ou *mestre cozinheiro* e as cantilenas chinesas que acompanham o jogo referem-se a peixes, frutos e outros artigos de alimentação.

Teli-teloc seria portanto o ruído das facas de cozinha. O próprio nome chinês do jogo me parece onomatopaico, embora haja em cantonense as palavras *pók* ‘bater’ e *p’ok* ‘bater ligeiramente’.

tentar [tētá], v. ant.

«Ver; olhar. Fixar os olhos em alguém ou em alguma coisa»: «Venâncio (...) abri unga ôlo rabiá, abri atrunga ôlo *tentá*» – J. S. Ferreira, *Macau di t. ant.*, pp. 172 e 17.

Étimo – Port. *atentar* ‘olhar, reparar, observar com atenção’.



Figs. 35 e 36 — Numa rua dos *tim-tins*.

* *ti-ta-in* – V. *mezinha ti-ta-in*.

* *tiz* [tíʃ], subst. ant.

«Muito pouco; um nadinha. *Unga tiz di tempo*: em pouco tempo» – J. S. Ferreira, *Macau di t. ant.*, p. 173. Melhor diria: um instante.

Étimo – Suponho que *tiz* é a pronúncia local do port. *triz*, ‘pequena diferença; um quase nada; instante’ (*Dic. Mor.*). A forma port. por sua vez é «onomatopeia do leve ruído que faz uma coisa delicada ao quebrar-se» (Antenor Nascentes, *Dic. da Língua Portuguesa*).

tope [tɔpe], subst. ant. e des.

Compartimento dum casa; quarto, salinha: «...sentado onsong-onsong na minha *tópe*» – *Carta de ung-a Nhonha* in *T.S.Y.K.*, II, p. 780. Marques Pereira, *ib.*, define *tope* como «quarto, ou melhor talvez e mais familiarmente: buraco, cantinho».

Étimo – Informadores idosos recordam a palavra apenas com o sentido de ‘compartimento dum casa’. No entanto é possível que fosse primitivamente uma divisão pequena no sótão ou parte superior dum moradia. O étimo seria então o port. *tope* ou *topo*. Cf. Afonso Lopes Vieira, *Bartolomeu Marinheiro*: «Acima, acima gageiro / acima ao *tope* real».

Contudo, reconheço a hipótese como possivelmente fantástica e o étimo como obscuro.

* *toquinha* [tokiña], subst. ant.? Des. e desc.

Aparentemente, diminutivo de *touca*. Mas a expressão *chal de toquinha*, única em que o termo ocorre no texto em crioulo *Carta de Tia Paschoela*, in *Renascimento*, Fev. 1943, parece antes corresponder a *xaile* ou *xale de Tonquim* (Ásia Oriental) e que era peça de luxo no vestuário feminino europeu e talvez também macaense. (Cf. *Dic. Mor.* s.v.).

Note-se que o texto referido é paródia ao dialecto, de proveniência culta, pelo que a expressão usada não deixa de oferecer dúvidas quanto ao seu uso em Macau.

triciclo [trisiklo], subst. act.

Pequena carruagem de três rodas, com assento para duas pessoas, impulsionada a pedais, e conduzida por um chinês de condição muito humilde (*china de triciclo* ou *cule de triciclo*) que assim transporta passageiros.

O triciclo, mais vulgarmente designado pela expressão cantonense *sám lôn ch'é* (pop. *sám nâm ch'é*) 'carro de três rodas', foi introduzido em Macau há cerca de 35 anos, vindo a substituir o riquexó que hoje já se vê muito raramente nas ruas da cidade e apenas para transporte de objectos. Curioso que em Hong Kong, cidade altamente moderna, ainda se mantém em uso, principalmente para turistas.

O *triciclo* em Macau está também em vias de desaparecimento, dado que é mais caro do que um táxi, sendo quase só utilizado por turistas como um transporte pitoresco para passeios nas avenidas marginais. V. Fig. 37.

Étimo – Port. *triciclo*.

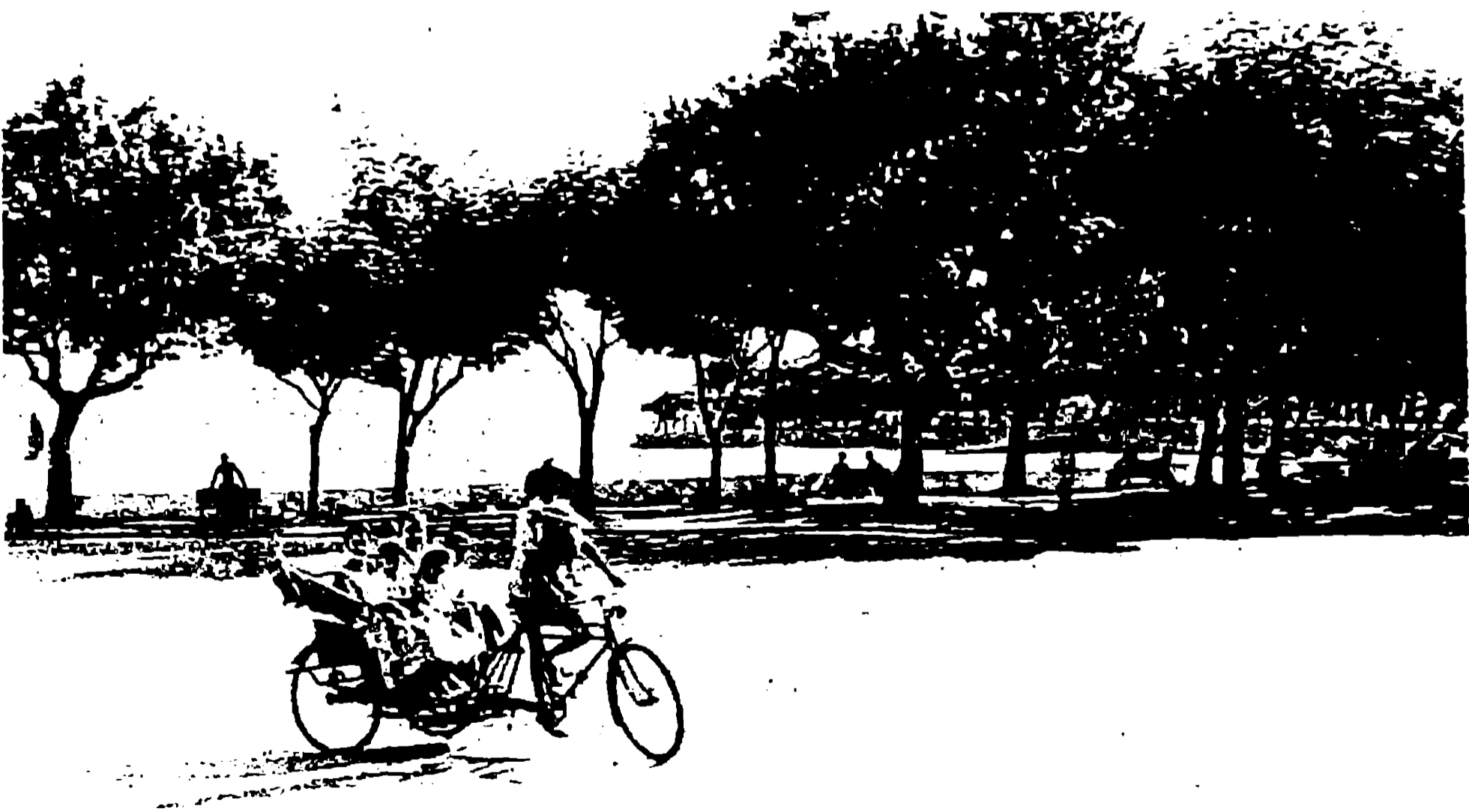


Fig. 37 — Um sossegado passeio de *triciclo* há 30 anos, na Av. da República (cerca de 1955)

* *triol* [triól], subst. ant. e act.

Berlinde; jogo do berlinde (jogo de rapazes). *Brincá triol*, jogar o berlinde.

Étimo – Ingl. *three holes*, os três buracos «originalmente usados para o jogo, que, segundo se crê, foi trazido da Europa para Macau». Cf. A. Amaro, *Jogos, brinquedos...*, p. 164.

O nome do jogo, como de vários outros já estudados, deve ter entrado no mac. ou por via de Hong Kong ou das escolas de língua inglesa de Macau.

ui [úij], interj. usada como adv.; ant. e act.

Muitíssimo, de modo extraordinário: «ele *ui*-di querê su mamá-sógra» (ele gosta imenso de sua sogra) – J. S. Ferreira, *Macau di t. ant.*, p. 61.

Inf. 70 (1985) cita frase muito típica, ouvida na sua infância: «João capaz, António muito capaz, mas José – *ui* de capaz!»

Étimo – Interj. port. *ui!*

* *vafá* – V. *bafá*.

zinguar [zīguá], v. ant.

«Zingar; golpear; desfechar golpe com vara ou rota: «...virá *zinguá* pa acunga cholido: Io bicha?...» – J. S. Ferreira, *Macau sã assi*, pp. 96 e 138. Neste caso, *zinguá* com palavras iradas.

Étimo – Port. *zingar*. Cf. *Dic. Mor.*, s.v.: «remar com *zinga*, manejar a *zinga*». *Id.* s.v. *zinga*: «vara comprida, de que se servem os canoeiros para vencer a força da corrente, quando não basta a acção dos remos. Remo posto como leme na popa da canoa ou jangada...».

O sistema de fazer avançar os barcos ou orientá-los por meio duma vara comprida foi muito vulgar entre os marítimos chineses até há cerca de vinte anos, antes do advento do motor nas lorchas, juncos e mesmo pequenos *tancás*. Daí que 'golpear com vara ou rota' fosse apropriadamente expresso pelo verbo *zingar*, uma vez que deve ter sido aqui bastante usado o termo *zinga*.

A forma *zinguá* terá surgido por contaminação popular de *zinga* + *água*, por ser a *zinga* geralmente usada na água?

ÍNDICE DE VOCÁBULOS

I – PALAVRAS DE ENTRADA NO SUPLEMENTO

- * *abulô*, 7
- abuta*, 7
- ade salgado*, 9
- adufa*, 9
- * *afordar*, 11
- * *agarrada*, 11
- * *aguchão*, 11
- * *aispois*, 12
- ama*, 12
- * *amascar*, 12
- * *amui baleu*, 12
- * *andorinha rô rô*, a. *ró ró*, 13
- árvore de S. José*, 15
- árvore de pagode*, 16
- asinha*, 16
- * *aspóis*, 16
- * *avô-com*, 17
- * *bafá*, 18
- * *balancás*, 19
- * *barbeiro-ansiado*, 19
- * *barco-flor*, 20
- * *bater bacia*, 20
- * *bater saia*, 20
- bobo*, 21
- bocage*, 22
- * *bola maluca*, 22
- * *bola ronda*, 22
- brinco do leão*, 22
- cabaia*, 24
- * *cabelo de bonzo*, 25
- * *caçada*, 25
- * *cachivachi*, 26
- * *cajão*, 26
- canga-pêlo*, 27
- * *cape (aliás lape?)* 27
- carambola*, 28
- cartar*, 28
- * *cartas de pau*, 28
- * *catá-cutí*, 28
- cauri*, 29
- cegonha*, 29
- * *centapis*, 29
- * *chai feng*, 30
- chale*, 31
- chamara*, 31
- chamarra*, 31
- * *champorar*, 32
- chapadeca*, 32
- * *chatom*, 32
- chau-chau*, 33
- * *cherindê*, 33
- * *chipe-chipe*, 33
- * *chiquia*, 33
- * *chocorrir*, 34
- * *chonca*, 34
- * *chonto*, 36
- * *chucho*, 36
- * *chuchumeca*, 36
- * *cifrada*, 36
- criação*, 37
- dachim*, 37
- * *daiom*, 39
- * *dingo-dingo*, 40
- Diosaja*, 40
- divinhar genti*, 41
- dó*, 41
- * *dom-dom*, 41
- * *escarchada*, 42
- * *escarchado*, 42
- * *escarrachada*, 42
- * *estóne*, 42
- fechar ano*, 42
- ferrado*, 42
- * *figo macaco*, 43
- firaco*, 43
- * *gargu*, 43
- * *gossô*, 44
- impachar*, 44
- incacho*, 44
- insaguar*, 45
- * *intacar*, 45
- jambolão*, 45
- * *jogo da mestra*, 45
- * *ladrão-pinto*, 45
- * *lailai-faifai*, 46
- * *lapá*, 46
- maçombrado*, 46
- * *mamún*, 47
- * *margoso-lorcha*, 47
- * *melameco*, 47
- * *melameço*, 47
- * *melmeço*, 47
- * *melmeçó*, 47
- * *melmico*, 47

- * melmissó, 47
- mezinha 48
- mezinha alecrim, 50
- mezinha alo macho, 50
- (mezinha) bergamota, 50
- mezinha cânfora, 50
- mezinha cera, 50
- (mezinha) chá dotô Pite, 50
- (mezinha) chá de hortelão de sopa, 50
- (mezinha) chá de pêlo pé, 51
- (mezinha) chá de peso, 51
- (mezinha) chá patrício, 51
- mezinha (para) dor de dentes, 51
- mezinha (para) estalecido nos dentes, 51
- mezinha faifum ou faifom, 51
- mezinha febre motian, 51
- mezinha fel de cabrito, 52
- mezinha fel de urso, 52
- mezinha flato, 52
- mezinha flor nos olhos, 53
- mezinha flores de cravo amarelo, 53
- mezinha folha dois cores, 53
- (mezinha) fomentação, 53
- mezinha fula papaia, 53
- mezinha fumação de alecrim, 53
- mezinha maquenfum, 54
- mezinha pavio china, 54
- mezinha pedrume, 54
- mezinha (para) rouquidão, 54
- mezinha sabsana, 54
- mezinha sabugo ou sabugueiro, 54
- mezinha savan, 54
- (mezinha) seng kap, 54
- mezinha suador de constipação, 55
- mezinha suador pra frialdade, 55
- mezinha sucri de carambola, 55
- (mezinha) suzo barata, 55
- (mezinha) t'am chū chai, 55
- mezinha (para) torçor de barriga, 56
- mezinha (para) tosse, 56
- mezinha (para) tosse convulsa, 56
- mezinha três pau, 56
- mezinha vinho ladrão, 56
- mofino, 56
- naná, 57
- não tem nada, 57
- ocá, 57
- * óleo de pedra, 57
- * ova, 57
- * paço dente, 58
- pala, 59
- * palancha, 59
- pano elefante, 59
- * pedra tafu, 59
- * pedra taufu, 59
- * peixe pó-pót, 60
- * peixe pót-pót, 60
- * peixe qui-quit, 60
- * peixe quit-quit, 60
- * pepa, 60
- pichote, 61
- * pipis, 61
- * pramicedo, 61
- * puxar corda, 61
- * quelê, 62
- * rabo-barata, 62
- * reportar, 62
- respondência, 62
- * sabsana, 62
- * saco-carvão, 63
- * saia franja, 63
- saraça, 64
- * sarambau, 64
- * sarangom, 64
- * selea, 65
- * sentapis, 65
- * shotiz, 65
- * simpita, 66
- * simpitar, 67
- * siza, 67
- tachim, 37
- * tagalhão, 67
- * talu, 67
- * tamália, 67
- * tampipe, 68
- tancá, 69
- tancareira, 70
- * tapa, 70
- * teladó, 71
- * teli-telóc, 72
- tentar, 72
- tim-tins, 73
- * ti-ta-in, 74
- * tiz, 74
- tope, 74
- * toquinha, 74
- triciclo, 75
- * triol, 76
- ui, 76
- * vafá, 76
- zinguar, 76

1) PALAVRAS CHINESAS

<i>chai feng</i> , 30	<i>pók</i> , 72
<i>chau</i> , 33	<i>p'ók</i> , 72
<i>chói</i> , 30	<i>sám lôn ch'é</i> , 75
<i>fái ch'ôi</i> , 46	<i>seak kou fan</i> , 51, 60
<i>fat chói</i> , 30	<i>seng kap</i> , 54
<i>fá wó</i> , 18	<i>song</i> , 72
<i>hó ká</i> , 57	<i>t'am chū chai</i> , 55
<i>kam ngan fá</i> , 53	<i>tí ta ün</i> , 55
<i>kông</i> , 18	<i>t'iu má tchai</i> , 57
<i>káng (?)</i> , 27	<i>wai fá</i> , 18
<i>ngái ieng tám kai chai</i> , 46	<i>wó fá</i> , 18
<i>pák kwá</i> , 47	<i>yang</i> , 27
<i>pók pók chai</i> , 72	

2) PALAVRAS INDO-PORTUGUESAS E MALAIO-PORTUGUESAS (9)

<i>aspai</i> , pap., 17	<i>dom-dom</i> , pap., 41
<i>caçada</i> , 25	<i>encacho</i> , 44
<i>catcha</i> , 44	<i>patri</i> , pap., 32
<i>carepo</i> , <i>carepa</i> , 11	<i>pipis</i> , 61
<i>camporá</i> , pap., 32	<i>potra</i> , pap., 32
<i>chamorado</i> , pap., 32	<i>sangola</i> , pap., 65
<i>chámara</i> , 31	<i>sapuche</i> , 63
<i>chicorero</i> , pap., 34	<i>serendê</i> , pap., 33
<i>chouri</i> , 31	<i>tapá</i> , pap., 71

3) PALAVRAS MALAIAS

<i>champor</i> , 32	<i>lepat</i> , 46
<i>chongkak</i> , 29, 35	<i>main chongkak</i> , 35
<i>conkkak</i> , 35	<i>papan chongkak</i> , 35
<i>dinding</i> , 40	<i>pasu</i> , 59
<i>entak</i> , 45	<i>pipis</i> , 61
<i>gosok</i> , 44	<i>sépet</i> , 33
<i>kueh lepat</i> , 46	<i>sumpit</i> , 67
<i>lalai</i> , 46	<i>sumpitan</i> , 67
<i>layang layang</i> , 65	<i>tchong-kak</i> , 35
<i>lelayang</i> , 65	<i>tepak</i> , 71

(9) Tal como em *GDM*, p. 316, as palavras do *papiá* de Malaca são assinaladas neste índice com a abreviatura «pap.».

4) PALAVRAS INGLESAS

afford, 11
espy, 17
center-piece, 30
flower-boat, 20
I spy, 17
over, 58
paper, 30, 60

puffer fish, 60
report, 62
scissors, 30, 67
scottish, 66
stone, 30, 42
three holes, 76

5) PALAVRAS DE OUTRAS LÍNGUAS

arroró, uruguaio, 14
aumata, timor. (tétum?), 63
balle ronde, 22
bunga, filip., (10) 69
carap, conc., 11
cachivache, esp., 26
chāmara, sânscri., 31
chauhri, hindust., 31
chauri, conc.-mar., 31
chichimeca, esp.-mex., 36
çonca, timor. (tétum?), 36
dingding, filip., 40
firaco, timor. (tét.?), 43
fugu, jap., 60
kāngu, tam., 27
khêl, conc., 24
kong tcha-ki, cor., 34
jamblā, conc., 45
jambūla, sânscri., 45

mamón, filip., 47
marelle, fr., 71
ngangaan, filip., 69
salambáw, filip., 64
sapassana, timor. (tét.?), 63
sāpūs, conc., 63
sarang-an, indonés., 65
saranggola, filip., 64
sarangun, indonés., 65
schottische, al., 66
tamale, mex., 68
tape, fr., 71
tampipi, filip., 69
tcha-ki, cor., 34
tchanka, cingal., 36
tchokajon, filip., 36
zāmbal, conc., 45
zāmbūl, conc., 45

(10) A designação «tagalo» que usei em *GDM*, p. 320, sob esta mesma rubrica, é agora substituída por «filipino» por me parecer ser esta designação mais correcta, correspondendo, aliás, ao termo *pilipino* usado nas Filipinas para a língua oficial do país.

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES (11)

		Págs.
Fig. 1	— <i>Abulô</i>	7
Figs. 2 e 3	— <i>Abulôs ornamentais</i>	8
Fig. 4	— <i>Ade salgado</i>	9
Figs. 5 e 6	— <i>Adufas</i>	10
Fig. 7	— Rede de abater (<i>aguchão</i>)	11
Fig. 8	— <i>Amui baleu</i>	12
Fig. 9	— Rostozinho pintado de <i>amui baleu</i>	13
Figs. 10 e 11	— <i>Árvores de S. José</i>	15
Fig. 12	— <i>Árvore de pagode</i>	16
Fig. 13	— <i>Brinco do Leão</i>	23
Fig. 14	— <i>Cabaia branca</i>	24
Fig. 15	— <i>Cabaia comprida</i>	25
Fig. 16	— <i>Cabelo de bonzo</i>	26
Fig. 17	— Leque de <i>cajão</i>	26
Fig. 18	— <i>Cape</i> (aliás <i>lape</i> ?)	27
Fig. 19	— <i>Carambola cortada</i>	28
Fig. 20	— Um velho pátio de Macau (<i>chale</i>)	31
Fig. 21	— <i>Chatom</i>	32
Fig. 22	— Tabuleiro de <i>chonca</i>	35
Fig. 23 e 24	— <i>Dachim</i> ou <i>tachim</i>	37, 38
Fig. 25	— <i>Daiom</i>	39
Fig. 26	— Mexando <i>aluar</i> com <i>daiom</i>	40
Fig. 27	— Mulheres de <i>dó</i>	41
Fig. 28	— <i>Gargu</i>	43
Figs. 29 e 30	— <i>Paço-dente</i>	58
Fig. 31	— Mulher do séc. XVIII com <i>saraça</i>	64
Fig. 32	— <i>Tampipe</i>	68
Fig. 33	— <i>Tancareiras e tancá</i>	69
Fig. 34	— <i>Tancareirinha</i>	70
Figs. 35 e 36	— Numa rua dos <i>tim-tins</i>	73
Fig. 37	— <i>Triciclo</i>	75

(11) As fotografias sem indicação de proveniência são da A. ou de seu marido José Marcos Batalha. Sem indicação de data, são fotografias recentes.

BIBLIOGRAFIA (12)

- AMARO, Ana Maria — *Jogos, brinquedos e outras diversões populares de Macau*. Macau, Imprensa Nacional, 1972.
- *Um jogo africano de Macau*. In *Revista da Universidade Nova de Lisboa*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas — n.º 1. Lisboa, 1980.
- *Três jogos populares de Macau — Chonca, talu, bafá*. Ed. do Instituto Cultural de Macau. Macau, 1984.
- *O brinco do leão*. Ed. da Direcção dos Serviços de Turismo. Macau, 1984.
- BRUNO, Emílio de San — *O caso da rua do Volong*. Lisboa, 1928.
- COELHO, Adolfo — *Dicionário-Manual etimológico da língua portuguesa*. Lisboa, s.d.
- DALGADO, Sebastião Rodolfo — *Dialecto indo-português de Ceilão*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1900.
- *Dialecto indo-português de Goa*. In *Revista Lusitana*, vol. VI. Lisboa, 1900-1901, pp. 63-84.
- *Dialecto indo-português do Norte*. Separ. da *Rev. Lusitana*, vol. IX, fasc.º 1 e 2. Lisboa, 1906.
- *Dialecto indo-português de Negapatão*. In *Rev. Lusitana*, vol. XX. Lisboa, 1917, pp. 40-53.
- *Glossário luso-asiático*. Coimbra, 1919.
- *Berço duma cantiga em indo-português*. In *Rev. Lusitana*, vol. XXII, n.º 1 a 4. Lisboa, 1919, pp. 108-114.
- Dicionário geral luso-brasileiro da língua portuguesa*. Editorial Enciclopédia, Lda. Lisboa/Rio de Janeiro, s.d.
- DIAS, Padre Filinto Cristo — *Vocábulos portugueses de origem concani*. Separ. do *Boletim do Instituto Menezes Bragança*, n.º 112. Bastorá, Goa, 1976.
- Dicionário chinês-português*. Ed. do Governo da Província. Macau, 1962.
- Dicionário português-chinês*. Ed. do Governo da Província. Macau, 1970.
- Enciclopédia Universal Ilustrada Europeo-Americana*. Ed. Espasa-Calpe, vol. XVII.
- FERREIRA, José dos Santos — *Cabo'tamém sám genti — Opereta em dois actos*. Récita de Carnaval promovida pela Direcção do Clube de Macau. Macau, 1 de Março de 1960.

(12) Seguiu-se nos títulos o sistema ortográfico usado em *GDM* (o da *Revista Portuguesa de Filologia*). A grafia dos títulos antigos foi actualizada.

- *Macau sã assi*. Macau, 1967.
- *Qui-nova Chencho — Dialecto macaense*. Macau, 1973.
- e outros — *Nhum Vêlo*. Revista cômica apresentada pelo Clube de Macau. Macau, 10, 11 e 12 de Abril de 1977.
- *Papiá cristám di Macau — Dialecto macaense*. Macau, 1978.
- *Mensage pa Sium General José Manuel Nobre di Carvalho co su siára Dóna Julieta Nobre di Carvalho*. Macau, 19 di Maio di 1980. (Composição policopiada).
- *Camões grândi na naçám*. Ed. da Fundação Á-Má-Kok. Macau, 1982.
- *Poéma di Macau (Poesia e prosa) — Dialecto macaense*. Ed. do Leal Senado de Macau em comemoração do 4.º aniversário da sua fundação. Macau, 1983.
- *Macau di tempo antigo (Poesia e prosa) — Dialecto macaense*. Macau, 1985.

FIGUEIREDO, Cândido de — *Dicionário da língua portuguesa*, 16.ª ed. Livraria Bertrand. Lisboa, 1939–1981.

FONTINHA, Rodrigo — *Novo dicionário etimológico da língua portuguesa*. Revisto pelo Dr. Joaquim Ferreira. Editorial Domingos Ferreira. Porto, s.d.

GIP (Francisco João da Costa) — *Jacob e Dulce — Cenas da vida indiana*, 3.ª ed. Editora Arcádia Oriente e Ocidente de Goa. Pangim, Goa, 1974.

GOMES, Luís Gonzaga — *Ou-Mun Kei-Lèok (Monografia de Macau)*. Macau, 1950. Trad. do *Ao-Men Chi-Lueh ou Ou-Mun Kei-Lèok* de Yin Kuang Jen (Ian Kuong Iâm) e Chang Iu Ling (Tcheong Ü Lâm). 1751?

— *Festividades chinesas*. Colecção “Notícias de Macau”, VIII. Macau, 1953.

GOMES, Maria Margarida — *A cozinha macaense*. Ed. da Direcção dos Serviços de Turismo. Macau, 1984.

GARCIAS, José António Ismael — *Dialecto indo-português. Na véspera de S. João Baptista*. In *Oriente Português*, ano 15, n.º 5 e 6. Nova Goa, 1918, pp. 139–145.

KADIR, M. A. (editor) — *Kamus Maktab — Bahasa Malaysia Inggeris/Bahasa Malaysia*. Kuala Lumpur, 1974. (Dicionário escolar — de «college» — malaio-inglês-malaio).

KNOWLTON, Edgar C. J.º — *A etimologia de duas palavras portuguesas exóticas, «Ganga» e «Pongé»*. In *Boletim do Instituto Luís de Camões*, vol. II, 1. Macau, 1967, pp. 105–107.

KROLL, Heinz — *Graciete Nogueira Batalha: «Glossário do dialecto macaense. Notas linguísticas, etnográficas e folclóricas»*. (...) In

Archiv — Studium der neueren Sprachen und Literaturen — 216.
Band 131. Jahrgang 1. Halbjahresband 1979. Braunschweig,
[Alemanha].

LOPES, A. Vicente — *Receitas da cozinha macaense*. Macau, 1977.

LAW, Joan & WARD, Barbara E. — *Chinese Festivals in Hong Kong*.

A «South China Morning Post» publication. Hong Kong, 1982.

Macau de ontem/Yesterday Macau. Ed. do Museu Luís de Camões.
Macau, 1978.

MACHADO, José Pedro — *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 3.^a ed. Lisboa, 1977.

MORAIS E SILVA, António de — *Grande dicionário da língua portuguesa*, 10.^a ed. Lisboa, 1949–1959.

NASCENTES, Antenor — *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1967.

Renascimento (Revista). Macau, 1943–1945.

SAGALONGOS, Felicidad T.E. — *Diksiyunaryong Ingles-Pilipino/ /Pilipino-Ingles*. Published by National Book Store, Inc. Manila, 1968.

SILVA, Carlos Humberto da — *Alguns aspectos antropológicos das influências portuguesa e chinesa em Macau*. Palestra proferida no encerramento da Semana do Ultramar. Macau, 1958 (Texto policopiado).

Ta-Ssy-Yang-Kuo, vols. I–IV. Lisboa, 1889–1904.

VIANA, A. R. Gonçalves — *Apostilas aos dicionários portugueses*. Lisboa, 1906.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de — *Elucidário das palavras, termos e frases que antigamente em Portugal se usaram, etc.*, 2.^a ed. Lisboa, 1865.

WILKINSON, H. J. — *An abridged Malay-English Dictionary (Romanised)*. Revised and enlarged by A. E. Cope and Mohd. Ali Bin Mohamed. London/New York, 1961.

ÍNDICE GERAL

	Págs.
Prefácio.....	3-4
Alguns esclarecimentos prévios	5-6
<i>SUPLEMENTO AO GLOSSÁRIO DO DIALECTO MACAENSE..</i>	7-76
Índice de vocábulos (13).....	77-80
Palavras de entrada do <i>SUPLEMENTO</i>	77-78
Palavras citadas: 1) palavras chinesas; 2) palavras indo-portuguesas e malaio-portuguesas; 3) palavras malaias; 4) palavras inglesas; 5) palavras de outras línguas	79-80
Índice das ilustrações.....	81
Bibliografia	82-84

(13) Dado o reduzido número de vocábulos tratados neste *Suplemento*, não se julgou necessário um índice de assuntos.